

Valter Turini
Pelo Espírito
Monsenhor Eusébio Sintra

O Mosteiro de São Jerônimo

Romance mediúnico



CASA EDITORA
O CLARIM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O Mosteiro de São Jerônimo

Valter Turini

Pelo espírito Monsenhor Eusébio Sintra

O Mosteiro de São Jerônimo é extraordinário romance de época a desenrolar-se na decadente sociedade portuguesa do final do século XVIII, e em cujas páginas, o insigne Monsenhor Eusébio Sintra, Espírito, relata, séria e objetivamente, o pungente drama de Anjinho, típico malandro do grande porto de Lisboa que, vítima de cruel vingança de inimigo do seu pai, fora raptado, ainda bebê, e deitado na roda dos enjeitados do convento das freiras carmelitas e, mais tarde, lançado à própria sorte, criou-se pelas ruas, a desconhecer, completamente, a sua origem nobre.

Valter Turini

Monsenhor Eusébio Sintra brinda-nos com mais um excelente romance de época: "O Mosteiro de São Jerônimo". Trata-se de trama envolvente, em que Manuel Antônio Ramalho e Alcântara, o Barão da Reboleira, tem o seu filho mais novo - um bebê de apenas poucos meses - covardemente raptado por seu vizinho de quinta, o Marquês das Alfarrobeiras que, a vingá-la pela derrota que sofrera num litígio de terras contra o pai da criança, e que, depois de furtar o recém-nascido, lança-o, traiçoeiramente, à roda dos enjeitados do convento das freiras carmelitas. A partir desse ato ignóbil, surge, de um lado, o terrível drama a envolver o desespero da família a lançar-se à sistemática e incansável procura pela criança raptada e, do outro lado, o real destino dado ao bebê roubado que, adotado por uma serva do convento, cria-o em lugar pobre e afastado, dificultando, assim, a consumação dessa busca.

Nestas páginas, além do conflito envolvendo o rapto do bebê, e das terríveis consequências daí advindas, encontrar-se-ão, ainda, o agir sub-reptício das sombras -espíritos vingadores a engendrarem

contumaz processo de obsessão - e uma série de aparições e de diálogos com espíritos, a provarem que Espiritualidade sempre nos influenciou muito além do que podemos supor!...

O processo psicográfico desta obra, como o das demais já editadas sob a responsabilidade do insigne Espírito Monsenhor Eusébio Sintra e do Professor Valter Turini, dá-se pela "transmentação" (segundo nomenclatura de Edgard Armond, in "Mediunidade", Aliança, 29a ed., 1994. p. 87), processo através do qual o espírito comunicante projeta o texto na mente do médium que o recebe e - neste caso - escreve-o diretamente no computador.

O Mosteiro de São Jerônimo

Valter Turini

Pelo espírito Monsenhor Eusébio Sintra

1ª edição Romance
Mediúnico

Índice

Palavras do Autor Espiritual

- Capítulo 1 - Anjinho
- Capítulo 2 - Uma família fidalga
- Capítulo 3 - A Marquesinha das Alfarrobeiras
- Capítulo 4 - Estranha aparição

- Capítulo 5 - Uma estada em Lisboa
- Capítulo 6 - Inusitado encontro
- Capítulo 7 - Novos rumos
- Capítulo 8 - Tramas e vinganças
- Capítulo 9 - Reencontro de corações
- Capítulo 10 - Dramático reencontro
- Capítulo 11 - Desencontros
- Capítulo 12 - Nova Vida
- Capítulo 13 - O reencontro
- Capítulo 14 - Tramas e traições
- Capítulo 15 - Volta às origens
- Capítulo 16 - Um baile
- Capítulo 17 - Ainda o baile
- Capítulo 18 - Maquinações e vinganças
- Capítulo 19 - Ódios e desavenças
- Capítulo 20 - Tormentos da obsessão
- Capítulo 21 - Traição
- Capítulo 22 - No cárcere
- Capítulo 23 - A luta pela liberdade
- Capítulo 24 - Na antecâmara da morte
- Capítulo 25 - Diante da rainha
- Capítulo 26 - Executa-se um condenado
- Capítulo 27 - Revisitando o antigo lar
- Capítulo 28 - O despertar no além
- Capítulo 29 - Nas malhas da obsessão
- Capítulo 30 - A vingança⁴²⁶

Epílogo

Palavras do Autor Espiritual

No derradeiro quartel do século XVIII, com o advento da Revolução Francesa - conjunto de acontecimentos, cujo ápice deu-se a 14 de julho de 1789, com a tomada da Bastilha pelos revoltosos -, (a Bastilha era uma fortaleza medieval, transformada em abjeta prisão e símbolo da opressão e do despotismo da monarquia francesa), o mundo ocidental começava a ganhar novas configurações políticas e sociais, pois os poderes constituídos até então, embasados, principalmente, no conceito da origem divina do poder absoluto dos reis, pela primeira vez, em toda a História, principiavam a bambejar as pernas, e um coro de estupefação generalizada ouviu-se das bocas coroadas de todo o mundo, quando os reis franceses, Luís XVI e Maria Antonieta, sucumbiram guilhotinados, em praça pública, pela sanha enfurecida da plebe revoltada e já largamente cansada da soberba e dos desmandos de uma aristocracia cínica e perdulária. "S'ils n'ont pas du pain, pourquoi ne mangeant pas de la brioche?...", respondera a rainha Marie-Antoinette ao ministro das finanças de seu país, quando este, dizendo-lhe que o povo não tinha pão, admoestara-a, severamente, acerca da exorbitância dos gastos do palácio de Versalhes que, literalmente, despejava aos esgotos verdadeiras fortunas em luxo e em desmedidas veleidades (uma interminável sucessão de custosíssimas festas, nababescos banquetes para milhares de convivas e luxuosíssimos bailes temáticos) cuja única finalidade era atender aos desejos e aos caprichos dela, a soberana, juntamente com a sua numerosa corte de parasitas desocupados. "Se o povo não tem pão, por que não come bolo?..." fora a cínica resposta da rainha ao estupefato ministro que demonstrava séria preocupação com os sinistros rumos que os destinos da França tomavam. Entretanto, faziam-se necessárias mudanças profundas; urgia que a Lei de

O Mosteiro de São Jerônimo

Progresso, constante e inexorável, prosseguisse sua marcha, apesar de a ignorância dos homens tentar, a todo custo, impedir-lhe o inabalável avanço, cujo único e real intuito é proporcionar mais e mais liberdade às

consciências humanas que, desde imemoráveis eras, acham-se aprisionadas aos grilhões gerados pelas mentalidades mais ladinas que, em todas as épocas, encontraram maneiras engenhosas de enganar os simples e incautos e falsear a verdade, com o precípua e desprezível propósito de se locupletar à custa do sangue e do suor alheios!... Entretanto, nenhuma força humana será capaz de deter o progresso por muito tempo!... Ele, fatalmente, virá, mesmo à revelia dos que se arvoram de "guias da humanidade", como se, a dirigir os destinos do homem, não houvesse Incomensurável Força Oculta e que, soberanamente Sábia, Justa e Bondosa, não soubesse, acaso, qual seria o melhor caminho para a ascensão espiritual de todos os seres da criação!... Pobres desses que se auto constituem de os condutores da humanidade!... Na realidade, não passam de pífios instrumentos da Vontade Maior — reles títeres a executarem involuntária dança que, no mais das vezes, nada mais servem que aos propósitos e interesses dos Grandes Planos propostos para a humanidade, não passando, assim, de simples executores da suprema Lei de Causa e Efeito!...

A França deu o exemplo ao mundo, desalojando os reis de sua pretensa origem divina!... E a prepararem o caminho para o corolário da emancipação do espírito de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, houve a necessidade de homens-gigantes a desafiarem os pretensos donos do mundo; foi preciso que grandes filósofos se reencarnassem antes, verdadeiros batedores a semear o desejo de liberdade, havia tempos incontido no âmago dos corações de todos os homens!... Ressaltem-se os ideais de grandes pensadores, como Bento de Espinoza, François-Marie Arouet (Voltaire), Denis Diderot, Jean Le Rond d'Alambert..., homens que ousaram contestar os "senhores da verdade" de então e semearam a dúvida; a dúvida conduz à reflexão e a reflexão, à cogitação. Daí para a ação que, de fato, aconteceu, na gigantesca e irreprimível explosão das emoções e das paixões, a muito custo sofreadas no peito dos oprimidos, foi apenas um passo!... O mundo ouviu, então, pela primeira vez, em toda a História da Humanidade, o grito rouco, antes abafado nas gargantas, havia milênios: Liberdade!... Já amadurecido, era chegado o tempo de o homem decidir o seu próprio destino, de autogovernar-se; era a vez da **res-publica!**... E certo

que, para que isso efetivamente acontecesse, muito sangue foi derramado; muitos excessos foram cometidos; o homem embriagava-se de liberdade e, bêbado de tanta felicidade, não soube, a princípio, o que fazer: cometeu, sem dúvida alguma, barbáries infinitamente muito mais expressivas das que cometeram os déspotas aristocratas!... Os horrores desencadeados pela fúria dos revoltosos a ninguém poupavam: primeiro, a odienta aristocracia pagou caro pelos desmandos, pela prepotência e pelo desmedido orgulho, pejado de infames preconceitos; depois, o clero abusado e hipócrita foi desalojado de sua beatífica impostura e vilmente arrastado, humilhado e ultrajado pelas ruas e, por fim, nem mesmo os iguais escaparam à sanha enlouquecida!... Os próprios chefes revolucionários pereceram, vítimas do enfurecido e incontrolável monstro que houveram conjurado!... Mas, o povo precisava aprender a usar a liberdade que ganhava e, mesmo hoje, ainda vai aprendendo, paulatinamente, a usá-la!... Presentemente, encontra-se um tantinho mais humanizado do que foi outrora e, assim, aos poucos, mediante a aplicação da Lei de Progresso, vai permitindo desabrochar em si a Lei de Amor e se cristianiza; deixa o mundo dos instintos e das sensações e passa ao exercício mais efetivo da razão; desabrolha sentimentos fraternos e, assim, cresce, pois só existe uma única fatalidade em toda a existência humana: emancipar-se, através da prática do amor incondicional e da razão, e chegar, por fim, a juntar a sua existência plenamente purificada ao amor e à sabedoria da Divina Luz que o criou!...

O presente romance arma-se a meio das grandes tribulações que sacudiram a sociedade européia do final do século XVIII. O homem via-se espremido entre duas eras; principiava a deixar a condição de "pobrezinho incapaz" - que, em tal condição, deveria ser tutelado pelos poderosos do mundo e pelos sagazes príncipes da Igreja - e passava a gerir seu próprio destino; libertava-se dos grilhões dos desmandos e dos privilégios de alguns poucos e se armava de força para construir uma nova ordem. Primeiro, foi preciso libertar as consciências do jugo papal, e os reformadores já haviam feito a sua parte; agora, era preciso alforriar-se politicamente, realizar-se integralmente; matar, de uma vez por todas, o homem medieval que ainda teimava em existir e fazer nascer o homem moderno, partidário

incondicional do saber, da ciência e da tecnologia!... A humanidade preparava-se para o advento das máquinas, a facilitarem-lhe a tão penosa existência, neste inexpressivo orbe de expiação e de provas, e velhas tradições e conceitos caducos precisavam ser esboroados e, para que isso, efetivamente, acontecesse, fazia-se necessário que antigos vícios sociais fossem banidos para sempre!... Não mais a divisão absurda das criaturas em apenas duas castas: a dos opressores e a dos oprimidos!...

Os fatos aqui narrados ocorrem em Lisboa, a capital do Império Português que, então, era um dos maiores centros comerciais do mundo. A ocupar o lugar mais privilegiado de toda a Europa para exercer tal mister, posto que se debruça a contemplar, plácidamente, toda a imensidão do Atlântico, Portugal lançara-se, a partir do final do século XV, à conquista dos mares e o fez com maestria incomum!... Amealhou riqueza ímpar, mas pouco soube dela usufruir!... Os portugueses não entenderam que o ouro, a prata e as preciosidades todas não brotam do chão, à semelhança das águas, e, mesmo já no final do século XVIII, tais riquezas principiavam a minguar, vertiginosamente, em suas exauridas colônias de além-mar!... A degradação, aliada aos ventos das novas mudanças que se anunciavam no horizonte, desestabilizavam a sociedade portuguesa dessa época, já tão acostumada aos desperdícios e às facilidades geradas pela desmedida exploração das fabulosas riquezas descobertas alhures... O ouro escasseava, as coisas tornavam-se mais e mais difíceis... A miséria voltava a grassar pelas ruas da grande cidade, e o vício e as degradações morais que, invariavelmente, acompanham os desvalidos do mundo, eram lugar-comum entre as gentes que viviam pelos misérrimos arrabaldes e pelas imediações do grande porto de Lisboa...

Observa-se, nessas linhas, o desfilar de terríveis dramas, gerados pela paixão desenfreada, pela cupidez, pela incúria e pela insensatez humanas!... Entretanto, restam-nos as imarcescíveis lições que a vida sempre nos dá, em todos os tempos, e convém não esmorecer nunca, pois o homem ainda se acha em construção!... Sua marcha, rumo ao infinito, apenas se inicia; costuma, invariavelmente, encontrar o caminho certo, através dos erros, pois as verdades acerca de sua real natureza ainda lhe são desconhecidas

quase que na íntegra; porém, apesar das dores infinitas, geradas pela ignorância, pela incompreensão e pelos desencantos com que se tem deparado, até então, não são e nem devem ser motivos ou embargos à sua ascensão espiritual. E preciso orar, esclarecer-se e trabalhar sempre!... "E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também",¹ disse Jesus. Aí está a sublime promessa que o insigne Mestre Nazareno fez-nos alhures; confiemos nela, pois.

Tupi Paulista, inverno de 2007.

Eusébio Sintra

1. Evangelho de João, 14.3

Capítulo 1

Anjinho...

O burburinho da rua concentra-se, temporariamente, num grande círculo, ao centro do qual, dois jovens socavam-se até a exaustão.

- Mata-o, *Frederico!*...

- Dá-lhe, *Anjinhol!*... - grita, eufórico, um velho pescador. E prossegue, arreganhando uma boca desdentada: - Arranca-lhe as tripas com os dentes!...

A balbúrdia e os apupos do populacho, a divertir-se, enormemente, com o espetáculo, chamam a atenção dos moradores das casas assobradadas que se erguiam rente à via que margeava o cais do porto.

- Que gritaria será essa no meio da rua, assim tão cedo?... - pergunta-se *Gerusa*, aproximando-se da janela e, afastando a cortininha de rendas brancas meio encardidas pelo tempo, espicha o pescoço e, curiosa, espiona lá embaixo. - Vê só!... - observa a mocinha para a companheira de quarto. - Dois marmanjos socam-se, em plena rua, debaixo da garoa, a rolares pelo chão como porcos no chiqueiro!

- Dizes que brigam lá fora, logo de manhãzinha? - pergunta a outra, aproximando-se, afoitamente, da amiga e também espichando o pescoço para melhor observar a rua lá embaixo.

- Sim - exclama a moça -, dois gajos estão a socar-se em plena rua!...

- Mas, espera aí!... - observa a outra. - Não é *João Manuel* a brigar lá embaixo?

- Sim, *Madalena*, pois e é!... - exclama *Gerusa* para a companheira, após estudar, meticulosamente, um dos rapazes que se encontrava totalmente encharcado pelo lamaçal que a insistente garoa formara sobre o precário pavimento da rua. - Não é que o doidivanas mete-se em encrencas de novo?... - e, alteando a voz a plenos pulmões, grita para baixo, pondo as mãos em concha sobre a boca: - Ei,

Anjinho, dá-lhe sem dó!... Arranca-lhe as orelhas com os dentes!... Vamos!...

- Mata-o, *Anjinho!*... - grita *Madalena*, juntando sua voz à da companheira.

Alheios ao vozerio que os rodeava, os rapazes engolfavam-se em luta feroz. Rolavam na lama da rua e trocavam violentíssimos golpes, posto que se tratavam de dois rapagões fortes e bastante musculosos. Súbito, um grito destaca-se do meio da buliçosa assistência:

- A milícia!... A milícia!...

De fato, de uma esquina, repentinamente, pequeno pelotão de milicianos armados de longos porretes marchava em direção da balbúrdia que principiava a instalar-se na rua do cais do porto.

- Fugamos!... Depressa!... - gritavam, afoitos, e a se dispersarem como doidos, os do magote que, até então, divertiam-se, enormemente, com o espetáculo que apresentavam os dois brigões. E, num piscar de olhos, a rua esvaziou-se, restando apenas os dois contendores a rolarem na lama, alheios ao que se passava em derredor.

- Foge, *João Manuel!* - gritam em coro *Gerusa* e *Madalena*, do alto da janela. - A milícia!... Foge, depressa, *João Manueli!*...

O rapaz, então, reconhece a voz das mulheres e, escutando a advertência que elas lhe faziam, desvia-se, ligeiro, dos golpes que o outro tentava aplicar-lhe e, confirmando, com rápido olhar, a chegada dos policiais, levanta-se apressado e, correndo em velocidade espetacular, alcança a pequena amurada de pedras do cais e, alçando salto formidável, arroja-se às águas geladas que bramiam furiosas, batendo nas rochas da fundação do porto e explodindo em gigantescos borrifos de espuma branca que se elevavam bem alto, como se fossem fugazes lençóis alvinitentes a farfalharem ao vento, presos a imensos varais. E, num átimo, *João Manuel* mergulha nas águas escuras e profundas do porto, desaparecendo, em seguida, no meio dos terríveis redemoinhos do imenso caudal encapelado.

O comandante da pequena guarnição, após os soldados haverem rapidamente subjugado o outro rapaz e o manterem fortemente manietado, ordena que alguns de seus homens vasculhassem o destino do outro que escapulira, saltando, ousadamente, para as águas revoltas. Os soldados, então, apesar de se encharcarem com a água que fustigava, violentamente, a amurada do cais, nada puderam ver, pois o estuário do Tejo, naquela manhã, não se achava para brincadeiras, tamanha era a violência da arrebentação que impedia qualquer exame mais minucioso da orla do porto.

- Matou-se o infeliz! - brada o comandante, ao notar que os soldados nada avistavam no rio. E, dando por encerradas as buscas ao fujão, prossegue: - Ninguém, em sã consciência, arrojar-se-ia às águas, em tais condições!

Entretanto, escondido e se agarrando, firmemente, ao imenso cadaste de um bergantim, fundeado a algumas braças de onde saltara às águas, *João Manuel*, pondo apenas o nariz e os olhos acima da linha d'água, observava, entre atento e divertido, o apuro dos soldados a procurarem-no, enquanto se encharcavam da água gelada. Passado o perigo, o rapaz, com impetuosas braçadas, vence a nado a pouca distância que o separava do cais e, escalando, com relativa destreza, as pedras limosas da fundação do porto, salta para a amurada do cais e, atravessando ligeiro a rua, desaparece pela porta lateral que dava para um dos sobrados fronteiriços.

- *Anjinho!*... - exclama *Gerusa*, ao abrir uma fresta da porta em que alguém batera insistentemente. - Estás todo lanhado e sujo de lama!... Vem, entra, seu doudo!... Queres morrer congelado, é?...

O rapaz entra e, sem demonstrar um mínimo de bambeza ou de preocupação pelo lastimável estado em que se achava, impetuosamente, agarra a moça e a beija, arrebatadamente, aos lábios.

- Oh, és um verdadeiro furacão, *Anjinho!*... - exclama *Gerusa*, emitindo fundo suspiro de gozo e de satisfação pelo eloqüente arroubo de paixão tresloucada que lhe proporcionara o rapaz.

- Por favor, *Gerusa*, deixa que me esconda aqui, contigo!... - diz *João Manuel*, com os olhos súplices. - A milícia persegue-me e, se me deitam as mãos, desta vez, apodreço nas enxovias!... Sabes o quanto desejam prender-me!...

- Se sei!... - exclama a moça, tomando-o pela mão e o fazendo adentrar o pequeno quarto onde residia com a companheira. - E, se te pilham aqui, levam-me junto contigo!... Sabes muito bem o que acontece a quem dá guarida a perseguidos!... - diz ela, olhando-o, fundo, nos olhos.

- Não me acharão em teu reduto!... - diz o rapaz, tomando-a nos braços e lhe afagando, ternamente, os cabelos negros e ondulados. - Prometo-te que, por um bom tempo - e até que se esqueçam de mim! -, não meterei as fuças para fora daqui!...

- Tu?!... - exclama ela, com um riso de deboche nos lábios. - Que será das prostitutas do cais do porto sem ti?... Como se arranjarão, sem que as visites, assiduamente, como fazes, já, mesmo quando ainda eras um frangote de doze ou treze anos?

- Oh, exageras, minha doce *Gerusa*!... - diz ele, enlaçando-a nos braços fortes. - Sabes muito bem que tenho os olhos voltados somente para ti!...

- Neste exato momento, sim!... - diz ela, brincalhona. - Porque *Madalena* saiu para comprar pão!... — Depois prossegue, em tom jocoso: - E, também, porque tens metade de toda a milícia de Lisboa em teu encaço!...

- Oh, como me rebaixas o conceito!... - diz ele, beliscando-lhe, ousadamente, as ancas avantajadas. - Olha que me ofendo e não mais aqui virei a visitar-te!...

- Se me fizeres tal desfeita, mato-te a punhaladas!... - exclama a jovem, enlaçando-lhe o pescoço com ambas as mãos. E, após trocarem longo e voluptuoso beijo, ela prossegue: - Agora vem, que encho a banheira para que te laves!... Estás sujo de lama até a alma e fedes qual um porco!

Em pouco, *João Manuel* encontrava-se sentado na banheira, e *Gerusa* esfregava-lhe as costas com uma esponja.

- Estás todo lanhado, *Anjinho!*... - exclama ela, observando-lhe a enormidade de escoriações e arranhões que ele exibia por todo o corpo, à proporção que a sujidade aderida à pele ia sendo lavada pela água. - Afinal, com quem estavas a brigar e por que brigáveis?

- Acertava velhas contas com *Frederico Melgaço*, o filho do carneiro - responde ele, sem abrir os olhos, os quais ele mantinha semicerrados pelo peso da modorra que, atrevida, tentava dominá-lo, embalada pela tepidez e pela gostosura da água morna do banho que lhe fora relaxando, aos poucos, toda a musculatura do corpo.

- Tais velhas contas, na verdade, são mulheres, não é? - pergunta ela, com um risinho de desdém.

- Que te importa se são mulheres ou não? - diz ele, rindo-se e, levantando-se, abruptamente, da banheira, exhibe-lhe a plena nudez do corpo forte e amorenado.

Gerusa percorre-lhe, demoradamente, todo o corpo, com os olhos.

- Nada me tira da cabeça, *João Manuel*, que vens da nobreza!... - diz ela, olhando-o nos olhos. - Tens um corpo perfeito!... Não é à toa que te apelidaram de *Anjinho!*...

O rapaz devolve-lhe o olhar, cheio de orgulho. Tinha consciência da beleza de que era possuidor. Todas as mulheres da cidade não viviam correndo atrás dele?... Entretanto, se vinha da nobreza ou não, como poderia saber?... Nada conhecia de sua origem, além do que lhe contara a velha *Ofélia*, sua mãe de criação. Pouca coisa, por sinal, pois nem mesmo *Ofélia* tivera conhecimento sobre os pais dele. Sabia que fora recolhido na roda dos enjeitados, no convento das freiras carmelitas, e que sua mãe adotiva, na época, trabalhava como criada das monjas, auxiliando-as a criarem os órfãos. E que *Ofélia*, encantada com a beleza e a graça do bebê que haviam rejeitado, suplicara às freiras que lho dessem a ela, para criar, posto que era sozinha e solteira. *Ofélia* tomara-se de amor pelo bebê, mal lhe deitara os olhos, e tanto suplicara às freiras que lho dessem, que

as irmãs se viram obrigadas a doar *João Manuel* à insistente criada que, uma vez de posse da criança, sumiu do convento para sempre e foi tratar de criá-lo às suas expensas. Entretanto, a mãe de criação não viveu muito e, quando *João Manuel* contava cinco anos de idade, viu-se órfão pela segunda vez e foi recolhido ao orfanato, mantido pela cúria, e onde cresceu à míngua de tudo - de comida, de roupas, de carinhos, de educação... - e, posteriormente, fora lançado à rua, depois que completara doze anos, e tendo, a partir daí, de viver às próprias expensas, no meio dos mendigos e das prostitutas do cais do porto.

- Além do mais - prossegue *Gerusa* -, tens um brasão tatuado à espádua direita!... Acaso sabes o que é?...

- Não faço a mínima idéia do que seja isso aí! - responde o rapaz, contorcendo o dorso e tentando enxergar o desenho que trazia às costas, acima, na espalda direita. - Já me disseram, possivelmente, ser o brasão de alguma família de fidalgos!...

- Não seria uma pista de quem seriam teus pais verdadeiros? - observa a moça, tomada de intensa curiosidade. - E, se realmente forem fidalgos cheios da grana os teus parentes?... Acho que estás a perder tempo!... Por que não te metes a investigar isso?

- Sabes o que penso acerca de tal coisa? - observa o rapaz, olhando-a, sério, nos olhos. - Meus pais poderão, de fato, ser nobres, mas me lançaram na roda dos enjeitados do convento das carmelitas. E, se fizeram isso, é porque não me queriam, não concordas?...

- Entretanto, não sentes nenhuma vontade de conhecê-los, embora sabendo que não te desejavam? - insiste a moça. - Nem mesmo curiosidade tens acerca deles?

- Sabes o que sinto sobre meus pais, *Gerusa*¹.... Nada sinto!... Não convivi com eles, não lhes posso sequer adivinhar as fisionomias, as vozes, o porte; não sei se são altos ou baixos; ainda, se são gordos ou magros, se têm pêlos nos braços e nas narinas ou se são louros ou morenos!... - diz ele, agora, com uma ponta de amargura à voz. - Simplesmente, deitaram-me fora; desprezaram-me, minha cara!...

Que desejas que eu sinta por eles?... Nada!... Para mim, não passam de estranhos!... Amor e carinho senti e ainda sinto por *Ofélia!*... Ela, sim, deu-me amor e cuidou de mim, dentro de sua simplicidade e de sua pobreza!... Mas, sempre foi digna!... Esfalfou-se a limpar o chão das casas fidalgas para prover-nos de pão o singelo lar!... Se há alguém, neste mundo, a quem devo algo, é a ela, *Gerusa*, minha mãe de criação!...

- Não achas que estás a condenar teus pais verdadeiros, sem conheceres a real causa de teu abandono?... - observa *Gerusa*, enquanto o rapaz enxugava-se com uma toalha. - Será que eles não te abandonaram porque não te podiam criar?... Penso que os pais não se desfazem de um filho, assim, deliberadamente, apenas porque não o querem!... Costuma haver sempre uma razão muito forte para que isso aconteça!...

- De minha parte, meu amor - diz o rapaz -, agora sou eu quem não os quer!... - e prossegue, enquanto enrola e prende a toalha à cintura: -A propósito, tu não tens algo para se comer?... A briga com o filho do açougueiro, mais as boas braçadas que me vi forçado a nadar, logo de manhã, deram-me uma fome de lobo!...

- Só um doido como tu lançar-se-ia em águas assim terríveis quais as de hoje!... - exclama *Gerusa*, atraindo-o para si e o beijando, voluptuosamente, à boca.

- É que tu não conheces o peso que têm os porretes dos milicianos, minha cara!... Prefiro mil vezes lançar-me ao olho de um furacão a enfrentar a ira daquelas bestas desumanas!... - exclama ele, desvencilhando-se dos braços dela. - Aqueles sujeitos batem sem piedade!... A essa hora, o filho do carneiro deve estar moído pela tunda que lhe deram os tais!...

- Aí é que te enganas, meu bem!... - diz ela, enquanto apanha, de um pequeno armário, uma meia botelha de vinho e um queijo curado. -

Frederico Melgaço não terá ficado, nadinha de nada, preso nas enxovias!... Sequer lhe terão tocado num fio de cabelo!... O velho açou-

gueiro é cheio do ouro, esqueces-te?... Aposto o que quiseses que, neste momento, aquele ricaço inescrupuloso já terá corrompido metade dos comandantes da milícia, e que o filho dele já repousa em casa, fresco e banhado, em seu cheiroso e confortável leito de penas de ganso!... Tu, entretanto...

- Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... - explode *João Manuel* numa estrepitosa gargalhada. E prossegue, rindo-se: - Diferentemente de mim, se me apanham, não é mesmo?... Neste preciso momento, eu já me encontraria moído de pau, pois não possuo nem a sombra de um único dobrão, para matar a sede do comandante da milícia e de seus subordinados!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... - prossegue ele, gargalhando. - Sabes o que admiro em ti, *Gerusa!*... A praticidade que demonstras para as coisas!... Se um dia resolver casar-me, não me esquecerei de ti!...

Gerusa limita-se a olhá-lo com ar de deboche e, depois, enquanto ele comia, ela lhe sondava as feições: a basta cabeleira castanho-escura e ainda bastante molhada caía-lhe até os ombros nus; o pescoço grosso, bem feito; a barba negra, espessa, com apenas dois dedos de comprida, emoldurava-lhe o rosto bem torneado, amorenado e curtido pelo sol e pelo sal do mar; os olhos, também castanho-escuros, brilhavam vivazes; os lábios, bem torneados, abriam-se num sorriso brejeiro e constante e deixando entreverem os dentes corretamente delineados e alinhados numa dentição perfeita. *João Manuel* era lindo!... E *Gerusa* já tinha estado com ele tantas vezes!... Gostava dele, de seus carinhos... Não conseguia tirar os olhos do rosto do rapaz. Como era bom tê-lo ali, só para ela; cuidar dele, dar-lhe comida!... *Anjinho!*... *Gerusa* ri-se, no íntimo. Com que prazer as prostitutas do cais do porto cuidavam dele!... E ele se criara na malandragem, entre aquela gente do porto; não trabalhava, era analfabeto, vivia bebendo nas tavernas e arrancando dinheiro dos marinheiros nos dados e nas cartas. Ninguém o superava em tais labores!...

Lá fora, o dia marchava cinzento, molhado pela chuva fina e persistente. *Gerusa* levanta-se e vai até a janela. Afasta as cortinas de rendas encardidas e espiona a rua.

- *Madalena* demora-se!... - exclama ela, com um suspiro.

- Deve ter arranjado algum freguês!... - observa o rapaz, com ar divertido.

- Com este vento e com esta chuva, duvido que isso tenha acontecido!... - responde ela, voltando-se para dentro. E prossegue, encarando-o: - Aliás, tu sabes muito bem que os navios não se atrevem a atracar com tal arrebentação. Sem navios ancorados no porto, sem serviço, meu caro!

- E sem patos para depenar nos dados e nas cartas!... - observa ele. - Vês como o mau tempo pode estragar o ganha-pão de tanta gente?

- E os estivadores, os estalajadeiros, os bodegueiros!... - completa ela. - Nossas vidas dependem da chegada dos navios!...

- Não só o porto, mas toda a nação depende dos navios, minha cara!... Portugal é o mar!...

João Manuel termina sua breve refeição e estica os braços acima da cabeça, espreguiçando-se e bocejando ruidosamente.

- Estou morto de sono!... - exclama ele. - Não dormi um só instante esta noite.

- Não dormiste, porque andavas na borga, naturalmente!... - observa ela, com um a ponta de ironia. - E, certamente, foi nesse lugar que começaste a briga com *Frederico Melgaço*, suponho...

- Não sabia que te iniciavas na arte da adivinhação, minha bela!... - exclama ele, brejeiro. E, tomando-a nos braços, abraça-a forte, enquanto diz: - Como pudeste acertar com tamanha precisão?

- Adivinha é que não sou!... E muito menos idiota!... - responde ela, zombeteira. E prossegue, rindo-se: - Vamos, vai lá!... Desembucha!... Por qual par de belos olhos é que tu e *Frederico Melgaço* quase vos matastes logo de manhã?

- Além de qualificadíssima adivinhadeira, tu me saís, também, excelente bisbilhoteira, senhora dona *Gerusa*!... - exclama ele, rindo-se e a

lançando de costas sobre o leito que geme ruidoso com o peso da moçoila. Em seguida, *João Manuel* deita-se sobre ela e a beija, longamente, aos lábios. Depois, torna-se sério, olha-a, firme, nos olhos e diz: - Melhor que não saibas, querida!... Melhor para ti que não saibas em que vespeiro eu e o idiota do *Frederico* andamos metendo a mão!...

Depois, o rapaz senta-se no leito, ao lado dela, e olha, demoradamente, para o vazio, enquanto parecia refletir, profundamente, sobre algo. *Gerusa* acariciava-lhe, ternamente, o dorso nu e observava o estranho desenho que ele trazia tatuado ao ombro: dentro de um escudo, duas espadas cruzadas e encimadas por um elmo com um penacho. Que mistério envolveria a vida daquele rapaz?... *João Manuel* não tinha mais que dezessete anos; era ainda tão jovem!

- *Anjinho*...

- Ahn...

- Não queres que eu te ajude a procurar por teus pais verdadeiros?

- Por que insistes em tal asneira, *Gerusa*!... - responde ele, levantando-se e, demonstrando alguma contrariedade, prossegue: - Já te disse que pouco me importam meus pais verdadeiros!... Eu não desejo saber quem são!...

- Está bem!... - diz ela. - Não é preciso que te agastes assim comigo!... Só desejava auxiliar-te!... E se teus pais te procuram?... Não pensaste na hipótese de que, eventualmente, foste seqüestrado e que te doaram às carmelitas, por vingança?... Sabes o quanto as pessoas podem ser más, quando querem se vingar de alguém!... Não é nenhum absurdo o que te digo, não concordas?... Acho que deverias, ao menos, procurar saber quem são!

- Se me procuram, pior para eles!... - responde o rapaz, às raias da zanga. - Se os inimigos de meus pais me furtaram e me doaram à caridade das carmelitas, que tenho eu com isso?... Por que é que não tomaram mais atenção com o bebê que tinham?... Agora, azar o

deles!... Eu não os quero!... Ouviste bem, *Gerusa!*... Agora sou eu quem os abandona, sem ao menos conhecê-los!...

Gerusa cala-se, diante de tal veemência. No fundo, entendia que o que *João Manuel* manifestava nada mais era que grande desgosto pela sua situação. Quem é que não sentiria tamanho agravo por ter sido abandonado, ainda bebê, e relegado à própria sorte?

- Vem, deita-te aqui e dorme!... - exclama ela, convidando-o a ocupar o leito. - Por certo, não farei uso do meu quarto hoje, e tu poderás repousar tranqüilo. Enquanto dormes, aproveito para sair à procura de *Madalena*. Onde é que se terá metido aquela doida?...

O rapaz deita-se, e *Gerusa* cobre-o, gentil e amorosamente, com velhas cobertas de lã. Depois, beija-o, longamente, aos lábios. Em seguida, apanha seu surrado manto de gorgorão verde-escuro; depois, devagar, amarra as pontas das tiras ao pescoço, com um laço caprichado, e apanha o chapéu de feltro preto e o ajeita à cabeça. Pelo desgaste natural das entretelas, as abas do chapéu despencam-lhe à testa, desgraciosamente, quase a lhe encobrir os olhos. Renetidas vezes semelhante. Nascida no interior do país, em aldeia miserável, para fugir às agruras da fome e da pobreza infamante, houvera buscado a capital, na expectativa de arranjar emprego mais remunerativo e mais decente; porém, logo descobriu que a disputa por colocação como criada nas casas ricas era muito concorrida, pois as patroas fidalgas mostravam-se muito exigentes em questão de habilidades e prática de serviço e, como a pobrezinha não possuía quase nenhuma das qualificações exigidas, restara-lhe apenas uma opção, para não sucumbir à fome: prostituir-se. Terrível situação para os que não têm a firmeza de caráter necessária ou a mão segura e experiente dos pais, de parentes ou de amigos sérios, para conduzi-los pelas estradas tortuosas e pejudadas de traiçoeiras armadilhas que se escondem em cada canto da vida!... E, pouco ou nada fazem os que detêm os destinos deste mundo, para minorarem o sofrimento dos que, pretensa e temporariamente, encontram-se abaixo deles, na disposição dos valores sociais!... Enquanto os ricos

locupletam-se, esbanjando o que lhes sobra - certamente, despojos da rapina, da concussão e da corrupção -, o grosso da população - a grande maioria que nada tem de seu - prova do fel da miséria, do abandono e da ignorância absolutos que lhe proporcionam esses poucos que muito têm!... Como conseqüência, advém o aumento da miséria extrema, que já, a sobejo, abunda por todo o canto, semeando mais orfandade, mais criminalidade e mais prostituição!... Muito caro, por certo, pagarão à Vida, os que solapam as oportunidades de se construir um mundo mais justo e mais humano, atraindo e juntando para si o que deveria ser de todos!...

Gerusa andava com dificuldade, a meio do vento forte e da chuva gelada. Depois de caminhar pelos arredores, a jovem envereda para os becos escuros e desolados que se escondiam entre o casario abandonado do porto. Vasculha uma porção deles e, após algumas tentativas, com o sangue a gelar-lhe ainda mais às veias, observa, estarecida, em estreito corredor escuro e espremido entre dois armazéns abandonados, um corpo caído à lama e ensopado pela chuva. Com o coração batendo forte, adentra o beco e se aproxima do corpo. Um grito de horror escapa-lhe da garganta, ao constatar que, ao lado do corpo, formara-se uma extensa poça de sangue, já bastante lavada e desbotada pela chuva.

- Bom Deus!... - exclama *Gerusa*, abafando a voz com a mão. - É Madalena!

Em seguida, ajoelha-se ao lado da amiga e a toca, primeiro, com a ponta dos dedos; depois, sacode-a, violentamente. Só então lhe observa, atentamente, as feições pálidas, os olhos desmesuradamente abertos, guardando as derradeiras impressões que tiveram neste mundo.

- Jesus!... - exclama *Gerusa*, com a voz banhada pelo pranto. - Mataram-te, *Madá!*...

Depois, com um pungente gemido de dor, soergue, ternamente, o corpo da amiga e o aconchega ao colo. Fortes soluços

convulsionam-na, e suas lágrimas misturam-se aos pingos da chuva teimosa que lhe lavava o rosto.

- Queridinha!... Que monstro terrível tirou-te a vida?... - murmura *Gerusa*, abraçando forte o corpo da amiga.

Depois, afasta-a de si e lhe observa o peito: terrível e fundo golpe de punhal rasgara-lhe as carnes, atingindo-lhe, fatalmente, o coração.

- Por que te mataram, meu bem?... Eras, ainda, tão jovem, tão bonita!... - murmura *Gerusa*, meneando a cabeça, muito triste e chorosa. - Para roubarem de ti alguns míseros cobres que levavas para o pão?... Oh, mundo desgraçado, em que tiram a vida de uma criança, para roubarem alguns centavos que quase nada compram!... Que nos vale a vida?... Alguns reles tostões, nada mais?...

Atraídos pelo choro e pelas lamentações de *Gerusa*, alguns transeuntes foram aglomerando-se à entrada do beco. Em pouco tempo, surgem dois milicianos que, após interrogarem *Gerusa*, insistentemente, acerca do crime ocorrido, a seguir, dispersam a multidão e procedem ao recolhimento do cadáver. Recostada à parede do armazém abandonado, *Gerusa* segue, com os olhos inchados pelo pranto, a carroça que desaparece numa esquina, levando *Madá*. A jovem meretriz seria sepultada numa vala comum...

Um calafrio percorre a espinha de *Gerusa*, de alto a baixo. Seria esse também o seu fim?... De repente, o que vira acontecer com tantas outras colegas de profissão, acontecia tão perto dela!... *Madá* se fora!... E, agora, estaria só!... Quem lhe faria companhia, quem dividiria com ela os momentos alegres e, também, os tristes?... Um choro convulsivo, cheio de desespero, domina-a. Já nem sentia mais o vento forte fustigando-lhe o rosto vermelho e enregelado pela chuva que continuava a cair, insistente e monótona. A roupa molhada e suja de lama grudara-se-lhe ao corpo, e ela nem percebia. Somente a dor, a terrível dor a apertar-lhe o coração, como uma tenaz em brasa.

Por quanto tempo *Gerusa* ficou ali, perdida no tempo, presa de sua dor do tamanho do mundo?... Somente quando a noite principiou a chegar é que caiu em si. Tiritava de frio e tinha o estômago enjoado. Precisava voltar para casa.

Quando abre a porta de seu singelo quarto, *João Manuel* ainda dormia. O rapaz desperta assustado, com o ruído da chave estalando na fechadura.

- Por Deus!... Que te aconteceu, *Gerusa?!...* - exclama o jovem, saltando do leito e correndo ao encontro da moça. - Estás toda desgrehada, enregelada e coberta de lama!

Gerusa limita-se a olhar para o rapaz, com um par de olhos inchados pelo pranto excessivo. Em seguida, atira-se aos braços abertos que ele lhe oferecia. Estarrecido, constata que a jovem tinha as carnes trêmulas. O estado de choque era patente.

- Vamos, mulher!... - exclama ele, apertando-a em forte abraço. - Dize o que te aconteceu!

Obteve, como resposta, apenas uma sucessão de soluços.

- Oh, machucaram-te, por certo! - exclama o rapaz. - Mas, vamos, coragem, dize-me quem foi o canalha que te fez tal maldade, que saio a rachá-lo ao meio, agora mesmo!

Gerusa apenas emite fraco gemido e prossegue soluçando insistentemente.

- Como posso caçar o miserável que te surrou, se nada dizes? - observa o rapaz, fazendo-a sentar-se ao leito, junto dele.

Gerusa olha-o, com os olhos molhados de lágrimas, e murmura baixinho:

- *Madá!...*

- Não vais dizer-me que *Madalena* surrou-te assim?! - exclama o rapaz, agora, abrindo a expressão e mal sofrendo um sorriso de galhofa.

- *Madá... está... morta!...* - balbucia *Gerusa*, com a voz trêmula.

- Que dizes?!... - exclama o rapaz, levantando-se do leito, com tamanha rapidez, como se uma cobra o houvesse picado. - Como pode isso ser possível?!...

Gerusa lança-se aos braços do jovem, e os soluços convulsionam-na, violentamente. Sentia muito medo. De repente, parecia dar-se conta de que o mundo era um lugar deveras perigoso para viver-se. *João Manuel* limita-se a abraçá-la forte, enquanto *Ihe* acariciava as espáduas com ambas as mãos. Também ele se chocara muito com aquela notícia. Era amigo de *Madalena*. Gostava muito dela.

- *Madá* morreu!... - diz *Gerusa*, por fim, afastando-se um pouco dos braços do rapaz. Depois emite longo e pesaroso suspiro e, olhando para ele, prossegue, com terrível expressão de dor profunda num par de olhos inchados e molhados pelo pranto: - Deram-lhe uma facada no peito!...

- Não é possível!... - exclama o rapaz, deixando-se sentar, pesadamente, à beira do leito. E, apoiando a cabeça em ambas as mãos espalmadas ao queixo, numa atitude de plena inaceitabilidade diante de tão terrível fato, prossegue: - Quem terá sido o infame a fazer-lhe tamanha monstruosidade?

- Só Deus sabe, *Anjinho!*... - exclama *Gerusa*, sentando-se ao lado dele no leito. - Só Deus sabe quem é o maldito que teve a coragem de tirar a vida de criatura tão doce e tão afável como era *Madá!*...

- Dize-me, *Gerusa* - pergunta o rapaz -, onde aconteceu o assassinato?...

- Mataram-na no beco, ao lado dos armazéns abandonados da Companhia Três Coroas.

- Tão perto daqui?! - admira-se o rapaz. - Pobre *Madalena!*.... E nada pudemos fazer para livrá-la de tão terrível fim!...

- O mesmo fim de tantas que andavam a praticar tal ofício, meu caro!... - observa *Gerusa*, com um fundo suspiro. - Tu sabes o quanto vale a vida de uma meretriz do cais do porto...

- Oh, meu bem! - exclama o rapaz, atraindo a jovem para si e abraçando forte. Em seguida, beija-a, delicadamente, à face e prossegue: - Para mim, todas vós valeis um montão...

- Mas, nem todos pensam como tu, *Anjinho!*... - diz ela, abrindo um sorriso triste. - Para a maioria dos homens, não valem nada!... Para eles, não passamos de lixo e menos somos que a coisa mais abjeta que existir neste mundo!

Apiedado, o rapaz limita-se a olhá-la, por um longo tempo. E, então, presos de cogitações íntimas, pesado silêncio se abate entre ambos. Lá fora, a noite caía gelada e molhada pela chuvinha miúda e incessante.

- E o corpo de *Madalena*? - pergunta o rapaz, de repente quebrando o silêncio.

Gerusa tenta levantar as abas, mas elas, teimosamente, caem-lhe sobre os olhos. Por fim, desiste de ajeitá-las e sai, sustentando-as com o dedo indicador levantado. Antes de trancar a porta atrás de si, espiona o rapaz no leito. Comum sorriso nos lábios, a jovem percebe que eleja ressonava tranqüilamente...

Lá fora, *Gerusa* recebe o golpe do vento gelado que lhe levanta o chapéu e lhe desmancha os cabelos, num redemoinho de mechas. Des-compõe-se toda para segurar o chapéu, que ameaçava escapar-lhe da cabeça, e um calafrio fá-la tremer e bater os dentes. A rua do cais encontrava-se quase deserta; poucos se atreviam a enfrentar o chuvis-queiro gelado que caía insistentemente. Na amurada do cais, a rebentação explodia contra as pedras da fundação do porto e lançava furiosas saraivadas de água gelada a altura razoável e molhava até o meio da rua que margeava as docas. A jovem levanta a longa gola da capa e tenta proteger a cabeça do vento cortante que lhe assoviava furioso aos ouvidos, juntamente com a chuva que enregelava até os ossos. Onde andaria *Madalena*, no meio daquele tempo horrível?...

Meio cambaleante e se encostando rente às paredes das casas, *Gerusa* meteu-se a caminhar, empurrada pela força do vento. Precisava

achar *Madalena*. A amiga saíra, fazia já algumas horas, com o propósito de ir à bodega comprar pão e ainda não voltara. O dia estava escuro, sem sol, e nuvens negras passavam céleres, tangidas pelo vento ululante. Não era um bom dia para deixar a casa e ir para a rua. *Gerusa* mor-tifica-se: deveria ter ido com a outra, pois o porto não era um lugar seguro, mesmo durante o dia. As pessoas que, comumente, freqüentavam aquelas paragens não eram confiáveis: bêbados, desocupados, ladrões e salteadores, crianças órfãs e velhos desamparados, além dos violentos cáftens e das prostitutas que enxameavam por toda a parte. *Gerusa* habituara-se àquele lugar, pois desde muito juvenzinha, mal completara doze anos, vira-se obrigada a fugir para a rua. Morrera-lhe a mãe, e o padrasto passara a persegui-la, diariamente, quando chegava bêbado e violento, todas as noites, após o estafante trabalho na estiva. Para não sucumbir aos maus tratos e à brutalidade daquele homem desprezível, optara por viver nas ruas; entretanto, logo percebeu que a rua não era lugar seguro para uma juvenzinha e, caindo nas lábias de velhaco proxeneta, cedo enveredou para os tenebrosos caminhos do meretrício. *Madalena*, sua companheira de quarto e de profissão, tivera destino

- A carroça que recolhe o lixo e os cadáveres das ruas já o levou. - responde a moça, com grande tristeza. - Não teríamos mesmo dinheiro para pagar-lhe um funeral, não é?

João Manuel apenas sacode a cabeça afirmativamente. Depois, levanta-se e caminha um pouquinho pelo exíguo espaço do quarto pobre. Afasta as cortininhas de renda encardida e espia a rua escura lá fora.

- Pobre *Madalena*... - diz ele, sem se voltar para *Gerusa*, que permanecia sentada à beira do leito. - Restou-lhe apenas a vala comum da indigência, junto com os mendigos, os bêbados, os velhos e os órfãos..,

- E este será também o meu e o teu fim, *Anjinho*... - observa a moça, com funda amargura à voz. - Quando a velhice ou a doença abater-se sobre nós, esse será, certamente, o nosso destino...

- Ou se, antes, não nos abaterem a facadas, como fizeram a *Madá!*... - completa o rapaz, voltando-se para *Gerusa* e a olhando com um par de olhos mareados de pranto.

Gerusa compadece-se dele. *João Manuel* também estava sofrendo muito pela morte de *Madalena*. Então, ela se levanta da cama e lhe estende os braços.

- Vem, vamos rezar pela alma de *Madalena*. Ela só tinha a nós dois neste mundo!...

Lá fora, o vento uivava raivoso, fustigando, com seu chicote implacável e cortante, todos aqueles que, eventualmente, tivessem de enfrentar-lhe a fúria inclemente.

Capítulo 2

Uma família fidalga

O solar da família *Ramalho e Alcântara* erguia-se na *Quinta da Reboleira*, ao norte da cidade de Sintra, mesmo subindo a famosa serra que dá nome a esse lugar. Tratava-se de amplo palacete de dois pavimentos, de aspecto senhorial e imponente e erigido em maticões de granito cinza-claro, em estilo neoclássico, do século XVI; contava, assim, à época, mais de duzentos anos de construído. As janelas do andar superior eram de madeiras de lei trabalhadas em fino labor e entintadas com verniz escuro. O telhado cobria-se de telhas caneladas de barro e já bastante escurecidas pela ação do

tempo. À frente da imponente escadaria de mármore branco da entrada principal, estendia-se amplo pátio calçado de pedras quadranguladas e, depois deste, abria-se esplendoroso jardim de feições clássicas, muito bem cuidado e pejado de plantas exuberantes e bem conduzidas. Mais aquém, arvoredos frondosos vicejavam em profusão, ensombrando espetacular parque, plantado em quarteirões regulares e separados entre si por ruelas estreitas e calçadas de pedras hexagonais.

A direita do casarão, erguia-se enorme caramanchão de hidranjas a despejarem longos cachos de flores rosa-desmaiadas e à sombra do qual, nessa tarde, sentavam-se distinta senhora e outra mulher, em cadeiras de vime e ao lado de mesinha posta para o chá. Solícita criada, em uniforme e touca impecáveis, servia-lhes o chá de um rico bule de porcelana branca, alindado em arabescos dourados a tirarem faíscas do esplêndido sol vespéral.

- Hoje estás particularmente mais pálida, senhora dona *Rosália!*... - exclama a mulher que se sentava na outra cadeira. - Estais a sentir-vos bem?

- Oh, preocupas-te à toa, *Amélia!*... - responde a matrona. E leva a chávena aos lábios altamente descorados. E, depois de degustar, por algum tempo, o primeiro gole do líquido fumegante e reconfortante, prossegue: - Ligeira indisposição, apenas, nada mais que isso!

- Vossas feições desmentem o que dizem vossos lábios, senhora!... - exclama a governanta, de forma incisiva. - Não achais que devemos comunicar isso ao vosso augusto esposo?...

- Para que vamos tirar a paz do senhor barão, *Amélia?*... - responde a matrona, um tanto desalentada. - Se lhe dizes que não ando bem, toca a chamar o senhor doutor *Eustáquio Boaventura* e lá virão mais vomitórios, sangrias e xaropes de gosto horrível!... Não suporto mais tais coisas!... Desejas é matar-me antes do tempo, isso sim!...

- Oh, senhora, acho que dona *Amélia* tem razão!... - diz a criada que, até então, permanecera muda, ali do lado, a empunhar, paciente-mente, o bule de chá.

- Ora, cala-te, *Margaridinha!*... - responde, ríspida, a baronesa. - Até tu te metes a perturbar-me o sossego?... Mais essa!... Bom mesmo é que te vás embora para a copa e me deixes em paz, sua tonta!...

A um ligeiro e significativo sinal de olhos da governanta, a criada faz rápida medida, e sai, altamente magoada com a ofensa recebida.

- Pensais enganar-me; entretanto, por trás de tudo isso, tenho quase a absoluta certeza de que se esconde outra coisa, não, senhora dona *Rosália?* - observa a governanta, encarando-a nos olhos.

- Acho que não te posso mesmo enganar, teimosa!... - diz a matrona, agastando-se com a pertinácia da outra. E, depois de emitir expressivo suspiro de aborrecimento, explode, com os olhos a encherem-se de lágrimas: - Sim, há!... Não adianta querer esconder, fazer de conta que não há!... Há, sim!... Hoje faz dezessete anos que mo roubaram!... E somente eu me lembrei disso!... Ninguém mais nesta casa!...

- Oh, querida!... - exclama a governanta, levantando-se de sua cadeira e, rodeando a pequena mesa que as separava, abraça-se à outra, comovidamente. - Também eu me lembrei da tragédia, sim!...

- prossegue ela, agora juntando suas lágrimas às da patroa. - Apenas nada disse para que não vos entristecêsseis ainda mais, senhora!... Oh, como poderia esquecer-me desse fato horrível?

- Pensas que me esqueci, por um só dia, do meu bebê, *Amélia?*... - diz a matrona, com a voz cheia de dor. - Não, não poderia jamais esquecer-me de *Francisquinho!*... - e, mirando o nada, como se buscasse nos refulhos de sua memória, prossegue, abrindo um sorriso, no meio das lágrimas: - Lembras-te de como ele era lindo?...

- Se me lembro!... - exclama a outra, com os olhos tomados de súbito brilho. - Ele era o vosso retrato!... Tinha os vossos traços em profusão!... - e, baixando a voz, prossegue: - Do senhor barão, não tinha quase nada!...

- Sim!... - concorda *Rosália*, abrindo ligeiro sorriso de cumplicidade com a sua governanta. - E *Manuel Antônio* tinha um pouquinho de despeito disso, não é?

- Um pouquinho?!... - exclama a outra, quase a cochichar. - Tinha era inveja mesmo!... Ficou todo desapontado, quando o bebê apresentava mais os vossos traços que os dele!...

- Entretanto, *João Miguel* tem as fuças do pai!... - observa a matrona, rindo-se.

- E também o gênio irascível e quase cruel!... - completa a governanta. - Não suporto ver como ambos tratam-vos, senhora!...

Rosália abaixa o rosto altamente pálido e se cala. Seus olhos marrom-claros, uma vez mais se toldam de tristeza profunda. E, depois de conseguir deglutir, com penosíssimo esforço, o imenso nó que lhe entupia a garganta, diz:

- Contudo, os dois são a única família que tenho, *Amélia!*... Ninguém mais me restou no mundo a não serem eles!

- Como será *Francisquinho* agora, senhora? - pergunta a governanta, rompendo o pequeno silêncio que se estabelecera entre ambas.

- Não sei, *Amélia!*... - diz a outra, imensamente triste. - Por mais que tente, não consigo imaginá-lo um rapaz de dezessete anos!... Para mim, sua imagem permanece paralisada no tempo!... Em meu coração, guardo a única lembrança que tenho dele: um adorável bebezinho de apenas três meses de vida que ainda sugava, vorazmente, o meu seio!... - e o pranto explode-lhe violento, sacudindo-a com insistência.

A governanta nada diz. Naquele momento, sabia que as palavras seriam absolutamente inúteis diante de tanta dor. Limita-se, então, a tomar ambas as mãos de *Rosália* entre as suas e a apertá-las, sendo-lhe solidária, uma vez mais. *A Baronesa da Reboleira* sofria muito a perda do filho em tão tenra idade!... O pranto caía em profusão, encharcando-lhe as faces já altamente marcadas pelos embates do tempo.

Rugas de expressão marcavam-lhe, insistentemente, a testa, em redor dos olhos e dos cantos dos lábios. Apesar de contar quarenta anos, a baronesa era ainda uma mulher de traços finos e elegantes.

Permanente palidez, entretanto, dominava-lhe o semblante, apontando-lhe a precariedade da saúde.

- Acompanha-me aos meus aposentos, *Amélia* - diz ela, quase num sussurro. - Não me sinto bem.

- Oh, senhora dona *Rosálial*... - exclama a governanta, altamente preocupada, enquanto auxiliava a baronesa a levantar-se da cadeira. - A lembrança de *Francisquinho* fez-vos mal!...

Pouco depois, a combalida baronesa instalava-se no leito, auxiliada pela prestimosa governanta e por mais duas criadas.

- Melhor comunicarmos ao senhor barão, senhora!... - diz *Amélia*, com as feições tomadas de intensa preocupação. - Estás mais pálida que o usual!... Quereis que vos propine a água de flor de limoeiro?...

- Sim, *Amélia* - aquiesce a baronesa, mal movendo os lábios altamente descorados -, a apnéia sufoca-me.

Com mãos nervosas, a governanta deixa verter, de pequeno frasco de alabastro, algumas gotas de líquido transparente, misturando-as num copo com água e, em seguida, dá-as a beber à baronesa, que arfava, pesadamente.

- Com isso, ireis melhorar, senhora! - diz *Amélia*, amorosamente, enquanto, com uma das mãos, segurava levantada a cabeça da matrona e, com a outra, levava-lhe, delicadamente, a taça aos lábios. A *Baronesa da Reboleira* bebia o remédio em pequenos goles. Gemidos baixinhos cortavam-lhe os estertores, enquanto calafrios percorriam-lhe o corpo, fazendo-a tremer.

- Acho que estou morrendo, *Amélia*... - diz a baronesa, levantando um par de olhos vermelhos e inchados pelo choro insistente.

- Oh, que tolice estais a dizer, senhora dona *Rosálial*... - exclama a governanta, achegando, nervosamente, as cobertas de lã até o pescoço da outra. - Acalmai-vos, que vou avisar o senhor barão!

Amélia sai apressada em busca do patrão e vai encontrá-lo que lia na biblioteca, sentado em confortável poltrona de veludo vermelho.

- Senhor barão, vossa augusta esposa está a passar mal!... - diz ela, fazendo ligeira mesura com a cabeça.

- Que tem a senhora baronesa? - pergunta o homem, sem levantar os olhos do livro que estava a ler atentamente.

- Passou mal, enquanto tomávamos o chá no jardim, Excelência!...

- diz a mulher, torcendo as mãos, nervosa.

- Avia-te, então, a mandar que chamem o senhor doutor *Boaventura*

- responde, ríspido, o *Barão da Reboleira*, fechando, bruscamente, o livro que lia e se pondo de pé.

Amélia sai, quase a correr. *Manuel Antônio Ramalho e Alcântara* encaminha-se até a ampla janela e observa o jardim lá embaixo. Cofia o basto bigode grisalho, e seu olhar percorre a paisagem: o arvoredado, uma ponta da estrada de saibro amarelo e as torres da basílica, lá embaixo, na cidade. Para além, via o mar - azul e imenso - a perder-se no horizonte sem fim. Mais uma vez, a mulher a encher-lhe as paciências, a tirar-lhe o sossego!... Não sentia nenhuma vontade de vê-la. Tinha a certeza de que aquele não passava de mais um de seus inumeráveis faniquitos!... Cansara-se de suas lamúrias e de suas arengas chorosas, depois que lhes haviam seqüestrado o filho. Que culpa tivera ele?... Mas, ela o culpava, sim. No fundo, achava-o o culpado pelo sumiço do filho, ainda tão novinho. Logo de manhã, ao acordar-se, ainda na cama, lembrara-se de que fora num dia como aquele, dezessete anos atrás, que o maldito surrupiara-lhe o segundo filho, ainda mamão. Longamente, olhara para a mulher que lhe dormia ao lado. Como a vida deles se despedaçara, depois daquele infausto acontecimento!... Como tudo mudara, repentinamente!... Tivera ímpetos de acordá-la, de tomá-la aos braços e, com ela, chorar, uma vez mais, a perda do filho!... Mas, não esboçara o mínimo movimento. Para que sofrer de novo?... Quem sabe ela não esquecesse, não se lembrasse?... Era-lhe difícil manter-se durão, fazer de conta que não sofria, que não tinha vontade de chorar, de dar evasão àquela dor que, havia tanto tempo, roía-lhe, inclementemente, o peito!... Achavam, então, que ele não sofrera, imensamente, a perda do filho?... Que endurecera, paulatinamente, até se sentir às raias da petrificação?... Trocaram-se

tantas acusações, ele e *Rosália*, pois é assim mesmo que acontece, quando uma tragédia dessa monta atinge um lar!... Alguém devia ser o culpado; alguém falhara, alguém tinha de pagar pelo sumiço do filho, que se desvanecera no ar, sem deixar qualquer rastro!... O amor deles murchara até ressecar-se, até estratificar-se, sem conter sequer uma só gota de sentimento!... Apenas a pedra fria restara!...

Quase não conversavam mais; olhavam-se, somente, e, amiúde, com rancor até!... Entretanto, era preciso continuar a olharem-se, para mais se odiarem e mais se agredirem, mais se martirizarem, a fim de expiarem a culpa por aquela tragédia!...

Manuel Antônio deixa a janela e volta a sentar-se, pesadamente, na poltrona e, desolado, apoia o queixo na mão fechada. O maldito!... Sim, tinha a absoluta certeza de que fora o desgraçado que lhe mandara seqüestrar o bebê!... Mas, não tinha provas contra ele. Tivera ímpetos de denunciá-lo ao Marquês,¹ mas, como o faria, sem provas?... Tudo levava a crer que fora ele, o miserável, a vingar-se, de forma tão monstruosa!... E, uma vez mais, seu pensamento volta atrás, para dezessete anos antes... E, fora ali mesmo, na biblioteca, que tudo acontecera. *Manuel Antônio* avistava-se com *Jerônimo Dantas e Melo*, o *Marquês das Alfarrobeiras*: "*Vossas últimas palavras, senhor barão, acerca da escritura?*", perguntara-lhe, colérico, o vizinho de propriedade. "*O senhor notário reafirmou as divisas, senhor marquês. Vós mesmo ouvistes-lhe as palavras, não é assim?*", respondera ao outro que, visivelmente, enfurecia-se com a derrota, diante do litígio de terras que ambos disputavam fazia décadas. "*Mas, não penseis que isso ficará assim, não, senhor barão!*", ameaçara-o o outro, rilhando os dentes de ódio. E prosseguira, enquanto, intempestivamente, deixava a sala: "*Ladrão!... Pagar-me-eis caro por esta humilhação!...*"

Manuel Antônio, ao ouvir a pesada afronta que lhe dirigira o outro, sentiu o sangue subir-lhe todo à cabeça e, extremamente enfurecido, correrá-lhe ao encalço, conseguindo alcançá-lo, mesmo quando o outro tomava o coche que o aguardava diante da escadaria de mármore branco. E se lançara como um doudo sobre o desafeto,

puxando-o, violentamente, pela casaca e o lançando sobre o pátio de pedras. E, saltando sobre o *Marquês das Alfarrobeiras*, facilmente o dominara e, à custa de infinitos socos e bofetões que lhe desferira, sobejamente, à face, descarregara nele toda a sua fúria e indignação. *Jerônimo Dantas e Melo*, mesmo a vazar muito sangue pelos inúmeros ferimentos que os pesados punhos de *Manuel Antônio*

1. Referência a *Sebastião José de Carvalho, Marquês de Pombal*

abriram-lhe à face, não se rendia. Ofegante, continuava a lançar altas ofensas ao rosto do outro que lhe cavalgava o ventre e não se cansava de esmurrá-lo.

Finalmente exausto, *Manuel Antônio* levantara-se e, trôpego e falto de ar, encaminhara-se para a escadaria, bradando furioso: "*Ide-vos daqui, maldito, antes que vos mate de pancadas!*" O outro se resumira a lançar-lhe um olhar horrível, carregado de ódio extremo e, com gestos bruscos, ordenara ao atônito e estupefacto cocheiro que tocasse o carro.

Manuel Antônio suspira fundo e olha em derredor. Nunca mais se havia avistado com o *Marquês das Alfarrobeiras*, desde então. Alguns dias após aquele derradeiro e horrível entrevero que ambos tiveram, seu segundo filho, *Francisco de Assis*, misteriosamente desaparecera da casa. Quanto desespero, quanto esforço envidara na tentativa de reencontrar o bebê!... Tudo em vão!... A criança simplesmente desaparecera, sem deixar rastros!... Como o maldito teria conseguido entrar em sua casa e roubar seu filhinho de poucos meses?... Por certo, subornara algum de seus criados!... Sozinho, sem a ajuda de pessoa de dentro da casa, seria impossível alguém estranho entrar, sem ser visto pela criadagem. O infame teria comprado, a peso de ouro, a cumplicidade de um de seus criados!... Não haveria outra maneira!... Na ocasião, *Manuel Antônio* houvera interrogado, pessoal e incisivamente, toda a criadagem, um a um, insistentemente, por muito tempo, mas fora tudo em vão. O cúmplice - se é que existia - mostrava-se tão incógnito, por detrás de

uma máscara de impassibilidade, diante da dor e do desespero dos pais da criança roubada, que não esboçara um mínimo gesto que o traísse. *Jerônimo Dantas e Melo* houvera escolhido muitíssimo bem o seu comparsa para realizar tão nefando crime!... Nem mesmo o inspetor de polícia, com sua habilidade extrema em lidar com facínoras e indivíduos altamente capazes de dissimular a verdade, conseguira descobrir a mínima pista. E, a polícia acabara por abandonar aquele caso, fazia já alguns anos, por falta de provas contundentes que levassem à prisão dos culpados. Até então, aquele crime mostrava-se perfeito!... *Manuel Antônio* havia, inclusive, contratado hábil investigador para tentar descobrir o eventual paradeiro da criança, mas até o momento, nenhuma pista concreta surgira.

O silêncio da biblioteca, de repente, pareceu sufocá-lo e ele se levanta da poltrona de veludo vermelho. Lúgubre pensamento perpassa-lhe o cérebro. E se *Rosália* estivesse, realmente, morrendo, naquela vez?... Não teria tempo de despedir-se dela!... Mesmo estando tão distantes um do outro, não desejava que ela morresse, odiando-o. Era preciso pedir-lhe perdão, dizer-lhe, mais uma vez, que ele não tinha culpa pelo sumiço do filho, que o verdadeiro culpado era o *Jerônimo Dantas e Melo*, o maldito, e que ele, *Manuel Antônio*, ainda iria matá-lo, para vingar o seqüestro do bebê. Decidido, deixa a biblioteca e se encaminha para os aposentos onde se achava a esposa.

Rosália limita-se a olhar para o marido com um par de olhos desmesuradamente vermelhos e inchados pelo pranto. O *Barão da Reboleira* fica, por alguns instantes, parado, de pé, diante do imenso leito, olhando para a mulher que, de tão pálida, parecia fundir-se às cobertas de lã alvinitente. Desta vez, terrível pressentimento acomete *Manuel Antônio*, ao deparar-se com a mulher em tão lastimável estado. Repentino sentimento de profunda piedade pela esposa acomete-o, e toda a fria distância que os mantivera

afastados, um do outro, por toda aquela enormidade de anos, de repente, pareceu delir-se no ar.

- Por que te prendes, ainda, tanto a isso? - pergunta ele, sem tirar os olhos dos olhos dela. - Desejava que tivesses tudo à conta de uma provação, diante da vontade de Deus...

Rosália nada diz. Apenas se limita a soluçar um pouco mais forte.

- Peço-te, por caridade, senhora, que te mostres forte diante do que já é consumado!... - prossegue ele, agora se aproximando e se sentando ao lado dela no leito.

- *Manuelito*... - murmura ela, entre lágrimas, e, tomando-lhe a mão, achega-a aos lábios e a beija ternamente.

- *Rosália*... - murmura ele, arqueando o dorso e a beijando, delicadamente, à testa.

- Por que tudo teve de ser assim?... - sussurra ela, segurando-lhe, fortemente, a mão. - Por que a vida teve de ser-nos, assim, tão cruel? - e as lágrimas descem-lhe em catadupas dos olhos encharcados.

- Acalma-te, meu bem - diz ele, afagando-lhe os cabelos desmanchados -, não são nada bons para ti tais impulsos de mortificação e de angústia pelo sumiço de *Francisquinho*...

- *Manuelito*...

- O que é?...

- Por que não choras tu também?... - pergunta ela, olhando-o, firme, nos olhos. - Sei que tua dor não é menor que a minha!... Entretanto, por que é que teimas em te maneres, aparentemente, assim tão insensível à dor?... Sei, querido, o quanto sofres...

- Oh, *Rosália*!... - exclama o *Barão da Reboleira*, desarmando-se, completamente, e, afundando o rosto nos cabelos da esposa, dá evasão às lágrimas de dor, consistentemente contidas, havia tanto tempo, atrás de uma aparente máscara de dureza e de crueldade.

- Chora, *Manuelito*, chora!... - murmura a baronesa, acariciando, ternamente, os cabelos do esposo. - Chora, que o pranto aliviar-te-á o fogo que te consome a alma!...

Longos e intensos soluços de dor sacudiram, por muito tempo, *Manuel Antônio* que permanecia abraçado à esposa. E ele se lembra, então, de como era bom tê-la aos braços, sentir-lhe o perfume. Quanto tempo fazia que não se abraçavam, que não se tinham, assim, um nos braços do outro?... *Rosália* continuava a acariciar-lhe os cabelos e a niná-lo, como se ele fosse um garotinho.

- Perdoa-me, *Rosália!*... - exclama ele, de repente, abraçando-a forte e a beijando, desesperadamente, às faces e aos olhos inchados pelo pranto insistente. - Tu me perdoas?...

- Sim, perdôo-te, *Manuelito!*... - diz ela, de repente, abrindo um sorriso que lhe ilumina, temporariamente, o rosto altamente maltratado pelo choro e pela dor. - E tu também deves perdoar-me por tê-lo acusado de tudo!

- Perdoemo-nos, então, mutuamente, querida -, diz ele, olhando-a nos olhos. - Mas, por favor, luta, reage!... Não quero que morras!... Como será minha vida, neste mundo, sem ti?

Rosália olha-o com renovada ternura. Que o fizera, de repente, mudar tanto assim?... Havia passado quase duas décadas mal se falando, trocando-se acusações e se atirando culpas, um às fuças do outro! De repente um vazio imenso tomou conta do peito dela. Meu Deus!... Que havia feito da sua vida?... Metade da sua existência, ela não tinha vivido; havia, simplesmente, assistido, impassível, ao desfilar daqueles anos cruéis, cheios de dor e de lágrimas! Que tempo houvera dispensado ao esposo e ao outro filho, que crescera, que se tornara um homem de vinte e dois anos, e ela mal percebera?...

- *Manuelito!*...

- Sim, meu amor...

- Eu é que te devo pedir perdão... - diz ela, cheia de angústia à voz. - Fiz-te sofrer tanto, acusando-te por seres tão mesquinho, em questão do litígio das terras, com o *Marquês das Alfarrobeiras!*... Que, se tivesses dado ao infame os palmos de terra que ele reclamava, no pretenso avanço das tuas divisas sobre a propriedade dele, nada

disso teria acontecido!... Entretanto, tu te meteste a demandar com o demônio, nos tribunais, e colhemos o resultado cruel: ganhaste o processo, mas perdemos o filho!... Tenho a certeza de que foi ele, o miserável, que nos roubou o nosso bebê!...

- Também eu creio, piedosamente, ter sido ele que nos roubou o filhinho, querida!... - exclama *Manuel Antônio*, levantando-se e se pondo a caminhar, nervosamente, pelo quarto, enquanto falava: - Mas, não desistirei nunca!... Continuarei a minha busca, indefinidamente!... Já batemos o país, palmo a palmo, de todos os lados, cidade após cidade, aldeia após aldeia, mas nenhuma pista foi encontrada, nenhum traço!... Entretanto, a busca continua!... Agora, *João Miguel* busca pelo irmão!... Sei que acabará por encontrá-lo!... Algo me diz que irá encontrar o irmão desaparecido!... Tu verás, minha cara!...

Rosália seguia-o com os olhos, enquanto ele falava com veemência. Desejava acreditar nas palavras dele, compartilhar de sua boa fé; entretanto, sentia-se enfraquecer mais e mais, vítima das dores fortes que lhe acometiam o tórax. Sabia, no íntimo, que definhava, que estava perto do fim.

- Vem, *Manuelito* - chama-o ela, com a voz débil -, senta-te aqui, perto de mim... Desejo sentir-te o calor das mãos e o teu cheiro...

- O senhor doutor *Boaventura* demora-se a chegar! - exclama ele, de repente preocupando-se com a algidez das mãos da esposa. - Tu estás fria como uma defunta!

- *Manuelito*...

- Sim, o que é?... - pergunta ele, chegando as pontas dos dedos dela aos lábios e os beijando, ternamente.

- Se um dia encontrares *Francisquinho*, dize-lhe que o amei, imensamente, apesar de tudo, e que ele sempre esteve em meu coração e em meu pensamento, todas as horas, durante todo esse tempo...

- Direi a ele, querida - diz o *Barão da Reboleira*, com os olhos úmidos de pranto. - Fica tranqüila, que nosso filho saberá tudo sobre ti!... - e, como se, de repente, percebesse, cheio de terror, que a vida da

mulher escoava-se-lhe, por entre os dedos, exclama: - Não, *Rosália*, meu amor!... Que asneiras estou eu a dizer!... Não te vás, por Deus, luta!...

- Inútil lutar, querido!... - exclama ela, com a voz cortada pela forte apnéia. - É chegado o meu fim...

Neste comenos, o doutor *Eustáquio Boaventura* adentra o aposento, seguido pela nervosa *Amélia*.

- Oh, senhor doutor *Boaventura*]... Finalmente chegastes!... - exclama o *Barão da Reboleira*, indo ao encontro do médico e lhe estendendo a mão. - Depressa, que nossa *Rosália* está a passar mui mal!...

O médico senta-se ao lado da baronesa e, apondo-lhe rudimentar estetoscópio de madeira ao tórax, ausculta-lhe, demoradamente, o coração. Em seguida, estirando-lhe a pálpebra inferior de um olho, afere-lhe a coloração. Depois, delicadamente, com o dorso dos dedos, toma-lhe a temperatura à fronte, altamente descorada. E, finalmente, segura-lhe o punho da mão e, com a ponta dos dedos, percebe-lhe o pulso. Só depois do meticuloso exame é que levanta os olhos e encara o barão e, com ele, troca significativo olhar. *Manuel Antônio* toma-se de repentina palidez. Entendera o que o médico lhe dissera com os olhos. Meu Deus!... *Rosália* estava mesmo no fim!... O chão, de repente, pareceu sumir-lhe de debaixo dos pés. Sua vista escureceu-se, e lhe pareceu advir uma síncope.

- Fazei o favor de seguir-me até a biblioteca, senhor doutor *Boaventura* - consegue dizer, por fim, após tremendo esforço para conter a forte emoção que o invadira.

Uma criada oferecera ao médico um cálice de licor que o homem degustava devagar, segurando a haste do minúsculo cálice de cristal com a ponta do polegar e do indicador em pinça.

- Sinto, imensamente, dizer-vos, senhor barão, que vossa augusta esposa tem pouquíssimo tempo de vida - observa *Eustáquio Boaventura*, encarando o outro com olhos graves. - Infelizmente, nada há que possamos fazer para salvar-lhe a vida. Seu coração está fraquíssimo; penso mesmo que, em dois ou três dias, estará morta!

- Tão grave assim, senhor doutor? - pergunta *Manuel Antônio*, ainda se mantendo altamente pálido, evidência da extrema dor que lhe ia ao peito. - Tendes certeza de que não há mais nada que lhe possais prescrever, com o intuito de protelar-lhe o fim?

- Infelizmente, assim é, senhor barão - responde o médico. E, depois de refletir por alguns instantes, prossegue com a voz pausada, como lhe era de costume: - A senhora baronesa vem sofrendo deste mal há muito tempo e, como sabeis, o desgosto só fez por exacerbar-lhe a doença, enfraquecendo-lhe, paulatinamente, o coração, durante esse tempo todo. O que sempre tenho feito foi propinar-lhe pequenas doses de digitalina, mais água de flor de limoeiro, para minorar-lhe os ataques de angina; entretanto, a doença avoluma-se, incontinênti, e os remédios não lhe alcançam a potência. Um dia, fatalmente, essa luta terá um vencedor e, invariavelmente, a vitoriosa será a doença!... Na verdade, poucos recursos temos, senhor barão! - exclama o doutor, com profundo suspiro e, levantando-se, dá a entender que precisava ir-se.

Manuel Antônio acompanha o doutor até a porta principal da mansão e, após o outro partir, celeremente, em seu coche, o *Barão da Reboleira* permanece parado, no alto da escadaria de mármore branco. O jardim, que se abria imenso, ali diante dele, vicejava verdejante e bem cuidado. Era o alto da primavera, e as árvores encontravam-se carregadas de flores. Entretanto, ele pouca atenção prestava às árvores e às flores. O forte sol da tarde queimava-lhe o rosto, mas ele nada sentia. Seu pensamento encontrava-se mais afogueado que o próprio escaldar do sol. Se *Rosália* morresse, que seria de sua vida? Por todo esse tempo, magoara-a, talvez, por se encontrar fechado em sua própria dor. Entretanto, dúvida atroz passa a mortificá-lo: será que a houvera magoado, propositadamente, porque ela, acintosamente, culpava-o pelo sumiço do filho e, por ela assim agir, havia se vingado, judiando, propositadamente, dela, esse tempo todo?... Deus do céu!... Era, então, um monstro e só agora se dava conta disso!... Que vida terrível proporcionara à

esposa!... *Rosália* tinha sido sempre tão meiga, tão fina, educada, gentil!... Que lhe fizera?... *Manuel Antônio* nunca houvera admitido a culpa pelo seqüestro do filho! No entanto, em seu íntimo, sabia ser ele o único e exclusivo culpado por tudo!... Pela teimosia, pelo orgulho em não admitir a perda de alguns palmos de terra, sobreviera a desgraça!... E, logo que cessaram as mútuas e pesadíssimas agressões verbais, desgastadas pelas incessantes repetições, sobreviera, depois, a acusação muda, seguida, mais tarde, pela indiferença um pelo outro e culminando, conseqüentemente, no pleno afastamento, na frieza do relacionamento conjugal, no desgosto profundo, no martírio incessante e cruel... Eram duas sombras que viviam lado a lado... E *João Miguel*, o outro filho, crescera no meio daquela tenebrosa arena em que se digladiavam os pais, em luta feroz, culpando-se, ferindo-se, matando-se, aos poucos. *João Miguel*, sem o devido acompanhamento dos pais, tornara-se um rapaz frio e intolerante, altamente calculista e ambicioso, e para quem as coisas materiais eram as únicas e exclusivas razões da existência. Pouco se educara; não era amigo de leituras ou de quaisquer manifestações artísticas. Outrossim, valendo-se de expressiva beleza física de que era possuidor, revelara-se mulherengo ímpar e passava a vida nos bordéis e à cata de aventuras fáceis, nos braços das donzelas tresloucadas e despudoradas que enxameavam na promíscua sociedade lisboeta, do final do século XVIII, onde o luxo desmedido e o desperdício inconseqüente dilapidavam fortunas e riquezas inomináveis, invariavelmente, rapinadas às sofridas colônias de além-mar, como o Brasil e as várias possessões, na África e no Oriente - terras barbaramente espoliadas pelo dominador bruto e impiedoso que se locupletava, descaradamente, do suor e do sangue dos colonos e dos escravos que traziam do Continente Negro.

Manuel Antônio sente um calafrio percorrer-lhe o corpo de alto a baixo. Deus, que fizera da sua vida?... Ligeiro, volta-se para dentro e, em pouco, encontrava-se, novamente, nos aposentos onde a

esposa descansava. *Rosália* houvera adormecido, e *Amélia*, pacientemente, guardava-lhe o sono agitado, cheio de tremores, de gemidos e de estertores que a sacudiam amiúde. Ele, então, faz um sinal à governanta que sai, deixando-o a sós, com a esposa. Delicadamente, toca-lhe a fronte com o dorso da mão e lhe sente a algidez da pele extremamente pálida, de cera.

- Oh, meu amor!... - murmura ele, com os olhos a encherem-se de lágrimas. - Como fui mau e desalmado para ti!...

Em seguida, toma-lhe a mão e a beija, com patente ternura. A esposa, sentindo-lhe as carícias, abre os olhos.

- Ah, estás aí, *Manuelito*... - murmura ela, abrindo meigo sorriso, nos lábios ceráceos.

- Procura descansar, querida - diz ele, beijando-lhe, ternamente, as mãos. - É preciso que não te desgastes!... Procura descansar, meu anjo!

Rosália fecha os olhos. Como era bom tê-lo de volta, como antes!... Mesmo que fosse no fim!... Terrível seria ir-se, eternamente brigada com ele. Sentiu-se tão bem que seu combalido coração pareceu bater mais acelerado, um pouquinho mais forte, e deliciosa tepidez pareceu envolvê-la. Como era delicioso sentir aquele alento, depois de viver tantos anos, completamente mergulhada na fridigez da censura mútua, do afastamento proposital e, até mesmo, dos laivos de ódio recíproco. Que vida difícil haviam vivido!...

- *Manuelito*...

- O que é?...

- Onde está *João Miguel*?... Há dias não o vejo...

- Nosso filho encontra-se em Lisboa - responde ele. - Esqueces-te de que ele vive a procurar pelo irmão?...

- Oh, meu amor - diz ela, de repente, tomando-se de um pouco de vivacidade, no meio de toda aquela terrível prostração -, e se Deus tivesse, finalmente, ouvido minhas preces e desta vez, *João Miguel* regressasse, trazendo o irmão?... Oh, para mim seria a maior glória

morrer, depois de ter posto meus olhos sobre nosso *Francisquinho*, nem que fosse por uma única vez...

Manuel Antônio nada responde. Apenas se limita a olhar para a mulher e a lhe sorrir um sorriso triste. Sabia que o desejo da mulher dificilmente se realizaria. Pobre *Rosália!*... Possivelmente, deixaria este mundo sem rever o filho!... A luz do sol coava-se pelos interstícios da janela fechada, e o *Barão da Reboleira* passa a afagar, delicadamente, os longos cabelos da esposa que, despenteados, achavam-se esparsos sobre o travesseiro de cambraia alviniente. E ela, tocada pelas doces carícias da mão do esposo, deixa-se levar pela sonolência teimosa que, devagar, foi vencendo-a.

- Dorme, meu bem - murmura ele, com os olhos úmidos de pranto -, dorme, que estarei sempre aqui a proteger-te...

Capítulo 3

A Marquesinha das Alfarrobeiras

Naquele momo anoitecer de primavera, o solar *dos Dantas e Melo, Marqueses das Alfarrobeiras*, encontrava-se amplamente agitado por esplêndido sarau, pois se comemoravam os anos de *Teresa Cristina*, a caçulinha da família. Expressiva parcela da sociedade sintrense achava-se presente, na rica mansão senhorial, rodeada de frondoso parque, constituído de infinidade de árvores floridas, a exalarem doce e penetrante perfume que impregnava todos os recantos da exuberante propriedade. O som de alegre minueto, executado por uma excelente bandinha, espalhava-se pelo ambiente, onde pares de

jovens - moçoilas esvoaçantes e vivazes rapazotes - executavam a dança, com leveza e maestria, seguidos pelos olhares embevecidos dos mais velhos que se achavam sentados em derredor e ao longo de todo o imenso salão principal da casa. Pequeno batalhão de criados, enfatotados em impecáveis librés de seda azul e branca e primorosamente engomadas com claras de ovos, percorriam todo o espaço, sobraçando bandejões com guloseimas variadas e vinho, muito vinho, a proporcionar, em profusão, risos de satisfação e fáceis gargalhares, alardeando o contentamento geral, reinante na festa. Os pares de dançarinos ora postavam-se, frente a frente, trocando os passos, em graciosa marcha, saudando-se e se dobrando em delicadas mesuras, ora se davam os braços e rodopiavam, saltitantes, seguindo os complexos passos da dança francesa.

Pouco depois, num intervalo do minueto, duas jovens, grandemente afogueadas pelo esforço despendido durante o intricado bailado, conversavam, recostadas junto a uma das amplas janelas do salão, a fim de haurirem a fresca que vinha de fora.

- Então ele não veio? - pergunta uma das donzelas à outra, que era a dona da festa.

- Pois não é então, *Carmo?* - responde *Teresa Cristina*, a *Marque-sinha das Alfarrobeiras*. - Viajou a Lisboa, a mando do pai.

- Mesmo sabendo que completarias anos, ele não ficou? - pergunta *Carmosina*.

- Que importância faria, se ficasse ou não?... - responde *Teresa Cristina*, com os olhos a encherem-se de tristeza. - Tu sabes que papai não o toleraria aqui...

- Oh, querida *Tina* - diz a outra, apertando forte a mão da amiga -, não sei como suportas um amor assim!... Tua família odeia a família de teu namorado!... Como fareis para ficardes juntos?

- Não me perguntes tal coisa, *Carmosina*] - exclama a outra, cheia de revolta nas palavras. - Nossas famílias odeiam-se, mesmo antes de eu nascer!... Que culpa tenho eu nesta história toda?... Amo *João*

Miguel e enlouqueço só em pensar que nosso amor possa tornar-se impossível, irrealizável, entendes?...

- Hoje tu completas quinze anos!... Estás pronta para te casares, e teu amor sequer pôde aqui vir, a festejar e a dançar teu baile contigo!

- E eu toco a dançar com *Vasco*, meu primo, com quem meu pai deseja ver-me casada!... - diz *Teresa Cristina*, com a voz carregada de ironia.

- E acho que, infelizmente, será este com quem, possivelmente, tu acabarás por casar-te, minha cara! - observa, preocupada, a outra.

- Não suporto meu primo, *Carmô!* - explode a *Marquesinha das Alfarrobeiras*, cheia de revolta. - Imagina ter de viver toda a minha vida ao lado de um homem - e isso te deixo bem claro! -, que só tolero, por ser meu primo!... E que, ainda por cima, é calvo, sardento e manco de um pé!... E, além do mais, já tem vinte e cinco anos!... E velho demais para mim!... Oh, meu Deus, não sei o que fazer!...

- Porém, esqueces-te de um bom detalhe, minha cara: *Vasco* é também cheio de ouro!... - objeta, incisiva, a amiga. E prossegue, cheia de ironia: - Por aparentar velho para ti, teu primo não o é muito mais que *João Miguel*, que já tem vinte e dois!... E, pelo que me consta, tu não consideras o teu amado um velho!...

- São apenas sete anos a mais, sua tonta!... - responde a outra. - A mesma diferença de idade que têm os meus pais!...

- Os meus têm dez anos!... - diz *Carmosina*. - E, no entanto, atualmente, não se parecem muito distantes um do outro.

- As mulheres envelhecem mais depressa que os homens - observa *Teresa Cristina*. - Mas, tu bem sabes que o empecilho maior não é este!... É o amor, *Carmosina*]... É necessário que haja amor, entendes?... Por amor, casar-me-ia até com o teu avô! - e explodem ambas em estrepitosa gargalhada.

- Não creio que o *Visconde do Soveral*, meu adorado avô, queira desposar-te, minha cara!... - prossegue *Carmosina*, a gargalhar: -

Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... O pobre do vovô só caminha às palpadelas, com os olhos esbranquiçados pela catarata!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Melhor esse que não me vê, *Carmo!* - diz *Teresa Cristina*, divertida.

- Melhor esse que não me vê, aquele outro que vive a perseguir-me, feito um imbecil!

- És mesmo uma pândega, *Tininha*\... - exclama a outra, a chorar de tanto rir. - Imagina só!... Tu a te casares com vovô!...

- Preferiria o convento a casar-me com *Vasco*\ - exclama a *Marquesinha das Alfarrobeiras*, de repente, tornando-se séria.

- Deveras?!... - espanta-se a outra. - Terias mesmo coragem?

- Que experimente meu pai forçar-me a fazer o que não desejo!... - diz a jovenzinha, com um par de olhos marrom-mel a fixar o vazio.

-Que experimente o senhor meu pai atrelar-me àquele imbecil, e verá do que sou capaz!...

Neste ínterim, a bandinha, após o ligeiro descanso, põe-se a executar alegre melodia, incitando os jovens pares a formarem novo cordão de minueto. *Vasco Trancoso d'Arrabal*, o primo de *Teresa Cristina*, que dela não tirara os olhos, durante o pequeno intervalo da dança, aproxima-se, claudicando, ligeiramente, de uma das pernas.

- Dás-me a honra, cara prima? - pergunta o rapaz, abrindo um sorriso que lhe deixou entreverem os dentes, grandemente amarelados pelo hábito de mascar tabaco.

Mal sofrendo a intensa contrariedade que lhe ia à alma, a jovem olha o primo e, sem muita animação, estende-lhe a mão, e saem ambos para o meio do salão, onde o grupo de bailarinos já se formava. De um canto reservado do salão, *Jerônimo Dantas e Melo*, o *Marquês das Alfarrobeiras*, conversava com o primo, pai de *Vasco*:

- Caríssimo *Tomás*, creio já podermos contar como certo o casamento dos nossos filhos!

- Pois não é mesmo, caro primo? - responde, satisfeito, o outro. - Porque não aproveitas e não anuncias, hoje mesmo, o noivado de ambos?... *Elisa* e eu faríamos muito gosto nisso!

- Sim, estás a dar-me excelente sugestão, caro primo! - concorda o *Marquês das Alfarrobeiras*. - De antemão, sei que *Bárbara* não se oporá a que eu anuncie o noivado da nossa filha, em data tão especial!

Depois de algum tempo, o minueto encerrava-se, e os jovens dançarinos espalhavam-se pelo salão, indo recompor-se, bebericando taças de vinho ou de refrescos. *Jerônimo Dantas e Melo*, então, encaminha-se para o centro do salão e, batendo palmas, brada:

- Senhoras e senhores!... Um instante da vossa atenção!... - e, obtendo o silêncio desejado, prossegue, em tom altamente enfático:

- Temos, hoje, grata revelação a fazer-vos!... Minha família e a de nosso augusto primo, o *Visconde d'Arrabal*, que cá mui nos honra com sua prestimosa presença, temos a grata satisfação de anunciar o noivado de nossos filhos *Teresinha e Vasco*!

A juvenzinha, que se sentava ao lado da mãe, recobrando-se do esforço despendido na última contradança, ao ouvir as palavras do pai, empalidece e, fitando o rosto da genitora, exclama:

- Que absurdo está meu pai a dizer?!... Tu estavas a par dessa sandice e nada me disseste?!...

- Acalma-te, meu bem! - diz a mãe, apertando-lhe, forte, a mão. - Eu, realmente, desconhecia essa imbecil intenção do teu pai de anunciar o teu noivado com *Vascol*...

- Não!... - explode *Teresa Cristina*, estupefata. - Papai não pode fazer isso comigo!

Neste momento, o pai chamava-a, insistentemente, para que se encaminhasse até o meio do salão onde o noivo, *Vasco*, já se encontrava, derretendo-se de satisfação e sorrindo até as orelhas.

- Não vou!... - murmura a juvenzinha, mordendo os lábios, transida de ódio.

- Melhor que te vás, meu bem! - cochicha-lhe a mãe. - Não te indisponhas com o teu pai no meio de tanta gente!... Vai, que depois daremos um jeito!... Coragem!... Ainda não é o teu casamento!... Vai!... Prometo-te que, depois, com calma, daremos um jeito nesta tremenda asneira que contigo pretende o teu pai fazer!...

Altamente emburrada, *Teresa Cristina* encaminha-se para o centro do salão. Com um sorriso de satisfação, o pai beija-a à testa e, delicadamente, tomando-lhe a mão, oferece-a a *Vasco* que, como um cão louva-minheiro, principia a beijá-la, longa e apaixonadamente. A mocinha resume-se, apenas, a olhar para o rapaz com indiferença e, instintivamente, recolhe a mão, cheia de repulsa.

Os convidados, altamente contagiados pelo anúncio que acabava de lhes fazer o dono da casa, explodem em aplausos e vivas aos noivos. A bandinha, tocada pelo inesperado do acontecimento, resolve participar do episódio e executa uma valsa. Tocado pelo momento, *Vasco* faz ligeira mesura, diante da prima, e lhe diz, cavalheirescamente, enquanto lhe oferecia o braço:

- Senhorita...

E, o casalzinho passa a rodopiar pelo salão, embalado pelos alegres acordes da melodia envolvente, enquanto centenas de olhos acompanham-nos, altamente interessados pela novidade, e intensa onda de cochichos ao pé do ouvido espalha-se, rapidamente, pelo salão todo. *Teresa Cristina* rodopiava, ao sabor da música, habilmente conduzida pelos braços do primo. Não tirava os olhos dos olhos dele. "*Tu me pagarás, Vasco!...*", pensava ela, com o coração cheio de ódio. "*Não penses que irás meter as tuas patas imundas sobre mim, não!... Tu e papai pagar-me-eis caro por isso!...*"

* * * * *

Enquanto o baile de aniversário de *Teresa Cristina* prosseguia noite adentro, um cavaleiro solitário estaca sua montaria, diante do imenso portão de ferro fundido que dava entrada à *Quinta das Alfarrobeiras*. Permanece montado e, apurando os ouvidos, consegue perceber os acordes da música que se espalhava pelo ar momo da noite de lua cheia. Pelos interstícios dos troncos das árvores do bosque, o cavaleiro podia divisar a luminosidade que se projetava dos imensos janelões do salão principal da mansão senhorial.

- *Teresinha* comemora os anos!... - murmura o belo cavaleiro, com os olhos inflamados pela paixão. Depois, meneia, melancolicamente, a cabeça e sorri. - Que saudade, minha doce pombinha!...

Por alguns instantes mais, permanece parado, diante do portão de ferro, ouvindo a música e a distante alacridade das pessoas. Retalhos de risadas e gritinhos de alegria com maior expressividade chegavam até ele. Finalmente, cutuca as ilhargas de sua montaria com as esporas e retoma o trote. Mais umas poucas centenas de metros e estaria, finalmente, em casa. Cavalgara, por longo tempo, regressando de Lisboa, e se encontrava bastante exausto. Ansiava por banhar-se em água fresca, comer e se deitar.

- Fizestes boa viagem, Excelência? - pergunta o solícito criado, auxiliando *João Miguel* a desapear do cavalo.

- Muito boa, *Epitácio!* - responde o moço. - Esplêndida viagem!... O serviçal espanta-se com as amáveis palavras do rapaz, que jamais se dignara a responder a qualquer um deles. O patrãozinho sempre os tratara com desprezo e lhes falava com rispidez, cobrindo-os de maus tratos. E, enquanto conduzia o combalido cavalo para as cocheiras, meditava sobre qual teria sido a causa da repentina felicidade do patrão, que se mostrara sempre tão intolerante e malvado para com todos.

- *João Miguel!*... - exclama *Amélia*, vindo recebê-lo ainda à entrada do salão principal, pois o tinha visto, quando chegava, da janela de seu quarto, no andar superior. - Que bom que já retomaste!... A senhora baronesa não se encontra nada bem!...

- Que pode ter a minha mãe, além dos cansativos achaques que sempre teve? - responde, ríspido, o rapaz.

- Desta vez é grave, conforme afirmou o senhor doutor *Boaventura!* - exclama a governanta, enquanto, literalmente, corria atrás do rapaz que, apressado, enveredava para os seus aposentos. - Tua mãe encontra-se, mesmo, às portas da morte, e tu não vais vê-la?!... Chamou tanto por ti, à tardinha!...

- Hoje, não, *Amélia*, por favor! - diz o jovem, agastando-se com a mulher que o seguia, insistentemente, pela escadaria que dava ao andar superior. - Estou cansado, faminto e desejo, ardentemente, descansar!... Por favor, amanhã, sim?... E, se desejas, realmente, ajudar-me, avia-te a mandar que me preparem o banho e o jantar!

Amélia pára, estarecida, enquanto observa o rapaz desaparecer pelo extenso corredor que dava a seus aposentos. A mãe estava morrendo, e ele nem se importava!...

João Miguel despe-se das roupas de viagem e, enquanto aguardava o banho que um criado lhe preparava, pensava. "*Só mais um pouco e toda essa embrulhada acabar-se-á!...*", e, com um sorriso cínico que lhe brotara aos lábios, prossegue pensando: "*A derradeira pista acaba de ser apagada!... Ninguém, jamais, descobrirá o teu paradeiro!...*", e seu rosto ilumina-se de plena satisfação. A voz tímida do criado tira-o das íntimas cogitações:

- O banho, Excelência...

- Pois não, *Jacinto!*... - responde ele, gentil. - Já me avio!...

O pobre serviçal permanece estático, boquiaberto. Que dera no patrão, para revelar-se, assim, de repente, tão amável com os criados?... Sempre se mostrara tão ríspido, tão mal-educado!...

Após se banhar e tomar a refeição, *João Miguel* meteu-se na cama e dormiu feito uma pedra. No dia seguinte, levantou-se bem tarde, por volta das dez horas, pois se encontrava altamente cansado pela viagem que empreendera na véspera. Veste-se, toma o desjejum e resolve ir ver a mãe. Nem com o pai ainda havia se avistado e vai encontrá-lo à cabeceira da mãe.

- *João Miguel!*... - exclama o pai, vindo recebê-lo à entrada do quarto. Abraçam-se, efusivamente, e o pai prossegue: - Tu te demoraste tanto em Lisboa!... Já principiava a temer por ti!...

- Prendi-me, perseguindo pistas falsas, que só me fizeram perder tempo, papai! - exclama o rapaz e, encaminhando-se para o interior do quarto, pergunta: - Como está mamãe?

- Mal, querido, mui mal!... - sussurra-lhe o pai, seguindo-o.

- Oh, meu tesoiro!... - exclama a baronesa, estendendo os braços, ao ver o mancebo que se aproximava, e, com muita dificuldade, consegue erguer um pouquinho a cabeça. E, tomada de forte apnéia, motivada pela ansiedade do reencontro com o filho, prossegue, com a voz fraca, mas cheia de expectativa: - Trazes alguma novidade?...

O rapaz olha, por alguns instantes, para o rosto grandemente pálido e macilento da mãe, sente-lhe a expectante ansiedade e se enche de piedade dela.

- Nada, mamãe - responde ele, meneando, tristemente, a cabeça. - Segui algumas pistas, mas eram todas falsas!... Meu irmão parece ter-se, decididamente, desvanecido no ar!

- Oh, meu Deus!... - exclama *Rosália*, deixando-se cair, desoladamente, no travesseiro. - Agora sei que morrerei sem deitar uma vez mais os olhos em meu *Francisquinho*... - e as lágrimas brotam-lhe, aos borbotões, dos olhos rodeados de negras olheiras.

- Acalma-te, meu bem!... - diz *Manuel Antônio*, tomando-lhe as gélidas mãos e as cobrindo de beijos. - Busca coragem para lutar!... Não te entregues, assim, à morte, não!

- Tudo está consumado, *Manuelito*X... - diz a mulher, com a voz débil, quase inaudível. - Deixa-me partir...

- Oh, mamãe, não te desesperes, assim! - exclama o rapaz, lançando-se de joelhos ao lado do leito e, com a ponta dos dedos, acaricia-lhe o rosto descorado. - Juro-te que continuarei a busca por *Francis-quinhol*... Por ti, buscá-lo-ei em toda a parte!... Revisitarei até mesmo os lugares aonde papai já foi.

- Não!... - diz *Rosália*, categórica. - Esta foi a derradeira busca; não te quero por aí, correndo riscos inúteis!... - e, depois, segurando as mãos do filho, prossegue, olhando-o, firme, nos olhos: - Oh, querido, não sabes o quanto rezei e implorei a Deus que tu o achasses que adentrasses meu quarto, conduzindo-o pela mão!... Quantas vezes não lancei os olhos àquela porta, desejando, com toda a força de minh'alma, que tu o trouxesses contigo!... Entretanto, sei que não mereci essa graça e estou pronta a morrer!... Não mais

lutarei, não mais olharei, insistentemente, para a porta, imaginando vê-lo entrar, o meu filhinho adorado!... - e as lágrimas pungente, pejudas de dor extrema, sufocam-lhe as palavras.

João Miguel olha para a mãe, condoído. O pai, sentado ao lado do leito, acariciava-lhe os cabelos revoltos, espalhados sobre o travesseiro de cambraia branca, e os três juntam-se em pranto doloroso, amargo. A apnéia de *Rosália* aumenta, seus estertores exacerbam-se, enormemente.

- É preciso que se busque o senhor doutor *Boaventura*]... - diz *Manuel Antônio* para *Amélia* que, de pé, num dos cantos do aposento, tudo observava, em silenciosa prece pela ama que tanto sofria.

- Sem demoras, senhor barão!... - responde a governanta, deixando, apressada, o quarto.

Quando o doutor *Eustáquio Boaventura* chegou, uma hora depois, *Rosália* agonizava, entre terríveis estertores de apnéia e de insuficiência coronariana. O médico limitou-se a lhe ministrar ineficaz remédio, pois o mal da *Baronesa da Reboleira* apresentava-se incurável para a época, que se privava de recursos outros, além de incipientes tratamentos que em nada minoravam as dores dos pacientes. No final da tarde daquele dia, *Rosália* expirou. *Manuel Antônio* desesperou-se ao vê-la morta, pois, finalmente, entendera que havia vivido uma vida toda, fechado na própria dor, e se distanciara tanto da mulher que acabara por perdê-la de vista. Quando se reencontraram, afinal, já era tarde!... *Rosália* estava morrendo, e nada podia fazer para salvá-la... Agora, restava-lhe apenas a dor da solidão, nada mais...

João Miguel fitava a mãe, posta em câmara ardente, no salão principal da mansão. O rapaz trazia os olhos vermelhos pelo choro e, amiúde, o pai vinha abraçá-lo, consolando-se, mutuamente. Durante toda a noite, até quase madrugada alta, os amigos desfilaram diante do esquife de *Rosália* e, na tarde do dia subsequente ao seu decesso, sepultaram-na no jazigo da família,

após ouvirem uma longa missa de corpo presente, rezada na Igreja de Santa Maria.

Seguiram-se terríveis dias de solidão para *Manuel Antônio*. O filho, raramente, fazia-lhe companhia; o rapaz sumia de casa, só regressando dois ou três dias depois, magro e altamente depauperado, e se metia na cama, a dormir por horas intermináveis, e, em se levantando, sem, entretanto, avistar-se com o pai, uma única vez, preparava-se para, daí a pouco, novamente sair, em busca das inúmeras aventuras que a cidade oferecia, em exuberantes noitadas. O *Barão da Reboleira* não tinha coragem de enfrentar o filho, de fazê-lo mudar de vida, pois temia perdê-lo, como acontecera com a esposa. Sabia que *João Miguel* poderia dar-se mal, freqüentando, assiduamente, as casas de tolerância de alto luxo, que enxameavam por toda a Lisboa, a oferecerem noitadas inesquecíveis aos tais rapazotes, sendo a grande maioria deles ainda imberbes, e que se deslumbravam ao descobrirem os prazeres libidinosos que a vida mundana podia, arditamente, oferecer-lhes. E dessa forma que muitas almas despencam pelos escuros bátratos da decadência moral, chafurdando no lamaçal do vício e da libertinagem. *João Miguel* era jovem, bonito e rico, constituindo-se, assim, presa fácil e desejada pelas mentes mais vis e mais abjetas da cidade. E, além das inúmeras conquistas amorosas e dos prazeres altamente inebriantes que o dinheiro podia comprar, o rapaz ainda se ardia de desejos pela juvenzinha que lhe morava ao lado: a *Marquesinha Teresa Cristina Dantas e Melo*, filha do detestável rival de seu pai!... Sonhava tê-la para si, embora, de antemão, soubesse que a união de ambos afigurava-se quase impossível, dada à imensa inimizade que, havia décadas, existia entre as duas famílias. Entretanto, os dois jovens apaixonados vinham encontrando-se, às escondidas, pela grande facilidade que achavam, por serem vizinhos de quinta, e pela enormidade de lugares indevassáveis que tinham à disposição, fosse entre os arbustos dos inúmeros bosquetes e das sebes que limitavam os terrenos onde se cultivavam o trigo e o

centeio, ou, ainda, no meio dos imensos olivais, dos pomares de maçãs e de figos, além das grotinhas escuras e dos desvãos que havia por toda a parte. Lugares discretos é que não lhes faltavam. Era dessa forma que podiam encontrar-se, sempre que quisessem, sem serem surpreendidos, a menos que não tomassem as precauções necessárias. Escreviam-se, colocando os bilhetes em lugares adrede combinados e, dificilmente seriam descobertos, pois se cercavam de medidas preventivas para jamais serem surpreendidos pelos pais, que não admitiriam, de modo algum, o romance entre ambos.

Dias depois da morte da *Baronesa Rosália*, *João Miguel* e *Teresa Cristina* encontravam-se, acobertados por tufos de arbusto alto, no meio de alegre bosquete que se erguia na divisa das quintas em que moravam. Sentados sobre exuberante relva primaveril, ambos conversavam, após longa e apaixonada sucessão de abraços arrojados e de voluptuosos beijos ardentes de paixão.

- Sinto muito a morte da tua mãe... - diz ela, com a voz cheia de pesar. - Acho isso à pior coisa que nos acontece na vida!...

- De fato, a perda da genitora é-nos uma provação extremamente dolorosa, querida!... - observa ele, fitando-a com os olhos cheios de tristeza. - Embora eu e minha mãe não tivéssemos tido uma proximidade marcante, mesmo assim, a sua morte foi algo que me deixou deveras entristecido!

- Por pouco ela não se vai, surpreendendo-te a viajares por este mundo!... - observa a jovem. - Vivo a cogitar por que é que tu viajas tanto!

- Negócios, querida, negócios! - responde ele. - Papai tem inúmeros compromissos pelo país e até pelo exterior, nas colônias de ultramar, e é a mim, seu único herdeiro, que compete zelar pelos nossos bens.

- Não tiveste nunca irmãos? - pergunta a mocinha. - Eu sou a caçula, mas tenho mais dois irmãos, *Pedro* e *Romão*, que já se casaram, e vivem na cidade, com as famílias deles. Tenho quatro

sobrinhos: *Gabriela, Joaninha, Joaquim José e João Evangelista*, filhos de meus irmãos!... - exclama ela, sorridente. Tu, entretanto, não poderás ter sobrinhos, pois és filho único!

- Que lástima!... - exclama ele, fingindo alta decepção. - Jamais sentirei o tão inominado prazer de estreitar sequer um só sobrinho aos braços!... Oh, como me acho infeliz!... - e explode em estrondosa gargalhada: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Ah, zombas de mim, é?... - diz ela, beliscando-lhe o flanco. - Caças de mim, mas, por castigo de teu desmedido egoísmo, quando envelheceres, tomar-te-ás um misantropo solitário e amargo, por não teres nenhum parente a cuidar de teus lumbagos e de teus achaques de verão provectoro!

- Oh, garanto-te que não ficarei solitário!... - responde ele, olhando-a com ares de galhofa. - Como ficarei solitário, tendo uma fada como tu, sempre a meu lado?... E nossos filhos?... Pretendo ter uma dúzia deles!

- Nossa!... - observa ela, fingindo alta admiração. - Pelo visto, pretendes repovoar todo o reino, que se esvazia a cada ano, com as levas de emigrantes que se vão, a ganharem as novas terras!

- Garanto-te que Portugal não ficará desabitado, minha cara! - diz ele a rir-se. - Eu e tu teremos muito trabalho a fazer, para que isso não aconteça!

- *João Miguel* - diz ela, de repente tomando-se séria -, tenho algo grave a contar-te!

- Vai lá, dize-o!... - exclama ele, encorajando-a.

- Papai anunciou meu noivado com *Vasco*, no baile de meu aniversário... - diz ela, sem encará-lo.

- O quê?!... - exclama ele, levantando-se, como se uma víbora o tivesse picado. - Acaso, enlouqueceu o teu pai?!...

- Sim!... — exclama a juvenzinha, torcendo, nervosamente, as mãos. E prossegue, agora, fitando-o nos olhos: — E, sem que eu, previamente, soubesse, anunciou para todos que pretende casar-me com meu primo!... Sequer mamãe sabia dessa intenção absurda!

- Oh, eu mato o teu pai!... - explode *João Miguel*, altamente enraivecido. - E, em seguida, dou cabo daquele manquité imbecil!... Quem ele pensa que é, para tomar-te de mim?

- Acalma-te, querido! - diz *Teresa Cristina*, fazendo-o sentar-se, novamente, sobre a relva. - Queres que nos descubram aqui?... Acalma-te, que eu ainda não me casei com *Vasco*... Apenas anunciaram o nosso noivado!...

- Mas isso é terrível!... - observa ele, transtornado, enquanto voltava a se sentar sobre a relva macia. - Anunciam o teu noivado com aquele careca idiota, e tu dizes que não é nada?!... Estou a perder-te, fadinha!... Que será de mim?... - e se abraça a ela, altamente consternado.

-Acalma-te, meu amor!... - diz ela, afagando-lhe os cabelos revoltos.

- Daremos um jeito neste noivado imbecil!... Olha, porque não fugimos para bem longe, para a África ou para o Brasil?... São lugares bem distantes e, como dizem os relatos que já li, tratam-se de territórios tão extensos, que ninguém jamais nos encontrará!

- Não!... - responde o rapaz, categórico. - A África ou o Brasil são terras inóspitas, cheias de doenças tropicais e de selvagens ferozes!... Imagina que, no Brasil, há os tais que devoram humanos!... Acaso não ouviste nunca os relatos que de lá trazem os viajantes?... Esses bugres vivem a matar e se acham a engordar e a refestelar-se, enormemente, com as carnes dos pobres colonos aos quais dão caça sem dó!...

- Sim, eu sei... - diz ela, pensativa. - Os antropófagos...

- E então? - pergunta ele. - Terias coragem de viver em lugar, assim, tão assustador?

- Para não me casar com *Vasco*, correria até esse risco, sim, *João Miguel* - diz ela, olhando-o nos olhos. - E, se conheço bem a teimosia de papai, não nos será fácil demovê-lo de tal idéia absurda, não!

- Matarei a ambos, minha cara!... - diz ele, furibundo, com as abas do nariz grandemente dilatadas.

- E que vida terrível levaríamos, a fugir, sempre, da milícia e, ainda, a carregar tal peso à nossa consciência! - exclama ela, pela primeira vez, demonstrando uma ponta de preocupação. Seu amado apresentava uma faceta que ela desconhecia. Falava em matar o pai e o noivo com tal veemência que quase a convencia de seu real intento. Seria ele mesmo capaz de matar por ela?... Isso a fez encher-se de preocupação. Arrisca-se, então, a perguntar: - Terias mesmo coragem de matar a ambos?

- Que teu pai experimente casar-te com aquele lentiginoso asqueroso e verás, então, o peso do meu punhal!... - responde o rapaz, sem titubear.

Terrível calafrio sacode, ostensivamente, o corpo da jovem, fazendo-a tremer. Limita-se, então, a olhá-lo com os olhos cheios de espanto. O rosto do rapaz, embora belo e fascinante, emoldurado por bigode e cavanhaque negros e bem aparados, mostrava-se carregado de estranho rictus de ferocidade animal que a assustou.

- E teu pai, como se encontra? - pergunta *Teresa Cristina*, mudando o rumo da conversa.

- Meu pai está triste e acabado - responde ele, ríspido. - Viveu a magoar e a martirizar a minha mãe, pela vida inteira, e agora que ela se foi de tanto desgosto, o remorso rói-lhe a alma!

- E por que o teu pai magoava a tua mãe? - pergunta a *Marquesinha das Alfarrobeiras*.

- Por quê?... - diz ele, de repente percebendo que, por impulso, abrira seu passado à namorada, coisa que, decididamente, não desejara fazer. - Porque não se entendiam direito... - mente.

- Mas, por não se entenderem direito, conforme dizes, é preciso que haja algum motivo grave - insiste ela, pois percebera a mentira nos lábios dele.

- Não sei!... Coisas deles!... - responde, grosseiro, o rapaz. Não poderia, de forma alguma, lançar sobre ela a suspeita de que tivera um irmão, mais novo que ele, que misteriosamente desaparecera, e

que o provável culpado pela tragédia não era outro senão o próprio pai dela.

- Por que mentes para mim, *João Miguel!*... - pergunta ela, tocando de leve na mão dele.

- Como podes dizer que estou a mentir-te? - observa ele, expressando alta indignação. - Ofendes-me a honra, se me chamas de mentiroso!... Queres tu, também, indispor-te comigo?

- Oh, não, longe de mim, o desejo de me indispor contigo, meu amor!... - diz ela, tomando-lhe a mão e a beijando, afetuosamente. E, olhando-o, firme, nos olhos, prossegue: - Teu passado não é nenhum segredo para mim, *João Miguel!*... Cresci ouvindo coisas a respeito da tua família...

- Que ouviste sobre a minha família? - pergunta ele, altamente indignado. - Certamente, não passam de intrigas do teu pai!

- Oh, não acho que sejam intrigas, não, meu caro!... - diz ela, encarando-o. - Ouvi muito bem, por diversas vezes, o relato que faziam sobre o litígio de terras, a demanda que favoreceu o teu pai, e o incontido ódio motivado pela humilhação da derrota sofrida nos tribunais... Foram tantas coisas!... Tantas críticas lançadas à tua família!...

- Que mais sabes sobre o caso?... - pergunta ele, agora altamente interessado nas palavras da moça. - Além do litígio, que mais sabes?...

- Nada mais que isso!... - responde ela. - Mas, por que estás tão aflito em saber se conheço alguma outra parte dessa briga?...

- Não, não há outro pedaço nisso tudo, não... - responde ele, baixando os olhos.

- Pelo teu jeito, acho que há, sim, meu caro!... - diz ela. - E é uma parte que eu desconheço plenamente!...

- Enganas-te, ao achares que existe algo mais nessa sórdida briga, querida!... - observa ele, mal sofrendo um suspiro de alívio, pois percebera que ela desconhecia a existência do irmão desaparecido. - Posso jurar-te que nada mais existe!

Teresa Cristina limita-se a olhá-lo, firme, nos olhos. Sabia que ele estava mentindo. Agora tinha quase a absoluta certeza de que havia algo mais podre ainda, na história. E ela iria descobrir. Ah, se iria...

Capítulo 4

Estranha aparição

Fazia, já, seis meses, que a pobre *Madalena* fora vilmente assassinada, num escuro beco, numa frígida e cinzenta tarde de final de inverno. *Gerusa* continuava a ocupar o miserável quartinho, no decadente sobrado da rua do cais, e a saudade da companheira de profissão e de infortúnio apertava-lhe, grandemente, o amargurado peito.

- Pobre *Madá!*... - murmura a jovem, largada sobre o leito. O pranto desce-lhe quente, molhando o travesseiro de fronha encardida pelo excesso de uso. - Foste morar no céu e me deixaste aqui, sozinha, neste mundo cheio de desgraças!... Que falta sinto de ti, minha amiga!... Éramos como irmãs, tu e eu; entretanto, agora, só a solidão me resta!... Oh, Deus!... Como é difícil encarar a vida, sem ter alguém com quem conversar, desafogar as dores da alma!... - e o pranto sacode-a, violentamente.

Era madrugada alta, e *Gerusa* tinha o corpo moído de tanto andar pelas ruas do porto - o eterno ir e vir -, pelos pontos mais concorridos entre as mulheres da vida. Tinha de disputar os fregueses com as companheiras, numa luta ferrenha, ou nada ganharia para saciar a fome, para comprar algumas roupas novas e, ainda, para pagar o aluguel do quartinho!... Quantas vezes não

sacrificara o pão, em detrimento das roupas e dos calçados?... Tinha de vestir-se bem ou nem lhe notariam a presença... Tinha de comprar maquiagem e perucas novas; tinha de fazer frente às demais mulheres ou acabaria na sarjeta, sem nenhum lugar para morar. Quantas vezes não tivera de forjar um lânguido sorriso aos lábios, fingindo desejos e voluptuosidade, enquanto o estômago judiava-a, enormemente, reclamando alimento?... Não há pior martírio que a fome...

Naquela madrugada, *Gerusa* encontrava-se, particularmente, muito triste e cheia de quebranto. Depois da morte da amiga, a jovem prostituta vinha, amiúde, pensando sobre a fragilidade da vida que levava, no meio de toda aquela violência que tinha de enfrentar, todas as noites, para sobreviver. Com imenso pesar, lembra as surras brutais que já houvera levado de homens embriagados!... Quantas vezes não fora socorrida por *Madalena* que, encontrando-a caída pelas ruas, grandemente ferida por sovas bestiais que levava, a valorosa companheira, arrebanhando forças, sabe-se lá onde, literalmente, arrastara-a para o quartinho de ambas e lhe pensara os horripilantes talhos abertos nos lábios e os medonhos hematomas a lhe desfigurarem, enormemente, a face?... E, ela, *Gerusa*, tantas vezes, não fizera o mesmo à amiga que, comumente, sofria os mesmos tipos de agressões?... Acaso não sofriam todas elas?... Todas as mulheres que mercadejavam o corpo pelas ruas do porto não apanhavam, não eram mutiladas, não eram bárbara e friamente assassinadas pelos seus fregueses?... E a justiça?... Quem é que as defendia desses covardes ataques?... Ninguém. Indesejáveis criaturas, sim, eram, e o que todas as pessoas, invariavelmente, consideravam-nas - o opróbrio extremo, o lixo nefando, a escória da sociedade!... Algumas das meretrizes mais bem sucedidas tinham a proteção de um ou de outro cáften, que agiam mais por interesse de explorar-lhes o serviço que, propriamente, pelo senso humanitário de guardar-lhes a vida. *Gerusa* emite uma sucessão de longos e profundos suspiros, suspiros de mágoa, de tristeza, de desamparo e

de solidão... Sentia-se cansada do mundo. Valeria a pena viver assim?... De repente, sente inveja de *Madalena*.

- Deves estar feliz, aí em cima, ao lado de Nosso Senhor!... - murmura a jovem, altamente consternada. - E eu... - tartamudeia, enquanto as lágrimas voltam a brotar-lhe aos olhos, em profusão. - Ao passo que eu... - e os soluços sacodem-na, violentamente.

Por longo tempo, *Gerusa* chorou. Mas, finalmente vencida pela exaustão e pela grande prostração que dela se assenhoreara, acaba por adormecer.

Quase amanhecia, quando *Gerusa* desperta, tocada por estranha luminescência a formar-se no exíguo espaço do quartinho que habitava. A princípio, a forte sonolência fê-la piscar os olhos para acomodá-los à pouca luz reinante. E, depois de premer, fortemente, as pálpebras, por algumas vezes, toma-se de intenso sobressalto. Quis gritar, quis deixar a cama e correr, mas se sentiu paralisada de tanto terror: ali, diante dela, como de névoa translúcida, estava ela, a antiga companheira de quarto!

- *Ma... dá!...* - tartamudeia *Gerusa*, entre atônita e estarrecida pelo que via.

O espectro olhava, fixamente, para a jovem meretriz que, diante do inusitado acontecimento, não sabia se estava acordada ou se ainda dormia. Oh, era demais e muito estranho aquilo!... Por certo, ainda sonhava!... Aterrada, *Gerusa* quis gritar, pedir socorro, mas o Espírito olhava-a com tal intensidade, havia tanta súplica em seu olhar, que a mocinha, mesmo apavorada ao extremo, deixou-se levar pela curiosidade: era *Madalena*, sua amiga!... Sim, reconhecia-a, apesar da fluidez de sua imagem. Deus do céu!... Que mistério assombroso seria aquele?... Aos poucos, entretanto, o terror inicial foi dissipando-se, e a intensa alegria de rever a amiga tornou-se maior que o medo.

- *Madá?...* - arrisca uma pergunta tímida. - És tu, realmente?... O Espírito aproxima-se um pouco mais, e *Gerusa* pôde notar-lhe,

vividamente, as feições. *Madalena* exibia o medonho rasgão ao peito, ainda téticamente aberto e a vazar sangue; as roupas, trazia-as totalmente esfarrapadas, ensangüentadas e sujas de lama, e tinha o rosto transfigurado, altamente desgrenhado, transido de intensa dor; dir-se-ia que a antiga prostituta achava-se, mesmo, perdida, sem ter noção da real condição em que se encontrava.¹ Permanecia com os olhos fixos na antiga companheira, e a sua face deixava transparecer intenso desespero, quase às raias da loucura. Tentou falar, mas, apesar do excessivo esforço, as palavras não lhe saíam.

- Que te fizeram, *Madá?!...* - murmura *Gerusa*, de repente, com os olhos borbulhando de lágrimas. - Oh, meu Deus!... Em que lastimável estado te encontras!...

O espectro adianta-se um pouco mais em direção de *Gerusa*, que lhe estende os braços, como a desejar abraçar a velha companheira de infortúnios. Entretanto, o gesto de carinho que demonstrava a amiga, pareceu exacerbar, ainda mais, o desespero de *Madalena*. Grossas lágrimas brotam-lhe, também, dos olhos altamente estatelados pelo espanto e pelo terror.

- Meu Deus!... - exclama *Gerusa*, olhando, fixamente, para os olhos da amiga. - Coragem!... Sei que desejas dizer-me algo!... Vai lá, meu bem, dize-o!... Quem te fez tal maldade?...

O Espírito, então, aproxima-se e, quase colando seu níveo rosto espectral ao da adorada companheira, murmura, com dificuldade extrema; era, mesmo, um sopro mínimo:

- *Anjinho...*

- Que dizes, *Madá?!....* - espanta-se a outra. - Não é possível!... No dia em que te mataram, *João Manuel* encontrava-se comigo, durante todo o tempo em que estiveste fora!... Não, *Madá\...* Não pode ter sido ele!... Tu te enganas!...

1. Comumente, espíritos que desencarnam por meio de processos violentos, como assassinato, acidente ou suicídio, acham-se, temporariamente, perdidos e costumam vagar pelos arredores do local onde foram mortos - consequência de ainda não terem tomado consciência da nova situação em que se encontram.

O fantasma ia prosseguir, mas desvanece no ar, como uma nuvem de fumaça.

- Oh, não te vás, ainda, *Madál...* - grita *Gerusa*, tentando abraçar-se ao Espírito.

Desolada, a jovem meretriz percebe que nada mais havia na escuridão que voltava a reinar no quarto. Ainda grandemente chocada com o que acabava de vivenciar, tateia a minúscula mesinha de cabeceira e consegue encontrar a lixa e a pederneira e, petiscando a pedra, consegue acender um toco de vela que se prendia ao gargalo de uma botelha vazia. Fraca luminosidade instaura-se no misérrimo quarto. *Gerusa* olha em derredor, ainda carregada de espanto. Meu Deus!... Como seria possível aquilo?... *Madalena* havia morrido, sim, com toda a certeza!... Não a tinha encontrado toda ensangüentada, caída no meio de uma poça de sangue e de lama?... Não houvera, até mesmo, presenciado recolherem-lhe o corpo hirto e gelado, para sepultarem-no na vala comum?... E, no entanto, vira-a, ali, instantes antes, e não lhe parecera estar nada morta!... De repente, lembra-se do que tentara dizer-lhe a amiga. *An-jinhol...* Não, decididamente, o rapaz nada tivera a ver com o assassinato de *Madalena*. Entretanto, o que lhe desejaria dizer a morta?... Será que *João Manuel*, mesmo indiretamente, tinha algo a ver com aquele assassinato?... Sentada sobre a cama e com o queixo apoiado sobre os joelhos recolhidos, *Gerusa* matutava e não conseguia atinar com o que lhe quisera dizer a amiga assassinada que, mesmo estando no outro lado da vida, viera vê-la. Deus do céu!... Como seria possível aquilo?!... A jovem prostituta ainda se encontrava grandemente chocada com o inusitado acontecimento. Insistentemente, olhava para a pequena janela, em busca dos sinais da claridade do dia que, em breve, por certo, estaria nascendo. E ficou ali, recostada no leito, pensando, enquanto aguardava o amanhecer, pois não conseguiria, estando em tal estado de excitação, voltar a conciliar o sono. Por fim, constata que amanhecia, quando fraca luminosidade, paulatinamente, foi coalhando-se pelos interstícios da pequena janela. De um salto,

Gerusa deixa o leito e, apanhando velha e enferrujada jarra de latão, despeja água numa bacia que se encontrava em não melhor estado que a jarra e, mergulhando as mãos no líquido gelado, lava, insistentemente, o rosto, altamente emurchecido pelas longas horas de vigília. Depois, olha-se num pequenino espelho oval, que sempre carregava consigo, na surrada bolsinha vermelha de croché, para retocar a maquiagem.

- Estou um horror!... - murmura para si, enquanto estudava, minuciosamente, sua descorada imagem refletida no velhusco espelhinho já embaçado e com o aço largamente carcomido nas extremidades.

Não se demora muito, olhando-se ao espelho e, decidida, põe-se a se vestir. E, em pouquíssimo tempo, fechava a porta do quartinho, atrás de si. Estava com pressa. Ia correr as ruas, para ver se achava *João Manuel*. Sabia que não lhe seria difícil encontrar o rapaz que, certamente, estaria nalguma das inúmeras bodegas do porto, sentado ao lado de uma mesa, espoliando, nos dados, o suado dinheirinho dalgum marinheiro imbecil e embriagado...

Gerusa ganha a rua, e poucos transeuntes caminhavam pela manhã ainda sonolenta. E, depois de olhar, ligeiramente, para ambas as direções, a moça decide-se e se põe a andar apressada. Eram muitos os lugares aonde teria de ir. Ser-lhe-ia necessário caminhar bastante, porém precisava, urgentemente, contar aquela extraordinária novidade a *João Manuel*.

Entretanto, a pobre *Gerusa* nem poderia supor que, dificilmente, encontraria o rapaz, pois, naquele exato momento, ele se acordava e acabava de abrir um par de olhos sonolentos que sondavam um ambiente mergulhado em leve penumbra. *João Manuel* corria os olhos e estudava o local. Como costumava dormir em lugares variados, tinha de descobrir, a cada manhã, onde é que passara a noite. Reconhece aquele, de imediato. Tratava-se de dormitório bem amplo, com alta janela, guardada por riquíssimo cortinado de rendas finas e com os caixilhos bem ajustados, pois deixavam coar pouquíssima luz da manhã nascente. O teto, forrado de gesso

branco; o rico lustre de pingentes de cristal; as paredes revestidas de seda azul-clara; os quadros a óleo, com as largas molduras douradas; duas poltronas de veludo vermelho; os fofos tapetes do Oriente; o mobiliário de madeira de lei, ricamente lavrada... Desmedidos luxo e requinte que contrastavam, enormemente, com suas humildes roupas a espalharem-se todas, negligentemente, pelo chão de rutilante mármore travertino. Depois de, minuciosamente, estudar e reconhecer o ambiente onde se encontrava, o jovem volve a cabeça e divisa a nuca da mulher que lhe dormia ao lado, no amplo leito; seus cabelos pretos e lisos desmanchavam-se e se espalhavam como pequena túnica de rutilante veludo negro a lhe cobrir as costas nuas. *João Manuel* fita, demoradamente, a profusão de cabelos sedosos e levanta a mão para acariciá-los, mas se detém: ela ressonava tão profundamente que seria um sacrilégio despertá-la. Então, muito devagar, sem pressa, e sem fazer o mínimo ruído, para não acordá-la, ele deixa o leito e se encaminha para a janela. Afasta as cortinas de renda, corre o ferrolho e abre a janela. Uma catadupa de luz dourada invade o quarto. A mulher, fustigada pela intensa claridade do sol nascente, emite ligeiro gemido de contrariedade e, abrindo os olhos, pisca-os, por instantes e, depois de acomodá-los à forte luminosidade, ergue a cabeça e sorri.

- Oh, estás aí, meu Adônis?... - diz ela, deslumbrando-se com a beleza do jovem que, nimbado pela resplendente luz matinal, sorria-lhe, totalmente nu, com as mãos espalmadas aos flancos bem torneados e luzidios. - Vem... - convida-o, abrindo os braços.

O rapaz encaminha-se para o leito e se senta ao lado da mulher. Toma-a nos fortíssimos braços e a beija, a princípio, languidamente, mas, depois, semelhantemente ao fogo que se ateia ao combustível, explodem ambos em louca paixão, e se esmagam os lábios, com fúria bestial, enquanto se arranham os dorsos nus com as unhas.

- Oh, sufocas-me, *Anjinho!*... - exclama ela, por fim, sem ar. - Tu és, sem dúvida, um furacão!...

- Vais dizer-me que não gostas? - observa ele, brincalhão.

- E como gosto! - exclama ela, com as faces enrubescidas pela excessiva paixão. E prossegue, atraindo-o para si, no leito: - Não existe homem, em toda a Lisboa, como tu, meu tesoiro!... Não queres repetir a dose da noite passada?...

O rapaz olha-a com olhos zombeteiros e se põe a beijá-la, freneticamente. Algum tempo depois, conversavam, deitados lado a lado.

- Por onde anda o teu marido, *Manuela*? - pergunta o rapaz, com laivos de cinismo à voz.

- Oh, por aí!... - responde ela, contrariada. - Por que é que sempre tens de perguntar por ele?... Queres me deixar com culpas à consciência, é?

- Não, não é este o caso - responde ele, tomando-lhe a mão e a beijando por diversas vezes. E prossegue, abrindo ligeiro sorriso, cheio de marotagem, como lhe era peculiar: - Não te quis magoar ou ofender!... Apenas, acautelo-me, minha cara!...

- E, para que tanta precaução? - pergunta ela, olhando-o de soslaio, com um par de imensos e brilhantes olhos negros, ligeiramente amendoados.

- Sabes como é, minha cara - responde ele -, nunca se sabe qual será a reação de um marido traído!...

- *Afonso* matar-te-á, impiedosamente, como a um cão hidrófobo, se, um dia, pilhar-te, assim refestelado em seu leito, como agora te encontras, meu querido!... E, ainda mais, a lhe furtares, ousadamente, os amores da esposa!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... - explode a jovem mulher, numa despudorada gargalhada.

- Não te entendo, *Manuela* - diz o rapaz, de repente, olhando-a, sério. - És uma mulher jovem, belíssima e rica; levas uma vida de princesa; tens um marido, também jovem, rico e bonito!... Entretanto, vives a traí-lo, até mesmo, com todos os estivadores do cais do porto!... Por que fazes isso?...

- Traio *Afonso*, sim!... - explode ela, levantando-se, abruptamente, da cama e, caminhando totalmente nua pelo quarto, prossegue,

enchendo-se de raiva: - Traio-o, sim, e, com bastante vontade e prazer, porque ele só pensa em dinheiro!

- Mas, não é para a tua comodidade e conforto que teu marido vive a trabalhar como um mouro?... - pergunta o rapaz, enquanto se admirava de quanto *Manuela* era exuberantemente bela, assim, expondo-lhe sua nudez plena e sem demonstrar pejo algum.

- Para minha comodidade e conforto?... - diz ela, abrindo um sorriso de mofa. - Ao passar desses poucos anos de casados, meu marido revela-se, cada vez mais, um desmedido ambicioso, isso sim!... Sempre fomos ricos, ele e eu!... Herdei descomunal fortuna de meu pai; imenso cabedal que aquele desmedido ambicioso, bem depressa, tratou de juntar ao seu, tornando-o, dessa forma, incalculável!... Temos tanto ouro que, se passássemos o resto das nossas vidas, somente a gastá-lo, teríamos de viver por mil anos!... Se *Afonso* realmente me amasse - prossegue ela, sentando-se numa das poltronas de veludo vermelho -, não viveria a viajar pelo mundo, a fazer mirabolantes negócios, deixando-me aqui, sozinha, a arder-me de desejos!... Vê, meu querido, tu te preocupas em saber onde é que ele está, se nem mesmo eu o sei!... Deixou-me, faz já quarenta dias, a dizer-me que ia à Holanda e até agora não regressou!... Não sei se, efetivamente, encontra-se vivo ou morto!...

- Se ele age assim, a deixar-te só, e não sabes aonde realmente foi e nem quando regressará, pior ainda se tomam as coisas! - exclama o rapaz. - E, se retornar de noite, a pilhar-te nos braços de outro homem?

- Que desejos que eu faça, *Anjinho!* - responde ela, agora se levantando e, encaminhando-se para rico aparador, apanha uma botelha e enche duas taças de excelente vinho tinto. Depois, voltando, convida o rapaz: - Anda, preguiçoso, levanta-te daí e vem beber comigo!...

- Não temes, realmente, ser surpreendida por teu marido em flagrante adultério?... - insiste o rapaz, ainda cheio de preocupações. -

Sabes que, pela lei, ele poderá matar-te e ao infeliz que pilhar contigo!

- Quero ver se terá coragem, *Anjinho!*... - responde ela, encarando-o com o rosto altivo. - Se me matar, terá todo o clã dos *Flores e Martins* atrás de si, a vingar-me a morte!... Ele que se atreva!...

João Manuel resume-se a olhá-la, espantadíssimo. *Manuela* era realmente uma mulher forte. Forte e fascinante.

- E isso, naturalmente, estende-se a ti e a qualquer um outro que ousar levantar a mão contra mim, meu caro... - diz ela, cutucando-o, desafiadoramente, com a ponta do pé.

- Oh, nem de longe faria qualquer coisa a ti, minha querida!... - exclama o rapaz, beijando-lhe, apaixonadamente, o peito do pé branco e delicado.

- Entretanto, outro dia, tu e *Frederico Melgaço* andastes a fazer escândalos pelas ruas!... - diz ela, agora, olhando-o firme nos olhos.

- Não gostei nada do que fizestes!... Não desejo ver meu nome na boca dos cães da rua!... Por que é que brigastes, tu e ele?

- Oh, brigávamos por tua causa, minha deusa!... - exclama *João Manuel*, arrojando-se aos pés de *Manuela*. - Na taverna de *Leôncio Vieira*, bêbado e diante de uma platéia pejada de idiotas como ele mesmo, o infame *Frederico* tripudiava sobre ti, gabando-se ser ele o teu preferido!

- Ah, o miserável anda a lançar meu nome na lama, é? - indigna-se a mulher. - Ele que me aguarde!...

- *Frederico* não vale nada, *Manuela!*... - prossegue o rapaz, fitando-a no rosto. - Não consigo atinar por que é que tu ainda te relacionas com ele!...

- *Frederico* é um belo exemplar de macho, como tu!... - diz ela, cínica, para fazer-lhe ciúme. - Nada mais que isso!... E eu posso comprar tantos quantos belos rapagões eu desejar!...

- Mas, *Frederico* é rico!... - diz o rapaz. - Não entendo por que, então, vende-se a ti!...

- Rico é o pai dele!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... - responde a mulher, rindo-se. E prossegue, cheia de escárnio: - E o velho açougueiro é o pior sovina que já conheci em toda a minha vida!... O filho vive a mendigar por aí, sempre sem um vintém à mão!... Na realidade, *Frederico* não é muito diferente de ti, que és pobre de fazer dó!...

- Defendi-te dele!... - exclama *João Manuel*, altamente ofendido.

- E é assim que reconheces?

- Ora essa!... - diz ela, erguendo-se da poltrona e caminhando até a janela aberta. E, depois de espiar, atentamente, lá fora, volta-se e prossegue: - Não pedi para que me defendesses!... Além do mais, não quero ver meu nome na boca de... de... - e se cala, pois o que pretendia dizer ofenderia, grandemente, o rapaz.

- Na boca de quê, *Manuela!*... - insiste ele.

- Nada, não, *Anjinho!*... - responde, ríspida, ela e, apanhando um riquíssimo roupão de seda, cobre-se, e se põe a mirar-se em imenso espelho de elegante toucador, repleto de uma enormidade de potinhos de cerâmica de cores diversas e de frascos de ouro, de prata, de latão polido e de alabastro, que brilhavam, contendo líquidos de variadas colorações. E, mudando, drasticamente, de humor, prossegue grosseira:

- Agora, veste-te e dá o fora daqui!...

O rapaz, altamente magoado, principia a apanhar suas roupas que se achavam todas espalhadas, desleixadamente, pelo aposento e, depois de vestir-se, aproxima-se para beijá-la, por trás, no alto da cabeça. *Manuela*, sem tirar os olhos do minucioso exame que fazia do próprio rosto, refletido no descomunal espelho, resume-se a levantar os olhos e a olhar para a imagem dele, que se lhe projetava atrás.

- Apanha o teu dinheiro que está no lugar de sempre - diz ela, secamente.

Após recolher o seu pagamento da gaveta de pequeno móvel e de guardá-lo no bolso do surrado casaco, *João Manuel* permanece parado a dois passos, atrás dela. *Manuela*, agora, com a ponta dos

dedos, fazia fortes e rápidos movimentos circulares ao rosto untado de creme, o qual ia desaparecendo, à medida que a pele branca absorvia-o.

- Ainda estás aí? - pergunta a mulher, de repente levantando os olhos e o percebendo, estático, atrás de si. E prossegue, demonstrando enfado: - Já não te disse para sumires daqui?...

- Já me vou... - diz ele, baixando os olhos. - E, quando me queres de volta?

- Quando precisar de ti, mando *Inácia* em teu encalço!... - responde ela, altamente irritada. - Não tem sido sempre assim?... E, por favor, peço-te!... Sai pela janela e desce pela parede, agarrando-te à hera!... Não te quero ver andando pela casa, para bisbilhotice da criadagem!...

- Não te preocupas, se me despencar lá embaixo e quebrar o pescoço?... - pergunta ele, tentando fazê-la mudar o humor ácido.

- Nem um pouco!... - responde ela, sem tirar os olhos do espelho. - Quando aqui vieste, pela primeira vez, à cata de meus favores, não escalaste as paredes, agarrando-te às pedras e à hera, como um camaleão, sem a mínima preocupação se ias ou não cair?... Tu escolheste a tua trilha!... Agora, volta por ela e não me apoquentes mais os miolos!...

O rapaz sai, altamente magoado com as palavras da amante, e, de um salto, pendura-se, perigosamente, ao peitoril da janela. *Manuela* segue-o, com o canto dos olhos, e, vendo-o desaparecer na arriscada descida, ri-se, meneando a cabeça. "*Que gente, meu Deus!...*" , pensa, com um sorriso aos lábios. "*Que deliciosa gente...*" e prossegue a meticulosa toalete, tentando ajeitar uma teimosa mecha de cabelo que lhe caía, desgraciosamente, à testa.

Na tépida tarde de primavera, acobertados pelos ramos de frondoso salgueiro, *Teresa Cristina* e *João Miguel* achavam-se sentados sobre a relva verdejante do campo. Ao lado, cantante riacho de águas frescas e cristalinas corria célere, coleando sobre seu limoso leito de pedras.

- Vamos, muda essa tristeza que te embota o olhar, queridinha!... - exclama o rapaz, tomando, delicadamente, o queixo da mocinha com a ponta dos dedos. - Não ficas nada bem, assim!...

- Oh, como posso ficar feliz, se papai trama a minha desdita? - responde ela, com os olhos carregados de dor.

- Muito antes de te casares com o asqueroso *Vasco*, eu o matarei, minha querida! - exclama ele, com estranha expressão ao rosto. - Prometo-te e, se preciso for, mato, também, o teu pai e qualquer um que se interpuser entre nós!

- Tenho medo de ti, quando dizes tais coisas, *João Miguel!*... - exclama a mocinha, aninhando-se nos braços do rapaz. - Serias mesmo capaz de matar *Vasco* e papai?

- Se, de fato, conhecesses-me, saberias que não costumo lançar minhas palavras ao vento!... - diz ele, afastando-a de si e a olhando firme nos olhos. - Que se atrevam e verão do que sou capaz!...

- Mas, não estou habituada a tais procedimentos!... - diz ela, altamente preocupada com as reações do rapaz. - Se matares ambos, por certo, a justiça caçar-te-á aonde quer que fores!... Não pensaste nisso?... Acaso esqueces que papai é membro do Conselho de Estado e que *Vasco* é um dos cidadãos mais proeminentes de Lisboa?... Além do mais, não quero que mates papai!... Apesar de tudo, amo-o, ouviste bem?

- Não me importo nem um pouco com o que sejam!... Matá-los-ia, mesmo que um fosse o rei, e o outro, o primeiro-ministro! - responde o rapaz, altamente irritado. - E, se amas mais a teu pai que a mim, não és digna do meu amor!...

- Ah, *João Miguel!*... - responde ela, censurando-o. - Não entendes que amor filial é diferente?... Acaso não amas teu pai?

O rapaz ia dizer que não sentia nada pelo pai, que o pai sempre lhe estivera ausente, fechado em si mesmo, mas se contém.

- Sei, sim, que o amor filial é diferente - responde ele, fitando o nada. - Mas, esqueces-te que tentam separar-nos!... E quem tenta fazer isso?... Exatamente o teu pai!...

- Foge comigo, *João Manuel!*... Fugamos para o Brasil!... - suplica ela, tomando-lhe a mão e a apertando forte. - Fugamos, antes que se faça tarde!

- Já te disse que não tenho nenhuma vocação para lugares exóticos e distantes, como o são as colônias de ultramar! - responde ele, secamente. - Gosto do luxo e do requinte da corte!... Que me adianta ser jovem, rico, ter muito dinheiro e ter de viver no meio de cobras e de antropófagos?... Não, minha cara, isso, decididamente, não faz o meu gênero!...

- Se não queres ir para tão longe, poderemos fugir para a França ou para a Inglaterra!... - sugere ela. - A Europa é grande, e ninguém nos encontrará!

- Sou português e desejo morar em meu país!... - diz ele, categórico.

- Jamais moldarei meu caráter segundo as vontades de outrem!... Sempre farei o que eu desejar!... Ninguém se oporá aos meus desígnios, sob pena de pagar com a própria vida!... Sequer meu pai dá-me ordens, quanto mais tu ou qualquer um outro! - arremata ele, furioso, levantando-se.

- Vem, senta-te aqui!... - diz ela, abraçando-se às pernas dele. - Vamos conversar!...

- Por que não enfrentas o teu pai, *Tininha!*... - pergunta ele, firme, ajoelhando-se ao lado dela. - Lança-lhe ao rosto que não és nenhum fardo de peixe salgado, para que ele te negocie assim!... E a tua vontade nada conta?...

- Mamãe prometeu ajudar-nos, querido! - responde ela, baixando os olhos. - Tenhamos paciência!

- Que poderá fazer sozinha a tua mãe, contra a vontade do teu pai?

- diz ele, com a voz carregada de ironia. - Apesar de imbuída de bons propósitos, não vejo como ela poderá ajudar-nos, além de somente conseguir indispor-se com o idiota do teu pai!... - e completa, resoluta:

- Sinto muito, queridinha, mas a solução será que enfrentemos o teu pai, eu e tu, juntos!

- Se conhecesses papai... - diz ela, com os olhos rasos de pranto. O rapaz olha para a jovem namorada e se entenece.

- Oh, não chores, querida! - diz ele, enxugando-lhe as lágrimas com a ponta dos dedos. - Prometo-te que arrançaremos uma solução!... Que não te casarás com aquele monstrengo do teu primo, eu te garanto!... Confia em mim!...

Teresa Cristina emite longo e profundo suspiro e se aninha nos braços do rapaz. Carinhosamente, ele lhe beija o alto da cabeça e lhe sente o suave perfume dos cabelos castanho-claros, caprichosamente arranjados em duas grossas tranças, a perpassarem-lhe, graciosamente, a nuca, presas com dois grandes grampos de ouro maciço.

- *João Miguel*... - murmura ela, fortemente enlaçada pelos braços dele.

- O que é?...

- Promete-me que não matarás papai...

Ele se resume a afastá-la de si e a encará-la com olhos estranhos, nos quais a esclerótica muito branca contrastava, enormemente, com a íris negra como o azeviche. Expressão estranha e brilho estranho estampavam-se nos olhos de *João Miguel*. Ele nada disse. Apenas fitou-a, firme, nos olhos, e, então, um intenso calafrio percorreu o corpo da jovenzinha, de alto a baixo, e ela sentiu um grande medo dele.

Neste ínterim, eles nada perceberam, mas, a poucos passos de onde ambos se encontravam, um tufo de capim mexeu-se, quase que imperceptivelmente, e um par de olhos bisbilhoteiros passou a estudar, minuciosamente, o casalzinho que, agora, beijava-se, apaixonadamente, aos lábios.

- Sua Excelência precisa saber disso!... - murmura o homem que se acorava atrás do tufo de capim. - Ah, se precisa!...

E, com expressiva satisfação estampada ao rosto, o homem continua, por um pouco mais, sondando o que faziam *João Miguel* e *Teresa Cristina*, parcialmente encobertos pelo cortinado dos

balançantes ramos verde-escuros do salgueiro. Depois, pé ante pé, o coscuvilheiro levanta-se e sai apressado. Tinha importantes revelações a fazer para seu patrão, o *Marquês das Alfarrobeiras...*

Capítulo 5

Uma estada em Lisboa

Depois que deixara a casa de *Manuela*, *João Manuel* caminhava sem pressa, pela alameda sombreada de alfarrobeiras que floresciam em estonteante profusão de pencas amarelo-ouro, a penderem dos esgalhos novos, que brotavam com todo o vigor da primavera nascente. Tinha o coração um pouco amarrotado pela indelicadeza da amante, despedindo-o daquela forma. Embora de natureza humilde e analfabeto, era um rapaz romântico e, no fundo, bastante sensível. *Manuela* sempre o maltratava e o mandava embora, cheia de grosserias. As vezes, ele tinha vontade de mandá-la às favas, de não mais aceder aos seus convites libidinosos, porém o dinheiro que ela lhe dava era bem-vindo e necessário à sua subsistência. O pouco que, habitualmente, conseguia arrancar dos ingênuos marinheiros, nos jogos de cartas e de dados, nem de longe, suprir-lhe-ia as necessidades mais prementes. Na realidade, sequer um cantinho só dele, *João Manuel* possuía; desde que crescera e o expulsaram do orfanato, vivia nas ruas. Quando possível, dormia com as mulheres da vida; quando não, ajeitava-se num canto qualquer, à mercê das intempéries. Sua vida tinha sido assim, livre, sem qualquer compromisso com o trabalho sério, a vadiar pelas ruas e a beber nas tavernas do porto. Não havia caminhado muito, descendo a ladeira em direção do cais, e já se havia esquecido de *Manuela* e das

palavras azedas que ela lhe dirigira. Linda manhã de primavera surgia, no meio das flores e do trinado dos pássaros, e ele estava vivo!... Para que ficar pensando em *Manuela* e nas grosserias que ela lhe havia falado?... Ela que se danasse!... Não o queria somente quando se sentia só?... Então, para que ficar pensando nela?... O estômago começou a roncar, exigindo alimento, e *João Manuel* acariciou o dobrão de ouro no bolso do casaco surrado. "*Toca ao Velho Timoneiro!...*", pensa, com um sorriso aos lábios. "*A esta hora, o cozido de Mestre Branquinho já deve estar quase pronto!...*", e apressa os passos, quase a correr, como um moleque...

Pouco depois, encontrava-se sentado ao lado de tosca mesa de madeira, que exalava um odor azedo de vinho e de cerveja ali constantemente derramados, além de encontrar-se grandemente escurecida pelo acúmulo de sujidade. O estalajadeiro acabava de depor, diante dele, uma caldeireta de chope, a vazar borbulhante espuma pelas bordas, mais o prato de fumegante guisado de miúdos de porco e metade de um pão preto.

- Bom proveito, *Anjinho!...* - exclama o velho bodegueiro, limpando as mãos no avental encardido e abrindo largo sorriso de alguns poucos dentes enegrecidos e carcomidos pela cárie.

O rapaz aspira o perfume da comida que vaporava e, apanhando o grande copo de estanho, sorve longo trago da bebida espumante. Ia principiar a comer quando, de soslaio, divisa *Gerusa* que, descobrindo-o sentado na bodega, adentra, rapidamente, e se põe diante dele.

- Oh, finalmente te encontro!... - exclama ela, esbaforida. - Procurei-te por toda a manhã!... Onde é que te meteste, *Anjinho!*

- Por aí - responde ele, sem muita vontade de dizer à amiga onde é que realmente estivera pelas últimas horas. E, prossegue, mostrando-se altamente gentil, como era de seu feitio: - Mas, senta-te e come comigo!... Pálida como estás, deve fazer, no mínimo, um mês, que não te alimentas direito, não é?

- Pelo que estás a comer, deves encontrar-te montado no ouro!... - exclama ela, satisfeita, olhando para o prato do rapaz. Depois, sem demonstrar qualquer cerimônia, senta-se à mesa.

- Ora! - responde ele. E mente: - Ganhei uns trocados a mais nos dados, esta noite!... Nada, além disso!

Solicitado, *Mestre Branquinho* traz outro prato igualzinho ao que *João Manuel* comia e o depõe diante de *Gerusa*.

- *Anjinho* - diz a jovem prostituta, enquanto ambos comiam com apetite voraz -, tenho algo muito estranho a dizer-te.

O rapaz limita-se apenas a levantar os olhos do prato e a fitá-la, cheio de interesse. *Gerusa* olha para os lados e diz baixinho, quase num sussurro:

- Esta noite *Madalena* veio ver-me!

- O quê?!... - exclama o rapaz, engasgando-se com um pedaço de porco que mastigava, enquanto ouvia a amiga. - Deves ter perdido o juízo!... - diz ele, lutando para livrar-se do acesso de tosse que o acometera.

- Esqueces que *Madalena* foi assassinada?... Tu mesma lhe descobriste o corpo!... Bebeste, logo de manhã, ou estás a caducar antes da hora?...

- Não!... - diz ela e, fazendo gestos com a mão, incita-o a baixar a voz. - Ouve-me, primeiro!... - e passa a narrar-lhe o inusitado encontro com a antiga companheira assassinada.

- Que coisa estás a dizer-me, *Gerusa*!... - exclama o rapaz, altamente impressionado. - e, empurrando o prato, prossegue: - Fizeste-me perder o apetite!... Mas, com que propósito *Madá* citou-te o meu nome?... Tu mesma és testemunha de que eu estive o tempo todo contigo, naquela manhã!...

- Sim!... - responde *Gerusa*. - Eu o disse a ela!... Entretanto, desvaneceu-se no ar como fumaça, sem que eu pudesse saber mais!...

- Que terei eu a ver com isso, *Gerusa*! - pergunta o rapaz, altamente impressionado com o fato. - E, por outro lado, para que o fantasma

de *Madalena* tenha vindo do outro lado da morte para ver-te e falar de mim, deve haver algum motivo muito sério embutido nisso tudo, não achas?

- É o que penso, *Anjinho!*... - responde a moça, olhando-o nos olhos.

- Que achas que devemos fazer?

- Não sei, *Gerusa!*... - diz ele, entre pensativo e ainda chocado com a notícia. E, depois de meditar, por instantes, em silêncio, prossegue: - E se perguntássemos a *Dom Eusébio!*

- Não sei... Achas que nos receberá? - pergunta *Gerusa*, receosa.

- Ele é tão ocupado!...

- A mim, ele receberá, com toda a certeza!... - responde o rapaz, animando-se. E, como lembrar da pessoa que lhe fora tão importante, um dia, trouxesse-lhe, também, gratas recordações, continua, com intenso brilho no olhar: - *Dom Eusébio* vinha visitar-nos, sempre, quando eu estava no orfanato!... E, pelo Natal, trazia-nos nozes e caramelos!... E nos punha, um a um, sobre os joelhos e sempre nos contava a história do nascimento do Menino Jesus!...

Algum tempo depois, *João Manuel* e *Gerusa* detinham-se diante do alto e robusto gradil de ferro escuro do portão da mansão episcopal e sondavam com olhos apreensivos a imponente e venerável construção medieval.

- Achas, mesmo, que *Dom Eusébio* lembrar-se-á de ti, *Anjinho!*... _ pergunta a jovem prostituta, temerosa. - E, quanto a mim, não será melhor que te aguarde por aqui?... Bem sabes que os padres não costumam tolerar pessoas como eu...

_ *Dom Eusébio* não dá importância a essas coisas, não!... - exclama o rapaz, puxando-a pela mão. - Vem!... Quero que o conheças de perto!...

Resoluto, *João Manuel* puxa o cordel da sineta e, enquanto aguardavam, *Gerusa* cochicha-lhe:

- És mesmo um doudo!... Quanto tempo faz que não vês *Dom Eusébio!*...

- Não nos vemos desde quando deixei o orfanato - responde o rapaz.

- E quando foi isso?... - pergunta ela, notadamente preocupada.

- Acho que faz uns cinco anos - responde ele, tomado de intensa ansiedade.

- Verás: seremos escorraçados daqui como cães hidrófobos!... - diz ela, nervosa. - Depois não venhas dizer-me que não te avisei!... Melhor é irmo-nos daqui antes que seja tarde!...

- Não sejas tonta, *Gerusal*... - exclama ele. E, pondo o indicador aos lábios, diz: - Ssssh!... Cala-te que alguém se aproxima!

De fato, um padre gigantesco, arrastando, pesadamente, os pés, aproxima-se do alto gradil e pergunta:

- Que desejais?

- Queremos falar a *Dom Eusébio* - diz *João Manuel*.

- A quem devo anunciar? - pergunta o religioso, olhando os dois jovens, demoradamente, de alto a baixo, inexpressivamente, com um par de olhos baços, que pareciam, a muito custo, sustentar abertas as flácidas bolsas oculares que teimavam em fechar-se, involuntariamente, presas de insistente sonolência.

Feita a identificação, o padre volta-se para dentro e, depois de uns bons vinte minutos, retorna vagaroso, sem pressa, empunhando grande chave de ferro à mão.

- Fazei o favor de entrar - diz ele, com voz canónica, após abrir, sem indício de ter despendido qualquer esforço, o pesadíssimo portão de ferro maciço. - Sua Excelência aguarda-vos na biblioteca.

João Manuel e *Gerusa* seguem o religioso, que lhes ia à frente, gigantesco, balançando-se, ligeiramente, enquanto mudava seus pesados passos elephantinos, através de infinitos corredores, até estacarem diante de robusta porta de carvalho escuro. O padre corpulento bate com os punhos e, após aguardar uns poucos segundos, abre a porta.

- Fazei a gentileza - convida ele, sempre inexpressivo, franqueando-lhes a entrada.

O padre sai e fecha, com um pequeno estalido, a pesada porta, atrás de si. A biblioteca era imensa e, num dos cantos, bem próximo de uma das amplas janelas, atrás de uma escrivaninha, sentava-se o bispo. Trajava hábito negro e mantinha a cabeça baixa, enquanto escrevia. No alto do cocuruto, o solidéu, também escuro e forrado de seda vermelha, encaixava-lhe, perfeitamente, sobre a tonsura rósea e brilhante. Depois de instantes, ergue os olhos e, ao fitar as visitas, seu rosto ilumina-se e se abre num amplo sorriso.

- *Anjinho!*... - exclama o bispo, levantando-se e rodeando a escrivaninha.

O rapaz aproxima-se e, dobrando o joelho, beija, respeitosamente, o anel que o prelado estende-lhe. *Gerusa* adianta-se e faz o mesmo. *Dom Eusébio*, em seguida, abraça, longa e demoradamente, o rapaz.

- Quanto tempo, *Anjinho!*... - exclama o bispo. Depois, afastando, delicadamente, o rapaz e, passando a olhá-lo, insistentemente, admira-se:

- Tu te transformaste num rapagão, hein?... Quem diria!... Tão mirradinho que eras no orfanato!... - e, indicando com a mão as poltronas de veludo marrom, faz com que o rapaz e *Gerusa* se sentassem. E, depois de ele também voltar a se ajeitar atrás da escrivaninha, prossegue:

- Mas, dize-me por onde andaste?... Desapareceste de repente...

- Andei por aí, *Dom Eusébio* - responde o rapaz, baixando os olhos e se encolhendo, ligeiramente, na poltrona, como a temer que o bispo descobrisse o que realmente andara fazendo desde então.

O prelado permanece em silêncio, por alguns segundos, passeando os olhos do rapaz para a moça, da moça para o rapaz. Era patente que sabia qual a condição da rapariga, pois lhe estudara, minudentemente, as roupas altamente escandalosas para a época, a peruca ruiva, a maquiagem exagerada... Entretanto, limitara a sorrir-lhe, com a bonomia que lhe era peculiar. E, *Gerusa*, que até então, afundava-se na poltrona, cheia de terror, toda vez que os olhos do bispo varriam-na, literalmente, de alto a baixo, principiava

a relaxar. *Dom Eusébio* tinha os olhos carregados de bondade; certamente, não a destrataria, expulsando-a dali, como se faz a um bicho abjeto, nem mesmo, depois que soubesse quem, de fato, ela era.

- Muito bem, meus queridos!... - diz o bispo, com um sorriso aos lábios. - Que posso fazer por vós?

- Temos algo estranho a relatar-vos, senhor - diz o rapaz, olhando, sério, para o religioso. - E, também, pedir-vos um conselho.

João Manuel passa, então, a narrar, minuciosamente, ao bispo, a estranha aparição que *Gerusa* presenciara na noite anterior e o colóquio incompleto, que mais dúvidas suscitaram na cabeça de ambos. E, enquanto o rapaz falava, *Dom Eusébio* sondava-lhe as feições, agora, já de um homem feito. Lembrava-se muito bem daquele menino, de tempos atrás, quando ele se achava internado no orfanato mantido pela diocese; não sabia por que, mas sempre se intrigara com aquele garotinho que, embora franzino e tímido, era possuidor de aspectos nobres, e cujos traços faciais sempre lhe lembravam alguém, mas por muito que se esforçasse, não conseguia lembrar-se. Agora, entretanto, que o menino havia crescido, tinha o rosto bem-feito, era dono de um olhar tocante e profundo, aquelas estranhas lembranças voltavam a atormentá-lo. Quem aquele rosto lembrava?... Não só o rosto, mas os gestos, o olhar, a voz... O rapaz falava, narrando estranhos acontecimentos que acontecera à mocinha que lhe sentava ao lado. "*Estranhos fatos... Estranhíssimos fatos!...*", pensa *Dom Eusébio*. Quando *João Manuel* termina sua narrativa, o bispo mostrava-se altamente sério. Nada disse a princípio. Levantou-se e, pondo as mãos às costas, principiou a caminhar em círculos pelo espaçoso e rico ambiente da biblioteca, pejado de raríssimas obras de arte e livros, muitos livros, primorosamente encadernados, a exibirem lombadas com caracteres dourados, enfileirados numa profusão de prateleiras de madeira lavrada, a estenderem-se até o teto, recoberto de gesso alvíssimo.

- Moras sozinha, menina? - pergunta *Dom Eusébio*, voltando-se para *Gerusa*, que o seguia com os olhos altamente expectantes.

- Sim, senhor - responde ela, baixando, timidamente, os olhos.

- E não costumavas receber ninguém em tua casa, principalmente, à noite? - continua o bispo.

- Às vezes, senhor - diz a jovem prostituta, agora com o rosto em fogo. Estava morrendo de medo de que o bispo a expulsasse dali.

- Não estou a criticar o que fazes, menina! - diz *Dom Eusébio*, parando diante de *Gerusa* e, delicadamente, tomando-lhe o queixo com a ponta dos dedos, força-a a encará-lo. - Teu destino, deu-to Nosso Senhor, e não compete a mim dizer-te se é certo ou errado!... Aqui não vieste para pedir-me conselhos sobre a tua conduta, mas sobre algo extremamente inusitado que te aconteceu!... E, para que eu te aconselhe sobre isso, primeiro, é necessário que conheça bem as circunstâncias em que o fato aconteceu. E, se afirmas que estavas só e que te apareceu o fantasma da tua antiga companheira, drasticamente assassinada dias atrás, é porque, realmente, ela tem algo a dizer-te, meu bem!... - diz o bispo, agora, voltando a sentar-se à escrivaninha.

- Dizes então ser isso possível, *Dom Eusébio!* - pergunta *João Manuel*.

- Embora a Igreja que represento costume ensinar o contrário, eu o creio, *Anjinho!*... - diz o prelado. - Digo que creio, porque vejo a minha mãe - morta há muitos anos! - que vem, amiúde, conversar comigo!... Por que haveria eu, então, de negar que os mortos podem, eventualmente, retornar das sombras e se avistar conosco?... Que todos neguem tal possibilidade, até mesmo o papa, mas eu não!... Eu os vejo!... Como poderia negar fato assim, que me é tão patente, tão real?

João Manuel e *Gerusa* entreolham-se. Animando-se, convencem-se, com aquela significativa troca de olhar, de que haviam procurado a pessoa certa.

- E, da forma como me discorrestes sobre o acontecimento - prossegue *Dom Eusébio* -, posso afiançar e atestar, com toda a certeza,

que é exatamente assim mesmo que ocorrem essas coisas!... Os mortos vêm, sim, meus queridos - mesmo à revelia de muitos que não desejam que isso jamais aconteça! -, para nos mostrarem, principalmente, que continuam vivos e ainda nos contam, com riqueza de detalhes até, como é o lado de lá!... - e, voltando-se para a jovem prostituta, continua: - E, se tua amiga apareceu-te, é porque tem algo muito importante a dizer-te!

- Mas, por que terá dito apenas uma palavra: *Anjinho!* - pergunta *Gerusa*, armando-se de coragem, para encarar *Dom Eusébio*.

- Disse esse nome, querida - responde o bispo, com sua natural afabilidade, e muito contente por perceber que a jovem prostituta, finalmente, abria-se a ele -, por uma série de motivos e caberá a nós descobrir qual deles é o que nos interessa!... Terá citado *Anjinho* por ter sido sua amiga?... Por encontrar-se em extremo desespero e se lembrar de quem, eventualmente, poderia socorrê-la?... Por ter descoberto algo sobre o amigo, e que a fez, em consequência disso, perder a vida?... Ou, ainda, que *Anjinho* conheça o frio assassino que tão barbaramente lhe tirou a vida?... São tantas as hipóteses...

- Que faremos, então, *Dom Eusébio?* - pergunta *João Manuel*.

- Esperar, querido, esperar... - responde o bispo. - Se o que *Madalena* tem a dizer-nos é realmente importante, voltará a aparecer a ti, *Gerusa*. E, quando isso acontecer, mostra-te sem medo, atropelos ou nervosismos: deixa-a à vontade e ela falará!... Ah, se falará!... - encerra *Dom Eusébio* com um sorriso enigmático.

Já na rua, os jovens confabulavam, mais animados.

- Não te disse que *Dom Eusébio* teria as repostas? - diz *João Manuel* cheio de orgulho.

- Que pessoa extraordinária!... - exclama *Gerusa*. - Foi o primeiro padre que não me lançou qualquer anátema às fuças!

- *Dom Eusébio* não é padre, sua boba!... - exclama o rapaz, rindo-se da ignorância da amiga. - Ele é bispo!... Não viste como suas roupas são diferentes das dos demais padres e como é linda a casa onde mora?

O sol da tarde iluminava a cidade que se esparramava ladeira abaixo, em direção do porto. Mais além das docas, o Tejo estava sereno, azul profundo. *João Manuel* e *Gerusa*, de mãos dadas, caminhavam, sem pressa, descendo a aléia de árvores pejadas de flores. Voltavam para a baixada do porto, para o seu reduto, a continuarem a eterna briga pela sobrevivência, posto que faziam parte dos que, vivendo num mundo desumano e cruel onde, para obterem um simples pedaço de pão, tinham de sujeitar-se ao pesadíssimo labor de inúmeras e seguidas horas de extenuantes sacrifícios...

* * * * *

No topo da escadaria de granito cinza que dava entrada à sua primorosa vivenda, *Jerônimo Dantas e Melo* ouvia, atentamente, o que seu capataz relatava-lhe, baixinho. As feições do *Marquês das Alfarrobeiras* iam, à medida que o outro lhe falava, tomando-se fechadas, duras, petrificando-se.

- Fizeste muito bem em trazeres-me tal fato ao conhecimento, *Jacinto*] - exclama *Jerônimo Dantas e Melo*, com o rosto altamente congestionado pela raiva. E, tirando do bolso do casaco um dobrão de ouro, dá-o ao cobiçoso servidor que, altamente agradecido, põe-se de joelhos e beija a mão do patrão. - Agora, toca a cuidares das tuas obrigações! - ordena ele, rispidamente, ao homem que sai, quase a correr.

- Maldita!... Desgraçada!... - murmura *Jerônimo*, entre dentes, enquanto se dirige para o interior da casa, a passos largos. - Tu me pagarás caro pela afronta, desaforada!...

E, como um possesso, passa a procurar pela filha, entrando, intempestivamente, no quarto da mocinha, que se assusta ao vê-lo entrar, sem bater, e com as feições transtornadas pelo ódio.

- Papai!... - exclama ela. - Que tens?...

- Desgraçada!... - grita *Jerônimo*, agarrando a filha, brutalmente, pelo braço. - Então andas a te esfregares com o miserável do filho do

Manuel Antônio, é?... *Leviana!*... *Desavergonhada!*... - e lhe desfere violenta bofetada ao rosto.

Teresa Cristina, diante da estúpida agressão recebida, cai, desajeitadamente, ao chão, enquanto as lágrimas brotam-lhe aos olhos.

- Não, papai!... - grita ela, desesperada. - É mentira!...

- Rameira!... - grita *Jerônimo*, enfurecido. - Quem me contou não tinha porque mentir!... És, de fato, uma desgraçada!... - e, desferindo violento safanão, arroja a filha ao chão.

- Não, papai, por piedade!... - implora a mocinha, pondo-se de joelhos, diante do genitor, que se encontrava altamente transtornado pelo ódio.

- Desobedeceste-me, não é, miserável? - diz *Jerônimo*, arrostando a filha, enquanto a segurava, violentamente, pelos cabelos. - Tu te casarás com teu primo *Vasco*, quer queiras ou não!... Tu me obedecerás ou te internarei no Convento do Carmelo!... Lá viverás em plena clausura e sequer verás a luz do sol, desgraçada!... Ousa desobedecer-me e terás, bem depressa, o resultado!... - brada ele, furioso.

Alertada pelos estentóreos gritos do marido, *Bárbara*, a esposa, adentra, altamente alarmada, o quarto e se depara com a cena carregada de violência e de agressão.

_ Pelo amor de Deus, homem!... - grita a *Marquesa das Alfarrobeiras*, puxando o marido pela barra da casaca que, naquele momento, principiava a surrar a filha com o cinto que tirara das próprias calças. - Estás a matar nossa filha de pancadas!...

_ Mato esta infeliz, ainda hoje!... - exclama *Jerônimo*, espumando ódio pelos cantos da boca. - Ou me obedece ou a mando aos quintos dos infernos!

- Por Deus, homem!... - grita a esposa, enfrentando-o, feroz. E, interpondo-se, ousadamente, entre o esposo e a filha, prossegue, desafiando-o: - Se vais matar alguém por aqui, hoje, é por mim que deves começar, seu brutamontes!...

Teresa Cristina mantinha-se de joelhos, diante do pai, e, com o rosto altamente lanhado, soluçava baixinho. O *Marquês das Alfarrobeiras*, enfrentado pela esposa que, num rompante, tomara-lhe o cinto das mãos, permanecia ainda altamente enfurecido e tremia muito, visivelmente transtornado pela ira extrema. Passeava os olhos da mulher para a filha, e da filha para a mulher, enquanto fremia de raiva.

- Es um bruto, homem! - grita-lhe *Bárbara* à face. - É a tua única filha e tu a tratas assim?... Não percebes que ainda é uma criança?...

- Criança!... - exclama *Jerônimo* com desdém. - É tão criança que vive a esfregar-se, às escondidas, com o odiento filho do execrável *Manuel Antônio!*...

Bárbara nada diz. No princípio, limita-se a aproximar-se da filha e a soerguê-la, cheia de carinhos. A jovenzinha tremia e soluçava baixinho.

- Acalma-te, meu bem!... Acalma-te!... - diz a *Marquesa das Alfarrobeiras*, abraçando-se à filha e lhe acarinhando, ternamente, os cabelos, com as mãos. E, virando-se para o marido, diz-lhe, ameaçadoramente: - Vai-te daqui, *Jerônimo!*... Anda!... Avia-te a esfriares os miolos, bem longe de nós, que resolvo tudo com *Tinha!*...

Jerônimo Dantas e Melo lança um olhar furibundo à mulher e sai, pisando duro, deixando as duas a sós.

- Vem, queridinha, senta-te aqui!... - convida *Bárbara*, amorosamente, à filha, incitando-a a sentar-se sobre o leito. - Vamos conversar... E não é que andaste, mesmo, a te jogares para os braços de *João Miguel?!...* _ exclama a mãe, lançando à filha um olhar altamente maroto. - Ai que o gajo é uma gracinha!... Saíste-me mais esperta que a encomenda que de ti fiz a Deus!...

- Mamãe!... - admoesta-a a jovenzinha, agora abrindo um sorriso no meio daquele rosto banhado de lágrimas. - Se papai pilha-te a dizer tais coisas!...

- Ai, e é?... - exclama a *Marquesa das Alfarrobeiras*, com a voz carregada de risota. E, dando de ombros, prossegue, cheia de desdém: - Olha, que ando a arder-me de medo do teu pai!...

- Mas, papai ameaçou intemar-me no convento das Carmelitas Descalças!... - diz a mocinha, cheia de apreensão.

- Que horror!... - responde a marquesa, abrindo expressiva grimaça de aversão. - Logo nas Descalças?... Não haveria, pois, um outro convento?

- Mamãe!... - censura-a a filha. - Nunca sei quando falas sério!

- Falo seríssimo, querida!... - responde *Bárbara*, olhando a filha, fixamente, nos olhos. - Se ele realmente pretende pôr-te num convento, que te escolha um, cujo hábito seja mais decente, e que possas, vez ou outra, meter as tuas fuças na rua!... As Carmelitas são literalmente enterradas vivas e andam cobertas de andrajos, feito mendigas, alimentando-se, exclusivamente, de água, de caldo de legumes e de pão dormido!... Que horror!... Tremo-me, inteirinha, só ao pensar em tais dêspautérios!... Imagina!... Andares por aí sem sapatos!... Como ficarão teus ricos pezinhos?... Idéias de jericos, essas do teu pai!... - e, elevando ambos os braços ao alto, prossegue, altamente inflamada: - Que homem desalmado, meu Deus!... Porém, fica sossegada, queridinha!... Para ele te internar no convento das Carmelitas Descalças, terá de passar, primeiro, sobre o meu cadáver!...

- E achas que o convencerás do contrário? - pergunta a mocinha, grandemente preocupada.

- Deixa comigo, minha cara!... - exclama a *Marquesa das Alfarrobeiras*, piscando, marotamente, um olho. - Até parece que ainda não me conheces!... Além de livrar-te do convento, propiciar-te-ei bela estada em Lisboa!...

- Em Lisboa?!... - espanta-se a jovem. - Crês, piamente, que papai deixar-me-á ir sozinha à corte?

- Se não vai!... - responde a mãe. - Tu passarás uma boa temporada com a prima *Manuela!*.... Dá-me apenas o prazo necessário para que

eu convença o cabeçudo do teu pai, de que será muito melhor para ti mudares de cidade, por uns tempos, que sepultar-te viva, no convento das Carmelitas Descalças!... Aguarda um tantinho só, que tu verás!...

_ Oh, mamãe!... - exclama a mocinha, abrindo um sorriso. - Não sei o que seria de mim, sem ti!...

_ Acaso não és a minha pombinha?... - diz *Bárbara*, abraçando-se, ternamente, à filha. E, beijando-a, profusamente, às faces, prossegue: - E, para ver-te, assim, a sorrir, moverei sempre céus e terras, minha cachopita linda!... Nunca duvides disso!... Nunca, mesmo!... Por tua felicidade, enfrentarei qualquer um neste mundo! - Obrigada, mãezita do meu coração!... - exclama, feliz, a jovenzinha, beijando, efusivamente, as mãos da genitora. A seguir, prossegue, já bastante animada: - E, lá, na corte, poderei encontrar-me com o meu amor, não é mesmo?

-Com toda a certeza!... - diz a mãe, rindo-se. - Mas, juízo, hein?... Não te vás meter a fazer asnicas!... Afirmo-te que os homens são todos uns idiotas, mas jamais te esqueças de que, para mantê-los sempre firmemente presos sob o nosso sovaco, muita perspicácia e muita cautela serão sempre necessárias!...

Naquela mesma tarde, o pai procurou por *Teresa Cristina*. Encontrava-se cabisbaixo, e não olhou uma só vez nos olhos da filha, enquanto lhe falava.

- Tua mãe acaba de convencer-me de que será melhor para ti uma estada na corte, em casa de nosso primo *Afonso Albuquerque e Meneses*. Tua prima *Manuela*, mulher casada e de bons costumes, certamente, dar-te-á conselhos úteis e, principalmente, exemplos de boa conduta, o que, decididamente, tu não tens demonstrado o suficiente, ultimamente!... Toca a arrumar as tuas malas que, amanhã mesmo, eu próprio te conduzirei até lá!

O pai faz meia-volta e sai, sem encará-la, nos olhos, uma única vez. Ficando só, no quarto, *Teresa Cristina* lança-se sobre o leito e se põe a nr. Deus do céu!... A mãe conseguira!... Mal acreditava: passaria uns

tempos sozinha, pela primeira vez na vida!... E, longe dos olhos sempre perscrutáveis do pai, poderia *ver João Miguel*, todos os dias, se assim o desejasse!... A prima *Manuela*, certamente, sendo uma mulher ainda bastante jovem, não seria afeita às rabugices do pai!... Quanto ao primo *Afonso*, lembrava-se bem dele: era um rapagão bonito e elegante e tinha os olhos doces como o mel!... Ninguém lá era parecido com o Pai!... A mãe acertara em cheio!...

Na manhã do dia subsequente, a *Marquesa das Alfarrobeiras* enxugava uma falsa e discreta lágrima, ao despedir-se da filha, diante das escadarias de sua mansão. O pai esperava pela juvenzinha, dentro do coche que os levaria a Lisboa.

- Vai com Deus, minha queridinha! - exclama a matrona, atraindo a filha para si. E, depois, murmura baixinho, ao ouvido da jovem, enquanto se abraçavam, comovidas. - Aproveita bastante a tua estada com *Manuela* e busca aprender boas maneiras com a tua prima, que é uma mulher refinadíssima!... E, principalmente, não te deixes intimidar por nada!... Se o teu amor aparecer por lá, recebe-o, entendeste bem?... Agora, faze uma cara de grande tristeza e vê se choras um pouquinho mais!... Não quero nem pensar no fato do teu pai desconfiar de que tramamos isso tudo!

O pai bate, com insistência, a bengala, na janela do carro, apressando a filha.

- Já avisei *João Miguel*... - sussurra ela ao ouvido da mãe.

A mãe pisca-lhe um olho, cúmplice, e, a seguir, fingindo ambas alta consternação, desvencilham-se do longo abraço. *Teresa Cristina* toma assento no carro, ao lado do pai. A seguir, o cocheiro estala o longo chicote no ar, e a parelha de belos corcéis negros dispara, célere. Satisfeitíssima, *Bárbara Dantas e Melo* acena, nervosamente, um lençinho de rendas brancas, enquanto o coche ganha, ligeiro, a estradinha de saibro amarelo e desaparece, rapidamente, rumo a seu destino.

- Veremos, se tu te casarás com aquele espantalho do *Vasco*, minha pombinha!... Veremos!... - murmura a *Marquesa das Alfarrobeiras*, e

um sorriso de satisfação plena brota-lhe nos lábios exageradamente pintados de carmim...

Capítulo 6

Inusitado encontro

Do alto da escadaria de reluzente mármore branco, *Manuela Albuquerque e Meneses*, com olhos carregados de desdém, espia, demoradamente, a mocinha recém-chegada. Que é que aquela pirralha de olhos cor de mel tinha de vir para a sua casa a encher-lhe as paciências, tirar-lhe a liberdade?... Parentes!... Que maçada!... Os parentes e suas desagradáveis visitas de surpresa!... Entretanto, à medida que foi vencendo os degraus da escada, muda, rapidamente, as feições e abre um largo sorriso.

- Oh, seja bem-vinda, queridinha!... - diz ela, abraçando-se à priminha que a olhava, meio tímida, parada no meio do imenso vestíbulo. -Vieste sozinha?... - pergunta *Manuela*, espichando o pescoço e tentando ver lá fora.

- Papai supervisiona o descarregamento da bagagem - responde *Teresa Cristina*.

"Céus!...", pensa *Manuela*. "*Vieram todos e para ficar!...*". Contudo, mestra que era nas dissimulações, nada deixa transparecer e pergunta, puxando a mocinha pela mão, enquanto se encaminham para a entrada do vestíbulo: - Creio que disseste que teu pai veio contigo... E a tua mãe não veio?

- Não, mamãe ficou, e acho que papai retomará amanhã - responde a mocinha.

'Hum... Então a insuportável Bárbara não veio!... Melhor assim!... Melhor assim!...', pensa *Manuela*, animando-se um pouco mais.

- Entretanto, presumo que tu ficarás por mais alguns dias... - observa *Manuela*, olhando para a mocinha, com o rabo dos olhos, enquanto ganhavam o grande pórtico de entrada do vestíbulo.

- Ficarei um bom tempo contigo, *Manuela* - diz *Teresa Cristina*. -^aPai pretendia meter-me no convento das Carmelitas Descalças!

- Que horror!... - exclama *Manuela*, estacando, de repente, altamente espantada. - E por que queria o teu pai cometer tal despautério contigo?... Dize-mo lá: que foi que aprontaste, hein, menina? - pergunta, assaz desconfiada.

Teresa Cristina ia responder, quando *Jerônimo* aproxima-se.

- Cara *Manuela*!... - exclama o *Marquês das Alfarrobeiras*, beijando a mão que a mulher lhe estendia.

- Primo *Jerônimo*!... - diz a anfitriã, fingindo alta satisfação. - Quanta honra recebê-los em minha casa!... E *Bárbara*, por que não veio?... Ai, que morro de saudades da minha adorada prima!...

Jerônimo Dantas e Melo partiu de volta, na manhã do dia subsequente, deixando a filha aos cuidados da estouvada *Manuela* que, diga-se de passagem, a princípio, não gostara nada da idéia de ter a priminha por ali, a bisbilhotar tudo o que fizesse. *Manuela* sentiu-se encalacrar: como receberia os amantes, doravante?... E, se a talzinha percebesse algo e contasse a *Afonso*, seu marido?... Não conhecia, profundamente, a mocinha, pois haviam tido pouquíssimos contatos até então. E, se tivesse se saído tão bisbilhoteira quanto a mãe, que era dona de olhos espertíssimos, que nada - mas nada mesmo! -, deixavam escapar?... Na realidade, parente consanguíneo dos *Marqueses das Alfarrobeiras* era seu esposo; *Manuela*, apenas, considerava-os parentes por afinidade, por respeito, embora os achasse por demais provincianos, apesar de sintrãos e de morarem ali bem pertinho de Lisboa. Que maçada!... Que faria doravante?... Ficaria sem os furtivos encontros que mantinha, à noite, com seus

amantes?... Que pena!... Agora que poderia aproveitar bastante, pois o marido não dava sinal de vida, fazia, já, mais de quarenta dias.

- Ainda não me contaste direito por que cargas d'água desejava o maluco do teu pai intemar-te nas Carmelitas Descalças... - diz *Manuela* para *Teresa Cristina*, no dia subsequente à chegada da mocinha, enquanto ambas tomavam a merenda da tarde, sentadas em espaçosa varanda que dava para o jardim interno da mansão.

- Oh, nem te conto, cara prima!... Nem te conto!... - exclama a mocinha, olhando, um tanto ressabiada, para a criada que as servia e que, estática, postava-se num canto, ali ao lado, e que, de repente, espichara as orelhas para ouvir.

_ Não te preocupes com *Inácia* - diz *Manuela*, percebendo que a prima intimidava-se com a presença da serviçal -; é discreta como um túmulo!

Pilhada na escuta, a criada encolhe-se à sua antiga e pretensa rispidez, e *Teresa Cristina* prossegue:

_ O capataz de papai surpreendeu-me, a sós, com meu namorado - diz a mocinha, baixando os olhos, cheia de pudor.

- E isso foi motivo suficiente para o teu pai intentar meter-te naquela horrorosa clausura? - pergunta *Manuela*. - Acaso namoravas sem o consentimento dele?

- Sim - responde, tímida, a mocinha. - Na realidade, *João Miguel* não é o meu verdadeiro namorado...

- Hum, entendo... - diz *Manuela*, trocando significativo olhar com *Inácia* que, de orelhas em pé, feito uma lebre, não perdia uma só das palavras do colóquio de ambas. - Na realidade, tu tens um outro namorado...

- Tenho... - responde a juvenzinha. - Na verdade, um noivo...

- Ora!... - exclama *Manuela*, empertigando-se na cadeira de vime e, agora, interessando-se, enormemente, pelo que lhe contava a priminha. - Dizes, então, que tens um noivo, é?... E quem é o gajo?... Conheço-o, acaso?...

- Por certo que o conheces, *Manuela* - responde *Teresa Cristina*.

- Trata-se de *Vasco de Almeida Soares*, filho do *Visconde de Carvalho* e que, por sinal, é meu primo!

- Que lástima!... - exclama *Manuela*. - Por que foste arranjar um homem tão feio quanto aquele?... Que péssimo gosto tiveste, menina!...

- e, aproximando-se mais da outra, prossegue, abrindo um sorriso maroto:

- Foi pelo dinheiro dele, não foi?

- Não! - exclama *Teresa Cristina*. - Por Deus que não!... Eu abomino *Vasco*!...

- Não te entendo, priminha!... - diz *Manuela*, cheia de sarcasmo. - Se não foi pela montanha de ouro que os *Viscondes de Carvalho*, certamente, guardam enterrado, nos subterrâneos daquele velhusco e tétrico castelo que habitam, por que foi, então?

- Papai arranjou-me este nefando noivado, prima... - explica a juvenzinha, baixando os olhos, carregados de tristeza.

- Começo a entender... - diz *Manuela*, quase a sentir pena da outra. - meço a entender... Tu não amas *Vasco*: tu tens um outro amor não

- Sim, amo *João Miguel*, um rapaz por quem sou perdidamente apaixonada e que também me ama!... - responde a mocinha. - Entretanto, nossas famílias odeiam-se!... Somos vizinhos de quinta e, conseqüência de um litígio de terras, que se arrastou por anos e anos, nossos pais são inimigos ferrenhos!...

- Oh, que complicação!... - exclama *Manuela*, trocando um olhar com a criada, que não perdia uma só das palavras, altamente interessada que estava no assunto. E a esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses* prossegue, cheia de curiosidade: - E esse... Esse rapaz por quem és apaixonada é jovem, formoso e rico ou se trata de outro rebotalho de bofe como *Vasco de Almeida Soares*!

- Não, ele não é como *Vasco*, não! - responde a mocinha, de repente, acendendo intenso brilho aos olhos. - *João Miguel* é lindíssimo e

muito rico!... E filho único e herdará toda a fortuna do pai, o *Barão da Reboleira!*

- E nobre, bonito e rico! - exclama *Manuela*, extravasando ironia até pelas orelhas. - Teu pai é, realmente, um jumento!... Prefere ver-te infeliz a casar-te com um pitéu assim?... Que desperdício, meu Deus!... Judia de ti por puro orgulho!...

- Pois se é, cara prima! - responde a mocinha. - E não tem quem o faça mudar de idéia!...

Manuela pensa por instantes e, depois, pergunta:

- Dize-me, *Tinha*, teu namorado sabe que estás aqui?

- Sim, contei-lhe que vinha para a tua casa... - diz a mocinha, baixando os olhos. - Fiz mal?...

- Oh, não!... - apressa-se em responder a outra. E, depois de trocar ligeiro, mas expressivo olhar com a sua criada, prossegue: - Oh, não!... Fizeste foi muitíssimo bem, em dizer-lhe onde é que te esconderias!...

Um silêncio estabelece-se, então, entre as duas mulheres. *Manuela* cogitava sobre o drama que a prima, embora ainda tão juvenzinha, já vivia. Como os homens costumavam ser tão duros acerca das mulheres!... Que é que pensavam que eram?... Os donos do mundo?... Punham e dispunham sobre o destino das coitadas das filhas como se estivessem a mercadejar peixe salgado!... Ora essa!...

A esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses* era muito avançada para a sua época. Única mulher, e a caçula, dentre os cinco filhos de *Inocência Flores Martins, Barão de Leiria, Manuela* criara-se, livremente, entre os irmãos, por um pai extremamente amoroso e dono de vastíssima cultura e que, embora enviuvando relativamente jovem, optara por não contrair segundas núpcias e se obrigando, assim, a tomar às mãos, sozinho, a condução do lar e, por ser extremamente liberal, não colocara muita distinção no método que empregara para educar os quatro meninos e a única menina que tivera, dando-lhes, desde muito cedo, liberdade de pensar e de agir, numa época em que os pais eram mais ditadores

que educadores, a cercearem e a limitarem a liberdade e a ação dos filhos, com pancadarias e com castigos inomináveis. Possuindo educação diferenciada da grande maioria das pessoas, a filha do *Barão de Leiria* indignava-se com a condição das mulheres de seu tempo. "*Ah, esses homens!... E por isso que não os levo nada a sério!...* ", pensa *Manuela*, fixando os olhos no belo rostinho da prima. "*E tu, pequerrucha, ainda sofrerás muito, sob os tacões das botinas do jerico do teu pai!...!*" Depois, meneia, quase que imperceptivelmente, a cabeça, para afastar os pensamentos e emite um suspiro fundo. E, quase a sentir pena de *Teresa Cristina*, remexe-se na cadeira e diz:

- Fica à vontade, queridinha, pois a casa é tua!... - e, levantando-se, beija a prima, delicadamente, à testa. Em seguida, olha para a criada e ordena: - *Inácia*, acompanha-me ao meu quarto, que preciso de ti! Inopinadamente, *Manuela* sentira intenso afogamento tomádo-me o corpo todo, abrasando-a de volúpia, e imensa saudade dos archochadíssimos abraços de *João Manuel* invadira-a, insistentemente. Era preciso, então, tratar de apagar aquele edacíssimo incêndio, sem mais delongas, urgentemente...

* * * * *

Gerusa havia tomando um banho, longa e demoradamente. Passara um tempão, mergulhada na banheira, a qual se resumia a um velho tonel de vinho, seccionado ao meio. Naquela tarde tépida de primavera, enxugava-se, lentamente, com a surrada toalha encardida pelo excesso de uso e se lembrava de *Madalena*. Fazia já um tempão que ocorrera o estranho fenômeno, envolvendo a antiga companheira e, desde então, nada mais acontecera. Estava vencendo o medo e, todas as noites, quando chegava a casa, quase aos albores da manhã, ao deitar-se, desejava, ardentemente, que a amisa anarecesse oara conversarem. Forte curiosidade.

agora, animava-a, e uma série de questões atormentava-lhe a cabeça. Se a amiga aparecera-lhe, vivinha, então a morte não seria o fim de tudo!... E, se não morremos, para onde é que vamos, depois

da morte?... E, por que teria citado o nome de *Anjinho!*... Ela, *Gerusa*, tinha a certeza absoluta de que o rapaz não houvera cometido aquele brutal assassinato, pois estivera com ele o tempo todo!... Além do mais, *Madalena* e *Anjinho* sempre haviam sido tão amigos!... Muito amigos, mesmo, e ele não teria motivo nenhum para matá-la... Questões, assim, apoquentavam os miolos da pobre prostituta e a deixavam exasperada.

Anoitecia e, devagar, *Gerusa* punha-se a preparar-se para mais uma noitada, durante a qual, competia-lhe caminhar pelas escuras ruas e ladeiras que davam acesso ao porto, em busca do seu ganha-pão. Tocava a vender seu corpo - bufarinhas que quase nenhum valor atribuíam os porcarinhos, a nefanda fauna de viciados do sexo, a constituir-se, mormente, de nervosíssimos jovens inexperientes, homens brutais e valentões, além dos caricaturescos velhotes debochados e carcomidos pelas doenças venéreas -, vindos de todos os lugares da cidade e que enxameavam pelo porto, à noite, em busca de aventuras baratas. Havia, ainda, os marinheiros, oriundos de todos os lugares do mundo e que, costumeiramente, encharcavam-se de álcool até a alma, pelas inúmeras bodegas que por ali enxameavam, e, depois, saíam, trôpegos, à cata das mulheres... Esses eram os mais temidos. Em vez de remunerá-las pelo serviço, costumavam surrá-las, barbaramente, e, depois, sumiam, escondendo-se, covardemente, nas respectivas embarcações em que serviam e que, habitualmente, zarpariam, logo em seguida, deixando-as, literalmente, a "verem navios"!... Reclamar para quem?... Não eram todas elas proscritas e alijadas, de antemão, de todo e qualquer respeito e do mínimo de consideração por uma sociedade vil, corrupta e hipócrita?

Gerusa pensava nessas coisas, e um frêmito de ódio percorre-a. Que vida desgraçada, a dela!... Como desejava, ardentemente, ir-se dali, ganhar novas fronteiras, retomar a dignidade perdida, ser respeitada por todos!... Entretanto, para onde iria?... A ninguém mais tinha neste mundo de Deus!... De repente, lembra-se da mãe, e

duas lágrimas brotam grossas, volumosas, dos olhos, e lhe descem face abaixo, queimando como o fogo e lhe borrando a maquiagem. Enxuga as lágrimas com a ponta dos dedos. O rosto da mãe surse-lhe à mente, cansado, sofrido, vilmente envelhecido antes da hora. "*Temo por ti, meu bem!...*", dissera-lhe a mãe, entre lágrimas, pois sabia achar-se à beira da morte. "*Que será de ti, doravante, que só a mim tens, neste mundo?... Oh, não sabes o quanto isso me aperta o coração!...*" e, fixando-a com olhos aflitos, aconselhara-a: "*Mas, olha, se o teu padrasto te perseguir, fuge!--- Ganha o mundo, vai trabalhar, pois não te faltarão nunca um teto e um pedaço de pão, se fores honesta e trabalhadeira!...*"

- Pobre mamãe!... - murmura *Gerusa*, entre lágrimas. - Mal sabias em que inferno tornar-se-ia a minha vida!... - e os soluços sacodem-na violentamente. - Agora, tu não mais existes!... Estou só... Irremediavelmente só...

A jovem meretriz interrompe a maquiagem que fazia, olhando-se no velhusco espelhinho oval de aço carcomido pelas beiras. Arroja-se sobre o leito de lençol encardido, afunda o rosto no travesseiro e chora. Chora até não mais querer, chora até desafogar-se. Depois, vencida pela terrível descarga emocional, acaba por adormecer.

Quando *Gerusa* abre os olhos, já havia escurecido. Nada enxergava, no meio das trevas em que seu quarto mergulhara. Tateando, estende a mão para a mesinha de cabeceira e procura pela lixa e pela pederneira. De repente, fosforescente luminescência principia a formar-se, bem do lado dela, e o ambiente ilumina-se de tênue claridade esverdeada. *Gerusa* empertiga-se, sentando-se no leito.

- *Mada!*... - balbucia, entre curiosa e tomada pelo medo. - És tu, *Madá?*...

Um frêmito de terror, então, percorre a espinha da jovem prostituta de alto abaixo. Deus do céu!... Era o fantasma de *Madalena* de novo!... *Gerusa* quis gritar; imaginara-se forte e corajosa, antes, mas, agora, o medo dominava-a. "*Ai, Jesus Cristo, socorrei-me, Senhor!...*", pensa ela, transida pelo medo extremo. - *Madá!*... - tartamudeia, com

os olhos estatelados de pavor. - *Madá!... Que queres?...* - arrisca-se a perguntar, vencendo, por fim, o medo, depois de extremo esforço.

O espectro da amiga acabava de condensar-se, ali, bem pertinho dela, ao lado do leito. Ainda trazia o corpo todo enlameado e ensangüentado e as feições altamente transtornadas como da última vez. *Gerusa* até lhe podia sentir a respiração opressa, difícil.

- *Gerusa...* - ouve-lhe a inconfundível voz, sussurrando-lhe o nome com extrema dificuldade.

- Sim, o que é?... - pergunta *Gerusa*, fixando a amiga nos olhos. Coragem!... Dize-me o que desejas!...

O fantasma crava os olhos esgazeados na antiga companheira, e as lágrimas brotam-lhe abundantes.

- *Anjinho...*

- Sim!... Sim!... - exclama *Gerusa*. - Da última vez em que aqui estiveste, tu disseste o mesmo e depois te foste, em seguida, deixando-nos apreensivos!... Dize-o, *Madá!...* Vamos, coragem!... Dize-o, por favor!...

- *Anjinho...* - balbucia o espírito, com extrema dificuldade. - *Anjinho...* Sei quem é ele...

- O quê?!... - grita *Gerusa*, apurando-se mais, no leito, para melhor ouvir a outra. - Então, vai lá!... Toma coragem e mo dize, minha amiga!... Queres matar-me de curiosidade, é?... Espero que não vás sumir, de repente, no ar, como da última vez, vais?...

O espectro pareceu acalmar-se e ensaiar um esboço de sorriso, diante das palavras e do excesso de ansiedade que demonstrava a antiga companheira; *Madalena* quase que se esquecia, momentaneamente, da desgraceira em que se tomara a sua pobre existência. Haviam sido tão amigas, quase irmãs... Que saudade sentia de *Gerusa*, sempre tão forte, tão despachada!... Que desejo infrene de abraçar-se a ela!... Fixa, então, demoradamente, o olhar, no fundo dos ansiosíssimos olhos da amiga, e esboça um arremedo de sorriso.

- *Anjinho* é fidalgo... - diz, por fim, o espírito da prostituta assassinada. - Sonda bem a marca que tem à espádua!... Ali está a revelação!...

- Ah, eu bem que imaginava!... - diz *Gerusa*, apumando-se no leito.

- Bem que eu imaginava!... *Anjinho* é filho de gente graúda!...

- Mas, toma cuidado!... - adverte o espírito. - Terríveis interesses escondem-se por trás da verdadeira família de *Anjinho*]... Vê o que fizeram comigo!...

- Quem fez isso contigo? - pergunta *Gerusa*, não entendendo bem o que lhe dizia a outra. - Queres dizer que foram eles, os familiares de *Anjinho*, que te mataram?

- Sim - responde o espírito. - O irmão mais velho, matou-me!... Eu havia descoberto tudo!...

- Deus do céu!... - exclama *Gerusa*. - Conta-me isso direito, *Madá!*

_ O verdadeiro nome de *Anjinho* não é *João Manuel*; seu nome real é *Francisco de Assis Ramalho e Alcântara*, filho mais moço do *Barão da Reboleira*, de Sintra, e que foi roubado da família, ainda quando era um mamo te de alguns meses!...

_ Virgem Santa!... - exclama *Gerusa*, arregalando os olhos. -Então o gajo pertence à alta nobreza e sequer disso tem noção!

- Sim - responde o espírito. - Os pais procuraram-no a vida inteira, sem, entretanto, encontrarem-no, que foi deixado pelo seu cruel raptor, na roda dos enjeitados das freiras Carmelitas.

- Posso adivinhar o resultado disso: foi adotado pela velha que o criou!... - emenda *Gerusa*.

-Aí tens os fatos, como realmente aconteceram, minha amiga! - diz o espírito. - Porém, tem cuidado!... Se revelares tudo a *Anjinho*, este correrá risco de vida, pois o irmão quer vê-lo morto a ter de dividirem entre si a fabulosa herança, entendes?...

- E foi esse irmão de *Anjinho* que te matou?... - pergunta *Gerusa*.

- Sim - responde *Madalena*. - Matou-me, porque descobri quem *Anjinho* era, na realidade.

- Mesmo assim, não consigo entender direito, *Madá!* - exclama *Gerusa*. - Como vieste a saber tudo isso?

- Conheci *João Miguel*, o irmão de *Anjinho*, há algum tempo -explica o espírito. - Belo rapaz, rico e elegante, abordou-me na rua e me propôs negócio. Disse-me que procurava por um jovem que, possivelmente, assemelhar-se-ia a ele próprio, pois se tratava de seu irmão, desaparecido fazia muitos anos. E eu, estudando-lhe, minuciosamente, as feições, notei nele traços que me foram familiares, mas, a princípio, não atinei com quem se parecia aquele moço elegante e de modos refinados. Não conseguindo lembrar-me, de imediato, com quem o gajo parecia-se, prometi-lhe pensar no caso, com tranqüilidade. Ele se despediu de mim e disse que mais tarde, viria procurar-me. Passaram-se alguns dias e ele voltou. Nesse espaço de tempo, fiz uma série de associações e descobri que *João Manuel* parecia-se muito com o rapaz, além de ter a idade correspondente. Pedi-me ele, então, que lhe mostrasse *Anjinho*, de longe. Não nos foi difícil localizá-lo, que bebia vinho e jogava dados, numa bodega do cais. E, então, minuciosamente, *João Miguel* estudou, de certa distância, as feições, o porte e os gestos de *João Manuel*. Por fim, disse-me que achava ser aquele rapaz o seu irmão, sim, mas que só teria certeza disso, quando averiguasse se o outro ostentasse certa marca ao ombro. Lembrei-me, então, de que já havia visto a tal marca em *Anjinho* e lhe pude confirmar, assim, ser *João Manuel* o irmão que ele buscava, fazia tantos anos. Entretanto, em vez de demonstrar alegria ou interesse em revelar-se ao irmão, deu-me alguns dobrões de ouro pelo serviço prestado e me pediu silêncio absoluto sobre o caso. Disse-me que queria fazer uma surpresa ao irmão, trazendo os pais, pois desejava que fossem eles a fazerem a tão esperada revelação. Concordei com ele e achei tudo razoável; entretanto, os dias passaram-se e ninguém apareceu para revelar nada a *João Manuel*. Intrigava-me com a demora e, um dia, encontrei o irmão de *Anjinho*, numa das ruas do porto. Ele seguia o irmão de longe, sem se deixar ver, como se lhe estudasse os

costumes. Demonstrou surpresa ao ver-me e disse que ainda nada revelara ao irmão porque a mãe encontrava-se grandemente enferma e que tal emoção poderia apressar-lhe o fim. Algo então, passou-me pela cabeça. E se aquele sujeito estivesse, na verdade, intentando algo contra *Anjinho*?... Resolvi apertá-lo e dizer que, se não revelasse a verdade ao irmão, eu mesma faria. Súbito, as feições do rapaz transformaram-se. Pegou-me, brutalmente, pela mão e, arrastando-me para um beco escuro, fez-me terríveis ameaças. Disse-me que, se me atrevesse a revelar algo ao irmão, antes que ele mesmo o fizesse, eu pagaria caro pela ousadia. Em seguida, colocou mais alguns dobrões de ouro em minha mão e saiu furioso. Passou mais algum tempo e nada de novo notei na vida de *Anjinho*, sinal de que nada lhe haviam revelado. Eu, então, usando as moedas de ouro que o tal me havia dado, viajei até Sintra e não me foi difícil descobrir onde é que o misterioso rapaz vivia. Estupefata, deparei-me com esplendoroso palacetel!... Eram, de fato, pessoas riquíssimas. Resoluta, toquei a sineta e solicitei uma entrevista com o rapaz. Avisado pelo mordomo que me atendera, *João Miguel* apareceu e, muito ressabiado, conduziu-me até o imenso bosque que circundava a esplêndida casa e conversou comigo, entre as árvores do parque, e me censurou, rispidamente, pelo atrevimento. Depois, deu-me mais alguns dobrões de ouro e me disse que, daí a três dias, encontrar-me-ia em determinada rua do cais do porto. E, foi naquela fatídica manhã chuvosa, de que tu tão bem te recordas, que nos encontramos, ele e eu, num escuro beco...

_ Pobre *Madá*!... - exclama *Gerusa*, com os olhos mareados de lágrimas. - Perdeste a tua vida, porque querias revelar a *Anjinho* quem ele é na realidade!...

- Sim - responde o espírito. - *João Miguel* é um homem perigosíssimo !... Um frio e impiedoso assassino!... Atraindo-me àquele beco escuro, apunhalou-me, sem o mínimo titubeio!... A mãe já está morta, o pai encontra-se muito doente e ele, na iminência de herdar, sozinho, a fabulosa fortuna dos *Barões da Reboleira*, jamais revelará a

verdade ao irmão desaparecido há tanto tempo!... Periga, sim, assassinar, vil e covardemente, qualquer um que se interpuser em seu caminho!... Cuidado, *Gerusa*\... - adverte o espectro de *Madalena*. - Pensa bem no que vais fazer doravante!... Podereis, tu e *Anjinho*, ter o mesmo fim que tive!...

- E tu, *Madá* - pergunta *Gerusa*, tentando tocar o espírito com a ponta dos dedos -, e tu, que será de ti, daqui para diante?

- Vês? - responde o espírito, ao observar que as mãos da companheira atravessavam-lhe o tênue corpo espiritual, sem conseguirem, de fato, tocá-lo. - Vês em que me transformei?... Numa sombra!... Entretanto, continuo sendo a mesma; vejo as pessoas, embora a grande maioria não me veja; posso caminhar, ainda que tropeçadamente; consigo raciocinar; tenho fome e sede; sinto dores horríveis ao peito, onde me feriu, mortalmente, aquele demônio!...¹ E, principalmente, sinto muito ódio!... Tenho um ódio inominável pelo desgraçado que, vilmente, tirou-me a vida!... Tenho ganas de também matá-lo!... Ainda não sei como, mas aquele miserável pagar-me-á caro!...²

Com o rosto transido de dor, *Gerusa* olha para a outra. Pobre *Madá*!... A antiga companheira encontrava-se horrível, naquele estado. Tocado pela expressão de intensa piedade que *Gerusa* trazia estampada ao rosto, o espírito olha, longamente, para a velha amiga, e seu rosto foi, aos poucos, demudando e, por fim, resumiu-se num único esgar de dor suprema, infinita, do tamanho do mundo. E, nada mais disse; limitou-se a acenar, tristemente, com a mão, enquanto se desvanecia no ar como fumaça.

1. Como desencarnou de forma violenta, o Espírito de *Madalena* ainda carrega consigo as fortes impressões da materialidade - fato que, comumente, não ocorre aos que deixam o mundo pelo método natural, quando se dá a quase completa exaustão do fluido vital.

2. Quando o espírito encontra-se imbuído desse tipo de pensamento, possivelmente, ins-taurar-se-á um processo de *obsessão* - condição em que passa a perseguir e a vingar-se de ^{Seu} desafeto encarnado.

- Vais deixar-me, *Madá?!...* - grita *Gerusa*, entre soluços.

Por longo tempo, a jovem meretriz permaneceu de bruços, estirada sobre a cama, enquanto os soluços sacudiam-na, violentamente. Trevas absolutas invadiam tudo. Perdida no silêncio da noite, não tinha nenhum ânimo para terminar de se vestir e ter de enfrentar mais uma duríssima jornada pela sobrevivência. Resolveu, então, que, naquela noite, não sairia. Naquela noite, não. *Gerusa* chorou muito. Chorou até se esfaltar. Que vida, meu Deus!... Quanta coisa estranha havia neste mundo!... Horas depois, acende o toco de vela, engastado na boca da botelha de terracota. Olha-se, demoradamente, no espelhinho oval. Que horror!... Trôpega, vai até a bacia de latão e, vertendo água da jarra enferrujada, lava o rosto, repetidas vezes. Depois, senta-se no leito e medita. Pensa nas palavras de *Madalena*. Que faria?... Diria a *Anjinho*, ou não?... E, se o tal irmão resolvesse matá-la, também?...

Por longo tempo, *Gerusa* matutou sobre que posição tomar, diante de tão brutal revelação. Por fim, decide-se. Resoluta, recomeça a vestir-se e, em pouco tempo, ganhava a rua escura. Precisava encontrar *João Manuel*. Ia contar-lhe tudo.

* * * * *

Naquele mesmo instante, *João Manuel* parava diante do imenso portão de grades altíssimas da mansão de *Afonso Albuquerque e Meneses*. Passava da meia-noite, e a escuridão seria total não fossem os lampiões a óleo, pendurados aos postes de ferro, a lançarem mortíça luz amarelada sobre o caminhezinho de pedras que dava para a escadaria de mármore branco, fronteira à luxuosíssima mansão. O rapaz não passava de um borrão escuro, grudado às negras grades de ferro. Pacientemente, aguardava e, amiúde, espiava para o interior do jardim. Silencioso, o imenso casarão encontrava-se totalmente às escuras. Havia forçado o portão, mas ele estava trancado. De repente, um vulto coberto por um xale preto destaca-

se da sebe que margeava o caminhozinho e se aproxima sorrateiramente.

- *João Manuel!*... - chama o vulto, em voz baixa. O rapaz aproxima-se mais.

- *Inácia?*... - murmura ele.

- Entra... - diz a criada, abrindo o portão, com um estalido da chave na fechadura. - A patroa espera-te!... - prossegue ela, convidando-o a segui-la, com um sinal de cabeça.

Ambos os vultos fundem-se na escuridão. Uma vez dentro da casa, a criada guia-o, com um coto de vela aceso à mão.

- Vai-te, *João Manuel*, por este corredor, e conta três portas; na quarta, entra, sem bateres - cochicha a criada, explicando-lhe o caminho a seguir.

Enquanto caminhava pelo escuro corredor, em absoluto silêncio e quase às palpadelas, o rapaz cogitava sobre o motivo de *Manuela* ora lhe ter indicado novo caminho a seguir. "*Nada de escalares a minha janela!*", mandara-lhe o recado pela criada. "*Desta vez, entrarás por dentro...*"

A escuridão reinante no corredor era tal que o rapaz atrapalhava-se. Deus do céu!... Como era grande aquela casa!... Ele, que sempre habitara escuros e úmidos cubículos, estranhava a magnitude das coisas ali. Quantas portas já tateara?... Três?... Quatro?... Perdera a conta. Como guiar-se naquela escuridão?... Bem que *Inácia* poderia tê-lo conduzido até a porta certa, mas a doida morria de sono e o deixara ali, todo desorientado!... Finalmente, decide-se, diante de uma porta: certamente, seria a quarta. E, então, testa a maçaneta que, com ligeiro estalido, abre-se. Resoluto, entra, e fecha a porta atrás de si. Tênué claridade espalhava-se no ambiente, gerada por singelo castiçal de pequeninas velas que queimavam sobre uma mesinha a um canto do imenso dormitório. Estava certo: um corpo de mulher dormia, displicentemente, sobre os alvos lençóis de cambraia. *João Manuel* abre ligeiro sorriso. Fica, por instantes, admirando as formas perfeitas daquele corpo. A seguir, põe-se a

despir-se e, aproximando-se, deita-se, de mansinho, ao lado dela. A mulher agita-se no leito e emite ligeiro gemido. O rapaz, então, com extrema delicadeza principia a afagar-lhe os cabelos. De repente, o inusitado!

-Ai, meu Deus!... - grita a mulher, erguendo-se, apavorada, no leito.

- Quem és tu?!...

Apanhado pela surpresa, *João Manuel* empertiga-se, ligeiro, sentando-se no leito. Aquela mulher não era *Manuela!*... A jovem, tomada de altíssimo espanto, empurra, violentamente, o rapaz, e se levanta da cama aos berros:

- Socorro!... Acudam-me!... Um ladrão!...

João Manuel, exasperado pelo desastrado encontro, deixa-se levar pelo lado instintivo e, abraçando a jovem com seus possantes braços, tapa-lhe, facilmente, a boca com a mão.

- Ouve-me, moça - sussurra-lhe ele ao ouvido -, não sou nenhum ladrão, não!... Apenas enganei-me de quarto!... Por favor, não grites!...

Teresa Cristina debatia-se, tentando livrar-se daquelas tenazes que a seguravam forte, tão forte, como jamais sentira em toda a sua vida!... A mão possante do rapaz tapava-lhe, completamente, a boca, impedindo-a de gritar. Com os olhos tomados de pleno terror, sonda as feições do moço. Feio não era. Os ladrões não costumavam ser homens tremendamente feios?... Aquele não era nada feio; era até muito bonito, por sinal!... E, como ele a mantinha fortemente jungida a si, ela constata, estarrecida, que ele se encontrava completamente desnudo!... Deus do céu!... Seria o seu fim!... Debate-se, com veemência, tentando libertar-se dos braços dele; tenta morder-lhe a mão, mas era um nada, no meio daquela fortaleza de músculos que quase a esmagavam. Por fim, desiste de lutar e se mantém parada, sem esboçar qualquer reação. Arfava muito pelo esforço e passa a olhá-lo com olhos súplices.

- Posso soltar-te?... - pergunta ele, com a voz baixa, quase um sussurro, rente à orelha dela. - Prometes que não vais gritar?... Olha, não te quero fazer mal!... Apenas cometi um engano, entrando no teu quarto!...

Ela o encara com um par de olhos marrom-mel, que brilhavam na penumbra do quarto, como duas pedras preciosas. O hálito quente do rapaz, sua voz robusta desarmaram-na. Que estranha sensação seria aquela?... De repente, achou que poderia confiar nele. Faz um gesto com a Cabeça, e ele, então, retira, devagarinho, a mão, entre confiante e desconfiado da promessa dela.

Mas, ela cumpre o combinado e, altamente extenuada pelo esforço despendido na luta desigual, deixa-se sentar, pesadamente, sobre uma poltrona.

- Quem és tu?... - pergunta ela, após ligeiro refazer da respiração ofegante e, sem tirar os olhos dele, um segundo sequer.

- Sou *João Manuel*... - responde ele, de pé, diante dela, fitando-a, ousada e firmemente, com olhos embevecidos, e com ambas as mãos espalmadas aos flancos amorenados, bem torneados e luzidios. - E tu, quem és?...

- Ora, vai vestir-te primeiro!... - responde ela, de repente, irritando-se com a plena nudez que ele ostentava, ali diante dela, sem demonstrar o mínimo traço de pejo.

- Oh, desculpa-me, senhorita!... - diz ele, só então percebendo que se achava nu em pêlo. - Desculpa-me a ousadia!...

João Manuel volta-se e, apanhando as roupas que largara, displicentemente, pelo chão, põe-se de costas para ela e se veste.

- Agora, vai-te daqui, sem delongas, ou chamo o mordomo para que te entregue ao comissário da milícia!... - diz ela, pondo-se de pé, em atitude ameaçadora. - Que ousadia!...

Cabisbaixo, *João Manuel* deixa o quarto, sem nada dizer. *Teresa Cristina*, então, rapidamente, passa a chave na porta e se põe de novo no leito. Que coisa, meu Deus!... Será que *Manuela* saberia de tais acontecimentos?... Rapazes totalmente nus, entrando, na calada

da noite, assim, na mansão?... Visitariam as criadas da casa?... Ou visitariam *Manuela*?... Jeito de ladrão aquele não tinha, de modo algum!... Era até educado demais!...

Teresa Cristina tentou reconciliar o sono, mas ele não vinha. Apertou forte as pálpebras, pois desejava, ardentemente, dormir. Mas, nada!... Que coisa!... As feições do rapaz não lhe saíam da cabeça. Os olhos marrons profundos, os cabelos escuros, ligeiramente ondulados a lhe caírem, desmazeladamente, até as espáduas fortes. Deus do céu!... E os braços?... Nunca se sentira abraçar daquela forma!... Precisou esforçar-se muito, e já era madrugada alta quando, finalmente, conseguiu adormecer. E sonhou. No sonho, o rapaz desconhecido e forte invadia, inopinadamente, o seu quarto e a tomava nos braços; ela, então, segurava-se, fortemente, ao pescoço dele, e ele, lançando-se janela abaixo e se agarrando, perigosamente, aos tufos de hera, carregava-a para bem longe, para um prado verdinho, onde se abraçavam e se beijavam... Beijavam-se tanto que *Teresa Cristina* até perdia o fôlego...

Capítulo 7

Novos rumos

Deixando a casa de *Manuela*, extremamente maçado, muito aborrecido mesmo, pelo inesperado incidente, *João Manuel* percorria as escuras ruas da cidade, devagar, sob a luz das estrelas faiscantes, lá nas alturas infinitas. Que chateação!... Sequer se avistara com *Manuela*, que ainda o deveria aguardar, por certo, amaldiçoando-o e cheia de fúria, até a raiz dos cabelos!...

- Que coisa!... - murmura ele, ainda grandemente aborrecido. - Como poderia adivinhar que havia outra pessoa dormindo naquela mesma ala?...

De repente, sorri. Lembra-se do rosto da mocinha, altamente aterrorizado em vê-lo, ali, em seu quarto, totalmente sem roupas!... Como ela era linda!... Estranha sensação de júbilo invade-o, ao recordar-se das feições de *Teresa Cristina*. Um anjo de candura!... Que pele, meu Deus!... Que olhos!... *João Manuel* rememorava, com bastante prazer, o curto, mas intenso momento que a tivera fortemente jungida a si, sen-tindo-lhe o perfume adocicado, a maciez dos cabelos sedosos, a perfeição do corpo, das formas feminis que acabaram por deixá-lo maluco. De repente, não conseguia tirar a mocinha da cabeça!... Quem seria aquele anjo?... Parou, no meio da rua, e teve ímpetos de voltar à casa de *Manuela* e de arrojarse aos pés daquela deusa!... Seu coração bateu mais forte. Que coisa estranha era aquilo!... Jamais se sentira assim, antes!... E olha que estivera nos braços de tantas mulheres que até perdera a conta!...

Por instantes, ele permaneceu parado, no meio da escuridão da rua, sorrindo, embevecido pelas lembranças daquele inusitado encontro. Entretanto, o frio da madrugada fê-lo voltar à realidade. Era preciso sair do relento, pois poderia apanhar uma constipação da frialdade do sereno. Estuga os passos, ganhando a direção do porto. Voltava ao seu mundo, seu elemento. Precisava, urgentemente, de um gole de rum; sentia o coração doer, de repente, de uma dor diferente, dor de amargura, de frieza, de abandono, de solidão... Que estranha agitação seria aquela que principiava a tirar-lhe a paz?... Adveio-lhe então, um nó enorme, do tamanho do mundo, a bloquear-lhe, totalmente, a garganta, sufocando-o. Pela primeira vez, depois que crescera, teve vontade de chorar. O vento frio da madrugada queimava-lhe as narinas, enquanto ele caminhava, agora, apressado, descendo a ladeira que dava ao cais do porto. Precisava achar uma taverna aberta. Certamente, o velho *Egídio* ainda estaria a

servir, pacientemente, os beberrões da madrugada. Com um pouco de alento, divisa, ao longe, as luzes da tasca projetando-se sobre as pedras do calçamento da rua. Que bom!... O velho bodegueiro ainda não cerrara as portas e ele, *João Manuel*, poderia afogar aquela angústia toda numa garrafa de rum!... Por instantes, estaca diante da porta e espiona lá dentro: apenas dois bêbados postavam-se frouxos, sentados ao lado das mesas, e olhando, inexpressivamente, para as respectivas caldeiretas de chope. O velho *Egídio* cochilava, com os cotovelos apoiados sobre o encardido balcão. *João Manuel* olha em derredor, antes de entrar. Ninguém estava na rua. Só o negrume da noite. Acima de sua cabeça, a placa aparafusada a duas correntes pendentes, fixadas num mastro transversal de ferro, gemeu, embalada pelo ventinho gelado. O rapaz olhou para o alto e correu os olhos pelos dizeres balançantes, escritos em tinta negra: *Toca do Lobo*. O enigma das letras!... *João Manuel* era analfabeto. Por instantes, cogitou sobre aquela triste deficiência da sua existência, mas se conformou. Até então, saber ler não lhe tinha feito a menor falta, e a quase totalidade dos seus amigos e dos que o rodeavam era de ignorantes. Deu de ombros e entrou. O taberneiro, com os olhos tomados pelo peso da sonolência, ao vê-lo entrar, acende-se.

- *Anjinho!*... - exclama o velho *Egídio*. - Que vai ser?

- Rum, meu amigo!... - responde o moço, encostando-se ao balcão encardido. - Preciso matar uma talzinha afogada!...

- Oh, tu e tuas aventuras amorosas, *Anjinho!*... - exclama o velho bodegueiro, rindo-se das palavras do rapaz, enquanto lhe preparava a bebida. - Sabias que *Gerusa* anda em teu encalço?... - prossegue ele, agora, estendendo o copo para *João Manuel*. - Ainda agorinha passou por aqui, a perguntar por ti!...

- Disse-te o que desejava de mim? - pergunta o jovem, depois de sorver extensíssimo gole da zurrapa e de fazer uma careta.

- Não, apenas que te buscava e que tinha algo a dizer-te - responde o velho.

- Ia afogar-me na tua horrível morraça, porém mudei os rumos!... - exclama o rapaz, atirando um dobrão de cobre sobre o balcão. - Resolvi é matar-me de amor nos braços da *Gerusa!*... - e sai, explodindo numa gargalhada: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Não tens mesmo jeito, ó *Anjinho!*... - exclama o velho *Egídio*, apanhando o dinheiro, rindo-se, divertido, e, meneando a cabeça, prossegue: - Vai, vai, danadinho!... Toca a consolares a bela *Gerusinha!*...

Gerusa abre uma fresta da porta e espia.

- Sou eu, *Gerusa!* - cochicha-lhe *João Manuel*. - Anda, abre e me deixa entrar!...

- Procurei tanto por ti!... - diz ela, fazendo-o sentar-se sobre o leito e se acomodando ao lado dele. - Fiz até bolhas nos pés de tanto que caminhei e não te encontrava!...

- Andava por aí!... - responde ele, sem encará-la. - Mas, o que desejas de mim?

- *Madá* voltou... - diz ela, olhando-o nos olhos.

- Não me digas!... - exclama ele, empertigando-se no leito. - E o que te disse desta vez?

Gerusa fixa, demoradamente, o rosto do rapaz. O que lhe ia dizer, por certo, mudaria, completamente, os ramos da sua existência. Mas, dizer-lhe, assim, de chofre?

- Não queres beber um pouco de vinho?... - pergunta ela, levantando-se e, apanhando uma botelha que guardava sobre a minúscula mesinha de cabeceira, exclama, a sorrir um tanto nervosa: - Veja!... Comprei-o para nós dois!...

João Manuel virou o copo de bebida de uma só vez.

- Mais um, *Anjinho!* - pergunta ela, segurando a botelha de terracota pelo gargalo.

- Acho que estás é a fazer rodeios, *Gerusa!*... - exclama ele, quando ela lhe passou outro copo de vinho. - Que é que pretendes, na realidade?... Deixar-me bêbado, antes da hora, é?... Vamos,

desembucha depressa, que estás a matar-me de aflição!... Dize logo!... O que te revelou *Madá* desta vez?...

Gerusa levanta-se da cama e caminha até a pequena janela. Afasta as encardidas cortinas de renda e espiona lá fora. Noite pesada, tudo escuro. Depois se volta e fixa o amigo nos olhos.

_ *Madá* contou-me quem és tu, na realidade!... - diz ela, de uma só vez.

O rapaz levanta-se de um salto e agarra a mulher pelo punho. _ O que dizes?!... - pergunta ele, quase a estourar de ansiedade. - Acaso brincas comigo, *Gerusa*?...

- Não!... Não!... - exclama a mulher, altamente nervosa. - Tu me machucas, apertando-me assim, *Anjinhol*... - geme ela, tentando libertar o punho que ele segurava forte.

Sério, ele a olha no fundo dos olhos e, depois, solta-lhe o braço, devagar.

- Não brinques com tais coisas, *Gerusal*... - diz o rapaz, com ar grave.

- Advirto-te que hoje não estou para brincadeiras!... Já me ocorreram dissabores, por demais, esta noite!...

- Vem, senta-te aqui!... - convida ela. - O que tenho a dizer-te não é brincadeira, mas coisa séria!... Repito-te: *Madá* contou-me tudo...

E, com riqueza de detalhes, a jovem prostituta conta ao amigo a extraordinária revelação que, de forma tão inusitada, fizera-lhe o fantasma da companheira assassinada. O rapaz, à medida que tomava conhecimento do que, na realidade, era a sua verdadeira identidade, tomava-se de assombro. Amiúde, levantava-se e, exasperado, caminhava em rodas pelo exíguo aposento de *Gerusa*. Em seguida, voltava a sentar-se, tomado de intenso assombro. Deus do céu!... Que lhe haviam feito da vida?!...

Terminada a narrativa, *João Manuel* achava-se em frangalhos. Sentado no leito, ao lado da companheirinha de uma vida de misérias e de infortúnios, ele tremia, tomado de estupor incomum. Então tinha família, um nome!... Sempre tivera um lar, Deus do céu!... E, tão pertinho!... Sempre tivera um pai, uma mãe e um irmão, vivendo a

pouquíssimos quilômetros dele!... E ele, ali, levando uma vida de misérias, de abandonos, de rejeição!... De repente, uma intensa onda de revolta acomete-o. Que tinham feito com ele?... Assomam-lhe à mente, então, de inopino, as terríveis lembranças do orfanato. Quanta privação!... O mínimo do mí-ni-mo!... As míseras migalhas que mal lhe sustentavam as forças para a teimosia de viver!... Os órfãos!... Os pequenos e esquecidos opróbrios da humanidade que todos fazem questão de esquecer trancafiados nos horríveis orfanatos!... Quanta necessidade de carinho e de atenção!... Em seguida, lembra-se da vida de extrema privação e de miséria ao lado da mãe adotiva. E, depois que ela morrera, tão cedo ainda, ele fora levado por frias mãos ao orfanato e, lá, esquecido, sepultado vivo!... E, quando completara doze anos, chutaram-no fora, para o abraço mordaz da vida e, sem o amparo e a proteção dos adultos, fora perseguido como um cão hidrófobo, pelas ruas do porto, tendo de sobreviver às próprias custas!... Tanto sofrimento, tanta desventura, tanta vergonha, tantas perguntas sem resposta!... Uma vida anônima, sem passado, sem começo, nada mais que isso até então!... Pequenos retalhos de uma vivência obscura e miserável!... Havia-lhe roubado o melhor pedaço da sua existência!... *João Manuel* sentiu a cabeça latejar e a vista escurecer-lhe de repente. Forte náusea invade-o e, inopinadamente, um jato de vômito sobe-lhe à garganta, e ele não consegue soffrear o intenso gorgolão azedo que lhe brota da boca, emporcalhando-lhe os lábios, a barba, o pescoço, o peito, as roupas, o chão...

- Sinto-me mal, *Gerusa*, muito mal!... - consegue balbuciar, antes de perder a consciência e de ver tudo apagar-se, de súbito.

Cheia de desespero, *Gerusa* tentou reanimá-lo, ao vê-lo que tombava para trás, sobre o leito em que se achavam ambos sentados. Intensa palidez tomava as feições do rapaz, sinal de que a falência dos seus sentidos era patente. Fora forte demais para ele!... Em vão, ela o chamou pelo nome, sacudindo-o e lhe dando ligeiros tapinhas às faces altamente descoradas. Só depois de muita persistência de

Gerusa em fazê-lo retomar os sentidos é que *João Manuel* passou a emitir fracos gemidos e a revirar, desconexamente, os olhos que deixavam à mostra apenas as escleróticas esbranquiçadas. A jovem prostituta, então, embebendo um pano em água fria, limpou-lhe o vômito e, desnudando-o, ajeitou-o no leito. Ai, Jesus Cristo!... E se ele morresse?... Um arrepio percorre o corpo de *Gerusa*. Não, Deus não permitiria isso!... Tremendo, a meretriz ajoelha-se ao lado do leito e, tomando as mãos geladas do amigo entre as suas, beija-as repetidas vezes.

- Tu não vais morrer, *Anjinho!*... - murmura ela, com as palavras molhadas pelo pranto. - Tu não vais morrer, agora, que descobriste tudo!... Oh, Deus do céu!... Valei-nos, Senhor!... Devolvei-lhe, Pai amado, a razão e o bem-estar!... - suplica ela, entre lágrimas.

Paulatinamente, o dia foi clareando, e o rapaz continuava no mesmo estado; apenas que, agora, febre pertinaz acometia-o, sacudindo-o, em agoniantas convulsões. *Gerusa* desesperava-se. No fundo, considerava-se um pouco culpada por aquela situação. Sentada ao lado do leito, incansavelmente, enxugava a excessiva sudorese da testa do rapaz, com um pano molhado, e lhe refrescava, assim, o calor da febre contumaz. Entretanto, estarecida, constatou que, à medida que o tempo passava, a situação do amigo piorava.

- Vou à botica buscar-te um remédio, meu querido!... - murmura, ela levantando-se, resoluta. - Felizmente, tu tinhas alguns dobrões em teu bolso, e farei uso deles para salvar a tua vida!...

Algum tempo depois, *Gerusa* retornava, trazendo a mezinha que lhe vendera o boticário, segundo a ligeira anamnésia que ela lhe fizera de *João Manuel*. E, pacientemente, passa a propinar-lhe o remédio de acordo com as recomendações que lhe fizera o herbanário.

O dia transcorreu-se, sem que o rapaz apresentasse qualquer indício de melhora em seu estado; entretanto, *Gerusa*, persistentemente, continuava a ministrar-lhe a droga recomendada, até durante o avanço da noite subsequente, sem que ela mesma tivesse tido um só instante de repouso ou saído para tomar algum alimento. Porém,

quando a manhã do dia seguinte surgia, *Gerusa* é despertada pela luminosidade do sol nascente. O cansaço vencera-a, e ela dormira sentada ao lado do leito de *João Manuel*. Ainda zozna pelo excesso de sono, esfrega os olhos e observa o amigo. De repente, anima-se: as feições dele voltavam a rosar-se e, agora, ele parecia rressonar tranqüilo. Delicadamente, sonda-lhe a testa com o dorso da mão. Graças a Deus!... A febre desaparecera. Ao levíssimo toque da mão de *Gerusa*, *João Manuel* pareceu esboçar ligeiro sorriso, porém sem despertar. Sorria, enquanto sonhava; entretanto, a protagonista do sonho do rapaz, não era ela, *Gerusa*, mas, sim, uma outra mocinha, de olhos ligeiramente amendoados, cor de mel...

* * * * *

Teresa Cristina abre os olhos, naquela manhã, e tem um sobressalto. Deus do céu!... De repente, lembra-se do estranho que aparecera pelado, em seu quarto, no meio daquela noite transcursada!... Cheia de medo, chega a coberta até o pescoço e passa a varrer, com os olhos, minuciosamente, cada canto do aposento, agora, já mais bem iluminado pela claridade que se coava pelos interstícios da janela. Depois de constatar que estava realmente a sós, afasta as cobertas e se senta no leito. A lembrança do desconhecido da véspera assoma-lhe à mente, e forte emoção invade-lhe o ser. A figura máscula e imponente do rapaz desenha-se-lhe forte na tela mental: o olhar firme, os traços nobres - o nariz perfeito, os lábios bem torneados, os dentes brancos e grandes, o pescoço grosso... -, todo o conjunto fazia dele um rapagão de beleza incomum.

Meio aérea com as lembranças do rapaz, *Teresa Cristina* levanta-se e se senta, diante do imenso espelho do toucador, e observa, minuciosamente, a sua bela figura refletida no cristal. Depois, apanha a escova e principia a pentear-se, lentamente, olhando-se, estudando-se. Quem seria ele?... Quem, na realidade, viera visitar, na mansão, a altas horas da noite?... Estava patente que ele se enganara de

quarto... Puxa, queria tanto saber quem é que aquele belo mancebo viera visitar!... Uma ponta de quase ciúme invadia-a. Na verdade, ele estivera ali, para encontrarse com outra mulher, não com ela!... Era tão forte, tão bonito!... Sua voz firme e máscula ainda ecoava em seus ouvidos!... De repente, sente-se confundir. E *João Miguel*?... Na realidade, amava, mesmo, era *João Miguel* e, por que é que agora, então, dava para ficar pensando no outro?... Deus do céu, que confusão!... Que engraçado!... De repente, constata que ambos eram até bem parecidos: o mesmo porte, a mesma compleição!... Até a tonalidade da voz dos dois rapazes era bem semelhante!... Apenas que *João Miguel* tinha um jeito meio brusco de falar, como se mastigasse as palavras, e vivia carregado de ódio e de despeito. Já o da véspera, não. Apesar de as vozes serem bastante semelhantes, esse era gentil e afável no falar e não parecia morder as palavras, enquanto falava, mas as acariciava, como se as beijasse. Como é que duas pessoas que sequer se conheciam poderiam ser tão parecidas, assim, uma com a outra?... Isso a intrigava e, ao mesmo tempo, dividia-a, machucando-a. Sente-se, então, encher de remorso. Como poderia esquecer-se do seu amor?... Não estava ali, exatamente, por causa de *João Miguel*!... E, por que cargas d'água metia-se, agora, a pensar em outro?... Não, aquilo não estava correto. O que precisava, mesmo, era esquecer aquela experiência incomum e, bem depressa!... Por ora, urgia tocar-se, rapidamente, e descer para o desjejum. *Manuela*, certamente, já se teria levantado àquela hora. Terminando de vestir-se, a mocinha pára, uma vez mais, diante do espelho, e se olha, crítica.

A imagem do desconhecido jovem ainda bailava em sua mente. Que coisa!... Por mais que desejasse, não conseguia expulsar as feições do estranho rapaz que, insistentemente, invadiam-lhe o pensamento.

Teresa Cristina deixa o quarto e vai encontrar a prima que a precedera e já quebrava o jejum, na imensa sala de jantar da mansão. *Inácia*, altamente solícita, servia lauta mesa, pejada de delícias.

- Oh, bom-dia, queridinha!... - exclama *Manuela*, ao vê-la assomar o limiar da porta da sala de jantar. - Vem!... Acomoda-te, aqui, ao meu lado, que *Inácia* servir-te-á, em seguida.

Teresa Cristina senta-se ao lado de *Manuela*. A esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses* era uma mulher altamente perspicaz e logo percebeu ligeira agitação nos modos e nas feições da mocinha.

- Estás a te sentir bem, prima? - pergunta *Manuela*, estranhando-lhe a inquietação, àquela hora da manhã.

- Oh, sim!... - responde a outra. - Por que a pergunta?

- Porque te noto um pouco desassossegada - responde *Manuela*. - Acaso não dormiste bem?

- Oh, sim!... Digo... Não sei!... - titubeia *Teresa Cristina*, olhando para *Manuela* e, depois, para *Inácia* que, postada do lado, espichara as orelhas de lebre para melhor escutar a conversa.

- Oh, não te intimides com *Inácia*, queridinha!... - observa *Manuela*, percebendo que a priminha retraía-se com a presença da criada. - E discretíssima como um túmulo...

- Aconteceu-me, sim, algo, no mínimo, muito estranho, cara prima...

- diz *Teresa Cristina*, passando a narrar a inesperada visita que recebera na noite transcorrida.

Manuela, enquanto ouvia a narrativa da prima, trocou uma série de significativos olhares com a criada. "Ah, então o miserável preferira o quarto da priminha, é?... ", pensa ela, roendo-se de ódio. "Bandido!... E eu a esperá-lo, a noite inteirinha, feito uma tonta!... Cão traiçoeiro, aguarda-me, que terás o troco!..."

- Acaso conheces rapaz com tal descrição, cara prima? - pergunta *Teresa Cristina*.

- Não, queridinha - mente *Manuela*. - Certamente, esse atrevido costuma visitar alguma das minhas serviçais... Sabes como costumam ser namoradeiras essas criadas!... - e lança um olhar carregado de falsa censura para *Inácia* que se encolhe e finge limpar a garganta de um pretenso pigarro. - Mas, prometo-te investigar,

seriamente - e, voltando-se para a outra, pergunta: - E tu, acaso, conheces o tal, *Inácia!*..,

- Não... Senhora... Dona *Manuela!*... - responde, titubeando, a criada, altamente nervosa e torcendo as mãos. - Jamais vi esse homem em minha frente!...

- Pois aí tens, queridinha - observa *Manuela*, sarcástica -, sequer a mais esperta das minhas criadas conhece esse que dormiu contigo esta noite...

- Oh, não, *Manuela!*... - apressa-se a mocinha em corrigir a outra.

- Entendeste errado!... Ele não dormiu comigo, apenas entrou em meu quarto por engano!...

- Sei... - diz *Manuela*, abrindo um sorriso de mofa, enquanto trocava um divertidíssimo olhar com sua criada. - Oh, acho que me enganei, queridinha!... - e, em seguida, levanta-se da mesa e, ainda mantendo um resquício de riso escarnekedor aos cantos dos lábios, prossegue:

- Entretanto, fica bem claro que, enquanto aqui permaneceres, não te censurarei por nada, meu bem!... Em minha casa, serás livre para fazeres o que bem entenderes, correto?... Não sou como teu pai, que vive a botar-te bridões e a amarrar-te aos pés das mesas, para que não fujas!... Faze o que desejares e não precisas dizer-me nada, entendeste?... - e, depois de beijá-la à testa, ordena à criada: - *Inácia*, segue-me a meu quarto, sim?... Preciso de ti para acabar de tocar-me!...

Ainda muito chocada, *Teresa Cristina* olha para *Manuela* que sai acompanhada de sua fiel criada. A juvenzinha mantivera-se boquiaberta o tempo todo diante daquelas palavras e nada conseguira dizer. Por que se sentira tão apatetada perante a outra que, obviamente, enganava-se a seu respeito e que não lhe dera a mínima chance para explicar-se?... Que comportamento estranho apresentava a prima!... Poder-se-ia até pensar que se encontrava um tanto despeitada ou algo assim!...

A mocinha permanece a sós, na imensa sala de jantar, e acaba por mal tocar nos alimentos. Ainda altamente magoada com o

comportamento de *Manuela*, *Teresa Cristina* sai e se dirige para a parte fronteira da mansão. Conhecia, ainda, muito pouco do ambiente e precisava familiarizar-se. Deixa a casa pela entrada principal e se põe, então, a caminhar sob as árvores de pequeno bosque que se iniciava no limiar do jardim e se estendia por algumas dezenas de metros até a divisa com a propriedade vizinha. A luz do sol primaveril coava-se por entre as copas das árvores, lançando raios dourados a petiscarem minúsculos arcos-íris das gotas de orvalho que ainda persistiam sobre o gramado bem cuidado que recobria o solo do bosque como se fosse um tapete esmeraldino. *Teresa Cristina* caminhava, mas não prestava muita atenção às coisas, não. Seu pensamento estava longe, perdido em cenas da noite transcorrida. A imagem do rapagão amorenado de olhos marrom-es-curos e penetrantes não a abandonava. E, à lembrança daqueles braços potentes, apertando-a forte, emitia profundos suspiros. Deseja, então, ardentemente, rever aquele rapaz. Mas, como?... Sequer lhe sabia o nome... E, *Manuela*, à simples menção do que lhe sucedera naquela noite, já suspeitara de um montão de absurdos!... Que coisa!... Como é que a prima podia insinuar daquela forma tão direta que ela, *Teresa Cristina*, vivia recebendo rapazes à noite?... Que despropósito!... Fora pega tão de surpresa pela reação de *Manuela* que sequer tivera tempo de defender-se!... Ah, mas a prima iria escutar!... Ah, se iria!... O que é que pensava aquela prepotente?... Ela que aguardasse!... Mas, aí, os olhos profundos do moço perseguiam-na, sem trégua!... Deus do céu!... Não devia ficar pensando em outro homem!... Não era apaixonada por *João Miguel*!... De repente, a imagem do namorado pareceu-lhe distante, perdida no meio de brumas, e suas feições tornavam-se borradas, desbotadas, inexpressivas...

Teresa Cristina recosta-se ao tronco de vetusto carvalho negro. De repente, começa a tremer, e um medo estranho invade-a, de inopino. Jesus Cristo!... Que seria aquilo que estava acontecendo?... Nunca sentira tais coisas antes!... Por que é que teimava em pensar

no rapaz desconhecido?... Não queria pensar nele, não desejava lembrar-se mais dele; queria, mesmo, era desvencilhar-se daquelas imagens perturbadoras; entretanto, elas teimavam em invadir-lhe a tela mental, insistentemente, tirando-lhe a paz!... E as perguntas, obstinadamente, tomavam-lhe o pensamento: quem seria ele?... A quem visitaria a altas horas da noite?... Alguma das criadas ou a própria *Manuela!*... Deus do céu!... Não deveria estar a julgar a prima daquela maneira, tão levemente!... Mas ela, a prima, mostrara-se tão estranha, tão despeitada, quando lhe narrara o acontecimento!... E o primo *Afonso* não andava a viajar pelo mundo, a deixar a jovem esposa sozinha por longos períodos?... Será que, quando o marido viajava, *Manuela* não viveria a receber aquele tipo de rapazes em sua casa?... Oh, Deus!... Que complicação!... Não tinha o direito de julgar a outra, sem ter a certeza de nada!...

Tais pensamentos, mais a persistente lembrança do moço desconhecido judiavam de *Teresa Cristina*. Por que é que sua vida estava tomando um rumo tão ruim, tão difícil de resolver?... De repente, teve saudades de tempos atrás, de quando era menina e ainda não ligava para essas coisas ditadas pelo coração!... Amar seria sofrer tanto assim?... Que incoerência!... Como é que o amor - sentimento que se dizia ser tão sublime, tão cheio de prazeres e de felicidades que traria à alma! de repente, mostrava-se assaz incomodativo, tão infelicitador?... A mocinha sentiu-se mais e mais confundir. Lembra-se de *João Miguel*. Tenta recordar-lhe as feições, o jeito, a voz. Precisava substituir as lembranças do intruso pelas do namorado. Entretanto, constata, terrificada, que não conseguia!... A imagem do moço desconhecido sobrepunha-se, insistentemente, à do outro!... Sentia que a vontade de rever *João Miguel* afastava-se do seu coração; na realidade, não tinha, mesmo, era mais nenhuma vontade de revê-lo!... Apavorada, lembra-se de que o namorado poderia aparecer por ali, a qualquer momento, para vê-la!... Não, ele não poderia encontrá-la naquele estado!... Precisava, urgentemente, livrar-se da imagem do outro ou se trairia, por certo!...

E, premida por esse terrível dilema, resolve retornar a casa. Quando deixa o pequeno bosque, observa *Manuela* que saía, trajando-se, impecavelmente. O coche aguardava-a, estacionado diante das escadarias de mármore branco.

- Oh, estás aí, queridinha!... - exclama ela, efusivamente, para *Teresa Cristina*. - Procuramos-te por toda a parte e não te encontramos!... Não queres acompanhar-me?... Vou à cidade, para as compras semanais!

- Não sei se te serei boa companhia, prima... - responde a juvenzinha, aproximando-se cabisbaixa e ainda bastante desanimada.

- Oh, tenho a certeza de que a tua companhia far-me-á muito bem, queridinha!... - diz *Manuela*, levantando-lhe o queixo com a ponta dos dedos enluvados. - Vem!... Eu e tu nos divertiremos bastante, a fazer as compras!...

Teresa Cristina acaba por aquiescer, e ambas acomodam-se no coche, que sai ligeiro, em direção do centro da cidade.

- Estás assim, porque o teu namorado ainda não veio visitar-te, não é mesmo? - diz *Manuela*, piscando-lhe um olho, marotamente.

A mocinha ia dizer que não, que a coisa tornava-se mais complicada, mas resolveu nada dizer à prima. Contrariamente ao que pensava antes,

ora percebia nada saber, de fato, sobre *Manuela* que, a cada dia, revelava-se dona de uma personalidade altamente fútil e mundana. Em que lhe poderia ajudar pessoa assim?... Certamente, em nada, além de insinuar coisas inexistentes...

_ *João Miguel*, por certo, encontra-se ocupado com o pai, que vive doente, depois que lhe morreu a esposa - decide-se, então, por responder. E prossegue, sem encarar a outra: - Mas, tenho a absoluta certeza de que virá!

- Oh, se virá!... - diz *Manuela*. E continua, com uma ponta de zombaria: - Contudo, cuida para que ele não te pilhe em outros braços,

hein?... Não quero escândalos à minha porta!... Já te disse que podes fazer o que quiseres com a tua vida, mas sê discreta, cara priminha!

- *Manuela!*... - exclama *Teresa Cristina*, ruborizando-se com o comentário da outra. E, demonstrando alta indignação, prossegue: - Por quem me tomas?... Acaso insinuas que eu...

- Oh, nada insinuo, queridinha! - observa a outra, abrindo um sorriso cheio de sarcasmo. - Tu mesma disseste que tinhas dois na mira!... Não fui eu, portanto...

- Não, *Manuela!*... - replica a mocinha, contestando. - Entendeste-me mal!... Não tenho dois namorados, não!... Papai arranjou-me um, *Vasco*, à minha revelia, mas eu gosto de outro, *João Miguel!*...

- Sei... - diz *Manuela*, com desdém. - E o de ontem à noite, quem é?... Por certo, está a entrar um terceiro na dança!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Oh, arrependo-me de ter vindo contigo, *Manuela!*... - exclama *Teresa Cristina*, cujos olhos enchem-se de lágrimas, pois altamente ofendida sentiu-se com a observação ferina que lhe fazia a prima. E prossegue, sacudida pelos soluços: - Aliás, arrependo-me, extremamente, de ter buscado refúgio em tua casa!... - e as lágrimas descem-lhe, abundantes, dos olhos cor de mel.

-Oh, como és melodramática, *Tininha!*... - diz a outra, olhando-a de soslaio. - Não te quis ofender!... Mas, acaso, disse eu alguma inverdade?...

- Sim!... - explode a outra, entre lágrimas. - Desde a manhã, vives a insinuar que eu trouxe um homem para dentro da tua casa!... E que tenho dois namorados, também!... Por quem me tomas, afinal?... Uma rameira?...

- Como és temperamental, cara prima!... - exclama *Manuela*. Viste no que deu teres crescido agarrada à barra da saia da tua mãe? Não passas de uma boboca mimada!... Tens de crescer, *Tininha!* Não estou a censurar-te porque tens três namorados, não!... Censuro-te porque não assumes o que fazes!... Se queres, de fato, ser uma mulher liberal como eu, terás de assumir tudo o que fizeres,

entendeste?... - espiando pela janela do coche, observa: - Vê!... A praça do mercado!... É aqui que vamos parar primeiro!... Quero mostrar-te os sapatos de cetim que estão a trazer de Macau!... São uma graça, uma delícia aos pés!...

Teresa Cristina olha para a prima. Como *Manuela* era insensível!... Não conseguia enxergar nada além do que acontecia com ela mesma

- Sabias que Macau fica na China?... O país tem uma possessa por lá!... - diz *Manuela*, enquanto ambas, deixando o coche, encaminhavam-se para a grande variedade de lojinhas da praça do mercado.

Rapidamente, as duas mulheres perdem-se no meio do burburinho da rua. *Teresa Cristina* seguia a outra que se perdia a admirar as mercadorias expostas nas portas das lojas. A mocinha trazia o peito apertado. Nada daquela imensidão de novidades apregoadas pelos vendedores em altos brados, ao menos naquele momento, conseguia fazê-la sor ou ganhar algum ânimo. Estava sofrendo as primeiras dores de amor verdadeiro, e dores de amor verdadeiro não são de brincadeira; judiam demais, até não mais quererem...

Capítulo 8

Tramas e vinganças

João Miguel olha-se, demoradamente, no grande espelho do toucador do seu quarto. Levantara-se havia pouco; eram ainda seis da manhã. Não que fosse habituado a madrugar; é que, depois de uns tempos, passara a dormir pouco. Uma insónia persistente

acometia-o, invariavelmente, todas as noites, e, quando conseguia dormir, já bem de madrugada, seu sono apresentava-se altamente agitado e cheio de pesadelos horripilantes em que um vulto escuro e tétrico perseguia-o, tentando sufocá-lo com as mãos carcomidas por vermes e a exalar nauseabundos odores de carne em putrefação. Acordava sempre enjoado, com fortes dores de cabeça, além de apresentar amarga e pegajosa baba à boca. Tais pesadelos principiavam a maltratá-lo muito, e ele se sentia deveras muito mal, a cada manhã, e só conseguia melhorar um pouco, à medida que o dia avançava, e ele se enfronhava nos negócios da família, pois o pai encontrava-se bastante enfermo, depois que lhe morrera a esposa, meses antes. O rapaz, então, obrigara-se a tomar o gerenciamento das inúmeras propriedades e negócios que possuíam, função que o pai sempre exercera, mas que, no momento, definitivamente, dela se desobrigava, passando-a às mãos do filho, uma vez que o velho *Barão da Reboleira* definhava a olhos vistos, tomado de doença crônica e grave a lhe consumir as forças, rapidamente. Entretanto, a despeito de tais atribulações que lhe tiravam a paz de espírito e, depois que se livrara de *Madalena* e, conseqüentemente, de suas ameaças, *João Miguel* sentia-se um pouco mais aliviado de suas apreensões mais evidentes. Alimentara um excedido temor, em relação à descoberta do paradeiro do irmão desaparecido, havia tanto tempo, que perdera completamente a Paz, pensando no ressurgimento do "bastardo" - modo de como ele, impiedosa e infundadamente, em seu íntimo, sempre se referira ao irmão - fato que, em nada se alicerçava, posto que *João Manuel* nunca fora membro ilegítimo da sua família, apenas que, seqüestrado ainda bebê, criara-se longe da tutela e sem nunca se relacionar com os seu parentes consanguíneos. Entretanto, *João Miguel* via nele não o irmão zinho surripiado tão covardemente, mas um usurpador inoportuno que lhe vinha roubar metade da fortuna que herdaria sozinho. Na realidade, não se perdoava por ter sido ele mesmo a encontrar o irmão desaparecido; se houvesse esperado um tantinho

mais, os pais acabariam morrendo sem reencontrarem o filho, e ele, finalmente, poderia meter as mãos na gran diosa fortuna da família e mandar o outro às favas, para sempre!... Que idiota fora!... Talvez, premido pelo remorso de ver os pais sofrendo tanto, principalmente, a mãe, que se finava, a cada dia, numa agonia inominável, é que se empenhara tanto em encontrar o paradeiro do outro. E, aplicara-se demasiadamente em tal diligência que, mesmo a contragosto, acabara por localizar o sujeito. Mas, no íntimo, sabia que só o fizera, exclusivamente, pelos pais. E, agora, arrependia-se. Afinal, que lhe importavam os pais?.. Estavam, já, velhos e amargos. Aliás, sempre viveram amargos, cul-pando-se, reciprocamente, por aquela tragédia que se lhes abatera sobre o lar. E, que culpa tinha ele, *João Miguel*, nessa história toda?... Nenhuma. Apenas sofrera as agruras de ter suportado, sempre, uma mãe chorosa e lamurienta e um pai fechado em sua rispidez infinita e carrancuda!... Jamais vira o pai sorrir uma única vez!... E não se lembrava de ter recebido dele um mínimo agrado ou um só afago, sequer, durante toda a sua vida!... Criara-se, na realidade, pelas mãos das pajens e da velha governanta. *Amélia* sempre lhe fora mais presente que a mãe que só o olhava de longe e, raríssimas vezes, acariciara-lhe os cabelos e lhe dera um ou dois beijos, apenas, quando era ainda um garotinho... Naquela manhã, particularmente, *João Miguel* encontrava-se mais enjoado que de costume. Tinha a boca amarga, e a cabeça martelava-lhe, insistentemente. Olhou, demoradamente, para o seu belo rosto moreno de olhos escuros e profundos, projetado no imenso cristal do espelho; a barba negra, cerrada; o basto bigode, bem aparado; as sobrancelhas finas e ligeiramente arqueadas... Entretanto, sinais de olheiras escuras já se lhe delineavam em derredor dos olhos - conseqüência das inúmeras noites insones. *João Miguel* deixa o espelho e se senta numa poltrona. Sentia-se tão cansado, mesmo sendo de manhãzinha, que não tinha ânimo para vestir-se e partir para a cidade. Tinha alguns importantes encontros de ócios e urgia que se aviasse, entretanto a lassidão dominava-o;

tinha ^ais era vontade de retornar ao leito. De repente, lembra-se do sonho que tivera' a mesma sombra de sempre a persegui-lo - o espectro horripilante tentava sufocá-lo com as mãos fétidas e descarnadas, corroídas por vermes brancos a lhe fervilharem por todo o corpo, no afã de devorá-lo, vorazmente. Ainda guardava nas narinas o odor pútrido que o vulto exalava!... Que seria aquilo?... Nunca tivera, até então, pesadelos assim!... De repente, lembra-se de *Madalena*, a prostituta que ele apunhalara num beco escuro, numa fria e chuvosa manhã de início da primavera. A imagem da moça desenha-se-lhe, então, à mente. Nitidamente, *João Miguel* rememora aqueles brutais momentos; lembra as feições da jovem, mos-trando-se cheia de assombro, diante do inesperado. Sente-lhe o corpo tremer, quando a lâmina do punhal cravou-se em suas carnes túmidas. Ouve-lhe, ainda, o gemido de dor intensa, e os olhos revirando-se, perdendo o brilho, tomando-se opacos e ainda carregados dum misto de incompreensão, de surpresa e, principalmente, de ódio. *Madalena* fixara nele seu derradeiro olhar, enquanto seus lábios murmuravam: "*Por que fizeste isso, maldito?...* ", e sua voz afogara-se num intenso gorgolão de sangue que lhe respingara todo o casaco de lã...

Um arrepio percorre o corpo de *João Miguel*. Agitado, levanta-se e se encaminha para enorme aparador que ostentava uma porção de botelhas de terracota. Destampa uma das garrafas e enche um copo de vinho. Irrita-se. Por que é que aquelas lembranças nojentas tinham de, amiúde, invadir-lhe a mente?... Entorna o conteúdo do copo de uma só vez e volta a enchê-lo. Em seguida, senta-se, novamente, na poltrona. As horas passavam. Era preciso vestir-se e ir ao encontro dos negociantes. Entretanto, insistentes, as lembranças voltavam a atormentá-lo. *Madalena* tombara, pesadamente, sobre o chão lamacento, e suas roupas, rapidamente, encharcaram-se de sangue, de chuva e de lama. Seu rosto empalidecera, e os olhos permaneceram abertos, bem arregalados, guardando as derradeiras impressões que tiveram neste mundo.

Era só uma vagabunda!...", murmura *João Miguel*, quase inaudivelmente, só para si. "*Uma vadiazinha do cais do porto...*", e sôfrego, engole de uma só vez o conteúdo do copo que tinha às mãos. Depois, resolutamente, levanta-se e se põe a vestir-se com primor. Era preciso ir ao encontro dos negociantes...

* * * * *

Manuela e *Teresa Cristina* sobraçavam uma porção de pacotes e atravessavam a praça, para tomarem o coche de volta ao lar. O sol já ia alto no céu e, acaloradas pela incidente e altamente brilhante luminosidade primaveril, ansiavam por regressar a casa, a fim de se refrescarem o mais rapidamente possível. Quando se achavam caminhando, já no meio da praça, imiscuídas no meio de relativa multidão de transeuntes, depararam-se, de chofre, com alguém muito conhecido que também atravessava aquele espaço, em sentido contrário ao delas.

- *Anjinho!*... - exclama *Manuela*, pega pela surpresa. O rapaz, não menos espantado com tal coincidência, mal olha para *Manuela*. Seus olhos buscam, rapidamente, os de *Teresa Cristina* e prendem a eles de forma ostensiva e atrevida. A mocinha empalidece e se põe a tremer. Seus braços amolecem, e ela deixa cair, desastrosamente, a série de pacotes que sobraçava. Instintivamente, a jovem se ajoelha para recolhê-los, e o rapaz acocora-se-lhe, rapidamente, ao lado, sem, entretanto, tirar os olhos dela por um só instante. Solícito, mete-se a recolher os pacotes e, gentil, ajeita-os aos braços de *Teresa Cristina* que permanecia branca como um fantasma e tremia com insistência.

- Por favor... - diz ele, ajudando-a a erguer-se.

- Grata... - responde ela, ainda trêmula e mal conseguindo articular a palavra.

Da lividez, *Teresa Cristina* passa, instantaneamente, ao rubor. Baixa, então, os olhos. E se a prima desconfiasse e descobrisse tudo?... O maluco mostrava-se tão insistente, olhando-a daquela forma!... Será

que ele não percebia que, agindo assim, a esperta *Manuela* iria desconfiar?...

- O que andas a fuçar por aqui, *Anjinho?*... - pergunta *Manuela*, olhando para o rapaz, com a voz carregada de ironia e, aparentemente, sem demonstrar que pescava algo no ar.

- Oh, vadiava, tão-somentel!... - responde ele, abrindo um sorriso amarelo.

- Pelo visto, ainda não mudaste de profissão!... - observa, sarcástica, *Manuela*. - Além de viveres, todo o tempo, a beber e a espoliar os imbecis marinheiros no carteadado e nos dados, ainda te sobram horas suficientes para, regularmente, medires quantos passos há do porto até a cidade e vice-versa, não é mesmo? - e se escancara numa gargalhada debochada: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

O rapaz enrubesce de raiva, diante das palavras ferinas da mulher. Ia responder-lhe que permanecia, sim, mas era na profissão de consolador de esposas desprezadas pelos maridos; entretanto, olha para o rosto angelical que se postava ali do lado de ambos e, em respeito à mocinha, cala-se. "*Pagar-me-ás caro a afronta, depois, maldita!...*", pensa ele, fervendo de ódio por dentro. "*Quando me encontrar a sós contigo, verás qual é a minha verdadeira profissão!...*" Entretanto, por ora, era preciso judiar um pouco daquela ordinária.

- Enganas-te, prestimosíssima *Manuela!*... - exclama ele, demudando, rapidamente, as feições, de ódio, para sarcasmo. E, enquanto tomava, cheio de delicadezas, os pacotes dos braços de *Teresa Cristina* e a aliviando, completamente, da incômoda carga, prossegue: - No momento, dedico-me a ajudar donzelas sobrecarregadas de pacotes!...

Manuela lança-lhe um olhar terrível, frio e cortante como uma navalha. Então o vagabundo metia-se com a priminha, é?... Desaforado!... A ela é que deveria ajudar a carregar os pacotes; não à outra!... Entretanto, não se deixou levar pelo despeito; no momento era mister que a priminha não desconfiasse de nada, que não metesse nenhuma caraminhola à cabeça. *Manuela* não queria

nem pensar na hipótese de a bobinha desconfiar de algum relacionamento torto que ela, *Manuela*, vinha tendo com aquele vagabundozinho do cais do porto!... Se essas coisas caíssem na boca da indiscreta *Bárbara*, seria o fim, e ela, *Manuela*, encontrar-se-ia, irremediavelmente, perdida!... O país inteiro, por certo, ficaria sabendo!... Se havia alguma coisa que a esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses* temia era a língua da prima *Bárbara*!...

- Então, *Anjinho*!... - exclama *Manuela*, fingindo plena despreocupação. - Já que te prestas a carregador de pacotes, toma lá também os meus!... Ufa!... Que alívio!... - prossegue ela, depois de entulhar os braços do pobre rapaz com todos os pacotes que ela carregava.

- Queres é tirar proveito de mim!... - geme *João Manuel*, mal conseguindo sobraçar aquela montanha de embrulhos.

- Vamos, avia-te, homem!... Sem lamúrias!... - exclama *Manuela*, pondo-se a caminhar, resoluta. - Nosso coche encontra-se mesmo ali, do outro lado da praça!... Não é preciso que te exasperes tanto assim, P^ors não é para Roma que tens de transportar toda essa carga!...

Teresa Cristina e *João Manuel* trocam-se um ligeiro olhar. Pela Primeira vez, ela lhe sorri, divertida, dando de ombros. Que fazer diante da insistência de *Manuela*!... A ele restava, compulsoriamente, ter de carregar aquele incómodo monte de pacotes.

Uma vez acomodadas as duas e também a profusão de pacotes no coche, *João Manuel* permaneceu de pé, sobre o calçamento da rua embevecido, extasiado mesmo, diante das feições delicadíssimas da mocinha que o olhava da janela do carro, também altamente interessada. Deus do céu!... Que criaturinha mais linda!... Não poderia deixá-la partir assim!... Corre, então, os olhos, ligeiro, para os lados, e ali bem próximo, uma velha florista, sentada à sombra de um videiro, vendia exuberantes violetas, expostas num cesto de vime. Apressado, corre até a mulher e toma da cesta um expressivo ramo das tais florezinhas mimosas. A mulher olhá-o,

atônita, sem compreender, de imediato o que ele fazia. *João Manuel* lança-lhe um olhar desesperado e ela entende, devolvendo-lhe um sorriso cúmplice. E, em seguida, quando o coche já partia, o rapaz, a correr, emparelha-se ao lado da janela e, beijando as flores, atira-as ao colo de *Teresa Cristina*.

Tomada de surpresa pela inesperada ação do rapaz, a mocinha apanha as flores e, ainda bastante espantada, olha com admiração para o pequeno buquê de florinhas roxas. Depois, empertiga-se no assento do coche e se volta para trás. Lá no meio da rua, ele permanecia de pé, com largo sorriso aos lábios. Seus olhos brilhavam intensamente. Quando ele a vê voltar-se para olhá-lo, manda-lhe um beijo pelo ar e lhe acena a mão em adeus. Ela, então, endireita-se no banco. Estava altamente impressionada com a atitude do rapaz. Intensa emoção invade-a. Depois, acaricia, ternamente, as violetas, com as pontas dos dedos e, delicadamente, leva-as às narinas, aspirando-lhes o perfume sutil. Violetas!... As flores da paixão!... Seu coraçãozinho principia a bater mais forte.

Manuela, estranhamente quieta em seu assento, apenas observava; não perdera um só detalhe daquilo tudo. De repente, algo lhe perpassa pela cabeça. Conhecer-se-iam, de antemão, os dois pombinhos?...

- Dize-me, queridinha - pergunta ela, tomando-se altamente intrigada com a atitude dos dois jovens -, acaso tu já conhecias *Anjinho*?

- Oh, não!... Não!... - responde *Teresa Cristina*, grandemente nervosa diante da pergunta da outra. - Jamais o vi antes!

- Sei... - diz *Manuela*, olhando-a, fundo, nos olhos. Tinha a absoluta certeza de que a prima mentia. - Poderias jurar, então, que *Anjinho* não é o tal que te visitou ontem à noite?

- Oh, não, *Manuela*!... - responde a jovem. - O quarto encontrava-se às escuras, e mal lhe pude divisar o vulto!...

Manuela resumiu-se a olhá-la, cheia de desconfiança. Como era uma pessoa volúvel e mundana, pescava logo quando lhe mentiam. "*Quem usa, cuida, safadinha!*...", pensa ela, lançando um olhar cheio

de desprezo para a priminha. "*O descarado do Anjinho preferiu-te a mim!..- Não sei eu, acaso, que tens as carnes mais tenras que as minhas?...*"

Naquela noite, *Teresa Cristina* não conseguia conciliar o sono. Ainda tinha à mão o pequeno ramalhete de violetas. As flores já emurcheciam por ação do soão¹ que soprara com insistência, desde a tarde até o início da noite. Quantas vezes já não beijara e aspirara o sutil, mas insinuante perfume daquelas florezinhas roxas?... Algumas centenas de vezes, por certo!... Olhava para o pequenino buquê, que quase cabia todinho em sua mão, e se ria. Que delicadeza!... A imagem do rapaz, sorrindo e lhe enviando beijos pelo ar, fazia-a ter acessos de delírio!... Deus do céu!... Já teria visto alguém mais bonito?... Que jeito suave tinha ele de olhar!... Sentia-o forte, decidido, um homem valente e que sabia ser autêntico!... Quem seria ele?... Agora tinha a absoluta certeza de que *Manuela* conhecia-o; aliás, que ambos conheciam-se, reciprocamente, e muito bem, por sinal!... Notara-lhes a intensa intimidade, a troca de olhares, o espanto no casual encontro. De onde se conheceriam?... Não tivera coragem de perguntar à prima. Além do mais, *Manuela* não se mostrava confiável; poderia mentir.

Teresa Cristina vira-se no leito, mantendo o pequeno buquê entre os dedos, olhando-o, insistentemente. *Anjinho*... Ri-se, ao lembrar-lhe o nome. Nome ou apelido?... Poderia alguém chamar-se assim?... Sonda a memória e descobre não ter conhecido ninguém com tal nome. Deveria ser apelido, pois *Anjinho* não poderia ser nome de gente; se ainda fosse *Arcanjo*, ela conhecia alguns. Então, como seria o verdadeiro nome dele?...

Teresa Cristina acorda-se e sonda o ambiente com um par de olhos sonolentos. Pela claridade que se fazia pelos interstícios da janela, a manhã deveria estar bem avançada. Súbito, as lembranças do dia anterior vem-lhe à mente. *Anjinho*... Apressada, procura pelo

1 Vento ,quente que, na latitude de Portugal, sopra entre leste e Sudeste.

ramalhete. Havia dormido, segurando as flores e vai encontrá-las bastante murchas a seu lado, sobre o lençol de cambraia branca. Que pena!... Pouco lembravam das exuberantes florezinhas da véspera!... Com desmedido cuidado, recolhe as flores sem viço e as guarda dentro de um lencinho de seda.

- Aqui eu as manterei desidratadas e durarão por muito tempo!... - murmura ela, baixinho, beijando a trouxinha que depositou, a seguir, delicadamente, no fundo de uma gaveta.

Depois, espreguiçando-se até o exagero, a mocinha sentou-se diante do toucador. Detalhadamente, espia a sua imagem refletida no espelho. Tinha os olhos brilhantes, o rosto radiante. E imagina as feições de *João Manuel* desenhando-se no cristal brilhante, ali, ao seu lado. "*Como és bonito, meu anjo!...* ", pensa, abrindo um sorriso. "*Que delícia foi ouvir de novo, a tua voz forte e decidida!... Quem és tu, na realidade?...'*", e, cheia da preguiça matinal, principia a pentear-se, languidamente, sem pressa. Entretanto, uma comichão estranha, um desejo premente de descobrir e, mesmo, de rever aquele rapaz, paulatinamente, invadia-a, ao tempo em que escolhia, no armário, a roupa que iria vestir.

- *Manuela*, por certo, não me dirá quem é o tal *Anjinho* - murmura baixinho, só para si, depois, enquanto ajeitava a gola alta da blusa de renda branca. - Preciso encontrar um jeito de descobrir quem é ele, onde vive...

E, quando acabava de fechar a porta do quarto atrás de si, e ia descer ao salão de jantar para tomar o desjejum, de repente, tem uma idéia.

- *Inácia!*... - diz baixinho. - Sim, *Inácia*, dir-me-á, por certo, quem é *Anjinho*... - e desce, apressada, as escadas para o térreo.

Adentrando o salão de jantar, *Teresa Cristina* depara-se com a prima que a precedera.

- Oh, bom-dia, queridinha!... - exclama *Manuela*, sorridente, ao vê-la surgir à porta. - Ferraste no sono, hoje, hein?...

- Oh, dormi como uma pedra!... - diz a mocinha, sentando-se à mesa.

- Em pouco, irei à modista - diz *Manuela*. - Não queres acompanhar-me?

- Oh, prima, se não te importas, acho que preferirei ficar!... - responde ela. - Desejo pôr minhas leituras em dia!... Desde que aqui cheguei, não li sequer uma única página!...

_ Tens de tomar o hábito que adquiri, há tempos, queridinha - diz *Manuela*, levantando-se da mesa, pois já terminara seu desjejum. - habito de mulher abandonada pelo marido: leio na cama, até que o sono me venha!... - e, beijando a prima à testa, prossegue: - Mas, fica à vontade e faze o que quiseres, que tenho de me aviar, ou não retomarei antes do almoço!... - e, voltando-se para a fiel criada, ordena: - *Inácia*, vem, que preciso de ti!...

"*Daqui a pouco, tu me contarás tudo o que sabes, Inácia!...*", pensa *Teresa Cristina*, observando a criada que seguia a patroa como um cão fiel. "*Veremos até onde vai essa tua fidelidade!...* ", e esboça um sorriso matreiro...

Uma hora depois, com o rosto colado na grandiosa vidraça do salão de visitas, a mocinha acompanhava com os olhos a prima que tomava, nervosamente, o coche estacionado diante da escadaria de mármore branco. "*Vai-te, Manuela, para o mundo, e me deixa, cá, agora, a descobrir os teus podres!...*", e abre um sorriso de plena satisfação. Em seguida, encaminha-se à copa e encontra *Inácia* envolvida em afazeres domésticos, juntamente com outras criadas.

- *Inácia* - chama ela pela serviçal -, vem até meus aposentos, que preciso que me cosas de volta um botão que se desprende de um de meus vestidos.

Pouco depois, a criada mantinha-se de pé, em expectativa, diante de *Teresa Cristina*, que se sentara numa poltrona.

- Onde guardastes o vestido, senhorita? - pergunta a criada.

- Não há vestido algum, *Inácia!* - exclama a juvenzinha, rindo-se. E, indicando com a mão uma outra poltrona, diz-lhe: - Senta-te, aí!... Vamos conversar eu e tu!...

Meio abobalhada, a criada olha para a outra. Será que ouvira direito?... Ali naquela casa, ninguém, em toda a sua vida, uma única vez sequer, tratara-a daquela forma!... Estranhava, enormemente, tudo aquilo.

- Que... Que... di... zeis..., senhorita? - balbucia ela.

- Sim, *Inácia*, senta-te aí!... Estou a convidar-te para um dedo de Prosa!...

- Não, senhorita!... - responde a outra, decidida. - Agradeço-vos o convite, mas não posso aceitar!... Se a senhora dona *Manuela*, ao menos, disso suspeitar, estarei no olho da rua!...

- Ora, que bobagem!... - exclama a mocinha. - Acaso não te recomendou ela que me servisses?... Então, estou a ordenar-te: senta-te aí, mulher, e não faças drama!... - e, estalando os dedos, prossegue animadíssima: - Pensando bem, faz melhor!... Apanha duas taças de vinho: uma para mim e outra para ti!...

- Não, senhorita *Teresinha!*... Por misericórdia, não!... - exclama a criada, cheia de terror. - Imaginai se me pilha a tomar tais liberdades a senhora dona *Manuela!*... Ai, Jesus!... Não quero nem pensar!... A mendicância ser-me-á pouca!...

- Oh, que grã covarde és, *Inácia!*... - exclama a juvenzinha, altamente contrariada. E ordena, já perdendo a paciência: - Anda, faze o que te mando!... Ninguém ficará sabendo!...

- As demais criadas, senhorita!... - desabafa, chorosa, a outra. - Já vivem a se arder de inveja, porque é a mim que a patroa solicita sempre!... Se me sabem a fazer tais despautérios, matar-se-ão umas às outras, aos bofetões e aos arranhões, para verem qual delas cuspirá o mexerico primeiro!... Oh, não conheceis a criadagem, senhorita!...

- Oh, se não fazes o que te ordeno, então, faço-o eu! - exclama a mocinha. E, resolutamente, levanta-se e se encaminha para o aparador onde havia algumas botelhas de bebida. Enche dois cálices de bom vinho, passa um deles à trêmula *Inácia* e volta a se sentar. - Cuida para não espatifares a taça de cristal, com tanta tremedeira, sua tonta!... - observa *Teresa Cristina*. - Aí, sim, terás de prestar contas à tua patroa!... Agora, senta-te aí e bebe esse vinho comigo!

- Sim, senhorita... - responde a serviçal, acomodando-se, temerosamente, bem à beirada do assento da outra poltrona, como se andasse a sentar-se sobre ovos.

- *Inácia*, conheces, acaso, um sujeito chamado *Anjinho*!... - pergunta a jovem, sem fazer rodeios.

- Não, senhorita!... - responde a criada, com ligeiro sobressalto e arregalando os olhos. - Não conheço nenhum gajo batizado com tal nome!...

- Hum!... Sei... - diz a outra, sem tirar os olhos da dissimulada criada. - Juras, então, que nunca viste ou nada sabes sobre um homem com esse nome?...

- Oh, pelos santos todos do céu, juro-vos, senhorita!... - apressa-se em responder a outra, sem titubear.

"Não existe muita diferença entre ti e a tua patroa!...", pensa *Teresa Cristina*. *"Sois, na realidade, farinha do mesmo saco!..."*, e, abrindo um sorriso amável, diz: - Mas, bebe o teu vinho!... Vamos!...

A criada, com mãos trêmulas, aproxima a taça da boca e sorve pequeníssimo gole do líquido que lhe tinge, temporariamente, de rubro, os descorados lábios. *"Preciso abrir o bico dessa galinha velha!..."*, pensa *Teresa Cristina*, enquanto observa, divertidíssima, a figura patética da mulher, toda encolhidinha, em seu impecável uniforme de cambraia azul-escura, sentada na poltrona de veludo vermelho, ali, diante dela. Amiúde, *Inácia* esticava os olhos em direção da porta, e a mocinha não sabia se a outra sentia fortes desejos de sumir, rapidamente, dali, ou se temia que uma outra

pessoa entrasse, intempestivamente, pilhando-a em tão folgazãs atitudes.

O tempo escoava-se, e um silêncio se estabeleceu entre ambas. A mocinha percebeu, então, que a outra, dificilmente, deixar-se-ia tomar pelo vinho, e era preciso mudar, rapidamente, a abordagem.

- És muito pobre, não, *Inácia?*... - pergunta *Teresa Cristina*, de repente, rompendo o silêncio.

- Sim, senhorita... - responde a criada, baixando os olhos.

- És sozinha no mundo ou tens algum parente?

- Sou só, senhorita dona *Teresinha*... A ninguém tenho neste mundo de Deus!... - diz a serviçal com os olhos carregados de tristeza.

- Então, não terás ninguém que te socorra, quando ficares mais velha, e as forças abandonarem-te, não é mesmo?

- Sim, senhorita... Assim é... - concorda, triste, a criada.

- E tens algum dinheiro guardado para a tua velhice?... - pergunta a mocinha.

- Pouca coisa, senhorita... Alguns míseros tostões, apenas!... *Teresa Cristina* anima-se. Levanta-se e se encaminha até um móvel e abre uma gaveta. Em seguida, volta a sentar-se, trazendo pequeno saco de veludo cinza. *Inácia* seguia-a com os olhos, sem nada entender.

- Vê, *Inácia!*.... - exclama a mocinha, exibindo o estupendo conteúdo da sacolinha.

Ao ver a profusão de dobrões de ouro que faiscaram nas mãos da Jovem, a criada arregalou os olhos cheios de espanto. Jamais havia visto tanto dinheiro assim em toda a sua pobre vida!

- Dou-te tudo isto, para que tenhas um fim de vida sem nenhuma preocupação, se me contares, direitinho, tudo o que sabes sobre *An-jinho*... - diz *Teresa Cristina*, olhando firme nos espantadíssimos olhos da criada.

- Ai, Jesus!... - exclama a criada, sem tirar os olhos daquela profusão de brilho. E prossegue, agitando-se, grandemente, na poltrona: - E

não é que não posso, senhorinha dona *Teresinha*?... Por Deus, ai, que não!...

- Ah, se não podes, é porque sabes, não é?... - diz a jovem, fazendo, propositadamente, o punhado de ouro passar de uma mão à outra, numa cascatinha tilintante que lançava uma exuberância de brilhos coriscantes.

Agitando-se, enormemente, na poltrona, a pobre criada olhava para aquela imensidão de ouro e também para a porta e para o rosto de *Teresa Cristina* que a encarava, insistentemente, com um sorriso triunfante nos lábios. Sabia que a outra estava presa!... Como caíra fácil em sua armadilha!... Que é que o ouro não comprava, meu Deus?...

- Então, *Inácia*!... - persiste a mocinha. - Decide-te depressa, antes que retome a tua patroa!...

- Ai, Virgem Maria!... - brada a criada, passando, nervosamente, ambas as mãos pelo rosto. - Deus do céu!... E se descobre tudo a senhora dona *Manuela*?...

- Só descobrirá, se uma de nós duas contar-lhe, não é mesmo?... -diz *Teresa Cristina*, já lhe estendendo a sacolinha de veludo cinza. - E, como somos ambas interessadas para que isso jamais aconteça, levaremos esse segredo para o túmulo!...

- Ai, e é!... - exclama a criada, excitadíssima, tocando o ouro com a ponta dos cúpidos dedos. - Ai, bom Deus, e é!... - e, hesitando, ainda um pouquinho, prossegue: - Mas, e se descobre tudo a minha patroa, que farei eu?...

- Que farás?... - observa *Teresa Cristina*, passando a sacolinha para as mãos trêmulas da criada. - Ganharás o mundo e viverás no bem bom com o teu ouro, não é mesmo?...

- Oh, assim será!... Assim será!... - exclama a criada, rindo-se nervosa, com a testa úmida de gélido suor.

- Agora, acalma-te e desembucha tudo!... - diz a jovem, direta.

A criada guarda, apressadamente, a sacolinha no bolso do avental e passa a narrar, com riqueza de detalhes, tudo o que sabia sobre o caso que *Manuela* vinha mantendo com *João Manuel*. *Teresa Cristina*, por sua vez, tinha ligeiros sobressaltos, à medida que as coisas lhe eram narradas. Entretanto, seu rosto irradiava alegria. Seus olhos brilhavam intensamente. Agora, nenhum mistério mais sobre aquele homem existia... Nenhum mesmo...

Capítulo 9

Reencontro de corações

João Miguel, a cada dia que passava, encontrava-se mais sorumbático, mais casmurro do que, normalmente, fora até então. Trancava-se, amiúde, em seu quarto e dali só saía quando necessidades prementes solicitavam-lhe a presença. O pai encontrava-se mal, muito mal, e se poderia supor que o seu decesso, fatalmente, dar-se-ia em pouco tempo. Da intensa alegria que, a princípio, invadira o jovem herdeiro da fabulosa fortuna dos *Barões da Reboleira*, quando se havia achado na iminência de vir a ser, em pouquíssimo tempo, o único dono daquela imensidão de dinheiro, de propriedades e de negócios vultosos que a sua família amalhara por séculos, agora, entretanto, o que mais sentia era amargura - estranha e singular amargura - aliada a certa insipidez, diante das coisas da vida. Inexplicavelmente, tudo lhe parecia, de repente, sem atrativos e nada no mundo era-lhe realmente merecedor de qualquer atenção. Ele próprio não sabia o que lhe acontecia, tanto que já procurara famoso especialista de Lisboa, que lhe ministrara alguns remédios, embora se sabendo que a medicina e a farmacopeia fossem extrema-

mente incipientes e quase inexistentes, no derradeiro quartel do século XVIII. Entretanto, confiantemente, passara a utilizar-se dos medicamentos a ele prescritos, mas, altamente desolado, observava que, depois de duas semanas de uso, nenhum efeito marcante deles obtivera e, mais desanimado ainda, deixava-se consumir por extravagantes idéias e por sensações esquisitíssimas que lhe tomavam o corpo todo como se alguém, insistentemente, mantivesse-o manietado e teimasse em conservá-lo preso naquele quarto abafado. Não se conformava!... Era primavera, o tempo estava perfeito para sair, para passear, para ir ao teatro... Sabia que encenavam peças extraordinárias na temporada; companhias de óperas de Paris e de Viena traziam a Lisboa as últimas novidades de toda a Europa, mas ele se sentia sem o mínimo ânimo para deixar a casa.

Apenas, conseguia perceber que aquele incomum abatimento acometia-o, inexplicavelmente, havia algum tempo. Sabia, também, que o pai estava no fim. Que estava morrendo, mas não tinha nenhuma vontade de vê-lo, de estar presente, ali ao seu lado, em seus derradeiros dias neste mundo. Às vezes, sentia-se culpado por essa atitude, mas se achava impotente para lutar contra esse quebrantamento que dele se apoderava. E, por outro lado, sentia-se mal, vendo o extremo sofrimento por que passava o velho pai. A doença comia-o devagar, implacável, trazendo-lhe dores impensadas. Tinha consciência de que dava ao pai todo o conforto e a assistência que o dinheiro, àquela época, poderia proporcionar; houvera lhe providenciado os enfermeiros necessários, os médicos mais competentes da cidade, além de pequeno batalhão de pajens e de criados, sempre à disposição. Entretanto, não conseguia dar a atenção que o pai exigia. Pouquíssimas vezes havia ido até seus aposentos para vê-lo. Da última vez em que lá estivera, horrorizara-se ao encontrá-lo tão magro e tão desfigurado pelo sofrimento. Mal trocaram meia dúzia de palavras e ele saíra, alegando a grande quantidade de afazeres que acumulava então. O velho pai sorrira-

Ihe, amargamente, ao despedir-se dele, pois sabia que o filho estava mentindo. Mas, desculpava-o. Quem é que gostaria de estar ao lado de alguém que sofria tanto, literalmente, apodrecendo vivo?...

Naquela tépida e ensolarada tarde de primavera, *João Miguel* encontrava-se trancado em seu quarto, sentado numa poltrona. Fraca luz coava-se pelos interstícios dos caixilhos da janela fechada, proporcionando formar-se leve penumbra no ambiente. O rapaz permanecia imóvel, de olhos abertos e inexpressivos, fitando o vazio. A cabeça pesava-lhe tanto que ele mal conseguia sustê-la sobre o pescoço. Forte irritação acometia-o. Pensamentos desconexos advinham-lhe à mente: ora pensava em viajar para bem longe, ora tinha vontade de se desfazer de tudo o que possuía e de se lançar às ruas, como mendigo; outras vezes, tinha vontade de abrir, intempestivamente, a janela e de se arrojar lá embaixo, espatifando-se no pátio de pedras... Outras vezes, ansiava por se embebedar até cair. Por que será que a vida vinha, paulatinamente, tomando aqueles rumos?... De repente, lembra-se de *Teresa Cristina*. Ela já deveria estar em Lisboa, hospedada na casa da prima, fazia alguns dias... Não lhe prometera ir até lá para se encontrarem?...

Entretanto, nem a namorada ele tinha vontade de ver, naquele momento. Que inferno!... Levanta-se, com certa dificuldade, e se encaminha para o aparador. Apanha um copo e uma botelha de vinho e volta a sentar-na poltrona. Enche o copo de bebida e o leva à boca, engolindo o líquido sofregamente. Depois, volta a encher o copo e o bebe da mesma forma que o anterior. Repete essa ação por mais duas vezes e recosta cabeça no longo espaldar da poltrona. O álcool principia a relaxar-lhe toda a musculatura corporal. Leve tepor toma-lhe a cabeça, e uma ligeira sensação de bem-estar, a princípio, acomete-o. Temporariamente, a bebida causava-lhe conforto, amortecendo-lhe a sinapse cerebral e provocando passageiro estado de euforia. Sorri, então, olhando para o copo vazio que mantinha à mão. As feições de *Teresa Cristina* desenha-se-lhe, lindas, à tela mental.

-Ah, minha bela!... - murmura ele, com laivos de embriaguez à voz. E, estendendo o copo vazio, à guisa de saudação, prossegue, abrindo um sorriso: - Anseio por teus lábios, minha pequerrucha!... Em seguida, apanha a garrafa que deixara depositada no chão, lado da poltrona, e volta a encher o copo de vinho.

- À tua saúde, meu bem!... - exclama ele, estendendo a taça e brinde. E explode numa etílica gargalhada: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!

Depois, entristece e se cala. Por algum tempo, seus olhos permanecem perdidos na penumbra, fitando o nada. Então, a cabeça principia a pesar-lhe mais ainda, e ele cochila levemente. Luta, para manterem vigília, mas a sonolência pesada atormenta-o, com insistência.

- É preciso ir ao teu encontro, urgentemente, meu bem... - murmura ele, com os olhos pesados de sono.

Vencido pela sonolência, o rapaz tomba a cabeça e dorme. Entretanto, num canto do quarto, perdida no meio da penumbra e qual felino à espreita da caça, tétrica sombra olhava-o que dormia. O espírito aproxima-se e, lançando um olhar de intenso desprezo, aguarda que a alma se desvincilhe do corpo, para ganhar a sua forma espiritual. Aos poucos e, liberto, temporariamente, da prisão do corpo, *João Miguel* retoma a consciência e, abrindo os olhos, emite um grito de horror:

- Tu?!...

- Sim, maldito!... - grita o espírito, segurando-o, fortemente, pelo braço. - Achei-te, afinal, e, agora, teu inferno principia!...

- Não é possível!... - grita o jovem, tomado pelo terror extremo. - Matei-te, e tu estás morta!...

- Sim, desgraçado!... - brada o espectro, tomado por fúria insana. - Mataste, de fato, e da forma mais vil e traiçoeira, o meu corpo ainda jovem e cheio de anseios pelas coisas da vida!... Arbitrariamente, tu te arvoraste em meu algóz e, impiedosamente, interrompeste, sim, maldito, com um certo golpe do teu punhal, todos os meus

sonhos de mocinha!... A mim, entretanto, como vês, não pudeste matar!...

_ Afasta-te de mim!... Tu estás morta!... Matei-te, sim!... - grita o rapaz, tapando o rosto com as mãos, enquanto se deixava tomar pelo pavor intenso.

O espírito de *Madalena*, altamente descomposto e a exhibir laivos de loucura no rosto desfigurado pela dor intensa, arroja-se, furioso, sobre o rapaz, agredindo-o com violentos bofetões e tentando, insistentemente, lanhar-lhe o rosto com as unhas. Tomado de intenso desespero, *João Miguel* defende-se com as mãos e se lança, rapidamente, sobre seu corpo que permanecia adormecido, sentado na poltrona, com a cabeça ligeiramente tombada sobre o ombro, e nele busca, dessa forma, o refúgio imediato contra o intempestivo ataque do espírito obsessor. Num átimo, o jovem desperta, abrindo os olhos, assustado. O coração batia-lhe, descompassado. Deus do céu!... Aquele terrível pesadelo outra vez!... Suava, abundantemente, e tinha as carnes trêmulas. Altamente estarecido, lembra o horrendo pesadelo que se repetia, mas que, desta vez, viera revestido de violência ímpar. A boca amargava-lhe, tremendamente, tomada por saliva espessa. Com extrema dificuldade, levanta-se da poltrona e, servindo-se de um reservatório de água potável, bebe, sofregamente, duas taças do líquido, dissolvendo, assim, a baba pegajosa e absintada que lhe ia à boca. Depois, vertendo água na bacia de louça branca, lava o rosto repetidas vezes. Em seguida, põe-se a se vestir com lentidão, pois tinha as forças combalidas. Resolvera, por fim, viajar a Lisboa para ver *Teresa Cristina*.

* * * * *

Depois que reencontrara *Teresa Cristina*, *João Manuel* mudava de comportamento. Antes, era a coisa mais difícil do mundo encontrá-lo quieto, num canto qualquer, sem estar a contar casos numa roda de amigos ou de curiosos, ou ainda, sempre folgazão, a bulir com

alguém, fazendo-lhe troças ou brincadeiras. Entretanto, nessa tarde cálida de meio de primavera, o jovem encontrava-se sentado ao lado de uma mesa, na bodega de mestre *Branquinho*, diante de uma caldeireta de chope Mantinha os olhos tristes, fixos no nada, e a cabeça apoiada em ambas mãos, espalmadas ao rosto.

- Ô, *Anjinho*, encontras-te derreado assim, por que, ó homem?... _ diz-lhe o bodegueiro, pondo-se diante dele e lhe estranhando a falta da costumeira loquacidade. - Contou-me um passarinho, inda agorinha, que te achas de asa caída por alguma donzela!... Acertei?... Anda!... Vai, dize-mo lá!... - insiste o homem, tentando fazê-lo abrir-se.

- Ô, *Branquinho*, se nada tens a fazer, no momento, senta-te aí e me fazes companhia - responde o rapaz, sem nenhuma animação, tamanha era a prostração que dele se assenhoreava.

- Ai, e não é que acertei?... - exclama o bodegueiro, abrindo breve sorriso e, puxando uma cadeira, senta-se ao lado do rapaz. - Vamos, abre lá o teu coração ao velhote aqui!...

- Oh, caro amigo!... - diz o rapaz, encarando o outro, comovidamente. - Não sabes o fogo que me domina o coração!... Já te apaixonaste, de verdade, alguma vez, *Branquinho*?...

- Como não, meu rapaz?... - responde o velho taberneiro. - Não existirá uma só criatura neste mundo que já não se tenha encontrado, alguma vez, enroscada nas malhas dalguma paixão!... Acaso seria eu exceção?... Não, meu caro!... E como me apaixonei!...

- E sofreste, também, *Branquinho*?... - pergunta o rapaz, animando-se um tantinho mais, com a atenção que lhe dispensava o velho taberneiro.

- Ora, que pergunta fazes, ó meu amigo!... - responde o velho. - Existirão, acaso, paixões que não doam?... Todas doem, meu caríssimo!... E, se assim te encontras, prepara-te: vai doer bastante!... Mais doerá, se o teu amor não te corresponder, ou, o que será ainda pior, seja se encontrar nos braços de outro!... A minha paixão doe-

- me muito, porque o meu amor deixou-me por um desgraçado cigano tocador de violino!...

- Oh, que lástima, *Branquinho!*... - responde *João Manuel*, condoendo-se do amigo.

- Sim, o miserável enfeitiçou-me a minha *Clementina*, que me deixou, literalmente, a ver navios, aqui na baixada do porto, anda a fazer já mais de trinta anos!...

_ Aí, e é?— - pergunta o rapaz, interessando-se pela história do amigo. - Levou-te a mulher o maldito?... E não intentaste matá-lo?

_ Sim, saí-lhes ao encalço, doudo da vida, com uma coceira danada à ponta do meu punhal!... Entretanto, embarcaram numa nau que rumava ara as Índias e, até hoje, deles nada mais sei!... Sofri feito um louco; comi o pão que Belzebu desdenhou, mas acabei por esquecê-la, a desalmada!.. - Que o diabo os carregue para as profundas do inferno!...

_ Pobre *Branquinho!*... - diz o rapaz, tocando de leve na mão do amigo. - Deveste ter sofrido bastante, não?

-Sim, e como!... - responde o outro, comum fundo suspiro. - Éramos casados de pouco, *Clementina* e eu; havia estabelecido minha bodega, e trabalhávamos os dois, aparentemente felizes, construindo a nossa vida, até que apareceu o maldito, a tocar o violino como um demônio!... Vinha, amiúde, distrair meus fregueses, executando sua envolvente música cigana e nada cobrava, além de alguns goles de zurrapa que eu lhe oferecia; em contrapartida, o maldito alegrava muitíssimo o ambiente, e eu, inocente, de nada desconfiei, porém o verme conquistava-me a esposa, insinuando-se com seus lascivos olhares!... E, tanto a tentou, que acabou por enredá-la!... Oh, *Anjinho*, não sabes o que é perder o amor, assim, de uma hora para outra!... Nem imaginas o que seja a dor da solidão!... Não atinas, ainda, por certo, o que seja rolar, insone, num leito que se toma imenso e frio, sem o teu amor ali ao teu lado!... Quanto os amaldiçoei!... Se abateu sobre eles apenas a metade das pragas que lhes roguei, já devem estar ambos mortos há

muito tempo!... Oh, não sabes o quanto lhes desejei a desdita suprema, a infelicidade eterna!...

Grandemente consternado por aquela história pungente de dor e de traição, *João Manuel* olha para o velho amigo que ora se mantinha calado e com as feições tomadas por tristeza intensa; certamente, achava-se envolvido em íntimas reminiscências - lembranças daquele passado distante, que ora se lhe apresentava pejado de duras cicatrizes - cicatrizes de ferimentos profundos, feridas de amor que, na realidade, nunca se fecham por completo. Pode passar o tempo; pode passar uma enormidade de anos; pode-se envelhecer e se pode até fingir que se esquece, mas, sempre que se lhes revolvem os talhos aparentemente cicatrizados, voltam a sangrar. Ferimentos de amor são assim, jamais se curam por completo; é só remexer neles que sangram, copiosamente, ^{ate} não mais quererem. Paixão verdadeira é doença incurável...

- *Branquinho* - diz o rapaz, quebrando o longo silêncio que se estabelecera entre ambos -, pelo que acabaste de relatar-me, posso depreender que sofreste muito, durante esse tempo todo em que viveste sem o teu amor. Entretanto, não intentaste substituir a tua esposa por outra?... Nenhuma outra apareceu em tua vida?

- Não, *Anjinho*... - responde o velho bodegueiro com os olhos mareados de lágrimas. - Acaso poderia haver substitutos para o amor?... Não, meu amigo!... Se fosse possível substituir um amor por outro, decididamente, não seria amor!... Como se poderia trocar o ar que se respira por uma outra coisa qualquer?... Inconcebível essa idéia!... Só trocam de amores os que, efetivamente, não amam!... Tal troca, para quem realmente ama, é algo impensado!... Sequer lhe passa isso pela cabeça!... Seria a pior de todas as tragédias!... Quando se ama de verdade, a pessoa já não mais se pertence; pertence, exclusivamente, ao outro; sequer tem vontades ou desejos próprios, pois vive, integralmente, a atender às solicitações do seu amor!... Tudo declina e a tudo renuncia em favor da pessoa amada!... Move céus e terras para ver o outro sempre

feliz!... E, está feliz, quando seu amor está feliz!... O verdadeiro amor é por demais sublime; é cheio de renúncias voluntárias; não gera sofrimentos nem angústias. O amor é a plenitude dos sentimentos!... Como poderia a maior de todas as afeições trazer dor e sofrimento?... Seria uma grande contradição!... Não, meu caro, se nos faz sofrer, decididamente, não é amor!... Poderá ser qualquer outra coisa, menos amor!... Só que, para a sua plena realização, precisa de dois corações!... Quando toca apenas um coração, nem queiras saber, pois será uma tragédia sem par, um calvário de dores infinitas!... Mas, mesmo assim, não se buscará, jamais, um substituto!... *Clementina* deixou-me pelo cigano tocador de violino, certamente, porque não me amava de verdade!... E eu, que a amava muito, como poderia trocá-la por outra?... A mim, restou-me sofrer a terrível dor da solidão e do abandono por todos esses anos. Até poderia ter tomado uma outra mulher, pois, à época, pretendentes à vaga deixada por *Clementina* apareceram-me às dezena-entretanto, se houvesse escolhido alguma delas, mas, sem amor, apenas tê-la-ia feito infeliz. Teríamos sido ambos muito infelizes, ela e eu...

Pesado silêncio, a seguir, estabelece-se entre ambos - sinal de que profundas cogitações passavam a invadir-lhes o pensamento. *João Manuel* sente o quão sofrida fora a vida do seu amigo. Mestre

Branquinho torcia, nervosamente, a ponta do seu encardido avental, enquanto as suas feições permaneciam tomadas de profundo sofrimento. *João Manuel* respeitava-lhe a dor; no íntimo, até se arrependia de tê-lo feito remexer e, conseqüentemente, de ter trazido à tona aquele imenso cabedal de lodo que se fora depositando, paulatinamente, no decorrer de toda a miserável vida do amigo, e que, até então, se encontrara assentado, quieto, lá no fundo do seu velho coração. Mas, como poderia adivinhar o terrível drama que se escondia no íntimo do outro?... Sempre o conhecera até relativamente alegre e jovial, envolvido na azáfama diária da sua bodega, a cozinhar muitíssimo bem os seus guisados de miúdos de porco...

O velho bodegueiro, depois daqueles minutos de sofrimento intenso, sacode ligeiramente a cabeça, com o firme propósito de espantar aquelas terríveis lembranças e, abrindo um sorriso que ainda trazia laivos de tristeza, levanta-se e, batendo, amorosamente, a mão ao ombro do amigo, diz-lhe:

- Deixemos de bobagens, não é mesmo?... *Clementina* e o maldito cigano tocador de violino que se ardam nas profundas do inferno!... E, quanto a ti, se te achas na iminência de perderes o teu amor, luta por ele até a morte, pois te será imensamente preferível morrer, *Anjinho*, a viveres a eterna desgraça da perda do amor da tua vida!

O rapaz olha comovido para o amigo. Sim, tinha a certeza absoluta de que encontrara o amor da sua vida e sabia que teria de lutar como um mouro, se quisesse realizar o sonho de ter *Teresa Cristina* em seus braços.

- Mestre *Branquinho* - diz o rapaz, aproveitando-se da possibilidade de ouvir alguém com toda aquela experiência de vida -, se tivesses, hoje, nas tuas mãos, a condição favorável, lutarias com todas as armas Por tua *Clementina*!

O bodegueiro olha para o rosto do amigo, por instantes, antes de responder, como se estivesse a avaliar, com bastante propriedade, o peso daquela pergunta.

- Sim, *Anjinho* - responde o velho, por fim. - Hoje, para manter *Clementina* ao meu lado, eu até mataria aquele cigano infame!

~ Obrigado, *Branquinho*!... - exclama o rapaz, levantando-se de chofre e se abraçando, efusivamente, ao amigo, prossegue: - Acabas de indicar-me o caminho certo a seguir!...

João Manuel ganha a rua apressado. Ia ao encalço de *Gerusa*. Precisava, urgentemente, avistar-se com a velha companheira.

- Podes jurar-me, *Gerusa*, que *Madalena*, efetivamente, disse-te tudo a respeito da minha infância?... - pergunta ele, muito ansioso, pouco tempo depois, sentado ao lado da jovem prostituta, no sórdido leito do quartinho da rua do cais.

- Por que todo esse interesse, agora, *Anjinho!*... - pergunta-lhe a moça, altamente espantada, olhando-o nos olhos. - Quando te contei tudo pela primeira vez, tu nem quiseste ouvir-me direito e até disseste que não irias jamais procurar por teus pais verdadeiros!...

- Oh, *Gerusa!*... - diz ele, profundamente agitado, tomando as mãos dela e as beijando, efusivamente. - Tu não sabes o inferno que ora vivo!...

- Vamos!... - ordena, desconfiadíssima, a jovem meretriz. - Anda, senhor *João Manuel*, pois te conheço muitíssimo bem!... Desembucha logo que, quando assim estás, é porque andas metido em encrencas!... E das sérias!... De que se trata desta vez?...

O rapaz olha-a, um tanto consternado. Teria de dizer a ela que estava apaixonado. E, apaixonado por outra...

- Sabes, *Gerusa*... - começa ele, tergiversando. - Há coisas em que a gente não pode, efetivamente, mandar, entendes?... Há assuntos nos quais não se pode, diretamente, interferir, compreendes?...

- Não! - responde ela, secamente. - Não entendo nada do que estás a dizer-me!... Estás, sim, é a fazer rodeios!

Puxa vida!... *Gerusa* era apaixonada por ele desde longa data. Ele o sabia!... Se dissesse a ela que agora andava doidinho por uma donzelinha aristocrata, dona de um par de doces olhos marrom-mel, assim um tantinho amendoados, a amiga, certamente, não aceitaria ajudá-lo de forma alguma!... As mulheres costumavam ser muito cruéis em relação às suas rivais.

- Sabes, *Gerusita* - diz ele, beijando-a, gentilmente, à face -, preciso que me ajudes, o quanto antes, a encontrar a casa dos meus pais verdadeiros!...

- Ai, e é?... - espanta-se a moça. E prossegue, olhando-o, fixamente, nos olhos, altamente desconfiada: - E posso saber o que te fez mudar, assim, de idéia, tão repentinamente?... Inda outro dia, não querias ver os teus pais nem polvilhadinhos, por inteiro, com ouro em pó!... Entretanto, a que se deveu tamanha mudança, hein, senhor *Anjinho!*...

- Curiosidade, apenas, *Gerusinha*... - responde ele, mentindo. Decididamente, não poderia dizer a verdade a ela. Não poderia dizer-lhe que andava perdidamente apaixonado por uma doce donzeli-nha da nobreza e que ele, *João Manuel*, era um pobretão de fazer dó!-- Como poderia apresentar-se à mocinha, sem oferecer-lhe o conforto e os mimos a que estivera sempre habituada?... Certamente que ela não declinaria o luxo e a riqueza para segui-lo, simplesmente para viverem de amor...

-Ah, sei... - diz ela, fingindo acreditar.

João Manuel agita-se um pouco mais. *Gerusa* era por demais desconfiada. A rua ensinara-a a ser astuta. Se lhe dissesse a verdade, a amiga seria capaz de, por ciúme, jamais lhe dizer com detalhes como encontrar a residência dos pais verdadeiros. Agora lamentava, enormemente, o fato de, à época, ter dado pouca atenção aos fatos que *Gerusa* lhe relatara sobre a sua até então obscura origem. Precisava ser-lhe altamente convincente ou a amiga, por certo, nada lhe diria.

- *Gerusinha* - diz ele, retomando o assédio -, se me disseres, de novo, tudo o que te contou *Madá* a meu respeito, e eu, efetivamente, for um ricaço daqueles, fica certa de que te recompensarei regiamente por essas informações!... Juro-te!...

- Ah, é?... - diz ela, levantando-se, abruptamente, e, colocando-se diante dele, diz-lhe, inflamando-se grandemente: - Pensei que fosses mais esperto, caríssimo *Anjinho*!... Mas, percebo que és um néscio!... Ou pior, que me rebaixas à condição de uma parva qualquer!...

- Oh, não, *Gerusinha*!... - diz ele e, levantando-se, toma-a aos braços, procurando acalmá-la. - Como podes, agora, pensar tais asneiras de mim?... É certo que não te desampararei se, efetivamente, for herdeiro de alguma fortuna!...

- Pressinto que estás a mentir-me, *Anjinho*!... - diz ela, altamente magoada.

- Como poderia mentir-te, meu bem?... - diz o rapaz, acariciándome o rosto com a ponta dos dedos. - Não estivemos sempre juntos?...

-Ainda se tivesses dito que te casarias comigo... - diz ela, baixinho, com os olhos a inundarem-se de lágrimas.

João Manuel olha para o teto largamente enegrecido pela fuligem do tempo. Segue, aleatoriamente, com os olhos, os arabescos de tisne agregados à madeira do forro, pretejada pelo desfilar dos incontáveis anos. Mais essa agora!... De repente, foi percebendo que a meretriz principiava a fazer-lhe chantagem emocional. Gostava dela e não desejava magoá-la. Mas, sabia também que não amava *Gerusa* a ponto de desposá-la. Seu coração, já o trazia fortemente comprometido com a outra, a juvenzinha de pele alva como a neve e cabelos acobreados...

- Olha, *Gerusinha* - diz ele, já se enfarando daquilo. Mas, precisava urgentemente, dar nova direção à sua vida. E optou, então, por mentir, por enganá-la: - Olha, meu bem, caso-me contigo, sim!...

- Verdade?... - explode *Gerusa* em efusiva alegria. - Casar-te-ás comigo, então, quando meteres a mão naquele ouro todo?...

- Se o ouro de fato existir... - diz ele, sem encará-la. Estava-lhe sendo horrível ter de mentir para sua leal amiga de desgraceiras.

- É claro que existe!... - exclama a moça, puxando-o pela mão, altamente excitada, e o fazendo sentar-se a seu lado, no leito encardido. - Assegurou-me *Madá* que és rico, *Anjinho*, que vens, de fato, da alta nobreza!...

- Então, vai lá, conta-me tudo, com detalhes!... - exclama ele, ansioso até as orelhas.

- Não sem antes me jures, de joelhos, que te casarás comigo, tão logo metas as tuas mãos naquela dinheirama toda!

- Juro-te!... - responde o rapaz, pondo-se, rapidamente, de joelhos, diante dela. E, juntando as mãos, prossegue, olhando-a nos olhos: - Juro-te, que me casarei contigo, *Gerusinha*!... Mas, anda, vai lá, solta tudo o que sabes sobre minha origem!...

E, a incauta *Gerusa* passa a narrar-lhe, com riqueza de detalhes, tudo o que ouvira dos lábios do espectro de *Madalena*.

- Mas, vê, lá, hein, *Anjinho!*... - adverte-o *Gerusa*. - Não te esqueças de que tens um irmão e, ao que nos consta, é ele o assassino de *Madá!*...

- Crês, mesmo, que tenha sido o meu irmão? - pergunta o rapa altamente intrigado. - Não se teria enganado *Madá!*...

- Não, *Anjinho* - responde *Gerusa*, agora se deixando tomar pela preocupação. - *Madá* afirmou-mo com toda a certeza. E, se ele teve a coragem de matar nossa companheira, por que não desejará matar-nos, também?... Creio ser ele um homem deveras perigoso!

- Difícil é-me crer que o sangue do meu sangue esteja por aí a fazer tais barbaridades!... - observa o rapaz, altamente entristecido.

- Não te esqueças de que ele teve uma educação diferente da tua!... - diz a moça. - Na realidade, tu nem sabes que tipo de gente é os teus parentes consanguíneos, não é mesmo?

- Tens toda a razão, *Gerusa* - concorda *João Manuel*. - Entretanto, o que devemos fazer?... Ora sinto-me perdido mais que nunca!...

- E, se consultássemos *Dom Eusébio* outra vez? - sugere a jovem. - Lembras-te de que ele nos foi de grande valia, ao aconselhar-nos em relação às aparições do fantasma de *Madalena!*

- Tens razão, *Gerusa!* - concorda ele. E prossegue, animando-se: - *Dom Eusébio* terá os sábios conselhos a dar-me!...

- Não vais levar-me contigo?... - pergunta ela ao ver que ele se predispunha a sair sem convidá-la. Principiava a magoar-se. *João Manuel* já começava a se esquecer dela...

- Oh, claro!... - exclama o rapaz, de repente percebendo que a magoara. - Por certo que vais comigo até *Dom Eusébio*, querida!

No íntimo, ele já começava a perceber que não lhe seria fácil desvencilhar-se da antiga parceira. Mas, que fazer, se precisava dela, pelo menos naquele momento?... Depois, com mais tempo, deveria livrar-se dela de vez, ou teria sérios problemas com *Teresa Cristina*. Como a jovem aristocrata reagiria, sabendo que ele mantinha um outro caso?... E nem era sua pretensão continuar enganando a ambas. No momento certo, teria de deixar *Gerusa* para

sempre. E, a jovem prostituta teria de entender. Ele gostava muito da velha companheira de miséria e de abandono; sentia-se bem a seu lado; era-lhe imensamente grato pelas inúmeras vezes em que ela o socorrera, nos momentos difíceis da sua vida, mas que fazer, se ele não a amava?... Amor era coisa diferente... Era coisa séria!...

- Apressa-te, então!... - diz ele, estendendo-lhe a mão. - Apanha o teu chapéu e a capa...

Minutos depois, caminhavam ambos, lado a lado, subindo a ladeira do porto, rumo a tradicional bairro da cidade. Iam em busca de *Dom Eusébio*...

Capítulo 10

Dramático reencontro

Diante da mansão episcopal, *João Manuel* e *Gerusa*, um pouco ofegantes pelo esforço da longa marcha que haviam empreendido ladeira acima, param e olham para o imenso portão de grades negras e altas. Após trocarem ligeiro e significativo olhar, o rapaz, resoluto e com a mão firme, aciona a sineta que tilinta seu som metálico e agudo, dando o aviso aos de dentro da casa. Em pouco, o padre-gigante apareceu, arrastando seus pesados pés.

- Que desejais? - pergunta o religioso, sem um mínimo de animação a se lhe estampar aos olhos baços e quase a se sumirem no recôndito de umas pálpebras pesadonas e sempre tomadas de eterna sonolência.

- Desejamos avistar-nos com *Dom Eusébio*, senhor... - apressa-se em responder *João Manuel*. - Dizei-lhe, por favor, que sou *Anjinho*...

O padre-gigante emite um grunhido ininteligível e se volta para o interior da mansão, com sua costureira fleuma, como se tivesse que raciocinar um pouco, antes de mudar os pesadíssimos passos. Uns bons vinte minutos escoaram-se, até que o homem estivesse de volta, e, sem qualquer expressão ao rosto, franqueia a entrada a ambos os jovens que lhe aguardavam o retorno, cheios de ansiedade. E, a seguir, e, sempre dentro da sua paciente lerdeza, o padre-gigante condu-los até o gabinete do bispo.

Dom Eusébio recebe-os de braços abertos:

- Meus amiguinhos!... Que satisfação tê-los de volta!...

- Vossa bênção, *Dom Eusébio!*... - exclamam *João Manuel* e *Gerusa*, ajoelhando-se diante do bispo.

- E a que devo a honra de vossas visitas?... - pergunta o prelado, convidando-os a sentarem-se. - Quando aqui viestes da outra vez, tínheis assunto inusitado a resolver. E, então, obtivestes algum resultado?

_ Sim, *Dom Eusébio* - responde o rapaz. - E nem supondes a que ponto chegamos!...

_ Realmente?... - diz o bispo, altamente interessado. - Por certo, então, avistastes-vos, de novo, com o espectro da vossa amiga?

_ sim - responde *Gerusa*, um pouco tímida, diante do religioso -, *Madá* relatou-nos coisas interessantíssimas, senhor.

- E, que tipo de coisas contou-vos o fantasma?... - pergunta o bispo, a demonstrar profundo interesse. E, depois, retraindo-se um pouco, prossegue, desculpando-se: - Oh, perdoem-me, crianças, pela minha insistência!... Contem-me, se assim o desejarem, é claro!... E que me torno deveras curioso, diante de tais coisas que, realmente, interessam-me sobremodo!... E, então, acabo por atropelar as boas maneiras!... Por favor, ponde-vos à vontade!...

- Não há do que vos desculpardes, senhor!... - diz *João Manuel*. E prossegue, incisivamente: - Se foi exatamente por este motivo que vos procuramos!... O espectro de *Madalena* revelou-nos tudo sobre a

minha origem, *Dom Eusébio!*... Ora sei quem são meus pais verdadeiros!...

- Que dizes, *Anjinho?!...* - exclama o bispo, levantando-se, de repente. E, rodeando a secretária onde estivera acomodado até então, posta-se ao lado do rapaz e lhe põe a mão, paternalmente, ao ombro. - Descobriste tudo, então?...

- Sim, senhor - responde o rapaz, olhando firme nos olhos do velho religioso. - Sou filho de aristocratas!...

- Bem que eu imaginava!... - diz o bispo, voltando a sentar-se junto à secretária. E prossegue, demonstrando profundo interesse: - Mas, conta-me, conta-me tudo, meu rapaz!...

- Não sei se tivestes ocasião de, alguma vez, terdes observado a marca que ostento à espádua... Não?... Pois, digo-vos, senhor, que se trata do brasão da minha família!... *Os Barões da Reboleira!*...

- O quê?!... - exclama o bispo, com os olhos estatelados. E, desta vez, levantando-se de um salto, novamente rodeia a secretária, num átimo, e se põe junto do rapaz. - Tira a tua camisa!... - ordena a *João Manuel*.

O rapaz, obedientemente, desnuda-se e lhe exhibe o dorso. O prelado estuda-lhe, atentamente, a marca tatuada acima, na espádua direita.

- Pelos céus!... - exclama o bispo, levantando os olhos para o alto após minucioso exame da tatuagem que o rapaz exhibia às costas ' Realmente é o brasão da família do *Manuel Antônio*]... Tu és *Francisquinho*, o filho que lhe roubaram quando ainda era um mamão!..

- *Francisquinho!*... - ri-se *João Manuel*. - Então esse é o meu nome verdadeiro?...

- Deus do céu!... - exclama *Dom Eusébio*, altamente agitado, agora andando em círculos pelo gabinete. - Resolve-se, por fim, o enigma dessa terrível tragédia!... Tive-te todo o tempo, sob meus olhos, e não liguei os pontos!... Pobre *Rosália!*... Durante toda a tua vida buscaste por teu filho, que a maldade de um monstro roubou-te dos

braços, ainda bebê, e morreste, sem que pudeste deitar os teus sofridos olhos uma outra única vez sobre ele!...

- Já morreu, então, a minha mãe verdadeira? - pergunta *João Manuel*, com os olhos a encherem-se, repentinamente, de lágrimas.

- Sim, querido!... - exclama *Dom Eusébio*, abraçando-se ao rapaz que se levantara e se atirara aos braços da única pessoa que lhe dedicara um pouco de afeição, em sua desditosa infância no orfanato. Sim, morreu dona *Rosália*, faz pouquíssimo tempo!... Finou-se so grande sofrimento, tremendamente infeliz, por te ter perdido, quando ainda eras um pequerrucho de poucos meses!... E, quanto procuraram por ti os teus pais!... Quanto sofrimento!... Quanta desgraça abateu-se sobre aquela casa, após o teu misterioso desaparecimento!... Teu pai ainda chora o teu sumiço e se fina, também, aos poucos. Se não te apressares, é bem possível que nem ele terá o prazer de conhecer!... Padece de mal incurável e lhe restará, por certo, pouquíssimo tempo de vida!... Oh, *Francisquinho!*... - exclama o bispo, acariciando-o e, beijando-o, ternamente, às faces molhadas pelo pranto, pareceu mortificar-se por não ter sido capaz de ter reparado, a tempo, aquela monstruosidade que mãos desumanas houveram feito com o menino. E prossegue, lamentando-se enormemente: - Oh, Deus do céu, por que não prestei mais atenção em ti?... Entretanto, tu já estavas crescidinho, quando te deixaram à nossa porta - devias ter já uns cinco ou seis anos -, e eu te havia visto apenas por pouquíssimo tempo, antes, na pia batismal, nos braços da tua madrinha, a velha viscondessa *Regina D'Arrobai e Abranches*... E, como sabes, os bebês são-nos trazidos todos engalanados nessas extravagantes roupas que se lhes metem para os batizados que nós sacerdotes, mal se lhes divisamos as cabecinhas onde derramamos água benta!.....- E depois, eram tantos os enjeitados no orfanato!... Quando eu lá ia, mormente pelo Natal, tinha de dividir-me entre aquela enormidade de rostinhos famintos de atenção e de carinho que muito pouco me detive de fato, a reparar nas tuas feições!... Imperdoável esse meu descuido!... E a dizer que fui eu a batizar-te!... *Francisco de Assis*

Ramalho e Alcântara, o filho mais novo dos *Barões da Reboleira!*... E olhando-te bem, agora, trazes, realmente, as feições de *Rosália*, a tua mãe!.. - O porte, tu o tens do teu pai, o barão *Manuel Antônio*. E, ainda, mas feições lembram um pouquinho as do teu irmão, *João Miguel*...

Ao ouvirem o nome do irmão, *João Manuel* e *Gerusa* trocam-se rápido, mas significativo olhar. Entenderam que, naquele momento, nada deveriam dizer ao bispo sobre a terrível suspeita que caía sobre a cabeça de *João Miguel*. Primeiro era preciso restabelecerem-se as coisas, ordenarem-se os fatos e, só mais tarde, investigar-se o caso seriamente.

- Devemos, urgentemente, ir em busca do teu pai!... - observa *Dom Eusébio*, tocando a sineta para chamar o padre-mordomo. - Precisamos apresentar-te a ele, antes que seja tarde demais!... As últimas notícias que dele tive não foram nada animadoras: teu pai fina-se a cada dia!...

Depois de alguns minutos, o padre-gigante apresenta-se.

- Irmão *Agostinho*, manda que preparem o carro!... - ordena-lhe o bispo. - Sairei, imediatamente, para Sintra!...

O padre-mordomo emite seu ininteligível grunhido e dá meia-volta, saindo em seguida, sempre fleumático.

Pouco depois, os três - *Dom Eusébio*, *João Manuel* e *Gerusa* - sacolejavam na grandiosa carruagem episcopal que corria célere, em direção da vizinha e bem próxima cidade de Sintra, onde residia o *Barão Manuel Antônio Ramalho e Alcântara*.

- Como pensais que me receberá o meu pai, *Dom Eusébio!* - pergunta *João Manuel*, altamente apreensivo com aquele reencontro.

- Talvez esse seja um dos maiores dias da vida do teu pai, meu rapaz! - responde, grave, o bispo. E prossegue, olhando-o nos olhos:

- Tu nem podes aquilatar o quanto aquele pobre homem procurou por ti, durante esse tempo todo!... Como vasculhou o país, cidade por cidade, aldeia por aldeia!... Até pela Espanha e pela França andou a procurar por &!... E pagou investigadores para percorrerem

a Inglaterra, a Holanda e até à Suíça, à Alemanha e à Áustria mandou que te buscassem!... Tudo em vão!... E a pensar que tu andavas bem pertinho de todos nós, bem debaixo das nossas fuças e não te enxergávamos!... Oh, como tudo is foi por demais cruel, *Anjinho!*... E, como sofreu a tua mãe. a definhar a cada dia que passava, e ao constatar, cada vez mais triste, que n obtinha nenhuma notícia concreta sobre o teu paradeiro!... Quanto rezou e quanto chorou aquela mulher!... Quantas promessas fez aos santos para que te trouxessem de volta!... Oh, meu rapaz, ministrei-lhe a extrema unção e percebi que seus olhos jamais deixaram de perscrutar, por um só instante, a porta, mesmo *in extremis!*... Até seus derradeiros minutos de vida, ela os devotou a ti!... Apagaram-se as luzes dos olhos da tua mãe, mas, até o fim, eles se mantiveram voltados, ansiosamente, para a porta!... Esperavam a tua volta!...

Lágrimas pungentes inundavam o rosto de *João Manuel*. Também ele, ultimamente, andara a pensar nos pais verdadeiros. Tentava imaginar-lhes o porte, adivinhar-lhes as fisionomias, as vozes, os gestos... A lembrança da mãe, em especial, tocava-o muito. Entretanto, desanimava-se. Nenhuma referência possuía deles; nenhuma mesmo, apenas um branco, um vazio enorme, triste...

- E meu irmão, *Dom Eusébio?*... - arrisca-se a perguntar o rapaz. - Como pensais que me receberá?...

- Teu irmão, *Anjinho*, também ajudou a procurar-te, incansavelmente, pelos últimos tempos!... - responde o bispo. - Tu não podes imaginar o quanto *João Miguel* ama-te, pois nos deu mostras do amor que sempre devotou a ti, mesmo sem saber se um dia iria encontrar-te!... Também para ele será inestimável a surpresa e motivo de grande felicidade o teu ressurgimento!... Isso posso garantir-te, com toda a certeza!

João Manuel e *Gerusa* trocam-se um olhar profundo, cheio de entendimentos. O bispo nada conhecia sobre o real caráter de *João Miguel*. Perceberam, então, que o tal irmão deveria ser um homem deveras muito perigoso, pois era capaz de dissimular seu caráter

cruel até mesmo para uma pessoa como *Dom Eusébio*, cuja inteligência e perspicácia eram, sabidamente, insuperáveis.

Algum tempo de viagem, e a carruagem imponente estacionava diante da escadaria de mármore branco da mansão dos *Barões da Reboleira*. Estupefatos, *João Manuel* e *Gerusa* entreolham-se. Custavam a crer. Então, era naquele luxo todo que moravam os pais dele?... Se fosse mesmo verdade, tratava-se de gente realmente graúda.

Avisada por um criado sobre a chegada das visitas, *Amélia*, a diligente governanta da casa, aguardava-os no alto das escadarias. Com olhos altamente perscrutadores, analisa o pequeno grupo que galgava as escadarias. Conhecia a carruagem episcopal e, também, *Dom Eusébio*. Mas o casal de jovens, não. O rapaz, entretanto, parecia-lhe tão familiar... Um arrepio, então, percorre-lhe a espinha de alto abaixo. Deus do céu!... Seria possível?... O coração principia a bater-lhe descompassado. *Jesus Cristo!*.. -- Não, não poderia haver qualquer dúvida!... Aquele jovem era bem parecido com *João Miguel!*...

- Vossa bênção, *Dom Eusébio!*... - exclama a mulher com a voz trêmula, genuflectindo-se, ligeiramente, diante do religioso e beijando, respeitosamente, o anel da mão que ele lhe estendia.

- E o senhor barão, como se encontra? - pergunta o bispo.

- Sua Excelência acha-se mal, senhor!... - responde a governanta, olhando, insistentemente, para o rapaz, com o canto dos olhos. - Oh, mas fazei o favor de entrar, Excelências!... - exclama ela, franqueando-lhes a entrada ao salão de visitas.

- Terá o senhor barão condição de receber-nos, senhora dona *Amélia?* - pergunta *Dom Eusébio*.

- Por certo que sim, Excelência! - responde a governanta. Era patente seu alto grau de nervosismo, por dois motivos: primeiro, pela importância da visita que a casa recebia e, segundo, pela chegada daquele rapaz que tanto lembrava as feições da sua saudosa senhora, *Rosália*. Seria, de fato, quem ela pensava?... Ai, Jesus

Cristo!... E se fosse?... E, tentando controlar-se ao máximo, prossegue: - Assentai-vos, por favor, e aguardai, que consultarei o senhor barão!... Por favor, um só instante, e estarei de volta!... - diz *Amélia*, fazendo rápida reverência e se voltando ligeira, para o interior da casa.

Poucos minutos, a mulher retornava ofegante e pálida.

- Fazei a gentileza de seguir-me, Excelências!... - diz ela, cada vez mais ansiosa. - O senhor barão receber-vos-á em seus aposentos!... -e se dirigindo, em especial, a *Dom Eusébio*, prossegue, enquanto caminhavam por extenso corredor: - Ai, que se encontra tão depauperado o pobrezito, senhor *Dom Eusébio!*... Faz-nos dó o seu estado!... Fala pouquíssimo, quase não toma alimentos!... É uma penúria só, o coitadinho!...

O estado de *Manuel Antônio Ramalho e Alcântara* era realmente desalentador. O tumor carcinomatoso roía-lhe o estômago, sem piedade, resumindo-o a condição de alta penúria. Emagrecera bastante, e quase nada lembrava o homem imponente que fora um dia. Dores inomináveis acometiam-no, insistentemente, fazendo-o sofrer intensamente. Passava a maior parte do tempo acamado, pois lhe faltava ânimo para caminhar. Raras vezes e com bastante dificuldade, deixava os aposentos e, secundado por prestimosos serviçais, descia ao salão ou tomava sol, por algum tempo, sentado sob o dossel de flores do caramanchão que havia no jardim interno. Naquele dia, particularmente, encontrava-se acamado, sem qualquer vontade de deixar o quarto. Avisado por *Amélia*, fora, apressadamente, recomposto pelos criados e aguardava a chegada das visitas.

- Muito bom-dia, senhor barão!... - saúda-o *Dom Eusébio*, logo ao adentrar a câmara.

O *Barão da Reboleira* resume-se a acenar com a mão e a emitir um sorriso carregado de tristeza. Em seguida, seus olhos prendem-se no rapaz que seguia o bispo. Intenso calafrio percorre-lhe o corpo todo. Seria possível?... Era-lhe por demais familiar aquele rosto, o porte, o

jeito de caminhar!... Reconhecê-lo-ia entre mil!... Intensa palidez acomete-o, então.

- *Dom Eusébio!*... - balbucia o barão, com a voz fraca. - Não ireis dizer-me que este rapaz...

- E preciso que mantenhais a vossa paz, senhor!... - diz *Dom Eusébio*, tomando a mão do enfermo entre as suas. - E, principalmente, que sejais bastante forte, neste momento!...

Os olhos de *Manuel Antônio* buscam, então, desesperadamente, pelo moço que se mantinha timidamente afastado, a dois passos do leito. Altamente quieta e respeitosa, *Gerusa* permanecia-lhe ao lado.

- Deus do céu!... - exclama o *Barão da Reboleira*. E, com extrema dificuldade, apoia-se aos cotovelos e, soerguendo-se, recosta-se no leito, para melhor observar o moço que também o olhava, entre curioso e altamente emocionado. Emitindo profundo e doloroso gemido, o enfermo exclama, com os olhos a inundarem-se de lágrimas: - Jesus Cristo!... Oh, *Dom Eusébio*, é ele?... É ele?... Dizei-me, *Dom Eusébio*, por Deus!...

- Sim, senhor barão!... - diz o bispo, colocando a mão, paternalmente, nos ombros do outro. - Achou-se. por fim, o vosso *Francisquinho!*...

- *Meu Deus!*... - explode *Manuel Antônio*, num grito de dor extrema. Dor ou intenso júbilo?... De imediato, não se soube ao certo.

arrebanhando forças, sabe-se lá onde, estende os braços a *João Manuel* e com as palavras molhadas pelo pranto, grita: - *Francisquinhol... Vem!*...

O jovem sentiu-se, no momento, chumbar-se ao chão. Suas pernas não o obedeciam. O pai estendia-lhe os braços, chamando-o. Que sensação esquisita era aquela que o invadia?... Que homem era aquele?... Não sentia nada por ele!... Apenas forte emoção, nada mais!... Como podem ser estranhas as coisas neste mundo!... De repente, *João Manuel* entendia que o amor não se enche, assim, de uma hora para outra, como se faz com um vasilhame de líquido qualquer!... Sim, por certo, aquele era seu pai verdadeiro, mas a dizer que passava a amá-lo, assim, de chofre, era-lhe meio estranho.

Emocionava-se, é claro, e muito, mas aquela casa imensa, aquele luxo todo, aquela mulher estranha e de modos requintados a olhá-lo, insistentemente, como se ele fosse algo raro, mais o batalhão de criados, ali, a postos, decididamente, intimidavam-no sobremaneira. Efetivamente, não estava habituado àquele tipo de coisas.

- Vem, *Anjinho* - convida-o *Dom Eusébio*, cortês, percebendo que o rapaz se acanhava -, abraça-te ao teu pai!...

João Manuel olha para *Gerusa* que trazia os olhos mareados de pranto. Ela lhe faz um sinal com a cabeça, encorajando-o.

- Vai... - cochicha-lhe ela, empurrando-o, gentil. - Recebe o abraço que deseja dar-te o teu pai!

João Manuel olha em derredor, primeiro. Pesado e expectante silêncio a tudo dominava. *Amélia*, os criados, *Dom Eusébio*, todos mantinham o olhar presos nele. Depois, fixa os olhos nos olhos do pai que, choroso e altamente emocionado, estendia-lhe os braços trêmulos.

- Vem, filho!... - exclama *Manuel Antônio*, insistindo.

Filho!... Quantas vezes não sonhara ouvir a voz do pai chamando-o daquela maneira!... Filho!... Um nó imenso engastalha-se-lhe à garganta. Suas carnes tremem. As lágrimas, então, brotam-lhe aos olhos, grossas, aos borbotões. E, num átimo, lança-se de joelhos ao lado do leito e recebe o abraço do pai!... Quanta dor e quanta emoção havia naquele abraço de reencontro!... *Manuel Antônio* abraçava o filho e lhe beijava os cabelos, o rosto e suas lágrimas misturavam-se.

- Meu filho!... Meu filhinho!... - exclamava o velho *Barão da Reboleira*, abraçado ao filho. - Por onde andaste todo esse tempo, meu amor?...

Forte emoção dominava a todos no ambiente. *Amélia* soluçava; os criados, altamente emocionados, choravam. A maioria deles não havia acompanhado, ano a ano, o desenrolar do terrível drama que acometera aquele lar, com o inexplicável desaparecimento do filho dos patrões?. Eles, mesmos, não haviam sofrido intensa perseguição, motivada pela constante desconfiança que atingira a

todos, um a um, indistintamente, como potenciais autores ou comparsas na consecução daquele nefast-crime?... Agora, as coisas clarear-se-iam, por certo!...

- Oh, meu bem!... - repetia *Manuel Antônio*, acariciando com as mãos os cabelos revoltos do filho. - Como és bonito!... Tens as fuças da tua mãe!... Os cabelos, os olhos, o nariz, a boca, a pele!... És *Rosália* cuspida e escarrada!...- ri-se o velho barão, no meio das lágrimas. E, voltando-se para o bispo que se mantinha a postos, ali do lado: - Não concordais conosco, senhor *Dom Eusébio*?

-Ai, e pois não é que é mesmo, senhor barão?... Bem que as feições deste marotinho levavam-me a lembrar de algo, mas que eu nunca que consegui descobrir!...

- Conhecíeis o meu filho, então, senhor bispo?!... - espanta-se *Manuel Antônio*. - Mas, como?!...

- Oh, é esta uma longa história, senhor barão!... - responde o prelado - É, deveras, uma longa história!...

-Mas, depois!... Depois, haveremos, por certo, de achar tempo par isso tudo!... - exclama o *Barão da Reboleira*. E prossegue altamente alegre: - Por ora, basta de tristezas!... Ai, que precisamos comemorar volta de *Francisquinho*!... - e, alteando, inusitadamente, a voz, para espanto de todos, chama pela governanta: - Senhora dona *Amélia*, a postos!... Toca a preparar-se o almoço!... E que não se economize nos caprichos, hein!...

Grande azáfama estabelece-se, a seguir, no palacete. Ordens foram dadas, então, a toda a criadagem que se aviava célere, quase a correr, pelos imensos corredores, com o intuito de preparar, a toque de caixa, expressivo banquete para celebrar o regresso do filho mais jovem do *Barão da Reboleira*, desaparecido, misteriosamente, quando era ainda um bebê de poucos meses. O atropelo instaurado era grande, entretanto maior era a expressão de felicidade e de alívio estampada aos rostos de todas aquelas criaturas. Afinal, a felicidade haveria de retomar àquela casa!... Um pouco atrasada, é claro, mas as coisas resolviam-se...

Uma hora depois, a governanta adentra os aposentos do *Barão da goleira*, avisando que a mesa para o almoço de comemoração achava-se posta. A seguir, com extrema dificuldade, o barão senta-se numa pequena liteira, especialmente para ele construída, e dois possantes criados carregam-no, com bastante cuidado, para o salão de festas.

A mesa punha-se com primor!... Uma sucessão de fantásticos manjares aguardava o pequeno grupo de convivas. *João Manuel* e *Gerusa* trocam-se ligeiro olhar, ao depararem-se com aquela profusão de delícias: jamais haviam visto tanta comida boa junta, assim, e em tal quantidade!

Uma vez acomodado à cabeceira da majestosa mesa, o anfitrião, demonstrando radiosa felicidade às feições, convida prestimoso:

- Assentai-vos, por favor, assentai-vos todos!... Senhor bispo *Dom Eusébio*, fazei o favor, assentai-vos aqui, à nossa direita - e, abrindo os braços em largo gesto, indica ao filho: - E tu, queridinho, assenta-te aqui ao nosso lado!...

Gerusa, a um gesto do *Barão da Reboleira*, acomoda-se ao lado do rapaz.

- Obrigadinha, Excelência!... - exclama a moça, abrindo ligeiro sorriso.

- E, tu quem és?... - pergunta *Manuel Antônio*, só agora, realmente, dando-se conta da presença da jovem.

- Oh, esta é *Gerusa*!... - exclama *João Manuel*, adiantando-se. - Mora no porto, onde vivo também. É minha companheira de longa data!...

- Ai, e é?... - diz o barão, a perscrutar, insistentemente, a jovem meretriz, com os olhos, e logo percebendo que tipo de gente era a moça. Um laivo de tristeza, então, anuvia-lhe o semblante por instantes. "*Deus do céu!...*", pensa ele. "*Por onde será que o pobrezito do meu filho teve de arranjar-se por esses anos todos?... Certamente, terá sido com esse tipo de gente que se terá relacionado até hoje!...*" e, com imensa tristeza, sonda o semblante do rapaz que, altamente deslumbrado, seguia com olhos grandemente extasiados o requinte e o excesso de

luxo que o rodeava. De repente, uma onda imensa de piedade invade ^o combalido coração de *Manuel Antônio*, e seus olhos inundam-se de lágrimas. "*Tudo isto também sempre foi teu; entretanto de nada participaste!*"... *Tenho a certeza de que a miséria extrema sempre foi ^a tua companheira, meu filhinho!...*", pensa ele, tomado de grande

comoção. *"Porém, a bondade de Deus permitiu que corrigíssemos este erro perverso, antes que me fosse deste mundo, querido!..., É tu merecerás o dobro do que competirá ao teu irmão, que tudo sempre teve!..."*

- Estais a passar bem, senhor barão? - pergunta *Dom Eusébio*, percebendo que o outro principiara a chorar.

- Oh, sim, Excelência!... - responde o barão, recompondo-se. - De felicidade também se chora, pois não é?

- Por certo que sim, senhor barão, por certo que sim!... - responde *Dom Eusébio*. No fundo, sabia que a dor do outro ainda não se acabara de vez. Dores assim descomunais não costumam passar de repente. Havia os acertos, as respostas às perguntas que sempre se fizera por esses anos todos...

- Mas, vamos ao que ora interessa!... - exclama o barão, levantando sua taça em brinde. - À volta do meu querido filho *Francisquinhol...*

- À vossa saúde e ao feliz regresso do *Francisquinhol...* - exclama *Dom Eusébio*.

O pequeno grupo põe-se, a seguir, a degustar a infinidade de pratos que pacientes e diligentes serviçais passaram a servir-lhes, sob a perfeita e impecável supervisão de *Amélia*. *Manuel Antônio*, com velada discrição, observava com ares divertidos até, como ambos os jovens comiam com intenso apetite. *"Ah, a pobreza!..."*, pensa ele, emitindo um suspiro. Diferentemente dele, para quem toda aquela imensidão de delícias nada mais representava. O estômago enjoava-lhe, imensamente, diante dos alimentos. Enfarava-se, com facilidade, ao leve odor emitido pela comida. Limitava-se a tomar frugal *consommé*.

- Onde pensas viver, querido? - pergunta o barão, tocando levemente a mão do filho, com a ponta dos dedos.

- Eu?!... - espanta-se o jovem com a pergunta do pai. - Não sei, senhor!... - responde ele, titubeando, pego pela surpresa. - Sequer tenho casa...

- Moras onde, então?!... - surpreende-se o *Barão da Reboleira*.

- *Anjinho* mora nas ruas, senhor barão... - adianta-se *Dom Eusébio*, ao perceber que o rapaz encabulava-se. - E, logo mais, colocar-vos-emos a par de todo o passado do vosso filho!

- *Anjinho!*... - estranha *Manuel Antônio*. - Tens um apelido, então?

_ Tenho - responde o rapaz. - Primeiro, minha mãe adotiva chamou-me de *João Manuel*, por não me conhecer o nome verdadeiro; depois, o povo do orfanato e, mais tarde, os amigos da rua passaram a chamar-me de *Anjinho*...

- *Anjinho!*... - ri-se *Manuel Antônio*. E prossegue, em tom galhofeiro: - E ganhaste tal alcunha, pois então, não por seres bonzinho ou beatífico, presumo!...

- Com essas feições grandemente marotas é que não foi, não é, senhor *Barão da Reboleira?*... - emenda *Dom Eusébio*, a rir-se.

-*Anjinho* chama-se assim, por ser bonito como um anjo, Excelência!...

- exclama *Gerusa*, entrando na conversa. - Todas as mulheres das ruas conhecem-no!... E só perguntardes!

- Ai, e é?... - observa o *Barão da Reboleira*, rindo-se. E prossegue, inchando-se de orgulho: - Por certo que é bonito o meu menino!... E, possivelmente, mui em breve, deverão mudar-lhe o apelido para "Príncipe", quando o vestirmos com o rigor que lhe exige o nome que doravante passará a ostentar: *Barãozinho Francisco de Assis Ramalho e Alcântara!*...

Francisco de Assis... Aquele nome soava estranho aos ouvidos de *João Manuel*. Acostumar-se-ia a ele?... Durante todos esses anos, chamaram-no por *João Manuel* ou por *Anjinho!*... Ser-lhe-ia difícil acostumar-se ao novo nome, o verdadeiro, que lhe haviam surripiado... Os amigos do porto e as mulheres da rua, com toda a certeza, continuariam a chamá-lo pelo apelido... Gostava dele... *Anjinho*... E abre um ligeiro sorriso.

- Dizeis, então, que meu filhinho viveu todo esse tempo nas ruas, senhor *Dom Eusébio?* - pergunta o barão, mal sofrendo o desejo intenso de conhecer o passado do filho. - Mas, e quando era um bebê?... E certo que assim não foi!...

- Tendes razão, Excelência - responde o bispo. - Vosso filho foi abandonado na roda dos enjeitados das Carmelitas!

- Ai, Deus do céu!... - exclama *João Manuel*. - Roubou-mo o desgraçado para relegá-lo à cruenta orfandade?!... Miserável!... Ainda me pagarás por este crime nefando!...

- Sabíeis, acaso, quem houvera surrubiado o vosso filho, senhor barão?!... - pergunta, espantado, o bispo. - E não o denunciastes à milícia da rainha?...

- Não tinha provas, Excelência!... Não tinha as provas necessárias pois se tratava de gente graúda, como nós!... - explica o barão.

- E o que vos leva a crer que se trata de tal pessoa o responsável por tão nefasto crime? - pergunta *Dom Eusébio*.

- À época, mantínhamos severa disputa judicial, ele e eu, e da qual saí o vencedor!... - responde *Manuel Antônio*. - O maldito não se conformou com a derrota e jurou vingança!... Pouco depois, sucedeu-nos a tragédia do rapto do *Francisquinho!*

- Faz sentido, Excelência!... - observa, pensativo, o bispo. - Faz, deveras, muito sentido o que nos relatais!... E, o que pretendeis fazer doravante?... Não me digais que intentais ir à forra, depois de tanto tempo?...

- Não sei, *Dom Eusébio!*... - responde o barão. - De fato, eu não sei!... Tenho o meu filho de volta, mas *Rosália* foi-se, a meio de intenso sofrimento, sempre à espera do regresso do nosso menino!... Acho que sabeis o quanto vivemos infelizes, ela e eu, nesta casa, por todo esse tempo, não?

- Como sei, senhor barão!... Como sei!... - responde o bispo. - Entretanto, do que se afigurava o mal maior, a misericórdia divina proporcionou-vos o milagre de deitardes os vossos olhos, novamente, sobre o vosso filho!... Agora já o tendes de volta, e isso é o mais importante!... Esqueci de vez a vingança, senhor barão!... Sabeis como é... Depois vem a desforra... E as coisas acabam por não terem fim, não é?... Agradecei a Deus pela graça recebida e daí por

encerrado este caso... Peço-vos, senhor barão!... O perdão deste crime nefando tornar-vos-á grandioso diante de Deus!...

- Acho que tendes razão, senhor bispo!... - responde *Manuel Antônio*, grandemente comovido pelas palavras do amigo.

E, com os olhos tomados de intensa paixão, o velho *Barão da Reboleira* não se cansava de olhar para o filho que, revelando apetite jamais observado, assim, tão impetuosamente, naquela casa, até então, continuava a devorar, incansavelmente, as delícias que seu paladar, decididamente, nunca antes houvera provado...

- Uma coisa, entretanto, ainda intriga-me, senhor bispo - diz *Manuel Antônio*. - Procuramos nosso filho por todos os orfanatos!... Até mesmo nesse que a cúria mantém!... Entretanto, não conseguimos achar *Fran-cisquinho* por lá...

_ O menino foi logo adotado, Excelência! - explica *Dom Eusébio*. - Assim que procurastes por ele, em todos os orfanatos de Lisboa, ele de fato já não se encontrava mais em nenhum deles. Vivía com sua mãe adotiva, antiga servidora do convento das Carmelitas que, recebendo o menino por doação, sumiu para os lados do porto e com ele viveu até a sua morte. O menino só foi recolhido ao orfanato cinco anos depois...

_ Por essa época, não mais o procuramos pelos orfanatos mais próximos... - diz o barão. - Não acreditávamos que ele se encontrasse assim tão perto de nós... Criamo-lo longe, bem longe daqui...

O almoço prosseguia, e a tarde avançava. Amiúde, *João Manuel* levantava os olhos e buscava o rosto do pai. E ambos se sorriam, felizes. No íntimo, sabiam que a vida deles tomaria um rumo diferente. Com toda a certeza, a partir dali, nenhum dos dois seria mais o mesmo...

Capítulo 11

Desencontros

João Miguel pára diante do portão de grades altas e, por alguns instantes, admira a imponência da mansão de *Afonso Albuquerque e Meneses*. Depois, resoluto, puxa o cordel da campainha. Alguns instantes mais, e o mordomo aparece.

- *Barão João Miguel Ramalho e Alcântara* - apresenta-se ele ao solícito servçal. - Desejo ver a senhora dona da casa.

- Fazei a gentileza de entrar, Excelência!... - responde o homem, educadamente, e faz ligeira reverência. E prossegue, enquanto franqueia a passagem ao elegante rapaz: - Avisarei a senhora, em seguida.

Pouco depois e acomodado no amplo salão de visitas, *João Miguel* aguardava impaciente. Um quarto de hora depois, *Manuela* aparece e, como sempre, deslumbrantemente vestida. À vista de tão exuberant mulher, *João Miguel* levanta-se. A jovem senhora, por sua vez, espanta-se com o rapaz. "*Deus do céu!...*", pensa ela, "*Parece-se tanto com Anjinho!... Apenas que este lhe é um pouco mais velho e s veste com esmerados apuro e bom gosto!... Que estranha coinci dência será essa?...*"

Entretanto, como era altamente dissimulada, nada deixa transpaecer dessas suas impressões e se abre em largo sorriso.

-Muito bom-dia!... - diz, aproximando-se do rapaz e lhe estendendo mão. - A que devo a honra?... Acho que ainda não fomos apresentados..

- Por certo que não, senhora *Baronesa da Ajudai...* - exclam *João Miguel*, beijando-lhe, delicadamente, a ponta dos dedos. - *Joã Manuel Ramalho e Alcântara, Barão da Reboleira*, madama!...

- Oh, senhor barão!... - exclama *Manuela*, arreganhando amplo sorriso. - Sinto-me deveras honrada por receber-vos em meu humilde lar!.. -

A mulher encantava-se com a beleza do jovem viril e se abria toda em olhares pejados de sensualidade. Após as apresentações, ambos passaram a estudar-se minuciosamente. *João Miguel* enlevava-se

com a exuberante beleza e com o requinte dos gestos de *Manuela*; *Manuela* principiava a arder-se de desejos pelo rapagão que, em muito, lembrava o seu impetuoso amante, *João Manuel*. "*Semelhança igual a essa, dificilmente é encontrada entre duas pessoas!...*", pensava ela, intrigando-se. "*Parentes não devem ser, pois Anjinho é pobre de fazer dó enquanto que este é um refinadíssimo exemplar da alta nobreza!... Que coisa, meu Deus!... Até as vozes assemelham-se tanto!...*"

O rapaz, de pé, diante dela, sorria-lhe, cheio de encantos. Ela, por sua vez, também se tomava de alta admiração pelo porte elegante e majestoso do jovem.

-Mas, oh, que indelicadeza a minha, senhor barão!... - exclama ela, de repente, quebrando a magia do momento. - Mas, fazei o favor, sentai-vos!...

O rapaz recolhe, elegantemente, as compridas abas da sua casaca de veludo negro e se senta numa grande poltrona estofada em seda vermelha. *Manuela* acomoda-se numa *chaise longue*, diante do rapaz, propositadamente estirando o corpo de formas bem feitas. *João Miguel* segue-lhe as curvas perfeitas do corpo com olhos tomados de grande prazer. Aquela mulher era deveras deslumbrante!...

- Mas, a que devo tal importante visita?... - pergunta *Manuela*, como se não soubesse de antemão que aquele rapagão bonito e educado que parecia querer devorá-la inteirinha com um par- de negríssimos olhos cúpidos, não era nada mais nada menos que o noivo da sua entojada priminha!...

- Oh, senhora dona *Manuela* - diz ele, sem interromper, por um só instante, o minucioso exame que, com experientes olhos, fazia da anatomia dela, escondida no elegantíssimo vestido de seda azul-clarinha, que ainda mais lhe ressaltava as exuberantes formas -, por certo hospedais vossa prima e minha noiva, *Teresa Cristina*...

- Oh, sim, claro!... - responde *Manuela*, disfarçando a contrariedade que aquela situação lhe proporcionava. - Minha querida prima encontra-se, de fato, aqui comigo... Por certo, viestes visitá-la, não?

-Assim é, senhora baronesa... - responde o rapaz, fixando-a nos olhos.

- Oh, penso que não estais com pressa, pois não?... - diz *Manuela*.

- Vossa noiva não se encontra em casa, no momento. Vede só: saí logo de manhã, para avistar-me com a minha modista e a deixei aqui. Entretanto, retornei faz pouco tempo, e me disse a minha criada de quarto que *Teresinha* houvera saído, logo após ter eu deixado a casa, e imaginai que, até o presente momento, ainda não retornou, a marotinha?... Suponho-a por aí, ao léu, a conhecer a cidade...

- Sim - responde *João Miguel*, abrindo um sorriso amarelinho. E prossegue, mal disfarçando a sua contrariedade: - Possivelmente, aproveita para conhecer a capital...

- Oh, sim, com certeza, entretém-se por aí, a descobrir os pitorescos recantos da nossa adorável Lisboa!... - diz *Manuela*, sem demonstrar a mínima preocupação. E prossegue direta, como lhe era do feitio:

- Acaso já almoçastes, senhor barão?... Pergunto-vos, porque eu ainda não!... Ou melhor, preparava-me para tomar a minha refeição, quando me avisaram da vossa chegada. Se não me engano, acha-se já pronta a mesa!... Por favor, fazei-me companhia, sim?...

- Está bem, senhora baronesa!... - responde ele, animando-se. E prossegue, abrindo um sorriso carregado de satisfação, pois adorava a companhia de mulheres exuberantes como aquela: - De que adiantaria mentir-vos, se eu, efetivamente, ainda nada comi, além do desjejum matinal?... Pois bem, aceito o vosso gentil convite!...

- Bravo!... - responde *Manuela*, levantando-se da marquesa. - Gostei de vós, senhor barão!... - continua ela, aceitando o braço que ele, gentilmente, oferecia-lhe.

E, lado a lado, de braços dados, *Manuela* e *João Miguel* dirigem-se ao salão de jantar, olhando-se e se rindo; riso fácil, riso de duas pessoas que se descobriam e que, pela perfeita identidade de caráter,

vinham encaixar-se perfeitos, milimetricamente ajustados, um na vida do outro...

* * * * *

Logo após se ter certificado de que *Manuela* deixara a casa, *Teresa Cristina* predisusera-se a sair e, segundo as informações obtidas de *Inácia*, agora sabia quase tudo sobre aquele rapagão que lhe tirara o sossego do coração. Sabia quem ele era, onde vivia e não lhe seria difícil localizá-lo. Precisava vê-lo de novo, falar com ele, dizer-lhe que se sentia perturbar e lhe era sumamente importante certificar-se se ele também sentia o mesmo por ela. Assim, decidira-se a procurá-lo pelas Havia tomado um coche de aluguel que a transportara até a baixada do porto. Depois, a pé, caminhava pelas ruelas circumadjacentes do cais no afã de localizar *João Manuel*. O rapaz não possuía endereço fixo, e ela sabia que teria de contar com a sorte, pois não lhe seria nada fácil encontrá-lo a perambular pelas ruas.

A tarde já avançava bastante e, depois de muito caminhar e de ter os pés a lhe doerem, barbaramente, pelo esforço de andar sobre aquela enormidade de ruas esburacadas e cheias de imundície, *Teresa Cristina* detém-se, diante da porta de ascosa taverna da rua do cais. Levanta os olhos e lê os dizeres rabiscados em tinta negra na placa pendente de uma haste de ferro presa ao frontispício da decrepita construção de pedras limosas e irregulares: "*Ao Velho Timoneiro*". Decide-se por entrar e sente, de imediato, o peso do sórdido ambiente: o cheiro azedo, quase nauseabundo, do vinho e da cerveja, constantemente derramados sobre os tampos de madeira encardidíssima das mesas, do balcão e do piso de pedras enegrecidas pela crosta pastosa da sujidade secular. Alguns desocupados, recostados ao imundo balcão, voltam-se, tautocronamente, para ela. Sente-se inibir, diante daqueles olhares cínicos e debochados. Teve ímpetos de fazer meia-volta e de correr dali; entretanto, divisou o rosto do velho bodegueiro e lhe pareceu ser o único portador de boa índole, no meio de toda aquela imensidão de

rostos cúpidos e dissolutos. Animou-se. Respirou fundo, encheu-se de coragem e caminhou firme em direção do balcão emporcalhado. A corja de beberrões rodeou-a, altamente tomados pela curiosidade.

- Pois não, senhorita! - exclama o velho bodegueiro, abrindo-se todo em gentilezas.

- Procuo por uma pessoa... - balbucia ela, cheia de medo e com o estômago a enjoar-se-lhe, enormemente, com aqueles fortes odores a que, decididamente, nunca estivera exposta antes. - Quer dizer... - corrige-se - um homem...

A roda de curiosos entreolha-se, zombeteira. Ah, então a moçoila buscava um homem!...

- Sim, sim, a vosso dispor, senhorita!... - diz o velho bodegueiro, aproximando-se mais do balcão, todo atencioso, como se desejasse protegê-la daquela súcia que tentava saltar sobre ela como moscas à carniça. - Se tal gajo for da nossa humilde conheçença!...

- Por certo que o conheceis, senhor!... - exclama ela, tomando de coragem inusitada. — E sabido que vive por estas bandas do porto Trata-se do senhor *João Manuel* e que, ainda, atende pela alcunha *Anjinho*.

Ao ouvir o nome do procurado, a turba abre-se em algazarra:

- Ai, que é mais uma a cair na rede do malandro!...

- Não te disse?... São carnes tenras do senhor *Anjinho*!...

- Ai, e não é que é mesmo!...

- Grão-pilantra!... Safadinho como ele só!... Ai e ui... He!... He! He!... He!...

- Calai-vos, ó bandos de indecentes!... - grita, estentóreo, o taberneiro, batendo firme as mãos no balcão imundo. - Aqui dentro não ad mito tais parvoçadas!... Fechai essas matracas!... Não sois capazes d respeitar uma fina donzela?...

- Ai, que se queima todo pela moçoila, o velhote *Branquinho*! exclama um homem, carregando-se no deboche. - Decerto crês que t relegará *Anjinho*, como prenda por tão veemente advocacia, os rebotalho remanentes de tal carneada, hein, velhote?... Ai, que te

não agüenta mais sobre as pernas!... Uma dessas aí derrenga-te todinho, logo entrada!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Ora, cala-te, *Hipólito!*... - exclama o velho, altamente irritado com as indecentes insinuações que fazia o marinheiro bebedor. - Cala-te ou arrebento as fuças com um cachaço!...

- Ui... Ai!... Que me borro todo de medo de ti!... - exclama, desafiadoramente, o marinheiro encharcado de zurrapa.

- Fedorento!... Desgraçado!... - grita *Branquinho*, tomando-se de fúria extrema. E, a seguir, altamente irritado, arma-se de potente porrete, que mantinha amoitado sob o balcão, e dá com ele forte pancada na cabeça do marinheiro atrevido, que se encolhe todo, gemendo de dor e levando as mãos à cabeça ferida. O velho bodegueiro, então, prossegue ameaçador: - Calai-vos todos, bando de idiotas, ou vos arrebentarei as porcas fuças, uma a uma!...

A turba, amedrontada pela feroz reação do velho, põe-se calada, de inopino.

- Por acaso, conheço, sim, esse tal por quem procurais, senhorita!... - diz o velho, agora se dirigindo a *Teresa Cristina* que, encolhidinha a um canto do balcão, tremia-se toda de medo, diante daquela imensa confusão. O bodegueiro retomara uma doçura que ninguém suporia conviver harmonicamente com tamanha ferocidade que, fazia pouco, tão ternamente demonstrara ao acalmar os bebedores. - Entretanto, hoje, ainda não o vi por estas bandas. Mas, posso dar-lhe o recado, se assim o desejardes!...

_ Mora ele, mesmo, pelas ruas, senhor? - encoraja-se a mocinha em perguntar.

_ Por certo que sim, senhorita!... - responde o bodegueiro. - Desde que conheço *Anjinho*, vive ele a zanzar pelas ruas, sem pouso fixo!... - e prossegue, abrindo um sorriso: - É como as aves do céu!...

- Crede, senhor, que possamos achá-lo ainda hoje?... - pergunta ela, entristecendo-se, pois não imaginava o quão difícil ser-lhe-ia encontrar *João Manuel*.

- Só por Deus, senhorita!... - responde *Branquinho*, fazendo largo gesto com as mãos. - *Anjinho* costuma, às vezes, alongar-se por alguns tempos, e ninguém sabe aonde vai!... Sabeis como é, pois não?... O gajo é livre e a ninguém dá satisfações sobre a sua pobre vida!...

Teresa Cristina entristece-se ainda mais com as palavras do bodegueiro. Entretanto, antes de sair, deixa-lhe o seu nome e o endereço. A turba, silenciada pela veemência de *Branquinho*, seguiu-a em completo silêncio. Apenas trocavam-se etílicos olhares cheios de mofa.

Já na rua e altamente desolada, a mocinha procura por um coche de aluguel e, triste, decide-se por retornar a casa. Estava anoitecendo e não desejava permanecer por ali. O porto era um lugar deveras perigoso. Muito perigoso mesmo...

* * * * *

Na mansão do *Barão da Reboleira*, o almoço de comemoração pelo regresso de *João Manuel* terminara havia já algumas horas. Refestelados no grande salão de visitas, os quatro conversavam animadamente. Sentado junto ao filho e a ele abraçado, durante o tempo todo, *Manuel Antônio* não escondia a grande felicidade que lhe ia à alma. Acariciava os cabelos do filho, beijava-lhe as mãos e não se cansava de olhá-lo.

- Tua mãe se foi faz tão pouco!... - diz ele ao rapaz. - E como esperou que este dia chegasse!... A pobrezinha exalou o último suspiro, sem tirar os olhos da porta, a esperar-te!...

- Que tristeza!... - exclama o jovem, com os olhos a inundarem-se de lágrimas. - E a dizer-se que eu andava tão próximo de todos vós!

- Sim - concorda o velho barão -, não podes aquilatar o quanto sentimos a tua perda!... Não imaginas o inferno que para nós foi passarmos esse tempo todo à tua procura e, invariavelmente, nenhuma pista de ti - a mínima que fosse - encontrávamos!... Primeiramente, eu me predispus a revirar o reino todo, palmo a

palmo, em teu encalço, e, medida que o tempo passava, maior era o desespero que de mim se apoderava!... Não sabes o quão me era difícil retornar a casa, sem ti, ter de enfrentar o desespero da tua mãe!... E, a cada nova empreitada que eu encetava, ela me incentivava e me enchia de esperanças!... Pobre *Rosália*, como esperou que voltasses um dia!...

- Pai... - diz, tímido, o rapaz, pela primeira vez chamando-o dessa maneira. - Dize-me como era a minha mãe...

- Oh, meu menino!... - exclama o velho *Barão da Reboleira*, alta mente emocionado, ao ouvir o filho chamá-lo de forma tão carinhosa. Atrai-o, então, amorosamente, a si e prossegue: - Tua mãe era, assirr tão parecida contigo!... - e se abre num sorriso cheio de saudade. - El era cândida e doce como tu!... - e, depois, em tom de confiança prossegue, olhando-o nos olhos: - Logo que te vi, quando aqui chegaste pareceu-me revê-la em tuas feições, tanto se parecia contigo!...

- Verdade, pai?... - diz ele, altamente comovido. *Dom Eusébio* e *Gerusa* permaneciam calados e bastante comovidos pelo enlevo a que se entregavam pai e filho, no estender daquele reencontro tão esperado. O bispo, depois de algum tempo, levanta-se convida *Gerusa*:

- Vamos, mocinha, que temos nós dois boa puxada de regresso Lisboa, pois não?... E olha que lá vem a noite rapidinha!...

- Ah, já vos ides, *Dom Eusébio*!... - apressa-se em dizer o barão percebendo que, no envolvimento a que se entregara com o filho, quase nenhuma atenção dera aos outros dois. - Oh, desculpai-nos, Excelência - diz ele, levantando-se e, tomando as mãos do outro, tentava fazê-lo voltar a sentar-se -, não vades ainda!... Por favor, pernoitai conosco!..

- Não, senhor *Barão da Reboleira* - diz o prelado, decidido. - Não trouxemos bagagem, e nossa intenção era mesmo esta: trazer de volta o vosso rebento!... - e faz pilhéria: - Crescidinho e homem feito, pois não?... Espiai-lhe as fuças!... Já vistes, acaso, bigodões

portugueses maiores que estes que o gajo ostenta?... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Por certo que não, Excelência!... - responde o velho barão, abrindo-se, também, em gostosa gargalhada. - Por certo que não!...

João Manuel levanta-se e faz menção de despedir-se do pai.

__ Vais deixar-me?!... - espanta-se o velho barão. - Doravante esta é atua casa, meu filho!...

- Oh, não, *Anjinho!*... - adianta-se *Dom Eusebio*. - Acho que, decididamente, deverias trocar as ruas pela companhia do teu pai!...

_ Se assim desejas... - exclama o rapaz, olhando *Gerusa* com o rabo dos olhos.

A jovem prostituta sente uma ponta de contrariedade, contudo nada demonstra. Levanta-se e se aproxima dele para despedir-se. E, ousadamente, enlaça-lhe o pescoço com os braços e tenta beijá-lo à boca. O rapaz, entretanto, desvia o rosto e a beija, delicadamente, à face altamente empoada.

- *Gerusa!*... - murmura-lhe ele ao ouvido. - Contenha-te, por favor!

- Se não me procurares, podes ficar certo de que voltarei!... - cochicha-lhe ela, rente à orelha. - Temos um trato, lembras-te?...

O rapaz limita-se a olhá-la com o rabo dos olhos. Por que diabos ela começava a impor-se assim?... De repente, teve ímpetos de afastá-la de si. Não gostava nada de que o ameaçassem!... Nem mesmo ela, *Gerusa*, sua velha companheira de desditas...

Pouco depois, a sós, pai e filho continuavam a conversa. Tantas coisas tinham a se falar, tantas eram as lacunas abertas entre eles e que, doravante, precisavam encher-se!... *Manuel Antônio* teve de retomar o leito, pois se sentia bastante enfraquecido, depois de todas aquelas fortes emoções. O rapaz sentara-se numa cadeira ao lado da cama do pai e lhe fazia companhia.

- Uma coisa intriga-me, meu filho - diz o *Barão da Reboleira*, tomando as mãos do moço entre as suas. - Que relação manténs com essa rapariga que trouxeste a tiracolo contigo?... Não me pasceu lá coisa

de se cheirar!... Veste-se tão despudoradamente!... Não me digas que se trata dalguma rameirinha que tiraste das ruas, Pois não?

João Manuel estranha os dizeres do pai. É certo que o rapaz desconhecia, totalmente, as doses de alto preconceito que predominavam nas rodas aristocráticas.

- *Gerusa* é o seu nome, papai - diz ele, pela primeira vez, corrigindo o genitor que, já no primeiro dia do reencontro, pensava sobrepor-se ao filho. E que *Manoel Antônio* não percebera ainda que aquele jovem diante dele não era mais, nem de longe, o bebezinho mamão que lhe houveram surripiado quase dezoito anos antes; apresentava-se, outrossi um homem feito e que pouca ou quase nenhuma ascendência ele *Manoel Antônio*, teria sobre o caráter ou sobre a personalidade do rapaz, que se apresentavam, já, plenamente formados. - E essa rapariga - prossegue o jovem -, como dizes, é, sim, uma rameirinha de poucos tostões, lá do cais do porto!... Entretanto, é minha amiga e, muitas vezes matou-me a fome e me abrigou da inclemência do inverno, aceitando-me em seu sórdido leito, para que eu não me enregelasse pelas ruas cobertas de geada!... Trata-se, sim, de uma vagabundazinha de quinta mas me ocultou inúmeras vezes, franqueando-me o seu quartinho misérrimo que aluga num daqueles sobradinhos decrepitos que bem sei conheceres, lá na orla do cais, e me livrando, assim, da fúria da milícia que como deves saber, descarrega toda a sua raiva no lombo dos miseráveis das ruas, deixando-os, depois, à própria sorte, completamente arrebitados!... Não passa, realmente, de mulherzinha baixa - mas baixa mesmo!... -, entretanto foi através dela que a ti cheguei, meu pai!...

- Ai e é?!... - espanta-se o velho *Barão da Reboleira*. - E, como se deu tal fato?...

- *Gerusa*, juntamente com *Madalena*, uma outra amiga das ruas foram as pessoas que, na realidade, decidiram por deslindar-me o passado - explica ele ao pai. - Conheciam-me ambas a marca que carregava ao ombro e resolveram investigar. Ligaram-se a pessoas

e ac baram por achar uma pista que as levou a *Dom Eusébio*, nosso amigo comum que, após me estudar, minuciosamente, a estranha marca, deduziu terem as duas raparigas muita razão acerca da minha origem, assim, cá viemos bater à tua porta!...

- Bendito hábito esse que temos, então, de marcar os nossos herdeiros!... - exclama, feliz, o velho. E prossegue, altamente interessado na história que lhe narrava o filho: - E onde se encontra a outra rapariga?... Não disseste serem duas?...

- *Madalena* está morta - responde o rapaz, sem encarar o pai. Encontraram-na assassinada na rua!

- Ai, Jesus!... - exclama *Manuel Antônio*. - E como se deu isso?

_ Nada sabemos sobre a morte de *Madalena*, papai - mente ele. Na realidade, desde o começo, optara por nada revelar ao pai sobre fortíssima suspeita que recaía sobre o irmão, em relação àquele caso. Aliás, estranhíssimo caso, em que a morta vinha aparecendo, insistentemente, à velha companheira de infortúnios e, acaso, não fora ela, a assassinada, quem, na realidade, fornecera todas as pistas acerca do passado dele?--- Entretanto, se dissesse a verdade nua e crua àquele homem, que se encontrava velho e decrépito, já mesmo no fim da sua terrível existência, sendo carcomido por doença incurável, acrescentar-lhe mais esse golpe terrível não seria apressar-lhe, ainda mais, o fim?...

- E não apresentastes queixa ao Ministro da Justiça?!... - espanta-se o velho *Barão das Alfarrobeiras*. - Assim favoreceis que o vil assassino permaneça solto e impune a vagar por aí, certamente, a intentar outro nefando crime como esse que me relataste!... Não, *Francisquinho*, ainda sou membro do Conselho de Estado e farei a denúncia à Justiça!...

- Ora, papai!... - responde-lhe *João Manuel*, abrindo exagerado sorriso de desdém aos lábios. - Começo a perceber que vós, os aristocratas, viveis em outro mundo!... Digo-te que foi a própria milícia que recolheu o corpo da pobre *Madalena*!.... E que fizeram eles?... Nada!... Apenas que o comissário *Pena* fez algumas

perguntas aos poucos curiosos que rodeavam o cadáver da moça e nada mais!... Nada mais, entendes, papai?... Acaso sabes como vivem os pobres, os mendigos da ma, os órfãos, os velhos abandonados que vagam como caricaturescas sombras por aí?... E as prostitutas e os bêbados?... Oh, papai!... Decididamente, creio que desconheceis o que seja isso tudo!... Vós, os aristocratas, passais bem ligeiros pelas vias públicas, na segurança das vossas luxuosas carruagens, e sequer nos enxergais!... E aí de nós, os que se acham do outro lado, se não vos desimpedimos as ruas bem depressa!... Quantos não foram já tolhidos pelas patas dos vossos possantes cavalos e vil e barbaramente atropelados?... E o que fazeis, quando isso acontece?... Nada!... Nada sentis ou percebeis, além de desagradável sacolejo que vos tira, temporariamente, o conforto, quando as rodas dos carros passam por cima do cadáver do atropelado!... E a maioria de vós não se digna sequer a virar o rosto para espiar através da janelinha traseira o que ou quem é que ficou estirado lá atrás!... Bicho ou gente?... E a milícia?... E o Ministro da Justiça?... Tudo é registrado como acidente, Excelência, nada mais!... Acidente de percurso, não é assim?... Aos Poderosos tudo se perdoa; aos pobres, tudo se lhes é imputado!...

Manuel Antônio olha para o filho, boquiaberto. Que idade mesmo teria aquele seu mocinho?... Dezessete... Talvez dezoito anos, no máximo!... E já falava daquela maneira?... Que diferença do outro, que custava tanto a amadurecer!...

- Por que acusas tanto assim a aristocracia, meu menino?... - pergunta ele ao filho. - Acaso não és também um de nós?... Nascestes nobre, meu filho!... Tens o sangue azul!... Deves orgulhar-te disso, honrar a tua estirpe!...

- Não sei, se um dia eu o serei, papai!... - responde o rapaz, altamente entristecido. - Não me criei no meio deste luxo todo!... - diz ele, olhando em derredor. - Nada tive!... Nem mesmo o mínimo!... Recebi, sim, desprezo e maus tratos!... E, exceção feita à velha *Ofélia* - a quem Deus levou, infelizmente, muito cedo! - ninguém mais, até

então, estreitou-me aos braços e me afagou os cabelos e me beijou as faces, com desvelada ternura, e me chamou de filho!... Ninguém mais, papai!... Fui órfão, até hoje, na maior parte da minha vida!... Pouca coisa recebi das mãos que me recolheram ao orfanato!... Mas, não os condeno, não!... Não tivesse sido pela caridade deles, estaria morto!... E, mortos, de antemão, estariam todos os enjeitados deste mundo perverso!... Eram muitas as bocas para o pouquíssimo pão que tinham a dar-nos!... Digo-te, papai, que os órfãos são as criaturas mais teimosas que existem!... Não fora a teimosia em viver e o extremo gosto que também eles têm pela vida, estariam todos mortos!... Oh, se as pessoas soubessem quão desoladora e terrível é a orfandade!...

O rapaz cala-se, em seguida, tomado de forte emoção. O pai, com os olhos mareados e, também, altamente emocionado, toma-lhe as mãos e as beijas repetidas vezes.

-Também tu sofreste o teu lado, nesta terrível tragédia, meu filho!... Sofríamos a nossa dor e pouco conseguíamos imaginar o quão grande também estava sendo a tua!... Posso entender, sim, embora pense que não me creias - por eu ser um aristocrata! -, mas posso aquilatar, sim, o quanto foi pesada a tua desdita, o quanto te perguntaste, por certo, sobre a tua origem e quem eram os teus pais, não é mesmo?... Entretanto, digo-te, meu querido, que dor é sempre dor, habite ela o coração de um rico ou de um mendigo qualquer!...

Pai e filho abraçam-se, cheios de dor. *João Manuel* sabia que não lhe ia ser fácil trocar de identidade, assim, tão de repente. Terrível angústia principiava a apoderar-se de seu coração. Nunca fizera parte de uma família constituída, antes!... Jamais tivera de dar satisfação das coisas que fazia ou que deixava de fazer a ninguém. Era livre!... Agora, entretanto... *Manuel Antônio*, por sua vez, pressentia quase o mesmo. Sabia que o filho passava por momentos difíceis. Precisava ajudá-lo a adaptar-se à sua nova situação. Vivera bastante e conhecia o suficiente da alma humana; sabia que o filho

acostumar-se-ia à nova vida. Era da natureza humana. Quem é que não gostava do luxo, da boa vida e das coisas extraordinárias que a riqueza pode proporcionar?... O velho *Barão da Reboleira* sabia que, neste mundo, o dinheiro abria todas as portas. Todas mesmo... Pensa ligeiro e começa o processo de domesticar o filho que se criara, assim, tão rebelde, cheio de idéias esdrúxulas, longe das vistas dele. Era preciso, urgentemente, consertar aquilo.

- Meu filho...

- Sim, papai...

- Posso dizer algo, sem te ofender?...

- Por certo que sim!...

- Não trouxeste bagagem?... Não tens outras roupas?... O rapaz olha para o pai, com olhos tristes.

- Nada tenho mais, papai, além disto, que em mim vês...

- Deus do céu!... - exclama o *Barão da Reboleira*. - É preciso, então, que se chame, sem mais delongas, o senhor *Alfredo Barbosa*, nosso alfaiate, e que se encomende a ele uma dúzia de novos fatos para ti... Não podes, de maneira alguma, apresentar-te, por aí, como meu filho amado, em tão amesquinhados trajos!... Toca, ainda, a tomares um bom banho, que te sinto a feder!... Procura pela senhora dona *Amélia*, nossa governanta, que te promoverá tudo!... Por ora, diz-lhe a arranjar-te um traje do teu irmão, que pouca coisa deverá ele ter diferente de ti no tamanho!... Anda, vamos, e deixemos de tristezas e de bestices!... Já chega!... Muito sofremos eu e tu, para ficarmos aqui de choradeiras!... depressa, avia-te, homem!...

João Manuel olha-o com olhos espantados. O pai fitava-o com os olhos brilhantes. Não conhecia nada daquele homem!... Disseram-se todas aquelas coisas tristes; entretanto, agora, aparentemente, nada mais a ele importava da tragédia que fora a vida de ambos até então...

- Apaguemos tudo, bem depressa, *Francisquinho* - diz ele, olhan para o filho, com os olhos cheios de ternura. Parecia ter adivinhado turj o

que o fdho estivera pensando. - Apaguemos tudo depressa, antes n a tristeza volte...

Tomando-se de intenso afeto por aquele homem, *João Mani* abraça-o forte e lhe beija as faces emurchecidas pelos duros emba que a vida tinha-lhe aplicado até então.

- Sim, papai, é preciso que se esqueça tudo... Lá fora, a noite chegava mansa, tudo tingindo de negro. *João Manuel* suspira fundo. Agora tinha um pai, um lar...

Capítulo 12

Nova Vida

Era quase noite quando *Teresa Cristina* retorna a casa. Sequer poderia imaginar que, justamente naquele dia, seu namorado viria de Sintra, especialmente para vê-la. E, não foi sem grande surpresa que, ao adentrar o amplo vestíbulo, percebeu que a prima recebia alguém no salão de visitas e que conversavam animadamente. Pé ante pé, aproximou-se do umbral da porta que limitava os dois ambientes e, grandemente estarecida, logo percebeu que a pessoa a quem *Manuela* tão animadamente fazia companhia era, nada mais nada menos, que *João Miguel* Deus do céu!... E agora?... O coração principia a bater-lhe acelerado, e suas carnes tremem. Certamente viria o interrogatório!... Precisava pensar depressa, antes de apresentar-se a ambos. Ainda tremendo, procura conter-se ao máximo e respira fundo por várias vezes. Precisava raciocinar rápido, encontrar uma desculpa viável, senão!... Conhecia muito bem os humores do namorado...

Depois de alguns instantes, decide-se por aparecer. Não poderia demorar-se muito, pois, certamente ambos, *Manuela* e *João Miguel*, deveriam ter ouvido o ruído da porta do vestibulo abrindo-se.

- Queridinha!... - exclama *Manuela*, vendo-a que adentrava o salão de visitas. E, propositadamente, denuncia-a, diante do namorado: - Por onde andaste o dia inteiro?... Desapareceste desde a manhã!... Preocupava-me por ti!...

- Oh, andei por aí, a ver a cidade!... - exclama a mocinha, tentando aparentar a maior naturalidade do mundo. - Vi tanta coisa interessante que nem percebi que o tempo passava!...

- Como estás, meu bem?... - pergunta o rapaz, levantando-se e, cortesmente, beija-a à face afogueada.

- Vem, senta-te conosco!... - convida *Manuela*. E prossegue altamente motivada: - Achei o teu noivo adorável!... Tem uma conversa deveras cativante!... Parabéns, queridinha, pela escolha que fizeste! *João Miguel* olha-a com olhos altamente perscrutáveis. *Teresa Cristina* estava uma beleza!... Ela havia amadurecido bastante, trazia o corpo mais cheio, mais desenvolvido. Até os gestos trazia-os menos provincianos mais refinados, por certo ganhava novos modos, com a convivência lado da sofisticadíssima prima.

- Chegaste há muito?... - pergunta *Teresa Cristina* ao namorado. Não imaginava que viesses logo hoje!... Esperei-te tanto e nunca que vinhas...

- Estive muito atarefado com os negócios, querida - explica ele. Além do mais, papai piorou, e tive de ficar um pouco mais próximo dei

- Oh, agravou-se mais ainda o estado do teu pai, então?... - pergunta ela, condoendo-se da situação do namorado.

Teresa Cristina esforçava-se para aparentar o mais autêntica possível, entretanto a presença de *João Miguel*, agora, desagradava-a sobremaneira. Como era estranha aquela sensação!... Antes, sentia-se bem ao lado dele, achava-o belo e atraente; agora, porém, considerava-o irritante e tinha de esforçar-se ao máximo para

suportar-lhe os carinhos que ele lhe fazia ao rosto e aos cabelos. De repente, o simples toque das mãos do rapaz fazia-a estremecer. Deus do céu!... E se se deixasse trair?... Não conseguiria fingir por muito tempo. Olha para o rosto do namorado. Ele emagrecera, encontrava-se um pouco pálido e olheiras principiavam a formarem-se-lhe em derredor dos olhos. Pobre *João Miguel!*... A vida não lhe vinha sendo fácil ultimamente. Sentiu pena dele. Pena, somente, nada mais!... É estranho como o coração costuma pregar-nos peças!... Inesperadamente, esse órgão traidor expulsa de si uma paixão nele instalada, a qual críamos firme, sólida, inderrogável; entretanto, sem nos avisar, sub-repticiamente, instala outra no lugar e nos faz passar por idiotas!... Ah, a paixão!... *Teresa Cristina* sentia-se confusa. Se o rapaz causava-lhe mal-estar, certamente, deixara de amá-lo!... Agora tinha a absoluta certeza disso!... Entretanto, como dizer-lhe sem magoá-lo?... Como ele reagiria?... De repente sentiu medo. E se o namorado não a entendesse?... Eleja não dera mostras, mais que suficientes, do quão violento poderia ser e não apresentara, antes, comportamento estranho, diante das mínimas contrariedades?... Que não dizer, então, se ele apenas imaginasse que ela não mais o queria?... - *Manuela* desculpara-se, havia pouco, e deixara os dois a sós, alegando afazeres urgentes. Antes, houvera convidado o rapaz para cearem, juntos os três. Aceito o convite, os jovens namorados permaneceram no salão sentados juntinhos e abraçados, em grande estofado de veludo vermelho.

- Sinto-te um tanto esquisita, meu bem!... - sussurra *João Miguel* ouvido da namoradinha. - Estás, simplesmente, cansada pelo passeio ou me escondes algo?...

- Oh, apenas cansei-me, nada mais que isso!... - apressa-se ela em responder, tentando fixar-lhe o olhar. - Que idéia meteste à cabeça?...

- Não sei... - responde ele, olhando-a, fundo, nos olhos. - Quando entraste por aquela porta, notei que estavas um tanto afogueada e,

ao abraçar-te, percebi que tremias ligeiramente. Foi a emoção do reencontro ou tentas ocultar-me algo?...

- Que poderia eu esconder de ti, meu bem?... - diz ela, procurando dissimular ao máximo que não se achava à vontade, sozinha, com ele. -Creio que andas a ver coisas onde elas não existem...

Deus do céu!... Como era penosa aquela situação!... *Teresa Cristina* tinha era vontade de dizer-lhe, claramente, que não gostava mais dele, que a sua presença ali a incomodava sobremaneira, mas não tinha coragem. Fora pega tão de surpresa que não tivera tempo de preparar-se para aquele reencontro.

- Posso estar enganado - prossegue ele -, mas te sinto diferente!... Estás meio longe...

- Bobagem tua... - diz ela, esforçando-se para tranquilizá-lo. Precisava ganhar tempo. E prossegue, mentindo: - Que teria eu para esconder de ti?... Vê bem - e se ainda não te disse *Manuela* - hoje foi a primeira vez que saí sozinha pela cidade!... Coincidentemente, apareceste aqui e não me encontraste. Certamente, foi isso que te deixou inseguro a respeito dos meus sentimentos por ti!...

Mais tarde, jantavam os três, e *João Miguel* estudava os gestos da namorada. "*Estás mudada, menininha!...*", pensava o rapaz, enquanto levava, pausada e elegantemente, as colheradas do perfumado *souper* à boca. "*Tu podes mentir à vontade, mas que estás diferente, estás!...*"

- Mais caldo, senhor barão?... - pergunta *Manuela*, antes de determinar à copeira que retirasse a entrada.

- Não, senhora dona *Manuela* - responde ele, gentil -, apesar de estupendo o vosso *souper*, acho-me satisfeito.

- Passemos ao peixe, então!... - diz *Manuela*, olhando, significativamente, para a criada. Depois, volta-se para o rapaz e pergunta direta-- E, quando vos casareis?...

Os jovens entreolham-se, pegos de surpresa pela pergunta da intrigante *Manuela*.

- Oh, é cedo demais para pensarmos em tal coisa, prima!... apressa-se em responder *Teresa Cristina*.

- Não penso ser tão cedo assim, não, queridinha! - responde o rapaz, apenas com o intuito de contradizê-la. - Tu já completaste quinze anos e eu, vinte e dois!... Não crês sermos velhos o suficiente para o casamento?

- Pensei que te encontrasses cheio de problemas em tua casa e altamente envolvido com os negócios da tua família que, conforme já me disseste, acham-se, doravante, sob a tua total responsabilidade, com a doença do teu pai!... - responde a mocinha, encarando-o, firme.

- Pois pensaste mal, queridinha! - responde o rapaz, devolvendo-lhe um sorriso cheio de ironia. - Não serão, entretanto, tais coisas a impedirem que me case contigo!...

Manuela ri-se. Aquele homem não era de brincado, não. A idiota da prima que se casasse com um tipo como aquele e veria o quanto seria infeliz!... E, quando ele descobrisse que espécie de mulher a priminha revelava-se então?... Certamente, arrebatá-la-ia de pancadas!... Entretanto, era um rapagão de fazer virarem os olhos de qualquer mulher, e ela, *Manuela*, não poderia deixá-lo passar, assim, incólume, por sua vida, não!... Havia de prová-lo, antes!... Depois, ele e a sonsa da prima que se enroscassem!... Mas, primeiro, era preciso saborear daquela gostosura!... E passa a desferir os ataques iniciais da conquista.

- Achais-vos hospedado em Lisboa, senhor barão, ou pretendes regressar, ainda hoje, a Sintra?

- Oh, não senhora baronesa - responde ele. - Pretendia que esta tivesse sido a visita de um só dia e que pudesse ter retornado a casa ainda de tardezinha; entretanto, saiu-se tudo às avessas!... Não encontrei *Tininha* em casa, pus-me a esperá-la, e o tempo voou!... Agora, resta-me o regresso, tardiamente, e a enfrentar os perigos da noite, por aí!...

- E, por que então, não pernoitais conosco?... - convida *Manuela*. - Assim, livrar-vos-eis dos eventuais riscos do trajeto!

_ Oh, não senhora baronesa!... - responde ele, abrindo um sorriso. De repente, pareceu-lhe haver algo habilmente camuflado naquele convite de *Manuela*. Então, prossegue, devolvendo-lhe um significativo olhar: _ Além do mais, não trouxe bagagem comigo!...

_ Fica, querido!... - insiste *Teresa Cristina*. - Sentir-me-ei mais tranqüila, sabendo-te a salvo aqui conosco!...

- Por certo que não ficarei, *Teresinha*!... - responde ele, firme. - Além do mais, o senhor *Barão da Ajuda* não se encontra em casa!... Esqueceste disso?

- Primo *Afonso*?... - ri-se *Teresa Cristina*. - Quando tu o conheceres de verdade, verás o quão liberal é ele!...

- Minha prima tem razão, senhor barão - diz *Manuela*. - *Afonso* não se encontra em casa, mas, de modo algum, implicaria com o fato de pernoitares na mansão!... Meu marido não se prende tão rigidamente aos preconceitos sociais... Tanto que me deixou abandonada, faz, já, mais de quarenta dias!...

- Oh, mas como pode um homem abandonar tão fina flor, assim, ao descaso?... - diz ele, enquanto que, disfarçadamente, lançava olhares carregados de lascívia para aquela insinuante mulher.

- Pois assim faz o senhor meu marido!... - diz ela, fingindo consternação. Por dentro, entretanto, exultava sobremodo, pois percebera que o rapaz entendera o recado que ela lhe enviava. "*Belíssimo e adorável velhaco!*...", pensa ela, divertindo-se ao máximo com o jogo de sedução que encetava com o rapagão. E prossegue, sem deixar transparecer o mínimo traço das idéias fesceninas que lhe perpassavam a cabeça: - *Afonso* troca-me pelas inesgotáveis partidas de peixe salgado que vai comprar aos noruegueses e pelas especiarias que faz virem do Oriente...

- Por certo está a ganhar muito dinheiro!... - exclama o rapaz, tentando conduzir a conversa para outro rumo. Precisava saber mais sobre *Manuela*.

- Dinheiro!... Dinheiro!... - retruca a mulher com desprezo. - E nisso tão-somente a que se resume o pensamento do senhor meu marido!... - e, encarando o rapaz, pergunta: - E, vós, barão?... Também vós viveis apenas ao encalço do dinheiro ou preferis dividir o vosso tempo com coisas mais interessantes?...

- Por certo, madama - responde ele, entendendo aonde é que **Manuela** desejava chegar -, não me descuido dos prazeres da vida, não! Sei muito bem qual é o real valor que se deve dar ao dinheiro!...

Teresa Cristina seguia aquele colóquio de ambos, sem qualquer malícia. Não percebia que as palavras e os olhares escondiam desmedida segunda intenção. A mocinha mal entrava na adolescência, trazia ainda muito da inocência da infância e nada percebia daquele jogo de sedução entre os dois velhacos. Encontrava-se, na realidade, grandemente cansada pelo tremendo esforço que dispensara na infrutífera busca a *João Manuel* e não via a hora de recolher-se aos seus aposentos. O que desejava, mesmo, naquele instante, era arrojarse sobre o leito e se entregar às delícias do sono. Era, ainda, bastante jovem e inexperient naquele tipo de coisas. Não tivera tempo suficiente para aprender quanto as pessoas podem ser volúveis e traiçoeiras...

- Acho que vou recolher-me, *João Miguel*... - diz ela, olhando para o namorado com os olhos pesados de sono.

- Oh, vai, queridinha!... - atalha *Manuela*, com o propósito de livrar-se da priminha. - Vai que deves estar moidinha de tanto que caminhaste por este mundo, não é mesmo?...

O rapaz beija a namorada, delicadamente, à testa, despedindo-se dela. *Manuela* segue a prima com os olhos cheios de desdém, enquanto a mocinha caminhava um tanto trôpega em direção à escadaria de mármore branco. "*Vai, idiota!*...", pensa. "*Vai dormir, enquanto me ocuparei do teu noivo...*" e se ri, gostosamente, no íntimo, antegozando as delícias que ainda estariam por advir-lhe, por certo, naquela noite mesma...

- Uma partida de cartas, senhor barão?... - convida ela. - Cultivo hábito de dormir bem tarde... Acho que fazeis o mesmo, presumo...

- Como adivinhastes, senhora baronesa?... - diz ele, rindo-se, satisfeito, enquanto caminhavam, lado a lado, por longo corredor, em direção do salão de jogos. Era uma delícia estar a sós, com uma mulher exuberante como aquela! - Acertastes dois de meus hábitos favoritos: as cartas, para distrair-me, e nunca busco o leito antes das três...

- E quando te encontras acompanhado?... - diz ela, mudando, propositadamente, o tratamento, para forçar ainda mais a intimidade entre ambos. - Também consegues dormir às três?...

- Por certo que não, senhora baronesa...

- *Manuela...* - atalha ela, corrigindo-o. - A sós, para ti, doravante, serei sempre *Manuela...* Mas, continua... Interrompi-te...

Certamente que não, senhora bar..., digo, *Manuela!*... - prossegue ele rindo-se do modo direto como ela conduzia as coisas. Animava-se ainda mais, ao perceber que aquela mulher deslumbrante insinuava-se, descaradamente, a ele. - Acompanhado, costume virar a noite, totalmente insone...

_ Percebo que temos muitas coisas em comum, *João Miguel...* - diz ela, estacando diante da porta do salão de jogos. - Espero que não me decepciones...

- Podes estar certa de que não te desapontarei, *Manuela...* - diz ele, sorrindo-lhe, cheio de malícia.

O grandioso salão de jogos achava-se mergulhado em discreta penumbra.

- Que vai ser?... - pergunta ela, apanhando o maço de cartas, depois de sentados, um diante do outro, junto à mesa de carteados.

- Começemos com uma de *vinte-e-um!*... - sugere ele, sem tirar os olhos dos negríssimos olhos dela.

- Perfeito!... - exclama ela e principia a embaralhar, magistralmente, as cartas.

- Tens muita habilidade com as mãos, *Manuela!*... - diz ele, sem deixar de encará-la um só instante.

- Nada viste ainda, *João Miguel!*... - diz ela, devolvendo-lhe os olhares lúbricos. - Deixa para dares o teu veredito no final!... Ainda nada te demonstrei das minhas habilidades, meu caro!...

João Miguel acorda-se e aperta os olhos. Percebe que já amanhecera pela claridade a coar-se pelos interstícios da janela. Leve penumbra dominava o luxuoso quarto de dormir. Preme os olhos, fortemente, várias vezes, para acomodá-los à fraca luminescência e olha em derredor. Aquele quarto não era o seu; percebe que estava nu, e que suas roupas encontravam-se espalhadas pelo chão. Paulatinamente, as lembranças da noite anterior vêm-lhe à memória. *Manuela*... Ri-se, esticando o corpo na cama, para retesar os músculos ainda doloridos. Que mulher, Deus do céu!... Um furacão!... Ri-se e meneia a cabeça, divertido, enquanto vai rememorando, passo a passo, os acontecimentos da noite anterior. O jantar a três, o jogo de cartas a dois e o final da noite ali, naquele quarto, os dois, *Manuela* e ele, entregando-se àquele furor desenfreado...

Cheio de preguiça, levanta-se e passa a recolher as roupas espalhadas pelo chão. Senta-se, a seguir, numa poltrona e, uma vez mais, repassa todos os insólitos acontecimentos da véspera. Ri-se e sacode a cabeça. Que doidice!...

Pouco depois, descia as escadas, e se dirigia ao salão de refeições.

- Oh, muito bom-dia, senhor barão!... - exclama *Manuela* que o precedera e que, naquele exato momento, principiava seu desjejum. - Como foi, dormistes bem?...

- Oh, muitíssimo bem, senhora baronesa!... - responde ele, olhando-a nos olhos e sorrindo, cheio de malícia. Depois, percebendo a criada que espichava as orelhas de lebre, enche-se de cautela e pergunta: - Onde se acha *Teresa Cristina!*}... Já se levantou?

- *Inácia!*... - inquire *Manuela*, voltando-se para a espertíssima criada. - Acaso tens notícia da minha prima?

- *Dona Teresinha* levantou-se bem cedinho, já comeu e ora passeia pelo jardim, senhora baronesa - apressa-se em responder a serviçal.
- Já tens o relatório acerca da vossa amada, senhor *Barão da Reboleira!*... - exclama *Manuela*, rindo-se e com a voz carregada de ironia. - Como podeis observar, ela não fugiu!... Sossegai e tomai o vosso desjejum!...

O rapaz acomoda-se ao lado de *Manuela*. Trocam-se ligeiros e significativos olhares, enquanto a criada serve-os.

- Pretendeis retornar logo agora para Sintra, senhor barão?... - pergunta a mulher.

- Sim, senhora dona *Manuela* - responde *João Miguel*. - Afazeres urgentes aguardam-me por lá. Além do mais, acho que sabeis encontrar-se meu pai grandemente enfermo e não posso deixá-lo apenas à mercê da criadagem. Não preciso nem vos dizer o quanto essa gente não é confiável!... Quando se pilham sem os olhos dos patrões sobre eles, tocam a vingar-se de nós por trás!...

Inácia lança ao jovem *Barão da Reboleira* um rapidíssimo e disfarçado olhar de desdém.

- Sei que assim é... - concorda *Manuela*, olhando-o, fundo, nos olhos.

- Entretanto, contava ter-vos, ainda, para o almoço...

- Impossível, senhora baronesa - diz ele. - Agradeço-vos de coração, mas, agora, se me dais licença, preciso avistar-me com a minha noiva.

Manuela segue-o com os olhos brilhantes, enquanto ele deixava o salão, caminhando em direção do grande vestíbulo. "*Que homem estupendo!*" pensa ela. Depois, emite longo suspiro e se põe a fitar o vazio, meio alheia. Reminiscências agradabilíssimas da noite transcur-sada invadem-lhe, então, completamente, o pensamento. "*Ai, Jesus, que delícia de noite!*...", rememora ela, passo a passo, o tempo em que estivera nos braços do rapaz. Rindo-se, intimamente, de plena satisfação, prossegue recordando os momentos de grande felicidade, vividos com o noivo da priminha sonsa: "*E como se parece com Anjinho, meu Deus!*... Até diria que são parentes, se não conhecesse a

ambos muito bem!... E que furor possuem os dois!..." Manuela ria-se sozinha, fixando o nada. A espertíssima criada olhava-a de soslaio, observando, atentamente, o estranho comportamento da outra. Hum!... Conhecia muito bem aquele jeito de agir da patroa. Quanto ela se portava daquele modo, havia homem novo na lida!... Era certo que a ama estava envolvida com aquele rapaz... Acaso não bisbilhotara os dois, a sós, na noite anterior, após o jantar, no salão de jogos?... E, depois do jogo, sorratamente, não os vira caminhar para um dos aposentos destinados às visitas, bem abraçadinhos e meio trôpegos pelo vinho que haviam bebido, enquanto jogavam cartas?... "*Ah, senhora dona Manuela!..."*, pensa *Inácia*, enquanto estudava as atitudes da patroa, "*Quem não vos conhece que vos compre!..."* "

Lá fora, *João Miguel* avista *Teresa Cristina* que caminhava entre as aléias do jardim fronteiro à mansão. Ligeiro, encaminha-se para lá e, percebendo que a mocinha achava-se grandemente absorta em seus pensamentos e que não notara a aproximação dele, então, pé ante pé, aproxima-se sorrateiro e lhe tampa os olhos com as mãos. A jovem, tomando-se de surpresa, estremece ao toque das mãos do rapaz.

- Oh, assustaste-me!... - exclama ela, ralhando com ele.

- Quis fazer-te uma surpresa!... - diz o rapaz, tomando-a pelas mãos.

- Oh, as tuas mãos estão geladas, *Tininha!*... Assustei-te tanto assim?

- E claro que me assustaste!... - responde ela. - Acaso não te assustarias também, se isso eu fizesse contigo?

- Oh, sim, por certo, meu amor! - diz ele, beijando-a à face. - Vim despedir-me de ti!...

- Já te vais?... - pergunta ela. - Não desejarias ficar para o almoço?...

- Não, coisas urgentes aguardam-me em Sintra. - diz ele, olhando-a nos olhos. Percebia que a mocinha não se empolgava mais com a presença dele. E prossegue, segurando-a forte pelo punho: - Entretanto, sinto-te diferente, *Tininha!*... Dize-me, com toda a sinceridade: gostaste, realmente, de rever-me?...

- Oh, que pergunta, *João Miguel!*... Naturalmente que adorei ver-te de novo!... - responde ela, tentando segurar-lhe o olhar. Entretanto, por dentro, morria de medo. Estaria traíndo-se tanto assim?... Não poderia deixar transparecer, por enquanto, que deixara de gostar dele. Tinha de ganhar tempo para armar-se. Esforçando-se ao máximo, para não se trair, pergunta: - Por que pensas dessa maneira?... Acaso te destratei?...

- Não, não me destrataste - responde ele, olhando-a sempre nos olhos. Desejava certificar-se de que ela estava mentindo. - Porém, repito: sinto-te distante, um pouco fria comigo!... Nada me escondes, mesmo?

- Posso jurar-te que não, *João Miguel!*... - responde ela. - Estás apertando muito fortemente o meu braço!...

- Desculpa-me - diz ele, soltando-lhe o punho já arroxeadado pela pressão das suas possantes mãos. - Entretanto, parto com esta dúvida em meu coração!... - e, beijando-a à face, completa: - Fica com Deus!... Não precisas seguir-me; podes continuar o teu passeio matinal. Apenas, entrarei na casa, por instantes, a fim de despedir-me de *Manuela* e lhe agradecer a acolhida e, em seguida, retornarei a Sintra.

- Vais voltar?... - pergunta *Teresa Cristina*, enquanto ele se afastava, em direção da escadaria que dava ao pórtico de entrada da mansão.

- Podes estar certa de que retomarei, querida!... - diz ele, sem se voltar. - Muito brevemente, virei vê-la outra vez!...

Teresa Cristina olha-o que se afastava ligeiro, galgando os níveis degraus de mármore alvinhento que davam à entrada principal da casa. Um pouco mais, ele voltava e saía apressado. Limitou-se apenas a acenar de longe para a namorada que o viu partir ligeiro, tomando o cavalo que um criado continha, pacientemente, pelas rédeas. Curto e rapidíssimo trotar e o rapaz desapareceu através do grande portão de grades altas. *Teresa Cristina* emite fundo suspiro. Como terminaria tudo aquilo?... Tristes pressentimentos,

então, apertam-lhe o jovem coração. Só Deus saberia o que viria a partir dali... Só Deus...

* * * * *

Quando *João Miguel* chegou a casa, já anoitecia. Ao apelar da sua ontaria, estranhou que, inusitadamente, o salão de festas da mansão achava-se iluminado, coisa que não acontecia fazia já bastante tempo.

Sem tirar os olhos das janelas iluminadas, principia a galgar as escadarias que davam à entrada principal e se depara com *Amélia* que lhe vinha ao encontro, altamente excitada.

_ Oh, *João Miguel*, nem imaginas o que aconteceu!...

-Não vais dizer que papai piorou!... - exclama ele, galgando ligeiro os degraus.

- Oh, não!... - responde a governanta, esforçando-se ao máximo para acompanhar-lhe os passos largos. - Teu irmão voltou!...

- O que dizes?!... - exclama ele, estacando de súbito e se voltando para encarar a mulher que lhe vinha atrás. - Repete isso!...

- Sim, *João Miguel*!... - diz ela com os olhos brilhantes e molhados de lágrimas de alegria. - Teu irmãozinho desaparecido há tanto tempo voltou!...

João Miguel empalidece. Tremor intenso apodera-se dele, e se sente zonzar. Deus do céu!... Mais essa agora!... O bastardo estava de volta!... Para não cair, apóia-se com a mão à parede do vestíbulo. Depois, extremamente trêmulo, apalpa o bolso do casaco, apanha o lenço e enxuga a testa que se lhe inundara de repentino e abundante suor.

- Estás passando mal, *João Miguel*? - pergunta *Amélia*, notândome a repentina palidez.

Percebendo que o jovem alterara-se sobremodo, a governanta, delicadamente, toma-o pela mão e o conduz para o interior da casa. Enquanto caminhavam, o rapaz sentia-se como se o mundo houvesse desabado sobre a sua cabeça. Custava a acreditar. Que desgraça era aquela?... Por que tudo tivera de acontecer justamente

em sua ausência?... Que desastre!... E nada pudera fazer para impedir!... Chegando ao salão de visitas, *João Miguel* deixa-se sentar, pesadamente, numa poltrona.

- Acho que te dei a notícia muito de supetão, não foi?... - observa *Amélia*, mortificada pela condição de estupefação que proporcionara ao rapaz. Na empolgação, esquecer-se completamente de que, para se dizer tais coisas, era preciso tato... Muito tato...

João Miguel limita-se a olhá-la com os olhos desmedidamente abertos. Tinha a cabeça apoiada em ambas as mão espalmadas, e o pensamento instalava-se, buscando concatenar e entender aqueles fatos. Como o maldito descobrira tudo?... Acaso não tivera o cuidado de apagar tod as pistas para que o desnaturado jamais encontrasse aquela casa?... não chegara até a matar aquela desgraçada que o auxiliara a encontr o cretino?... Tudo fora em vão!... Ali estava o maldito, certamente, para surripiar-lhe a metade de tudo o que já era seu!... Que desgraça!...

- Como tiveste a certeza de que, realmente, trata-se de... do... meu irmão?... - pergunta *João Miguel*, por fim e depois de muito custo, conseguindo retomar um pouco da sua habitual frieza. - Não será mais um a mais nas centenas e centenas de espertalhões que, antes, já pleitearam ocupar o espaço do meu irmão que creio achar-se morto?... Como tivestes tal certeza tu e papai?...

- *Dom Eusébio Sintra* trouxe-o logo de manhã, meu querido!... exclama a governanta, com segurança. - E, ainda, o rapaz exhibe o sinal ao ombro... Além do mais, ele é as fuças da finada tua mãe!... Este, meu caro, é o verdadeiro, sem sombra de dúvidas!... Teu pai reconheceu-o de imediato!... Precisavas ver como foi emocionante o reencontro!... Pena que não te encontravas em casa!...

"*Maldição!...*", pensa o rapaz, deixando-se dominar por ódio intenso. Entretanto, precisava conter-se. Não poderia deixar transparecer que abominava o irmão. "*Contra aquele bispo enxerido e contra a marca, não terei argumentos viáveis!... Mas, sobrar-me-á tempo para livrar-me desse impostor, depois!... Apenas aguardarei que papai morra!... Aí,*

então!... " Por ora, era preciso dar mais naturalidade às coisas, deixar que fluíssem, dentro da normalidade, sem demonstrar qualquer laivo de contrariedade pelo regresso do irmão.

- Sentes-te melhor agora, querido?... - pergunta a governanta, acariciando-lhe os cabelos empapados de suor. - Como transpiraste!... Teus cabelos e tuas roupas estão praticamente ensopados!...

- Sinto-me um pouco melhor, *Amélia!*... - exclama ele, procurando recompor-se ao máximo. - Hás de convir que tal notícia deixaria qualquer um neste estado, não é?...

- Oh, claro, claro, queridinho!... - responde ela, auxiliando-o a recompor-se.

- E onde está meu irmão?... - pergunta ele, levantando-se da poltrona. Ainda tinha as pernas um pouco trôpegas. A descarga emocional deixara-lhe os músculos em frangalhos.

_ Teu irmão e teu pai ainda se acham no salão de festas - responde a mulher, recompondo-lhe as roupas. - Preferi preparar-te, antes que chegasses de supetão... Fiz mal?...

- Oh, não, *Amélia!*... - responde ele. - Fico-te imensamente grato. Se não me tivesses dito de antemão, o reencontro talvez me fosse ainda mais doloroso!... E, como sabes, detesto surpresas!...

- Teu pai e teu irmão ainda estão a jantar!... Preferes ir ter com eles já, ou antes, tu farás a higiene pessoal?... Não queres mudar a roupa molhada?...

- Desejo vê-los já, *Amélia!*... - diz, decidido, o rapaz. - Para que adiar uma coisa que venho esperando há tanto tempo?...

A governanta abre um sorriso cheio de alegria, e seus olhos faiscaram. A paz, decididamente, parecia estar de volta àquela casa. Um pouco tarde, é verdade, mas voltava...

Capítulo 13

O reencontro

No salão de festas, o velho *Barão da Reboleira* e o filho mais novo terminavam de jantar. Haviam conversado tanto, durante parte daquela manhã, e, pela tarde afora, separando-se, apenas, pelo tempo necessário para que o rapaz fizesse a higiene pessoal e mudasse de roupa, trocando suas humildíssimas vestimentas de tecido grosseiro por elegantíssima fatiota confeccionada em lã de camelo, tomada por empréstimo ao variadíssimo e rico guarda-roupa do irmão. E, quem o visse, agora, vestido em tão apurado bom gosto e requinte, dificilmente reconheceria o antigo vagabundo folgazão das ruas e das baiúcas do cais do porto. *Manuel Antônio* não se cansava de olhar para o filho que não vira crescer, mas que lhe lembrava sobremodo as feições da sua saudosa esposa. Como se pareciam!... Os mesmos olhos, o nariz, a boca, a cor dos cabelos, em tudo o rapaz assemelhava-se à mãe.

- Já te disse que és a tua mãe escrita?... - pergunta o velho barão, tomando as mãos do filho pela milésima vez naquele dia. - Não há como negar que és, realmente, o filho dela!...

- Conta-me como era a minha mãe... - diz o rapaz, tomando-se de alta emoção.

- Tua mãe era como tu próprio és!... - exclama *Manuel Antônio*. - Se tens a capacidade de te enxergares, é a ela que vês!... Nas feições, nos gestos... Até no modo de falar!... Deus do céu!... Como é isso possível?... Foste tirado dos braços dela, quando ainda eras um mamote, mas dela mantiveste, fielmente, todos os traços!... A vida longe de nós em nada te modificou, meu filho!... Aí está a força e o poder do sangue, não concordas?...

- Se assim o dizes, papai!... - exclama o rapaz, altamente emocionado Como era bom ser tratado com real e desvelado carinho!

_ Dize-me, meu filho... - e se ri o velho *Barão da Reboleira* -, Desculpa-me, mas me encontro tão feliz que até me esqueço das desgraças que se abateram sobre esta casa, desde quanto te roubaram de nós!

- Mas, nada sei sobre ti!... São tantas as perguntas sem resposta. - Onde viveste?... Quem te criou?... Quem te amparou?... E preciso recompensar os que te foram bons...

- Como já sabes, papai, fui deixado na roda dos enjeitados no convento das Carmelitas; depois, adotou-me antiga serva das freiras - *Ofélia*, minha mãe de criação - que se finou poucos anos depois. Foi então que me internaram no orfanato da cúria, sob a responsabilidade de nosso amado *Dom Eusébio*. Ah, papai, esse santo homem e a minha mãe de criação foram as únicas fontes de amor verdadeiro que recebi em minha infância!...

- Oh, pobre menino!... - exclama *Manuel Antônio*. - Tanto que te procurei, durante esses anos todos!... E estavas aqui tão pertinho de nós!...

- Papai... - diz o rapaz, tendo as mãos do pai entre as suas - onde está meu irmão?... Acaso não mora aqui?...

- Oh, tantas foram as emoções deste dia tão ditoso para mim que me esqueci, completamente, do teu irmão!... - responde o velho, abrindo um sorriso. - Sabes que hoje ainda não vi *João Miguel*!... Certamente, acha-se em Lisboa a cuidar dos nossos negócios!... Temos tantas coisas a administrar que quase não lhe sobra tempo para mais nada!... Teu irmão é um verdadeiro lutador!... Antes, era eu a cuidar de tudo; agora, que me encontro tão alquebrado pela velhice e pela moléstia, restou-lhe a pesada tarefa de administrar os nossos bens!... - e, demonstrando algo grau de ânimo, prossegue, dando ligeiros tapinhas no dorso das mãos do filho: - Mas, como voltaste - e vejo que és forte como um touro! -, as tarefas agora se dividirão por certo!... Tu e ele dareis conta de tudo!... Tenho a absoluta certeza de que o teu irmão rejubilar-se-á tanto quanto eu com a tua volta, querido!...

- Por certo que sim, papai... - responde o rapaz, com um sorriso triste que não condizia muito com as altas expectativas do pai.

Em seu íntimo, *João Manuel* preocupava-se. E a história que o fantasma de *Madalena* contara a *Gerusa* sobre o caráter do irmão?... Deveria crer no pai ou em *Gerusa*!... Acaso não fora pelas pistas fornecidas Pelo espectro da antiga companheira, morta tão trágica e misteriosamente, que haviam chegado até ali?... Seu coração atormentava-se.

- Parece-me que estás triste, meu filho!... - exclama *Manuel Antônio* fixando, firme, o rosto do rapaz. - Não te achas feliz aqui?... Não te agradei?... Olha, esse recomeço sei que será difícil para todos nós! Afinal, foram tantos os anos de separação, e não tiveste, até então, mais nenhum contato conosco...

- Oh, não, papai!... - exclama *João Manuel*. Traía-se. Era tarefa quase impossível dissimular o que lhe ia à alma. Entretanto, o pai não deveria saber sobre as terríveis suspeitas que recaíam sobre o irmão. Não por ora, pelo menos. Então, era preciso tranquilizar o pai. E ele prossegue, abrindo um sorriso forçado: - Podes ter a certeza de que é apenas a emoção do reencontro, nada mais que isso!... - e sorri, enquanto lhe aperta firme a mão.

Manuel Antônio olha-o, cheio de preocupação. Conhecia o suficiente da alma humana para saber que o filho não lhe dissera a verdade. Mas, não iria insistir. Para que indispor-se com ele, logo no primeiro dia do reencontro?

- Mas, dize-me, meu querido, e essa jovem que contigo veio?... - pergunta o velho *Barão da Reboleira*. Aos poucos, era preciso inteirar-se de tudo o quanto o filho vivera, enquanto estivera longe dos olhos dele. Percebia que o rapaz vinha de uma vida dissoluta, vivida no meio do vício, pelas ruas da cidade... - Que relação tiveste com ela?

- *Gerusa* é o seu nome, papai - responde *João Manuel*, sério. - E, conforme já o sabes, é uma prostituta do cais do porto. E é preciso reforçar-te que ela é minha amiga, companheira de longa data!... Auxiliou-me muito, nos momentos difíceis da minha vida!... Devolhe muitas obrigações!...

- E pretendes, ainda, relacionar-te com essa gente?... - pergunta *Manuel Antônio*, demonstrando alta preocupação. - Presumo que a tal... essa *Gerusa*... não seja a única desse nível, pois não?

- Não, papai - responde, grave, o rapaz. - Há muitas outras como *Gerusa* e, também, outros companheiros desse meu tempo de rua...

- Era o que eu temia! - observa o velho, demonstrando alta preocupação. - E sabem todos quem és, na realidade?

- Não, papai - responde ele, de olhos baixos. - Apenas *Gerusa*...

- E posso perguntar com que intensidade tu te achas envolvido com essa rapariga?...

- Prometi-lhe casamento, papai...

_ O quê?!... - exclama *Manuel Antônio*, levantando-se, abruptamente, da cadeira onde se achava sentado à cabeceira da mesa. Os criados até se espantaram em ver-lhe a ligeireza dos movimentos, de costume, tão diferentemente apresentados por ele que tão alquebrado se encontrara até então. E prossegue, inflamando-se: - Vais casar-te com uma rameira do cais do porto?!... Oh, não, meu filho!... Não podes, decididamente, fazer tal asneira!... Bem que percebi que ela exercia algum tipo de ascendência sobre ti!...

- Vi-me forçado a propor-lhe casamento, papai!... - responde o rapaz. - Foi o que me exigiu!... Ou, então, sonegar-me-ia as informações que detinha a teu respeito!...

- Mas, então, ela é pior do que eu pensava!... - diz, atônito, o velho barão. E prossegue, tomado de alta indignação: - Não passa de uma execrável chantagista!... Que ordinária!... Cuidarei disso!... Avisarei o comissário *Torres da Fonseca*!... Poremos metade da milícia de Lisboa atrás dela!... Isso não ficará assim, não!... Tu não poderás, decididamente, sujeitar-te às exigências dessa oportunista!... Jamais permitirei que isso aconteça!... Jamais!...

João Manuel principia a preocupar-se por *Gerusa*. No íntimo, não a culpava. Aquela era a oportunidade da sua porca vida e se agarrava a ela, com todas as suas forças, para sair do lamaçal em que vivia. O pai, certamente, não entenderia as razões da pobre prostituta. Ele

nunca sofrera, possivelmente, as privações da miséria extrema!... Sempre fora rico!... No íntimo, o rapaz não nutria ódio pela antiga companheira de infortúnio. Apenas, que não a amava. Não iria lutar por uma relação assim. Como seria a sua vida ao lado de *Gerusa*?... Infelizes seriam os dois, se isso, efetivamente, acontecesse. Primeiro, porque não a amava, ao ponto desposá-la e, segundo, porque o pai não a aceitaria jamais, como nora e mãe dos seus netos.

- Oh, papai!... - exclama o rapaz. - Tu te encontras tão debilitado!... Não é bom que te exaltes dessa maneira!... Deixa que de *Gerusa* cuidarei eu!...

- Promete-me que farás isso, meu menino? - diz o velho barão, abraçando o filho por trás e o beijando no alto da cabeça. - Tive-te tanto tempo longe de mim que, agora, qualquer ameaça que te ronde, faz-me Perder a tranqüilidade!... - e, voltando a sentar-se, e aparentando um Pouco mais de serenidade, toma a mão do filho e, olhando-o nos olhos, prossegue: - Aconselho a te desfazeres dessa moça o quanto antes' És um *Barão da Reboleira*, meu filho!... Temos séculos de tradição familiar para zelar e não seria nada bom que te entregasses a gente dessa espécie!... Olha, temos muito dinheiro!... A nossa fortuna é incalculável!... Acho que nem podes supor o quanto tu possuis, na realidade na parte que te toca, por direito, e que te será deixada por herança, con' a minha morte!... Peço-te, por favor, meu filho, livra-te dela, o quant antes!... E também de outros que, por ventura, vierem bater à nossa porta!... Tu verás como é: quando se está do outro lado, eles virão, insistentemente, à tua procura para arrancar o que tu tens!... Entretanto, nunca te deixes levar pelas súplicas dessa gente!... Já estivest no meio deles e, melhor que qualquer um, tu sabes que ninguém nada d a ninguém de graça, não é mesmo?...

João Manuel limita-se a olhar para o rosto do pai, enquanto es' falava. Seu pensamento voa para o passado não muito distante, e lembr a miséria em que sempre vivera até então. Recorda a pobre *Gerusa* andar pelas escuras ruas do porto, no incansável afã de

conquistar su freguesia... Lembra-lhe as feições ainda juvenis, mas altamente mach cadas pelos duros embates a que se forçava enfrentar, todas as noites, até que a manhã raiasse, para continuar vivendo aquela vida miserável!.. Vida miserável que, certamente, acabaria como acabara *Madalena* morta, sob o punhal de um monstro desalmado como o era *João Miguel*. *João Miguel*, seu irmãozinho adorado... Que ironia, Deus do céu!...

- Estás a ouvir-me, *Francisquinho!*... - pergunta o pai, percebend que o filho se encontrava longe, perdido em reminiscências.

- Oh, claro, papai!... - exclama ele, subitamente trazido de volta realidade pelo apelo do pai. - Diziais...

- Dizia-te que deverias dar dinheiro àquela rameirinha, para que jamais voltasse a pôr os pés nesta casa! - diz-lhe, direto, o pai. - Qu audácia!... Exigir que te cases com ela em troca de informação ta valiosa a teu respeito!... Achas, acaso, que pessoa assim é tua amig meu filho?... - escandaliza-se o velho *Barão da Reboleira*. - Os verdadeiros amigos são os primeiros a desejarem ver-nos felizes e não pensariam jamais em coagir-nos, fazendo-nos prometer coisas, principalmente, as que digam respeito, diretamente, à nossa vida sentimental, como exigir-nos um casamento, por exemplo!... Que absurdo!... Dize-me, *Francisco*, tu acaso amas essa mulherzinha?...

_ Mão, papai, não amo *Gerusa*... - responde *João Manuel*, de imediato.

_ Está bem - diz o velho. - Como não titubeaste um só instante em responder-me, acredito em ti!... Melhor assim, melhor assim!... Dar-lhe-emos considerável quantia - a mesma que ofereci, durante todo o tempo, a quem me trouxesse informações concretas a teu respeito - e creio estar fazendo a coisa correta, não concordas?... Essa moça verá tanto dinheiro como nunca teve em suas mãos antes!... E, tenho a certeza de que, se tiver bastante juízo, ela mesma quebrará esta promessa que tu, estouvadamente, fizeste-lhe.

- Sim, papai - responde, lacônico, o rapaz.

Ligeiro silêncio, então, estabelece-se entre ambos - o primeiro, desde que se haviam encontrado. *João Manuel*, na realidade, pensava em

outra mulher... Seu pensamento buscava, insistentemente, o rostinho branco, pintalgado de quase imperceptíveis sardas acobreadas a lhe enfeitarem, ligeira e graciosamente, os zigomas e o alto do colo. *Teresa Cristina!*... Onde andaria a menina de olhos amendoados e cor de mel?... Seu coração freme de saudade. Deus do céu!... Como era bonita e gentil!... Os movimentos leves, delicados, altamente feminis!... O rapaz suspira fundo. Quase revelou ao pai quem, na realidade, era sua verdadeira paixão!... Porém, achou melhor nada lhe dizer ainda. Depois, em ocasião propícia, dir-lhe-ia. Quando o velho se achasse mais tranqüilo, mais receptivo, contar-lhe-ia sobre o seu verdadeiro amor. Por certo, ele iria gostar!... Ela não era do seu nível?... As coisas começavam a encaixar-se. Agora poderia apresentar-se ao seu amor como igual, sem se envergonhar, sem se diminuir!... Possivelmente, seria mais rico que ela!... Mais rico até que a insolente *Manuela!*... *Manuela!*... Ah, dessa iria vingar-se, com toda a certeza!... Iria fazer a ordinária pagar-lhe por todas as humilhações sofridas durante aquele tempo todo!... Ah, se iria!... Faria questão de dar-lhe o troco!... Centavo por centavo!... E, depois, sabe quando aquela rameira de luxo tê-lo-ia de volta aos braços?... Nunca!... Nunca mais, *Manuela!*... Mas, antes, seria preciso humilhá-la ao extremo, espezinhá-la, sem piedade!... Não era isso que a desgraçada houvera feito com ele o tempo todo?... Usara-o!... Agora, *Manuela*, o troco, a forra!...

De todas as satisfações, depois que se descobrira legítimo herdeiro dos *Barões da Reboleira*, a perspectiva de vingar-se de *Manuela* fora-lhe a mais saborosa até então!... "*Ah, Manuela, marafona de luxo, tu me pagarás todas as afrontas, todas as humilhações, uma a uma!*" pensa ele, antegozando como a afetada esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses* iria receber aquela inesperada notícia e, ainda, ter de engolir o fato de ele ser, talvez, mais rico e mais importante que ela... O pai dele não era membro do Conselho de Estado?... Só gente muitíssimo rica ocupava esse cargo!... Haveria até a hipótese, como já lhe adiantara o pai, de ele ser o indicado para substituí-lo, junto aos que se

achavam mais próximos da rainha!... Ou ele ou o irmão... Um dos dois, certamente seria o herdeiro dessa função... -Meu filho?...

- Sim, papai... - a voz do pai tira-o das íntimas cogitações.

- Veja quem se aproxima!... - diz *Manuel Antônio*, apontando, altamente excitado, para a larga porta que dava entrada ao amplo salão de festas. - Teu irmão!...

João Manuel volta-se para a porta. Um frêmito percorre-lhe a espinha de alto a baixo. Instintivamente, levanta-se e se encaminha ao encontro do irmão. Ambos aproximam-se um do outro, devagar, olhando-se sérios, sentindo-se, estudando-se, meticulosamente... Intensa palidez estampava-se no semblante dos dois rapazes. Eram muito parecidos. No porte, nos gestos; apenas que as feições derivavam-se para lados ligeiramente diversos: um deles lembrava mais o pai; o outro, a mãe; entretanto, no conjunto, ninguém poderia jamais dizer que não seriam irmãos. A parecença entre ambos era, deveras, muito grande.

- Irmão... - balbucia *João Manuel*, estendendo os braços, tomando-se de alta emoção.

O outro nada diz. Trazia os braços caídos ao longo do corpo e assim se manteve. Não esboçou o mínimo gesto para soerguê-los. Seus lábios tremiam, ligeiramente, e os olhos estavam secos, fixos no rosto do irmão. Diminuíra, sensivelmente, a intensidade do caminhar, até parar.

- Vem... - insiste *João Manuel*, com a voz ligeiramente trêmula, embargada pela emoção e também parando, poucos passos à frente do outro.

João Miguel não mais se moveu. Parecia preso, chumbado ao chão. Não tinha vontade de rever o irmão. De repente sentiu intensa raiva dele, principalmente, ao notar-lhe a exuberância do porte e das feições, um tanto mais expressivas que as suas. Teve mesmo foi vontade de fazer meia-volta, de ir-se, deixando-o ali, plantado. Quem era aquele rapaz, sim, muito parecido com ele, mas que não lhe suscitava o mínimo sentimento?... Não passava de um

estranho!... E um estranho que lhe vinha surripiar metade do que possuía e já principiava por insinuar-se, tomando as atenções do pai, até o fazendo deixar o leito e, inexplicavelmente, vir jantar no salão de festas e, de novo, a andar lépido como um coelho?... Até suas roupas o desgraçado usurpador já começava a tomar-lhe!.- Notara-lhe a fatiota familiar. Era uma das suas, sem sombra de dúvida!... Tinha mesmo era vontade de gritar-lhe às fuças quem é que lhe tinha dado o direito de apossar-se de suas roupas, quem é que lhe dera tais intimidades, mas tudo isso, fatalmente atingiria o pai, e, decididamente, não desejava indispor-se com o velho, logo naquela questão que tinha sido tão dolorosa e difícil para todos. Sabia quão temperamental o pai era e não lhe custaria nada, num rompante de indignação, para castigá-lo, tentar diminuir-lhe a parte na herança, ou o que seria pior, deserdá-lo, em detrimento do outro que ora aparecia, assim, do nada, quando todos já começavam por considerá-lo completamente desaparecido e, definitivamente, davam por encerradas aquelas intermináveis buscas!... Neste ínterim, o pai, que também se levantara e já se colocava entre ambos, não poderia, sob nenhuma hipótese, perceber qualquer traço do que lhe ia ao coração. Sabia que não poderia trair-se, jamais!... Enquanto o pai vivesse, não poderia demonstrar o que realmente achava daquela inesperada volta do irmão. Então, arrebanhando forças extremas, sobressalta aquele sentimento de aversão que alimentava havia tanto tempo pelo irmão desaparecido e, aproveitando a presença do pai que já colocava as mãos aos ombros de ambos, contém-se e esboça um sorriso. Sorriso extremamente difícil de se lhe ser rasgado aos lábios, posto que ia totalmente contra ao que se lhe andava ao coração, mas, como era um hábil artífice de emboscadas e de traições, conseguiu exibi-lo ao pai e ao irmão.

- Teu irmãozito voltou!... - exclama o velho *Barão da Reboleira*, forçando-o a abraçar-se ao outro. - Vai lá!... Abraça-o, *João Miguel!*... Dá-lhe as boas-vindas, homem!... Deixa-te de vergonheiras!... - pros-

segue o velho, imbuído de excelentes propósitos, uma vez que atribuía todo aquele gelo que demonstravam ambos, no reencontro, ao fato de os irmãos se desconhecerem completamente.

- Sê bem-vindo, irmão - diz *João Miguel*, por fim, abraçando o outro *João Manuel* recebe o abraço do irmão, mas lhe nota a total ausência de empolgação. Ligeiro abraço, frio, sem emoção. Desvinculam-se ambos, rapidamente, daquele contato. Afastam-se e baixam a cabeça tautocronamente. A frieza que *João Manuel* sentiu no abraço do irmão foi-lhe patente, pois não havia como não a notar. E, por sua vez, também não sentiu vontade de abraçá-lo forte. Agora tinha a absoluta certeza de que *Madalena* e *Gerusa* tinham razão: tivera a nítida sensação de estar abraçando um imenso bloco de gelo!... Seu irmão era um homem perigoso!... Não podia enganar-se; tudo lhe parecera evidente demais, pois a vida que levava, por muitos anos, entre as gentes da rua, e o contato, desde muito cedo, com o crime e com a alta malandragem, desenvolveram nele alta percepção a respeito do perigo. Agora tinha a absoluta certeza: seu irmão era um homem altamente frio e perigoso!...

- Já jantaste, *João Miguel*?... - pergunta *Manuel Antônio*, pondo-se no meio de ambos os filhos e, abraçando-os, concomitantemente, prossegue: - Eu e teu irmão acabamos de fazê-lo. Não supúnhamos que retomasses a tempo. Se soubéssemos da tua chegada tão cedo a casa, tê-lo-íamos aguardado, por certo!... Mas, vem comer, que te faremo companhia!...

- Não... - diz *João Miguel*, mentindo. A verdade é que não conseguiria suportar a presença do outro, assim, sem se preparar, primeiro. Precisava, antes, acostumar-se com a idéia de ter de suportar as fuça daquele intruso ali, na casa. E prossegue, sempre de olhos baixos: -Sinto-me sem fome e cansado. Se não me lebares a mal, preferirei descansar.

- Ah, está bom, meu filho! - observa *Manuel Antônio*. - Na realidade, gostaria que fizéssemos um serão em família, nós três, como nunca houve antes, nesta casa. Há tanta coisa, ainda, que teu irmãozito não

nos contou, enquanto esteve longe de nós!... Mas, se assim preferes, não nos faltará tempo para isso...

João Miguel despede-se, friamente, e se recolhe. Quase não olhara para o recém-chegado. Olhara-o a furto, durante o curto período da apresentação, mais por curiosidade, para rever-lhe bem as fuças, pois já o conhecia de antes!... Seguiria-o, insistentemente, por muito tempo, pelas ruas do cais do porto; conhecia-lhe os hábitos, sabia muitíssimo bem em que espécie de gente havia o irmão se transformado!... Gente baixa, bem rasteira, da pior qualidade que existia no mundo!... E iria aceitá-lo jogo assim, de braços abertos, estreitando-o, afetuosamente, ao peito?... Não - Jamais faria isso!... Fizera mesmo era questão de manter distância. Deliberadamente, rejeitava-o e não se preocupava muito em esconder isso, nos curtíssimos e poucos instantes em que seus olhares se encontraram. Apenas mascarara seus reais sentimentos ao pai que a tudo tomara como natural timidez de ambos. E era bom que o pai de nada desconfiasse mesmo!...Ao menos, durante o curto espaço de tempo que se esperava que o velho vivesse!...

João Manuel segue o irmão com os olhos, enquanto o outro se afastava ligeiro. Despedira-se dele, apenas com curto aceno de mão. Nada mais. A fria recepção que recebera do irmão preocupava-o. Mais ainda, considerando a advertência que lhe fizeram *Gerusa* e o fantasma de *Madalena*. Dali para frente, haveria que tomar muito cuidado, mas muito cuidado mesmo...

* * * * *

Depois que o namorado partira, *Teresa Cristina* continuara seu passeio pelo pequeno parque que ladeava a mansão, por um bom tempo ainda. Precisava desanuviar a cabeça. Encontrava-se encalacrada. Por um lado, achava-se presa a *João Miguel*, pelo compromisso que haviam assumido fazia, já, algum tempo; entretanto, altamente desolada, agora descobria que não amava o

rapaz. Passara até a desenvolver certa aversão pelo modo estranho, quase cruel de como ele encarava e costumava resolver as coisas contrárias que eventualmente se interpusessem em seu caminho. Sabia que não lhe seria fácil livrar-se de *João Miguel*. No fundo, temia pelas reações do rapaz. Como reagiria, se ela lhe dissesse que não mais o queria?... Sabia que *João Miguel* era muito violento e, conseqüentemente, boa coisa não deveria esperar dele, assim que lhe contasse tudo!... Por outro lado, derretia-se de paixão pelo seu novo amor. Ah, *Anjinho!*... À simples lembrança de *João Manuel*, seu coração principiava a bater forte. Como se mostravam diferentes os dois rapazes!... Diferentes no comportamento, ressalte-se, posto que, na aparência, eram estranhamente parecidos!... Deus do céu!... Como seria possível aquilo?... Não se conheciam, sequer parentes eram; entretanto, a semelhança entre ambos era incrível!... Tinham a mesma estatura, quase o mesmo timbre de voz, o mesmo jeito de caminhar, de olhar... Mistérios!... Mistérios que a vida apresenta e para os quais nem sempre costumamos encontrar resposta plausível... Entretanto, encontrava-se numa encruzilhada e tinha que se decidir!... Tinha de escolher a rota que lhe fosse apropriada a seguir!... Tinha de dar um final àquele relacionamento conturbado, cheio de insegurança e que mais sofrimento e apreensão lhe trouxera até então, que paz e realizações, como deveria ter acontecido. Que amor era aquele que só trazia dores e complicações?... Não, decididamente, não era aquilo que desejava para si. Precisava, urgentemente, pôr um termo naquilo tudo. Será que *João Miguel* entenderia as razões dela?... Pior para ele, se não as entendesse!... Ela que não iria atrelar-se a um homem, se não o amava!... Acaso não se encontrava ali, longe da sua casa, justamente fugindo de um outro, do asqueroso primo *Vasco*, a quem tentavam atrelá-la, à sua total revelia?... Não conseguira escapular, com a ajuda da mãe, daquele enrolo que o pai arranjara a ela, sem ao menos consultá-la?... Ah, não!... Achava-se esperta o suficiente para sair-se deste também, com certeza!... Acharia a saída. Ah, se

acharia!... E, a meio de tais conturbadas contradições de sentimentos, e sem chegar, ainda, a nenhum resultado sobre a decisão tomar, *Teresa Cristina* retoma a casa.

Neste comenos, no salão de estar, *Manuela* lia um livro, recostada numa *chaise longue*. A esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses* ainda se achava altamente excitada pelos ardores do afogueado encontro que mantivera na noite transcursada, com o jovem namorado da priminha sonsa. Era-lhe difícil concentrar-se na leitura. Deus do céu!... Que homem!... Amiúde depunha o livro sobre os joelhos, e seus olhos perdiam-se no vazio, sinal de que a sua mente viajava por persistentes reminiscências a lhe invadirem, insistentemente, a cabeça... Fundos suspiros, então, escapavam-lhe do peito aflante, e seus grandes olhos negros de azeviche reviravam-se, descontroladamente, nas órbitas e ela mordía os lábios inferiores, com patente demonstração de que se deleitava, pela enésima vez, com a delícia de tais recordações.

Passando pelo salão, *Teresa Cristina* depara-se com a prima recostada, molemente, na marquesa; estranhamente, *Manuela* trazia a cabeça tombada para trás, os olhos a se lhe revirarem, descontroladamente, nas órbitas, enquanto longuíssimos e intensos suspiros brotavam-lhe do peito arfante. O livro mantinha-se aberto, deixado sobre o colo. A jovem assusta-se.

_ Prima *Manuela!*... Prima *Manuela!*... - chama-a a mocinha, em voz alta, aproximando-se, tomada de preocupantes expectativas. Estaria a prima passando mal?

- Oh, estás aí, *Tininha!*... - diz *Manuela*, abrindo apenas um olho, mal disfarçando a contrariedade pelo escândalo que fazia a sonsa. -Que tens?

- Que tenho eu?!... - espanta-se a jovem. - Pergunto-te o que tens tu! - - diz ela. - Estavas tão estranha, revirando os olhos e gemendo tão intensamente, que supus estares a passar mal!...

"*Mas que tonta!*...", pensa *Manuela*, recostando-se no canapé e mal sofrendo a vontade de mandar a idiotazinha às favas. Então não

tinha mais o direito de fazer o que quisesse em sua casa?... Que maçada era-lhe ter de suportar parentes indesejáveis a perturbá-la o tempo todo!... Teve vontade de dizer àquela imbecilzinha que ela, *Manuela*, poderia gemer, babar, e suspirar e virar os olhos até ficar estrábica, de vez, se assim o desejasse, mas se conteve. Além do mais, se a idiotazinha se fosse, aquele mancebo de ouro talvez não mais ali viesse e, então, o que seria dela?... Nem pensar!... Dispensar aquele tesouro, sem dele, antes, largamente se fartar?... Não!... Por um pedaço de homem como aquele, suportaria até uma dúzia de sonsas como a prima!...

- Oh, meu bem!... - diz *Manuela*, abrindo um sorriso fingido. - Tu te preocupaste comigo!... Que belezinha!... Vem, aproxima-te, senta-te aqui a meu lado!...

- Ufa, *Manuela!*... - diz a mocinha, sentando-se ao lado da outra. - Que alívio!... Estavas tão estranha que te supus tendo uma síncope!...

"*E estava, mesmo, idiota, se não me tivesses interrompido!...*", pensa ela, enquanto abraçava a prima e lhe beijava a bochecha. - Mas, não é que és, de fato, uma gracinha, meu bem?... - exclama *Manuela*, estreitando-a forte aos braços. - E teu namorado?... Disse-te quando voltará?...

- Breve estará de volta, *Manuela*... - responde a mocinha. E depois de emitir um profundo suspiro cheio de desolação, prossegue: - Muito em breve tê-lo-emos de regresso...

Os olhos de *Manuela* faíscam de satisfação. E a seguir, decidida, levanta-se e, estendendo as mãos, convida a outra:

- Não queres, acaso, dar uma volta pelo centro da cidade?... Faz um dia lindo!... Além do mais, deve haver uma porção de coisas exóticas que os navios costumam trazer de Macau...

Teresa Cristina olha para a prima. A princípio, não tinha nenhuma vontade de sair, mas, se ficasse sozinha, por certo, as idéias sobre a confusão em que se tomara a sua pobre existência iriam judiar dela. Então, decide-se:

- Vamos, *Manuela!*...

- *Inácia!*... - grita, em seguida, a esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses* pela criada de quarto. - *Inácia!*... Onde se meteu essa incompetente?...

Lá fora, o dia era só luz. E as duas mulheres, rindo e conversando muito, galgam, de braços dados, os degraus da imensa escada de mármore alvitente que dava ao andar superior da casa. Iam embelezar-se para o passeio...

Capítulo 74

Tramas e traições

Para *João Manuel*, os dias passavam, sem grandes novidades, além do natural deslumbramento, enquanto ia, paulatinamente, descobrindo as delícias que proporcionava a riqueza. Ah, o dinheiro!... Quanto não tivera que se virar, para conseguir os minguidos tostões com os quais conseguira viver, sempre se relegando o mínimo indispensável!... Quanta fome passara!... Quanto frio, dormindo ao relento, posto que sequer um mísero cantinho só seu houvera possuído antes.

Naquela manhã de final de primavera, ao acordar-se, seus olhos passeavam em derredor. Devagar, habituava-se ao desmedido luxo em que passara a viver. Ainda deitado de costas, no leito senhorial, seu olhar esquadrinhava, demoradamente, o espaçoso aposento. Deus do céu!... Quanto luxo!... Lá do fundo da extrema miséria em que sempre vivera até então, jamais supusera existirem coisas assim, tão exuberantes!... Seus olhos ora passeiam pelo teto de gesso

branco e se demoram, observando, detalhadamente, as expressivas gravuras bucólicas ali pintadas e tão em voga, à época; o magnífico e imponente lustre de cristal, com miríades infindas de reluzentes pingentes, a formarem intrincada bordadura, filigranada com perfeição e simetria; as paredes recobertas de cetim azul-claro e apinhadas de quadros a exibirem cenas variadas, de épocas e de estilos diversificados, e perfeitamente pintadas por mãos de hábeis artistas!... Ah, a boa arte, sempre trazendo harmonia e equilíbrio ao ambiente, através da manifestação da beleza, captada pela capacidade ímpar e pela apuradíssima sensibilidade dos Pintores!... *João Manuel* não entendia quase nada daquelas coisas, pois era completamente analfabeto; entretanto, era uma alma sensível. A dor, sua companheira constante desde a infância, ao invés de o conduzir para as sendas do crime, tomara-o pessoa gentil e prestativa. Gostava de auxiliar os outros. E, as pessoas sensíveis, intrinsecamente, são afeitas à arte, independentemente de serem cultas ou não. É inerente ao próprio ser.

João Manuel levanta-se da cama e se encaminha para a janela. O pesado cortinado de veludo vermelho escuro encontrava-cerrado. Com um firme e largo gesto, afasta as pesadas cortinas, puxa o ferrolho da tranca e abre, de uma só vez, as duas abas da grande janela. A luz do dia nascente projeta-se abundante, e ele preme os olhos fortemente, para acomodá-los à intensa luminescência. Dá um passo frente e se debruça sobre o parapeito do pequeno e gracioso balcão d ferro fundido, que assomava em extensão à janela do quarto e que s prendia, firmemente, a cachorros e mísulas, também de ferro. Com agradável sensação de se achar suspenso no ar, o rapaz inspira o fresco da manhã nascente. Enche os pulmões, repetidas vezes, aspirando o em largos haustos. Que bom era estar em casa!... A sua casa!... Olha em derredor, estudando os pormenores da estupenda vivenda. O gramado impecável, o espetacular jardim fronteiroço, com os canteiro regulares, pejado de plantas raras e exuberantes; o bosquete que ladeava a casa, a exhibir

profusão de majestosas árvores que, apesar de secu lares, mostravam-se primorosamente conduzidas e magnificamente podadas. Nota, curioso, o caramanchão florido ao lado da casa que, co forme lhe dissera a governanta, era o lugar preferido da mãe, nos di de primavera. Ah, a mãe!... Pobre criatura que se fora, antes de tê-lo d volta aos braços!... Como teria sido a mãe?... Por mais que se esforçasse não lhe conseguia imaginar as feições com precisão. O pai já lhe houve mostrado uma série de retratos da mãe, entretanto que é que um retrat pode transmitir da alma das pessoas?... Muito pouco... Muito pouco mesmo... Só a convivência é que, realmente, faz-nos conhecer, mutuamente, uns aos outros. Se não há contato, não há possibilidade nenhum de se conhecer, efetivamente, alguém!... *João Manuel* emite fundo suspiro. Agora era tarde, muito tarde para conhecer a mãe... O pai ainda tivera sorte de reencontrar, embora velho e se achasse muito doente e, possivelmente, muito próximo do fim. Entretanto, conhecera-o e agora sabia como o pai era. O irmão... Ah, o irmão!... Que decepção o irmão!... Logo à primeira vista, percebera-o hostil. Qual seria a razão de tanta hostilidade?... Ciúme?... Ter de dividir a herança com ele?. Que lhes importaria ter tanto dinheiro assim, se não tinham simpatia u pelo outro?... Por certo, o irmão sequer imaginava o que era viver s sem ter ninguém!... Não, *João Miguel* não sabia o que era a dor solidão, do abandono!... Se soubesse, certamente entenderia que o amor sincero e leal de um irmão supriria a total falta de dinheiro e que não deveria haver muita diferença entre a solidão dos ricos e a solidão dos miseráveis... Solidão e abandono doem em qualquer situação... Tanto aos ricos quanto aos pobres...

João Manuel olha, a distância, a pequena cidade de Sintra, que se descortinava mais abaixo!... Sintra!... A preferida dos aristocratas!... Sintra era o lugar favorito dos que tinham muito dinheiro!... Até os reis portugueses costumavam passar o alto verão em Sintra!... O ar da Serra de Sintra era insuperável!... O lugar conseguia juntar os dois ambientes mais procurados no verão: a montanha e o litoral!...

Alguns quilômetros apenas separavam um local do outro. Poder-se-ia estar no frescor da serra e, em pouquíssimo tempo, deliciar-se no mar!... A mansão dos *Barões da Reboleira*, como também a vivenda de muitos outros nobres da época, localizava-se na subida da Serra de Sintra. A cidade!... De repente, o bulício das ruas de Lisboa vem-lhe à mente. E, com o coração cheio de saudade, o rapaz olha, demoradamente, o telhado das casas brilhando ao sol matinal; mais além, o azul das águas do Atlântico a perderem-se ao longe, nas brumas secas, fundindo-se ao infinito do céu... Intensa languidez invade-o então. Tinha pouca coisa a fazer ali. O pai insistia para que ele descansasse bastante, que se acostumasse à casa e à nova vida. Entretanto, não estava habituado a viver preso em uma casa. Aliás, nem casa tivera antes!... E nem cansado de nada se achava e nem nunca estivera; entretanto, não desejava contrariar nem se indispor com o pai. Agora, entretanto, passado o impacto inicial da redescoberta da família, anelava por sair; queria voltar a Lisboa, ir ao porto, rever os amigos, jogar cartas, beber uma caldeireta de chope na espelunca do *Mestre Branquinho*... Mas, que diria o pai, se soubesse que desejava ir ao porto, para rever os amigos?... Por certo, não admitiria!... Então, que lhe adiantava ser rico, ter uma família, mas se achar preso?...

O certo é que *João Manuel* já se enfiava de ficar trancado em casa. O pai já lhe contratara um mestre, para ensinar-lhe as letras, mas o homem ainda não aparecera; achava-se acometido de forte gripe e não conseguira, ainda, deixar o leito. Seu dia, então, resumia-se a pouca coisa: de manhã, tomava café com o pai; depois, saía a passear pelas redondezas, a pé; voltava e almoçava com o pai; à tarde, conversavam na biblioteca ou no salão de visitas. O irmão nunca estava com eles: ou dormia até tarde ou saía muito cedo. O fato é que haviam se encontrado pouquíssimas vezes e mal se cumprimentaram, olhando-se de rabo de olhos tão-somente. Entretanto, o que fazia seu coração bater mais forte mesmo, eram as lembranças de *Teresa Cristina*... Ah, a mocinha em cantadora, de tez

alvíssima e de cabelos acobreados!... Deus do céu Tremia só de pensar nela!... E, ainda debruçado no parapeito da pequena sacada de ferro da janela do seu quarto, *João Manuel* deixa-s levar pelas recordações de dias atrás... O fortuito primeiro encontro nos aposentos dela... Que casualíssimo encontro, meu Deus!... E abre um sorriso, cheio de satisfação. Não planejara nada!... Puro acaso!... o tremendo susto que ele lhe pregara, sem querer, acordando-a, enquanto ela, displicentemente, dormia... E ele pensando que ela fosse *Manuela*... Ri-se, uma vez mais, cheio de felicidade, com tais lembranças. Record a estupefação da mocinha e a terrível bronca que ela lhe dera, ao vê-la nu em pêlo, ali, em seu quarto... Depois lera, nos olhos dela, os primeiros arroubos de paixão, quando se reencontraram na Praça do Mercado... A troca de olhares... Significativos olhares que se enroscaram uns nos outros e não mais queriam se deixar... *João Manuel* emite um suspiro. Precisava rever o seu amor!... Tinha de achar um jeito de voltar à casa de *Manuela*]... No entanto, conhecia muitíssimo bem aquela cobra!... Se aparecesse por lá, sem ser convidado, certamente, a desgraçada sequer o deixaria entrar!... Precisava pensar... Precisava urgentemente, encontrar um jeito plausível para rever a mocinha d olhos de mel... *João Manuel* espreguiça-se, estirando os braços acima da cabeça. Era muito bom ficar ali, pensando naquela mocinha adorável, mas estava na hora de vestir-se e de descer. O pai, possivelmente, já se acordara e aguardaria, pacientemente, para tomarem o desjejum juntos. E conversariam, animadamente. Eram tantas as coisas que precisava contar-se, que precisavam saber, reciprocamente, um do outro... Na verdade, nada sabiam um da vida do outro.

- Bom-dia, filho!... - saúda-o o pai que o aguardava ao pé da escadaria. - Como é, dormiste bem?

- Como um príncipe, papai!... - responde ele, abraçando o pai ternamente. - Estás faminto?

- Sim, um pouquinho!... - responde *Manuel Antônio*, muito feliz.

Depois do ressurgimento do filho, o velho *Barão da Reboleira* ganhara um pouco mais de alento. Da terrível e longa prostração no leito terrível doença lançara-o, aos poucos, conseguira reerguer-se e já caminhava sozinho, com o auxílio de uma bengala. É certo que o mal que o acometia era incurável, mas o retorno e a constante companhia do filho davam-lhe um pouco mais de ânimo, e o fim se lhe prolongava um tantinho mais...

- Estive pensando, cá, com meus botões, *Francisquinho*, e acho que devemos reapresentar-te à sociedade - diz *Manuel Antônio*, tomando seu desjejum, sentado junto do filho, na grande mesa da sala de jantar. - Quase ninguém sabe que tu voltaste, e é nosso dever mostrar-te aos amigos e conhecidos. Pensei em darmos um grande baile!... Que achas?...

- Se assim pensas... - diz o rapaz, sem dar muita importância àquele fato.

A verdade é que nunca estivera ligado a acontecimentos sociais e nem tinha a mínima noção do que fossem os bailes que a alta roda lisbonense freqüentava. Sempre vivera à margem daquela gente; até então, tudo se resumira a vê-los passarem de longe, sempre apressados, em suas suntuosas carruagens. A aristocracia sempre fora um mundo muito distante da sua realidade. Sabia que era gente altiva, que vivia em esplendentes palácios e mansões e, também, que eram pessoas extremamente orgulhosas e que detestavam pobres...

-Ah, se a tua mãe estivesse viva!... - exclama o velho barão. - Ela, sim, sabia receber como ninguém!... Nosso salão era famoso em toda a corte, meu filho, antes que nos sucedesse a desgraça do teu sumiço!... Depois, tudo ficou triste, nossa casa fechou-se para sempre para os bailes e para os saraus, e nunca mais se ouviu um só acorde musical Por aqui!...

De repente, *João Manuel* ilumina o rosto. Deus do céu!... Era a chance de reencontrar *Teresa Cristina!*... O pai acabava de dar-lhe a chance de rever o seu amor!...

-Oh, papai!... - diz ele, animando-se grandemente. - Farias isto por mim?... Desejas, realmente, que todos me vejam?...

- Claro, meu filho!... - exclama *Manuel Antônio*, admirando-se da repentina sobreexcitação de ânimos que passava a demonstrar o rapaz. - Mas não te cria assim tão afeito aos divertimentos!... Ora, quem diria!...

- Dize-me, papai, poderei convidar uma pessoa em especial? pergunta ele, cheio de expectativa.

- Claro que sim, querido!... - responde o pai, com bonomia. M depois, lembrando-se de algo, acrescenta, meio arrependido: - Não digas que pretendes convidar aquelazinha que aqui contigo e com *Do Eusébio* veio, vais?...

- Oh, não, papai!... - apressa-se ele em responder. - *Gerusa* sequer saberá que daremos um baile!... Garanto-te!... Trata-se de outra pessoa!

- Do cais do porto, presumo... - diz *Manuel Antônio*, desapontando-se. E, prossegue, anuviando as feições e demonstrando certa contrariedade: - Olha filho, se vais...

- Oh, não!... Não!... - atalha o rapaz. - Não é ninguém, em absolut lá da baixada do cais, não, papai!... Fica sossegado!... É alguém de bom nascimento, assim... Assim como eu!... Juro-te!... Tu não te envergonariz dela, com toda a certeza!...

- Se dizes... - fala o velho barão, sentindo-se aliviar de pronto, abrindo um sorriso cheio de curiosidade, prossegue: - Acaso conheço tal rapariga?... De que família é?...

- Olha que a curiosidade matou o gato, senhor *Barão da Reboleira!*... - exclama o rapaz, gracejando. Depois, fazendo-se sério, pro segue: - Seu nome de família ainda não conheço, papai; entretanto, s ela ter relações de parentesco com a *Baronesa da Ajuda*, a senhora dona *Manuela Albuquerque e Meneses*. Acaso tu a conheces?

- A *Baronesa da Ajuda?*... - espanta-se *Manuel Antônio* de filho estar ligado a pessoa de tão elevada estirpe. - De onde é que conheces

gente tão importante?... *Afonso Albuquerque e Meneses* um dos homens mais ricos deste reino, homem!...

- Namoriquei uma das criadas da *Baronesa da Ajuda*, papai!... mente ele, abrindo um sorriso matreiro. O pai jamais deveria sequer imaginar qual fora a real ligação que ele tivera com a maldita *Manuela*.

- Hum!... Sei!... - diz o velho, olhando o filho e sem demonstrar muita convicção pela resposta que o rapaz lhe dera. - Então tu frequentavas a mansão do *Barão da Ajuda* com o intuito de namoriscar uma das criadas, é?... E, às escondidas, imagino... E acaso é essa talzinha que desejavas convidar para o teu baile?...

- Oh, não!... Não, papai!... - apressa-se em responder *João Manuel*. - Convidarei a prima da *Baronesa da Ajuda*!

- Mas, quem será essa rapariguita?... - pergunta-se o velho barão,forçando a memória. - Não consigo lembrar-me de nenhuma jovem parenta da *Baronesa da Ajuda*... _ Pois é prima da *Manuela*, papai!... - diz o rapaz. - Isso te posso jurar!...

_ Prima da *Manuela*... Prima dos *Barões da Ajuda*... - murmura o velho *Barão da Reboleira*, sem conseguir atinar de quem se tratava. - Sinto muito, meu filho, mas não consigo lembrar-me!... Só vendo a rapariga, mesmo!...

_ Vê-la-ás, papai, vê-la-ás, com certeza!... - diz ele, cheio de alegria. _ E conferirás que graça de mocinha é ela!...

- Para tanto, apressemo-nos, então!... - diz o velho, aliando sua alegria à do filho. Como era bom tê-lo de volta e fazê-lo feliz!... O muito que lhe fizesse, seria pouco em paga dos tormentos e das agruras que o pobrezinho vivera até então. Cheio de emoção, olha para o filho, e duas lágrimas descem-lhe dos olhos, enquanto prossegue: - Daremos uma linda festa em tua homenagem, filhinho!... Uma linda festa!...

João Manuel ri-se feliz. Finalmente, apresentava-se oportunidade ímpar de rever *Teresa Cristina*. Far-lhe-ia uma surpresa: enviaria o convite a ambas - a ela e à *Manuela* -; entretanto, usaria seu nome

verdadeiro: *Francisco de Assis Ramalho e Alcântara, Barão da Reboleira*, e as duas só ficariam sabendo realmente de quem se tratava, no momento exato!...

* * * * *

Naquela mesma tarde, *Gerusa* encontrava-se em seu sórdido quartinho na ma do cais. Fazia já um mês que *João Manuel* houvera deixado o porto e não mais dera mínimas notícias. Deitada de costas sobre o leito de lençol encardido, a jovem prostituta remoía suas raivas contra o rapaz que lhe dera o bolo.

- Ah, *Anjinho!*... - murmura baixinho, enquanto abre um sorriso cheio de despeito. - Agora que estás a nadar no ouro puro, esqueces-te de onde saíste, não é, malandro?... E se não fosse por *Madá* e por mim, ainda te encontrarias neste sórdido esgoto!... *Madá*...

A lembrança da pobre companheira, vilmente assassinada, tempos atrás, fá-la se entristecer, e duas lágrimas brotam-lhe aos olhos.

- Oh, *Madá!*... Que saudade de ti!...- murmura entre lágrimas. Não mais vieste ver-me... Acho-me tão só!... Ando com tantas saudades de ti... Até *Anjinho* se foi!... Devias ter visto como o danadinho acabou por arranjar-se bem!... - e, enquanto, pretensamente, dialogava com a companheira morta, contando-lhe as novidades, as lágrimas iam-lhe sumindo dos olhos. A pobre meretriz principiava a animar-se, com novas perspectivas que surgiam para a sua miserável vida: - De fato pais do malandro são, mesmo, cheios do ouro!... Precisavas ver a ca deles!... Sabias que ele prometeu casar-se comigo?... Ainda vou mor naquele palacete!... Tu verás!... Entretanto, estranha-me que *Anjinho* ainda não tenha cá aparecido!... Ter-se-á esquecido de mim?... Oh, que dúvida, *Madá!*... As vezes, acho que o velho, o pai de *Anjinho*, não gostou de mim!... Olhava-me, o tempo todo, com um jeito escandalizado!... Ah, os aristocratas!... Decididamente, não gostam dos pobres!. Têm-lhes uma ojeriza natural, que se lhes mostra incontrollável!... Bast; sentirem o cheiro de um miserável e se

enchem de asco!... E involun tário!... Mas, tu sabes, melhor que ninguém, que as pessoas, de mod geral, não gostam de nós, não é mesmo?... Odeiam-nos, impiedosamente quando percebem o que somos!... Todos nos desprezam!... Apenas uii não se escandalizou comigo!... O bispo!... *Dom Eusébio* viajou comig de volta, naquela carruagem luxuosa e, em nem um momento seque durante o trajeto todo, destratou-me ou fez qualquer tipo de censura! Tratou-me, sim, sempre com educação e respeito!... Como um pai! Conversou tanto comigo!... Contou-me histórias lindas, de Jesus, dc santos todos!... E, convidou-me a visitá-lo na mansão episcopal!... Ir gina só, *Madá*, se as más-línguas pilham-me a visitar *Dom Eusébio!* Que não dirão do pobrezito?... O porto todo se assanhou ao ver-quando eu deixava a carruagem dele, aqui bem diante de casa!... Foi l alvoroço total!... Mas, depois que ele se foi, fiz um esparrame daqueles! Defendi o santo homem!... Que alguém se atreva a falar mal de *Dom Eusébio* diante de mim e verá!... Mas, *Madá*, precisavas ver o luxo em que vive *Anjinho!*... Tu nem imaginas o quanto o pai dele é rico!.. - E, quando ele voltar para buscar-me, para lá também irei eu!... E, se o pai dele de mim realmente não gostar, pior para ele!... Já se encontra velho, mesmo!... Velho e bastante caquético, pelo que pude perceber!... Hora dessas, passará desta para a melhor, e então, viverei naquele palácio com *Anjinho!*... Só nós dois!... Pena que aqui não mais te encontras, querida! Senão, tu também irias!... Isso eu te garanto!... Acaso não fomos nós a descobrir-lhe o passado?... Não fôssemos nós duas, e *Anjinho* ainda estaria por aí, mais pobre que Jó, a catar migalhas para Sobreviver!...

Gerusa levanta-se do leito e se encaminha para a minúscula janela guardada pelas cortininhas de renda encardida. Põe-se na ponta dos pés e espiona a rua lá embaixo. A tarde avançara bastante, e a luz fugia depressa, cedendo a vez às trevas da noite. A jovem prostituta emite longo suspiro e se volta. Tocava a aprontar-se para mais uma noite de trabalho pesado.

_ À luta, *Madá!*... - exclama ela, apanhando o vestido que se achava dependurado num varal improvisado ao longo da parede. - Mas, por pouco tempo, espero!... E, se o senhor *Anjinho* pensa, acaso, que ficarei aqui plantada, esperando as vontades dele de vir buscar-me, engana-se!... Dar-lhe-ei mais três dias!... - e, aproximando-se da janelinha, alteia, propositadamente, a voz e grita para fora: - Três dias, apenas, senhor *Anjinho!*... Depois tu verás do que serei capaz!... Em seguida, põe-se, compenetradamente, a vestir-se para a estafante jornada noturna que a aguardava.

* * * * *

Naquele exato momento, *Teresa Cristina* e *Manuela* voltavam para casa. O carro encontrava-se repleto de pacotes de compras que ambas houveram feito nas lojas do centro comercial da cidade.

- A cada dia, impressiona-me, enormemente, as coisas que há neste mundo, prima!... - exclama *Manuela*. - Viste as sedas chinesas?... Que gente laboriosa, Deus do céu!... Nem os ingleses tecem com tal maestria!... E olha que os tecidos que vêm da Inglaterra são lindos!... Mas, os que trazem de Macau são insuperáveis!... Ainda convencerei *Afonso* a levar-me a conhecer esse lugar tão pitoresco!...

-Terias mesmo coragem de viajar ao longínquo Oriente, *Manuela!*... pergunta a mocinha, altamente interessada na conversa da outra. - Não te importaria o fato de teres de ficar presa num navio durante meses?...

- Oh, nem um pouquinho!... E te digo que me sinto tremendamente excitada só em pensar na possibilidade de, um dia, realizar tal viagem! Que emocionante não seria!... Sabes, *Tininha*, invejo tanto os marinheiros!... Eles não têm parada!... Vivem no mundo!... A cada dia acham-se num lugar diferente, vêem gente exótica, tomam contato co outras culturas e outros costumes!... Não imaginas o quanto invejo o homens do mar!... E também os ciganos, naturalmente!... Haverá gente mais pitoresca que os ciganos?...

Olha, arrepio-me toda!... Ainda acabarei fugindo com um bando de ciganos!...

Teresa Cristina limita-se a olhar para a outra com um par de olhos atônitos.

- Espantas-te, priminha?... - observa *Manuela*, divertidíssima, a perceber que a outra se escandalizava com suas palavras. E explode numa gargalhada: - Ha!... Ha!... Ha!... Há!... - e, depois, ficando séria prossegue: - Ah, se me aparecesse um lindo e forte cigano de olho quentes e apaixonados e me arrebatasse, levando-me consigo, para bem longe!... Sabe, *Tininha*, essa vida monótona cansa-me!... Sei que talvez, não me consigas entender, mas viver uma vida assim, pode, eventualmente, cansar!... E eu já me cansei!... Cansei-me do luxo, das veleidades, das compras, dos saraus e dos bailes da corte!... Queria, agora aventuras fortes!... Queria revirar este mundo, conhecer-lhe os mistérios os encantos!... Temos tantas possessões, na América, em África, no Oriente... No entanto, continuamos aqui, presas neste cantinho esquecido do resto da Europa!... Ainda se vivêssemos em Paris, Viena ou Londres, vá lá!... Mas Lisboa é, ainda, tão provinciana!... Dize-me *Tininha*, conheces Paris?...

- Não, ainda, não... - responde a outra, sentindo-se diminuir.

- Ainda não te levou o teu pai a Paris?!... - espanta-se *Manuela*, prossegue, altamente indignada, esconjurando a conduta do primo do marido: - Mas que forra-gaitas!... Que pensa ele a que se presta o ouro?! A ser empilhado aos cantos, a servir de pasto às traças, por certo!. Que somítico!... Ainda se fosse um judeu!... Ao menos a tua mãe ter ele, acaso, levado, algum dia, a conhecer Paris?...

- Oh, sim!... - exclama a mocinha. - Foram ambos à França, quando recém-casados!...

- Na lua-de-mel!... - exclama *Manuela*, agora, achando muita graça - Tinha de ser!... Levou a pobre *Bárbara* a Paris, apenas, na lua-de-mel!-Depois, nunca mais!...

-Sim...

E sabes por quê?... - pergunta *Manuela*, divertida. - Porque, certamente não saíam nunca da hospedaria!... Ha!... Ha!...Ha!... Ha!... E a tua mãe não podia se encantar com nada que visse pelas ruas de Paris!... Há!.. Ha!... Ha!... Ha!... E garanto que a nenhum baile da corte ele a levou! Pobre *Bárbara*, certamente, nem teve oportunidade de saber como são os bailes que se dão em Versalhes!... De nenhuma *masquerade*¹ deverá ter participado!... Nem não deverá ter visto o rei *Louis*² e a rainha *Marie-Antoinette* a dançarem *le menuet*, juntamente com sua esplêndida corte!...

- *Manuela!*... - diz a mocinha, melindrando-se. - Também não é assim como dizes!... Papai não é o que pensas!... É um homem bom, justo e não nos nega nada!...

- Bom e justo?!... - exclama a outra, com desdém. - Conheço bem esses da tua família, mocinha, pois sou casada com um deles!... Só pensam e vivem a correr atrás de dinheiro, nada mais!... Acaso seria o teu pai diferente?... Pelo que sei, briga por uma pitada de rapé!... Dizes que não?... Acho que tu conheces muito bem a história da contenda que ele manteve, por anos a fio, com um de seus vizinhos, por alguns míseros palmos de terra... - e arremata: - Ah, e, se não me engano, por sinal é o pai de um desses teus namoradinhos, não é?...

1. Baile de máscaras, muito em voga nos salões da aristocracia, ao final do século XVIII

2. referência aos reis franceses Luís XVI e Maria Antonieta, mortos por decapitação, como consequência dos horrores da Revolução Francesa, de 1789.

- *Manuela!*... - diz a mocinha, entristecendo-se grandemente. -Por quem me tomas, afinal?...

A esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses* exulta com a reação que provocara na mocinha!... Deliciava-se, enormemente, quando podia espicaçar a outra!... Adorava, quando lhe surgiam oportunidades para fincar na prima tais bem apontadas farpas, e se deleitava, imensamente, em vê-la murchar. Sentia um gozo imenso!... Era a paga que se dava por ter de aturar aquela enxeridzinha em sua casa. Parentes!... Ainda se fossem os seus!... Mas, os do marido?...

Aquela idiotazinha tirava-lhe a liberdade, limitando o seu círculo de ação. E, tinha de dar-lhe satisfações do que andava fazendo, senão... Cedo ou tarde, seu comportamento, fatalmente, cairia nos ouvidos do esposo, e *Manuela* não queria nem pensar em escândalos envolvendo-lhe o nome... Conhecia muito bem a lei!... Em caso de patente adultério, poderia ser repudiada pelo marido e cairia na mais negra miséria, pois a fortuna que herdara do pai já se amalgamara à dele, e não lhe seria mais possível separar e resgatar o que era somente seu. Por isso é que suportava aquela imbecilzinha ali em sua casa. Receio... Receio, principalmente, da língua da mãe daquela insuportavelzinha, a prima *Bárbara*, nefanda criatura de cujos espertíssimos olhos nada - mas nada mesmo! - escapavam!... *Bárbara* era deveras muito perigosa, e era melhor tê-la a seu favor caso contrário... Embora o marido vivesse no mundo, a rastelar mais è mais ouro, e a relegasse aos cães e aos gatos, a justiça dar-lhe-ia razão por certo!... Com tais coisas não era de se brincar!... Melhor era não se indispor muito com a tolazinha. Tinha de mordê-la, descarregando toda a raiva e a frustração do momento, mas, depois, rapidamente, afagá-la... Morder e soprar...

- Oh, *Tininha*, como levas tudo tão a sério!... - diz *Manuela*, batendo de leve nos joelhos da prima com a ponta do leque fechado. - Não sabes, efetivamente, separar o que é troça do que é real?... Deves perceber quando estou a brincar contigo...

- Oh, *Manuela*, devo ser mesmo uma néscia daquelas!... - exclama a mocinha, com os olhos rasos de pranto. - De fato, nunca sei quando estás a brincar ou quando falas a sério!... Às vezes, tenho vontade de me ir!... Sinto que me rejeitas, quando me ridicularizas assim!... Desculpa-me, mas, tratando-me dessa maneira, sinto que te importuno!.. Olha, dize-o com sinceridade: se já te cansaste, se já te incomodei o suficiente, vou-me de volta a casa!... Arranjarei outro modo de safar-me do nefasto noivado que papai tenta impingir-me com *Vasco*!... E, se me internar nas Carmelitas Descalças, darei um jeito de fugir!... Não te preocupes!...

-Oh, logo tu, interna nas Carmelitas Descalças!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...- explode *Manuela* numa gargalhada. - Com todo esse fogo que deténs sob os vestidos!... - e prossegue, com um largo sorriso de mofa: - Haverias de deixar a santa priora daquele convento com os cabelos em pé!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... És mesmo uma pândega, menina!

Teresa Cristina nada responde. Volta o rosto para a janela do coche que corria célere, pelas ruas de Lisboa, e dá evasão ao pranto. *Manuela* era má; gostava de judiar das pessoas por prazer!... Deus do céu!. Que não tinha de aturar para que sua vida não se transformasse num inferno sem fim?..- Se voltasse a casa, o pai, certamente, exigiria que se casasse com o odioso primo!... Mas, e o seu amor?... A lembrança do rapaz de olhos doces, freme de paixão!... *Anjinho!*... Que desejo imenso de revê-lo, de ouvir-lhe a voz!... O seu sorriso lindo abrindo-se matreiro, meio malandro, meio selvagem, inculto...

- *Tinhinha!*... - cutuca-a *Manuela*, com a ponta do leque. - Eh, olha mim!... - Estás de novo emburrada?... Nenhuma troça posso fazer de ti? Vives a melindrar-te à toa!...

- Deixa-me, *Manuela*... - diz ela, cheia de mágoa.

_ Oh, como és tonta!... - exclama *Manuela*, abraçando-a por trás - Como te mimaram os teus pais!... Vamos, dá-me um abraço de reconciliação!...

- Não tens mesmo jeito, *Manuela!*... - exclama *Teresa Cristina*, deixando-se vencer pela outra.

- Quando virá ver-te aquele rapagão lindo, o *João Miguel?*... - pergunta *Manuela*, abraçando a priminha, fortemente, e a beijando, falsamente, às bochechas molhadas pelas lágrimas. Precisava, urgentemente, reconciliar-se com aquela bobinha, pois, de repente, principiara a sentir fortes calores subindo-lhe de baixo e lhe tomando o corpo todo. Sabia que aquele incêndio iria alastrar-se com voracidade incontrolável, e só aquele rapagão bonito de Sintra

é que seria capaz de apagá-lo com singular maestria... - Não fizeste, acaso, a indelicadeza de não o convidar a retornar, pois não?

- Disse que voltaria em breve - responde a mocinha, sem muita animação. - Mas não sei exatamente quando.

- E por que não o convidamos para cear conosco amanhã? - diz *Manuela*, acendendo-se. - Poderemos enviar-lhe um convite, conjuntamente, tu e eu!... Que te parece?...

- Não sei, *Manuela*... - responde a outra, reticente. O que não desejava, mesmo, era ter o namorado de volta, assim, tão depressa. Entretanto, a prima de nada poderia desconfiar. O melhor era não levantar qualquer suspeita. - Se assim desejas...

Manuela remexe-se no assento do carro. Estava excitadíssima. Antegozava, imensamente, as delícias que, possivelmente, aguardá-la-iam no dia seguinte. Volta-se para a prima e lhe sorri. "*Idiotazinha, sem-graça!...*", pensa. "*Ao menos para alguma coisa tu me serves!...*" e se ri, no íntimo, cheia de satisfação...

Capítulo 15

Volta às origens

João Miguel mantém nas mãos o convite que acabara de receber da namorada. Relê a curta mensagem, grafada em caligrafia caprichada, em letras bem desenhadas, quase perfeitas. *Teresa Cristina* e *Manuela* convidavam-no para a ceia daquela noite. Íntima satisfação

invade-lhe o ser. *Manuela*}... A simples lembrança da esposa de *Afons Albuquerque e Meneses*, seu corpo todo freme de desejos. À perspectiva de repetir a dose do último encontro de ambos, sua respiração torna-se opressa. "*Que mulher, meu Deus!...*", pensa ele, rindo-se cheio de insofreadável contentamento. Agora, sim, achava-se envolvido em delicioso *affair!*... Como gostava de aventuras perigosas, o relacionamento com *Manuela* dava-lhe imenso prazer. Tinha as duas mulheres nas mãos!... Por *Teresa Cristina* nutria paixão singular, mais tema, mais doce; iria, certamente, desposá-la, assim que o pai viesse a falecer e conseqüentemente, não lhe obstando mais a que se ligasse à filha do seu arquiinimigo. Quanto ao pai da noiva, ambos contavam com *Bárbara* aliada poderosa que, com jeito e com habilidade, conseguiria convencer o marido a permitir que se casassem. Além do mais, esfregaria um dote tão fabuloso às fuças de *Jerônimo Dantas e Melo* que, sovina como era, não iria resistir por certo!... Para começar, dar-lhe-ia de presente esplêndida quinta que pertencera à sua família por gerações. O velho *Marquês das Alfarrobeiras*, certamente, cairia das pernas!... Se aquelas canguinhas houvessem brigado, durante décadas, por alguns palmos de terra da quinta dos *Barões da Reboleira*, que não sentiria, se agora ganhasse e, sem fazer qualquer esforço, a propriedade toda, apenas em troca da mão da filha?... E lhe daria mais, muito mais!... Não era estupidamente rico?... Encheria aquele sovina de dinheiro e queria ver-lhe a reação!... O dinheiro costumava comprar qualquer coisa, e por que é que não compraria o velho *Marquês das Alfarrobeiras*, pessoa altamente mesquinha, e que, certamente, não deveria custar lá muita coisa, não!... *João Miguel* não pretendia, mesmo, permanecer morando ali na quinta depois que o pai morresse, e ele se achasse de vez casado com *Teresa Cristina*. Desejava, sim, era mudar-se, definitivamente, para Lisboa. Compraria um palacete, em bairro nobre da capital, onde pretendia viver para sempre, constituindo sua família. Se bem que algo inesperado acontecera: aparecera-lhe o irmão, para atrasar um pouco suas intenções, mas, no bastardo que,

de repente, surgira do nada, daria um jeito!... E, além disso, de tanto contentamento com a vinda do outro filho, o pai até ganhara novo alento!... As coisas apenas atrasavam-se um pouquinho, mas ele era paciente; sabia esperar. Tinha consciência de que a doença do pai era incurável e, quanto ao irmão, ainda não pensara, seriamente, a respeito, mas não lhe seria difícil desvencilhar-se daquele espantinho que reaparecia depois de tanto tempo!... E, extremamente contente, pois as coisas, finalmente, pareciam sorrir-lhe, outra vez, *João Miguel* principia a fazer a toaleta. O encontro que tinha, para logo mais à noite, exigia-lhe muito esmero no trajar. Põe-se, então, a aparar, com muita atenção e cuidado, diante de imenso espelho de cristal, as pontas que se lhe sobressaíam dos bastos bigodes e das sedutoras suíças que lhe emolduravam o belo rosto amorenado.

Naquele mesmo instante, em seus aposentos, o velho *Barão da Rebeloira* descansava, após ligeiro mal-estar que sentira, enquanto passeava pelos jardins fronteiriços da casa, de braços dados com o filho mais novo. Devagar, *Manuel Antônio* recuperava-se da forte apnéia que o acometera.

- Fizeste muito esforço, papai! - exclama o rapaz, cheio de cuidados.

- Acho que te excedes comigo!... Desejas que te mande chamar o médico?

- Oh, não!... - retruca o velho. - Não é coisa para tanto!... Já me estou habituado a isto!... Tu ainda não te achas acostumado aos meus achaques!... Um pouquinho de cama e me reabilitarei!... Tu verás!...

- Se assim o dizes...

- Olha, sinto-te um pouco acabrunhado, filhinho!... - diz *Manuel Antônio*, estudando, com atenção, a fisionomia do rapaz. - Por que não te vais a Lisboa em busca de um pouco de distração?... Sei que o teu irmão ainda não se acostumou contigo; gostaria, imensamente, que te convidasse a sair com ele, mas sabes como é!... Ele tem lá os amigos dele, não é verdade?... E tu, certamente, terás os teus novos amigos! E é melhor que comeces a fazê-los desde já!... Olha, temos

dois bons carros!... Um deles é de uso do teu irmão, naturalmente, e o outro m pertence!... Agora, entretanto, é teu: dou-to de presente!... Vai!... Toe a te vestires!... O cocheiro levar-te-á aonde quer que queiras ir!... Dinheiro, tu tens aos montes, e Lisboa está cheia de divertimentos!... p jovem, filhinho!... Não te quero aqui, preso ao meu lado!... Anda!. Estou ordenando que te vás!...

Por instantes, perpassa pela cabeça do rapaz o infrene desejo d rever *Teresa Cristina*. Por que não agora?... Por que aguardar o baile?... A oportunidade aparecia-lhe de pronto!... E ele ressurgiria, então, e alto estilo!... Não era, agora, rico?... Que fortes impressões não causarr à mocinha, surgindo-lhe, à frente, tão mudado?... Antegoza, assim, eno memento, a perspectiva de revê-la, de estar com ela!...

- E, não te sentirás desamparado se me for, papai?... - pergunta ele altamente inclinado a ir-se.

- Asseguro-te: estou bem!... - diz o velho. E prossegue, encora jando-o: - Vai-te sossegado!... Quantas e quantas vezes não permanec só, apenas com meus fiéis servidores, aqui nesta casa?... Teu irmã sempre esteve fora... Mas, vê lá, hein!... Não te quero a zanzar pelo lados do porto!... Não te esqueças de que tenho o cocheiro a relatar-m aonde é que te levou!...

- Está bem, papai, nada de ir ao porto! - diz ele, animando-se enormemente. - Deixo-te com Deus!... A tua bênção!...

Pouquíssimo tempo depois, *João Manuel* balançava-se, acomodad no luxuoso coche que o levava, celeremente, a Lisboa. Ia feliz. Feliz p se achar instalado em carro tão luxuoso! Quantas vezes não se imaginara viajando em carro como aquele?... E, também, felicíssimo, porque ia rever o seu amor!... Antegozava, ainda, cheio de plena satisfação, como o receberia *Manuela*!... "*Ah, Manuela, muito ainda temos a acertar tu e eu!... Rameira de luxo, que me humilhaste até não mais que reres!...*", pensa ele, com um sorriso de satisfação aos lábios.

Pouco depois que *João Manuel* deixara a casa, *João Migue* também saía, ignorando, totalmente, que ambos buscavam o mesmo itinerário... E, com curto intervalo de tempo entre si, os dois coches

rodavam céleres, rumando ao mesmo destino: a mansão de *Afonso Albuquerque e Meneses*...

A noite havia caído fazia pouco, quando o carro que trouxera *João Manuel* estaciona diante das escadarias de mármore branco da entrada principal da imponente mansão senhorial. O rapaz salta da carruagem e, por instantes, observa o frontispício da majestosa vivenda. Estivera ali por Comeras vezes, mas aquela era a primeira vez que entraria pela porta principal do luxuosíssimo vestíbulo. Resoluto, galga a escadaria de mármore alvinitente e, com o castão da bengala, bate forte e repetidas vezes na imensa porta de madeira trabalhada. Instantes mais, e a porta abre-se.

- Tu?!... - espanta-se a criada que viera atender à porta.

- Sim, *Inácia*, sou eu!... - diz *João Manuel*, divertindo-se com a expressão de assombro que se desenhara, inopinadamente, às feições da serviçal.

-Mas, como pode?!... - exclama a mulher, enquanto, literalmente, varria o corpo do rapaz, de alto a baixo, com olhos altamente estarrecidos. - Onde é que roubas... quero dizer... onde achaste roupas assim, *Anjinho!*... - e, depois, espiando curiosíssima, por cima dos ombros do rapaz, nota o luxuoso coche estacionado diante das escadarias. - E o carro?...

- E uma longa história, *Inácia!*... - diz o rapaz, divertindo-se, imensamente, com o espanto da criada. - Mas, dize-me: onde está a tua patroa?...

- Oh, a senhora dona *Manuela* banha-se em seu quarto!... - responde a serviçal, ainda altamente impressionada com o novo estilo que apresentava o rapaz: a casaca cinza de lã de pêlo de camelo de finíssimo corte; a camisa de cambraia alvinitente, com as branquíssimas e engomadas rendas dos punhos a cobrirem-lhe até o meio das mãos; o primoroso laço da gravata de seda vermelha; a capa de linho preto, forrada de seda verde-escura e brilhante, a cair-lhe perfeita sobre os ombros; a cartola de feltro azul-marinho; as botinas reluzentes; o par de luvas brancas que trazia numa das mãos e, na

outra, a bengala com castão de marfim trabalhado... - Deixei-a, há pouco, mesmo quando Principiava a banhar-se!... Mas, não sei se te faço entrar, *Anjinho!*... -prosegue a mulher, grandemente embaraçada. - A patroa receberá uma visita para a ceia de hoje!... E tu vieste sem avisar!...

- Dize-me, *Inácia*, e a prima de *Manuela*, *Teresa Cristina*, encontra-se em casa?... - pergunta o rapaz quase a cochichar e cheio de expectativa.

- Certamente que sim!... - responde a criada. - Dona *Ter* acha-se em seu quarto, preparando-se para ceia de logo mais' ^

- Poderias levar-me até ela, *Inácia!*... - pergunta, súplice *João Manuel*.

- *Acaso enlouqueceste, Anjinho?!...* - responde a criada, arr lando os olhos. - Se te pilha dona *Manuela* a andares pela casa serti que ela te convidasse, põe-nos ambos, tu e eu, fora daqui a pontapés! Não tiveste, ainda, tempo de conhecê-la o suficiente, durante esses anos todos, não?...

- Oh, sim!... Sim!... Claro que sim!... - responde *João Manuel* quase às raias da grosseria, irritando-se com a natural pusilanimidade da criada. - Sei que a tua patroa não passa de uma cobra lazeirenta, mas preciso ver *Teresa Cristina!*... É importante para mim!...

- Ai, Deus do céu!... - exclama a mulher, lamentando-se. E, voltando-se e espiando para o interior da casa, cheia de cuidados, prossegue queixosa: - E, se te deixo entrar e te pilham aí dentro?... Que será de mim?...

-Saberei ocultar-me!... Além do mais, já é noite!... Está tudo escuro!... Não haverá um convidado para a ceia?... Certamente, os demais criados achar-se-ão todos atarefados na cozinha!... Vamos, deixa-me entrar!... - diz, súplice, o rapaz. - Não disseste que a tua patroa banha-se?... Por certo, lá permanecerá uma eternidade!... Como ela tem a alma bastante suja, deverá demorar-se muito ao banho!... Tenta, talvez, esfregando-se em demasia, tirar a lama que lhe tolda

o caráter!... Queira Deus que ela adormeça e que se afogue na banheira!...

- *Anjinho!*... - censura-o a criada. - É isso que desejas a quem tanto te deu a mão?...

- Deu-me a mão e me devorou, impiamente, em troca, o resto, aquele demônio!...- diz o rapaz, alteando a voz.

- Ssssh!... - diz a mulher, pondo o indicador aos lábios. - Queres que a casa toda saiba que estás aqui?...

- Que me importa se saibam ou não?... - diz ele, resolutivo. - Agora, sai da frente e me deixa entrar!... - e, afastando a mulher, força a passagem e entra. - Mostra-me onde é o quarto de *Teresinha!*... Vamos, *Inácia!*... Tenho pressa!...

-Ai, Jesus Cristo!... - exclama, apavorada, a criada, indo-lhe atrás e tentando segurá-lo pela aba da casaca. - Neste momento, dona Teresinha pode ainda achar-se ainda nua, a banhar-se!... Não convém adentrar-lhe o quarto assim!-- Deixa-me ir primeiro averiguar!...

- Está bem!-- - diz ele, após ponderar por alguns segundos. A criada tinha razão. Não lhe convinha adentrar, intempestivamente, o quarto da mocinha. Resolve, então, aquiescer: - Acho que tens razão!... Poderemos apanhá-la, ainda, desprevenida!... Sento-me aqui e espero que se apronte! Creio que não deverá ainda demorar-se muito, pois não?

_ Dona *Manuela* sei que não!... Já deve estar quase prontinha!... E não quero nem imaginar o que não fará ao ver-te aí escarrapachado no salão de visitas!... Matar-te-á, com certeza!... E a mim também, ao saber que fui eu a deixar-te entrar!... Ainda mais que teremos visita importante para a ceia!...

- Ora, deixa-te de arengas, *Inácia!*... - diz o rapaz, irritando-se com o arzel que fazia a criada. - E, a propósito, quem é esse de importância tal a vir ceiar aqui esta noite?

- O noivo da senhorita dona *Teresa Cristina!*... - responde a criada. *João Manuel* levanta-se da poltrona, de um salto, como se uma

víbora o tivesse picado.

- O que dizes?!... - exclama ele, perplexo, agarrando o braço da criada. - Quem é o tal?... Vamos, dize-me!...

- Não lhe sei o nome, não, *Anjinho!*... - diz a serviçal, tentando desvencilhar-se da mão do rapaz que lhe segurava firme o braço como uma tenaz. - O que sei é que dona *Teresinha* tem um noivo e que o gajo cá vem, amiúde, a vê-la!... Ainda semana passada aqui esteve ele!... Até dormiu no quarto de hóspedes!... Acho mesmo que nem não reside na cidade!...

Um noivo!... O rapaz deixa-se sentar, pesadamente, na poltrona. Passa, nervosamente, a mão pelo rosto, pelos cabelos. Principiara a suar copiosamente. Então ela era compromissada!... Por que não lhe dissera que era noiva?... Por que lhe dera tantas esperanças, Deus do céu?...

Esperta como era, a *Inácia* não passara despercebido o quanto o rapaz empalidecera ao ouvir que *Teresa Cristina* tinha um noivo. A Princípio, apiedara-se de *João Manuel*; depois, achou bom que ele se fosse depressa, antes que a confusão se armasse de vez, e o pior acabasse sobrando para ela. Então, era preciso dar-lhe o golpe de misericórdia. E fez com destreza:

- Sim, *Anjinho*, dona *Teresinha* é noiva de um rapagão, assim corno tu: jovem e bonito!... Também deve ser muito rico, pois costuma chegar num carro luxuoso como esse em que vieste e se veste, primorosamente e é de finos modos e de bons falares!...

Enquanto *Inácia* discorria, encomiásticamente, sobre seu pretenso rival, duas grossas lágrimas rolaram dos olhos de *João Manuel*. Por instantes, seu olhar perdeu-se no vazio, fixando o nada. Depois, emite fundo suspiro, enxuga as lágrimas com a ponta dos dedos e se levanta.

- A ninguém digas que aqui estive, *Inácia!*... - diz ele, com a voz trêmula. - A ninguém, entendeste bem?...

- Perfeitamente, *Anjinho...* - responde a criada, com os olhos baixos. Lá fora, o carro aguardava-o, ainda estacionado diante das escadarias de mármore branco.

- Vamos para casa!... - ordena ele ao cocheiro.

Mal seu carro deixa os portões da mansão de *Afonso Albuquerque e Meneses*, um outro se aproxima e entra. Era *João Miguel* que chegava para cear com *Teresa Cristina* e com *Manuela...*

* * * * *

De volta, no carro, *João Manuel* encontrava-se altamente acabrunhado. Noiva!... *Teresa Cristina* tinha um noivo!... Quem seria ele?... Sentia-se traído, grandemente magoado e machucado. Tantas ilusões alimentara acerca da mocinha e, agora, acabara sabendo que havia outro no coração da sua amada!... Ter-se-ia esquecido dele tão depressa assim?... Ou já existiria tal romance, desde antes de se conhecerem, naquele inusitado encontro de ambos, na penumbra do quarto dela?... A dúvida atormentava-o. Que frustração!... Saíra para rever seu amor e retornava a casa mais abatido que antes. De repente, sentiu uma grande raiva apoderar-se de si. Não tinha mesmo sorte!... Vivera sempre atropelado pelos desencontros!... Sempre à retaguarda, a comer o pó dos que se lhe iam à frente!... "*Que vida besta, meu Deus!...*", pensa, no escuro do carro, que corria célere, pelas ruas da cidade. O característico ruído das rodas sobre o calçamento de pedras do caminho embalava seus pensamentos. Nem mesmo o reencontro da família, o carinho que recebia do pai, o luxo ou a riqueza desmedidos de que era dono puderam fazê-lo feliz!... Anelava por um grande amor!... O grande amor da sua vida!... Sorri amargo, ao recordar o quanto buscara por um amor assim, durante a sua vida toda. E, quando viu *Teresa Cristina* pela primeira vez, sabia que ela era o seu grande amor!... Inexplicavelmente, sentira o coração bater descompassado; tremera, descontroladamente; suas pernas bambearam e a respiração

tornara-se-lhe opressa, difícil. "*Deus do céu!...*", pensa, enchendo-se de terror, na iminência de perdê-la assim, mal a tinha encontrado. "*Que farei da minha vida, doravante?...Que graça terão as coisas para mim?...*" E, estarecido, pensa, então, no vazio em que se tornaria a sua vida, sem o seu amor. E, a seguir, um frio intenso apodera-se do seu coração. Um misto de gelo e de amarga decepção. Combinação fatal a propiciar situações que, usualmente, podem direcionar uma alma à queda moral!... E é justamente neste contexto de alta frustração e de abandono que as pessoas costumam buscar refúgio e consolo, muitas vezes, em lugares pouco recomendáveis!... Resoluto, ergue-se e, pondo a cabeça para fora da janela, grita ao cocheiro:

- Toca ao porto, *Olegário!*...

De repente, o medo da solidão fê-lo buscar o ambiente onde vivera por tanto tempo!... Sentira imensa saudade de beber uma caldeireta de chope e de ouvir os conselhos de *Mestre Branquinho!*...

Quando o luxuoso coche estaciona diante da espelunca de *Mestre Branquinho*, silêncio e alta expectativa tomam conta do magote de bêbados e de vagabundos que, costumeiramente, freqüentavam o lugar. *João Manuel* salta do carro e adentra o lugar.

- Deus do céu!... - Vejam só quem vem lá todo engalanado!... -grita um marinheiro semi-embriagado, ao reconhecer o recém-chegado.

- Não acredito!...

- *Anjinho!*...

- Onde roubaste isso, homem?!...

-Ai, e não é que é só luxo o gajito, gente?!...

-*Anjinho!*... - exclama o estalajadeiro, reconhecendo o amigo que chegava todo enfatiotado, esbanjando luxo e apuro no vestir-se. - Andaste sumido!... Disseram-me que havias enricado, e vejo que não mentiram!...

- Pois vê só como são as coisas, não é, *Branquinho!*... - diz o rapaz, abrindo-se em sorrisos e feliz com a ruidosa acolhida que lhe Propiciavam os antigos companheiros. - Achei um tesouro e, agora,

tenho-me do lado de lá!... Mas, vamos ao que interessa!... Aqui matar saudades da tua horrível morraça!... Vai lá, toca a servir bebida" todos!... E, tudo por minha conta!...

- Dizes, então, que agora andas da banda dos aristocratas, é? diz o velho estalajadeiro, enquanto enchia até a boca razoável fileira de copos com rum. E pergunta, altamente intrigado: - Mas, dize-me- e como é que isso se deu, hein?... Acaso te amarraste a alguma velhota ricaça, foi?

- Ah, conta-nos isso direito, *Anjinho!*... - exclama um dos que o rodeavam, todos eles tomados de alta expectativa pelas falas do antigo companheiro que reaparecia em alto estilo.

- Sim, sim!... Vamos lá: desembucha tudo direitinho!...

- Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Sabia que este danado ainda iria arranjar-se na vida!... Solteironas ricas e enjeitadas às vezes aparecem!...

- Vai lá, homem!... Ensina-nos a tua receita!...

- Sim!... E o que é que costumas usar sob o braço, hein?...

- Ou nos pés, a tirar a fedentina!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Damas de luxo não estão habituadas a tais pitorescos cheiritos!...

- E olha que algumas até gostam!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Mas, vai, dize-nos lá, seu maroto!... Quem é a doida que te financia?...

- Segredos, amigos!... Segredos!... - diz o rapaz, rindo-se e entrando na brincadeira. - E segredos não se contam; levam-se para o túmulo!...

E a turba explode em gargalhada geral. *João Manuel* passava a sentir-se feliz. Aquele ainda era o seu meio. Momentaneamente, esquecia-se dos seus dramas íntimos. Passa os olhos pelo bando de bêbados e de desocupados - companheiros seus, de tanto tempo, a rodearem-no, também felizes. Pouca coisa fazia-os felizes!... Observa-lhes os rostos esqueléticos, sofridos, prematuramente envelhecidos pelo abuso do álcool e, principalmente, pela falta de tudo: era gente simplíssima acostumada aos duros embates da vida, vivendo no meio da miséria. Sequer tinham a mínima noção do que

era uma existência rodeada d luxo excessivo, como a que ele, *João Manuel*, passara a viver, depois que reencontrara a família.

- *Gerusa* passou ainda há pouquinho por aqui!... - diz-lhe *Branquinho*, passando-lhe o copo cheio de rum, a derramar-se de tão cheio.

A lembrança da antiga companheira de infortúnio, *João Manuel* inquieta-se. Um misto de saudade e de desejo toma-o.

passou por aqui, então?... E como está ela? Ainda bonitona, *Anjinho!*... - responde o velho estalajadeiro, piscando-lhe um olho maroto. - Ainda do jeito que o senhor diabo costumam gostar... - Ha!... Ha!... Ha!... Ha... E, a propósito, vais vê-la?... A esta hora possivelmente, ainda estará a buscar pela freguesia...

_ Não, *Branquinho!* - responde ele, secamente. - Não vou ver *Gerusa!*..-

-Percebo que, mesmo montado no ouro, não te achas feliz... Estarei errado?..-

O rapaz fixa firme os olhos do velho estalajadeiro, por alguns instantes. *Branquinho* era um homem deveras perspicaz. *João Manuel* compreendeu, então, que não lhe seria fácil enganá-lo.

- Não, não estás errado, meu amigo...

- Dores de amor, *Anjinho?*...

- Dores de amor, *Branquinho*...

- Opa!... Essas doem demais, meu caro!...

- Se doem!...

- E nem não há remédio nem jeito para tal enfermidade...

- Não... Só resta agüentar firme, na teima!...

- Mas te digo que há uma solução: nada encontrarás de melhor para te esqueceres de um rabo-de-saia, do que mergulhares nos braços de outra rapariga!... É atear fogo ao fogo!...

- E é, *Branquinho?*... - diz o rapaz, abrindo ligeiro sorriso, com laivos de safadice. O álcool já principiava a embotar-lhe o juízo. - E quem tu me sugeres?... Existirá, acaso, carne nova no mercado?...

- Sim, sim, existem umas taizinhas novas por aí que tu não conheces; entretanto, não te aconselho novidades, não!... - observa o velho estalajadeiro. - Em semelhantes casos, o melhor que fazes é te aninhares em colo conhecido...

- *Gerusinha?*...

- Por que não?... - diz o velho, piscando-lhe um olho maroto. - Tu não sabes o bem que lhe farás!... Não é que, depois que partiste, por um bom tempo, andou a moçoila um tantinho derreada?... Saudades de ti, meu velho!... Saudades de ti!... - e explode numa divertida gargalhada: ~ Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Vamos, toca a consolares a *Gerusita!*...

- E onde a encontrarei a estas horas?... Em casa, por certo, não estará!... Ainda é bastante cedo!...

- Por aí!... Por aí!... - diz o velho, fazendo largo gesto com as mãos.

- Tu sabes, exatamente, onde achá-la, não é mesmo?... Tu sempre a achavas, antes...

João Manuel resume-se a menear a cabeça e a sorrir-lhe, confirmando tudo. Decididamente, ele nada poderia ocultar de *Branquinho!* Aquele homem conhecia-o como ninguém. Depois, com um aceno mão, despede-se do velho companheiro.

- Não te vás esquecer de nós, hein, safadito!... - grita *Branquinho* quando o rapaz já se encontrava no limiar da porta de saída. - Vê se nos dá o ar da tua graça vez ou outra!...

- Até breve, amigos!... - brada o rapaz, em despedida, ao sair. Deixei-vos mais uma rodada paga!...

A turba despede-se dele, num coro de pilhérias:

- Já te vais, *Anjinho?*...

- Olha que ainda é cedo!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Fica mais, *Anjinho!*...

- Já te arremetes à caça, hein, maroto?... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!

- Fiquem em paz, amigos!... Adeus!... - diz ele, saindo de vez da taverna e deixando os antigos camaradas em total algazarra.

Em seguida, com passos apressados, dirige-se para o carro que se encontrava estacionado na ma. O cocheiro, que cochilava recostado no assento da boléia, ouvindo-lhe os passos, empertiga-se ligeiro.

-Vamos rodar por aí, *Olegário!*... - ordena ele, antes de tomar assento na carruagem. - Preciso encontrar uma pessoa...

O coche rodava devagar pelas mas parcamente iluminadas do cais do porto. Pouquíssimos lampiões a óleo de baleia dependurados no frontispício das tavernas queimavam pachorrentos, lançando sua luz mortiça ao ambiente enegrecido pela noite sem luar. Da escuridão dos becos e das ruelas, surgiam rostos femininos que, curiosos, olhavam para o luxuoso carro que passava. Eram as mulheres da noite que lutavam pelo mísero pão de cada dia!... *João Manuel* olhava para aqueles rostos a exibirem intensa e excessiva maquiagem; as roupas espampanantes, de cores altamente berrantes, chegando às raias do ridículo; as exuberantes e espalhafatosas perucas arranjadas em penteados estrambóticos... Pobres criaturas, que mais pareciam grotescas caricaturas que, realmente, figuras feminis... Que patético!... Que tristeza, Deus do céu!...

- Assim era o mercado de carne humana daqueles tempos; como foi e ainda é o mercadejar dos prazeres em todos os tempos de todas as épocas: patético e confrangedor!...

João Manuel olhava, demoradamente, para aqueles rostos que surdas trevas. *Gerusa* deveria estar por ali. Não lhe seria difícil encontrá-la por certo. E foi o que aconteceu: depois de rodar por umas poucas ruas da baixada do porto, avistou silhueta feminil conhecida. Era ela!-

_ *Gerusa!*... - grita ele, da janela do carro.

A moça caminhava pela mela calçada, bem próximo à parede das construções que ladeavam a estreita via, a fim de dar passagem ao carro. Ao ouvir a voz, reconhece-a, de imediato. Instintivamente, leva ambas as mãos ao peito.

-*Anjinho!*... - murmura, enquanto o coração principia a bater-lhe descompassado.

- *Gerusa!*... - repete ele, chamando-a. - Vem!...

- *Anjinho*, és tu, realmente?... - pergunta ela, abeirando-se da janela do coche e firmando a vista para melhor enxergar na escuridão reinante. - Que fazes aqui?...

- Vem, entra!... - diz ele, abrindo-lhe a porta do carro.

- Jamais imaginei encontrar-te hoje, *Anjinho*!... - diz ela, acomodando-se no assento ao lado dele. E, com forte inflexão de ironia à voz, prossegue: - Que bicho te mordeu e te fez lembrar dos pobres?... Até pensei que me esquecias...

- Oh, não iria jamais me esquecer de ti, *Gerusinha!*... - exclama ele, estreitando-a forte aos braços.

- Hum!... Sei!... - exclama ela. E, percebendo-lhe a intensa expuição dos vapores alcoólicos, prossegue: - Não terá sido, acaso, porque te encharcaste de jeropiga na espelunca de *Mestre Branquinho* que, de repente, cheguei-te à memória?...

- Juro-te, queridinha!... - diz ele, com a voz amolecida pela bebida. ~ Pura saudade de ti!... Olha, por que não vamos até a tua casa?...

- Acho bom mesmo!... - diz ela, cheia de amuos. E, desvencilhando-se dos braços dele, prossegue: - Precisava ter uma conversa séria contigo!... Vieste bem a calhar!... E não é que eu andava até a pensar em Procurar-te, em tua casa, ainda esta semana?... Poupaste-me tempo e o dinheiro para o transporte até lá...

"Ainda bem que não tiveste a péssima idéia de ires a Sintra!..." pensa *João Manuel* com alívio. *"Não sabes do que me poupaste!..."* *"Se papai te pilha a rodear-me!..."* E, fingindo agradá-la, diz: - Morria de saudade de ti!... Por isso é que vim ver-te!...

Gerusa limita-se a olhá-lo, desconfiada. Nas lides daquela sua miserável vida, aprendera a não confiar em demasia em ninguém. Nem mesmo nos que se diziam amigos...

Pouco depois, achavam-se no sórdido quartinho da jovem meretriz *João Manuel* sente um arrepio ao adentrar aquela miséria toda. Seu negro passado abate-se sobre ele como uma catadupa gelada, e um tremor perpassa-lhe o corpo todo. Deus do céu!... Como era horrível

aquilo!... Agora tinha parâmetros de comparação entre os dois modos de viver: a cruenta miséria e o luxo extremo!...

Com certa relutância, senta-se no encardido leito de *Gerusa*. O cheiro nauseabundo - que antes ele nem notava!... - agora, enjoava-lhe o estômago. Jesus Cristo!... Como conseguira viver tanto tempo em lugares como aquele?... Instintivamente, levanta-se do leito e se encaminha para a janelinha guardada pelas cortininhas de rendas encardidas. Abre a janela e põe o rosto para fora. Precisava respirar, necessitava de ar fresco.

- Não te vais deitar aqui a meu lado?... - pergunta *Gerusa*, percebendo que ele se demorava espiando a rua. - Que te chama tanto a atenção lá embaixo?...

- Ahn!... Nada, não!... - responde ele, enquanto se volta e a olha na face. De repente, sentiu piedade de *Gerusa*. Ela nem percebera que ele não agüentava mais ficar ali; que não conseguia respirar naquele ambiente tresandante a mofo.

- Olha, *Gerusa*, não queres passear de coche?... - diz ele. - Posso levar-te ao centro da cidade!...

- Se assim o desejas!... - diz ela, levantando-se do leito. - Apenas, deixa que apanhe a capa.

Pouco depois, instalados no carro, rumavam para o centro da cidade.

- Não queres jantar comigo?... - pergunta ele. - Percebo que ainda nada comeste hoje...

- De fato, meu estômago atormenta-me!... - diz ela, abrindo um sorriso. - Ainda bem que percebeste!...

Também eu ainda não jantei!... - exclama ele. - E, enquanto comemos, poderemos conversar!...

Pouco depois, em luxuoso restaurante do centro da cidade, ambos deliciavam-se diante de mesa farta.

- Aposto que nunca comeste pasto assim!... - observa ele, divertido.

- E nem tu, antes!... - responde ela, brincalhona.

_Tens razão!... - concorda ele. - Mas, ando a enjoar-me de tanta boa comida que há em aquela casa!... Tu nem imaginas como vivem os aristocratas, *Gerusinha!*...

_ Andando ao teu lado, já começo a entender, sim, meu caro!... - observa ela, olhando-o nos olhos. - Já te esqueceste de que me prometeste matrimônio?...

-Oh, não me esqueci, não!... Fica sossegada!... Promessa é dívida!... - diz ele, baixando os olhos.

Gerusa olha-o cheia de desconfiança. Sabia que *João Manuel* estava mentindo. Conhecia-o de sobra. Mas, não iria deixar barato, não. Não se empenhara tanto em achar-lhe a família?... Acaso não foram ela e *Madalena* a indicar-lhe o caminho?... Ele que não se atrevesse, agora que se achava no bem bom, a despachá-la, assim, sem mais nem menos!...

- Mais vinho, *Gerusinha!*...

- Por favor, *Anjinho*...

A noite caminhava, o jantar continuava, e os olhares, amiúde, encontravam-se. Estudavam-se, mediam-se, dissimuladamente. Na surdina, iniciava-se silenciosa queda-de-braço entre eles. Ferrenha e cruenta guerra de interesses declaravam-se *João Manuel* e *Gerusa*... Antes, bons e entendidos amigos, unidos pela necessidade; agora, entretanto, pisavam em terrenos diferentes, e a discórdia, como insidiosa serpente, imiscuí-a-se, sorrateira, entre ambos...

Capítulo 16

Um baile...

Assim que despachara *João Manuel*, *Inácia* correria apressada a levar a notícia à jovem *Teresa Cristina* que ainda não acabara de se aprontar, em seu quarto.

- Que dizes, *Inácia*?!... - espanta-se a mocinha. - *Anjinho* estava aqui e não me avisaste?!... - e prossegue, lamentando-se: - Oh, por que fizeste isso, sua desalmada?... Ainda outro dia, procurei tanto por ele no cais do porto e não o encontrei!...

- Fi-lo por vós, senhorita!... - diz a criada, admoestando-a. - Acaso sabeis o que aconteceria, se a senhora dona *Manuela* pilhasse o talzinho por aqui?!... Que não seria de nós duas?... E, que não seria do gajo, também?... Certamente, pô-lo-ia fora da casa a pontapés!... Acho que não conheceis a patroa direito, apesar de ela ser vossa prima!... Ainda bem que fui eu a abrir-lhe a porta!... E se tivesse sido um outro criado qualquer?... Eu acabava de deixar dona *Manuela* a banhar-se em seus aposentos e foi exatamente quando eu descia as escadas e ia, a mando da patroa, dar uma espiadela na cozinha a ver a quantas andava o preparo do jantar, que ouvi que batiam, insistentemente, à porta de entrada do vestíbulo. Toquei a abrir, e não é que era o tal, todo encasqui-lhado, a esbanjar desmesurado luxo?... Quase não o reconheci d pronto!... E, ao perguntar por vós, tremi-me toda de medo!... Pensei n que faria dona *Manuela*, se o pilhasse ali e, também, em vosso noivo que estava por chegar!... Acho que podeis muito bem imaginar a con fusão que se iria armar, pois não?

- Ah, por *Anjinho*, enfrentaria *Manuela* e quem mais aparecesse minha frente!... - diz a mocinha, desalentando-se, profundamente, e s deixando sentar, pesadamente, numa poltrona. - E tu me deixaste es capar esta oportunidade!...

_ Senhorita dona *Teresinha* - diz a criada, tentando levantar os ânimos da outra-, não imaginais o quanto *Anjinho* apresentou-se diferente!...

- Diferente como?... - pergunta *Teresa Cristina*, sem muita animação.

A frustrada oportunidade de rever *João Manuel* abatera-a enormemente. E tudo malograra por causa daquela doida!... Bem que poderia-se o tivesse desejado, é claro! - ter encontrado um jeito de esconder o rapaz e de tê-lo trazido até ali.

-Apareceu à porta principal, vestido como um príncipe!... - exclama a criada, ainda altamente impressionada pelo finíssimo modo de trajar-se do rapaz. - E de cartola e de bengala!...

- De cartola e de bengala?!... - espanta-se a mocinha, mal conseguindo imaginar aquele rapagão malvestido, de modos quase grosseiros, agora, a trajar-se cavalheirescamente.

- E de gravata de esmerado laço de seda vermelha e de branquíssimas luvas engomadas e de capa de cetim negro e de casaca de abas longas, de finíssimo tecido, e de botinas brilhantes!... - responde a criada de uma só tirada. E prossegue, fazendo um gesto significativo, estirando os lábios e beijando a ponta dos dedos: - Preciséveis ver-lhe o luxo!... E, ainda, que veio num carro daqueles!...

- Num carro?... - espanta-se mais a mocinha.

- Com cocheiro e tudo!... E que ficou aí o tempo todo, estacionado diante da casa, a cochilar na boleia, enquanto aguardava o gajo!... - explica a criada, cheia de excitação.

Teresa Cristina quedou-se meditando. Que haveria sucedido ao rapaz?... Onde teria arranjado tudo aquilo?... Sabia que ele era pobre de fazer dó e que nem casa possuía!... De repente, aparecia assim, todo engalanado!...

- Que lhe disseste, *Inácia*¹... - pergunta a mocinha, depois de algumas cogitações acerca de tudo aquilo e, também, estranhando de como a criada conseguira despachá-lo com relativa facilidade, pois, ^aPesar do pouco que com ele estivera, notara-lhe o alto arrojamento nas atitudes. - Afinal, como o convenceste a ir-se, sem antes se ter ^{av}istado comigo?... *Anjinho*, ao que me consta, não é nada fácil de deixar-se levar...

- Disse-lhe que esperáveis pelo vosso noivo... - responde a criada, baixando os olhos.

- Oh, *Inácia!*.... - diz a jovem, desalentando-se ainda mais. - por que fizeste tamanha asneira?...

- E haverei, acaso, mentido, senhorita?... - redargui a criada, laivos de cinismo à voz. - Dizei-me: por quem é que vos aprontais, nes momento?... Para receber o senhor bispo de Belém é que não é, pois!...

- *Inácia!*... - exclama a mocinha, ralhando com a criada. - Tornas-te insolente!... Acaso desejas que te denuncie à minha prima por tal atrevimento, é?...

- Oh, não, perdão, senhorita dona *Teresinha!*... - diz a outra, humilhando-se e, dobrando o joelho, faz-lhe longa reverência. - Estou a exceder-me!... Perdão, senhorita!... Por favor, perdoai-me!...

- Fizeste muito mal, *Inácia*, em teres dito a *Anjinho* que eu esperav por meu noivo!... E, como se portou ele a partir disso?...

- Ficou muito triste, senhorita!... - responde a criada, baixando olhos. - E chorou...

Chorou!... Ele chorou!... Anima-se, enormemente, a mocinha, chorou, é porque a amava!...

- Dizes que *Anjinho* chorou?... - volta a perguntar, ansiosa. Conta-me, então, como foi!...

- Quando lhe disse que éreis noiva e que esperáveis pelo vosso noivo para a ceia, *Anjinho* derreteu-se como neve ao sol, senhorita. Seus olhos encheram-se de lágrimas e, sem apresentar qualquer resistência, foi-se em seu luxuoso carro - diz a criada de forma lacônica. Depois bastante nervosa, torcendo as mãos, prossegue: - Olhai bem, senhorita, fiz tudo isso para poupar-vos muitos e terríveis dissabores, pois, se a patroa vos pilhasse em atitudes suspeitas, nem quero imaginar!... Pôr-vos-ia porta fora, por certo!... E eu iria como contrapeso!... Não imaginais do que é capaz a senhora dona *Manuela!*...

- Tiveste medo do que *te* pudesse acontecer, galinha velha!... - exclama *Teresa Cristina*, numa explosão de cólera. - Quiseste foi é salvar o *teu* pêlo!... Morres de medo da tua patroa, isso sim!... Mas, digo-te que, se isso acaso tivesse acontecido, eu teria assumido toda a culpa! — Não me tremo toda de medo de *Manuela*, não!... Agora, vai, some-te de diante das minhas fuças, que tenho ganas de esfolar-te viva!...

- Sim, senhorita!... - diz a criada, buscando, ligeira, a porta.

_ E, quando aquele pulha do meu noivo aparecer, faze o favor de avisar-me, sem delongas!... E, preferencialmente, que mantinhas o bico fechado, hein?... A ninguém digas que *Anjinho* aqui esteve!... A ninguém, ouviste bem?...

A outra sai, e *Teresa Cristina* deixa-se abater, enormemente, por aquela traição do destino. Ele estivera ali tão perto dela!... Ah, se tivesse ao menos imaginado!... Ter-se-ia lançado aos braços do seu amor, sem titubear!... *Manuela* e *João Miguel* que se danassem!... De repente, a lembrança de que o namorado, em pouco, estaria de volta para vê-la, fá-la tremer. Deus do céu!... Teria que fingir de novo!... E fingir não era muito o seu forte!... *João Miguel* era por demais perspicaz e já começava a desconfiar do modo como ela o tratava. Até quando conseguiria suportar-lhe a presença, os abraços e os beijos forçados?... E, ainda por cima, ele era tão violento!...

E, a meio de tais cogitações, *Teresa Cristina* termina de se vestir. Não com o esmero e com o empenho que teria feito para apresentar-se a seu verdadeiro amor, mas, ainda assim, estava linda, quando deu a derradeira espiadela, observando-se, detalhadamente, diante do imenso espelho de cristal do toucador. Ia, agora, descer, e esperar que o outro chegasse. Emite profundo e desolado suspiro e sai do quarto devagar, sem pressa, sem motivação alguma, semelhantemente ao inevitável destino do animal que se deixa conduzir ao matadouro.

- Noto-te um pouco distante, minha cara - diz-lhe *João Miguel*, logo mais, quando ambos se sentavam no salão de visitas, em companhia da exuberante *Manuela*.

- Impressão tua - responde *Teresa Cristina*, sem encará-lo. - E que me acho um tantinho indisposta hoje.

- Ultimamente tu andas amiúde indisposta, priminha!... - exclama *Manuela*, entrando na conversa. - Não seriam achaques de paixão?...

- Posso afiançar-te de que não se tratam de estupores de paixão, não, cara *Manuela* - observa a mocinha, um pouco contrafeita com a insinuação de duplo sentido que lhe fazia a prima, pois tinha a absoluta certeza de que *Manuela* pretendia colocá-la em maus lençóis diante do namorado. Ela sempre fazia aquilo.

- Se não são achaques de paixão, possivelmente, haverão de ser as escorrências!... - observa *Manuela*, maldosamente, e explode numa gargalhada: - Ha!... Ha!...Ha!... Ha!...

- Prima!... - censura-a a mocinha, enrubescendo. - Assim, vexa me diante de *João Miguel*!...

- Oh, *João Miguel* já nos é tão íntimo!... - exclama *Manuela* piscar, marotamente, um olho ao rapaz, que lhe nota a desbragada insinuação. - Além do mais, é teu noivo e, muito em breve, pertencerá à família, não é mesmo?...

- Esteja à vontade, senhora dona *Manuela* - diz o moço, devolvendo-lhe olhares cheios de lascívia.

- És um refinado cavalheiro, meu rapaz!... - diz a esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses*, pescando que o jovem entendera-lhe perfeitamente os recados enviados. - Mais vinho?...

Um pouco mais, e os três ceavam no imenso salão de jantar.

- Tenho-vos um convite a fazer, senhoras!... - diz o rapaz, de repente.

- Um convite?... - exclama *Manuela*, a primeira a rapidamente manifestar-se.

Teresa Cristina apenas se limita a olhar para o namorado, aguardando que este continuasse.

- Sim, um convite, e não aceito recusa de nenhuma de vós!... - exclama o rapaz, cheio de rodeios. - É muito importante para mim que ambas estejais presentes!...

- Nossa!... Quanto mistério!... - exclama *Manuela*, a fazer gracejos. - De que se trata, afinal?... Vamos lá!... Estou a arder de curiosidade!... Iremos sem falta, sim, mas, ai, anda, não nos mates de ansiedade antes, *João Miguel!*...

- Ainda não vos contei alguma vez que tinha um irmão desaparecido, contei?... - pergunta ele, a olhar, demoradamente, para as duas mulheres, uma por vez.

- Não... - responde *Manuela*, altamente interessada.

A outra nada diz; limita-se apenas a olhar para o rosto do rapaz, cheia de perspectiva.

- Pois é, tenho um irmão que desapareceu, quando ainda era um bebê!... Procuramo-lo, por anos a fio, sem, contado, encontrá-lo!... Porém, não é que o gajo apareceu de repente, por si só?... Descobrimos e apareceu lá por casa, sem mais nem menos!...

- Incrível!... - exclama *Manuela*, admiradíssima com o fato. **E**, depois como se se lembrasse de algo importante, prossegue: - Mas, espera aí!... Não é que ouvi, certa vez, relatarem que havia acontecido uma confusão com um dos filhos dos *Barões da Reboleira!*... Sim, é isso mesmo!... Recordo-me que papai comentou o fato em casa!... Só não consigo lembrar-me, detalhadamente, de como tudo aconteceu, pois eu era ainda uma menina!... O caso teve muita repercussão à época!... Que coisa!... Era o teu irmãozinho, então?...

_ Pois é, *Manuela* - prossegue o rapaz -, e papai está felicíssimo com o regresso do meu irmão e, para rerepresentá-lo à sociedade, depois de quase vinte anos, reabrirá nossos salões para um baile!...

- Um baile!... - exclama *Manuela*, animadíssima. - Em tua casa!... E para conhecermos o teu irmão?... - E claro que lá estaremos, não é, *Tinha?*...

- Certamente, *Manuela* - responde a mocinha, sem muita animação. E se voltando para o noivo: - Estaremos contigo neste dia, *João Miguel*, para darmos as boas-vindas ao teu irmão!...

- E, a propósito - pergunta *Manuela* -, como retornou o teu irmão?... Por onde é que se achou, durante este tempo todo em que esteve fora de casa?... E por que cargas d'água não reapareceu antes?... Não quis saber de vós ou o quê?... Acaso andou a esconder-se, para judiar de toda a família, é?... Que histórias andou ele inventando a respeito?...

- *Manuela!*... - admoesta-a *Teresa Cristina*. - O irmão de *João Miguel* certamente não sabia quem era; foi roubado ainda bebê!...

- Oh, e que diferença isso faz?... Não tinha ele boca a perguntar o que não soubesse?... - responde a outra, fazendo idéia muito simplista daquele caso e demonstrando o quão pouco realmente se interessara pela situação do outro rapaz. No momento, interessava-se, enormemente, por este outro que se achava ali, diante dela, e que não desejava, de forma alguma, deixar escapar. Era preciso, portanto, manter com ele conversação acirrada, não deixá-lo escapulir de suas mãos, ter sempre o controle da situação. E prossegue, esticando a conversa ao máximo: - E, fico aqui a imaginar o que não acontece em situações como essa!... O tal passou o tempo todo longe de casa, não tomou nenhum conhecimento da família!... O que exigiu ele, afinal, quando resolveu voltar?... deverá ter já movido céus e terras para arrebanhar o que acha que lhe Pertence...

- Na realidade, ele foi encontrado por *Dom Eusébio Sintra*, um bispo amigo da família - explica o rapaz. - E muito pouco contato tive, na verdade, com meu irmão, desde que ele retomou. Sabeis como ' fomos criados separadamente e, confesso, para mim, não passa de um estranho!...

- Entendo... - diz *Manuela*, sem tirar os olhos do rapaz um só instante. No fundo, nada, de fato, interessava à velhaca *Baronesa da Ajuda* sobre aquele irmão desaparecido. O que desejava, mesmo, era

cansar prima, fazendo-a cair de sono, para que, em se recolhendo, deixasse namorado a sós com ela. E foi o que acabou por acontecer. Finalizado jantar, passaram os três à sala de estar e, bebericando taças e mai taças de licor de amêndoas, permaneceram entabulando, *Manuela* e rapaz, animada prosa da qual *Teresa Cristina* mal participava, pois tinha de lutar, desesperadamente, contra o sono que a desejava dominar sem piedade.

- Estás sonolenta, priminha!... - exclama *Manuela*, ao ver que outra deixava pender, amiúde, a cabeça pesada de sono. - Olha, por que não te recolhes?... Já é tarde, e tu estás habituada a dormir mais cedo!..

- Sim, queridinha!... - ajunta o rapaz. - Se assim desejares, não m importo!... Tu poderás recolher-te, que, logo em seguida, já me irei!...

- Oh, realmente, sinto-me altamente sonolenta!... - diz a mocinha mal sofrendo uma sucessão de teimosos bocejos. - Se não te importas recolho-me...

- Claro que não me importo, *Tininha!*... - diz ele, abraçando-a, carinhosamente. - Podes ir-te, que já me despedirei de dona *Manuela* também me irei!... Adeus!... Voltarei em breve!...

João Miguel beija ternamente *Teresa Cristina* à testa. A mocinha devolve-lhe um sorriso triste e, em seguida, sonolenta e trôpega, despede-se de *Manuela* e deixa a sala.

- Tu te irás uma ova!... - diz *Manuela*, lançando-se sobre o rapaz, assim que a mocinha desaparecera no alto das escadas. - Ou, pelo menos, não sem antes me fazeres subir até às estrelas, como da outra vez!...

- Oh, *Manuela!*... - diz ele, abraçando-se, despidoradamente, à mulher, mal a noiva recolhera-se. - És, mesmo, um furacão!... Sabias que de ti não me esqueci, desde então?... Por pouco não me deixaste louco!...

- Vamos, então, que ora arremato o que deixei por fazer!... - exclama ela, beijando-o, voluptuosamente, à boca. - Vamos, anda, que, à esta hora, aquela tolinha já deve ter desmaiado na cama!...

E pé ante pé, ambos sobem as escadas de mármore branco e desaparecem na semi-obscuridade do corredor da ala dos aposentos de dormir- A mansão já mergulhara no silêncio absoluto fazia um bom tempo- Apenas *Inácia* permanecera na sala, servindo-os. E, depois, até ela fora despachada a dormir, posto que já se bambeava toda de sono, mesmo à revelia da alta curiosidade que sempre sustentara sobre as conversas da patroa. Suas orelhas de lebre, entretanto, não conseguiram manter-se mais eretas e, paulatinamente, foram amolecendo, deixando-se cair, vencidas pela canseira da faina do dia... Pena que aquelas espichadíssimas orelhas não puderam permanecer um pouquinho mais na ativa e, dessa forma, acabaram por fazer com que sua bisbilhoteira dona perdesse o melhor da festa!...

* * * * *

Depois que jantara no luxuoso restaurante do centro da cidade, na companhia de *Gerusa*, *João Manuel* voltava para casa, em Sintra, sa- colejando, sozinho, no escuro do carro. Antes, houvera retornado ao porto para deixar a antiga companheira, diante do sobradinho na rua do cais. Agora, enquanto vencia o trajeto de volta a casa, relembrava o terrível colóquio que mantivera com a jovem prostituta, pouco antes. A noite já houvera avançado bastante, passando das duas horas da madrugada, quando o carro estacionara na escuridão da rua onde ela morava, e ambos haviam permanecido por algum tempo ainda sentados no interior da carruagem.

-Não vais subir um instantinho mais?... -perguntara ela, insinuando-se a ele. - Posso fazer-te uns agradados...

- Não, *Gerusa*... - respondera ele. - Agora tenho um lar, uma família. Sabes como é, papai anda adoentado e não é bom que eu me ausente por tanto tempo...

- Ficaste por quase dezoito anos fora de casa!... - respondera ela, com certo cinismo à voz. - E teu pai sempre se tivera ajeitado muitíssimo bem ^{sem} que, até então, lá te tivesse por perto a acudir-lhe os achaques!...

- Estás sendo maldosa... - respondera-lhe ele, diante da observação ferina que ela lhe fizera.

- Estarei, acaso, a dizer-te asneiras?... - dissera ela, sempre com o intuito de atacá-lo. - Além do mais, tu tens um irmão, não é mesmo?... Que faz ele por teu pai?... Nada!... Pelo que sei, vive no mundo, atrás de aventuras, a ligar a mínima à família!... Decerto, torce para velhote passe desta para a melhor e, preferencialmente, que seja rapinho!...

- *Gerusa*!... - admoestara-a. - Estás a fazer muito mau juízo de nós!... Meu irmão anda ocupadíssimo a cuidar dos negócios!... Sabias que temos muitos bens?... Eu é que nada faço, posto que não passo de um reles analfabeto!... De nada entendo, a não ser de jogos de dados e de carteados!...

- E das curvas das donzelas!... - observara ela, cheia de desdém. Esqueceste desta tua habilidade?... Aliás, é na que te saís melhor!...

- Anda difícil de conversar contigo!... - dissera-lhe ele, amuando-se.

- Melhor que me vá, de vez, ou acabaremos aos tapas!...

- Sim, vai-te!... Vai-te!... - dissera ela, deixando, intempestivamente, o carro. E gritara, antes de subir para seu miserável quatinho: - Agora tens pressa em deixar-me, não é?... Mas, fica sabendo, senhor *Anjinho*, que me fizeste uma promessa!... E saberei cobrá-la, ah, se saberei!.. Aguarda-me e verás!...

Tais lembranças arrancam de *João Manuel* profundo suspiro. *Gerusa* revelava-se pessoa irascível e geniosa. Que a fizera mudar tão profundamente o comportamento?... Antes, tivera-a sempre como pessoa amiga, afável até, no relacionamento que sempre

mantiveram. E certo que ele fora um doidivanas, sem qualquer compromisso, com ninguém ou com nada, até descobrir a sua origem. Agora, entretanto, sabia quem era, tinha uma identidade. E que identidade, meu Deus!... *Gerusa* sequer podia imaginar qual era a real posição que ele ocupava na sociedade lisboeta!... Seu pai era membro do Conselho de Estado!... E ele, talvez, um dia, ainda viesse a ocupar tal cargo!... Avistar-se-ia com a rainha, estaria próximo à família real!... Como poderia tomar por esposa uma rameirinha como aquela?... O pai tinha razão em proibir-lhe o contat com aquela gente do porto!... Começava a perceber o quão distante sua vida se achava daquelas pessoas e daquele ambiente!... Foram seu amigos um dia; agora, entretanto, abria-se imenso abismo entre ele tudo o mais que outrora o rodeara. O pai o proibira de voltar àquela paragens, e ele o desobedecera: desobedecera-lhe mais por despeito por se achar enfeitado por seu amor... Ah, o seu amor!... E a imagem d mocinha delicada, de olhos cor de mel, vem-lhe nítida à cabeça. "*Oh, meu anjo!...*", pensa ele, cheio de ternura, no escuro do carro que rodava célere de volta para casa. "*Sei que me amas!... Apenas que, hoje, o destino traiu-nos, mas não desistirei de ti!...*", e sorri, alentando-se.

Neste comenos, ligeiro solavanco fá-lo olhar pela janela do carro. Quase imperceptíveis, no escuro da noite, viu árvores que desfilavam ligeiras. Encontrava-se cansado e um pouco magoado. O colloquio com *Gerusa*... Um grande problema tinha para resolver... Grande problema mesmo...

* * * * *

Naquele morno anoitecer de meio de outono, a mansão de *Manuel Antônio* encontrava-se em grande agitação, depois de quase duas décadas de soturnas casmurrices: o jardim iluminava-se pelos lampiões a óleo, clareando o desfilar de elegantes carruagens a estacionarem diante da escadaria fronteiraça e que, uma a uma, em paciente fila, despejavam, sem muita pressa, exuberantes damas e

sóbrios cavalheiros a exibirem elegância ímpar, em roupas e jóias rutilantes, em profusão tal, que arrancavam estonteantes brilhos à mortífera luz das luminárias pendentes dos postes de ferro fundido. Álacre música coava-se dos janelões do salão principal bem como o pitoresco ruído de vozes animadas, de pequenos gargalhares e de gritinhos de impaciência pelo início das danças. A entrada principal, de um lado, encontrava-se a governanta, *Amélia*, em traje de gala, e do outro, *João Miguel*, também engalanado em requintada fatiota, a receberem ambos, com largos sorrisos, expressivas reverências e efusivos apertos de mão, os ilustres convidados para a festa. Tal postura caberia, naturalmente, ao dono da casa; entretanto, como este se encontrasse bastante depauperado pela enfermidade, o filho mais velho fazia-lhe as honras. *Manuel Antônio*, por sua vez, achava-se acomodado no salão de festas, em amplo divã, ao lado de antigos companheiros, e o filho mais novo fazia-lhe companhia.

- Dizeis, então, senhor barão, que reouvestes vosso filho mais novo, são e salvo, depois de quase dezoito anos de misterioso sumiço?... E, Pelo que posso ver, que airoso se vos apresentou ele, pois não?...

- E não é que sim, senhor *Conselheiro Furtado*?... - responde, feliz e orgulhoso, o velho *Barão da Reboleira*. - Acha-se Deus, como sempre, a escrever direito por linhas tortas...

- Pois assim é, senhor barão... Já não vos contei, acaso, fato semelhante ocorrido no Porto?...

-Soube eu desse um, sim, senhor conselheiro!... E como acabou resolver-se aqueloutro caso de sumiço?...

- Mataram o rapazote!... -Ai, Deus!... E foi, é?...

- Sim, acharam-lhe o esqueleto, atirado numa furna!... Reconheceram-no pelos farrapos das roupas!...

- Mas era um seqüestro!...

- Sim!... E exigiram do pobre pai mundos e fundos!...

- E o pai do rapazelho pagou pelo resgate?...

- Claro que sim!... Mesmo assim, mataram-lhe o filho!... Ao que me consta, degolaram o rapaz, impiedosamente!...
- Como há gente horrível neste mundo, não é, senhor *Conde d' Eiras?*...
- Se os há, senhor arcebispo, se os há!... Verdadeiros satanases!
- Cruz-credo!... E nos perseguem a nós, porque temos!...
- Sim!... Se fôssemos como esses tais, sem eira nem beira, estaríamos a salvo!...
- É o preço, senhores!... É o preço que pagamos todos pela nossa nobreza de nascimento!... Se Deus nos quis ricos e felizes...
- Paciência, pois não é?... Ha!...Ha!...Ha!...Ha!...
- E já prenderam, acaso, os seqüestradores do rapaz?...
- Se não!... E já balançaram os três na ponta da corda!...
- E o que sempre digo!... Força aos assassinos!...
- Mudando de assunto, senhor *Comendador Pinto da Fonseca*, sabeis a quantas anda a partida de sal?...
- Pela hora da morte!... Pela hora da agonia!... Vistes, acaso, peixe salgado e o azeite?... Ai de mim!... Não é que tenho a abastecer três naus a saírem, ainda este mês, ao Brasil e...

João Manuel olhava para aqueles homens - pessoas finas, bem trajadas, de bons modos e bons falares - e percebia o quanto nada tinham a ver com o que ele conhecera do mundo até então!... Seu linguajar, os assuntos, os interesses...

- E tu, meu rapaz, nada dizes?... - pergunta-lhe um dos velhos amigos do pai, a vestir-se com roupa requintada, mas, ao mesmo tempo exótica, como nunca houvera visto antes.

Oh, senhor padre - responde ele, um pouco encabulado. - Tudo o que ainda é um tantinho novo para mim que... Sua Eminência não é um simples padre, meu filho! - corrige-o o *Dom Agostinho Lopes de Sá* é o cardeal metropolitano - e se voltando para o prelado: - Desculpai-o, Eminência!... O pobrezinho foi criado sem qualquer tipo de educação do nosso meio...

- Ora, senhor *Barão da Reboleira*]... - responde o arcebispo. -Acaso já não sei tudo sobre a vossa triste história?... Apenas que desconheço detalhes de como e de onde vosso pobre filho viveu até agora!... Mas que, a tempo, gostaria, imensamente, de que me colocásseis a par!...

- Por certo, Eminência, por certo!... - responde *Manuel Antônio*. -Mas, nada de tristezas!... Hoje é dia de festa!... Um brinde à volta de meu filhinho!...

- Viva!...

- À tua saúde, rapazito!...

- Feliz regresso, *Francisco de Assis*!... Sê bem-vindo entre nós!... -diz o arcebispo, batendo-lhe, amigavelmente, ao ombro. - Doravante terás uma boa vida, junto do teu pai e do teu irmão!... Sabias que estive presente à festa do teu batizado?...

Neste ínterim, os olhos de *João Manuel* voltam-se para a porta de entrada do salão e se iluminam grandemente. Deus do céu!... Era ela!... *Teresa Cristina*!... Riu e chorou, ao mesmo tempo, de intensa alegria. Lá vinha ela, elegante, trajando magnífico vestido de rendas brancas. Um xale de brocado rosa pendia-lhe, graciosamente, aos ombros. Caminhava ao lado de *Manuela*, mas que era aquilo?... O irmão dissera algumas palavras a *Amélia* e, adiantando-se, colocava as mãos aos ombros de *Teresa Cristina* que aceitava aquilo com naturalidade!... Oh, tesus Cristo!... De repente, um calafrio percorreu o corpo de *João Manuel* de alto a abaixo. Um terrível pensamento perpassou-lhe a cabeça, num átimo. Não, aquilo seria, por demais, cruel!... Seu irmão e *Teresa Cristina*, sua menininha de olhos cor de mel... O chão então Pareceu sumir-lhe de debaixo dos pés. Principiou a suar frio. O pai percebeu-lhe a súbita mudança nas feições.

- Estás a passar mal, filhinho?... - pergunta, preocupado, *Manuel Antônio*. - Empalideceste de repente...

~ Eu?... Eu... - titubeia o rapaz, com os olhos fixos nos três que se avizinhavam de onde se achavam sentados ele, o pai e os outros.

- Pai... - diz *João Miguel*, aproximando-se de braços dados com *Teresa Cristina*. - Desejo apresentar-te a minha namorada...

Namorada... *João Manuel* sentiu como se o mundo rodasse levantou os olhos e a encarou. Ela ainda não o tinha descoberto ali no meio daquela roda de homens distintos. Mais pelo inesperado: jamais suporia encontrar *João Manuel* em tal lugar... Foi quando correu os olhos, preparando-se para receber os cumprimentos dos cavalheiros. A surpresa... A assombrosa surpresa!... Deus do céu!... Era ele!... Se os olhos prenderam-se e não mais queriam soltar-se!... Estranho e inexplicável magnetismo prendia-os um ao outro.

- *Teresinha!*...

Ainda meio aparvalhada, volta à realidade, pelo cutucão que lhe deu o noivo.

- Sim!... - diz ela, voltando-se, tirando os olhos dos olhos de *João Manuel*.

- Meu pai!... Apresentei-te a meu pai e nada disseste!... - cochicha-lhe *João Miguel*, contrariando-se.

- Oh, desculpai-me, senhor *Barão da Reboleira!*.. - diz a mocinha, corando até as orelhas. - Desculpai-me, senhor!, - e fazendo ligeira reverência, beija a mão que *Manuel Antônio* oferecia-lhe.

- És muito bonita, senhorita!... - diz o velho *Barão da Reboleira* sorrindo e muito orgulhoso pela singeleza da moça.

De um lado, *Manuela* nada perdia. Já notara *João Manuel* e intrigava ao vê-lo sentado em roda de tão importantes e veneráveis cavalheiros da alta sociedade lisbonense. Trocaram-se ligeiros e inexpressivos olhares. Ela, até então, ainda nada entendera.

- Senhora *Baronesa da Ajuda!*...

- Encantada, Eminência!...

- Baronesa!...

- *Comendador Figueira!*...

- Senhora!...

Os homens levantavam-se e, um por vez, beijavam a mão da exuberante *Manuela*.

- Nosso filho, baronesa!... - exclama *Manuel Antônio*, cheio de orgulho, quando a esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses* adiantou-se até os dois.

- Encantado, madama!... - diz *João Manuel*, beijando a ponta dos dedos da mão que *Manuela*, reticentemente, estendia-lhe. E, enquanto segurava as trêmulas mãos da mulher, levantou os olhos e a encarou firme. - Deveras encantado, senhora!...

Sentiu a mão de *Manuela* tremer!... "*Ah, tremes, desgraçada?...*", pensa "*Muito mais ainda te farei tremer, bandida!...*" No íntimo, regozijava-se enormemente. Ah, então, a ordinária tremia, é?... Estaria com medo?...

Depois, novamente, a dor!... Ah, a dor, a profunda dor, quando tomou as mãos da menininha de olhos marrons, olhos de mel, e lhe beijou, também, a ponta dos dedos ainda enlurvados. Ela também tremia... Mas, era um tremor diferente!... Emoção?... Desespero?... Busca-lhe também o olhar. Havia dor, muita dor!...

- Encantado, senhorita!... - murmura baixinho, só para ela ouvir.

A voz de *João Manuel* tremeu. Tremeu de dor, de desespero. Seu irmão era o noivo de *Teresa Cristina!*... Teve ímpetos de fugir, de sair dali correndo, de ficar só e de dar evasão às lágrimas que só a muito custo conseguia soffrear.

- Vem, querida!... - chama-a *João Miguel*. - Linda, a noiva do vosso filho, senhor barão!...

- Belíssima!... Tereis uma nora de primeira!...

- De que família vem tal preciosidade?... Não me recordo de tê-la visto antes!...

- De Lisboa creio que não é!...

- Calma, senhores!... E ainda uma adolescente!... Por certo, principia a freqüentar os salões agora!...

- Tereis lindos netos, senhor barão!... Com tal nora!...

- Obrigado, cavalheiros!... É, realmente, criatura encantadora!... Não a conhecia ainda!... Meu filho fez-me grata surpresa hoje!...

- Então, mui em breve, celebraremos as núpcias na catedral!...

- Por certo, Eminência, por certo!...
- As vozes, de repente, pareceram soar longe aos ouvidos de *João Manuel*. Seu estômago principia a enjoar-se.
- Tornas-te mais pálido ainda, filhinho!... - observa *Manuel Antônio*. "
- Dize-me o que tens?... Desejas que eu chame por *Amélia*!... Ela poderá providenciar-te uma mezinha!...
- Não, pai - responde ele, com dificuldade -, apenas ligeira indisposição. - Se não te importas, subo um pouco até o meu quarto...
- Sim, mas não te demores!... Sabes que és o centro da festa, hein!... *João Manuel* levanta-se, desculpa-se diante dos amigos do pai e se afasta um tanto cambaleante. Suava copiosamente.
- Que tem o vosso filho, senhor barão?...
- Ligeira indisposição, Eminência!... Acho que deve ser a emoção
- Por certo que sim, senhor barão!... Por certo que sim!... Com dificuldade, *João Manuel* sobe as escadas. A alacridade do salão enjoava-o ainda mais. Precisava, urgentemente, de silêncio. Silêncio e quietude para desafogar-se, para chorar... Chorar até que seu peito arrebentasse de vez em mil pedaços...

Capítulo 17

Ainda o baile...

Depois que apresentara a namorada ao pai e ao irmão, *João Miguel*, literalmente, arrastara a mocinha para longe de ambos e se mantiveram a um canto do salão em lugar mais reservado. *Manuela* já se desligara da companhia dos dois jovens e se deliciava, enormemente, a divertir-se numa roda de distintos cavalheiros que a rodeavam, a babarem-lhe extensas louvaminhas à beleza e à

profusão de luxo e de requinte que ela, exuberantemente, exibia aos olhos de todo o salão.

- Não sei, *Tininha* - exclama o rapaz, olhando-a firme nos olhos -, posso encontrar-me grandemente enganado, mas tive a impressão de que tu e meu irmão já vos conheci de antes!...

- Ora!... Que tolice estás a dizer-me, *João Miguel!*... - responde ela, mal sofrendo o desespero que a dominava até então. - Posso jurar-te que eu desconhecias, totalmente, teu irmão, antes desta noite!...

- Não sei, não!... - insiste ele. - É um sexto sentido, entendes?... Tanto tu quanto ele vos mostrastes por demais ansiosos no momento em que foram apresentados um ao outro!... Nada me tira da idéia de que, embora tenhais ambos disfarçado bastante, naquele momento, algo escapou do vosso controle. Até mesmo *Manuela* pareceu-me tremer diante de *João Manuel!*...

- Acho que viste coisas onde nada existia!... - diz ela, respirando fundo, com o intuito de arrebanhar tranqüilidade.

Teresa Cristina percebeu que precisava, urgentemente, ao menos ^{na} aparência, mostrar-se tranqüila. Por dentro, entretanto, era um furacão a agitar-se. No fundo, sabia que, diante daquele inusitado reencontro, aviam-se traído ambos, ela e *João Manuel!*... Mas, Deus do céu, como Poderia prever que o acharia, justamente, ali, e que era ele o tal irmão saparecido?... Se houvesse imaginado, não teria ido à festa!... Teria aventado uma desculpa qualquer!... Agora, entretanto, era tarde!... E

João Miguel não era nenhum tolo!... Pelo contrário, mostrava-se altamente perspicaz!... Como nada imbecil também não era *Manuela* ' Ah, *Manuela!*... De repente, um calafrio percorre-lhe o corpo de alto baixo!... A prima sabia que ambos já se haviam encontrado antes! e se mostrara deveras amofinada com aquilo!... O real motivo de *Manuel* ter-se aborrecido tanto com aquele desairoso primeiro encontro de ambos até então, ainda não descobrira. E, até aquele momento, a prima vivia espicaçando-a e a humilhando por conta daquilo, sempre a insinuar maldosamente, que ela, *Teresa Cristina*,

houvera recebido o rapaz em seu quarto, durante a noite!... E, se *Manuela*, agora, resolvesse dar com a língua nos dentes?... Céus!... Não queria nem imaginar qual seria a reação de *João Miguel*, se isso, de fato, acontecesse!...

O rapaz segurava a mão da namorada entre as suas e sentia que amiúde, ela tremia. Olhava-a de soslaio, estudando-lhe as feições. Sabia que *Teresa Cristina* estava mentindo para ele. Era patente seu estado de alteração. Percebera, ainda, que logo que se houveram distanciado, o irmão deixara a companhia do pai e subira ao quarto. E se demorava descer. Que estaria acontecendo?...

Neste ínterim, *Amélia*, a governanta, tomando as rédeas e conduzindo a festa, ordena ao maestro que inicie o baile. E, a seguir, executada com total intensidade, a orquestra despeja os alegres acordes de uma polca que invade o ambiente. Os pares, animadíssimos, formam-se e passa a rodopiar, graciosamente, pelo salão.

- Dancemos?... - pergunta *João Miguel* à namorada.

Ela nada responde. Limita-se a aquiescer com um sinal de cabeça E, enquanto rodavam pelo salão, embalados pela música ligeira, o rap" estudava as feições da mocinha. Ela estava calada, tristonha; seus olho sem o costumeiro brilho, achavam-se toldados de infinita tristeza.

- Que tens, *Tininha*?... - pergunta ele. - Noto-te estranha, embora tu insistas em afirmares o contrário!...

- Não há nada de estranho comigo, *João Miguel*!... - responde ela - Repito-te: estás a enxergar coisas onde nada existe!...

- Não gostaste de papai?... Ou não gostaste da casa?... - pergun ele. Era-lhe importante fazê-la falar. Precisava descobrir o porquê daquela atitude. E, se a namorada permanecesse muda daquela maneira como iria saber?... - Ou, então, chocou-te o meu irmão!... E isso!..-prosegue ele, com o firme propósito de arrancar-lhe um indício qual quer de que ela lhe estivera mentindo.

_ Oh, como poderia ter-me chocado o teu irmão, se eu, antes, nem o conhecia?-- - responde ela, percebendo que ele a forçava falar. Era preciso então, dobrar a vigilância. - Sossega, que nada tem a ver com o teu irmão, com o teu pai ou com a tua casa!... É que me encontro há tanto tempo distante dos meus!... Sinto saudades de mamãe!... Até mesmo de papai, sinto saudade, sabendo-os aqui tão pertinho de mim!...

De fato, o que ela dizia tinha muita lógica. Sabia-a, havia meses, longe de casa, e a sua residência, efetivamente, ficava a apenas uma centena de metros dali. De repente, sentiu pena dela.

- Olha, não queres dar uma espiadela na tua mãe?... Posso mandar que algum serviçal vá até ela, levar-lhe uma mensagem tua!... Podereis encontrar-vos, então, tu e ela, no caminho, diante da vossa quinta!... Que achais?...

Os olhos de *Teresa Cristina* iluminam-se de repente. A perspectiva de lançar-se aos braços da mãe, naquele momento, era tudo o que desejava neste mundo.

- Faria isso por mim, *João Miguel*?... - pergunta ela, animando-se enormemente.

- Claro!... - responde ele. - Que não faria por ti, meu amor? Neste exato momento, encerra-se a música, e os pares, altamente afogueados pelo esforço despendido durante o bailado, buscam lugares para se sentar e bebericar vinho e refrescos. *João Miguel* procura por *Amélia* e lhe sussurra algumas palavras ao ouvido. Em seguida, retorna para junto da mocinha que o aguardava a distância.

- Pronto, meu bem!... - diz-lhe ele. - tudo se resolve!... Instruí *Amélia*, minha governanta, a que encaminhasse uma mensagem à tua mãe, marcando um encontro para daqui a meia hora, diante dos portões da vossa quinta. Satisfeita?... E te garanto que teu pai de nada desconfiará!... *Amélia* saberá agir com perfeita discrição!...

- Oh, és um primor, *João Miguel!*... - exclama ela, beijando-o à face. - Mas, não será deselegante da nossa parte, sairmos, assim, à sorrelfa?...

- Asseguro-te que não, minha cara!... - diz ele, tranqüilizando-a. E prossegue, com uma ponta de despeito: - A estrela da festa é outro... Garanto-te que ninguém notará a nossa ausência!...

- Se assim pensas...

- Mas, apressemo-nos!... Conduzo-te até o portão da tua casa! Quando a tua mãe receber o recado, tenho a certeza de que lá a aguardará!...

Fora, a noite estava clara, de plenilunio, e *João Miguel* e *Teresa Cristina* caminhavam, facilmente, pela viela calçada de pedras e permeada pelo bosque cujas árvores exibiam sua outonal roupagem ama-relo-laranja.

- Sinto-me altamente ansiosa por estreitar mamãe aos braços!., diz a mocinha, caminhando abraçada ao rapaz.

- Tua mãe, a esta hora, já deverá ter recebido a tua mensagem e, certamente, já se encaminha para o portão da quinta - observa o rapaz. - E que surpresa não deverá ter tido, ao saber-te por estas bandas!...

A distância entre as quintas não passava de algumas centenas de metros que foram facilmente vencidos pelo andar vigoroso dos dois jovens. Quando já se aproximavam dos portões que davam acesso à vivenda dos *Marqueses das Alfarrobeiras*, fraca luz de uma lanterna permitia divisar dois vultos parados, à espera: a mãe e uma criada que a acompanhara. Os passos apressam-se, a distância diminui.

- *Teresinha!*... - ouve-se uma voz enrouquecida pela emoção.

- Mamãe!... És tu?...

- Meu anjinho!... Oh, meu anjinho!... Quanta saudade de ti, meu tesoiro!...

E mãe e filha estreitam-se em forte e grandemente emocionado abraço de reencontro.

- Deus do céu!... E não é que nunca imaginaria eu que estivesse aí tão pertinho de nós, cachopita danada!... - exclama a *Marquesa das Alfarrobeiras* a chorar de contentamento.

- Sim!... - responde a mocinha, a beijar, efusivamente a mãe à face - Trouxe-me *João Miguel!*...

- Ah, *João Miguel!*... - diz *Bárbara*, dando-se conta, afinal, da presença do rapaz, que as olhava, entre divertido e um tantinho emocionado pela autêntica euforia que demonstravam as duas mulheres. - Como estás, filho?...

- Muitíssimo bem, senhora dona *Marquesa das Alfarrobeiras!*... - diz o rapaz, fazendo ligeira reverência.

- Pague-te Deus, por tamanha caridade, meu jovem!... - diz *Bárbara*, enxugando as lágrimas com a ponta dos dedos. E prossegue, enquanto beijava e alisava os cabelos da filha: - Deste-me alegria ímpar hoje!... Como morria de saudade da minha menina!... Oh, mas te tornaste um airoso cachopo!... - prossegue ela, olhando-o melhor à luz da lanterna.

Não te via desde que eras um meninote de cinco ou seis anos, a puxar pelas saias da pobre *Rosália!*... Que Deus a tenha!... Mas, afinal, que é que comemoráveis?... Escutávamos o baile, lá de casa...

_ Está de regresso o meu irmãozinho desaparecido, senhora dona *Marquesa das Alfarrobeiras* - diz o rapaz. - E papai dá um baile para rerepresentá-lo à sociedade...

- Ai, Deus do Céu!... - exclama *Bárbara*, levando as mãos ao peito. - Acharam-no, então?... E onde é que se encontrava o menino?...

- Perdido por aí, mamãe!... - apressa-se em responder *Teresa Cristina*. - E, de menino, nada mais tem!... Tornou-se um rapagão daqueles!...

- Ai, e é?... - diz *Bárbara*, de repente, dando-se conta de que já se escoara uma enormidade de anos, desde aquele fatídico desaparecimento. - Justo!... - exclama ela, olhando para o rapaz. - Justíssimo, *João Miguel!*... Se tu já és um homem feito, que não será daqueloutro

que era uns poucos aninhos mais jovem que tu apenas... Ah, e tua mãe!... Pobre *Rosália!*... Se tivesse suportado um tantinho mais!... Teria tido tempo de estreitar o filho aos braços!...

- Não quis Deus que assim fosse, senhora Dona *Bárbara!*... - exclama o rapaz. E prossegue, percebendo que a mãe e a filha desejavam trocar algumas palavras a sós: - Com vossa licença, deixo-vos a sós... Percebo que tendes coisas a falar... - e, discretamente, afasta-se uma dezena de passos para um dos lados do caminho.

- Oh, mamãe!... - cochicha *Teresa Cristina*, lançando-se aos braços de *Bárbara*. - Encontro-me tão confusa!... Tu nem podes aquilatar o que me aconteceu!... - e passa a narrar, sucintamente, à mãe tudo o que lhe sucedera naquele intervalo de tempo, durante o qual não se haviam falado uma só vez sequer.

E, à medida que a filha contava os acontecimentos, *Bárbara* mal sofrea uma enxurrada de exclamações de espanto.

- Dizes, então, que te apaixonaste pelo irmão reaparecido?... - diz ela.

- Fala baixo, mãe!... - admoesta-a a filha. - Não sabes o quanto *João Miguel* é violento!...

- E o outro também é grosseiro como este?... - pergunta *Bárbara* olhando nos olhos da filha. - Precisas ver qual deles é o melhor, antes de fazeres a troca, minha filha!... Não te quero pendendo para o lado errado!...

- Oh, mamãe!... - exclama a mocinha, às raias do desespero. Nunca sei quando posso, efetivamente, contar contigo!...

- Sempre, queridinha!... - diz *Bárbara*, dando ligeiros tapinhas ao ombro da filha. - Sempre poderás contar com a tua mãezita!... Acaso te desiludi alguma vez?... Fica tranqüila, que resolveremos esse impasse!...

- E papai?... Ainda cisma em casar-me com *Vasco!*...

- E o que ele mais deseja, minha queridinha!... - responde *Bárbara*.. - Contudo, garanto-te que tal asnice aquele inconseqüente só fará, se me matar primeiro!... Ele que se atreva!... Mas, tratemos de decidir

logo!... Dizes, então, que o outro é mais maleável, é?... E, por que a indecisão?... Lança-te depressa aos braços do outro, menina!... Que estás a esperar?...

- Oh, mamãe, não é tão simples assim!... *João Miguel* é um homem muito violento, já te disse!... Não me será simples livrar-me dele, não!...

- Oh, *Teresinha!*... - exclama a *Marquesa das Alfarrobeiras*. - E por que cargas d'água foste te enroscar com gajo assim?... Fugas de *Vasco* e acabaste por te meteres em situação pior que aquela?... Mas, vai-te, volta para a festa, que o rapaz já se impacienta com a nossa demora!... Olha, fica sossegada, que darei um jeito de ir avistar-me contigo em Lisboa, brevemente!... Vai com Deus, minha filha!...

De volta à casa do namorado, *Teresa Cristina* continuava apreensiva e calada.

- Parece-me que o colóquio com a tua mãe fez-te mais mal que bem, minha cara! - exclama o rapaz, notando-lhe a falta de assunto.

- Oh, não, *João Miguel!*... - responde ela. - O reencontro com mamãe fez-me bem!... Enganas-te, se pensas o contrário!... Apenas que não me é fácil viver longe dos meus pais!...

- Se te é tão difícil assim, porque não regressas ao lar e não enfrentas o teu pai?... - diz ele direto. - Acaso não tens o apoio da tua mãe?... Se desejares, poderei ir até a tua casa e falar com o teu pai!... Oferecer-lhe-ei um dote tão fabuloso pela tua mão que duvido de que ele o rejeite!...

- Oh, não!... Não!... Não precisas chegar a tanto, não!... - apressa-se dizer a mocinha. Precisava convencê-lo a não cometer tal sandice. Se me deres tempo, tudo se resolverá!... Mamãe prometeu-nos ajuda!... *Oxn* do mais, *Vasco* é tão rico quanto tu e poderá cobrir, indefinidamente, qualquer oferta que fizeres!... Já pensaste nisso?... E entenda que papai saberá muito bem tirar proveito disso!...

João Miguel limita-se apenas a olhá-la. Ela tinha razão. Tudo poderia transformar-se num ridículo e interminável leilão. Já acontecera antes. E, por mais que tentassem esconder, aquele tipo de disputa

sempre acabava caindo no domínio público. Surgiriam, então, os partidários deste e daquele lado, bem como as apostas, os gracejos e os insuportáveis chistes!... *Teresa Cristina* sente-se desolar. Mais aquela agora!... Ao invés de um pretendente indesejado, agora, passava a ter dois!... Que lástima!...

Neste comemos, *João Manuel*, a muito custo, conseguira recuperar-se e, instado pelo pai que o mandara chamar, retomara ao salão do baile, e embora se achasse ainda um tanto enjoado, conseguia manter relativa serenidade. O pai já o apresentara a todos, nos intervalos da dança e, no momento, o rapaz rodopiava nos braços da exuberante *Manuela* que o convidara, acintosamente, a bailar com ela.

- Quem diria, hein, senhor *Anjinho!*... - exclama a esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses*, ainda altamente espantada com a nova condição do rapaz. E prossegue, com a voz carregada de ironia: - Filho do *Barão da Reboleira!*... Uma das maiores fortunas do reino!... Vai ter sorte assim lá nos infernos!...

- Chamas a isso de sorte, *Manuela?*... - pergunta o rapaz, percebendo-lhe o forte tom de ironia à voz. - Eu, entretanto, considero tal fato como terrível trapaça do destino!... Conheces muito bem o que foi a minha vida até então!...

- E como conheço!... - responde ela, olhando-o atrevidamente. - E posso dizer-te que a parte da tua vida que a mim competiu foi-me deveras supimpa!... Nada tenho a reclamar de ti, meu caro!...

- Tu não sabes o que é a miséria extrema, *Manuela!*... - diz o rapaz, olhando-a nos olhos.

- E espero nunca saber, ora!... - diz ela. - Eras pobre, porque querias!... Acaso não nasceste rico?... És agora até mais rico que eu!...

- Acho que pouco entendes das coisas da vida, *Manuela* - diz o rapaz. - Pensas, então, que eu vivia naquela penúria toda porque queria?...

- Acaso não te acomodaste assim?... - observa ela. - Pelo q sempre soube de ti, eras um folgazão do cais do porto e que vivias a explorar a ingenuidade dos tolos que te rodeavam!... Esperteza foi o que nunca te faltou!...

- Acho que nunca entenderás essas coisas, *Manuela* - diz ele. Nem nunca terás noção de como me foi difícil ter de fazer certas coisas!... Como ter mulheres aos braços - mulheres assim como tu! por quem eu nada sentia, além da necessidade de ganhar alguns tostões para matar a fome!... E creio que tu nem nunca saberás como são tai coisas... Algo como ter de tomar um balde cheio de água, sem tirá-lo d boca e sem estar a sentir um pingo de sede!...

- Mas, as coisas mudam, não é mesmo?... - diz ela, sem se deix abater pelas palavras dele. - Tu mesmo és o exemplo vívido de tudo isso: ontem, eras o opróbrio, a escória humana e fazias parte da corja abjeta e indesejável que habita a baixada do porto; hoje, és o mais bonito e o mais desejado de todos os homens que se acham nesta magnífica festa que o dinheiro do teu pai pôde presentear-nos!... Se, antes, eu te podia comprar com o meu dinheiro, hoje, entretanto, terei de conquistar te com as minhas qualidades!... Hoje tu me custarias muito mais que antes, senhor *Anjinho*!... Ou, como pretendes que passe a chamar-te doravante?... Senhor *Barão da Reboleira* ou o quê?... - e se ri escaninha, como era do seu feitio. - Agora, tu vales muitíssimo mais do que pesas, meu caro!...

- Disso podes ter a plena certeza, senhora dona *Baronesa da Ajudai*. - diz ele, cheio de desdém à voz. - E posso garantir-te que, mesmo a despeito de todo o ouro que possuis ou das farturas de atributos e de qualidades feminis de que tanto te orgulhas em ostentar, jamais me terás nos teus braços outra vez!...

- Realmente?... - diz ela, desafiando-o. - Metade dos cavalheiros que se encontram neste salão dariam em troca uns bons pares de anos das suas vidas para terem comigo o que tu já tiveste uma porção de vezes!... E posso garantir-te que ainda não te dei o que de melhor

guardo de mim!... De tais coisas não provaste nunca, eu te garanto!...

João Manuel limita-se a olhá-la cheio de desprezo. Aquela mulher adúltera e infame desafiava-o. Era preciso dar-lhe uma lição!... Era preciso arrasá-la, de vez. No íntimo, ele acalentava forte desejo de Vingarse de tudo o que ela lhe fizera no passado. Por que, então, não ir à forra com aquela desgraçada, fazê-la pagar por todas as humilhações que lhe infligira antes?... Sente enorme satisfação apenas com a possibilidade de fazê-la sofrer. E principia a enredá-la devagar, sem pressa.

_ Acaso estás a insinuar que ainda me queres, *Manuela*?... - pergunta ele, lançando a isca.

- Mais do que nunca, *Anjinho*!... - diz ela, num sussurro, permeado de intensa paixão.

- Então, aguarda-me que, em breve, escalarei a parede da tua janela, mais uma vez!... - observa ele, sussurrando-lhe rente ao ouvido.

- Deveras?... Pela parede?... Pois te aguardarei, meu caro!... - diz ela, sorrindo-lhe, cheia de satisfação. - Aguardar-te-ei, com ansiedade!... Acho que me sentirei mais à vontade, agora te sabendo um aristocrata!...

Nesse entretempo, *Teresa Cristina* e *João Miguel* adentravam o salão de baile, de volta da visita que houveram feito à mãe da mocinha. Ao ver que o irmão dançava com *Manuela*, *João Miguel* sente-se tomar de intenso ciúme. Não conseguia despregar os olhos do casal que dançava, rodopiando ao sabor da alegre música, enquanto conversavam como velhos conhecidos. Velhos conhecidos?... Conhecer-se-iam, já, de antes, o irmão e aquela rameira de luxo?... Dúvida cruel domina-o, então, e era preciso descobrir tudo. Um lampejo perpassa-lhe o cérebro: encantoaria *Manuela*, enquanto *Teresa Cristina* dançasse com o irmão!... Sim!... Incitá-los-ia a que dançassem, com o propósito de conhecerem-se. Estudar-lhes-ia, dessa forma, atentamente, as reações, enquanto tentaria arrancar da tresloucada *Manuela* se os três já se conheciam de antes. Melhor

seria, se a doida da *Manuela* já se achasse com a língua solta pela ação das inúmeras taças de vinho que, certamente, já entornara até então!...

- Por que não danças com meu irmão, *Tininha*? - diz ele, principiando a executar seu plano. - Gostaria que tu e ele vos tomásseis amigos!... Acaso não seremos todos parentes?...

Os olhos da mocinha iluminam-se intensamente.

- Se assim desejas, por que não fazê-lo? - responde ela. - E tu ficarás aqui a ver-nos dançar?

- Não!... Farei companhia à senhora *Baronesa da Ajuda*!... - exclama ele. - Ela sempre me recebe tão gentilmente, quando lhe freqüento a casa para ver-te!... Acho que é meu dever retribuir-lhe, agora a deferência que sempre lá me dispensou!...

- Oh, *Tininha*!... - exclama *João Manuel*, pouco depois, tendo a mocinha já nos braços, a rodopiarem ambos pelo salão, arrebatados por intenso enlevo a olharem-se um nos olhos do outro. - Penso se não é um sonho sentir-te tão junto de mim outra vez!...

- Posso afiançar-te que não sonhas, *Anjinho*!... - responde ela, sorrindo-lhe, feliz. - E a mais pura realidade!... E posso dizer-te que sinto o mesmo em relação a ti!...

- Mas, não és noiva do meu irmão?... - pergunta ele, de repente, entristecendo-se.

- Oh, meu amor!... - responde ela. - Conheci-o antes de ti!... Na realidade, moro aqui tão pertinho da tua casa!... Somos mesmo vizinhos de quinta!... Conheci teu irmão já faz algum tempo; pensei estar apaixonada por ele, mas agora percebo que me enganei!... Verdadeiramente, é a ti que amo!...

- Entretanto, ainda permaneces ao lado dele!... - exclama o rapaz, enciumando-se. - Por que não o deixas, então?... Agora posso oferecer-te todo o conforto que mereces!... Sou tão rico quanto ele!...

- Oh, meu amor!... Não é tão simples assim como pensas!... - diz ela, cheia de cuidados, ao perceber que o outro se enciumava. - Teu

irmão deu inúmeras mostras de ser um homem violento!... Tu mesmo já deves ter percebido isso!... Tem cautela, peço-te!... Vamos devagar!... Juro-te que nenhum ato de loucura farei!... Doravante, pertencemo-nos um ao outro e lutaremos juntos!... Não achas que deverá ser assim?...

- Tens razão, *Tininha!*... - responde ele. - Tu és mais ajuizada que eu!... Meu irmão é, realmente, um homem muito estranho!... As vezes, temo-o pelo mal que poderá vir a fazer-me, se meu pai morrer!... Por ora, estarei a salvo, pois papai dá-me a segurança necessária!... Mas, quando ele se for?...

- Quando teu pai se for, meu amor, tu terás de ir-te, também, daqui!... - diz ela, tremendo. - Não sabes de que coisas *João Miguel* é capaz!...

-Tens razão!... - observa ele e prossegue, altamente ansioso: Mas como faremos para nos encontrar, doravante?... Agora que te reencontrei, não desejo perder-te de vista, jamais!... Entretanto, tu moras em Lisboa e eu, aqui!...

- Tu poderás ir a Lisboa para ver-me!... - exclama ela. - Encontrar-nos-emos na cidade!

- Sim!... - Em lugar estranho, onde ninguém nos ache!... Enquanto tal diálogo processava-se, a um canto e sentados num divã, *Manuela* e *João Miguel* conversavam.

- Dize-me, *Manuela* - fala *João Miguel*, com os olhos pregados no irmão e na namorada, enquanto estes rodopiavam felizes e cheios de enlevo, embalados pela música alegre -, não te parece que meu irmão e tua prima já se conheciam?... Observa como se acham animados, a conversarem como velhos amigos que se reencontrassem!...

- Percebeste, então?... - diz *Manuela*, abrindo um sorriso cheio de galhofa, dos que lhe eram bem peculiares.

- Vamos, lá, senhora *Baronesa da Ajuda!*... - diz o rapaz, olhando-a nos olhos. - Sei que sabes de muita coisa!... Anda, desembucha!...

- Que sei eu?!... - finge espanto a despidorada. - Ora, nada sei, não, senhor *Barão da Reboleira!*... - e se abre em marota gargalhada: -Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Sabes, sim, e muita coisa, por sinal!... - diz ele, insistindo. - Vamos lá!... Somos ou não somos amigos?...

- Mais que amigos, não?... - cochicha ela, rindo um riso etílico. O vinho subira-lhe às idéias, e a linguaça principiava a soltar-se com mais facilidade.

- Por certo que sim!... - diz ele, olhando-a nos olhos, cheio de lubricidade. - Tu és a minha rainha oculta!...

- E tu, o meu rei preferido!... - diz ela, gargalhando.

- Então, vamos lá, Majestade!... - diz ele, prosseguindo no jogo. - Que sabes sobre o casalzinho?...

- Sobre a rameirazinha e o pilantrazinha do cais do porto?... - diz *Manuela*, rindo-se. - Seja são velhos conhecidos?... Ora, se não são!...

- O quê?!... - exclama *João Miguel*, estarecido. - Eu sabia!...vamos lá, *Manuela!*... Solta tudo!...

--A minha distinta priminha, caro *João Miguel*, apesar de ainda se achar em tão tenra idade, já repassou um bocado de homens!... *Anjinho*, como era conhecido o teu irmão no cais do porto, foi um deles!... Pilhei-os juntos em minha casa!... Em total descaramento!... Vê só, e ainda finge ser toda inocência e pureza, a santarrona!...

- Conheciam-se, então!... - diz o rapaz, empalidecendo de raiva e de ciúme intenso. - E a desgraçada faz-se passar por donzela intocada!...

- Se não se faz!... - concorda *Manuela*. - Só que, de donzela, meu caro, nada tem!... Não passa de uma devoradora de homens!... Acau-tela-te, se pretendes, de fato, desposá-la!...

João Miguel sente-se zonzar. Os seus planos de casamento, de constituir uma família acabavam de ruir-se. Maldito!... Uma vez mais o maldito estava a entremeter-se em seus planos!... Ah, mas iria vingar-se, ah, se iria!... Aquilo não passaria em branco, não!...

- *Manuela* - diz ele, mal sofrendo o intenso ódio que lhe ia à alma -, peço-te: nada digas a ninguém sobre o colóquio que aqui mantivemos!... Faze de conta que nada sei!...

- Ainda não entendi o que pretendes fazer, mas podes contar com o meu silêncio!... - concorda ela.

Nesse comemos, a dança encerrava-se, e o casalzinho aproximava-se.

- *Teresinha*, já é tarde, e presumo que tenhamos de nos ir - diz *Manuela*.

- Oh, tão já?... - pergunta *João Manuel*, cortês.

- Sim, aproveitaremos para fazer o percurso de volta em comboio!...

- observa *Manuela*. - Senão, tereis ambos que nos fazer companhia até Lisboa!...

- Fá-lo-íamos com prazer, não é, irmão? - diz *João Miguel*, sorrindo e se dirigindo, amavelmente, ao outro.

- Oh, por certo que sim!... Por certo que sim!... - responde *João Manuel*, estranhando o inusitado comportamento do irmão. Será que finalmente começava a aceitá-lo?

Na porta, ao despedirem-se das mulheres, os olhares cruzam-se, acham-se, prendem-se, estudam-se.

- Espero-os em minha casa, rapazes!... - convida *Manuela*. E olhando, insistentemente, para *João Miguel*, prossegue: - Muito em breve seremos parentes, não é?

De volta, no coche, *Manuela* exultava de satisfação. Com desdém, olha para a prima que cochilava, recostada no assento ao seu lado, embalada pelo balançar do carro que corria célere pelo caminho calçado fá pedras. "*Dorme, tolinha!...*", pensa ela. "*Acabas de relegar-me dois belos rapagões para o meu deleite!...* Ao me enjoar de um, terei o outro a consolar-me as noites vazias..." e sorri desdenhosa, na semi-obscuridade. Pela janela da carruagem, a luz da lua cheia coava-se leitosa, dando ao rosto de ambas uma tonalidade opalescente, fantasmagórica...

Capítulo 18

Maquinações e vinganças

Alguns dias haviam se passado, desde o baile de reapresentação de *João Manuel* à sociedade lisboeta. Depois disso, o estado de saúde de *Manuel Antônio* agravara-se sobremaneira; dir-se-ia que ele apenas arrebanhara forças para reabilitar o filho desaparecido havia tanto tempo. Sim, era-lhe extremamente importante que todos soubessem que o filho estava de volta e que ele o reconhecia perante a lei e perante a sociedade. Sabia que legava imensa fortuna aos filhos e que, em tais situações, costumavam surgir contendas e intermináveis litígios quando da divisão da herança. Melhor seria se ambos se ajustassem, e: comum acordo e, estando ele ainda vivo a orientá-los, pudesse, assim talvez, evitar tantos dissabores porvindouros aos seus legítimos herdeiros. E, foi com tal pensamento que, certa tarde, chama a ambos a seu quarto. Encontrava-se altamente enfraquecido e já não lhe era mais possível deixar o leito.

- Chamei-os aqui, meus filhos, para conversa que considero como de alta importância. Sinto estar muito próximo o meu fim e gostaria de, antes de me ir ao encontro da vossa mãe, de fazer a partilha dos nossos bens - diz *Manuel Antônio*, com extrema dificuldade. E, após encarar os rapazes, um a um, demoradamente, prossegue: - Entretanto, antes de convocar o senhor notário e de lavrar o meu testamento, gostaria, imensamente, de que ambos se entendessem, desde já, para se evitarem contendas e disputas futuras!... E,

compreendam-me, tenho muito mais experiência do que vós e sei como tais coisas se processam...

- Oh, papai!... - exclama *João Manuel*, tomando a mão do pai e beijando amorosamente. - Ainda não são horas de se dizerem tais coisas!.. Tu ainda viverás muito!...

João Miguel apenas se limita a olhar para o pai. Trazia o cenho carregado e mal conseguia disfarçar a enorme contrariedade que sentia em participar de tal colóquio familiar. Aquiescera em ali estar reunido, apenas para não contrariar o velho. Sabia que não era o momento de se indispor com a família, de procurar contendas. Melhor era, a priori, concordar com tudo e, depois, agir de sorrate. Morrendo o pai, acertaria as coisas com o irmão, a seu modo. Dar-lhe-ia, com prazer, a parte que lhe tocasse na herança, ou seja, nada!... Nenhum vintém era o que aquele idiota merecia!... O que é que aquele espantalho houvera feito na vida até então?... Nada!... Vivera pelo mundo, a divertir-se, somente!... E ele, *João Miguel*, a suportar o peso daquela soturna e lamurienta família, sempre chorosa pelo desaparecimento daquele imbecil!... Acaso os pais não haviam vivido o tempo todo pensando e se preocupando tão-somente em reencontrar o outro filho, enquanto que ele vivera calado e relegado a segundo plano, sempre trabalhando como um mouro, para dar prosseguimento a tudo?... Agora o traste reaparecia, assim, do nada, a colher onde jamais semeara?... Tinha muita graça aquilo!...

- E tu, *João Miguel*, nada dizes?... - pergunta *Manuel Antônio*, ao ver que o outro não se manifestava.

- Que direi, papai?... - responde ele. - Apenas que aceitarei tudo o que decidires!... - e emenda, com uma pontazinha de ironia à voz: - Acho que eu e o mano não sairemos a nos esfaquear, mutuamente, a vermos quem herdará tudo sozinho, assim que te fores!... Fica sossegado!...

João Miguel, no fundo, achava ridículo aquele acerto que o pai tentava fazer. Na verdade, considerava o irmão um usurpador, que

aparecera no momento aprazado, apenas para surripiar a metade do que já considerava como sendo tudo seu. Achava mesmo que muito azar era o que realmente tivera com o inesperado reaparecimento do irmão.

- E tu, *Francisquinho*, o que pensas?...

- Como disse meu irmão, o que bem decidires estará para mim acertado!... - diz o rapaz. - Além do mais, que sei eu de negócios e de dinheiro?... Sequer as letras conheço...

João Miguel mal sofria um sorriso de deboche, ao ouvir a sincera confissão do outro. Um analfabeto!... Que faria um ignorante com tanto dinheiro?... Só o pai mesmo para querer atirar fora uma dinheirama assim, com um imbecil como aquele!... Os espertalhões da vida logo o espoliariam, deixando-o mais miserável do que fora antes!... Não, decididamente, ele, *João Miguel*, não deixaria aquilo acontecer, jamais! Tomaria sérias providências, antes. Entretanto, por ora, convinha-lhe concordar com tudo.

- Sugiro então, *João Miguel*, que ordenes aos nossos escriturários que façam um fiel rol da nossa azienda e, em estando tudo pronto providenciaremos a divisão justa e equânime de tudo entre vós!... Que achais?...

Tudo aparentemente acertado, os rapazes deixam o pai a sós. *Manuel Antônio* suspira aliviado. Agora lhe restava apenas esperar pelo fim. Aquela existência conturbada, cheia de dores acerbadas estava a termo. Em seu pensamento, desenha-se a imagem de *Rosália*, a esposa falecida, e duas grossas lágrimas descem-lhe pelas faces emurchecidas pelos duros embates dos anos.

- Em breve, estarei ao teu lado, novamente, querida!... - murmura ele, altamente emocionado. - Sabias que ando a morrer de saudades de ti?... - e, a seguir, pareceu-lhe sentir que diáfanas mãos acariciavam-lhe, ternamente, os cabelos encanecidos. Forte emoção invade-o, então. Abre um sorriso e murmura, olhando em derredor: - És tu, meu amor?... Acaso cá já te achas a buscar-me, é?...

Os dias transcorreram-se sem muitas novidades. A saúde de *Manuel Antônio* chegava ao limite crítico de suas resistências físicas. A doença carcomera-o a tal ponto que ele se resumia a pequeno fardo de pele e ossos somente. Mal se lhe notavam os fracos gemidos e a respiração opressa, difícil - derradeiros estertores de agonizante e cruel sofrimento. E foi assim que, após longo martírio, o velho *Barão da Reboleira* deixou este mundo. Velaram-no, demoradamente, no salão de visitas da mansão. Depois, *Dom Eusébio Sintra*, o velho amigo de longa data, encomendou-lhe o corpo na Igreja de Santa Maria, e o sepultaram no jazigo da família, ao lado da esposa, *Rosália*. Os filhos acompanharam as exéquias do pai, um ao lado do outro, altamente entristecidos. Grande parte da aristocracia lisbonense achou-se presente ao funeral de *Manuel Antônio*. Até mesmo a rainha¹ fez-se representar por um ministro de estado.

Tudo terminado, a mansão dos *Barões da Reboleira* passa por extenso período de luto. As janelas mantinham-se sempre cerradas e o cortinado baixado. A soturnidade de outrora voltava a invadir os imensos corredores do velho casarão. A criadagem sumira, como por encanto; o silêncio impregnava tudo; silêncio pesado, insuportável. *João Manuel* passava os dias fechado em seu quarto. Poucas coisas tinha a fazer; exceção a descer ao salão de refeições, preferencialmente, em horários diferentes dos do irmão, posto que o outro, mal o corpo do pai descera à sepultura, passara a tratá-lo com total frieza e indiferença, chegando mesmo às raias da hostilidade. Uma vez, tentara entabular conversação com *João Miguel*, mas recebera de volta tamanho pouco caso e, meia dúzia de palavras tremendamente ácidas e cruéis: "*Melhor que te mantinhas bem longe de mim, bastardo!...*", gritara-lhe, enfurecido, o irmão. "*Por que ages assim?... Acaso não somos irmãos?...*", perguntara-lhe, estupefato, diante de tamanha rejeição.

1. Por essa época, final do século XVIII, por volta de 1790, reinava em Portugal, D. Maria (1734 - 1816), cognominada A Piedosa e, mais tarde, como A Louca, em virtude do acometimento de terrível doença mental.

O outro, então, respondera-lhe, arrostando-o de modo feroz: "*Sinto asco só em ver-te as fuças!... Não és e nunca serás meu irmão!...*", e saíra, intempestivamente, deixando-o estarrecido, diante de tão veemente demonstração de gratuita hostilidade. Desde então, não se tinham mais encontrado. Evitavam-se, furtavam-se, deliberadamente, aos encontros entre si. Terrível situação armava-se entre ambos. *João Manuel*, a princípio, magoara-se muito. Notara, desde o começo, que o irmão o tratava com frieza e com certo distanciamento. Intimamente, cogitava sobre a causa daquela rejeição toda: ciúme?... Mas, por que a razão de tanto ciúme?... O pai não demonstrara preferência por nenhum deles!... Até tratara os dois sempre com igual deferência!... Poderia, também, ser o desejo de não dividir os bens. Seria o irmão tão ganancioso assim?... Mas, havia tanto dinheiro, eram tão ricos que a estonteante fortuna que herdariam daria para ambos viverem, nababescamente, pelo resto das suas vidas!... Decididamente, *João Manuel* não conseguia atinar qual seria o real motivo de tanta rejeição que recebia por parte do irmão. Entretanto, o tempo passava, o pai já não se encontrava mais ali, e a vida continuava!... Era preciso, portanto, dar novo rumo às coisas. Ficar preso em seu quarto, evitando encontrar-se com o irmão, num eterno jogo de rato e gato, é que não se sujeitaria!... Ah, não!... Não tinha direito à metade dos bens da família?... O pai não os chamara, dias antes da sua morte, e não dissera, muito claramente, o que pretendia que se fizesse, assim que ele se fosse deste mundo?... E por que cargas d'água agora, o irmão eximia-se de tal incumbência?... Onde é que estava a sua parte na herança?...

Naquele tristonho entardecer de fim de outono, *João Manoel* sentia-se mais triste que nunca. Estivera ali, em seu quarto, durante quase o tempo todo. Chuva monótona lavava aquele dia desde a manhã, tomando a vida do rapaz ainda mais enfadonha. Seguindo as vontades do pai, passara a receber lições de alfabetização que velho mestre vinha todos os dias, pelas manhãs, ministrar-lhe, com paciente competência. As coisas principiavam a clarear-se em sua

mente. Já conseguia decifrar, com alguma dificuldade ainda, é claro, aqueles estranhos enigmas que sempre lhe foram as palavras escritas. Quantas vezes não ficara um tempão parado diante daqueles rabiscos, tentando adivinhar o que encerravam?... Agora não seriam mais segredo para ele. *"Apanha um livro dos muitos que o teu pai sempre manteve na biblioteca"*, dissera-lhe o velho mestre. *"Importante que pratiques a leitura, para adquirires fluência com as palavras."* Havia descido, havia pouco, à biblioteca do pai. Admirara-se da enormidade de volumes lá contidos!... O pai, certamente, deveria ter sido um homem muito culto, pois gostava muito dos livros. Ah, os livros!... Deitado de costas em seu imenso leito, *João Manuel* olha para o volume encadernado em couro vermelho que segurava à mão. O título impresso em tinta dourada: *Menina e Moça*². Por algum tempo, permanece a observar o livro fechado. Que conteria aquela imensidão de palavras ali grafadas, fechadas como se estivessem guardadas num baú?... Estranhos eram os livros... Antes, nunca houvera se preocupado com nenhum deles. Jamais houvera legado a mínima importância aos livros, pois não faziam parte do seu mundo. Que importância poderiam ter-lhe os livros àquela época?... Agora, entretanto, seu mundo era outro. Lembra, então, as palavras do velho mestre: *"Os livros costumam encerrar vidas inteiras... Por isso é que devemos respeitá-los sempre!..."* Vira e revira o volume nas mãos, antes de abri-lo. Depois, decide-se por folheá-lo. Situa-se ao início da narrativa, concentra-se e principia a leitura:

"Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe. Que causa fosse então a daquela minha levada, era ainda pequena, não a soube."

2. *Menina e Moça*, romance editado no século XVI, de autoria do escritor português renascentista Bernardim Ribeiro (1482 - 1552), cuja principal obra é a novela *Saudades*, mais conhecida, porém, como *Menina e Moça* (da primeira frase da novela, que se tornou um tópico da literatura portuguesa).

Agora não lhe ponho outra, senão que parece que já então havia de ser o que depois foi. Vivi ali tanto tempo quanto foi necessário para não poder viver em outra parte. Muito contente fui em aquela terra, mas, coitada de mim, que em breve espaço se mudou tudo aquilo que em longo tempo se buscou e para longo tempo se buscava. Grande desventura foi a que me fez ser triste ou, per aventura, a que me fez ser leda. Depois que eu vi tantas cousas trocadas por outras, e o prazer feito mágoa maior, a tanta tristeza cheguei que mais me pesava do bem que tive, que do mal que tinha."

João Manuel encerra, momentaneamente, a leitura. "Menina e moça...". Seu pensamento, então, voa para longe dali, para Lisboa. A menina de olhos cor de mel!... Ah, *Teresa Cristinal*... Que saudade!... Fecha o livro e o depõe ao lado, sobre a cama. Preme forte os olhos. Que andaria a fazer a menina de cabelos acobreados, naquele momento?... Imensa onda de ternura invade-o. Quanto tempo fazia que não se viam?... Desde o baile... Desde que haviam dançado, pela primeira vez, não se viam mais!... Depois, o pai morrera, vieram as brigas com o irmão, as dificuldades em resolver a vida. Sentira-se tão magoado com a atitude do irmão que nem se animara a procurar por seu amor!... Que decepcionante mostrara-se a sua vida desde então!... Mas, precisava reagir!... Decididamente, não poderia mais ficar ali, assistindo, impassível, o tempo correr, sem nada fazer. De um salto, deixa o leito e, abrindo o armário, estuda a profusão de trajes que se abria diante dele. Eram tantos os que agora tinha à disposição, que a dificuldade constituía-se, exatamente, em qual deles escolher!... Decide-se, por fim, e, com apurado esmero, põe-se a vestir-se. Pouco depois, saía, tomando a carruagem que o aguardava, diante da escadaria da entrada principal da casa.

- Toca para Lisboa, *Olegário*!... - ordena ao cocheiro. Duas horas depois, ei-lo a estacionar diante da exuberante mansão de *Afonso Albuquerque e Meneses*. Com vigor, bate na porta da entrada do vestíbulo. Alguns instantes e, novamente, o assombro:

- Tu?! - exclama a criada. - Não sabes que dona *Manuela* não te Quer mais por estas bandas, *Anjinho?*...

- Posso garantir-te que a tua patroa já mudou as idéias a meu respeito, *Inácia!*... - diz o rapaz. E insiste: - Vai lá, chama a senhorita *Teresinha!*... Dize-lhe que aqui estou e que desejo falar-lhe!

- Ai, Jesus Cristo!... - exclama a criada, levando ambas as mãos à cabeça. - Estás é a arranjar-me encrencas, *Anjinho!*... E das bravas' Acaso queres ver-me a mendigar pelas ruas, é?...

- Se não me levas até ela, acharei eu mesmo o caminho!... - diz resoluto, o rapaz, forçando a passagem.

- Ai, por Deus, não, *Anjinho!*... - exclama a criada, atravancando-lhe a passagem, interpondo-se por inteira, à porta.

- Sai daí, *Inácia*, vamos!... - exclama o rapaz, arrostando-a, feroz. - Se tens amor à vida, sai daí!... - e lhe dá fenomenal encontrão com os ombros, lançando-a a catar cavacos.

João Manuel consegue, assim, abrir caminho e adentrar o vestíbulo. A criada, recompondo-se, sai-lhe ao encalço, aos berros. Neste exato momento, *Manuela* descia as escadas, para o salão de visitas, e se depara com o tendepá que faziam *João Manuel* e *Inácia*.

- Ora, ora!... - exclama a dama, cheia de desdém à voz. - Vejam só quem se acha a adentrar a minha sala!... Senhor *Anjinho!*... Ou deverei dizer senhor *Barão da Reboleira?*...

- Oh, mil perdões, senhora *Dona Manuela!*... - exclama a criada, altamente espavorida pela súbita aparição da patroa. - Desculpai-me, senhora, mas ele forçou a entrada, a lançar-me ao chão, sem dó nem piedade!...

- Continuas, ainda, a forçar passagens, senhor barão?... - observa *Manuela*, ferinamente, fazendo alusão à antiga condição do rapaz. E, enquanto vencia os derradeiros lances da escada, prossegue, olhando-o, cheia de zombaria: - E a lançar indefesas criadas ao chão, é?... Por onde é que andam os bons modos?... Presumo que ainda não te ensinaram que a conduta aristocrática costuma exigir de nós o cúmulo do requinte e das boas maneiras!...

- *Manuela*, desculpa-me, por favor!... - diz o rapaz, beijando, cortesmente, a mão que a mulher estendia-lhe. - Mas é que a tua criada cismou em não me deixar entrar!...

- Oh, *Inácia* prima, fielmente, pela integridade e pela segurança da sua patroa!... Não a culpes por isso, meu caro!... Apenas cumpre com o seu dever!... E, quando chegamos à casa de alguém-e, principalmente, quando aparecemos de supetão, sem sermos convidados!... -, costumamos, primeiro, fazer-nos anunciar!... - e se voltando para a criada: Está tudo bem, *Inácia*; deixa-nos a sós.

_ Desculpa-me, *Manuela*!... - diz o rapaz, baixando a cabeça, envergonhado.

- Já que aqui estás!... - exclama ela, sarcástica. - Vem, senta-te aqui ao meu lado!...

- Bem que podias franquear-me as visitas a *Teresa Cristina*!... -diz o rapaz, acomodando-se ao lado da elegante mulher, em amplo divã do salão de visitas. - Sei que não desconheces que nos amamos!...

- Deveras?!... - responde *Manuela*, fingindo alta surpresa. - Pelo que me consta, era a mim que deverias visitar, lembras-te?... Ou, agora que enricaste, costumavas esquecer-te das promessas que fazes?...

- Oh, não!... - apressa-se ele em responder. - Claro que não me esqueci!... Mas sabes que amo a tua prima, não sabes?

- Desconfiava, apenas!... - responde ela, olhando-o cheia de sarcasmo. - Agora, no entanto, estou certa disso!... Mas, dize-me, *Anjinho*, algo ainda me intriga, seriamente: a sonsa da minha prima, acaso, não é noiva do teu irmão?... Como explicas isso?... Sabias que ele frequenta, amiúde, esta casa, na qualidade de pretendente da talzinha?

- Sabia!... - responde ele, irado. - Meu irmão mostra-se um insolente, um atrevido!... Acho que pretende dar-me o golpe, roubando-me a parte da fortuna que me cabe e, além disso, a mulher que amo!... Faz já meses que papai morreu, e quem diz de ele chamar-me a acertar as contas?... Nada!... Insulta-me o tempo todo e, ainda, hostiliza-me a mais não poder!...

- Não me digas!... - exclama *Manuela*, altamente surpresa por tal revelação. - Age assim o teu irmãozinho, é?... - e, abrindo um sorriso de deboche, como lhe era peculiar, prossegue: - Nesse caso, então, avia-te, meu caro, pois é quase certo que tentará roubar-te e te deixará na mais negra miséria!... E ficarás, então, pior que eras, pois creio ser algo deveras terrível, desumano mesmo, uma vez alguém ter conhecido o fausto e o perder depois, assim, de repente!... Antes, não havias ainda experimentado do deleitável néctar, das insuperáveis delícias de ser rico!... Ora, no entanto, já provaste do melado...

João Manuel limita-se a olhar para *Manuela*. Ela tinha razão. Era exatamente aquilo que lhe estava na iminência de acontecer. Nada sabia do que fazia o irmão, em relação aos negócios. Se o chamava a acertar as contas, recebia, em troca, uma chuva de impropérios e de doestos. Já se cansava de receber tantos insultos.

- Se eu estivesse em teu lugar, tratava de espertar-me!... - diz a esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses*, meneando a cabeça. - Não esperaria as coisas acontecerem, não...

- Que sugeres que eu faça, então, *Manuela*?... - pergunta o rapaz, tremendamente agustiado.

- Que procures alguém da tua confiança e que te aconselhe como deves agir, ora essa!... - diz ela, olhando-o nos olhos. - Não me leves a mal, *Anjinho*, mas és um bronco daqueles!... Teu irmão passar-te-á a perna, com facilidade!... Duvidas disso?...

João Manuel baixa os olhos. Ela estava certa. Sentiu-se, então, grandemente agradecido a *Manuela*. Entretanto, com que intuito ela o estaria ajudando?... Sempre se mostrara tão alheia ao que dissesse respeito aos outros; sempre se mostrara altamente egocêntrica, personalista.

- Obrigado, *Manuela*!... - diz ele, tomando-lhe as mãos e, num rom-pante, enche-as de beijos.

- Fi-lo apenas pela promessa que me fizeste, meu caro!... - diz ela, sorrindo, matreira. - Ou achas que tu o merecias por outra razão?...

- *Manuela!*... - exclama ele, fingindo admoestá-la.

-Agora vai!... - diz a mulher, levantando-se do divã. - Não toma mais o meu tempo com as tuas lengalengas!... À essa hora, *Teresinha* deve encontrar-se em seu quarto a devorar um daqueles melosos e ridículos romances de que tanto gosta!... Anda!... Toca a fazer-lhe uma surpresa!... Mas, vê lá, hein?... Deves-me algo, e disso não te esqueças!...

-Prometo-te, *Manuela!*... - diz ele, com um intenso brilho nos olhos. - Qualquer dia desses, ouvir-me-ás bater na tua janela...

Manuela lança-lhe um olhar carregado de lascívia e lhe sorri um sorriso matreiro. Depois, devagar, toma a direção da porta que dava ao vestíbulo. Ia espiar lá fora a quantas andava o tempo...

Mal a mulher desaparece pela ombreira da porta, *João Manuel*, por sua vez, quase a correr, ganha, rapidamente, as escadarias de mármore alvinente e sobe os degraus, galgando-os dois a dois. Tinha muita pressa. Precisava rever, urgentemente, o seu amor...

Uma vez diante da casa, *Manuela* espia o céu carregado de nuvens baixas a despejarem fina e monótona chuva outonal. O ventinho frio que soprava fê-la chegar ao pescoço a gola do elegante vestido de veludo rosa que trajava. Que dia mais enfadonho!... Não pudera sair às compras ou a passear, posto que tudo já se achava bastante encharcado, meio desbotado, à espera do inverno. Ah o inverno!...

Manuela detestava o inverno!... Haveria estação do ano mais detestável que o inverno?... Poucas coisas, na realidade, tinha a fazer, durante o inverno, a não ser encher-se de roupas e de agasalhos até as orelhas!... Como era friorenta!... Sentia verdadeiro horror ao frio!... Que pena, aquela chuva toda!... Tinha mesmo era que ficar ali, em casa, cheia de tédio, a assistir, impassível, ao escoar das intermináveis horas daquele enfadonho dia... Entretanto, o relinchar de cavalos chama-lhe a atenção. Conhecida carruagem adentrava os portões que davam ao pátio da sua casa...

- *João Miguel!*... - murmura baixinho e se ri. - Agora é que as coisas vão incendiar-se de fato!...

Neste comemos, *João Manuel* encontrava-se diante da porta dos aposentos de *Teresa Cristina*. Por instantes, pára, antegozando a surpresa que a sua inesperada chegada, certamente, traria à mocinha. Depois, bate com os nós dos dedos. De dentro, vem a inconfundível voz, convidando-o a entrar. Então, as mãos trêmulas pelo excesso de ansiedade giram a maçaneta da porta e a surpresa:

- Tu?!...

- Sim, meu amor!... - exclama ele, correndo até ela e a tomando aos braços. - Não suportava mais ficar longe de ti por mais um dia sequer!...

- Oh, *Anjinho!*... - exclama ela, oferecendo-lhe a boca aflante. Segue-se, então, longo e apaixonado beijo. Ah, como se amavam e como se entregaram àquele enlevo!...

- Vem!... - convida-o ela, depois de se fartarem um da boca do outro.

- Senta-te aqui!...

-Estás tão bonita, *Teresinha!*... - exclama ele, tomando-lhe as mãos e as cobrindo de beijos. - Olha, não queres sair a passear comigo?... Poderemos jantar no centro da cidade e, depois, irmos ao teatro!... Sempre tive tanta vontade de ir ao teatro!...

- Nunca foste ao teatro, *Anjinho?*... - espanta-se ela.

- Nunca... - responde ele, baixando os olhos, humilhado. - Sequer sei o que é que fazem lá dentro...

Teresa Cristina olha-o, apiedada. Pobre rapaz!... De repente dava-se conta de como a vida dele houvera sido inexpressiva até então. Nenhum contato com a cultura, nada de arte... Apenas o incansável afã, a desmedida luta para a sobrevivência.

- Não fica assim, não!... - exclama ela, levantando-se e, enlaçando-lhe, amorosamente, a cabeça, com as mãos, acaricia-lhe, suavemente os cabelos. - Tu não tens nenhuma culpa dessas coisas!... Mas, olha!... Eu te mostrarei tudo o que ainda não conheces!... E, depois que nos casarmos, viajaremos pela Europa toda!... Conheceremos Paris!...

- Levar-me-ás a Paris, *Tininha!*... - exclama ele e, levantando a cabeça, olha-a nos olhos. E, de repente, tomando-se de alta excitação, prossegue: - Sabias que eu sempre desejei conhecer Paris?... *Branquinho* disse-me que já estive em Paris uma vez!... Contou-me que lá é lindo!... E tu já estiveste em Paris?...

- Ainda, não, *Anjinho!*... - responde ela, enchendo-se de ternur por aquele rapaz que mais parecia um garotinho, que se encontrasse na iminência de vivenciar novo folguedo. - Mas, juro-te que a primeira coisa que faremos depois de nos casar é rumarmos a Paris!... E, por *V* ficaremos por um bom tempo, a conhecer as maravilhas que sei exis tirem em profusão!... Mamãe já lá estive com papai e me contou!... Disse-me haver bailes estonteantes!... Imagina que dançam até pelas mas, em Paris, nos dias de festa!...

- Dançam pelas mas?!... - observa, espantado, o rapaz.

- Sim!... - responde ela, efusiva. - Contou-me mamãe, ainda, que há tantas lojas deslumbrantes, tantos lugares para se comer e tantas coisas estrambóticas que inventam os franceses que tu nem pode imaginar!...

- Deve ser por isso que todo o mundo deseja ir a Paris!... - observo o rapaz, intrigando-se.

- Por certo que sim!... - concorda a mocinha. - E há tantos teatro em Paris que, se por lá ficares um ano inteirinho, não terás tempo d conhecer a todos!...

- Deveras?!... - espanta-se ele. - Será Paris tão grandiosa assim?..

- Se é!... - responde ela. - Contou-me mamãe que Versalhes, grandioso palácio onde vivem os reis franceses, é tão vasto que poss mais de quatrocentos cômodos!...

-Tão grande assim?!... - admira-se o jovem. - Acho que em Lisboa pão há nada tão grandioso assim!... Nem Queluz possuirá tanto luxo, não concordas!...

- Nem sombra disso!... - observa a mocinha. - Já estive em Queluz, na festa de aniversário de Sua Majestade, há alguns anos!...

- Já estiveste em Queluz?!... - espanta-se o rapaz. - E conheceste a rainha, pessoalmente, *Tininha?!...*

- Sim, por duas vezes, já estive em Queluz. Há uns cinco anos, acompanhei papai na cerimônia do beija-mão; da outra, mais recentemente, foi num baile de aniversário de Sua Majestade; agora, entretanto, ela se encontra bastante enferma. Dizem que perdeu a razão!...

- Está louca a rainha?!... - admira-se *João Manuel*.

- Tudo indica que sim. Mamãe contou-me tal fato, que anda de boca em boca, por toda a Lisboa. A rainha enfraquece das idéias a cada dia, depois que lhe morreram o marido e o filho.³

- Pobre senhora!... - exclama o rapaz, altamente condoído. - Também pudera!... Perder entes queridos, assim, um atrás do outro!...

- Mais as preocupações que rodeiam a todos nós, não é, *Anjinho?...* Qual aristocrata, hoje, não se preocupa, depois da Revolução?...⁴

- Já ouvi muito falarem sobre tal Revolução que fizeram por aí, mas nunca soube direito do que se trata!... - exclama ele, intrigando-se. - Papai sempre me falava para eu ficar de sobreaviso, diante das manifestações do povo, posto que a estrutura social da Europa deverá modificar-se em breve. Mas, que mudanças seriam essas?... Papai foi-se, e não tenho mais pessoas instruídas com quem conversar!... Apenas estou a iniciar-me no campo das letras!... Sinto tantas dificuldades, ainda!...

- Tu vencerás todas essas barreiras, meu amor!... - diz ela, beijando-lhe as mãos. - Sempre foste um leão a lutar pela tua sobrevivência,

3- Referência ao consorte de D. Maria I, D. Pedro III, o Duque de Bragança, morto em 1786, e ao filho, José, o príncipe herdeiro da coroa portuguesa, morto em 1788, aos 26 anos de idade, de varíola.

4- Referência à Revolução Francesa, ocorrida a 14 de julho de 1789, e que depôs a monarquia na França.

bravamente!... Tenho a absoluta certeza de que tu transporás todos esses obstáculos!... E eu estarei sempre ao teu lado para ajudar-te!...

- Oh, és muito generosa, meu amor!... - diz ele, abraçando-a, agradecido. - E tenho outra coisa grave a dizer-te, querida!... Meu irmão, depois da morte de papai, hostiliza-me mais que antes!... Imagina que anda a chamar-me de bastardo e que a minha presença é-lhe insuportável!...

- Oh, está ele a dizer-te tais barbaridades, é?... - observa a mocinha, entristecendo-se.

Em seguida, permanece calada, por instantes, fixando o vazio. Então a coisa tomava-se pior do que ela imaginava. Será que *João Manuel* conheceria a real extensão daquilo tudo?... Conheceria a fundo o caráter do irmão que, na realidade, mostrava-se bem pior do que as duras palavras que lhe dizia?... Precisavam, urgentemente, ambos chegar a um acordo sobre a situação. Deveriam enfrentar *João Miguel* juntos, unidos. E, preferencialmente, sem delongas, antes que uma tragédia acontecesse. Ela conhecia de sobra a personalidade de *João Miguel*. O rapaz era bastante violento e egoísta ao extremo!... Certamente, não hesitaria um segundo sequer, diante da possibilidade de livrar-se do irmão, se isso se lhe apresentasse como necessário ao desenvolvimento dos seus interesses, sempre altamente mesquinhos e egoístas. Precisavam, urgentemente, pôr um termo àquilo.

- Meu amor - inicia ela -, sei que não desconheces que mantive um relacionamento com o teu irmão - e que ainda sou forçada a manter -, e nem imaginas o quanto disso me arrependo!... E, diante das evidências de que ele não te aceita e de que, até mesmo, visceralmente, odeia-te, digo-te que é hora de tomarmos uma iniciativa, às claras, eu e tu!...

- Tens toda a razão, meu amor!... - concorda ele. - Sabias que ele me nega a minha parte na herança que me deixou o meu pai?... E, sempre que o chamo a acertar as contas, desafia-me a buscar os meus direitos e me lança chocantes e desaforados improperios às fuças!... E, como desconheço essas coisas de justiça, ando de pés e mãos atados, sem saber o rumo a tomar!... Já pensei até em deixar-

lhe tudo, em sair daquela casa e voltar à minha antiga vida pelas mas!... Lá eu era mais feliz!.-

- Jamais faça isso, *Anjinho!*... - exclama ela, enfurecendo-se. -Fica sabendo que é exatamente essa atitude que ele deseja que tomes!.- Que lhe deixes o território livre, para que tenha a oportunidade de abocanhar sozinho todo o ouro que vos deixou o teu pai!... Conheço-o muito bem!... Não passa de um sovina de primeira!... Sofre, amargamente, só em pensar de ter de dividir a fortuna da tua família!... Ah, desgraçado!.-Sabendo de tais coisas aue te faz ele. Dasso a odiá-lo ainda mais!...

- Que sugeres que façamos, então, meu amor? - pergunta o rapaz.

- Sugiro que nos apresentemos a ele, juntos, e lhe digamos o que pretendemos: o fim do relacionamento entre mim e ele e, também, comunicar-lhe-emos que tu e eu nos casaremos!... E exigiremos, ainda, que ele dê a parte da herança que te cabe por direito!... Para tanto, poderei pedir o apoio dos meus pais, se assim o desejares!... Tenho a absoluta certeza de que nos apoiarão!...

- Sim - concorda o rapaz. - É preciso que façamos isso, bem depressa!... Não agüentarei esta situação por muito tempo!...

Depois, ambos abraçam-se apertado e se acariciam mutuamente. Neles havia medo e apreensão. Entretanto, era preciso tomar uma resolução firme, definitiva. Um silêncio estabelece-se, então, entre ambos, íntimas cogitações invadiam-nos. Pela vidraça da ampla janela do aposento, percebia-se o tempo cinza, esfumado pela fina chuva de outono que, teimosa, continuava a cair, ensopando o mundo inteiro...

Capítulo 79

Ódios e desavenças

Decididos a enfrentar *João Miguel, João Manuel e Teresa Cristi* deixam os aposentos da mocinha e, de mãos dadas, desciam as escadas quando passam a perceber vozes vindas do salão de visitas.

- Estará *Manuela* a receber alguém?... - observa a jovem. Pareceu-me ouvir vozes virem do salão de visitas!...

- Tudo está a indicar que sim - responde o rapaz. - Quem será?... se me afiguram um tantinho alteados os ânimos!...

- Tens razão!... Parecem discutir!... Achas que devemos apresentar nos ou ganharemos a rua por outra saída?... - pergunta ela. - Ond deixaste o teu carro?

- Meu coche achava-se estacionado mesmo diante da porta principal da casa. Mas, espera aí!... - diz ele, de repente, parando, e a retendo pela mão. - Essa voz eu conheço!... Ssssh!... Ouçamo-la com maior atenção!...

- Deus do céu!... - exclama, estarrecida, a mocinha e cochicha no ouvido: - É a voz do teu irmão!... Já saberá, por certo, que estás aqui!..

- Sim!... - concorda o rapaz, também em voz baixa. - E meu irmão sem dúvida!... E se encontra altamente enraivecido!...

- Terá *Manuela* já lhe contado que estás aqui comigo?... E que recebi em meus aposentos?...

- Estou quase certo de que tenha feito isso!... - exclama o rapaz. Ela não perderia a chance de ver o barco incendiar-se!...

- Ah, maldita!... - exclama *Teresa Cristina* a rir os dentes e fazer menção de encaminhar-se à sala de visitas, a fim de tomar satisfação com a prima.

- Não, não!... - diz o rapaz, retendo-a, firmemente, com a mão. - E acaba de prestar-nos grande favor!... Não havíamos decidido enfrentar tudo?. Aproveitemos, pois, a oportunidade que surge e o façamos agora!...

_ Tens razão, meu amor!... - concorda ela. - As coisas tomam-se insuportáveis para nós!... Melhor decidirmos nosso destino de uma vez!...Vamos !...

E resolutamente, de mãos dadas, ambos apresentam-se, entrando de chofre no salão de visitas.

_ Ah, aí estás, rameirinha!... - exclama *João Miguel*, levantando-se e se encaminhando, furioso, ao encontro de *Teresa Cristina*. - *Manuela* tentava convencer-me de que não era esse bastardo que te visitava, mas eu bem que desconfiava!... Reconheci-lhe o carro e o cocheiro!...

- Alto lá, meu caro!... - brada *João Manuel*, interpondo-se entre o irmão e a mocinha, quando este tentava agarrá-la, violentamente, pelo braço. - Respeita-a ou te verás comigo!...

- Sai!... Sai!... Cão hidrófobo!... - grita *João Miguel*, empurrando, grosseiramente, o outro. - Mete a cauda entre as pernas e te limita a fugir daqui, antes que eu acabe com a tua miserável vida!...

- Cavalheiros!... - brada *Manuela*, levantando-se e, colocando-se entre os dois rapazes, arrosta-os com severidade. - Lembrai-vos de que vos encontrais em minha casa!... Contende-vos ou ordenarei aos meus criados que vos expulsem daqui a pontapés!... Que ousadia a vossa!... Nem pareceis gentes pertencentes a família tão distinta!... Além do mais, sois irmãos!...

- Afasta-te, *Manuela*! - grita *João Manuel*, afrontando, acintosamente, o irmão. - Eu e este miserável precisamos acertar nossas contas de uma vez!...

- Pois que venhas, idiota!... - exclama *João Miguel*, desafiando-o e, pondo-se em guarda, arma os punhos.

- Ah, é?... - responde o outro, enfurecendo-se com a empáfia do irmão. - Toma, então!... - e lhe desfere violento murro às fuças.

João Miguel não esperava por aquele coice de mula. Decididamente, não era páreo para o irmão que crescera nas mas e tivera que, desde bem pequeno, brigar muito, para defender a própria vida. Não possuía, assim, nem de longe, o preparo que o irmão angariara, por anos a fio, nas contendidas de muque. Desestruturado, então, pela

pancada recebida, desmonta-se todo, indo cair de chapa, estatelando-se ao chão, sobre o tapete persa.

- Ai, Deus do céu!... - grita *Manuela*. - Que fizeste a ele, *Anjinho?*... " e se ajoelha ao lado de *João Miguel*, que jazia todo atordoado, a ouvir um bando de andorinhas que, aos pios, revoava-lhe em círculos, em derredor da cabeça!...

- *João Miguel!*... *João Miguel!*... - grita a mulher, dando tapinhas ao rosto do rapaz. - Vamos, homem, acorda!...

Parado, no meio do salão, *João Manuel* arfava pela excitação nervosa. *Teresa Cristina* aproxima-se e, amorosamente, toma-lhe o braço.

- Tu estás bem?... - pergunta-lhe.

Ele se limita a olhá-la. Tinha os olhos injetados e as abas do nariz dilatadas pelo esforço na respiração. Delicadamente, aconchega-a a si e a beija aos cabelos. Depois, lança um olhar cheio de raiva para o irmão que, socorrido por *Manuela*, recobrava a razão.

- *Inácia*, ligeiro, traze água ao senhor *Barão da Reboleira!*... -ordena a *Baronesa da Ajuda* à criada que, a um canto, a tudo assistira, altamente estupefata e de olhos bem arregalados. Suas orelhas de lebre achavam-se estiradas ao seu limite máximo, a recolherem tudo da conversa que rolava no salão de visitas, quando o inesperado acontecera.

Uma vez refeito e cambaleante, *João Miguel*, amparado por *Manuela* e por *Inácia*, senta-se num divã. Descomunal hematoma rodeava-lhe o olho esquerdo.

- Estás um horror!... - exclama *Manuela*, olhando-o no rosto. -*Inácia*, toca a providenciar uma infusão de matricária para apormos uma compressa fria ao rosto do senhor barão!...

- Dispenso tais deslustres para com a minha pessoa, senhora baronesa!... - exclama, feroz, *João Miguel*. E, levantando-se, ainda um pouco atordoado pela pancada recebida, encaminha-se devagar para a porta. Antes, porém, de sair, volta-se e, ameaçadoramente, exclama, fixando o irmão e a namorada com um par de olhos

terríveis: - Haveréis ambos de me pagar caro, malditos, por esta afronta!... - e se vai cambaleante.

Uma vez a sós, os três entreolham-se.

- Não leveis a sério o que ele disse, não!... - exclama *Manuela*, abrindo-se num risinho nervoso. - Homens traídos costumam bazofiar um pouquinho!... Creio ser o incômodo que lhes causam os comos a crescerem!... - e explode numa gargalhada: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!..-

- Não desmereças *João Miguel* dessa forma, não, cara prima! - exclama, preocupada, *Teresa Cristina*. - Sabes muitíssimo bem que ele é um homem perigoso!...

- Ora!... - diz *Manuela*, olhando-a com seu cinismo habitual. - Agora estás a borrar-te todinha de medo, é?... Não sabias que cedo ou tarde tal afrontamento iria acontecer?... Bem que te avisei!... Lembraste?... Dizia-te sempre: "*Sossega, menina!... Escolhe um só por vez!...* " Mas, parece-me que adoras viver com uma coleção de homens ao teu redor!...

- *Manuela!*... - exclama *Teresa Cristina*, altamente indignada. - por quem me tomas?...

- Ora, queridinha!... - diz a esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses*, abrindo um sorriso escarninho. - *Anjinho* deverá conhecer-te muitíssimo bem!...

- *Manuela!*... Vês o que fizeste com as tuas observações maldosas?... - admoesta-a o rapaz, altamente condoído, diante das lágrimas de profundo desgosto que passavam a banhar o rosto da mocinha. As palavras ferinas da prima a haviam machucado fundo, até a alma. - Acalma-te, meu bem!... - diz o rapaz, enxugando as faces da amada com uma profusão de beijos.

- Percebe-se muito bem que nada conheces da talzinha... - murmura *Manuela* com desdém e cheia de inveja da outra até as orelhas.

João Manuel lança-lhe um olhar carregado de censura. Afinal, quem era *Manuela* a objurgar a conduta da prima?... Acaso não era ela,

Manuela, uma adúltera de primeira, a lançar-se, despudoradamente, aos braços da metade dos estivadores do porto todo?...

- Vê bem o que andas a dizer, *Manuela!*... - diz ele, arrostando-a, firme. - Doravante, *Teresa Cristina* é minha noiva!... Respeita-a, pois, como tal!...

- Ai, e é?... - pergunta *Manuela*, fingindo alta admiração. E prossegue, a exsudar ironia por todos os poros: - Acaso saberá o nosso primo, o pai da distinta noiva, que a filha faz-te tal promessa?... Sabias, senhor *Anjinho*, que a nossa cara priminha já se encontra prometida - e nem o é ao teu irmão!... -, mas ao *Marquesinho do Soveral*, o *Vasco*, a quem ela abomina, mas, em contrapartida, a quem o pai ama de Paixão?... Ama-o, principalmente, pela descomunal fortuna que o gajo arrastará consigo ao lhe morrerem, primeiro, o caquético avô - velhote asmático e encarquilhado que, diga-se de passagem, custa a deixar este mundo, pois já anda a passar dos cem anos!... -, e, depois, o pai, homem riquíssimo, porém tão sovina que age como o pior dos bufarinheiros de toda a Lisboa!... Essa é a distinta família do tal!... Cheios do ouro até a tampa, mas os piores canguinhas que já vi em toda a minha vida!... E vivem entocados naquele horroroso e fantasmagórico castelo que possuem e que de lá nunca saem, com medo de que se lhes roubem a fortuna!... E fortuna exatamente proporcional à feiúra que o tal *Vasco* ostenta!... Careca, gordo, sardento, estrábico e manco de um pé!... Que mais lhe falta?... - e conclui ela, persignando-se: - Esconjuro!... Não creio haver outro mostrengo qual aquele em todo o reino!...

- *Manuela!*... - censura-a *João Manuel*. - Estás a inventar coisas!... Não vês que assim magoas *Teresinha*?...

- Invento eu coisas?... - responde *Manuela*, cheia de cinismo. E, cutucando a prima que soluçava baixinho, com o rosto escondido no peito do rapaz, prossegue: - Vamos, dize tu mesma, *Teresinha*, se estou a mentir!... Tenho é muita pena de ti, queridinha!... Recebi-te em minha casa, somente para não te ver casada com aquele

espantalho!... E, queres mesmo saber?... *Jerônimo*, o teu pai, é um monstro desalmado!... Por que é que não se casa ele próprio com uma caricatura como o *Marquesinho do Soveral*!... Além do mais, o talzinho é gago e deverá já ter uns bons dez anos a mais que tu!... Ai, Jesus Cristo, que morro de pena de ti!...

- E verdade tudo isso, *Tininha*!... - pergunta *João Manuel*.

Ela se resume a sacudir a cabeça, em movimentos rápidos, cheia de desespero. Que pensaria ele dela, agora?... Escondera dele, sim, que o pai já a prometera ao primo *Vasco*.

- Olha, meu bem!... - diz ele, acariciando-lhe, ternamente, os cabelos cor de mel. - Teu primo é, realmente, tudo isso que disse *Manuela*!...

Nova seqüência de rápidas e nervosas sacudidelas de cabeça segue-se, sem que ela tivesse a coragem de retirar o rosto do peito dele.

- E achas que eu te deixaria cair nas mãos de um monstrego como aquele?... - diz *João Manuel*, beijando-lhe os cabelos. - Não, meu amor!... Jamais!... E não sei por que me ocultaste tal fato, mas pressinto que tenha sido por medo!... Medo ou vergonha, mas que importância lá isso tem agora?... Nenhuma!... Importa-me, sim, e, grandemente, que te amo e que tu me amas!...

Teresa Cristina levanta, devagar, o rosto do peito do rapaz e o olha no fundo dos olhos. E ele lhe sorri um sorriso lindo, cúmplice, maroto. Ela, então, abraça-o forte, e ele a beija à boca. Longo beijo - beijo ardente, beijo de amor profundo...

Pouco depois, quando olham em derredor, *Manuela* havia desaparecido. A *Baronesa da Ajuda* houvera deixado a sala, furibunda, pisando duro e cheia de inveja de tanto amor, e eles nem perceberam que ela saía.

- *Manuela* deixou-nos... - observa *Teresa Cristina*.

- E nós também nos iremos... - sussurra ele, rente ao ouvido dela. - Prometeste levar-me ao teatro, lembra-te?...

Pouco depois, um coche deixava os portões da mansão de *Afonso Albuquerque e Meneses*. Em seu interior, já envoltos pelo escurinho da noite, um casalzinho abraçava-se forte e, trocando juras de infinito

amor, beijava-se feliz... De fora, os lampiões a óleo, pendurados nos negros postes de ferro fundido, derramavam lampejos de luz amarelada, iluminando, fracamente, o interior da carruagem, com intervalos curtíssimos, como num acender e apagar ininterrupto, enquanto que, a rolarem, ligeiras, as rodas do carro arrancavam o pitoresco ruído das pedras do calçamento das ruas...

* * * * *

Depois que deixara a mansão de *Manuela*, *João Miguel* retomara a casa, espumando de ódio contra o irmão e a namorada que, tão vilmente, o atraíçoaava. Sentado, displicentemente, numa poltrona, na penumbra do seu quarto, o rapaz já entornara uns bons pares de taças de vinho e, ora, segurando um copo à mão, mantinha terrível monólogo mental, enquanto bebericava, amiúde, pequenos goles da bebida: "*Malditos!... Malditos!... Mil vezes malditos!...*", pensava, remoendo a raiva que o consumia. E, passando a mão pelo rosto, ainda largamente inchado pela pancada recebida do possante punho do irmão, continua: "*Desgraçado!... Maldito bastardo!... Queres roubar-me a metade do que tenho e ainda a mulher com quem pretendo casar-me?... Queres levar-me tudo, bandido?...*". E, rilhando os dentes, na semi-obscuridade do quarto, prossegue pensando: "*Verás, verme imundo, o que farei contigo!...*", e crispa, violentamente, as mãos, de tanto ódio, como se quisesse, com elas, esmagar o irmão.

Neste íterim, grotesca forma aproxima-se dele e o enlaça com seus braços pegajosos, cobertos de podridão e de lama. O espectro apresentava-se de forma horrível: todo desgrenhado, tendo as feições amplamente deformadas num ricto mesclado de ódio e de zombaria-suas roupas eram farrapos e, do peito, brotava-lhe um risco sanguinolento a escorrer-lhe, continuamente, como pequeno valado escuro a ensopar-lhe os trajos já largamente emporcalhados de terra e de laivos de sangue coagulado.

- Tens de vingar-te deles!... - sussurra o espírito ao ouvido de *João Miguel*. - Traíram-te, covardemente, e tens de vingar-te deles!...

- Sim!... - responde *João Miguel*, num murmúrio, cheio de ódio e atendendo ao diálogo que lhe propunha o espírito, enredando-o no conluio obsessivo. - Sim, preciso vingar-me de ambos!...

- Tens de ir à forra!... - continua o espírito, enchendo-se de satisfação e, animando-se, enormemente, ao perceber que o rapaz correspondia-lhe, facilmente, às insinuações. - Tu tens que separar o teu irmão de *Teresa Cristina*, pois ele já se encontra prometido a outra mulher!... Ambos são traidores, e tu precisas separá-los!...

- Sim, preciso separá-los!... - repete *João Miguel*, tendo a mente plenamente ligada à mente do espírito obsessivo. O álcool facilitava-lhes, enormemente, o colóquio mental.

- *Manuela* é o elo... - continua o espírito de *Madalena*, a jovem prostituta que ele, tempos atrás, houvera, cruel e friamente assassinado, num escuro beco do cais do porto - ...e tu deverás proceder assim...

Pouco depois, o horrendo espectro, literalmente, desgruda-se do corpo de *João Miguel* e, exultante, acomoda-se a um canto.

- Pronto, *Gerusa!*... - murmura o espírito, abrindo um largo sorriso, pejado de satisfação. - A impostora será afastada da tua vida!... E tu terás o caminho aberto a conquistar o coração do teu amor!... Achavas, acaso, que eu permitiria que o malandro do *Anjinho* te fizesse tal desagravo?... Ah, minha adorada amiga!... Nunca!... Imagina só: trocar-te por aquela clara de ovos despelada!... Jamais!... Tu é que serás a mulher dele, a verdadeira *Baronesa da Reboleira*, não ela, a usurpadora!... Tu viverás no luxo e na ostentação!... Isso eu te prometo!... E ainda, vingar-me-ei desse imbecil que aí está!... - e lança um olhar de desdém ao rapaz que, escarrapachado no divã, bebia largos goles de vinho, afogando o ódio que o consumia. - Esse aí irá pagar-me tudo o que me deve!... Ah, se vai!... - e escancara uma gargalhada, cheia de desprezo e de loucura...

João Miguel, no íntimo, maquinava. A idéia que lhe passara à cabeça, pouco antes, era brilhante. Precisaria de um tempo para executá-la, mas, por certo, resultaria numa solução definitiva para aquele impasse: destruiria o irmão, de vez, e teria, ainda, *Teresa Cristina* de volta aos seus braços. E os seus planos de transferir-se, definitivamente, para Lisboa e ao lado da mocinha, constituir sua família voltavam, finalmente, a ter perspectiva de efetivar-se. Era preciso, portanto, começar a pôr o plano em prática. No dia seguinte, iria dar os primeiros passos, instalaria as armadilhas...

* * * * *

Neste comemos, no teatro, *João Manuel* e *Teresa Cristina* esqueciam-se, temporariamente, do incidente ocorrido pouco antes. O rapaz maravilhava-se, apesar de a ópera estar sendo encenada em barracão de madeira improvisado, motivo de os principais grandes edifícios de Lisboa terem ruído quase todos, havia pouco tempo, no grande terremoto.¹ Amiúde, os olhares de ambos cruzavam-se, enternecidos, pela emoção e sensibilizados pela música. Os tocantes acordes da *Antígona*¹ invadiam o ambiente e, também, o coração dos jovens apaixonados. No palco, a soprano executava, magistralmente, o diálogo cantado, arrancando profundas emoções à platéia que, em respeitoso silêncio, acompanhava o desenrolar da tragédia:

*Com 'è facile l'amore
A fingersi contenti!
Odi, e misura il luo coraggio e il mio.
Dovrem fra poco mirarei, o Dio,
scambievolmente in viso,
d'una stentata morte tutto Vorrer;
la disperata fame,
la magrezza, il pallor;*

frenare invano

*elia natura opressa fra gli spasimi
atroei i gemiti importuni, i mesti
sguardi che la luce smarrita van
ricercando appena¹*

João Manuel nada entendia do diálogo que as cantoras entabulavam, acompanhadas pelos magnificentes acordes da orquestra; apenas, em bevecia-se com aquilo!... Jamais supusera o quão esplendentes eram tais coisas!... Quantas vezes não ficara, do lado de fora do teatro, a ouvir a estrondosa música e aquelas vozes que lhe soavam tão mágicas tão deslumbrantes aos ouvidos?... *Teresa Cristina* segurava-lhe as mão e lhe sentia as emoções. Baixinho, sussurrava-lhe, laconicamente, a ouvido, o desenrolar das ações da tragédia.

1. Referência ao grande terremoto ocorrido em Lisboa, a capital do Império Português, em 01/11/1755, por volta de 9:40, e seguido de terrível maremoto e de um incêndio que Perdurou por seis dias, provocado pelo grande número de velas acesas, a queimarem nas igrejas e nas residências, pela comemoração do dia de finados. Tal tragédia vitimou, aproximadamente, 30.000 pessoas.
2. Referência à ópera *Antígona*, do compositor italiano Tommaso Traëtta (1727 - 1779).
3. Trecho pertencente ao terceiro ato, sétima cena, diálogo entre *Antígona* e *Emone*, d peça *Antígona*, de *Tommaso Traëtta*. Tradução livre do italiano:

Como é fácil ao amor

Fingir-se contente!

Odeia, e mede a tua coragem e a minha.

*E, em pouco, miremo-nos, ó Deus,
mutuamente, à face, todo o horror de uma
morte penosa; o desespero da fome, a
magreza, a palidez; e frear, em vão, da
natureza oprimida, entre espasmos
atrozes, os gemidos incômodos, os olhares
tristes que a luz perdida apenas vão
buscando*

Desejava que ele acompanhasse o tema da ópera. E, altamente emocionada, via-lhe os olhos encherem-se de lágrimas, com o triste desenrolar dos acontecimentos em cenados. Findo o espetáculo, deixam o teatro e voltam para casa. Haviam antes, jantado em fino restaurante do centro da cidade. No carro, forte mente abraçados, conversavam baixinho:

- Continuarás na casa da tua prima? - pergunta ele.

- Por mais alguns dias, sim - responde ela. - Não vejo mais motivo para permanecer na casa de *Manuela*. Não resolvemos que iremo assumir nossa relação diante de todos?... Já enfrentamos o teu irmão!... Agora será a vez dos meus pais!...

- Sim - concorda ele. - E como pensas que me receberão os teus pais?...

- Mamãe já sabe tudo a teu respeito - diz a mocinha. - Conte-ihe sobre ti, quando com ela estive, no dia do baile em tua casa. E já te aceitou de antemão!...

- Verdade?!... - espanta-se o rapaz. - Estiveste então com a tua mãe naquela noite?... E ela me aceitou, assim, sem ao menos conhecer-me?...

- Como sabes que não te conhece?... - brinca ela. - Viu-te, uma vez, quando ainda eras um mamóte de alguns dias, no colo da tua mãe!...

- Ora, estás a zombar de mim!... - diz ele, beliscando-lhe, amorosamente, uma bochecha.

- Brincadeiras a parte, meu amor - diz ela, ficando séria -, mamãe já é nossa aliada!... Faz de tudo para impedir o meu casamento com o meu primo *Vasco*!... Nosso empecilho maior será, na verdade, o meu pai!... Esse é um turrão daqueles!... Não nos será fácil demovê-lo de tal abominável idéia, não!...

- Deixa-o a meus serviços, querida!... - exclama o rapaz. - Demovê-lo-ei dessa idéia absurda de casar-te com o teu primo!

- Oh, não sei, não, meu amor!... - diz ela, abraçando-se forte ao rapaz. - Às vezes, tenho horrorosos pressentimentos a nosso respeito!... Ultimamente, tenho tido pesadelos horríveis, em que te vejo sendo tragado por terrível voragem e te perdes de mim!... Tu me estendes as mãos, em desespero; tento socorrer-te, mas me escapas e te perdes de mim, engolido por fundo e negro abismo!...

- Ora, querida!... - diz ele, consolando-a. - Não dês trato a tais coisas, não!... Esquece-te delas!... Tudo sairá bem!... Tem fé em Deus!.. .

- E tu continuarás a morar com o teu irmão naquela casa? - pergunta ela.

- Por que não deveria?... - responde ele. - Aquela casa também é minha, e eu, na realidade, não teria para onde ir!... Ele não me dá a parte que me cabe da herança!... Se fizesse a partilha dos bens, por certo, eu deixaria a casa, no minuto seguinte, a cuidar da minha vida!...

- Olha, por que é que não procuras alguém para ajudar-te?... - sugere ela. - Poderias consultar uma autoridade!...

- *Manuela* já me aconselhou a fazer tal coisa - responde ele. - g acho que tendes razão, tu e ela. Mas a quem devo procurar?... Não conheço ninguém que tenha capacidade para tal!... - e, abrindo ligeiro sorriso, prossegue: - Meus antigos amigos são todos mais analfabetos que eu, agora, que ando a arranhar um pouquinho as letras!...

- Espera aí!... - diz ela. - E o bispo que te achou?... Como é mesmo que se chama ele?...

- *Dom Eusébio!*... - exclama o rapaz, alegrando-se. - Como pude esquecer-me dele?... Oh, sim!... *Dom Eusébio* é a criatura mais esclarecida do mundo!...

- Oh, exageras!... - diz ela, beliscando-lhe de leve o braço. -Claro que todos os bispos são esclarecidos!... São altos dignitários da Igreja!... Entendem de tudo!... Certamente, entenderá de heranças também!...

- Oh, bem lembrado, *Teresinha*]... - exclama ele, beijando-lhe, efusivamente, as mãos. - Amanhã mesmo irei à diocese, a fim de avistar-me com *Dom Eusébio*. Não queres fazer-me companhia?... Assim terás oportunidade de conhecê-lo pessoalmente!...

- Sim, irei contigo!... - responde ela, contente. - Aproveitarei a oportunidade, também, para aconselhar-me com ele!... Quem sabe não consolará essas minhas aflições?...

Neste íterim o coche estaciona diante da casa de *Manuela*.

- Chegamos, meu amor!... - diz ele, espiando pela janela do carro. - *Manuela* já deverá se ter recolhido a essa hora!...

- Provavelmente, sim!... - responde ela. - E tu voltarás a Sintra ainda esta noite?... Olha, não queres aqui pernoitar?... Poderei consultar minha prima...

- Não, querida!... - responde ele, beijando-a, suavemente, à face. - Agradeço-te a preocupação, mas ainda não é tão tarde, e Sintra não fica tão longe assim!... Em poucas horas, lá estarei!... Fica sossegada!... Mas, amanhã, no meio da tarde, aqui estarei para irmos ter com *Dom Eusébio*]... Não te esqueças!...

Pouco depois, sozinho no carro, de volta para casa, *João Manuel* cogitava acerca da sua vida. Como tudo houvera mudado em tão pouco tempo!... De vagabundo das ruas, analfabeto e grosseirão, sem eira nem beira, agora, herdeiro de uma das maiores fortunas do reino!... Custava-lhe acreditar que se encontrava em tal situação. Entretanto intenso pesar invade-lhe o coração. Não era mais feliz, antes, no meio da vadiagem das ruas, sem qualquer compromisso com nada?... Agora, havia a disputa com o irmão pela posse da parte dos bens que, por direito, cabia-lhe... O ódio que *João Miguel* devotara-lhe, gratuitamente, desde o primeiro encontro... Sentia-se magoar pelo desenrolar de todos aqueles tristes acontecimentos. Não conseguia entender por que o irmão o rejeitava tanto. Por certo, o outro não imaginava, nem de longe, o que era a solidão, o abandono, a terrível sensação de desferir o frio vôo de uma existência solitária, sem pais, irmãos, parentes, nada... Sem ter ne-

nhuma referência sobre si próprio!... O inferno de mirar-se no espelho e de perguntar-se de quais rostos viriam os traços que compunham aquela fisionomia ali refletida!... *João Miguel*, por certo, desconheceria, por completo, o que é nunca sentir o gostoso prazer de pronunciar as palavras *mãe* ou *pai*... Ou até mesmo a palavra *irmão*...

João Manuel emite fundo suspiro. Por outro lado, que culpa tivera se o tinham afastado do convívio familiar, contra a sua vontade e contra a vontade de todos? Não o haviam procurado, insistentemente, por todo o reino, e até mesmo pelo estrangeiro, anos a fio?... E agora que o haviam reencontrado, aquele hipócrita desejava descartá-lo, sem mais nem menos?... Não, não era justo!... Melhor fora se nunca o tivessem descoberto, então, e que passasse o resto da sua vida, sem conhecer a sua verdadeira identidade!... Que absurdo, agora, o irmão querer ignorar que ele existia!... Acaso o pai não terminara seus dias um pouquinho mais feliz, tendo-o de volta ao convívio familiar?... A mãe, coitada, não tivera a mesma sorte, mas soube, pelo pai, que ela esperara por ele até os derradeiros instantes da sua vida, que se lhe transcorrera sempre pejada de dor e de sofrimento!... Não, o irmão não representava, absolutamente, o que pensara a sua família sobre ele!... Tinha a absoluta certeza de que os pais não o haviam deixado de amar, somente porque ele deles se perdera!... Mas, o irmão!... Ah, esse era um desalmado!... Não possuía um pingão de ternura naquele coração ressequido que, até então, só dera mostras de conhecer a cobiça e a maldade!... E, embalado pelo suave balançar do coche, *João Manuel* sente as pálpebras pesarem-se-lhe, enormemente, e principia a cochilar. Havia, ainda, um bom trecho a percorrer, e a noite avançava. Aquele lhe havia sido mais um dia cheio de amarguras. Amarguras e decepções. Mas, sempre soubera que a vida não era fácil, que era cheia dessas contrariedades.

Acaso não vivera sempre assim, acossado pelas armadilhas da vida como um bicho?... Mas, sabia, também, pela larga experiência que já

possuía, que havia sempre a reversibilidade dos reveses, que havia o lado bom das coisas. E que, pela manhã, surgiria nova perspectiva de resolverem-se todos aqueles problemas.

Teresa Cristina, por sua vez, depois de despedir-se de *João Manuel* diante da casa, entrara, com a intenção de recolher-se, imediatamente aos seus aposentos, em virtude do avançado das horas. Entretanto, surpreendera-se, ao encontrar a prima ainda acordada, a ler um livro, recostada num divã do salão de visitas.

- Chegas tarde, priminha!... - exclamara *Manuela*, ao notar que a outra surgia no limiar da porta. - Onde é que andavas até estas horas?... A vadear pelas ruas, presumo...

- Aí é que te enganas, caríssima *Manuela!*... - respondera a mocinha, sem se deixar intimidar pelas farpas impiedosamente arremessadas pela outra. - Fui ao teatro!...

- Deveras?... - respondera *Manuela*, abrindo um sorriso cheio de zombaria. - Deste para adquirir cultura, agora, é?... E levaste, acaso, o bronco do teu novo namorado a tiracolo?... Ele é que anda bem precisado de tais coisitas de civilidade!... Precisa erguer-se nos dois pés, em vez dos quatro em que costuma caminhar!... Viste como quase arrebentou as fuças do irmão?...

- *João Miguel* bem que mereceu tal castigo!... - respondera a mocinha. - Acho que o verdadeiro quadrúpede não é bem *João Manuel*, não...

- Bem, bem!... - dissera *Manuela*, fechando o livro que segurava entreaberto numa das mãos e marcando a página com um dos dedos. - Deixemos aqueles dois idiotas que se arrebentem um ao outro!... Quanto a mim, já morro de sono!... Até amanhã, queridinha!...

Por instantes, *Teresa Cristina* permanecera de pé, no salão de visitas, depois que *Manuela* recolhera-se, a bocejar, ruidosamente, e a esticar, exageradamente, os braços bem alto, acima da cabeça. A mocinha encontrava-se altamente ansiosa. Sabia que lhe seria difícil conciliar o sono naquela noite. Depois, devagar, tomara a direção

das escadarias de mármore branco que davam ao andar superior. Tinha o corpo dolorido pelas altas descargas emocionais, recebidas naquele dia.

Mo momento, achava-se estirada sobre o leito, na semi-obscuridade do seu quarto de dormir. E os pensamentos invadiam-lhe a cabeça. Eram tantos os problemas a resolver!... Precisava voltar para casa, enfrentar o pai, decidir de uma vez a sua vida!... Como reagiria o pai?... Deixar-se-ia convencer por ela e pela mãe?... O pai costumava ser tão turrão, tão irascível, diante das mínimas contrariedades!... E a disputa entre *João Manuel* e o irmão?... Já haviam começado a agredir-se fisicamente!... Aquela desinteligência poderia culminar num fim desagradável, se não se resolvesse logo. *Teresa Cristina* suspira fundo. Deus do céu!... Quando é que a sua vida iria, finalmente, ajustar-se?... Preme os olhos, fortemente, para tentar afastar aqueles pensamentos da sua cabeça. E o sono que não vinha... O silêncio da noite ecoava em seus ouvidos, irritante, apenas entrecortado, a intervalos, pelo lúgubre uivar de um cão, a perder-se, longe, pela madrugada...

Capítulo 20

Tormentos da obsessão

Na tarde do dia seguinte, o luxuoso coche de *João Manuel* estacionava diante da mansão episcopal, residência do bispo *Eusébio Sintra*. Desta vez, o rapaz não se postava com o rosto colado às altas grades negras do portão de ferro, nem a sua companheira trajava extravagantes e escandalosos trajes, mas se tratava de criatura

meiga e gentil e que, sabedora que visitaria um dignitário da Igreja, vestira-se com esmerada sobriedade e, ainda, trazia o rosto coberto por grácil véu de tenuíssimos fios de seda branca. Nem o padre-gigante, ao atender a sineta que o cocheiro disparara, fizera-os esperar, para anunciar-lhes a visita. Ao dar com o brasão ostentado à porta da magnífica carruagem, apressou-se logo em franquear-lhes a entrada e a desmanchar-se em longas medidas, enquanto o casal deixava o carro, diante das escadarias que davam ao grande pórtico de entrada da casa.

- Sede bem-vindos, Excelências!... - exclama o padre grandalhão, curvando-se. E prossegue, cheio de louvaminhas: - Fazei o favor de seguir-me, senhores, que corro a avisar Sua Excelência, o bispo, que vos achais em visita à nossa humilde casa!... Por gentileza, e, perdoai-me, que me adianto de vós, a avisar Sua excelência!... Por favor!... -desmancha-se ele em desculpas.

Em seguida, o padre-mordomo dispara à frente, com suas largas passadas ciclópicas, e o rapaz e a mocinha seguem-lhe os passos, bem mais atrás, caminhando devagar e de braços dados, através de extenso corredor.

- Das outras vezes, quando aqui estive, fez-me esperar lá fora um tempão e mal trocou duas palavras comigo!... - cochicha *João Manuel* para *Teresa Cristina*. - E andava lento feito um boi de carga!... Agora, no entanto...

Tenho a certeza absoluta de que não te reconheceu!... - observa a mocinha, mal conseguindo suster o riso. _ Como as pessoas só reparam no que anda por fora, não é mesmo?... replica *João Manuel*, meneando a cabeça. - Vendo-nos assim chegar, ostentar luxo e riqueza, trata-nos de modo diferente, concede-nos desmedida deferência!... Vês, querida, como são os homens?... Dão muito mais valor ao envoltório, à casca!...

- Agora conheces os dois lados da moeda, não é mesmo?... - diz ela. - Nesses assuntos, és mais experiente que muita gente, posto que viveste nos dois mundos: no da plebe e, ora, no da aristocracia.

- E, nem podes cogitar como as diferenças no tratamento que nos dispensam são gritantes, minha cara!... - exclama o rapaz. - Só que, ainda, não te poderia dizer, com propriedade, onde é que as criaturas são mais infames: se, neste lado, ou naquele!...

- De minha parte, acho que as pessoas, no fundo, são iguais nos dois lados!... - observa a mocinha. - Há os vis, os mentirosos, os inescrupulosos, os ladrões, os assassinos, os cobiçosos, os cínicos, os déspotas, os viciados, os viciosos, enfim, toda a imensa variedade de degradações, de imoralidades e de crimes existirá tanto nos palácios como nos casebres... O problema não estaria no ambiente em si, mas nas criaturas!...

- Acho que tens razão!... - concorda o rapaz. - Meu irmão é a prova disso!... Não teve ele sempre uma educação aristocrata?... Entretanto...

- Mostra-se tão grosseiro e deseducado tal qualquer um dos estivadores do porto e frio e calculista como o mais sórdido e o mais abjeto usurário que possa existir!... - completa ela. - E tu, por outro lado, que até agora nada tiveste de teu, tens te revelado mais cordato, mais maleável ao entendimento e ao acordo que ele que sempre teve tudo!...

- A lógica não deveria mostrar, exatamente, o oposto?... - observa ele. - Entretanto, percebo que a grande mestra das nossas existências, a ensinar-nos os verdadeiros valores morais, não é a vivência aristocrata, nem os colégios de fama e nem os grandes mestres que lá lecionam, mas a dor!... Meu irmão desconhece, por certo, o que é a dor extrema, a crueza do abandono; ainda não sentiu a cortante frieza das pessoas que, ao se depararem com seus semelhantes, vítimas das mais negras necessidades, costumam tratá-los com a mais dura impiedade e indiferença, escorraçando-os ou deles judiando como se fazem aos cães da rua!...

Neste ínterim, perceberam que o padre-mordomo aguardava-os, diante da conhecida porta do gabinete do bispo. Impressionante foi

a rapidez com que o homem, costumeiramente lento e fleumático, mostrava-se de repente, tão expedito!

- Sua Excelência aguarda-vos!... Fazei o favor de entrar!... - exclama o padre, a curvar-se em longa reverência e lhes franqueando a entrada ao gabinete do bispo.

- *Anjinho!*... - exclama, contente, *Dom Eusébio*, ao reconhecer o rapaz.
- Não supunha que eras tu!...

- Vossa bênção, senhor!... - diz o rapaz, beijando, respeitosamente o anel da mão que o bispo estendera-lhe.

- E esta "quem é?... - pergunta *Dom Eusébio*, curiosíssimo, pela elegante e delicada mocinha de quem o rapaz se fazia acompanhar desta vez.

- Oh, esta é *Teresa Cristina*, senhor!... - apressa-se o rapaz, em apresentar a jovem. - Trata-se da *Marquesinha das Alfarrobeiras!*... - e prossegue orgulhoso: - É minha noiva!...

- Noiva, nein?... Bela escolha, meu filho!... - diz o bispo, sorrindo. E estende a mão à mocinha que, dobrando o joelho, também lhe beija, respeitosamente, o anel. - Belíssima escolha fizeste!... - e, convidando-os a sentar, senta-se ele, também, e prossegue: - *Marqueses das Alfarrobeiras!*... - pergunta e, puxando pela memória: - *Alfarrobeiras... Alfarrobeiras... Acaso és filha de Jerônimo Dantas e Melo!*...

- Sim, Excelência - responde a mocinha. - Sou filha de *Bárbara e Jerônimo Dantas e Melo*.

- Conheço-os de algumas missas da catedral - responde o bispo. - Mormente das exéquias lá por nós celebradas. Mas, a que vieram?... Não ainda para acertarem a cerimônia de casamento, presumo!... - observa ele, brincalhão, como era do seu feitio.

- Oh, não, Excelência!... - exclama o rapaz, rindo-se. - Bem que gostaria que fosse!... - e, ficando sério, prossegue: - O que realmente nos trouxe até vós é que precisamos da vossa orientação. Acho que desconheceis que, depois que papai se foi, meu irmão passou a hostilizar-me mais do que já me fazia, desde quando lá cheguei,

levado por vossas mãos, conforme deveis muito bem vos recordar. Pois, após morte do meu pai, ele não me quer entregar a parte da herança que m é justa, por direito de nascimento, e além do mais, pela vontade expressa de papai, antes de morrer. Agora, entretanto, ignora-me a presença insiste para que eu deixe a casa, sem nada comigo levar!...

_ Não me digas que *João Miguel* está a fazer tais desmandos?!... – Espanta-se o bispo. - Tu tens as mesmas prerrogativas que ele!... - e, levantando-se, o bispo põe-se a caminhar, em círculos, pelo gabinete, altamente indignado. - Mas, que despautério estás a relatar-me, *Anjinho!*... Ah, se teu pai disto pudesse saber!... Não, isto não está correto!... Fizeste muito bem em procurar-me!... Amanhã mesmo irei em busca do teu irmão e lhe passarei séria descompostura!... Onde já se viu tamanho vilipêndio?... Ainda mais entre irmãos?... Não, *Anjinho!*... Teu irmão que me aguarde!...

Pouco depois, no carro, de volta, *João Manuel* e *Teresa Cristina* achavam-se um pouco mais animados.

- Crês, mesmo, que o teu irmão acatará os conselhos de *Dom Eusébio!*... - pergunta a mocinha.

- Se não os ouvir, será sinal de que tenho, de fato, um monstro por irmão!... - responde o rapaz. - *Dom Eusébio* é a pessoa mais doce e mais cordata que conheço neste mundo!... Se ele não tiver a capacidade de demover *João Miguel* dessas idéias, ninguém mais o terá, minha querida!...

Teresa Cristina ia responder que não alimentava muita expectativa de que *João Miguel* fosse atender à mediação que o bispo faria. Entretanto, optou por nada dizer. Não queria tirar as esperanças do seu amado. Mas, no fundo, sabia como era o caráter do outro: *João Miguel* mostrava-se mau e vil, capaz de praticar ações terríveis, até mesmo de matar, se isso fosse necessário!... Limita-se, então, a apertar forte a mão do seu amor e a lhe sorrir, ternamente. Precisava passar-lhe força e confiança; precisava estar ao seu lado, fosse qual fosse o resultado que de tudo aquilo adviesse!... Bom ou mau!... Um

arrepio, então, perpassa-lhe o corpo de alto a baixo. Arrepio de medo, de terror até. Que lhes estaria reservando o destino?...

- Estás tremendo, *Tininha!*... - observa o rapaz, percebendo-lhe o ligeiro tremor às mãos que ele, apaixonadamente, segurava entre as suas.

- Oh, estou com frio!... - mente ela. - É o inverno a chegar!... Ele, então, aconchega-a a si e a abraça forte. Ela emite longo e fundo suspiro e pensa: "*Que Deus nos ajude!... Que Deus, realmente, tenha muita piedade de nós...*"

Desde o terrível entrevero, ocorrido na casa de *Manuela, João Manuel* e *João Miguel* pouco se haviam avistado. Nos raríssimos e fortuitos encontros, mantidos no lar, apenas se trocaram ligeiros olhares carregados de ódio e de ressentimento. Era certo que a convivência entre ambos, naquele mesmo espaço, tomara-se impossível. Não havia agora, nenhuma possibilidade de reconciliação, de acerto, de uma mínima amizade surgir entre os irmãos. Nem mesmo a viabilidade de se tolerarem, mutuamente, existia. O único e possível elo de ligação que existiria entre ambos - o pai -, já não mais se encontrava ali e, portanto, não passavam de dois estranhos a habitarem a mesma casa.

O inverno chegara frio e triste. A paisagem apresentava-se monótona e sem graça. O céu, costumeiramente aberto num azul esplendente, ora se encontrava plúmbeo, carregado de pesadas nuvens cinza a passarem céleres, tangidas pelo vento frio e enregelado que soprava do norte. As árvores dos bosquetes e dos jardins, antes muito verdejantes, ora exibiam, pateticamente, seus galhos desfolhados, à semelhança de tétricos braços descamados que, embalados pela força do vento, eram como se, incansavelmente, acenassem desolados adeuses. O inverno é, sem dúvida, uma estação muito triste, sem viveza. A natureza enfeia-se, enormemente, nessa época; é como se tudo morresse, como se, de repente, o mundo inteiro se transformasse num lúgubre cemitério e as pessoas, sem muito ânimo, a envergarem excesso de agasalhos, e

a exibirem expressiva palidez às feições pela falta do sol, fossem as almas penadas ali a vagarem tristes e altamente desconsoladas.

João Miguel, neste inverno em particular, achava-se mais acabrunhado que antes. Passava aqueles longos e intermináveis dias hibernais trancado em seus aposentos, a ler e a bebericar taças e mais taças de vinho, aquecendo-se junto ao fogo da lareira. O violento sentimento de ódio contra o irmão avolumava-se, ganhando proporções de não mais lhe caber dentro do peito. Precisava pôr em prática o plano de afastar, de vez, o irmão do seu caminho!... E, sentado junto ao fogo, repassava, nos mínimos detalhes, o plano que arquitetara para enredar seu desafeto em roubada de que não pudesse jamais livrar-se!... Rejubilava-se, imensamente, no íntimo, sempre após repassar, indefinidas vezes, os passos do plano que, insuflado pelo espírito de *Madalena*, que dali não arredava pé, a inspirar-lhe, contínua e ininterruptamente, os ensejos de vingança contra o irmão. *João Miguel* desejava, ardentemente, vê-lo preso, acusado de furto e, uma vez julgado e condenado, o desterro!... Desterrado para sempre para uma das colônias de além-mar!... Não era essa a pena que se aplicavam aos delinqüentes?... Ao espírito de *Madalena*, interessava, somente, afastar *João Manuel* de *Teresa Cristina*, para que *Gerusa* pudesse aproximar-se e se insinuar ao rapaz. No fundo, vinha enganando *João Miguel*. Insuflava-lhe o ensejo de vingar-se de *João Manuel*, mas, na hora aprazada, o que pretendia, mesmo, era inverter a situação!... Daria um jeito de *João Miguel* ser o incriminado, de pagar pelo nefando crime que praticara!...

Naquela tarde de inverno, *João Miguel*, finalmente, achava-se pronto para executar seu plano. O tempo abria-se um pouquinho; o vento amainara-se, e as nuvens haviam, temporariamente, desaparecido do céu. Um tímido sol lançava amarelada claridade sobre a paisagem úmida e friorenta. O solo fumeava e, nos baixios, espessa névoa formava-se. Satisfeito, o rapaz põe-se a vestir-se. Iria executar o seu plano!... A um canto e largamente excitado, o espírito de

Madalena exultava!... Com olhos cheios de plena satisfação, observava o rapaz que se preparava para sair, escolhendo roupa propícia para aquele mister. Adrede, ele houvera preparado os apetrechos de que se utilizaria para executar seu plano e os mantinha numa sacola de lona. Em pouco tempo, estava pronto e, retirando de dentro de um armário a sacola de antemão preparada, lança um último olhar à sua bela imagem refletida no amplo espelho de cristal e sai. O espectro de *Madalena* sai-lhe no encalço, colando-se a ele como uma sombra. A noite já caía e, enquanto percorria os corredores da casa, sorria satisfeito. Sabia que o irmão, em pouco, também sairia a ver a noiva!... Mas, ele teria que chegar primeiro, a amoitar-se, até que desse a hora certa!...

Duas horas depois, deixava o coche numa das ruas próximas à casa de *Manuela* e instruiu o cocheiro a aguardá-lo ali. Cobrindo-se, então, com negra e longa capa e, sobraçando a sacola de lona, *João Miguel* ruma para o alto muro que dava para a lateral da propriedade de *Afonso Albuquerque e Meneses*, o lado que limitava com o pequeno bosque. Pouco depois e à semelhança de um reles ladrão, atira a corda com um gancho à ponta e, sem muita dificuldade, escala o alto muro de pedras. A escuridão da noite de inverno facilitou-lhe a rápida escalada e, em Pouquíssimo tempo, galgava o muro, descendo, já, do outro lado. Uma vez no meio do bosque, caminha sem muita dificuldade, posto que conhecia muitíssimo bem o lugar e, camuflado pela escuridão reinante, chega até o limiar do bosque que divisava, do outro lado, com o jardim que margeava toda a residência. Espia a casa, que se iluminava parcialmente, apenas na parte fronteira; as demais dependências encontravam-se totalmente às escuras. O rapaz dá-se por satisfeito e se oculta atrás do tronco de uma árvore. Agora era só esperar... Esperar e pôr em prática o plano. Sabia onde *Manuela* guardava as jóias!... Jóias espetaculares; preciosíssimas e raras jóias que ele iria roubar e depois... E se ri satisfeitíssimo, antegozando, enormemente, o resultado do escândalo!... Depois, escondê-las-ia

todas no quarto do irmão!... E, o passo seguinte seria só fazer a denúncia!... O tal não era um ladrãozinho à toa que viera das ruas?... Não teria ele, acaso, o hábito de roubar?... Ninguém o sabia... *"Oh, como poderia imaginar que meu irmãozinho, vindo das ruas, tinha o terrível hábito de roubar, senhor inspetor Venâncio da Silveira?..."*, pensa ele e se ri. *"Mas, não o defenderei, caríssimo inspetor!... Faça cumprir-se a lei!... Se roubou, terá de pagar pelo seu crime!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!..."*.

O espírito de *Madalena*, que se postava bem colado a ele, também se ri. *"Tu verás, desgraçado, quem é que se rirá com mais gosto!..."*, pensa o espectro, com expressão feroz ao rosto, e a olhar para o rapaz, tinindo de ódio. *"Pensas que sairás vencedor também desta vez!— Mas, aqui estarei para garantir que faças tudo errado!..."*

Bom tempo depois, um coche estaciona no pátio calçado de pedras, diante da mansão. A fraca iluminação dos lampiões a óleo dos postes que ladeavam o jardim fronteiro permite a *João Miguel* divisar o irmã que saltava do carro e, resolutamente, punha-se a galgar os degraus de mármore branco da escadaria da entrada principal.

- O maldito acaba de chegar!... - murmura *João Miguel* entre dentes. - Aguardemos!... E preciso ter paciência, muita paciência deixar as horas correrem!... Não tenho pressa!... Que conversem bastante, que bebam bastante vinho... Depois, que jantem... E, quando se acharem despreocupados, sonolentos, já bem mais tarde, agirei com total segurança...

O tempo correu devagar. A noite avançou. A mansão foi silenciando; a maioria das luzes foi apagando-se; a criadagem, exausta e sonolenta pela extensa faina do dia, recolhia-se a seus cubículos para o merecido

descanso. Ao ouvir que o ruído característico vindo do salão de jantar foi diminuindo, *João Miguel* deixou, sorratamente, seu esconderijo e se dirigiu, como uma sombra, para a ala dos dormitórios e, com precisão total, arremessou a corda com o gancho

à ponta, que se prendeu, com bastante facilidade e já na primeira tentativa, à grade de ferro do balcão de uma das janelas do amplo aposento de *Manuela*. Em seguida, lépido como um gato, escalou a alta parede e, em pouquíssimos minutos, estava ele lá em cima, a forçar a janela que não lhe ofereceu muita resistência e, abri-la, não lhe custou mais que alguns minutos de minuciosa sondagem com a afiada ponta de seu punhal. Em pouco tempo, encontrava-se no amplo dormitório de *Manuela*. Leve penumbra invadia o quarto, semi-iluminado pelas velas de um castiçal, a arderem bruxuleantes, sobre um dos aparadores. O rapaz sonda, minuciosamente, o ambiente. Em seguida, encaminha-se até a porta que se achava cerrada e examina a maçaneta. A fechadura encontrava-se destrancada. Aquilo poderia ser um transtorno para ele; entretanto, se trancasse a porta a chave, por dentro, e alguém chegasse, estranharia o fato. Teria de correr o risco de ser surpreendido ali; entretanto, conhecia os hábitos de *Manuela*. Dificilmente ela se dirigiria aos seus aposentos naquele momento; costumava deitar-se muito tarde e se encontraria, possivelmente, em companhia de *João Manuel* e da prima, agora, na sala de estar, a bebericar taças e mais taças de vinho licoroso. Não se importou muito com aquele detalhe e optou por deixar a porta destrancada. Volta a concentrar-se em seu objetivo maior: as jóias. Sabia onde *Manuela* guardava-as, pois, das inúmeras vezes em que ali estivera, a usufruir-lhe da intimidade, notara onde ela guardava seus petrechos valiosos. E, sem titubear, põe-se a forçar, com a ponta do seu punhal, a fechadura da porta de grande armário de carvalho negro, executado em pesado labor. A fechadura, embora pequena, era de robusta constituição e se lhe opunha certa resistência à abertura, e ele, pertinazmente, insistia. Percebeu, depois de instantes de tentativa, que não lhe iria ser muito fácil devassar aquela tranca, mas, como costumava ser deveras obstinado em seus propósitos, não iria desistir, por certo. E, ao seu lado, a insuflar-lhe ensejos de persistência no esbulho do móvel, o espírito de *Madalena* encoraja-o

a continuar, sussurrando-lhe, insistentemente, aos ouvidos: "*Vamos, tolinho, tu abrirás essa tranca!... Tu sabes que a abrirás... Não vais desistir, agora que estás tão perto de realizares o teu intento!...*",

e se abre num sorriso cheio de cinismo. "*E, aguarda-me, aí, compenetrado em teu mister, que já me vou a arranjar-te a encrenca*"- e emite estrondosa gargalhada, pejada de satisfação: - *Ha!... Ha' Ha!... Ha!...*

Em seguida, satisfeitíssimo, o espectro de *Madalena* deixa o quarto e se dirige ao salão de visitas onde se achavam os três - *Manuela João Manuel* e *Teresa Cristina* - a bebericar vinho e a conversar.

- Dizes, então, que *Dom Eusébio* esteve com o teu irmão? - perguntava a esposa de *Afonso Albuquerque e Meneses*, no exato momento em que *Madalena* adentrava o salão.

- Sim, *Dom Eusébio* lá esteve, dias atrás, a confabular com *João Miguel* por toda uma tarde - responde, desolado, o rapaz. - Entretanto, nosso querido amigo, apesar de ter empregado todos os seus argumentos de bom conselheiro que, indubitavelmente, sempre demonstrou ser, nenhum milímetro sequer conseguiu demover das idéias preconcebidas que meu irmão, infelizmente, faz ao meu respeito!... Considera-me um intruso, um usurpador!...

O espectro de *Madalena*, então, posta-se bem no meio dos três, que se achavam confortável e despreocupadamente sentados nos divãs e fita, demoradamente, o rosto de *Manuela*. Por instantes, fica a admirar-lhe a estonteante beleza, a riqueza do lindíssimo vestido de veludo branco, o esplendor das jóias que ostentava e a desenvoltura dos gestos.

- Tu me servirás aos propósitos, madama!... - exclama o espírito, em seguida, colocando-se bem próximo de *Manuela*.

E, com firme e preciso gesto, pondo nele toda a sua vontade, dá violento tapa à mão de *Manuela* que segurava delicada taça de cristal cheia de vinho. A *Baronesa da Ajuda*, então, como que lhe percebendo, intrinsecamente, o brusco gesto, pareceu assustar-se e,

estouvadamente, deixa a taça tombar-se-lhe sobre o colo! O líquido rubro ensopa-lhe o vestido, abrindo larga nódoa rubente.

- Oh, que maçada!... - exclama *Manuela*, altamente amolada pelo gesto estabanado que fizera, ao entornar a taça de vinho sobre si mesma.

- Molhei-me toda!...

-Ah, que lamentável desastre, prima!... - exclama *Teresa Cristina*.

- Tais coisas soem acontecer, *Manuela!*... - diz o rapaz, consolando-a.

- Paciência!... Deve ser o sono a vir ligeiro!... Já é bem tarde!...

- Oh, que remedio!... - exclama ela, levantando-se. - Mas, deve ser mesmo o sono a chegar. Ou o vinho!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... - gargalha e prossegue, a emitir extenso bocejo: - Ui, que me pesam tanto os olhos!.. Devo recolher-me, sem delongas, ou acabarei por aqui cair, mortinha de sono, diante de todos!... Mas, não te vás, ainda, por isso, *Anjinho*... Melhor pernoitares conosco!... Não te quero a viajar pelos caminhos, a altas horas da madrugada!... Tu, possivelmente, serás meu parente, e não desejo que passes apuros por aí!... - e, voltando-se para a criada que, inutilmente, tentava limpar a mancha de vinho do vestido da patroa com a ponta do avental: - E, quanto a ti, *Inácia*, vai dormir, que te achas mais tonta de sono do que eu!... Se me vens ao encalço, só me atrapalharás, com a tua lerdexa!... Deixa que me viro sozinha!... Antes só que mal acompanhada!... Anda, pára de amolar-me com esse horroroso avental!... Passa fora daqui, sua tonta!...

A criada faz ligeira mesura e sai a cambalear de tanto sono. E, não menos trôpega que sua serviçal, *Manuela* sai em seguida, tomando o rumo dos seus aposentos.

João Manuel e *Teresa Cristina* permanecem a sós a conversar no salão de visitas. Neste exato momento, *João Miguel* já houvera arrebatado a fechadura da porta do armário e, facilmente, encontrara o portajóias de *Manuela* e, antes de surripiar algumas daquelas preciosidades, abrira o bauzinho de prata, onde estava o valioso tesouro, e se achava prestes a guardar algumas das peças mais

vistas em sua sacola, quando ouve o ruído da maçaneta da porta girando. Surpreendido pelo inesperado, o rapaz mal tem tempo de apanhar o punhal que trazia preso à cintura, e *Manuela* já adentrava o quarto.

- Tu?!... - exclama ela, estarecida. - Que fazes aqui, a agires, assim, à sorrelfa?...

O rapaz nada diz. Movido pelo nervosismo ou mesmo atizado pela intensa contrariedade a lhe desviar os planos, já em plena execução, enraivecesse-se, grandemente; puxa, então, a mulher, bruscamente, pelo braço, e, violentamente, tapa-lhe a boca com uma das mãos. E, numa rapidez estupenda, sem que ela, na verdade, pudesse sequer perceber o que de fato ocorria ali, finca-lhe, friamente, o punhal ao peito, em golpe firme, certo, fundo...

A *Baronesa da Ajuda* emite um longo gemido, pungente, de intensa dor e leva ambas as mãos ao peito. Uma imensa mancha brota-lhe, instantaneamente, vermelho-escuro, fundindo-se à outra, já ali existente.

- Maldito!... Monstro!... - balbucia ela, encarando-o com os olhos desmesuradamente abertos. E, emitindo longo e fundo gemido de dor tomba, pesadamente, sobre o piso de granito cinza.

O espectro de *Madalena*, postado ao lado, a tudo assistia, estarecido Deus do céu!... Não previra aquilo!... O demônio matara a mulher! Cometia outro nefando crime, sem titubear!...

- Maldito!... Demônio!... - grita *Madalena*, tentando, inutilmente agarrar o rapaz com as mãos e ali segurar o infeliz que, colocando apressadamente, as jóias de *Manuela* à sacola, ansiava por deixar, rapidamente, o local.

Recolhidos, rapidamente, os objetos que desejava, *João Miguel* encaminha-se à porta e a tranca à chave. E, antes de deixar o quarto, olha para o cadáver de *Manuela* que jazia de bruços no meio de uma poça de sangue.

- Que pena que acabaste assim, caríssima *Manuela!*... - murrmra ele. E, meneando a cabeça, prossegue: - Pena, mesmo, pois tu sabias levar um homem às estrelas como ninguém!...

Depois, ligeiro, *João Miguel* ganha a janela e, com bastante habilidade, fecha-a atrás de si. Precisava, bem depressa, deixar aquele local. A porta do quarto, agora, achava-se trancada por dentro. Todos imaginariam *Manuela* a dormir e, possivelmente, o corpo só seria encontrado quando o dia clareasse e bem tarde!... Agora, era mister safar-se dali mais rápido possível, pois, em hipótese alguma, poderia achar-se ligado àquele crime!... Ser-lhe-ia fatal!... Ao deixar o balcão, a descer, rapidamente, pela corda, até o chão, percebia que nada se movia dentro da casa ou em derredor dela, sinal de que sua entrada ali não fora notada. E, uma vez lá embaixo, rapidamente, desvencilha a corda do balcão e a recolhe. Não poderia deixar nenhuma prova patente de que alguém mais ali estivera!... A culpa de tudo aquilo deveria recair, plenamente, sobre o irmão!... Pelo que sabia dos hábitos do outro, o talzinho pernoitaria n mansão, fato que lhe agravaria ainda mais as suspeitas que, fatalment recairiam sobre ele, como autor do assassinato de *Manuela*. Agora, j caminhando ligeiro, por entre as árvores do bosque, e protegido pelas trevas da noite, *João Miguel*, aos poucos, sentia-se aliviar da enorme tensão. O golpe saíra-lhe melhor que a encomenda!... Rápido, chega a muro da divisa com a ma e ligeiro, arremessa a corda com o gancho. Vencido o derradeiro obstáculo, ganha a ma e, quase a correr, rapidamente, alcança o coche que o aguardava em lugar próximo. Cutuca o cocheiro que dormitava e, em pouco, sentia-se serenar, totalmente, reclinado ao assento da sua carruagem, rumando de volta a casa. No escuro do carro, ri-se satisfeitíssimo com a própria atuação.

_ Saiu-me melhor que a encomenda!... - murmura, abrindo pleno sorriso de satisfação. - Agora, caríssimo irmão bastardo, não mais o desterro para além-mar, mas a força!... Para o latrocínio não há perdão ou misericórdia!... Os juízes são implacáveis: força!... Ha!...

Ha!... Ha!... Ha!..- E, mais um pequeno detalhe para que tudo se resolva a contento: que descubram o cadáver da bela *Manuela* e o conseqüente sumiço das suas jóias, as quais pretendo, ainda esta noite, ocultar em teu quarto!... Depois a denúncia!...

A seu lado, extremamente encolerizado, o espectro de *Madalena* olhava-o com olhos carregados de ódio.

- Ah, desgraçado!... - murmura o espírito, tentando, inutilmente, aplicar-lhe violento bofetão à face. - Mais uma vez tu te saístes bem!... Menosprezei-te a esperteza!... Oh, como fui imbecil, crendo que poderia vencer-te, que poderia enredar-te nas teias que tu mesmo urdiste!...

Algum tempo depois, *João Miguel* chegava a casa. Tudo estava em absoluto silêncio e, disso se aproveitando, sem fazer o mínimo ruído, encaminha-se aos aposentos do irmão e experimenta a maçaneta da porta. Estava aberta!... O imbecil não cultivava o hábito de trancar a porta ao sair!... Entra, então, e procurando lugar específico, oculta, rapidamente, as jóias roubadas de *Manuela* entre os pertences do irmão. Depois, emitindo largo sorriso de prazer, encaminha-se a seus próprios aposentos. Estava exausto. Em breve, o dia amanheceria, e ele precisava dormir. Seria preciso, então, aparentar descanso e fingir naturalidade e assombro para logo mais, quando as notícias da tragédia chegassem...

Antes, porém, de ganhar o leito, *João Miguel* serve-se de grande taça de vinho. Estava sedento e faminto pelo grande esforço despendido. Despe-se das roupas sujas e se veste para dormir; em seguida, senta-se numa poltrona e passa a degustar, demoradamente, o vinho, em goles curtos, enquanto rememora, passo a passo, as ações daquela noite. Intensa satisfação enche-lhe o peito. Na semi-obscuridade do quarto, abre um sorriso pleno de contentamento.

- Agora verás, bastardo, se meterás as tuas imundas patas na metade de tudo o que me pertence!... - murmura baixinho. - Pensaste, acaso,

que me roubarias, idiota?... Ah, jamais deixaria que fizesses isso!... Jamais imbecil!... E, ainda, de vantagem, pretendias, também, levar a mulher que escolhi por minha companheira?... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Ah como menoscabaste a minha inteligência!...

A um canto, o espectro de *Madalena* olhava-o, cheio de ódio.

- Mais um pouquinho, demônio!... - exclama o espírito, a rilhar os dentes de raiva e de indignação. - Mais um pouquinho e tu verás!...

Em pouco tempo, o cansaço e os vapores do vinho trazem sonolência insustentável a *João Miguel*. Zonzo pelo sono, depõe a taça sobre um móvel e se lança sobre a cama. Em segundos, dá-se a metamorfose de que os homens não costumam lembrar-se com muita clareza, quando em vigília. Mal o rapaz arrojara-se inerte sobre o leito, espessa nebulosidade brilhante passou a flutuar-lhe um palmo acima do corpo exangue. E, agitando-se em rapidíssimo torvelinho, a nuvem cintilante tomou a forma do corpo que dormia sobre a cama.¹ Cópia fiel do outro, só que, mais sutil, mais iridescente, mais brilhante, como se fosse de névoa. Então, ligeira como uma raposa, *Madalena* aproxima-se e o agarra, ferozmente, pelo pescoço.

- Maldito!... Demônio!... - grita o espectro da assassinada, altamente enfurecido, tentando esganar o outro.

- Tu?!... - exclama a forma espiritual de *João Miguel*, tomando-se de terror. - Não pode ser!... Matei-te tempos atrás!...

- *Pensas* que me mataste, demônio dos infernos!... - grita o espírito, lanhando as faces do rapaz com as unhas. - Mas, aqui estou, muito viva para vingar-me de ti!...

1. O perispírito, na terminologia espírita. Trata-se de invólucro fluídico, vaporoso, quantessenciado, semimaterial do Espírito, com flexibilidade e expansibilidade e que participa um só tempo, no dizer de Allan Kardec, da "eletricidade, do fluido magnético, e, a1 determinado ponto, da matéria inerte." Vide esse assunto com maior propriedade em *Gênese*, edição da Federação Espírita Brasileira ou em estudos realizados, posteriormente, por Gabriel Dellane, e que se mostram, também, altamente embasados cientificamente.

- Não!... - brada o rapaz, tentando desvencilhar-se do ataque de *Madalena*. - Isto é um pesadelo!... Não é possível!... Eu te matei!... Tu estás morta!...

- Enganas-te, meu caro!... - grita o espírito, lançando novo e feroz ataque com as unhas. - Não existe morte!... Tu verás como te equivocas!... Achas, também, que, há pouco, mataste *Manuela*, não é?.. Mas tu a verás viva!... Ah, se a verás!...

João Miguel, tomado de alto desespero, tentava desvencilhar-se dos briosos ataques de *Madalena*. Em vão, lutava para retornar ao corpo, mas este se encontrava altamente extenuado e necessitava de refazer as forças, situação em que o espírito não consegue retomar a vigília. *Madalena* exultava.

- Percebes, desgraçado?... - grita ela, humilhando-o e o tratando como igual: - Hoje te encontras tão cansado pelo esforço que despendeste, ao executares teu nefando crime, que o teu corpo não te obedece!...

- Deixa-me, maldita!... - exclama o rapaz, desesperando-se. E ameaça: - Ou te matarei de novo!...

- Ah, é?... - diz *Madalena*, arrostando-o. E bazofia, enchendo-se de finíssima ironia: - Pois, fazei-o, senhor *Barão da Reboleira*!... Fazei-o, se tendes tal poder!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Mortos não podem mais morrer, Excelência!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

João Miguel sente-se desesperar. Aquilo era um pesadelo!... Sim, não passava de um terrível pesadelo e, logo, iria acordar-se e se livrar daquela louca!...

- Pensais que estais a sonhar, não é, senhor barão?... - prossegue *Madalena*, sarcástica, com o intuito de atormentar o rapaz. - Mas, garanto-vos que não vos achais a sonhar, não, Excelência!... Não existe morte!... Ledo engano pensar-se que se mata alguém!... Ninguém morre!... - e, apontando para o corpo do jovem que ressonava sobre o leito, prossegue cheia de desdém: - Morre, sim, o corpo, como podeis facilmente observar o vosso que aí se encontra!...

João Miguel olha para o seu corpo que jazia, displicentemente, sobre o colchão. Aproxima-se e o observa atentamente. Teria razão aquela mulher enlouquecida, toda ensangüentada, suja de lama até os olhos e a exalar um terrível odor pútrido, a causar-lhe intenso enjôo ao estômago, e que ele, pretensamente, matara, tempos atrás?... De repente, tremeu. E se ela tivesse razão?... E se, de fato, não morremos?...

-Asseguro-vos, senhor barão, que ninguém morre!... - continuava ela, furiosa, rodeando-o feito uma galinha choca afrontada em seu ninho. -Muito em breve deduzireis que tenho razão!... Atormentar-vos-ei, noite e dia, sem tréguas, até que enlouqueçais!... E espero aliar-me à *Manuela*, coitadinha, que, nesta fatídica noite, também pereceu, covardemente abatida, pela ação do vosso traçoeiro punhal!...

Um frêmito de pavor percorre o corpo espiritual de *João Miguel*. Se, realmente, não morremos, *Manuela*, estaria por ali, à espreita!...

- Em breve, senhor barão - prosseguia o espírito de *Madalena*, penso trazer a vossa segunda vítima para cá, com o propósito de auxiliarme a enlouquecer-vos!... Não vos desejo morto, já, não, barão!... Primeiro, quero ver-vos sofrer!... Sofrer muito!... Sofrer as penas infernais, antes de matar-vos, como, covardemente, fizestes a mim e à *Manuela*!... Mas, não vos esqueçais de que já tendes a terceira vítima engatilhada: vosso irmão!... Esquecestes?... Também ele morrerá, por certo, posto que tudo fizesse com o intuito de incriminá-lo, não é assim?... E, o pobre *Anjinho* dificilmente escapará à forca!... A menos que vós confesseis o vosso delito!... Mas, isso não fareis, não é?... Sois um grandíssimo covarde!... Como é que enfrentaríeis o julgamento, a condenação e o carrasco?...

João Miguel pensava. Sim, ela tinha razão. Seu irmão já se encontrava condenado de antemão. Dificilmente escaparia às provas que ele lhe semeara, tão evidentemente, às pegadas!...

Neste ínterim, a luz do sol coalhou-se pelos interstícios da grande janela do aposento. O dia surgia. De um salto, *João Miguel* ganhou o

corpo. *Madalena* tentou retê-lo, mas ele lhe foi mais ligeiro. Em segundos, o rapaz despertava em seu corpo. Abriu os olhos e se mexeu, devagar, esticando a musculatura entorpecida. Primeiro, ainda tomado de intensa sonolência, estirou longamente os membros. Depois, devagar, sentou-se à beira do leito. Passou o dorso das mãos sobre os olhos inchados pelas horas de sono. Vêm-lhe, então, à cabeça, retalhos de cenas confusas. Uma mulher desgrenhada e suja atacava-o e lhe gritava coisas incompreensíveis. Levanta-se, ainda com dificuldade e se encaminha ao toucador. Apanha a jarra de louça branca, despeja a água fria na bacia e lava o rosto repetidas vezes. Depois, enquanto se enxugava, murmura baixinho:

- Que pesadelo estranho!... Que coisas doidas!...

Depois, põe-se a vestir-se caprichada e minuciosamente. Precisava aparentar tranqüilidade. Em pouco, sabia, a notícia da tragédia espalhar-se-ia pela cidade como folhas secas ao vendaval...

- A notícia logo se espalha... - murmura ele. E, enquanto se olhava no grande espelho de cristal, a pentear, primorosamente, os cabelos, abre um sorriso e prossegue cheio de contentamento: - E será o teu fim, querido irmãozinho!... O teu fim!... Ouviste bem?... - e gargalha, extravasando a grande euforia que o dominava plenamente: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

Capítulo 27

Traição

A manhã do dia subsequente ao terrível assassinato de *Manuela* nada ainda apresentava de anormal. Ninguém houvera dado por nenhuma alteração na rotina da casa; a criadagem, sempre

madrugadora, desenvolvia suas tarefas habituais, procurando manter relativo silêncio, pois a patroa costumava levantar-se sempre tarde e não gostava de se ver perturbada enquanto dormia. Destarte, o nefando crime, por horas, ainda se mantinha oculto. Só bem mais tarde, por volta de doze horas, é que *Teresa Cristina* e *João Manuel* - que houvera dormido na mansão -, já se haviam levantado e tomavam juntos o desjejum no salão de refeições.

- Estranho!... *Manuela* ainda não se levantou!... - observa, intrigada, a mocinha. - A esta hora, ela sempre se encontra desperta, a tomar o desjejum!...

- Será que está a passar mal?... - pergunta *João Manuel*. E prossegue jocosamente: - Ontem à noite, no entanto, o único mal que a acometia não passava de uma incontrolável sonolência!... Nada mais que isso!...

- *Inácia* - diz *Teresa Cristina*, interpelando a criada que os servia -, acaso já mantiveste hoje algum contato com a tua patroa?

- Não, senhorita dona *Teresinha* - responde a serviçal. - A senhora baronesa detesta que a importunemos!... Lá acorremos, somente quando ela nos solicita a presença!

- Entretanto, estou cá a estranhar esse procedimento incomum de *Manuela*!... - observa a mocinha. - Ela, dificilmente, sai da sua rotina!... Será que adoeceu?...

- E por que não mandas averiguar? - sugere o rapaz. - Olha que já passa do meio-dia!...

- Tens razão! - responde *Teresa Cristina*. E, ordenando à criada: - *Inácia*, dirige-te aos aposentos de dona *Manuela* e bate à porta!...

- Mas, senhora dona *Teresinha*!... - reluta a serviçal. - A patroa proíbe-nos que lhe batamos à porta, enquanto repousa!... Vede bem que ela me castigará por tal desobediência!...

- Não te castigará, *Inácia*]... - retruca a jovem. - Se te maltratar dir-lhe-ei que fui eu a ordenar que lá fosses importuná-la!... Anda! Estou a ordenar-te, vamos!...

- Se assim desejas, senhorita... — diz a criada, fazendo ligeira reverência e, ainda bastante relutante, deixa a sala.

Em pouco, a criada retomava altamente intrigada.

- Senhora dona *Teresinha* - diz ela, nervosa -, bati, insistentemente à porta, e chamei pela senhora baronesa por diversas vezes, e nenhuma resposta obtive de volta, nem um raído sequer!... Encostei o ouvido à porta, voltei a bater e a chamar, mas nada!... Experimentei a maçaneta, porém a porta encontra-se trancada!... Estranho, porque dona *Manuela* tem o sono levíssimo!... Costuma acordar-se ao menor dos raídos!...

- Então está a passar mal!... - exclama *Teresa Cristina*, levantando-se. E prossegue, demonstrando alta preocupação: - Que achas, *Anjinho!*

- E possível que esteja, efetivamente, a passar mal!... - responde o rapaz. - E, se assim for, teremos de chamar um médico!...

- *Inácia*, depressa - ordena à criada -, apanha uma cópia da chave do quarto de *Manuela*]... Presumo que deva haver uma, pois não?

- Sim, senhorita dona *Teresinha!*... Sei onde está!... - responde a criada, aprestando-se. - Corro a buscá-la!...

Pouco depois, a criada trazia a chave, e os três ganhavam, rapidamente, o andar de cima, ramo aos aposentos de *Manuela*.

- Abre a porta!... - ordena *Teresa Cristina* à criada. A mulher ainda hesita, por instantes, em cumprir a ordem recebida.

Teresa Cristina exorta-a a obedecer, com um olhar carregado de impaciência. A chave é introduzida, então, na fechadura, um estalido seco ouve-se, e a porta abre-se.

- Deus do céu!... - grita a criada, levando ambas as mãos à cabeça, em grande desespero. - Dona *Manuela!*... Ai, Jesus Cristo, quanto sangue!-

Diante do terrível quadro, *Teresa Cristina* e *João Manuel* olham-s-estarrécidos. Sim, era verdade. Apesar da ligeira penumbra que invadi o aposento fechado, era possível perceber-se tudo: *Manuela* jazia braços ao chão, no meio de uma poça de sangue.

Teresa Cristina sente-se tontear. Suas vistas turvam-se, de repente, ela se acha na iminência de desfalecer. O rapaz, percebendo-lhe a intensa palidez à face, apara-a ligeiro.

_ *Tininha!*... *Tininha!*... - grita ele, apertando-a junto ao peito. - Sê forte!..- Não te deixes levar, não!...

- *Manuela!*... - balbucia ela. - Que fizeram a *Manuela?*... - e as lágrimas inundam-lhe os olhos.

_ *Vem!*... - diz o rapaz, puxando-a para fora do quarto. - Melhor não veres tal coisa!...

Delicadamente, ele conduz a jovem a seus aposentos, que ficavam na mesma ala, apenas a alguns passos dali. Neste comemos, ouvem-se os gritos estentóreos de *Inácia* a ecoarem pelos corredores:

- Dona *Manuela* está morta!... Ai, Deus do céu!... A patroa está morta!...

Desespero ímpar, então, tomou conta da mansão de *Afonso Albuquerque e Meneses!* A criadagem toda acorria, alertada pelos gritos de *Inácia*, que percorria a casa toda a gritar feito uma doida e, em pouco, o cadáver de *Manuela* estava rodeado pela dezena de seus antigos servidores a olharem-na, caída e toda descomposta, no meio da poça de sangue.

- A senhora dona *Manuela* morreu!...

- Ai, Deus, e não é que é mesmo?...

- De morte morrida ou de morte matada?...

- Acho que mataram a pobre!... Vi tanto sangue em derredor!...

- Que judiação!... Pessoa tão fina!...

- Que Deus a tenha!...

- Ai, Nossa Senhora!... Virgem Mãe Santíssima!... Então mataram a senhora baronesa, é?...

- Sim!...

- E quem foi?...

- A facadas!...

- Cruz-credo!... Esconjuro!...

- Quem será que foi, hein, gente?...

A confusão geral instalou-se. Criados corriam, de um lado para outro, descontraídos; os homens olhavam-se mudos, cheios de respeito e de medo; as mulheres choravam, descabelando-se e emitindo terríveis gritos pungentes, verdadeiros urros de desespero, como era hábito época, externar tais emoções, de forma tão ostensiva, diante do obscuro enigma da morte, tido como algo insondável, inexpugnável - o grande-mistério que sempre rondara o orgulho e a prepotência do homem! A morte!... A invencível morte, a evidenciar a fragilidade da vida, a transitoriedade de tudo!...

- Toca a chamar as autoridades!... - diz *João Manuel* para *Teresa Cristina* que já principiava a recuperar-se do intenso choque.

- Sim - concorda ela. - E também os parentes!... - *Manuela* tinha uma porção de irmãos...

- Fica quieta aqui, tranqüiliza-te, que me ponho a tomar as providências - diz ele.

Em seguida, enquanto caminhava pelo extenso corredor, *João Manuel* perguntava-se quem teria feito aquilo. Era-lhe difícil aceitar que *Manuela* houvera tido uma morte tão violenta como aquela. Na noite anterior, haviam permanecido na sala de estar, ele e *Teresa Cristina*, até bem mais tarde, e nada tinham ouvido, nenhum ruído, nada de incomum haviam percebido. Entretanto, o assassino entrara na casa executara *Manuela*, possivelmente, no momento em que ela subira ao quarto para dormir. O maldito já deveria estar por lá, escondido, a aguardar que ela chegasse. Mas, quem seria?... Por outro lado, *Manuela* era dada a receber homens em seus aposentos... Metade dos estivadores do porto já estivera com ela... Certamente, houvera sido um deles... Preterido, desprezado, como ela, freqüentemente, costumava fazer, ao enjoar-se dos seus amantes... Não fizera isso com ele tantas vezes, antes?... Quantas vezes ele não tivera ganas de lançar-se sobre ela e de sufocá-la com as mãos até que ela morresse, quando ela o humilhava e zombava dele?... Ela gostava de lançar-lhe às fuças que lhe com prava os "serviços", que pagava por eles!... E que aqueles homens todo não passavam de

simples "prestadores de serviço" a ela!... Pobre *Manuela!*... Pagava caro pela promiscuidade em que sempre vivera!...

Pouco depois, a casa enchia-se de gente. A notícia do assassinato de *Manuela Albuquerque e Meneses, a Baronesa da Ajuda*, espalhava-se como fogo em rastilho de pólvora! Figura conhecidíssima em todos os salões da aristocracia lisbonense, sua morte repercutia em todos os cantos da cidade.

Após meticulosa inspeção das autoridades, o corpo de *Manuela* foi olhido, preparado e colocado em câmara ardente, no grande salão de visitas da casa. O esposo, *Afonso*, no entanto, não pôde estar presente: ainda se encontrava, talvez em Holanda, a fechar a transação de importantes partidas de peixe salgado. Não lhe foi possível, portanto, receber as condolências pela morte da esposa. Faziam as vezes de anfitriões, os três irmãos mais velhos de *Manuela* que, pesarosos e chorosos, não se conformavam em perder a querida irmã, tão precocemente, e em circunstâncias tão violentas. Depois de longo velório, sepultaram o esquife da infeliz *Baronesa da Ajuda* no jazigo da família. *Teresa Cristina* aproveitou a vinda dos pais ao sepultamento de *Manuela* e retorna para casa em companhia deles; doravante, não haveria mais razão e nem como se manter longe do lar, em companhia da irreverenciosa prima, que não mais existia...

Três dias depois, *João Manuel* recebe uma visita inesperada. Tratava-se do comandante-geral da milícia de Lisboa, o inspetor *Venâncio da Silveira*. A governanta *Amélia* houvera recebido o homem e o fizera acomodar-se no salão de visitas. Em seguida, fora em busca do jovem que, como vinha fazendo recentemente, treinava a leitura, insistentemente, em seu quarto.

- Em que vos posso ser útil, senhor? - pergunta, cortês, o rapaz ao homem, ao chegar ao salão de visitas.

- Senhor *Barão da Reboleira!* - exclama o inspetor da milícia, levantando-se e fazendo ligeira reverência diante de *João Manuel*.

- Fazei a gentileza de acomodar-vos, senhor - convida o rapaz, sempre gentil e, sentando-se diante do homem, prossegue: - Em que vos posso ajudar?... Penso que já vos declarei tudo o que sabia sobre aquele fatídico acontecimento...

- Perfeitamente, senhor barão - responde o homem secamente. E prossegue, entrando direto no assunto: - Efetivamente, já vos interrogamos, rapidamente, em casa da senhora *Baronesa da Ajuda*, no dia em que ela foi encontrada assassinada em seus aposentos, e já havíamos descartado Vossa Excelência como suspeito no caso - e, retirando do bolso da casaca um papel, desdobra-o e o estende ao rapaz. - Entretanto, ontem, recebemos esta missiva, que traz grave denúncia contra vossa pessoa!... Fazei a gentileza, Excelência, de conferir tudo por vós mesmo!...

João Manuel apanha o papel com mãos trêmulas. E, a seguir, passa os olhos pela curta série de palavras, escritas em caligrafia dele desconhecida, não com a esperada rapidez, em virtude da sua inabilidade na leitura. Mas, à medida que tomava ciência do conteúdo da carta, acentuava-se a sua palescência. Depois de relativo tempo, devolve o papel ao inspetor da milícia.

- É um absurdo o que aí se encontra grafado, senhor inspetor *Ve nâncio da Silveira!*... - exclama ele, altamente indignado.

- Entretanto, existe esta denúncia contra vós, senhor barão - responde o homem, com a voz firme. - É meu dever investigá-la!...

- Absurdo dos absurdos, senhor inspetor!... - brada o rapaz, levantando-se, altamente afrontado. - Por que precisaria eu de roubar?.. Como podeis, perfeitamente, constatar, sou um homem muito rico!... Além do mais, eu era amicíssimo da senhora *Baronesa da Ajuda!*... Não teria nenhum motivo para assassiná-la!...

- Sabemos disso, senhor barão - rebate o inspetor da milícia. - Entretanto, confirmamos ter havido esbulho em móvel dos aposentos da senhora *Baronesa da Ajuda*, fato que caracteriza ter, efetivamente, acontecido um assassinato seguido de roubo!... Um latrocínio, senhor!... E, além do mais, para reforçarem-se ainda mais

as suspeitas sobre vós, sabemos, também, que pernoitastes em casa da vítima naquela ocasião!... Contudo, penso que, se sois, na verdade, inocente, e nada deveis quanto a isso, por que é que estais, então, a impedir a ação da milícia?... Por que é que não franqueais, de vez, a nossa entrada em vossos aposentos, a fazermos lá uma varredura? Se nada encontrarmos, estareis, conseqüentemente, fora que qualquer suspeita!... Isso eu vos garanto!...

O rapaz pondera por instantes o homem tinha razão. Aquilo não deveria passar de calúnia, de difamação!... Tinha a absoluta certeza de que não houvera roubado nada de ninguém!... E que sequer houvera estado nos aposentos de *Manuela* naquela ocasião!... Como é que poderia estar em posse de algo que não roubara?...

- Tendes razão, senhor inspetor *Venâncio da Silveira* - diz ele, decidindo-se. - Podeis convocar vossos auxiliares a fazerdes minuciosa inspeção em meus aposentos; Fazei o favor de seguir-nos!... resoluta, encaminha-se ao andar superior.

O inspetor, com ligeiro sinal de cabeça, convoca os dois auxiliares que o acompanhavam e que se mantinham postados ao lado da porta de entrada do salão de visitas. Em pouco, os três homens da milícia vasculhavam, minuciosamente, cada milímetro do quarto de *João Manuel*. O rapaz, junto de *Amélia*, a tudo acompanhava em silêncio. Sentia-se seguro: tinha a absoluta certeza de que coisa alguma encontrariam oculta entre seus pertences. Entretanto, não contava ele com a pérfida traição do irmão!... *João Miguel* tudo arquitetara com meticulosa perfeição: escondera algumas das melhores e mais caras jóias de *Manuela* em local bastante discreto, tudo disfarçando muito bem, à guisa de ocultação de produto de roubo!... E, não foi com muita facilidade que os policiais encontraram o resultado do pretenso roubo, não!... A aferrada busca custou-lhes umas boas duas horas e meia, mas encontraram!... Encontraram a prova do roubo!...

- Que dizeis sobre isto, senhor barão?... - pergunta o inspetor *Venâncio da Silveira*, abrindo um sorriso misto de escárnio e de surpresa.

- Como nos explicais tal fato?

- Nada tenho eu a ver com isso, senhor inspetor!... - exclama o rapaz, estupefacto. - Nem mesmo sei como estas cousas aí foram parar!...

Amélia olha-o estarrecida. Deus do céu!... Tinham um ladrão e um assassino dentro de casa!

- *Francisquinho!*... - exclama, aterrada, a governanta. - Como pudeste fazer tal coisa?!... Ai, Deus do céu!... Jesus Cristo, valei-me!... - e se põe a chorar, cheia de desespero. - Ai, que vou avisar o teu irmão!... *João Miguel* precisa tomar ciência deste tremendo despautério que cometeste!...

- *Amélia!*... - exclama o rapaz, tentando deter a governanta, segurando-a pelo braço. - Como podes dizer tal coisa de mim?!...

- Arre, deixa-me, *Francisquinho!*... - grita ela, desvencilhando-se dele.

- Sabemos lá o que é que aprendeste pelas ruas, menino?!... - e ^{sai}, quase a correr.

- Percebestes, senhor *Barão da Reboleira?*... - diz o inspetor da milícia, olhando-o, cheio de escárnio. - Até a vossa governanta acusaos!... Que mais tendes em vosso favor?... Acho que nada!... As evidências, infelizmente, apontam todas sobre vós!...

- Não!... - exclama o rapaz, defendendo-se. - Tudo isso é um equívoco!... Nada roubei de *Manuela!*..., Para que precisaria eu disso?

- Vós é que deveis responder a essa pergunta, senhor!... - exclama cínico o inspetor *Venâncio da Silveira*.

Neste comenos, *Amélia* retoma, acompanhada de *João Miguel*.

- Senhor inspetor *Venâncio da Silveira*... - diz *João Miguel* Que se passa em minha casa?...

- Senhor *Barão da Reboleira!*... - exclama o homem, fazendo ligeira reverência. - Encontramos a evidência de que vosso irmão é o

principal suspeito do assassinato da senhora *Baronesa da Ajuda*, ocorrido dias atrás...

- Sei... - diz o rapaz, olhando para o irmão de soslaio. No íntimo, andava a estourar de satisfação. E prossegue: - Fazei o favor de acompanhar-me até a biblioteca, senhor inspetor!... Desejo falar-vos em particular!...

- Por que vais falar com ele em particular?... - brada *João Manuel*.

- Que tens a esconder?... Por que não falas o que tens a falar, às claras, diante de todos?...

João Miguel pareceu ignorar completamente as palavras do irmão. E, sem sequer olhá-lo, prosseguiu:

- Senhor inspetor *Venâncio da Silveira*, fazei a gentileza...

- Mantende-o sob severa vigilância!... - ordena o inspetor aos dois auxiliares. - Ele já se encontra sob a nossa proteção!... Se o deixarem escapulir, respondereis por isso!...

Pouco depois, *João Miguel* e o inspetor conversavam a sós, trancados na biblioteca.

- Convém relatar-vos fatos que, certamente, ignorais, senhor inspetor - diz o rapaz.

- Perfeitamente, senhor *Barão da Reboleira!*... - concorda o policial.

- Mas, de antemão, devo advertir-vos de que todas as evidências, infelizmente, recaem sobre o vosso irmão!...

-Sei disso!... - diz o rapaz, abrindo um sorriso cínico. - Sei disso!..- Não vos apoquenteis e posso garantir-vos de que não me faço advogado do meu irmãozinho, não!... As revelações que ora passo a fazer-vos mais o incriminarão ainda!...

- Ah, e é?... - anima-se o inspetor.

_ Pois é o que vos digo - prossegue o rapaz. - Acho que não desconheceis que meu irmão andou desaparecido até há bem pouco, não?...

_ Oh, sim!... - observa o policial. - Nós mesmos andamos a procurá-lo todo o tempo!... Recordo-me perfeitamente de tudo!...

_ Pois então, como muito bem pudestes constatar, ele foi encontrado!... Voltou para casa, meu pai reabilitou-o, mas, confesso, ele foi criado pelas ruas, a roubar e a cometer todo o tipo de desatinos!... Viveu o tempo todo pelos lados do cais do porto, entre aquela gatinha desqualificada, que anda a cometer despautérios e mais despautérios que vós muito bem conheceis...

- Se conheço!... - concorda o inspetor de polícia. - Roubos, assassinatos, jogatinas, prostituição e coisas congêneres!... Dão-nos uma trabalhadeira daquelas!...

- Justamente!... - concorda o rapaz. E prossegue: - Papai faleceu faz pouco tempo, e meu irmão tem direito à metade dos bens da nossa família!... Só que, senhor inspetor, a partilha, a documentação para registrar tudo, o recolhimento dos impostos devidos, para que ele efetivamente receba a parte que lhe toca, costuma demorar bastante!... Costuma demorar meses e até mesmo anos, se não chegarmos a um acordo que satisfaça às partes interessadas, no caso, eu e ele!... Pois bem, meu irmão, como nunca nada teve de seu até então, e, também, porque pretende casar-se com uma rapariguinha que arranjou e que anda a forçá-lo a casar-se com ela bem depressa e que ainda lhe faz ameaças de deixá-lo por um outro, se não se juntarem logo e, como meu irmão, ainda, efetivamente, não tem onde se deitar morto, possivelmente, teve de roubar as jóias da senhora *Baronesa da Ajuda* para poder realizar seus intentos mais prementes!... - e, acrescentando mais dramaticidade às palavras, prossegue: - Digo-vos, senhor inspetor *Venâncio da Silveira*, nada sabemos sobre meu irmão, na realidade!... Criou-se pelas ruas, a vadiar e a aprender toda a sorte de vícios e de malandragens!... Tenho, pois, a absoluta certeza de que foi ele que matou a pobre!... Roubou-lhe as jóias para poder viver com a outra, pelo menos até quando não lhe chega a fortuna que papai deixou-lhe por herança!...

- E não é que tendes razão, senhor *Barão da Reboleira*?... - concorda o inspetor da milícia. - A fama de vosso irmão, como bandoleiro, era altíssima pelo cais do porto!... Eu mesmo já o havia prendido,

diversas vezes, antes, por brigas, furto, vadiagem e outras coisas!... Coisas pequenas, é claro!... Mas...

- Quem faz o pequeno também sabe fazer o grande, não é senhor inspetor?... - observa maldoso, *João Miguel*.

- Com toda a certeza, senhor barão... Com toda a certeza...

- E o que pretendeis fazer agora que já tendes o culpado?... _ pergunta, ansioso, *João Miguel*.

- Penso que tudo se esclarece senhor. Destarte, compete-nos recolhê-lo à cadeia pública e aguardar a instauração do processo... - esclarece o policial. - Depois, haverá o julgamento e a competente condenação.

- A morte presume...

- Oh, sim... Por enforcamento...

- Foi uma grande satisfação poder ter-vos ajudado a esclarecer tão hediondo crime, senhor inspetor... - diz *João Miguel*, levantando-se. Mal conseguia disfarçar a alegria intensa que o dominava.

- Agradecemos-vos a cooperação, senhor!... - exclama o inspetor, também se levantando e fazendo longa reverência diante do rapaz.

João Miguel sai e deixa o policial na biblioteca. Logo em seguida, o homem predispõe-se a sair, pensativo. Estaria tudo aquilo correto?... Conhecia *João Manuel* das, mas, de antes... Sabia-o um vagabundo sem eira nem beira, um jogador das espeluncas do cais do porto, mas nada via nele de monstruoso, de alguém capaz de cometer um crime como aquele!... Sua longa estada na milícia, tendo de resolver intrincados casos de assassinatos, além do constante contato com bandidos e delinqüentes perigosos, tudo, enfim, propiciara-lhe experiência ímpar em tratar com aquele tipo de gente. Mas, *Anjinho*, não!... *Anjinho*, apesar de tudo, não levava nenhum jeito para aquele tipo de coisa, não!... Conhecera-o desde garotinho, a viver pelas mas... Sabia muitíssimo bem farejar um verdadeiro delinqüente a léguas de distância!... Mas, a dúvida!... Que poderia fazer?... As evidências todas depunham contra o rapaz!... Fortes evidências de que fora mesmo *Anjinho* o autor daquele monstruoso crime!... E,

além do mais, se o próprio irmão o denunciava, e as investigações que ele mesmo conduzira já haviam juntado provas mais que suficientes para incriminarem o rapaz, por que não acreditar na evidência dos fatos?... A razão, antes de tudo!... Afinal, o dinheiro mexia muito com as pessoas... Mexia muito mesmo...

- O senhor está preso, senhor *Barão da Reboleira!*... - exclama ele, com a voz firme, ao adentrar o quarto, de volta, onde seus homens mantinham *João Manuel* sob vigilância. - Prendo-vos, em nome d Majestade, a rainha, pelo vil assassinato da excelente senhora *Manuela Albuquerque e Meneses, Baronesa da Ajudai*...

_ Não!.. - grita *João Manuel*, estarrecido. - Senhor inspetor, vós estais equivocado!... - e, tentando desvencilhar-se das mãos dos policia que o mantinham contido: - Meu irmão mentiu!... Não sei o que vos disse ele, mas sei que mentiu!... Ele me odeia!... Odeia-me, porque tem de dividir a herança de papai comigo!... Ele, certamente, deverá ter matado *Manuela!*... Sim, matou-a e está a lançar-me toda a culpa!... Foi ele!... Que vos disse o infame?...

- Nada me disse o vosso irmão, senhor barão!... - exclama o inspetor. E mente, para não exacerbar ainda mais os ânimos do rapaz: - Apenas tentou defender-vos, nada mais!...

- Mentira!... - grita o rapaz, enquanto os milicianos manietavam-no fortemente. - Estais vós e ele em conluio!... Malditos!... Quanto vos prometeu ele?... Andai lá, dizei-mo!...

- Oh, calai-vos, senhor barão!... - admoesta-o o inspetor da milícia. Dessa forma, estais a ofender, grandemente, a moral da milícia de Sua Majestade!... Olhai bem, que isso poderá piorar-vos as coisas!...

- Malditos!... Infames!... - gritava *João Manuel*, cheio de desespero. - Acaso estais cego, senhor inspetor?... Não percebeis que meu irmão armou-me esta terrível armadilha?...

- Guardai a vossa defesa para os juízes, senhor barão!... - exclama, impassível, o inspetor *Venâncio da Silveira*. Estava habituado àquelas cenas. E, voltando-se para os auxiliares: - Se insistir em manter resistência à prisão, calai-o!...

Os milicianos, após terem manietado fortemente *João Manuel*, tentavam conduzi-lo para fora do aposento, mas encontravam certa dificuldade, em virtude da constituição física um tanto avantajada do rapaz, a lhes opor séria resistência, negando-se a sair. Entretanto, recebendo a ordem de fazerem calar o rapaz, aplicam-lhe formidável porretada à nuca, fazendo-o perder os sentidos, instantaneamente. Em seguida, os dois homens passam a carregá-lo para fora do quarto. *Amélia* e os demais criados, alertados pela intensa gritaria, acorreram todos e, estarecidos, assistiam à prisão do patrãozinho sem nada entenderem, no entanto. *João Miguel*, entretanto, não estava presente. Apenas, da janela de seus aposentos, viu quando o carro da milícia partiu célere, levando o indesejado irmão para a cadeia pública.

-Adeus, irmãozinho!... - murmura ele, com um sorriso cínico nos lábios. - Ver-nos-emos no dia do teu enforcamento!... Ha!... Ha' Ha!... Ha!...

Entretanto, *João Miguel* não podia perceber, mas a um canto, agora não uma, mas duas sombras terríveis olhavam-no, cheias de ódio.

- Maldito!... - murmura uma das sombras, com profundo rancor à voz

- Sim, senhora baronesa!... - exclama o outro espectro, com um sorriso de triunfo aos lábios. - Não vos disse ser ele o culpado de tudo?..

- Tens toda a razão, menina!... - concorda a *Baronesa da Ajuda*. -Tudo o que me relataste apresenta-se verdadeiro!... O demônio pensa já estar a colher os louros, bem antes da vitória final!...

- Isso veremos, dona *Manuela*]... - exclama o espectro da antiga prostituta, cheio de sarcasmo. - Isso é o que veremos!...

- Dize-me, menina - prossegue a antiga *Baronesa da Ajuda* -, o maldito matou-te apenas para encobrir dos pais que eleja houvera encontrado o irmão desaparecido?... E o que tinhas tu a ver com isso?...

- Nada, senhora - responde o espectro de *Madalena* -, apenas o havia auxiliado na busca pelo irmão!... Nada mais que isso!... Entretanto, enganou-me!... Depois que o encontramos, nada quis revelar ao irmão, nem aos pais!... E, porque eu havia ameaçado tudo contar a *Anjinho*, o miserável atraiu-me a uma armadilha e, friamente, tirou-me a vida!...

- Que monstro!... - exclama *Manuela*. - Tudo para não dividir os bens com o irmão!... E a dizer que o acolhi, inúmeras vezes, em minha casa!... Era até noivo da minha prima!...

- Foi o que dele ganhastes, senhora!... - observa *Madalena*, cheia de ironia à voz. - Acabou por assassinar-vos, vil e covardemente!...

- Sim - concorda a *Baronesa da Ajuda* -, mal supunha eu que seria tão traiçoeiramente atingida por ele, apenas porque o surpreendi a mexer em meus pertences!... Seria isso motivo suficiente para tirar-se a vida de alguém?...

- Para tal monstro, sim - observa a mocinha -, porque vós apresentastes um empecilho ao bom desenvolvimento das suas diabólicas maquinações!... Interpusestes-vos, inadvertidamente, entre ele e os seus nefandos desígnios de incriminar o irmão!... E, por isso, pagastes com a vossa vida!...

_ Por tão pouco?... - não se conformava a *Baronesa da Ajuda*. -Valia eu assim tão pouco?... Ah, mas verás, miserável, o que na realidade valho eu agora!... Ah, se verás!... - e se atira, furiosa, aos tapas e bofetões, sobre o rapaz que, sentado pachorrentamente numa poltrona, deliciava-se, a saborear grande taça de capitoso vinho.

João Miguel, no entanto, nada percebia do feroz ataque do espírito, no íntimo, sentia-se exultar, felicíssimo, pelo bom êxito do seu plano.

- Toca a comemorar!... - murmura ele, abrindo um sorriso de satisfação. - Comemoremos a grande vitória!...

Ouvindo aquilo, *Manuela* enfurece-se ainda mais e se lança sobre o rapaz. Urrando de tanto ódio, passa a lanhar a face do rapaz com as unhas; porém, estarecida, constata que ele nada sentia; sequer ele

Ihe notava a presença!... A mulher enche-se ainda mais de fúria e tenta sufocá-lo, apertando-lhe, fortemente, o pescoço com as mãos. Mas, vê-se frustrar, pois suas mãos, simplesmente, atravessavam-lhe as carnes sem nada lhe causarem.

- Inútil o que tentais fazer, senhora baronesa!... - observa o espectro de *Madalena* que ali do lado a tudo assistia. - Ele por ora não vos pode perceber... Entretanto, aguardemos um pouco!... É preciso ter paciência!... Em breve, o vinho fá-lo-á adormecer e então...

Manuela, a seguir, toma-se de grande desespero. Esgotada pelo intenso esforço despendido, deixa-se cair de joelhos sobre o finíssimo piso de granito polido. E chora. Chora abundantemente. Os soluços convulsionam-na grandemente. Intenso desespero, misto de raiva e de ódio, toma-a, e ela cobre o rosto com as mãos. O peito, ferido pelo traiçoeiro punhal de *João Miguel*, sangrava e doía. Doía-lhe imensamente!...¹

- Vinde, senhora - diz *Madalena*, apiedando-se da terrível condição da outra e, ajoelhando-se-lhe ao lado, toma-a, ternamente, aos braços e lhe sussurra meigamente: - Por ora, nada mais há a fazer!... Vinde!... -Depois, suavemente tomando-a pela mão, fá-la erguer-se do chão. -Vinde, vamos até o jardim!... Lá arrebanhareis forças para superardes esse terrível desgosto!...

E, com intensa dificuldade, *Madalena* auxilia a antiga e esplendorosa *Baronesa da Ajuda* a caminhar até o jardim da mansão dos *Barões da Reboleira*. A tarde esmaecia cinzenta e frígida, envolvida pelos ventos que sopravam inclementes, do Norte.

- Vinde, senhora, sentemo-nos aqui!... - convida a mocinha, ajudando a outra a acomodar-se em banco de mármore do jardim. - O vento e as árvores auxiliar-vos-ão!... Tende fé!... Em breve,

1. Espíritos que, comumente, desencarnam de forma violenta, como suicídio, homicídio ou acidente, costumam carregar para o além as derradeiras impressões que sentiram no corpo e que os fazem sofrer, enormemente, se ainda ignorantes das verdades relativas à vida fora da matéria.

- estareis um pouco melhorada!... Não sei como isso acontece, mas quando me acho enfraquecida, venho até o jardim e me sinto fortalecer!... Acho que as plantas auxiliam-nos!... Dão-nos força!...

- Obrigada, meu bem!... - diz *Manuela*, abrindo ligeiro sorriso. - Não fosses tu lá aparecer, e eu ainda me encontraria, ao lado do meu corpo a apodrecer, no jazigo dos *Barões da Ajudai*... Que horror!... Sequer supunha que já houvera morrido!... Não estava a entender nadinha de nada!...

- Aconteceu o mesmo comigo, senhora!... - diz a mocinha. - A maioria de nós desconhece o que nos aguarda depois da morte!...

- E verdade o que dizes!... - concorda *Manuela*. - Na realidade, sequer pensamos na morte!... E, quando ela chega, quase sempre a pegar-nos de surpresa, lá vem o inesperado!...

- Sim - diz a mocinha -, não podeis supor o que sofri, ao ver-me pega de surpresa pelo frio assassino!... De imediato, não entendia o que se passava!... Via-me ao lado do meu corpo estendido ao chão, ensopado pela chuva fria; via-lhe a ferida aberta ao peito; tentava aproximar-me, mas sentia-o rijo como pedra, não me obedecia. Lutei, desesperadamente, para levantá-lo da lama, para voltar para casa, mas foi tudo em vão!... Depois, veio o desespero, e eu chorei e gritei; clamei por ajuda, por socorro, mas ninguém aparecia. Cansei de gritar e me acocorei ao lado do meu corpo. Forte sonolência, então, passou a dominar-me. Lutei, desesperadamente, para vencê-la. E fiquei, assim, a lutar contra aquele torpor, quando percebi que *Gerusa*, minha companheira de quarto, aproximava-se. Tentei ir-lhe ao encontro, abraçá-la, mas não tinha forças. Ao reconhecer o meu cadáver ali estendido ao chão, *Gerusa* pôs-se a gritar; apareceram as pessoas, foram juntando-se os curiosos, veio a milícia. Depois o carro que recolhe o lixo... Segui a carroça que recolheu o meu cadáver; acompanhei o seu sepultamento, uma cova rasa, comum, no cemitério dos pobres!... Preciséis ver a diferença dos coveiros!... Parecia estarem a enterrar uma cadela morta!... - Depois se foram, e ali fiquei sentada sobre aquele monturo de terra negra e

lamacenta. Logo escureceu, e eu nada entendia, de fato, do que estava a acontecer comigo. Encontrava-me meio sonolenta, meio alheia ao que se passava em derredor!... Ao mesmo tempo em que sabia que tudo aquilo se passava comigo, tinha, também, a sensação de que sonhava, de que tudo era um terrível pesadelo e que logo iria despertar!... Mas, o tempo foi passando, as coisas foram clareando-se, e percebi que a minha vida achava-se diferente, que algo mudara definitivamente!... Por fim, a negra constatação: eu houvera morrido!... O demônio assassinara-me, fria e barbaramente, naquele escuro beco do cais do porto!...

- Pobre menina!... - exclama, condoída, *Manuela*. - Tão juvenzinha, ainda!... Quantos anos tinhas?...

- Dezesseis, senhora!...

- Maldito!... - observa a mulher, altamente revoltada com aquilo. - Tirou-te a vida na plenitude dos anos!...

- Sim - diz *Madalena* -, e eu tinha tantos desejos ainda por realizar!...

- Os quais o demônio encarregou-se de exterminar bem depressinha!... - redargui a outra. - E os meus então?... Acaso não era eu rica e bela?... Não tinha eu tudo o que desejava no mundo?... Quando é que iria supor que o maldito fosse despachar-me tão depressa assim?... Ai, Deus, que desespero!...

- Mas, nós nos vingaremos, senhora! - diz a mocinha, abrindo um sorriso de satisfação. - Juntas, levá-lo-emos à ruína!...

- Sim!... - exclama *Manuela*, animando-se. - Mas, como faremos se ele nada sente?... Sequer nota-nos a presença!...

- Aí é que vos enganais, senhora!... - observa *Madalena*. - Quando dorme, pode ver-nos, pode confabular conosco e podemos atacá-lo!...

- Verdade?... - anima-se ainda mais a outra. - E o que faremos, então?

- Primeiro a ruína, senhora baronesa!... - explica a mocinha. - Depois, enlouquecê-lo-emos!... Devagar, sem pressa!...

Manuela toma as mãos da jovem prostituta e as aperta ternamente.

- Poderás contar comigo, menina!... - diz a antiga esposa de *Afoti Albuquerque e Meneses*, olhando firme nos olhos de *Madalena* Aquele miserável pagar-nos-á tudo o que nos deve!... Tudo mesmo!, e abre um sorriso cheio de cinismo, como lhe era do feitio.

A noite chegava gelada. O vento bramia furioso, fazendo agitarem-; violentamente, os galhos descamados das árvores do bosque.

- Entremos, senhora dona baronesa - diz *Madalena*, tomando, delicadamente, a mão de *Manuela*. - Aqui está a fazer bastante frio, e é bom que busquemos o quentinho da lareira!... Além do mais, em breve o demónio dormirá...

Capítulo 22

No cárcere

João Manuel abre os olhos e os preme forte, para acomodá-los à penumbra reinante no ambiente. De imediato, não conseguiu atinar com precisão onde é que se encontrava. O lugar não lhe era de todo desconhecido, não. Achava-se deitado sobre um duro e pobre catre, e a cabeça martelava-lhe, enormemente, à nuca. Ainda bastante zozzo, senta-se no grabato e, esfregando os olhos com o dorso das mãos, vai acomodo-dando-os, gradualmente, à leve escuridão do lugar. Devagar, as idéias voltam-lhe ao normal: o inspetor da milícia, a acusação, a resistência à prisão, a porretada à cabeça...

- Ó de lá!... Sede bem-vindo!...

João Manuel então percebe que não se achava só naquele lugar. A voz do outro soara límpida, bem jovial, em tom de gracejo, partindo do outro lado, do meio do escuro.

- Quem sois?... - pergunta *João Manuel*, firmando os olhos para tentar ver a fisionomia do homem que, com ele, partilhava aquele espaço. - Que lugar é este?...

- Oh, uma resposta de cada vez!... - exclama o desconhecido, aproximando-se. E, fazendo longa reverência diante de *João Manuel*, prossegue: -Permiti, primeiro, que me apresente: *Vítor Nascimento Torres, Barão de Leiria!*... Um vosso criado!... E sinto informar-vos, senhor, que, infelizmente, achamo-nos prisioneiros de Sua Majestade, a rainha!... E isto aqui não passa de uma das celas da cadeia pública de Lisboa!...

- Oh, bem que me pareceu familiar o lugar!... - exclama *João Manuel*, levantando-se do catre. A cabeça doía-lhe, enormemente, e o estômago enjoava-se-lhe. - Já estive neste lugar, antes, por diversas vezes!...

- Ah, então sois freguês assíduo do inspetor *Venâncio da Silveira*, é?... - exclama o outro, com ar divertido. - E, pode-se saber o motivo de tanto vos achardes aqui encarcerado?

- Ah, senhor *Barão de Leiria!*... - responde *João Manuel* tentando a sentar-se no catre. - Minha vida, embora ainda bastante e encontra-se recheada de incidentes!...

- Presumo não vos ter conhecido de antes... - diz *Vítor Nascimento Torres*, esforçando-se para divisar a fisionomia do outro, no meio da penumbra da cela.

- Oh, que falta de educação a minha!... - desculpa-se *João Manuel* E, levantando-se outra vez do catre, faz longa mesura diante do rapaz desconhecido e diz solene: - *Francisco de Assis Ramalho e Alcântara Barão da Reboleira*, a vosso dispor, senhor!...

- Oh, não me digais que sois parente do velho *Barão da Reboleira*]... - exclama o outro, altamente impressionado. - Uma das maiores fortunas do reino!... E o que fazeis aqui nas masmorras da rainha?...

- Uma longa história, meu caro!... - exclama *João Manuel*. - Uma longa e estranha história!...

- Deveras?... - diz o outro, aproximando-se mais, a demonstrar profundo interesse pelo caso.

João Manuel sente-se tomar de inusitada simpatia por aquele rapaz que se mostrava assaz cordial. Nunca se haviam encontrado antes, entretanto, parecia-lhe se conhecerem desde sempre, tanto que passa a tratá-lo, espontaneamente, como igual.

- Se estiveres disposto a ouvir... - observa *João Manuel*.

- Oh, claro que estou!... - responde o outro, sentando-se no catre, ao lado de *João Manuel*. - Acho que sabes que, doravante, tu e eu teremos todo o tempo do mundo, não é?

Nem mesmo o tendo assim tão próximo, *João Manuel* pôde perceber-lhe algo da fisionomia. A cela encontrava-se totalmente às escuras; entretanto, pela tonalidade da voz, foi possível depreender que o *Barão de Leiria* era ainda bastante jovem. Talvez pouca coisa mais velho que ele. E, sem omitir nem mesmo os pequenos detalhes, *João Manuel* passa a narrar ao outro sua triste história. O rapaz ouvia-o cheio de atenção e, mesmo sem poder estudar-lhe as feições, pelas exclamações que amiúde emitia, era possível perceber que se deixava tomar por forte emoção.

- Então estás aqui inocente!... - exclama o jovem *Barão de Leiria** altamente indignado, quando o outro encerra a narrativa. - Foste vilmente enredado numa sórdida trama pelo teu irmão!...

- É a minha palavra contra a dele, meu caro!... - responde *João Manuel* tristemente. - Infelizmente, os fatos depõem todos contra mim!-

_ Mas serás condenado à morte!... - exclama o outro, levantando-se do catre e se pondo a caminhar em círculos, altamente indignado. - Teu irmão é um monstro desalmado!... - Sabias que não há misericórdia para tais crimes?... Os juízes são implacáveis!...

_ Sei, sim, meu amigo!... - responde *João Manuel*, altamente desconsolado. - E o que queres que eu faça?... Acho-me enredado nesta terrível teia e não sei como dela me safar!...

- E não há ninguém a teu favor lá fora?... - pergunta o outro. - Tu tens que procurar defender-te, antes que seja tarde!...

- Não sei se minha noiva de tudo já tem conhecimento - responde *João Manuel*. - Ela seria minha única testemunha, pois estive o tempo todo a seu lado!... Entretanto, disse só saberei amanhã!... E, se ela, efetivamente, aqui vier ter comigo!...

- Por certo que virá!... - observa o outro. - Se esteve contigo o tempo todo, saberá que és inocente e, ainda, se realmente te ama, fará todo o empenho deste mundo para livrar-te da forca!...

- Sei que ela o fará!... - diz *João Manuel*. - Sei que ela virá!... E tenho a certeza absoluta de que me ama!...

Pequeno silêncio estabelece-se entre os dois rapazes. Dir-se-ia que íntimas cogitações fervilhavam em suas mentes.

- E tu, por que aqui te encontras?... - pergunta *João Manuel*, rompendo o silêncio que se estabelecera entre eles.

- Nada tão grave perto do motivo que aqui te trouxe!... - responde o outro. - Apenas briguei com um rival e lhe desferi uma facada ao ventre!... Mas, o infeliz não morreu!... Sorte a minha!... Em alguns dias, estarei livre!... Meu irmão já trata de acertar a indenização que deverei pagar ao desgraçado e, como a miséria anda a rondar-lhe a casa, certamente retirará a queixa contra mim, diante de um punhado de ouro que lhe atiraremos às fuças!...

- Tiveste sorte de o miserável não ter morrido!... - diz *João Manuel*.

- "Caso contrário, estarias em maus lençóis, como eu!..."

- Sim, à essa hora, eu já teria balouçado na ponta da corda, meu caro!... - observa o outro. - Para esses casos, os juizes têm uma pressa danada!... Nunca dormem no ponto!... Mas, diferentemente de ti eu seria culpado!... Morreria por ter, realmente, praticado um homicídio Tu, entretanto...

- Sim, estou a pagar por um crime que não cometi!... - diz o rapaz - Se me condenarem à forca, morrerei inocente deste crime!...

- Olha - fala *Vítor Nascimento Torres*, apondo, delicadamente, a mão ao ombro do outro -, se me achar fora daqui, antes que te condenem

prometo-te: lutarei até às últimas conseqüências para auxiliar-te a provares a tua inocência!... Juro-te!...

- Obrigado, meu amigo!... - exclama *João Manuel*, com a voz embargada pela emoção.

Em seguida, o *Barão de Leiria* encaminha-se para o outro lado da cela e se deita em seu catre. Também ele se achava altamente impressionado pelo gritante caso de injustiça de que acabava de tomar conhecimento.

- Tem uma boa noite, meu amigo... - diz *Vítor* com a voz embargada pela emoção. - Procura dormir um pouco!... Confia em Deus!... Quem sabe amanhã as coisas não se resolvem?...

Nada obteve como resposta do outro, a não ser abafados sons de choro... Choro de desespero, de dor profunda...

* * * * *

Depois de beber umas boas taças de vinho, *João Miguel*, ainda sentado, confortavelmente, na poltrona, ao lado da lareira acesa, sente teimosa sonolência ir dominando-o, paulatinamente, à medida que a noite caía. Lá fora, o vento ululava violento, sacudindo, vertiginosamente, as descarnadas árvores do bosque.

A um canto, os dois espíritos - *Madalena* e *Manuela* - aguardavam ansiosos que o rapaz adormecesse. Tal fato não custou a acontecer. Dominado pela insistente modorra, *João Miguel* não mais opôs qualquer resistência e caiu no sono.

- Aí vem o infeliz!... - brada *Madalena*, postando-se ansiosa, bem diante do rapaz.

Ao mergulhar no sono, o espírito deixa, imediatamente, o cárcere do corpo e ganha a liberdade. Em questão de pouquíssimos segundos, a nuvem vaporosa e brilhante formava-se um palmo acima de onde dormitava o corpo de *João Miguel*.

- Vinde, senhora!... - convida *Madalena* à outra que, demonstrando profunda curiosidade, observava, um pouco mais afastada, o

desenrolar do peculiar fenômeno. – Ele já aí vem!... Façamos-lhe a surpresa!...

_ Que fato extraordinário!... - exclama, estupefacta, *Manuela*, aproximando-se. - Como nada sabemos acerca de tais coisas no mundo!...

-Ah, se tivéssemos conhecimento desses fatos, quando por lá ainda andávamos, não é, senhora?... - observa a mocinha. - Quantos crimes não deixaríamos de cometer!...

Neste comenos, o espírito do rapaz, liberto do corpo, já se condensara e, estarecido, constatava a presença das duas entidades a arrostarem-no ferozes.

- Tu?!... - espanta-se ao perceber a presença de *Manuela*. - Impossível!... Apunhalei-te dias atrás!... Tu morreste!... Segui o teu enterro!... Tu estás morta!...

- Achas, mesmo, desgraçado, que estou morta, é?... - grita *Manuela*, desferindo fenomenal bofetão ao rosto do rapaz. - Toma, infeliz, para entenderes de vez, o quão morta me encontro!...

- Não, afasta-te de mim, demônio!... - grita o rapaz, tentando desvencilhar-se do terrível abraço que lhe aplicara, traiçoeiramente, o espírito de *Madalena*, enquanto *Manuela* aproveitava-se para infligir fenomenal tunda ao infeliz!

- Deixai-me, demônios!... - gritava e esperneava o rapaz, tentando escapulir dos espíritos obsessores.

- Pensas que vais correr para o teu corpo, é, demônio?... - grita *Madalena*, contendo-o, por trás, em fortíssimo abraço. - Hoje principia o teu martírio!...

- Sim - completa *Manuela*, lanhando-lhe, furiosamente, o rosto com as unhas. - Não te daremos paz, miserável!... Vamos enlouquecer-te!... Não te daremos trégua, por um instante sequer, até que te mates com as tuas próprias mãos!... O suicídio será a tua derradeira porta!... Nela pensarás encontrar alívio para o teu tormento, mas será a tua queda Para o inferno!... Para o inferno, desgraçado!...

- Saiam para lá!... Esconjuro-vos!... - gritava possesso o rapaz, tentando livrar-se. - Saiam, fedorentas!... Que nojo!... Saiam, nojentas!... -Ah, tens nojo do nosso cheiro, é?... - grita *Madalena*, colando-se mais ao corpo espiritual do rapaz. - Sente o meu cheiro, desgraçado!... E o cheiro do meu cadáver que apodrece numa vala comum do cemitério dos enjeitados!... Sim, e, doravante, este meu cheiro irá perse aonde quer que vás!... Eu me colarei a você, insistentemente noite e dia, até que te desesperes ao extremo!...

Na poltrona, o corpo do rapaz, tomado pelo sono, agitava-se enormemente. Do canto da sua boca entreaberta, espessa saliva coava empapando-lhe o queixo e parte do pescoço que tombava de lado pendendo para o ombro. Lúgubres gemidos ouviam-se, amiúde. Suas feições demonstravam sofrimento intenso. A curtos intervalos, debatia-se, agitava-se e rangia os dentes em intenso bruxismo. Sons guturais e ininteligíveis saíam-lhe da garganta. Assim permaneceu por longas horas- a invés de descanso, cansava-se mais e mais naquela tremenda agitação Madrugada alta, desperta, por fim. Abre os olhos, arregalando-os enor memente. O fogo da lareira extinguiu-se por completo, e ele enregelara, dormindo sentado na poltrona. Passa as mãos pelo rosto, pelos cabelos. O corpo doía-lhe enormemente. Sede implacável dominava-o. Levanta-se, sentindo os músculos todos enrijecidos e dolorosos. Trope-gamente, dirige-se a um aparador, apanha a jarra com água e enche uma taça; bebe-a até o fim, sem tirá-la dos lábios. Depois, encaminha-se até a lareira, apanha o atiçador e remexe as cinzas; algumas brasas tremeluzem e ele, então, apanha algumas achas de lenha adrede empilhadas ali ao lado e as ajeita sobre as brasas. Apanha o abanador e faz vento. Algumas fagulhas saltam para o chão polido. A seguir, tímidas chamas brotam e, paulatinamente, vão lambendo a lenha e ganhando força. Em pouco, reconfortante calor voltava a invadir o ambiente. *João Miguel* acocora-se à boca do fogo e estende as mãos enregeladas. Aperta-as uma contra a outra e volta a espalmá-las diante das chamas que saltitavam vivazes a

comerem, vorazmente, o combustível que ele lhes dera. Aquecidas as mãos, volta a sentar-se na poltrona. De pequena mesa posta ali ao lado, apanha a garrafa e enche de vinho a taça em que estivera bebendo antes de dormir. Leva o líquido reconfortante aos lábios e o sorve devagar. Rememora, então, passo a passo, o terrível pesadelo que se repetia: *Manuela* e *Madalena!*.... As duas que ele assassinara voltavam a atormentá-lo nos sonhos!... Que seria aquilo?... Estaria doente outra vez?... Agora que as coisas começavam a ajeitar-se vinha a doença?... Doença, mesmo, ou as almas das duas mulheres estavam a atormentá-lo?... Que besteira!... Nem acreditava naquilo!-Conversas de padres!... Quem morria se acabava!... Ninguém jamais voltara a contar o que haveria por lá!... Tolices!... Não, só poderia ser doença aquilo!... Coisas dos nervos!... Se persistissem aqueles sonhos, consultar-se com o médico!... Para que é que existiam os médicos, Remédios?... Por ora, era preciso manter a calma e aguardar os acontecimentos. Tudo não se saía maravilhosamente bem, de conformidade com o que planejava?... Muito melhor até!... Sonhara com a prisão e o desterro definitivo do irmão para alguma das distantes colônias de além-mar e o que, de fato, resultava àquele intruso não era a pena capital?... Que mais poderia desejar?... Agora, não era ele o único e absoluto herdeiro da fabulosa fortuna dos *Barões da Reboleira?*... Diante disso, o que seria um pequeno desarranjo dos nervos?... Natural que isso acontecesse. Não tivera, acaso, que se desfazer de dois obstáculos que se interpunham entre ele e a realização dos seus intentos?

- Dois estropícios!... - murmura baixinho, justificando o seu nefando comportamento. - Não passavam de dois míseros estropícios: *Madalena*, a miserável prostituta do cais do porto e *Manuela*, a outra, a grã-rameira de luxo!... No fim, qual a diferença entre as duas?... Nenhuma!...

De repente, frio arrepio percorre-lhe a espinha de alto a baixo. Em seguida, sensação de inexplicável mal-estar acomete-o. Era como se sentisse algo se lhe grudar ao corpo, como se lhe adicionassem um

peso extraordinário a carregar. Remexeu-se na poltrona, tentando posição melhor, mas foi em vão. Aquela sensação de intenso peso sobre o dorso aumentava-lhe como se alguém muito pesado, ostensivamente, ali se sentasse e, maldosamente, tentasse cavalgá-lo à sua revelia!... *João Miguel* remexe-se outra vez na poltrona. O incômodo persistia. Sensação de angústia e de desprazer invadiam-lhe, concomitantemente, o peito, causando-lhe desconfortável arritmia cardíaca. Suspirou fundo e sorveu, de uma só vez, todo o conteúdo da taça de vinho. Repletou-a, novamente, até a borda. Sorveu novo e longo gole do líquido. Tinha dificuldades para respirar, pois o coração batia-lhe apressado, embora não se achasse a fazer esforço algum.

- Que se passa comigo?... - murmura, preocupado.

Depõe a taça de bebida sobre a mesinha e se levanta. Estranha e intensa sensação de frio e de calor alternava-se. Aproxima-se mais da lareira, acocora-se diante do fogo e estende as mãos: tinha as extremidades dos dedos congeladas. Por instantes, segura as mãos espalmadas a receberem o calor do fogo que, voraz, lambia as achas de lenha. Súbito a sensação de que o observavam, por trás, fá-lo voltar-se ligeiro. Nada viu, entretanto, na leve penumbra que invadia o quarto.

- Deus do céu!... - murmura. - Estarei a enlouquecer?... Não!.. Por certo, hão de ser os nervos abalados!... - e volta a sentar-se na poltrona.

João Miguel cerra os olhos e tenta imaginar o que seria a sua vida doravante. Afastado, definitivamente, o irmão, voltaria a cortejar *Teresa Cristina*. Sabia que ela voltara a residir em companhia dos pais, portanto, ali bem pertinho dele!... Certamente, não lhe resistiria à corte!... Seria preciso, somente, deixar passar um tempo!... Um tempinho só!... Ele não tinha pressa!... Sabia esperar!... Deveria aguardar que ela chorasse a morte do irmão - que chorasse bastante!... -; depois, certamente, esquecê-lo-ia!... O coração das

mulheres não costumava ser bastante volúvel?... E o das mulheres jovens, decerto, sê-lo-ia ainda mais!...

Imerso na semi-obscuridade do seu quarto, o rapaz abre ligeiro sorriso. Imagina-se, então, longe daquele casarão onde sempre vivera. No fundo, odiava aquela casa!... Tinha horror a tudo dali: odiava os móveis, os criados, tudo!... Daquele local, não retinha nenhuma grata lembrança na memória. Só tristezas, choradeiras e lamentações pelo desaparecimento daquele imbecil que, mesmo estando ausente o tempo todo, sempre fora o centro de tudo!... Os pais, na realidade, haviam vivido, constantemente, em função do miserável que sumira!... Como o odiava!... Odiara-o, durante aqueles anos todos, mesmo sem dele se lembrar, e mesmo sem ter convivido com o desgraçado, um minuto sequer, por aquele tempo todo!... E, agora, reaparecia ele, todo pimpão, assim, do nada, e queria levar a metade de tudo?... Até a noiva o desgraçado já lhe surrupiara!... *Teresa Cristina*... A cândida juvenzinha, de olhos cor de mel e de pele branca como o leite...

- Morarei em Lisboa!... - diz ele, baixinho. - E tu morarás comigo, mocinha!... - e abre um sorriso, enquanto levanta a taça à guisa de brinde. - A tua saúde, deliciosa *Marquesinha das Alfarrobeiras*!...

O sono volta a atacá-lo, sorrateiro. Ele cochila, mas luta, desesperadamente, para não mais adormecer naquela noite. E, entre a sucessão de teimosos cochilos, divisa dois vultos que se postavam diante dele. Assustado, sobressalta-se. Novamente aqueles horríveis espectros!-Seriam reais?... Ou sonharia?... Resoluto, levanta-se e, derramando água gelada na bacia de louça, lava, sistematicamente, o rosto, repetidas vezes, pesejava afastar a sonolência. De repente, sentia medo de dormir...

Afastada, temporariamente, a insistente sonolência, pela ação da água gelada, *João Miguel* volta a sentar-se na poltrona. O silêncio do quarto abate-se sobre ele. Pela primeira vez em sua vida, o silêncio perturbava-o. Olha em derredor e perscruta o ambiente, apurando os ouvidos. Silêncio e solidão apenas. Lá fora, o vento amainara-se.

Apanha, da mesinha do lado, o livro que estivera lendo, na tarde anterior. Aproxima um pouco mais o castiçal para melhorar a claridade a incidir sobre as páginas do livro e tentar fixar-se na leitura. Entretanto, sub-repticiamente, parecia-lhe ver, de soslaio, vultos que se lhe postavam, um de cada lado da poltrona, a bisbilhotá-lo, curiosos. Fecha, então, o livro e olha em derredor. Nada. Nada viu de concreto. Volta a concentrar-se na leitura. E, novamente, a sensação de que o observavam a furto. Extremamente irritado, fecha o livro e cruza os braços. Pareceu-lhe, então, ouvir, no recôndito da mente, uma sucessão de debochados gargalhares...

- Que diabo!... - pragueja ele, levantando-se da poltrona. - Amanhã mesmo irei ter com o doutor *Ambrósio Ferreira*, em Lisboa. Melhor tratar-me logo, antes que enlouqueça, de vez!...

Neste comenos, ouve os galos que principiavam a cantar, insistentemente. No íntimo, alegrou-se: era a manhã que, finalmente, surgia. Nunca desejara tanto que amanhecesse tão depressa. E, antes mesmo que o dia clareasse de vez, pôs-se a vestir-se com apuro. Iria ao médico naquele dia mesmo.

* * * * *

A notícia do encarceramento de *João Manuel* chegou até *Teresa Cristina*, trazida pela mãe, *Bárbara*.

- Que dizes, mãe?!... - exclama, estarecida, a mocinha, diante do terrível fato.

- E o que te digo, filhinha!... - responde *Bárbara*, preocupada. - Relatou-me *Amélia*, a governanta da casa, inda há pouco, a fazer-me rápida visita!...

- E por que prenderam *Anjinho*?... - pergunta a mocinha, tomando-se de altas apreensões.

- Pelo que pude depreender do que me contou a governanta, é ele acusado de ter matado a nossa saudosa *Manuela*!...

- O quê?!... - espanta-se a mocinha. - Como puderam fazer 1 sandice?... *Anjinho* esteve comigo todo o tempo naquela noite! prossegue, resoluta: - Sou-lhe testemunha!...

- Ai, Deus do céu!... - desesperada, exclama a mulher. - Fala baixo menina!... Se teu pai descobre que andavas a grudar-te com os teus namorados pelas noites afora é capaz de doar-te ao convento das Carmelitas Descalças não como freira, mas como irmã-faxineira!... E, para o resto dos teus pobres dias!... Cala-te, por Deus!...

- Não me calarei, não, mamãe!... - rebate a mocinha. - Não permitirei que condenem meu amor, assim, inocentemente, não!... *Manuela* ' que era uma perdida daquelas!...

- Ai, cala-te, por Cristo!... - exclama *Bárbara*. - Como é que podes dizer tais coisas da tua prima que já morreu, a pobre?... Estás a pecar; por falta de caridade!... Respeita os mortos, menina!...

- Não santificarei *Manuela*, somente porque já se foi desta para a outra vida, não, mamãe!... Que era uma marafona daquelas, lá, isso era mesmo!... Eu mesma vi e constatei com meus próprios olhos!... Convivo com ela, debaixo do mesmo teto, durante meses!... Esqueceste?...

- Ai, meu Santo Onofre!... - exclama a mulher, desesperando-se. Como é que ia imaginar que a tua prima era umazinha dessas?... Parecia-me tão fina, tão distinta!... Também, sem marido!... Dou-lhe é até muita razão, coitada!... O homem vive pelo mundo, a rastelar mais e mais ouro!... Mas, ai, se nos ouve o teu pai, que tiveste tal escola, capaz de casar-te, ainda hoje, com o teu primo *Vasco*!... E sequer algum dote do pobre exigirá pela tua mão!...

- Preferirei o convento àquele monstrengo imbecil!... - diz a mocinha. - Mas, não temo papai!... Não é o dono do meu destino!... E, digo-te, com toda a certeza deste mundo: *João Manuel* não assassinou *Manuela*!... Certamente, um dos seus amantes fê-lo, por vingança!...

- Mas, teu pai não pode saber que vivias em tal ambiente, minha filha!... - observa, preocupadíssima, a mulher. - Se, ao menos, disso

tudo vier ele desconfiar, matar-nos-á, sem titubear!... Deus do céu!..- Onde é que andava eu com a minha cabeça, a confiar-te aos cuidados de uma devoradora de machos como aquela!... Ai, como disso me arrependo!... Olha, que o tiro sai a explodir-nos pela culatra!... Pensava eu te livrar das duas forcas, com uma só porretada: do convento e do casamento com o traste do teu primo; entretanto, vê lá no que tudo se desemboca!... Tu te enroscas num crime de morte!... - e, olhando para o alto, exclama, pondo as mãos em concha sobre os lábios: - Culpa tua, descarada!... Viúva negra!... Bem-feito!... Levaste uma daquelas!... Tiveste o que merecias!... Deste com os teus comos no muro, ordinária!... Foste tarde!... Que queimes aí nos infernos, marafona das boas!...

- Mamãe!... - admoesta a mocinha à mãe. - Papai poderá ouvir-te!...

- Tens razão, meu anjo!... - diz a mulher, contendo-se. - Se, ao menos, suspeita disso tudo, trancar-te-á naquela horrível clausura, pelo resto dos teus anos!...

- Pois que tente e verá!... - exclama, resoluta, a mocinha. - Anda, vê se descobres para onde é que levaram *João Manueli*... Preciso vê-lo, urgentemente!... Melhor: preciso tirá-lo de tal lugar!... E depressa, posto que é inocente!...

- Para onde o levaram?... - observa *Bárbara*. - Ora, para a cadeia pública!... Para onde mais seria?...

- Pois é para lá que me vou!... - diz a mocinha, resolvendo-se.

- E o que digo a teu pai?... - pergunta a mãe, apreensiva.

- Que eu e tu iremos à abadia, para rezar!... - responde *Teresa Cristina*.

- Também eu terei de ir-me contigo?!... - espanta-se a mulher. - Jamais estive em lugar tão infamante!...

- Pois sempre existe a primeira vez, mamãe!... - diz a mocinha. - E se, realmente, desejas que não me vá até lá, sozinha, toca a aviar-te depressa!...

Bom tempo depois, quando a tarde já caía, o coche estacionava diante do tétrico edifício da cadeia pública de Lisboa. Resoluta,

Teresa Cristina deixa o carro e galga, apressadamente, os grosseiros degraus de pedra da escadaria que dava à entrada principal. *Bárbara* segue-a, um pouco atrás, altamente esbaforida.

- Deixa-me falar, antes, ao inspetor *Venâncio da Silveira*.... - grita para a filha. - Conheço-o de longa data!...

- Se quiseres falar com ele, mamãe, será problema teu!... - responde a mocinha, sem se deter. - Eu sei com quem, realmente, preciso falar!... - e adentra o edifício, sem demonstrar qualquer receio.

- Espera-me, minha filha!... - brada *Bárbara*, atendo-se, temporariamente, no meio da escadaria, para abanar-se com o leque e tomar fôlego.

- Desejo entrevistar-me com um prisioneiro! - diz a mocinha resolutamente, diante do birô, onde se achava sentado o comandam da guarda.

O homem levanta os olhos dos papéis que examinava e observa curioso a jovenzinha ali postada diante dele.

- De quem se trata, senhorita? - pergunta o oficial.

- Do senhor *Barão da Reboleira*, aqui preso, injustamente, pelo assassinato da *Baronesa da Ajuda*!... - responde ela, sem titubear.

O homem olha-a espantado. A intrepidez que a mocinha demonstrava era fato incomum às donzelas da época. Neste comenos, *Bárbara* chegava, altamente esbaforida pelo esforço despendido a que se submetera no afã de seguir a filha.

- Oh, senhor comandante!... - exclama a mulher, aproximando-se. - Perdoai a minha filha!... Ela ainda não aprendeu, definitivamente, a portar-se em sociedade!...

O homem olha para as duas mulheres, ainda sem entender muita coisa. Não era fato comum receber mulheres daquela categoria, ali, na cadeia!... Além do mais, desacompanhadas dos maridos.

- Por favor, senhor comandante!... - implora a mocinha. - Permitti que nos avistemos com o senhor *Barão da Reboleira*!...

- Com que finalidade, senhoras, deverei propiciar-vos uma entrevista com o referido prisioneiro? - pergunta o oficial, sem deixar a sua fleuma por um só instante.

- Oh, deixai que me apresente, senhor comandante!... - diz, nervosa, a mulher, tomando a frente da filha. - *Bárbara Dantas e Melo, Marquesa das Alfarrobeiras*, a vosso dispor!... Precisamos falar ao senhor inspetor *Venâncio da Silveira!*

- Não senhor! - corrige *Teresa Cristina*. - Desejamos ver o senhor *Barão da Reboleira!*

O homem limita-se a olhar para ambas com um par de olhos inexpressivos. Ainda não entendera o que, realmente, desejavam as duas.

- Senhor - insiste *Bárbara* -, minha filha é noiva do senhor *Barão da Reboleira!*... Precisa avistar-se com ele, urgentemente!...

- Não é de praxe permitirem-se visitas aos prisioneiros que se achem sob a suspeita de crimes de tal monta, madama - diz o oficial. E prossegue, sempre dentro da sua inalterabilidade comportamental; dir-se-ia que o homem agia como se fosse uma máquina, tamanha a sua formalidade:

para que visiteis o prisioneiro, será necessária uma ordem obtida de instâncias superiores. Não tenho competência para assumir tal responsabilidade.

Bárbara pensa por instantes, e uma idéia surge-lhe:

- Tal ordem acaso poderia advir de alguém da importância do inspetor-geral da milícia?... Do senhor *Venâncio da Silveira*, por exemplo?...

- Por certo que sim, senhora... - responde, neumático, o homem. _ E onde poderei achá-lo neste momento?... - pergunta *Bárbara*.

- Em seu gabinete, senhora.

- Vamos, filha!... - diz a *Marquesa das Alfarrobeiras*, puxando, resolutamente, a mocinha pela mão. - Também eu, agora, tenho muito interesse em conversar com o senhor *Barão da Reboleira!*... Sei lá o que tu e ele andastes aprontando naquele antro de perdição!...

- *Mamãe!*... - resmunga a mocinha, seguindo-a, que caminhava, firme e determinadamente, pelos corredores do vetusto edifício da cadeia pública de Lisboa, em busca do gabinete do inspetor-geral da milícia.

- Oh, sim!... - exclama *Bárbara*, pisando firme, enquanto caminhava apressada. - Oh, sim, tiveste excelente professora, pelo visto!... E, sabe-se lá que tipo de lições aprendeste com ela!...

Neste comemos, ali mesmo, nos sombrios subterrâneos do edifício, numa das celas, dois jovens prisioneiros conversavam.

- Há que se ter esperança, *Francisco!*... - diz um deles. - Sei que és inocente!... Confiemos em Deus e rezemos para que a verdade apareça!...

- Não sei, não, caríssimo *Vítor!*... - rebate o outro. - Tenho a certeza de que foi meu irmão que arquitetou todo este plano e me enredou nesta trama infamante!... Ele tem todo o interesse em ver-me morto!... Herdará sozinho tudo o que papai nos legou por herança!...

- Mas sois tão ricos!... - exclama o outro rapaz. - Vossa fortuna sempre foi tida como imensa!... Acaso não é assim?... Tudo o que tendes daria, sem sombra de dúvida, para viverdes, nababescamente, pelo resto de vossas vidas, sem qualquer tipo de preocupação!...

- Sim, meu amigo, assim é!... - responde o outro, tomando-se de forte desolação. - Somos, de fato, muito ricos!... Mas, a ambição do teu irmão é maior que essa maldita fortuna!...

- Vê como são as coisas, meu caro!... - diz o outro, percebendo que seu novo amigo entristecia-se. - Nós, os aristocratas, somos uma minoria a deter quase toda a riqueza do reino!... Somos tão poucos e temos quase tudo!... Sempre tivemos privilégios!... As melhores habitações são as nossas; temos as melhores roupas; sempre viajamos para onde desejamos!.. Temos privilégios e mais privilégios!... Sabias que esta cela é diferente das demais?... Os pobres acham-se encarcerados mais abaixo, no mais escuro, quase

sem ar e sem luminosidade!... Até aqui dão-nos privilégios por pertencermos à nobreza!... Mas, os ventos das mudanças começam a soprar!... Viste os franceses?... Deram o primeiro e grande tiro inicial!... E sabem quem acertaram?... A aristocracia!... O rei!...¹

- E o que dizem... - responde *João Manuel*. E, como possuía pouca cultura política, limitava-se mais a ouvir que a opinar.

- Pois é o que te digo - prossegue o outro -, fortunas imensas como a que possuís, certamente deixarão de existir!... Não passam de uma afronta à miséria que nos rodeia!... Nós, os aristocratas, estamos com os dias contados neste mundo, meu caro!... A França deu o exemplo; o resto da Europa seguir-lhe-á os passos!... Contou-me o capitão *Severo da Fonseca*, dias atrás, quando aqui estive a visitar-me, que os reis franceses foram aprisionados, recentemente, pelo povo!...² E o medo trouxe a terrível reação: a aristocracia inglesa, para coibir a ação dos mais ousados, lidera o bloqueio à França, juntamente, com a Áustria e outros países europeus, com o intuito de isolar os malefícios deflagrados pela revolução!... Entretanto, para permanecerem no poder, os reis escorcham ainda mais o povo com pesados impostos, a financiarem seus exércitos e, com isso, só fazem aumentar ainda mais a miséria e a desigualdade entre seus súditos!... Mas, apesar da violenta reação das cabeças coroadas, sei que as coisas mudam...

Neste comenos, um grito ouve-se diante das grades da cela:

- *Anjinhol!*...

1. Referência à Revolução Francesa, conjunto de acontecimentos que, entre 5 de maio de 1789 e 9 de Novembro de 1799, alteraram o quadro político e social da França. Em causa estavam o Antigo Regime (*Ancien Regime*) e a autoridade do clero e da nobreza. Foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e da Independência Americana, ocorrida em 4 de julho de 1776.

2. Os reis franceses foram presos pelos revolucionários e, posteriormente, executados. Luís XVI, em 21 de janeiro de 1793, e Maria Antonieta, sua esposa, em 16 de outubro, no mesmo ano, ambos guilhotinados em praça pública.

João Manuel toma-se de intensa emoção. Era ela!... Seu amor viera vê-lo!...

_ *Tininha!*... - escapa-lhe o rouco grito da garganta, e ele se lança de encontro às barras de ferro. - Tu vieste, meu amor!...

- Sim!... Sim!... - diz ela, segurando-lhe as mãos nervosas, cheias de vontades de se tocarem, de se sentirem.

E, apesar da barreira das grades, o inevitável e desejado beijo de extrema paixão advém forte, longo, carregado de intensas saudades!...

- Olha os modos, *Teresinha!*... - brada *Bárbara* que chegava um pouco mais atrasada, em companhia do inspetor-geral *Venâncio da Silveira*.

- Contenha-te de tais arroubos, menina!...

Teresa Cristina e *João Manuel* nada ouviam. Ainda de lábios colados em extensíssimo beijo, davam evasão aos seus anseios de estarem juntos. Por fim, a realidade:

- Oh, estás tão abatido, meu amor!... - diz ela, acariciando-lhe o rosto que se tomava, de novo, desleixado pela falta da toaleta diária.

-Maltratam-te aqui, não é?...

- Maltrata-me mais a tua ausência, meu amor!... - exclama ele, beijando, apaixonadamente, a mão que lhe acariciava o rosto.

- Mas, aqui vim, com mamãe, para soltar-te!... - exclama ela, animando-se. - Vê!... Trouxemos até o inspetor *Venâncio da Silveira!*...

- Oh, não te animes tanto assim, senhorita!... - apressa-se em corrigi-la o inspetor da milícia. - Não se acha mais em minhas mãos o poder de libertar o senhor *Barão da Reboleira!*... Ainda pesam sobre ele as sérias denúncias de ser o principal suspeito do assassinato da senhora *Baronesa da Ajuda!*...

- Não!... - apressa-se em responder a mocinha. - Isso é uma calúnia que inventaram sobre ele!... Eu estive com *Anjinho* por toda aquela noite!... Tenho a absoluta certeza de que não foi ele!...

- *Teresinha!*... - grita *Bárbara*. - Olha a tua reputação, criatura!... Acaso desejas arruinar-te, é?... - e se voltando para o inspetor da milícia: - Oh, não lhe deis ouvidos, caríssimo senhor *Venâncio da*

Silveira]... Minha filha está apaixonada pelo tal, e vós sabeis, senhor, uma paixão assim é capaz de fazer misérias!...

- Por certo que sei, senhora *Marquesa das Alfarrobeiras!*... - exclama, respeitoso, o inspetor-geral da milícia. - Sei muitíssimo bem o que são as explosões de uma paixão assim!... - e, dando-lhe disfarçada piscadela de olhos, prossegue: - Não os estou, por certo, a levar a sério! Ficai descansada!... O que aqui se ouviu, ficará somente entre nós'

- Oh, agradecida, senhor *Venâncio da Silveira...*, - exclama *Bárbara*, emitindo fundo suspiro de alívio. - Sois, de fato, excelente cava lheiro!... - e se voltando para a filha: - *Teresinha*, vamo-nos daqui! Isto não é lugar para nós!... Anda, vamos!...

- Juro-te, meu amor - sussurra ela para *João Manuel* -, lutarei para livrar-te daqui!... Se mamãe já não mais me apoia, lutarei sozinha!...

- Agradeço-te, imensamente, meu tesouro!... - diz-lhe ele, beijando-lhe, efusivamente, as mãos. - Mas, sozinha, pouco poderás fazer!. Procura *Dom Eusébio**.... Ele te auxiliará, com certeza!...

- Sim!... - exclama ela, animando-se com a sugestão que ele lhe fazia. - Procurá-lo-ei, ainda hoje!... Tenho a absoluta certeza de que nos ajudará!...

Pouco depois, no carro, mãe e filha discutiam.

- Peço-te, *Teresinha*.... - diz *Bárbara*. - Esquece esse rapaz!... O inspetor *Venâncio da Silveira* assegurou-me que, dificilmente, o gajo escapará à força!... As provas contra ele são irrefutáveis!... E, além d mais, sabias que ele era um dos tais que freqüentava a casa da douda da *Manuela*?... Que era mais um no imenso rol de seus deslavado amantes?... Até isso a milícia já descobriu sobre ele!... Delatou-o u das criadas de *Manuela**....

- *Inácia*.... - exclama *Teresa Cristina*. - Era ela que marcava o encontros furtivos da patroa!...

- Então tu sabias de mais essa?!... - exclama, estarecida, a *Marquesa das Alfarrobeiras*. - Que *Manuela* tinha as criadas por alcovi teiras a lhe pescarem os homens pelas ruas, é?... E por que é que

permaneceste, menina?... E que namorado arranjaste, hein?... Um bel rufião!...

- Mamãe!... - diz a mocinha, agastando-se com as idéias preconcebidas que a mãe fazia do rapaz. - *João Manuel* não é nada do que pensas!... É um homem bom!... É amável, gentil!...

- Sei!... - exclama *Bárbara*, a vazar ironias. - O irmão o deserda, e ele fica de olho em ti!... Ora, conta-me outra, menina!... Acaso, não vivia, antes, pelas ruas, como um bandido?... E queres, acaso, provar-me que se transmudou em santo, assim, de ontem para hoje?... Olha, menina, és de fato uma ingênua, isso sim!... E, proibite, terminantemente, d retornares à cadeia, entendeste bem?... E se me desobedeceres, conto toda esta maranha a teu pai!... E ele que faça bom proveito de ti, doando-te seja ao nojento do *Vasco* ou às estrambóticas *Carmelitas Descalças*!... A ele que lhe apraza fazer contigo o que bem desejar!... Quanto a mim, acabo de lavar as minhas mãos!...

Teresa Cristina cala-se. A mãe achava-se altamente irada e não era bom naquele momento, voltar a cutucá-la com vara curta, não. Mas, conheci-a. Ela tinha um coração do tamanho do mundo!... Por outro lado, sabia que tinha urgência em falar com *Dom Eusébio*, e a mãe seria peça importante para levá-la até ele. Entretanto, tinha, primeiro, que convencê-la a ajudar *João Manuel*. Então, arrisca-se a olhá-la de soslaio. *Bárbara* estava muda, de cenho carregado, a fingir que olhava a paisagem que passava célere pela janela do carro. *Teresa Cristina*, então, toma-lhe a mão e a aperta forte. Em seguida, leva-a aos lábios e a beija ternamente. E *Bárbara*, ainda fingindo alta sisudez à fisionomia, olha para a filha. A mocinha abre-lhe um sorriso lindo, um sorriso de pedido de desculpas e, ao mesmo tempo, pedinchão, cheio de súplica.

- Vai lá, marota!... - exclama *Bárbara*, esforçando-se, ao máximo, para, vencida, não sorrir também e para não tomar aquela criaturinha linda aos braços e para não cobri-la, efusivamente, de

beijos. - Que é que vais querer, agora, que esta tola aqui te faça, hein?

- Que me leves ao bispado!... - diz *Teresa Cristina*, lançando-se aos braços da mãe. - Preciso falar, urgentemente, com *Dom Eusébio*... - e a beija, repetidas vezes, às faces.

- Ai, eu sabia!... - exclama *Bárbara*, rindo-se. - Quem é que pode contigo, diabinha?... Vais atolar-me num banco de areia movediça, eu sei!... E nem dez parelhas de fortíssimos bois haverão de tirar-me de lá!... Mas, o que não faço por ti, meu tesoiro?... - e, apontando o rosto janela afora, grita ao cocheiro: - Toma os rumos da diocese, *Praxedes*!... E não poupes os cavalos!... Dá-lhes de relho ao lombo, que temos muita pressa!...

Ligeiro, o carro vencia as distâncias. *Teresa Cristina* olha para a mãe, e lhe sorri agradecida. *Bárbara* devolve-lhe o sorriso, enquanto pensa: "*Haverá, acaso, em todo o mundo, alguém cujos miolos sejam mais moles que os meus?...*"

Capítulo 23

A luta pela liberdade

O carro em que *Teresa Cristina* e *Bárbara* viajavam estaciona diante da mansão episcopal.

- Nunca aqui estive antes!... - observa *Bárbara*, olhando, admirada, da janela do carro, a vetusta fachada da construção medieval.

- Pois eu já!... - diz a mocinha, aviando-se, ligeira, a deixar a caruagem. E, puxando a mãe pela mão, prossegue: - Anda, senhora dona *Bárbara*.... Põe as banhas a mexerem-se depressinha!...

- Ui... Entalo-me aqui qual tafulho ao gargalo duma botija!... - exclama a outra, tentando, em vão, aligeirar-se para deixar o carro. - Valha-me Deus, que me acho qual uma marra cevada, de tão gorda!...

Neste comenos, alertado pelo cocheiro que disparara o sininho da entrada, o padre-mordomo aparecia, montado em sua fleuma habitual. Entretanto, ao divisar o brasão colorido a ostentar-se na porta do carro, tratou de aprestar-se ao máximo, aproximando-se em atitude largamente servil.

- Sede bem-vindas, senhoras!... - exclama ele, fazendo ligeira reverência. - A quem devo anunciar?

- *Marquesa das Alfarrobeiras* e a filha, reverendíssimo padre!... -diz *Bárbara*.

- E disse a *Dom Eusébio* que temos urgência em vê-lo, reverendo!-- emenda a mocinha. - Estamos afobadíssimas!... Não temos, portanto, nenhum tempo a perder!...

- Menina!... - admoesta-a *Bárbara*. - Isso lá são modos?... - e se rindo, desajeitada, para o padre-mordomo, prossegue: - Oh, não lhe deis ouvidos, não, reverendíssimo!... Sabeis, por certo, como é a juventude!... Andam a saracotear cá e lá como símios doudos sobre os galhos das árvores!... Que gente, Deus meu!...

O padre-gigante olha-a com um par de olhos bambos de sono e, fazendo ligeira mesura, diz:

- Fazei a gentileza de seguir-me, Excelências!...

_Eu disse aquilo, porque esse aí é um toleirão!... Um paio daqueles, mamãe!... Olha só como anda!... - cochicha *Teresa Cristina* à mãe, enquanto acompanhavam o padre, através de extenso corredor.

- Ssssh!... - devolve-lhe a mãe, à guisa de reprimenda. - Cala-te, menina!... E se ele nos ouve?...

- Quanto a isso, tranqüiliza-te; não percebeste que é meio apateado?... - diz a mocinha, mal sofrendo o riso.

Neste íterim, aproximavam-se da porta do gabinete do bispo.

- Sua Excelência aguarda-vos, senhoras!... - diz o padre, fazendo ligeira reverência e lhes franqueando a entrada.

- Oh, acho que já te conheço!... - diz *Dom Eusébio*, abrindo largo sorriso e apontando um dedo para a mocinha que se adiantava à mãe. *Bárbara* mantinha-se à retaguarda, um tanto receosa.

- Por certo que sim, Excelência!... - diz *Teresa Cristina*, dobrando os joelhos e beijando a pedra do anel que ele lhe estendia. - Sou a noiva do *Anjinho!*

-Ah, justamente!... - diz o bispo, abraçando-se afetuosamente à mocinha.

- Era disso que estava a lembrar-me!... A graciosa noiva do *Anjinho!*...

- e, esticando o pescoço, espiona *Bárbara* que ainda se postava atrás, um tanto acanhada: - Vossa mãe, presumo!... Sois muito parecidas!...

- Oh, sim, é minha mãe!... - diz a jovencinha. E, fazendo um gesto com a mão: - Aproxima-te, mãe!...

- Vossa bênção, Excelência!... - diz *Bárbara*, ajoelhando-se diante do bispo.

- Acho que vos conheço, senhora *Marquesa das Alfarrobeiras!*... f diz *Dom Eusébio*, depois de se acomodarem todos nas poltronas.

- Oh, sim!... - exclama ela. - Das missas na catedral!...

- Muitíssimo bem!... - continua o bispo. - Entretanto, a que devo tão agradável visita?...

- Acaso sabeis, Excelência, que prenderam *Anjinho?*... - diz-lhe *Teresa Cristina*, sem quaisquer rodeios.

- Oh, não!... - exclama o bispo, espantando-se com a notícia. - Eu ainda não sabia!... E por que se deu tal fato?...

Capítulo 23

A luta pela liberdade

O carro em que *Teresa Cristina* e *Bárbara* viajavam estaciona diante da mansão episcopal.

- Nunca aqui estive antes!... - observa *Bárbara*, olhando, admirada, da janela do carro, a vetusta fachada da construção medieval.

- Pois eu já!... - diz a mocinha, aviando-se, ligeira, a deixar a caruagem. E, puxando a mãe pela mão, prossegue: - Anda, senhora dona *Bárbara**.... Põe as banhas a mexerem-se depressinha!...

- Ui... Entalo-me aqui qual tafulho ao gargalo duma botija!... - exclama a outra, tentando, em vão, aligeirar-se para deixar o carro. - Valha-me Deus, que me acho qual uma marra cevada, de tão gorda!...

Neste comenos, alertado pelo cocheiro que disparara o sininho da entrada, o padre-mordomo aparecia, montado em sua fleuma habitual. Entretanto, ao divisar o brasão colorido a ostentar-se na porta do carro, tratou de aprestar-se ao máximo, aproximando-se em atitude largamente servil.

- Sede bem-vindas, senhoras!... - exclama ele, fazendo ligeira reverência. - A quem devo anunciar?

- *Marquesa das Alfarrobeiras* e a filha, reverendíssimo padre!... -diz *Bárbara*.

- E disse a *Dom Eusébio* que temos urgência em vê-lo, reverendo!... - emenda a mocinha. - Estamos afobadíssimas!... Não temos, portanto, nenhum tempo a perder!...

- Menina!... - admoesta-a *Bárbara*. - Isso lá são modos?... - e se rindo, desajeitada, para o padre-mordomo, prossegue: - Oh, não lhe deis ouvidos, não, reverendíssimo!... Sabeis, por certo, como é a juventude!... Andam a saracotear cá e lá como símios doudos sobre os galhos das árvores!... Que gente, Deus meu!...

O padre-gigante olha-a com um par de olhos bambos de sono e, fazendo ligeira mesura, diz:

- Fazei a gentileza de seguir-me, Excelências!...

- Eu disse aquilo, porque esse aí é um toleirão!... Um paio daqueles, mamãe!... Olha só como anda!... - cochicha *Teresa Cristina* à mãe, enquanto acompanhavam o padre, através de extenso corredor.

- Ssssh!... - devolve-lhe a mãe, à guisa de reprimenda. - Cala-te, menina!... E se ele nos ouve?...

- Quanto a isso, tranqüiliza-te; não percebeste que é meio apate-tado?... - diz a mocinha, mal sofrendo o riso.

Neste íterim, aproximavam-se da porta do gabinete do bispo.

- Sua Excelência aguarda-vos, senhoras!... - diz o padre, fazendo ligeira reverência e lhes franqueando a entrada.

- Oh, acho que já te conheço!... - diz *Dom Eusébio*, abrindo largo sorriso e apontando um dedo para a mocinha que se adiantava à mãe. *Bárbara* mantinha-se à retaguarda, um tanto receosa.

- Por certo que sim, Excelência!... - diz *Teresa Cristina*, dobrando os joelhos e beijando a pedra do anel que ele lhe estendia. - Sou a noiva do *Anjinho*.

-Ah, justamente!... - diz o bispo, abraçando-se afetuosamente à mocinha.

- Era disso que estava a lembrar-me!... A graciosa noiva do *Anjinho*....

- e, esticando o pescoço, espiona *Bárbara* que ainda se postava atrás, um tanto acanhada: - Vossa mãe, presumo!... Sois muito parecidas!...

- Oh, sim, é minha mãe!... - diz a jovenzinha. E, fazendo um gesto com a mão: - Aproxima-te, mãe!...

- Vossa bênção, Excelência!... - diz *Bárbara*, ajoelhando-se diante do bispo.

- Acho que vos conheço, senhora *Marquesa das Alfarrobeiras*....

- diz *Dom Eusébio*, depois de se acomodarem todos nas poltronas.

- Oh, sim!... - exclama ela. - Das missas na catedral!...

- Muitíssimo bem!... - continua o bispo. - Entretanto, a que devo tão agradável visita?...

- Acaso sabeis, Excelência, que prenderam *Anjinho*?... - diz-lhe *Teresa Cristina*, sem quaisquer rodeios.

- Oh, não!... - exclama o bispo, espantando-se com a notícia. - Eu ainda não sabia!... E por que se deu tal fato?...

- Acusam-no de ter matado a nossa prima, a *Baronesa da Ajuda* que conforme deveis saber, foi assassinada pouco tempo atrás!... - diz a mocinha. - Mas, adianto-vos, senhor, que *Anjinho* é inocente deste crime que a ele tentam imputar, pois, na noite em que mataram a pobre *Manuela*, estivemos juntos, ele e eu, todo o tempo!... Sou-lhe testemunha!...

- Oh, creio em ti!... Creio em ti!... - observa, sério, o bispo. Era patente a grande preocupação a desenhar-se-lhe, de inopino, às feições. Cala-se, altamente chocado pela tragicidade da notícia, mas, depois de instantes, prossegue: - Por *Anjinho*, ponho a minha mão ao fogo!... Se: que ele é incapaz de cometer monstruosidade como essa!... Conheço-o, desde que era um garotinho!... Criou-se em nosso orfanato!...

- Pois é, Excelência!... - diz *Bárbara*, entrando na conversa. - Estivemos com ele, há pouco, na cadeia pública!... E conversamos, também, com o inspetor-geral da milícia, o senhor *Venâncio da Silveira*, que nos garantiu pesar sobre *Anjinho* severas denúncias e fortes indícios de ser ele o assassino de *Manuela*!...

- Eu não o creio!... - exclama *Dom Eusébio*, levantando-se, preocupadíssimo, e se pondo a caminhar em círculos, com as mãos entrelaçadas às costas, como era seu costume: - Não posso acreditar em tais denúncias contra esse rapaz!... Tenho-o em alta conta e lhe conheço, a fundo, o caráter!... Não!... Ele, não!... Qualquer um outro deve ter cometido tal monstruosidade, mas *Anjinho*, não!... Além do mais, t juras que estiveste com ele, não é, menina?... Pois eu creio em ti!... Aí está a prova do que digo!... Alguém deseja é vê-lo em maus lençóis!... -isso!... - e se cala, por instantes, como se estivesse a rememorar coisa importantes.

De fato, *Dom Eusébio* lembrava-se do colóquio que mantiver tempos atrás, com *João Miguel*, quando lá estivera, com o intuito de demovê-lo das idéias preconceituosas que alimentava sobre o irmão desaparecido. Notara-lhe, nas entrelinhas da conversa, o incontido ódio que alimentava pelo irmão!... O rapaz tentara disfarçar alguma coisa mas o sentimento de aversão pelo outro era tão forte que lhe escapava ao controle. Por fim, declarara que considerava o irmão incapaz de ministrar toda a fortuna que herdaria e que o pai errara em fazê-lo, também seu herdeiro!... *Dom Eusébio*, agora, tinha quase a absoluta certeza que *João Miguel* engendrara toda aquela sujeira para afastar o irmão do seu caminho!... Notara-lhe, perfeitamente, a capacidade, sim, de praticar aquele tipo de coisas: rapaz nervoso, assaz soberbo, inquieto, sempre casmurro e mal-educado, além de ser muito violento no trato com a criadagem!... Sim, *João Miguel* arrebanhava para si todas as características para ser ele mesmo o autor daquele assassinato!... E, com que desfaçatez, lançava toda a culpa ao irmão!...

- Dizei-me, senhoras - diz o bispo, depois da profunda reflexão a que se submetera -, sabeis, acaso, quem fez a denúncia contra *Anjinho*?...

- Não nos relatou o senhor *Venâncio da Silveira* - apressa-se *Bárbara* em responder. - E não fazemos sequer a mínima idéia de quem tenha sido o talzinho a praticar tão infundada denúncia...

- Eu sei!... - diz a mocinha, contradizendo a mãe. - Foi o irmão dele, *João Miguel*!...

- E por que afirmas isso com tal veemência, senhorita?... - pergunta *Dom Eusébio*, fixando-a sério. As palavras de *Teresa Cristina* confirmavam-lhe o que já supunha que fosse.

- *João Miguel* odeia *Anjinho*!... Não lhe queria dar a parte da herança deixada pelo pai!... - diz a juvenzinha. E prossegue cheia de firmeza:

- *João Manuel* contou-me tudo!... Acaso não estivemos ambos, aqui, dias atrás, a aconselhar-nos com Vossa Excelência?...

- Justo... - diz o bispo, a coçar o queixo, enquanto ponderava sobre a questão. - Justíssimo o que concluis, minha filha... Tens toda a razão!... Tudo leva a crer que foi *João Miguel* a fazer a denúncia!... Mas, daí a julgá-lo, de antemão, o executor de *Manuela*, não podemos ser levianos atai ponto!... Mas, irei investigar!... Sossegai, que irei visitar *Anjinho* na cadeia, ainda amanhã, bem cedinho!... E também falarei ao inspetor-geral da milícia, o senhor *Venâncio da Silveira*... Temos que nos mexer, senhoras!... E depressa!... Tais denúncias são graves e, se nada se fizer em favor de *Anjinho*, sabeis muito bem o que já lhe está reservado, não?...

- A força... - murmura *Teresa Cristina*, com os olhos rasos de pranto.

- Exatamente, minha filha!... - diz o bispo, abraçando-a, ternamente.

- Mas, sossega o teu coraçãozito, que tudo o que estiver ao "osso alcance será feito!...

Pouco depois, no carro, de volta para casa, *Teresa Cristina* ainda chorava, altamente desconsolada, com a cabeça apoiada ao ombro da mãe. A noite já caía friíssima, escura - triste noite de mais um triste inverno.

- Acalma-te, meu bem!... - diz-lhe *Bárbara*, tentando consolá-la. Não nos prometeu *Dom Eusébio* interceder por ele?... Os bispos têm muita influência!... Tu verás!...

- Não sei, mamãe!... - responde a mocinha, entre soluços. - Terríveis pressentimentos, às vezes, assolam o meu coração!... E, se eu o perder, o que será de mim?...

- Oh, tu não o perderás!... - diz *Bárbara*, apertando-a forte nos braços. - Tu não o perderás!... Confia na Divina Justiça!... Deus não permitirá que ele se vá, assim tão cedo!... - e, mesmo na desgraça, faz pilhéria, tentando levantar os ânimos da filha: - Que airoso rapagão, hein?... Cá, entre nós, seria um desperdício, não concordas?... Inda se ele fosse feio, careca e barrigudinho... Mas, ai, toda aquela formosura a balançar à ponta de uma horrorosa corda?... Não!... As mulheres de toda a Lisboa ficariam furiosas e,

olha lá, se não linchassem o carrasco desta vez!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Ah, mamãe!... - diz ela, abrindo um sorriso no meio das lágrimas. - Tu não tens mesmo jeito, não é?

Bárbara olha, enternecidamente, para a cabeça da filha, a apoiar-se em seu colo. Como a amava!... Acaricia-lhe, então, os cabelos acobreados com as mãos, e *Teresa Cristina* emite fundo suspiro. Como lhe era penoso, muito penoso, mesmo, constatar que a sua menina já sofria tanto!... "*Ah, as dores do coração!...*", pensa *Bárbara*, enquanto beija, ternamente, os cabelos da filha. "*Existirão dores mais acerbas que as dores do amor?...*" Depois, levanta os olhos e espia lá fora, pela janela do carro. Reconhece as árvores do bosquete da entrada da sua quinta. Estavam chegando. A noite chegava depressa, gelada, escura, e uma chuva fininha principiava a cair monótona, tomando tudo ainda mais triste...

* * * * *

- Dizeis, então, senhor *Venâncio da Silveira*, que a situação do rapaz é deveras grave? - pergunta *Dom Eusébio* ao inspetor-geral da milícia, enquanto ambos caminhavam pelos corredores da cadeia pública de Lisboa, indo em direção das celas. O bispo mostrava-se altamente ansioso e, mal o dia amanhecera, já ali estava ele a visitar *João Manuel*.

- É o que vos asseguro, Excelência - responde o outro. - E pouco há o que se fazer pela vida do pobre!... Acha-se inculpado neste caso até o pescoço!...

- Sei... - observa o bispo, pensativo. - E já diligenciastes, obviamente, a investigar, apuradamente, se não há outro gajo metido nisso tudo?... Vede bem: se ainda não fizeste...

- Posso garantir-vos, senhor bispo, que tudo estamos a fazer, para que não se cometam injustiças!... - redargui o outro. - Ficai sossegado que também conheço o réu a fundo e, como vós, custa-

me crer ser ele o culpado deste crime!... Mas, reconheço que não devo desprezar a evidência dos fatos!... Como chefe das investigações, não posso desprezar provas tão concludentes!...

- Contudo, não vos esqueçais, senhor *Venâncio da Silveira*, de que provas materiais podem ser facilmente semeadas, a mancheias, às pegadas de alguém que se queira incriminar!... - observa o bispo. - E acho que, se, de fato, estais a par de toda essa tramóia, deveis também, por certo, saber dos interesses outros do irmão do réu!... - e, baixando a voz, como se confidenciasse ao policial: - Este, sim, merecia ser bem investigado...

- Certamente que já o interrogamos, senhor bispo - responde o policial. - Mas, saibais que o irmão contra-argumentou muitíssimo bem a seu favor!... Saiu-se bem e, por certo, também assim será no tribunal!... Os juízes dar-lhe-ão crédito, sem dúvida alguma!... Este já escapou, Excelência!... Não há como o incriminar!... Além do mais, sabemos que o senhor *Barão da Reboleira* não saiu de casa naquela noite!... Seu cocheiro é-lhe testemunha!...

- Poderá ter saído à sorrelfa!... - diz o bispo. - Ou, ainda, sabeis muito bem o quanto os cocheiros costumam ser cúmplices dos seus patrões!...

- Palavras contra palavras, Excelência!... - observa o inspetor da milícia. - E, nesta terra, se alguém tiver muito dinheiro e desejar mandar alguém à forca, isso não costuma ser tarefa muito difícil, não!... Vós o sabeis muito bem!...

- Se sei... - murmura o bispo, pensativo. Dinheiro era o que não faltava a *João Miguel*!... Poderia comprar até a consciência do ministro da justiça, se assim o desejasse!...

Neste comenos, avizinham-se da cela onde se achava preso *João Manuel*.

- *Dom Eusébio*.... - exclama o rapaz, contentíssimo, ao avistar Pessoa que lhe era tão cara. - Que surpresa agradável!...

- Oh, meu menino!... - diz o bispo, comovido.

- Franqueio-vos a entrada à cela, Excelência - fala o inspetor da milícia, abrindo a porta da grade. - E, também, deixo-vos a sós, afim de que converseis à vontade!...

- Oh, meu menino!... - repete *Dom Eusébio*, abraçando-se, efusivamente, ao rapaz. - Que armadilha daquelas aprontaram-te, hein?...

- Pois não é que foi, senhor?... - diz o rapaz, enxugando os olhos lacrimejantes. - Entretanto, acho que sabeis quem é o autor disso tudo, pois não?

- Se sei... - diz o bispo. E, notando o outro jovem que a tudo acompanhava com muito interesse, observa: - E, vós, quem sois, cavalheiro?

- Oh, ele é meu amigo!... - apressa-se *João Manuel* em responder.

- É o *Vítor*!...

- *Vítor Nascimento Torres*, Excelência!... - diz o outro, fazendo longa reverência. E, aproximando-se, ajoelha-se: - Vossa bênção, senhor!...

- *Nascimento Torres*?... - pergunta *Dom Eusébio*. - Acaso sois parente do falecido *Barão de Leiria*, o velho *Eurico Nascimento Torres*?...

- Filho dele, Excelência!... - responde o rapaz.

- Oh, bem que as tuas feições lembravam-me alguém!... - diz o bispo, abraçando, efusivamente, o rapaz. - Fomos muito amigos, teu pai e eu!... Mas, o que aqui fazes?... Não me digas que também és réu de crime de morte?...

- *Vítor* mandou a faca no gajo que lhe queria roubar a noiva, senhor! ... - apressa-se em responder *João Manuel*.

- Oh, mataste-o, então!... - exclama *Dom Eusébio*, sobressaltando-se.

- Não, não!... - explica o rapaz. - Infelizmente, não o matei!... O pulha sobreviveu!...

- Oh, menino!... - admoesta-o o bispo, com severidade. - Deverias é alegrar-te por não o teres matado!... Ou, então, a estas horas, estarias em bem maus lençóis!... Vê a terrível situação em que se encontra *Anjinho*!...

- Pois assim é, Excelência!... - rebate o rapaz. - Mas, que o queria, de fato, ter matado, lá, isso eu queria mesmo!... Disso não me arrependo!...

- Essa juventude!... - exclama o bispo. E se voltando para *João Manuel*: - Dize-me, meu filhinho, olhando cá para dentro dos meus olhos!... Tira-me este peso, de vez, do meu coração!... Tu não a mataste, não é mesmo?...

- Não, senhor!... - apressa-se em responder *João Manuel*. Depois, enchendo-se de mágoa, baixa os olhos e, soprando as palavras molhadas pelo pranto, prossegue: - Vós sabeis que não, *Dom Eusébio*... Vós sabeis que não!... Juro-vos, por Deus, por tudo o que desejardes, que não matei *Manuela*... Vós o sabeis!...

- Se o sei... - murmura o bispo, baixando, tristemente, a cabeça. Tinha a certeza de que o seu menino não houvera feito tamanha barbaridade. Abraça-o, então, fortemente, e lhe diz: - Não te quis magoar, meu menino!... Perdoa este velho imbecil!... Não te quis magoar!... -e ambos choram, abraçados. - E, juro-te, que lutarei, incansavelmente, para livrar-te desta acusação absurda que lançaram sobre ti!... Juro-te, meu filho!... Sabes que te considero o filho da minha alma, não?...

Vítor Nascimento Torres, sentado em seu catre, olha para os dois homens e também se emociona. Por instantes, coloca-se no lugar de *João Manuel* e, pela primeira vez, um arrepio percorre-lhe a espinha de alto a baixo. Terrível pergunta vem-lhe, então, à mente: será que ele, uma vez culpado, teria pessoas assim tão empenhadas em lutar pela sua liberdade?... Cogitou por instantes e constatou, estarecido, que, dificilmente, alguém lutaria por ele, com tanto empenho... No íntimo alegrou-se por não ter dado cabo daquele pulha. Ah, se tivesse matado o rival!... Ninguém teria lutado assim por ele, não!... Ninguém mesmo!...

Os dias passaram-se. As investigações acerca da morte de *Manuela* encerraram-se, e nenhum fato novo foi adicionado ao caso. *João Manuel* foi, assim, declarado o responsável pelo assassinato da *Baronesa da Ajuda*. Marcou-se, então, a data do julgamento. Nesses derradeiros dias, o pobre rapaz achava-se só em sua cela. O companheiro fora solto, dias atrás, mediante o pagamento de indenização à sua vítima. E, naquela tarde cinzenta e fria de meio de inverno, *João Manuel*, altamente melancólico, rememorava a despedida de ambos.

- Vou-me, mas prometo que lutarei por ti, meu amigo!... dissera-lhe o outro ao despedirem-se ambos, abraçando-se longamente.

- Sei que o farás!... Sei que o farás, meu amigo!... - falara-lhe *João Manuel*, altamente comovido pelo apoio que recebia do outro.

Entretanto, poucas pessoas, efetivamente, vinham visitá-lo, na prisão. Exceção da noiva e de *Dom Eusébio*, ninguém mais ali estivera. Porém, *João Manuel* sabia que as visitas não eram facilitadas a qualquer um. Talvez, mesmo que o desejasse, *Vítor* não houvera conseguido, até então, a permissão para rever o amigo. Nem *Gerusa* ali estivera para vê-lo!... Não sabia o real motivo, mas passara a lembrar-se insistentemente, da antiga companheira de desgraças!... De repente uma enorme saudade de *Gerusa* batia-lhe ao coração. Por onde andaria a amiga?... Desaparecera, misteriosamente. Nenhuma notícia mais dela tivera!... Será que *Gerusa* teria já tomado conhecimento da sua prisão?... Saberla ela da grave acusação que lhe haviam imputado sobre o assassinato de *Manuela*?... Se fosse condenado à morte, por certo, não mais a veria!... Pobre *Gerusa*!... Alimentara tantas esperanças em relação a ele!... Queria até forçá-lo a se casarem!... Gostava de *Gerusa*, mas não do jeito que ela queria que ele dela gostasse!... Prometera-lhe casamento, é bem verdade, porém, somente, no afã de arrancar dela o endereço da família!... Enganara-a!... Mas, também, a danadinha fizera chantagem!... Que direito tinha ela de exigir coisas?... Se, descaradamente, ela o chantageava, também ele tinha o direito de enganá-la!... E como ela

ficara furiosa!... Ameaçara-o, e acabaram até inimigos!... Onde entra o interesse, as amizades costumam ruir!... E desabam fragorosamente!... Amizade e interesse - como a água e o óleo - não se misturam jamais!...

João Manuel, sempre solitário em sua cela, rememorava tais coisas do seu passado recente. Como tudo mudara em sua vida!... Tão depressa e tão vertiginosamente, agora, os rumos da sua existência ganhavam patamares tão distintos e tão dispare!... A obscura origem, o orfanato, a miséria absoluta pelas mas... Depois, a redescoberta da verdadeira identidade, o retomo ao seio da família e, conseqüentemente, a vivência em altíssimo luxo e conforto; depois, o encontro com o seu verdadeiro amor e, agora, o opróbrio extremo: a prisão e a infame acusação do assassinato de *Manuela*]... Era-lhe tremendamente desesperador tudo aquilo!... Melhor lhe fora, por certo, se nada houvesse redescoberto da sua vida; se tivesse permanecido na mais absoluta ignorância de tudo, para sempre!... Ter-lhe-ia sido, certamente, mais fácil, menos penoso aquele fardo...

Os dias passavam-se, cheios de angustiosa expectativa. *Teresa Cristina* visitava-o com regular freqüência, e esses encontros revelavam-se repletos de dor e de sofrimento para ambos. *Bárbara* acompanhava a filha e, mesmo lhes dando apoio incondicional, entendia que a situação do rapaz era gravíssima. Houvera se deixado tocar pela terrível situação de *João Manuel*; afeiçoara-se, grandemente, a ele; passara a gostar daquele jovem gentil que, contrariando a lógica das coisas, tudo o que em sua terrível existência poderia ter sido - e que, felizmente, não fora! -, mostrava-se ele, outrossim, muito educado e cheio de particular doçura!... Entendia ela, dessa forma, porque é que a filha apaixonara-se, tão perdidamente, pelo moço; *Teresa Cristina*, na realidade, enxergara naquele rapaz aparentemente rude e inculto os fortes lampejos da bonomia e da firmeza de caráter, indeléveis conquistas do espírito que, principiando a amadurecer, através do constante contato com a dor, já passava a agregar a si algo das virtudes imanentes ao ser,

apesar dos reveses da vida a que se vira submetido, desde a mais tenra infância, situação que não deveria justificar jamais, em ninguém, ensejo à descambação para as sendas do crime ou para a prática sistemática da violência!... E, decidida como era, *Bárbara* convencera o esposo a contratar dois advogados para defenderem *João Manuel*; o homem recusara-se, peremptoriamente, de início, a fazê-lo, mas quem é que escapava às instâncias de criatura como sua esposa?... E, para livrar-se de vez, dos constantes e insistentes rogos da mulher e da filha, aquiescera em atender-lhes o pedido. E, o que mais contribuíra, entretanto, para bem depressa aligeirar o convencimento de *Jerônimo Dantas e Melo* a atender ao pedido da esposa e da filha fora quando *Bárbara*, em momento de alta excitação, dentro do calor da discussão, apontara, ousadamente, um dedo às fuças do esposo e lhe atirara assunto que o marido julgava morto e sepultado: "*Acho que a tua consciência deve ter muito a ver com este caso, meu caro!...*", gritara ela. "*Essa história do desaparecimento do filho de Manuel Antônio e de Rosália andou a cheirar-me mui mal às narinas por estes anos todos!... Mormente, quando me referia a ti acerca deste assunto e, ao mirar-te as fuças, achava-te sempre meio assustadinho, com o rumo que as coisas andavam a tomar!... Lembra-te?... Nada me tira da cabeça que tu andas metido até as orelhas por trás dessa sujidade toda!...*", prosseguira ela, irônica. "*Foi logo, assim, de repente, quando tu foste derrotado no litígio das terras que andavas a d mandar contra o pai do bebê raptado!... E tu chegaste em casa naquela ocasião, a bufares desmedidos impropérios e vinganças pelas ventas como um touro afrontado!... Vamos, vai lá, dize-me que me engano, que estou a dizer uma calúnia contra ti!... \j_{as} faze-o a olhares cá, para bem dentro dos meus olhos!...*". *Jerônimo Dantas*, contrariamente ao que lhe era do feitio, baixara a cabeça e murmurara: "*Tens razão!... Tens toda a razão!... E preciso que se dê um auxílio a esse pobre rapaz!...*". E, no dia seguinte mesmo, o *Marquês das Alfarrobeiras* contratara dois bons advogados da capital. Entretanto, depois de, minuciosamente, estudarem o processo e de ouvirem as testemunhas, os advogados mostraram-se,

também, céticos em relação à possibilidade de *João Manuel* escapar da condenação à morte. Lutaram como doidos, é verdade, mas tudo lhes saía às avessas: as provas contra o rapaz eram por demais evidentes. A própria criadagem de *Manuela*, e se incluindo aí, mais acintosamente, o lamurioso e altamente expressivo depoimento de *Inácia*, a criada favorita da *Baronesa da Ajuda*, a relatar, nas mais bem delineadas minúcias, o escuso relacionamento que *João Manuel* mantivera com a vítima, durante muito tempo, mesmo desde quando ele não passava de um reles vagabundo das ruas do cais do porto. *Teresa Cristina*, por sua vez, depusera a favor do rapaz. Relatara, com veemência, todos os passos que *João Manuel* dera, por toda aquela fatídica noite em que *Manuela* fora assassinada; entretanto, eram palavras contra palavras... Até o cocheiro de *João Miguel* também fora ouvido como testemunha do possível envolvimento do seu patrão no crime; porém, o homem a tudo negara. Negara ter transportado o patrão para qualquer localidade naquela noite!... Melhor: dissera e jurara por tudo que lhe era mais sagrado que ele e o patrão não houberam, em hipótese alguma, deixado a quint" naquela noite!... Como mentira o homem!... Não se sabe se por medo do patrão ou se por dele receber alguns trocos... Sabe-se, apenas, que mentiu, desavergonhadamente, e sustentou sua sórdida mentira até as últimas conseqüências!... Dessa forma, o resultado do julgamento de *João Manuel* já era de pressupor-se: a condenação à morte!

O fatídico dia do julgamento de *João Manuel* chegou, finalmente. Vieram buscá-lo, logo de manhãzinha; deram-lhe água e sabão para lavar-se e permitiram que mudasse as roupas. Veio, também, um barbeiro a acertar-lhe as pontas dos cabelos, a aparar-lhe os bigodes, a moldar-lhe a barba e as suíças. Transportaram-no, depois, numa carroça, até o tribunal. Poucas pessoas, na realidade, interessaram-se pelo julgamento; entretanto, presentes achavam-se *Dom Eusébio*, *Bárbara*, *Jerônimo Dantas e Melo* e *Teresa Cristina*, além dos irmãos de *Manuela* e do esposo que, encontrado pelas bandas de Holanda, e

avisado sobre o assassinato da esposa, ali estava, a demonstrar alta consternação pela lamentável perda da esposa. O réu foi trazido ao recinto, e *Teresa Cristina*, ao vê-lo assomar à porta do salão de julgamento, teve ímpetos de correr até ele e de abraçá-lo fortemente. Por instantes, seus olhos cruzaram-se e, neles, somente dor e angústia notaram-se. Depois, fizeram com que ele se sentasse diante do juiz, ficando, dessa forma, de costas para a assistência. O magistrado, então, interrogou-o longa e meticulosamente. Em seguida, iniciou-se a leitura do processo. Depois, o interrogatório das testemunhas. As verdades, as mentiras... Em seqüência, os discursos de acusação e os de defesa; os debates entre os que acusavam e os que defendiam... O dia avançava lento, a angústia do acusado e dos seus amigos aumentava. Anoiteceu e, finalmente, a sentença. O veredicto já era o esperado: condenação à morte, por enforcamento!... Um lancinante grito de dor ouviu-se. Era *Teresa Cristina* que desmaiava, fragorosamente, diante da crueza dos acontecimentos. De pé, o réu ouvira a sua sentença de morte, extremamente pálido. Seus lábios tremiam, ligeiramente; seus olhos enchiam-se de lágrimas. O grito da mulher amada arrancara-lhe as fibras do coração!... Era o início do seu calvário!... As verdadeiras agruras da sua vida iriam começar a partir daquele instante!... Nunca executavam os prisioneiros de imediato!... Eram cruéis até nisso!... Deixavam-nos sofrer o inferno na antecâmara da morte!... Naquele momento, *João Manuel* teve ímpetos de correr até ela!... Desejava, ardentemente, tomá-la aos braços, murmurar-lhe palavras de coragem!... Mas, achava-se manietado e tinha fortes correntes atadas aos pés!... Impossível correr; era-lhe penoso mover os passos, obrigava-se a caminhar devagar!... Voltara-se, instintivamente, para trás, para olhá-la, quando ela emitira aquele terrível grito de dor!... E pudera, apenas, vê-la que tombava, apoiada pelos braços da mãe!... O juiz admoestara-o, severamente, a conter-se, a manter-se firme, em sua postura, para ouvir a leitura do restante da longa sentença que o condenava à morte...

Haveria dor mais excruciante para dois corações que se amavam perdidamente, que aquela separação cruel?... Certamente que não! Nem *João Manuel* suportou-a. Por mais forte que fosse, por mais terrível que a sua vida já houvera sido, aquilo lhe fora demais. Premido pela intensa emoção e pela dor extrema, sente as vistas escurecerem-lhe e suor gélido exsuda-se-lhe abundante pelo corpo todo; as pernas, então se lhe fraquejam, e também ele tomba, fragorosamente, sobre o piso de pedras...

Capítulo 24

Na antecâmara da morte

Quando *João Manuel* recobrou os sentidos, achava-se em sua cela, deitado sobre o pobre catre. A princípio, as idéias apresentaram-se-lhe meio turvas, confusas. Devagar, levantou-se e se sentou no leito. Zonzo, olha em derredor. O estômago enjoava-se-lhe enormemente. Teve ânsias de vomitar. Depois de alguns ensaios, consegue, finalmente, levantar-se e se encaminha para tosca mesinha onde se achavam uma moringa de terracota com água e um caneco de latão. Com mãos trêmulas, derrama um pouco de água no caneco e sorve o líquido devagar. A baba amarga e espessa que lhe tomava toda a boca, aos poucos se dissipa, e o estômago pareceu melhorar-lhe um tantinho mais. Tropegamente, retoma para o grabato e se deita. De repente, um tremor de frio percorre-lhe o corpo de alto a baixo. Começa, então, paulatinamente, a tiritar. Febre insistente acomete-o, e ele treme de frio intenso. As fortes emoções daqueles dias todos de profundo tormento acabavam por minar-lhe as forças.

Grandemente abatido, geme, premido pelos pertinazes tremores da febre que lhe judiavam, enormemente, dos músculos todos, reduzindo-os a frangalhos. A noite caía, e o carcereiro passou com o carrinho, distribuindo a ração. Notou os insistentes gemidos de *João Manuel* e abriu a cela. Aproximou-se e se curvou sobre o rapaz, estudando-lhe a respiração difícil, entrecortada de estertores e de gemidos.

- E não é que o gajo está a arder em febre?... - murmura o homem, apondo-lhe, demoradamente, o dorso da mão à testa. E resmunga, altamente contrariado: - Mais essa agora!... Toca a chamar-lhe um médico!...

Al gumas horas depois, o carcereiro retomava acompanhado de um médico. O facultativo examina *João Manuel*, cuidadosamente. Chama-o Pelo nome, insistentemente, mas só obtém alguns ininteligíveis grunhidos como resposta.

- E não é que se acha, deveras, mui mal o gajo?... - exclama médico ao carcereiro que a tudo acompanhava, com bastante interesse enquanto segurava um malcheiroso archote de breu a queimar acima da cabeça de ambos, com o propósito de alumiar o serviço do outro.

- E que se há de fazer, senhor doutor *Eustáquio*? - pergunta o carcereiro.

- Digo-te que me parece grave, *Inocêncio*!... - responde, preocupado, o médico. E prossegue, enquanto remexia nos instrumentos que trouxera na maleta preta de couro: - Afirmo-te que é necessário aplicar-lhe um clisma e um vomitório!... Está febril; seu pulso bate todo desordenado; a respiração é-lhe altamente entrecortada; está - suar, abundantemente, em bicas!... Coisa grave, meu caro!... É preciso, bem depressa, expulsar do homem os maus humores¹ do mal que o acomete!...

- E a sangria?... - observa o carcereiro, avivando-se (o homem adorava ver sangrias!. - Não ides sangrá-lo, não?...

- Por ora, não, *Inocência*.... - responde o médico. - Somente se o gajo piorar... Agora, entretanto, vai: avia-te, depressa, a ajudar-me!... Providencia água fervente e um balde. Vamos limpar as tripas do homem!...

- Sim, senhor doutor *Eustáquio* - murmura, desenhado, o homem - , para já!...

Hora e meia depois, o doutor *Eustáquio Ferreira da Fonseca* limpava as mãos, enquanto observava, atentamente, o rapaz que ainda se agitava, enormemente, atacado pela febre contumaz.

- Fica de olho nele, *Inocência*.... - recomenda o médico ao carcereiro, enquanto ajeitava seus petrechos na maleta preta. - Se a febre não baixar dentro de meia hora, dá-lhe mais água de alho, aos poucos, às colheradas, ouviste bem?...

_ Mas não lhe fizestes nenhuma sangria, senhor doutor *Eustáquio*!... exclama, desapontado, o homem. - Como é que a febre ir-se-á?... - e arriscando: - Não achas melhor tentardes, nem que seja umazinha só?... demos-lhe, já, tanta água de alho que o homem acha-se a exalar cheiro tão forte como um lombo de porco temperado, pronto a assar-se!

- Oh, exageras, *Inocência*!... - ri-se o médico. - Além do mais, as sangrias já andam um pouquinho fora de moda!... Quase ninguém mais as faz!... - e, da porta da cela, despede-se: - Adeus!... E não o deixes a sós, hein?... Ai, se ele morre em tuas mãos!... O senhor *Venâncio da Silveira* arrancar-te-á a pele todinha!...

1. De acordo com a História Natural, cada um dos quatro tipos de matéria líquida semilíquida que existiriam no organismo humano e que, no indivíduo sadio, se encontrariam em equilíbrio e lhe caracterizariam o temperamento; a ruptura de tal equilíbrio determinaria o aparecimento das doenças. Eram eles: o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra-Eram muito incipientes, ainda, as práticas médicas dessa época, final do século XVIII, muitos profissionais dessa área seguiam os princípios da Medicina de Galeno e de Hip Crates. Contudo, no século XVII, William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí e, paulatinamente, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia, mudando os rumos da prática da medicina.

O médico se vai, e o homem acocora-se ao lado do catre em que se achava o enfermo.

- Vai lá, infeliz!... - murmura, tremendamente desconsolado, o carcereiro. E, olhando, demoradamente, para *João Manuel*, que ora se debatia no meio de sono agitado, prossegue em tom de desabafo:

- Por culpa tua, estou eu aqui a fazer seroada, sabe-se lá até quando!... Certamente, a varar a noite, cá, metido nesta toca gelada!... E a minha pobre *Leonor* a tiritar de frio e a esperar-me, indefinidamente, sozinha, em nosso leito!... Que maçada!... Por mim, largava-te a morrer da peste que te acomete, desgraçado!... Acaso não estás já prometido ao demo?... Que diferença faria se morresses agora ou depois?... - e, meneando a cabeça, continua: - Contudo, se morres antes da hora, pago eu o pato por ti!... Doido é quem se mete a querer entender essas coisas!... Condenam o gajo à morte e, se ele adoece, chamam-lhe um médico a curá-lo!... Depois, tratam de pendurá-lo numa forca!... Vai lá se entender a cabeça dessa gente!...

Quando o dia amanhece, *João Manuel* melhora sensivelmente. Encontrava-se ainda bastante depauperado, mas já conseguia sentar-se à beira do catre. O carcereiro, aliviado, dá-lhe mais uma dose de remédio.

- Agora, vê lá se não caís em outra como esta, hein?... - diz o homem para *João Manuel*.

- Que se passou, realmente, comigo, senhor? - pergunta o rapaz ao carcereiro que o olhava carrancudo.

- Que se passou contigo?... - responde, ríspido, o outro. - Dois esbirros trouxeram-te cá, já sem sentidos, da corte de justiça, e te largaram aí!... Quando passei, de noitinha, a distribuir a ração, achei-te deitado em teu catre, a agonizar, cozido pela febre!... Tocou-me, então, chamar o senhor doutor *Eustáquio Ferreira da Fonseca*, que conti esteve, por bom tempo, a tratar-te!... Depois, recomendou-me o doutor que passasse eu a noite aqui, ao teu lado,

a vigiar-te, para que não mo resses!... Imagina só, se te vais haver com o diabo antes da hora! Sobravam umas boas para mim, não é?... - Esteve mais alguém aqui, além do médico? - pergunta, ansioso o rapaz.

- Somente o médico e eu aqui estivemos!... - responde o homem. - E me fizeste aqui passar a noite toda a vigiar-te!... Se morrias!... Ai de mim!... E, agora que desta te safaste, vê se em outra não caís tão cedo!... E com esta me vou, que estou como um trapo!... Mal tirei uns ralos cochilos pela noite afora!... Adeus!... Fica-te aí e é bom meteres juízo cachola, ou então!...

A sós, *João Manuel* rememora as últimas horas em que estivera lúcido: o julgamento, a sentença à morte, o grito de *Teresa Cristina*... Depois, tudo se escurecera, e de nada mais se lembrava... Um nó imenso, então, do tamanho do mundo entope-lhe a garganta. Forte desejo de chorar invade-o. Deus do céu!... Teria pouquíssimo tempo de vida!... Sequer completara dezoito anos!... Era tão jovem!... Por que é que tinha de morrer assim?... Não matara *Manuela**... Não matara ninguém!... Que monstruosa injustiça estavam a cometer com ele!... Levanta-se do catre, com muita dificuldade e apanha água da moringa de terracota. Sentia um intenso gosto amargo à boca. Sabia que houvera vomitado. Tinha os músculos todos doloridos pela tremenda descarga emocional recebida. Bebe a água devagar, posto que a garganta doía-lhe enormemente. Depois, volta a sentar-se à beira do catre. Olha em derredor: as grades, as grossas paredes de pedra; os enormes matacões de granito escuro, cortados com precisão incrível, encaixando-se, milimetricamente, uns aos outros; o teto baixo, quase o forçando a curvar-se, quando se punha de pé. Tinha a sensação de que seria esmagado, a qualquer momento, pelas enormes pedras de granito, encaixadas justas, umas às outras, milimetricamente moldadas, numa geometria perfeita, a se sustentarem reciprocamente. Condenado à morte!... Parecia-lhe ainda ouvir, nitidamente, a voz cadenciada e metálica do juiz, lendo a sentença fatal.

- Visita para ti!... - ouve a voz do guarda, chamando-o, à beira da grade.

_ *Dom Eusébio!*... - escapa-lhe um grito da garganta. Vim a consolar-te, meu querido!... - diz o bispo. E, voltando-se para o guarda: - Tenho a permissão do inspetor-geral!... Podes abrir a cela!

_ oh, que surpresa fazeis-me, senhor!... - diz o rapaz, lançando-se aos braços do amigo.

- Não poderia deixar de estar contigo nestas horas de difícil provação para ti, *Anjinho!*... - exclama o bispo, abraçando-se, fortemente, ao rapaz que desatara a chorar convulsivamente. - Sei que és inocente e que a Justiça Divina ainda intervirá a teu favor!... Tenho rezado tanto por ti!...

- Oh, senhor, não sabeis o inferno em que vive a minha alma!... - diz o rapaz, entre lágrimas de desespero. - Não sabeis o que é estar na iminência de perder a vida de forma tão absurda!...

- Oh, acho que te entendo, sim, meu querido!... - diz o bispo, consolando-o. - Entendo-te, perfeitamente. Mas, vem, sentemo-nos para conversar!...

Ambos se sentam no grabato, lado a lado, e o bispo toma as mãos do rapaz e as segura, firmemente, entre as suas.

- Que bom que viestes!... - diz o jovem, tomando as mãos do prelado e as beijando efusivamente. - Que bom que viestes!... Achava-me tão aflito!... Sabíeis que ontem passei mui mal?...

- Deveras?... - responde o bispo, olhando-o nos olhos. - Bem noto que estais com as feições abatidas!... Pobrezito!... - e o aconchega, paternalmente, ao peito. - Mas, olha!... - prossegue *Dom Eusébio*, tomando-lhe a cabeça às mãos e o olhando à face. - Aqui não vim somente a visitar-te!... Sabias que ainda há uma saída para ti?...

- Verdade?!... - anima-se o rapaz. Um brilho, de repente, faísca em seu olhar.

- Sim!... - prossegue *Dom Eusébio*. - Existe a possibilidade de apelar-se para a rainha!...² Sua Majestade poderá conceder-te o perdão,

livrando-te da força e te comutar a pena ao degredo para uma das colônias de além-mar!... Se assim o desejar, a rainha poderá salvar-te, ao menos, a vida!...

- Oh, mas como chegaremos até a rainha?... — observa o rapaz Isso não vos parece um pouco inexecutável?... O palácio de Queluz afigurou-se-me sempre como lugar indevassável, intransponível!... Como pensais chegar até lá?

- Oh, querido!... - exclama *Dom Eusébio*, rindo-se. - A Igreja tem um poder inestimável!... Além do mais, o arcebispo *Dom Agostinho Lopes de Sá* é meu amigo e também o foi do teu pai!... E é um príncipe da Igreja!... Tenho a absoluta certeza de que intercederá em teu favor e nos conseguirá uma audiência com Sua Majestade!... Tu verás!... A alta nobreza - a espiritual e a temporal - costuma entender-se muito bem entre si!...

- Se dizeis que assim é... - diz o rapaz, sem muito ânimo. No íntimo, sabia como eram esses da alta aristocracia: sem pressa, cheios de orgulho até as orelhas, excessivamente temperamentais...

- Vejo que não te animaste muito com essa possibilidade... - observa o bispo, estudando-lhe as reações.

- Na verdade, senhor - expõe ele, levantando-se, ainda um pouco trôpego, e se encaminhando para o centro da cela -, na verdade, acho que a rainha pouco se importará comigo!... Que represento eu para ela?... Nada!... Não me conhece!... Jamais estive na sala do trono, a reverenciá-la ou a reiterar-lhe fidelidade eterna, nas cerimônias do beija-mão!... Em contrapartida, *Manuela* e *João Miguel* lá sempre estiveram; a rainha conhece-os!... Não achais que penderá para o outro lado?... Além do mais, comenta-se que Sua Majestade anda meio... - e faz um gesto significativo com o dedo indicador, girando-o em pequen círculo, ao redor do lado da cabeça.

- Oh, pecas por falta de caridade, *Anjinho*... - admoesta-o *Dom Eusébio*. - Já acolitei missas na catedral às quais Sua Majestade esteve presente e vi nela uma criatura excessivamente pia!... Devera piedosa e sofrida!... Sabias que já Lhe morreram o esposo e o príncip herdeiro à coroa?... A dor não escolhe a quem visitar, não, meu caro!...-Nem os reis dela escapam!... Além do mais, acho que tens conheci mento do terrível fantasma que ronda as cabeças coroadas... Os rei franceses estão presos... Prisioneiros do povo!... E quem garante qu não Lhes sucederá o pior?... O povo enfurece-se e se deslumbra com hipótese de ser ele o detentor do poder absoluto!... A plebe quer ter sua vez, quer ter nas mãos, pela primeira vez, depois de muito tempo, as rédeas, o comando de tudo, para dirigir o próprio destino!... Acha-se a desafiar o poder de Deus, e grande parte da aristocracia francesa já perdeu a cabeça, brutalmente executada em praça pública, na guilhotina!-- E eu, particularmente, acho que é a derrocada final: o mundo revolta-se qual agigantado monstro que, por séculos, dormitou apaziguado em seu covil, mas que ora desperta e se agita e, em seu violento bulício, muita coisa convelirá, e profundas modificações estão por advir!... por isso é que não culpo Sua Majestade, não!... Se a rainha acha-se altamente preocupada com os rumos que tomam as monarquias do mundo, tem ela lá as suas boas razões!... Mas, peço-te que confies!... Repitote: ela é uma criatura piíssima e muito devota!... Confia, pois!...

- Tentarei confiar, senhor!... - diz o rapaz, percebendo que o velho amigo lutava por ele. E, voltando a aproximar-se, ajoelha-se diante do outro e prossegue, com os olhos rasos de lágrimas: - E tentarei, também, rezar...

- Justo, filho!... - diz o bispo, atraindo-o a si, paternalmente. - Justo que assim penses!... Primeiro, nossa apelação deverá ser dirigida ao Poder Maior!... Vem que me junto a ti!... Postemo-nos de joelhos e peçamos clemência por ti ao Pai Misericordioso Que a ninguém desampara!...

E, tomando o rosário que sempre carregava ao bolso do seu hábito, *Dom Eusébio* beija, respeitosamente, a cruz do terço, persigna-se e murmura, cheio de fé:

*"Pater noster qui es in caelis,
Santificetur nomen tuum.
Adveniat regnum tuum,
Fiat voluntas tua
Sicut in caelo et in terra.
Panem nostrum cotidianus da nobis hodie.
Et dimitte nobis debita nostra
Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris
Et ne nos inducas in tentationem
Sed libera nos a malo.
Amen. "*³

E, com a voz embargada pelo pranto, o rapaz segue-lhe as palavras. Aprendera a orar com as freiras, no orfanato. E, enquanto as vozes de ambos irmanavam-se na pungente oração legada pelo insigne Mestre Jesus, o Senhor da Vida, o coração do jovem foi serenando-se devagar aos poucos. E, enquanto mudava nos dedos as contas do rosário, *Don Eusébio* olhava-o, amiúde, com o canto dos olhos e se animava a pros seguir a reza. *João Manuel* ganhava um pouco de tranqüilidade e, quando seus olhares cruzavam-se, ambos sorriam-se, amigos, solidários, naquele transe doloroso. O dia avançava e, pela cela úmida e semi-obscurecida pela pouca claridade, as vozes dos dois prosseguiram em seu fervoroso apelo às Forças do Alto:

*"Ave, Maria, gratia plena, Dominus
tecum,
benedicta tu in mulieribus et benedictus fructus
ventris tui, Iesus. Sancta Maria, Mater Dei, ora*

*pro nobis, peccatoribus, nunc et in hora mortis
nostrai. Amen.* "4

Pouco depois, terminando de rezar o terço todo, voltavam a sentar-se à beira do catre. O rapaz achava-se um pouco mais tranqüilo.

- Não me faríeis um especial favor, senhor?... - pergunta o rapaz, quebrando o pequeno silêncio que se estabelecera entre eles.

- Oh, claro! - responde *Dom Eusébio*, a abrir-se num sorriso quase maroto. Já imaginava o que o outro lhe ia solicitar.

- Não levaríeis um recado meu à *Marquesinha das Alfarrobeiras*!

- Oh, já imaginava que só poderia ser isso!... - exclama, rindo-se, o bispo. E, prossegue, tomando-se sério: - Acaso ela não te tem visitado?-

- Umas poucas vezes! - responde, desolado, o rapaz. - E sempre acompanhada da mãe!... Nunca veio a sós!...

- Oh, imagino que os pais não na deixem vir sozinha!... - observa o bispo. - E, por mais arrojada que penso ser a *Marquesinha das Alfarrobeiras*, ainda não o é o suficiente para vir a este local sozinha, pressuponho!...

- Aí é que vos enganais, senhor!... - exclama o rapaz, rindo-se, pela frieira vez, até então. - Aí é que vos enganais redondamente!... Ela só aqui não vem, porque não lho permitem os pais!... Não fora isso, e eu vos juro que já se teria mudado para aqui há tempos!...

_ Ai, e é?!... - exclama o prelado, altamente admirado. - E em que te baseias para isso tudo afirmares com tal veemência?...

_ Por certo ainda não conheceis a fundo aquela danadinha, senhor *Dom Eusébio*!... - diz *João Manuel*, rindo-se. - A marota é capaz de coisas de que até Deus duvida!...

- Se assim é, acabas de dar-me excelente idéia!... - diz *Dom Eusébio*,

3. A oração do Pai-Nosso, em latim.

4. A oração da Ave-Maria, em latim.

levantando-se, cheio de determinação. - Juntar-me-ei, então, aos *Marqueses das Alfarrobeiras*, para mais ainda apressar nossa audiência com Sua Majestade!...

- E desejais juntar a essa mais força ainda?... - observa o rapaz, ganhando ânimo. - Ide, também, ter com *Vítor Nascimento Torres*, o *Barão de Leiria*, que aqui conhecestes preso, dias atrás, estais lembrado?

- Por certo que sim!... - responde o bispo. - Bem lembrado!... Penso que ele também desejará ajudar-te!...

- Foi o que me prometeu ao sair daqui!... - diz o rapaz. - Acho que também poderá dar-nos boa ajuda!...

- Tens toda a razão!... Iremos, assim, todos em comissão falar com Sua Eminência, o arcebispo!... - diz o prelado, abraçando-se ao amigo. - E, para tanto, então, toca a apressar-me!... Agora, deixo-te com Deus, meu filho!... E olha lá, hein!... Reza muito e confia em Deus!... Estaremos todos a lutar por ti!...

O bispo vai-se, e *João Manuel* permanece a sós em sua cela. O peso do silêncio e da amargura volta a desabar sobre ele; entretanto, o desespero intenso, cruel, amainara-se um tantinho mais: havia agora uma nesga de esperança a nascer-lhe ao coração. Pequeníssima chance, mas ainda lhe restava uma. Era preciso, portanto, apegar-se a ela, com fé!...

* * * * *

Naquele exato momento, em sua mansão, *João Miguel* exultava. No dia seguinte mesmo, através de amigo advogado de Lisboa, que estivera presente ao julgamento, ficara sabendo do veredicto imputado ao irmão. Estava contente porque sabia que, agora, seria questão de tempo: apenas alguns dias mais até que tudo se consumasse!... Final mente, seria ele o único herdeiro da fabulosa fortuna dos *Barões da Reboleira*!... Um patrimônio tão grande que lhe dava o direito de pertencer ao corpo de conselheiros da coroa!... E lá estaria, por certo a defender seus interesses!... Não era para isso que

o conselho existira até então?... *João Miguel*, sentado confortavelmente numa poltrona em seu quarto, ao lado do fogo aceso na lareira, bebericava de uma taça de vinho tinto. Já a meio o mês de dezembro, e, lá fora, a paisagem perdia-se toda na bruma pesada; o inverno gelava tudo, o mundo parecia fundir-se numa massa descolorida. *João Miguel* sorve um gole do vinho, estala a língua, satisfeitíssimo. Pelos seus cálculos, o irmão seria executado em meados de janeiro. Mais um mês!... Um mês e mais um pouquinho, talvez, e tudo estaria acabado para o maldito bastardo!... Abre um sorriso de pleno deleite. Ah, o miserável!... O imbecil subestimara-o e se arrepentira todinho!... "*Toma, desgraçado!... Vieste colher onde não plantaste!...*", pensa ele. E meneia a cabeça, enquanto se ri. Estava quase a explodir de tanta felicidade! "*Terás o que aqui vieste buscar: a forca!... Essa, sim, a herança que tu mereces, idiota!...*"

A um canto, duas sombras espionavam-no, cheias de sarcasmo. Era os espectros de *Madalena* e de *Manuela*.

- O infame locupleta-se com a desgraça que ele mesmo provocou ao irmão!... - cochicha *Manuela*, cheia de ódio.

- Sim!... - concorda a outra, altamente indignada. - Mas também ele terá o que merece!...

- Oh, se terá!... - assente *Manuela*, com um esgar de ódio à face. - Cuidaremos para que seu tormento intensifique-se mais e mais!...

- O ordinário andou a conseguir acalmar-se um pouquinho, com a tal droga que lhe ministrou o médico, e pensa já se achar curado do que acreditava terem sido simples pesadelos a acometê-lo!... - observa *Madalena* cheia de ironia. - Mas, como se engana o imbecil!...

- Sim - concorda, satisfeita, a outra -, e agora já sabemos com minar-lhe mais as forças, apesar do remédio!... É só insuflar-lhe a sede para o vinho!... O álcool neutralizar-lhe-á os efeitos da droga!... E breve, não haurirá mais nenhum benefício dela e então!...

_ poderá ingerir barris e barris de ládano,⁵ que mais não lhe fará efeito nenhum!... - ajunta, rindo-se, satisfeita, a antiga prostituta do cais do porto.

- E aí então, toca a deixá-lo louco!... - diz *Manuela*, aproximando-se do rapaz e, postando-se diante dele, grita-lhe a plenos pulmões: - Odeio-te, maldito, e tudo farei para destruir-te!...

- Quero que sintas todo o meu ódio, desgraçado!... - exclama *Madalena*, aproximando-se por trás do rapaz e, enlaçando-o em arrojado abraço, gruda-se-lhe, firmemente, ao longo dos centros de força,⁶ e passa a injetar-lhe denso e pegajoso fluido, carregado de miasmas pestilenciais, a exalarem cheiro de carne em putrefação, além de conterem miríades de microscópicos seres astrais a pulularem como vermes em uma bicheira.

5. Planta da família das cistáceas (*Cistus ladaniferus*), arbusto de folhas grandes, flores também grandes, brancas, terminais, geralmente solitárias, e fruto capsular tomentoso. Segrega resina aromática utilizada em farmácia por suas propriedades sedativas.

6. Sobre o assunto, discorre, magnificamente, o insigne professor Carlos Juliano Torres Pastorino, em sua obra *Técnica da Mediunidade*. "Correspondendo aos locais dos plexos, no físico, o corpo astral possui "turbilhões" ou "motos vorticosos", que servem de ligação e captação das vibrações e dos elementos fluidicos do plano astral - que nos envolve externamente, passando tudo à parte astral solidificada em nosso corpo - os nervos. O conglomerado dos nervos no físico produz os plexos que ativam e sustentam esses vórtices com mais intensidade, ao passo que no resto do corpo, onde os nervos morrem sem formar esses nós, aparece apenas no astral a aura simples. Essa aura, ao chegar à altura dos plexos nervosos, gira com intensidade, estabelecendo verdadeiros canais de sucção ou de expulsão (redemoinhos).

Tal como exaustores ou ventiladores, que giram quando passa por eles o ar, ou que giram por efeito de um motor, movimentando o ar, assim essas "rodas" (chakras em sanscrito) giram ao dar passagem à matéria astral, de dentro para fora ou de fora para ro. São chamados rodas porque têm a aparência de pequeno exaustor ou ventilador, com suas pás (denominadas "pétalas"), que giram incessantemente quase, já que é constante a "corrente de ar" que por elas passa."(conf. 2ª ed. Rio de Janeiro, Sabedoria, Pag. 154)

Ao sentir o contato do asqueroso abraço que lhe dava o espírito obsessor, *João Miguel* passa a sentir-se mal; era como se incômodo peso, repentinamente, fosse-lhe atado, firmemente, sobre os ombros. Remexe-se na poltrona, procurando uma posição melhor. Entretanto, o desconforto persiste, tirando-lhe a tranqüilidade. De um só gole, ingere todo o conteúdo da taça. Imediatamente, volta a repletá-la com mais vinho.

- Muito bem, demonio!... - exclama, satisfeita, *Manuela*, de diante dele. - Bebe bastante vinho!... Desejo-te embriagado!... - e postando a destra ao plexo frontal do rapaz, provoca-lhe tremendo descontrole, entupindo-o com espesso e negro fluido que, a escapar-lhe pelas extremidades dos dedos, escorre em profusão para dentro do cérebro do rapaz. E o centro de força de *João Miguel* que, como ágil cata-vento que, antes, girava intensamente a emitir luminescência azul-violeta, vai tornando-se, paulatinamente, obnubilado pela densa lama putrescente e fétida que fluía dos dedos de *Manuela* e passa, então, a girar lento, e a tênue luminescência, que antes lhe era peculiar, enfraquece-se sobremaneira, quase a se apagar totalmente. E, vendo que o rapaz deixava-se, facilmente, dominar, murmura-lhe o espírito obsessor, insistentemente, aos ouvidos: - Desejo-te louco!... Quero-te cheio de sombras, de medos e de remorsos à cabeça!...

- Esplêndido, senhora!... - brada *Madalena*, altamente satisfeita com a perfeição da obra que executava a sua companheira.

O rapaz passa a agitar-se, enormemente, ao contato da mão de *Manuela*. Sente-se mal. A cabeça pareceu pesar-lhe, imensamente, e as têmporas principiam a latejar-lhe. Depõe a taça de vinho numa mesinha e segura a cabeça com ambas as mãos. De repente, o pensamento apresentava-se-lhe confuso. As idéias tornavam-se-lhe altamente desconexas. Insistentes lembranças de *Manuela* e de *Madalena* advêm-lhe à mente.

- Estão ambas mortas!... - murmura para si. E prossegue, a justificar-se: - Matei-as porque foi preciso!... Eu até que gostava de *Manuela*...

Em seguida, levanta-se e se encaminha, meio trôpego, para um aparador. Abre uma das gavetas do móvel e dela retira pequeno frasco de alabastro. Do minúsculo recipiente translúcido, deixa cair algumas gotas dentro de uma taça, e a completa com água. Depois, sorve-lhe o conteúdo todo de uma só vez.

- Perfeito!... - exclama *Manuela*, satisfeitiíssima, a bater palmas. Encharca-te de álcool, primeiro, e depois, bebe do remédio que te receito o médico!... A combinação ideal para que te tornes um alucinado!.. Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Bravo, senhora!... - exclama, contente, *Madalena*. - Traba lhastes muito bem!... O demonio começa a fraquejar!... Já se encontra em nossas mãos!...

João Miguel volta a sentar-se na poltrona, ao lado do fogo, altamente acabrunhado. Sentia-se muito mal; a cabeça latejava-lhe, fortemente; tinha as idéias confusas; forte sensação de remorso pelo que fizera atormentava-o, e intensa tristeza dominava-o. De repente, a vida se lhe afigurava insossa, sem quaisquer atrativos. O veneno que lhe haviam injetado os espíritos obsessores fazia o efeito desejado.

- Por ora, deixemos o remorso a roê-lo!... - diz *Manuela*, contentíssima, afastando-se a um canto e convidando a companheira a segui-la. - Vem, sentemo-nos aqui e conversemos!...

- Sim, senhora!... - concorda a outra, seguindo-a. - Por ora já lhe demos o suficiente!... Agora é só ter paciência...

- Paciência é o que não nos falta, não é mesmo?... - diz a outra, rindo-se e se sentando em confortável divã, que propiciava larga visão para fora do ambiente, através da ampla janela. E, altamente gentil, convida a amiga: - Vem, senta-te aqui comigo!...

Os dois espíritos ficam, por alguns instantes, em silêncio, observando a turva e fria paisagem que se descortinava lá fora através da vidraça.

- Que tempo horrível!... - exclama *Manuela*, quebrando o silêncio, enquanto observava a chuva fina que caía insistente, respingando e toldando a transparência do vidro da janela. - Quando estava viva,

por esta época horrorosa, não gostava de sair de casa!... Ficava o tempo todo, ao lado da lareira, a ler ou a conversar com os amigos!... Agora, entretanto...

- Contínuas viva, senhora!... - observa a jovem prostituta. - Só que em outra situação!...

- E que situação!... - diz a outra, olhando, fixamente, através da vidraça embaçada pelos respingos da chuva. - Como poderia supor que nós, efetivamente, não morremos?

- Pois assim é, senhora!... - concorda a antiga meretriz. - Quando estamos do lado de lá, sequer cogitamos acerca da vida após a morte!... E, ao chegar a nossa vez, somos todos pegos de surpresa!...

- Bela surpresa!... - observa, irônica, *Manuela*. - Vê bem o que nos sucedeu: tu e eu nos transformamos em dois monstros horripilantes!... Estamos vestidas de andrajos, de trapos!... Estamos sujas, cobertas de chagas abertas, e os vermes devoram-nos vivas!... Sinto dores horríveis, e o sangue continua a escorrer-me pelo ferimento que o demônio, covardemente, abriu-me ao peito, com seu punhal assassino!...

E como fedemos!... Deus do céu!... Este cheiro de carniça enjoa-me o nariz. O cheiro de sangue ainda entope-me as narinas!... Dá-me náuseas incessantes!... E esta lama pútrida que me cobre o corpo todo? Às vezes, penso que serei eu, primeiro, a enlouquecer!...⁷

- Oh, senhora!... - exclama a mocinha, tomando as mãos da amiga e as beijando ternamente. - Entendo-vos o martírio, porque sinto e sofro o mesmo que vós!... Que terrível maldição aquele demônio desencadeou sobre nós!... Éramos duas mulheres bonitas e ainda jovens, cheias de vida e de sonhos!... E o maldito a tudo

7. Esses espíritos, por terem desencarnado de forma violenta e por manterem-se ligados ao seu algoz pelos liames do ódio e da vingança, não conseguem despertar para a verdadeira natureza do mundo extracorpóreo e, comumente, têm de suportar, como conseqüência disso, o vínculo com o cadáver e lhe sentir todas as fases do processo de decomposição.

interrompeu!... E acho que só me aliviarei quando o vir passar pelo mesmo que estamos nós duas a passar'

- Tens razão, criança!... - concorda a antiga *Baronesa da Ajuda* abraçando-se à amiguinha. - Tenho de ser forte!... Tenho de vingarme do maldito!... Só assim, creio, terei paz!...

- E *Anjinho*, senhora? - pergunta a mocinha. - Ora sei que forno amigas comuns dele. Achas mesmo que acabará na forca?

- Ainda tens alguma dúvida, querida? - responde a matrona. *Anjinho* desta não escapa!... O maldito que nos enviou para cá está tratando de despachá-lo, também, para dele se livrar e, assim, pode rapar sozinho toda a fabulosa herança da família!...

- Pobre *Anjinho*!... - exclama, condoída, a mocinha. - Se soubesse o que o aguarda por aqui!...

- É. - concorda a outra. - E nada há que possamos fazer par tirá-lo desta enrascada!... O infame do irmão semeou-lhe tantas e tão bem forjadas provas ao caminho que deu no que deu!... Acabou condenado à morte!...

- Mas que sujeitinho malvado esse *João Miguel*, não achais, senhora.

- Se é!... Um legítimo demônio!... - concorda a outra. E, cheia de auto-censura, prossegue: - E a pensar que eu o recebi tantas vezes em minha casa!... Sabe, queridinha, acho que a ti posso confidenciar tais coisas, pois foste do ramo... Sabias que até tive um caso com ele?.. Achava-o, de início, bastante atraente!... Um airoso cavalheiro!...

- Verdade, senhora? - finge a mocinha nada saber. E pergunta aproveitando-se da brecha que a outra lhe abrija: - E com *Anjinho*? Também com ele andastes a relacionar-vos?...

_ Curiosa!... - responde *Manuela*, rindo-se e, tocando a pontinha do nariz da outra com o dedo indicador, prossegue: - Mas, já que te contei de um, conto-te do outro!... - e, tomando-se séria, continua: - Sim, também com este!... Também com *Anjinho* relatei-me!... Oh, mantivemos até longo relacionamento!... Mas, quando ele ainda era

pobre -uni malandro do cais do porto -, pois te afirmo que - e abre um sorriso maroto - os do cais do porto são os melhores que há!... - e, revirando, consistentemente, os olhos, arremata: - Hum!... Os danadinhos sabem, como ninguém, mandar as mulheres às estrelas, não concordas?

- Sim, senhora!... - responde a outra, rindo-se. - Assim são eles, realmente!... Eu que o diga!...

E, a estrondosa risada de ambas espalha-se pelo ambiente. Pobres criaturas!... Mesmo premidas pela mais negra provação, achavam um momento de descontração e, temporariamente, esqueciam-se do seu terrível tormento!... Entrementes, mais afastado, ao lado da lareira, *João Miguel* daquilo nada percebia. Mantinha-se sentado na poltrona, a bebericar vinho. Tinha o cenho carregado, as feições altamente taciturnas. A vida principiava a mostrar-se-lhe enfadonha e insossa. De repente e inexplicavelmente, começava a perder a vontade de viver...

Capítulo 25

Diante da rainha...

A sóbria carruagem negra, a ostentar o brasão da diocese estampadi à porta, estaciona diante da escadaria de granito escuro. O bispo *Dom Eusébio Sintra* salta do carro e, por alguns instantes, admira a sólida construção em estilo clássico. Era a primeira vez que visitava os *Marqueses das Alfarrobeiras*. Avisados pelos criados da chegada de visita tão ilustre, os donos da casa acorreram, céleres, à porta de entrada, a receberem o importante visitante.

- Excelência!... - exclama *Bárbara Dantas e Melo*, genuflectindo diante do bispo. E, depois de beijar, respeitosamente, o anel da mão que ele lhe estendera, prossegue, altamente emocionada: - Quanta honr receber-vos em nosso humilde lar!...

- Senhor!... - diz *Jerônimo*, a seguir, repetindo os mesmos gestos da mulher. - Sede bem-vindo!...

- Minha visita será breve, senhores - diz *Dom Eusébio*, enquanto galgava, junto dos anfitriões, os degraus da longa escadaria que conduzia à porta de entrada. - Apenas o necessário para expor-vos assunt urgente!

Em pouco, achavam-se os três acomodados em confortáveis divãs no amplo salão de visitas.

- Pois, então, Excelência!... - fala *Bárbara*, enquanto oferecia a bispo pequeno cálice de licor de amêndoas. - Dizei-nos o que de nó desejais!... E, de antemão, adianto-vos que faremos tudo o que se ach ao nosso alcance!... Será sempre uma honra receber-vos em nossa casa!..

- Muitíssimo obrigado, senhora *Marquesa das Alfarrobeiras!* - diz o bispo, após bebericar, ligeiramente, do seu cálice de licor. - E o qu aqui me traz é assunto deveras grave!... Trata-se do nosso querido *An jinho* ou, se preferis, do jovem *Barão da Reboleira* que, como devei saber, acha-se na antecâmara do patíbulo!...

_ Sim, sim!... - exclama *Jerônimo Dantas e Melo*, trocando ligeiríssimo olhar com a esposa. - Estamos a par de tudo, sim, excelentíssimo senhor bispo!... - e se apressa em ajuntar, depois de certificar-se, muitíssimo bem, do que é que a esposa lhe dissera através dos olhos ("Faze tudo direitinho, hein, ou comigo te haverás, depois!..."): - Já nos dispusemos a ajudar o gajo, mas, como deveis saber, ele já se acha julgado e condenado à morte!... Acaso desejais entrar com algum recurso ao tribunal?... Se isso for, poderemos providenciar bons advogados de Lisboa...

- Não!... Não!... - diz o bispo, fazendo significativo gesto com a mão.

- Disso já cuidei eu; há dias contratei uma junta de excelentes

advogados, às minhas próprias expensas, mas todos os recursos por eles impetrados à Corte de Justiça foram sistematicamente rejeitados!... Nesta alçada, nada mais há a fazer!... Resta-nos, entretanto, apenas uma única e derradeira oportunidade: o perdão real!...

- É verdade!... - exclama *Bárbara*, demonstrando profundo interesse pelo inopinado ensejo que ora surgia. E prossegue, altamente animada: - Pois não é mesmo que me encontrava eu tão desalentada com o terrível destino que anda a aguardar o pobrezito do rapaz, que me esquecia, completamente, da perspectiva de obter-se esta derradeira vantagem a propiciar-lhe a lei de condenação à pena capital!...

- E mesmo!... - exclama o *Marquês das Alfarrobeiras*. - Também eu me esquecia desta possibilidade de obter-se o perdão de Sua Majestade!...

- O perdão integral, propriamente, não creio que possamos conseguir, não, senhores!... - atalha, delicadamente, o bispo, com a intenção de não lhes tolher o entusiasmo, já no nascedouro. E prossegue, expondo-lhes, racionalmente, o real sentido das coisas: - Não nos esqueçamos de que o verdadeiro culpado por este nefando crime ainda não apareceu e, além do mais, a *Baronesa da Ajuda* era pessoa proeminentíssima na corte!... Sua Majestade conhecia-a, pessoalmente, e não creio que irá decidir-se por agraciar o nosso menino com o perdão irrestrito!... Disseram-me que a rainha sentiu muitíssimo a morte da senhora dona *Manuela*!... Inda mais, a juntar-se a isso o fato de que o transe deu-se de forma tão violenta!... E, como sabeis muito bem, as autoridades costumam considerar imperdoáveis tais monstruosidades!... Entretanto, se tivermos a oportunidade de obter uma audiência com a rainha, poderemos narrar-lhe, pessoalmente, os fatos, como realmente aconteceram, e ela terá, assim, subsídios para julgar por si e, quem sabe, não poderá, num ato de extrema benevolência, comutar a pena para degredo perpétuo para uma das colônias de além-mar, ao invés da

cruel execução à forca! E o que penso e o que venho propor-vos: ajuda para chegarmos até Sua Majestade e, o mais rapidamente possível, antes que se decidam por darem serviço ao carrasco, sem nem mesmo que consigamos, ao menos tentar realizar o nosso intento!... É disso que necessito, senhores!... Da união de todos nós, para obtermos, o mais brevemente possível, a audiência com Sua Majestade!...

- Tê-la-eis de nós, Excelência!... - brada *Bárbara*, efusivamente, como lhe era do feitio. -Tê-la-eis de todos nós!... Oh, não sabeis, senhor, a quantas anda a nossa filhinha, depois da condenação do seu amado!... Desde o dia do julgamento, a pobrezinha definha a olhos vistos!... Por nada mais se interessa; quase não come!... Vive trancada em seus aposentos, a chorar!... Não imaginais o quanto de conselhos já lhe demos, o pai e eu!... Mas quê!... Só tem o pensamento voltado àquele um que se acha encarcerado, à espera da amaldiçoada forca!... Ai, Jesus!... Que situação!... Quando o gajo morrer, penso que morrerá de dor, também, a nossa menina!... Já vistes paixão semelhante, senhor *Dom Eusébio*?... Eu ainda não!... Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!... Se Sua Majestade acolher a nossa súplica e decidir sobre a comutação da pena, encomendarei uma centena de missas à vossa prelazia!...

O marido olha-a com o rabo dos olhos. Sempre achara a mulher meio exagerada. E, mentalmente, faz as contas: quanto lhe custaria aquele despautério?...

- Mulher!... - cochicha-lhe ele. - Vê lá o que andas a prometer a Deus, hein?...

- Canguinhas da peste!... - cochicha-lhe ela de volta. - Até para com Deus andas a regatear, homem?... - e, alteando a voz, prossegue: - Pensando bem, a saúde e a felicidade da minha adorada filhinha vale bem mais!... Talvez mil missas, não concordais, senhor *Dom Eusébio*!-

- Pois não é que sim, senhora *Marquesa*!... - responde-lhe o bispo, rindo-se dos excessos da *Marquesa* e da postura patética que ora

passava a exhibir o esposo, diante das esdrúxulas afirmações da sua esposa.

"*Essa mulher é doida!...*", pensa, altamente desconsolado, *Jerônimo Dantas e Melo*. "*Muitíssimo mais doida do que imaginava eu!...*"

-Agora que estamos devidamente ajustados, senhores, vou-me!... - diz o bispo, levantando-se, resoluto. E, então, de repente lembrando-se de uma promessa que fizera, pouco antes, diante de um par de olhos pidões de um desconsoladíssimo rapaz que se achava preso e condenado à morte, faz o pedido: - Mas, antes, gostaria de ter um dedito de prosa com a vossa filhinha... Posso?...

- Oh, certamente!... - apressa-se em responder *Bárbara*. - Será até bom que a vejais, Excelência!... Quem sabe se não acabareis por dar-lhe uns bons pares de conselhos... Por favor, fazei a gentileza de seguir-me!...

Bárbara vai à frente, a indicar o caminho e, enquanto venciam os degraus da escada que dava ao andar superior, falava, insistentemente, sobre o comportamento da filha. O marido vinha-lhes atrás, quieto, cis-marento. O bispo apenas ouvia-a taramelar, sem tréguas, e se resumia a assentir, pacientemente, com a cabeça. Vencido um trecho do corredor, acham-se diante da porta dos aposentos de *Teresa Cristina*.

- *Dom Eusébio!...* - brada a mocinha, de repente iluminando-se de expectativa, enquanto levantava a cabeça que mantinha largada sobre o travesseiro, ao ver o prelado que assomava à porta do quarto, seguido pela mãe.

O pai entra em seguida e, apanhando pesada cadeira, arrasta-a para próximo do leito.

- Fazei a gentileza de sentar-vos, Excelência!... - convida ele, indicando a cadeira ao bispo.

- Vamo-nos!... - diz *Bárbara* ao marido. - Deixemo-los que conversem a sós!...

- Minha menina!... - exclama o religioso, após se certificar de que se achavam a sós, ele e *Teresa Cristina*. - Vim cá ver-te a mando de *Anjinho!*...

- Verdade, *Dom Eusébio?*... - diz ela, arrojando-se aos braços do bispo. - Não estais dizendo isto apenas para alegrar-me, não é?

- Acaso sou eu lá homem de mentiras, menina?... - diz o prelado, fingindo alta indignação. Depois sorri e, afagando-lhe, amorosamente, os despenteados cabelos cor de mel, prossegue: - Pediu-me ele para vir ver como estavas!... E vejo que andas abatida!... Estás magra e pálida!... Por que ages assim?... Fazes sofrer os teus pais que tanto te amam!...

- Eu sei, *Dom Eusébio!*... - diz a mocinha, com os olhos, de repente, a inundarem-se de sentidas lágrimas. - Mas, é mais forte que eu!... Se *Anjinho* se for, vou-me com ele!... Que será da minha vida sem o meu amor?... Penso que não sabeis como é, senhor!...

- Sei, sim!... - diz o bispo, afagando-lhe, ternamente, os cabelos. Acho que posso, sim, imaginar o quanto sofres, queridinha!... Mas, olha' - continua ele, sempre afável, buscando olhá-la nos olhos, como era do seu feitio: - Trago-te novidades!... Penso que resta ainda uma última tentativa para salvar o teu amor da morte!...

- Verdade, *Dom Eusébio?*... - exclama a mocinha, de repente avivando-se e se enchendo de expectativa.

- Sim!... E, para tanto, preciso da tua ajuda!... *Teresa Cristina* senta-se, então, à beira da cama, e *Dom Eusébio* passa a narrar-lhe, pacientemente, tudo o que já houvera planejado acerca da audiência com a rainha.

- Oh, *Dom Eusébio**.... - exclama a mocinha. - Rezarei, todos os dias, para que Deus ilumine nossa querida soberana e Hie insuffle bons propósitos durante a audiência!... Conheço Sua Majestade pessoalmente!... Quando completei doze anos, papai levou-me consigo à cerimônia do beija-mão!... A rainha quis conhecer-me!...

Oh, *Dom Eusébio*, acaso vós já estivestes com ela?... É uma dama tão delicada e tão gentil!... À época, senti-a tão sofrida, entretanto!...

- Tens razão, senhorita!... - observa o bispo. - Sua Majestade é deveras criatura muito sofrida!... Já recebeu ela uma porção de sérios e duros embates do destino!... Já enviuvou, já perdeu a maioria dos filhos todos eles mortos ainda em plena juventude!...¹ Além, naturalmente, d golpe que talvez lhe tenha sido o mais cruel de todos: a morte do *Príncipe da Beira*, conforme já sabes... Por isso é que a notaste tão triste!...

Por um pouco mais, *Dom Eusébio* permaneceu com *Teresa Cristina* Aconselhou-a, insistentemente, a ter fé, a orar muito em favor do se amado e, principalmente, para que Deus iluminasse a rainha.

Doravante estaria nas mãos de Deus e na benevolência da soberana de Portugal destino que teria a vida e o amor dos dois jovens.

Quinze dias depois, no imenso salão da antecâmara da sala de auditas do suntuoso Palácio de Queluz, três pessoas, apenas - *Dom Eusébio*, *Teresa Cristina* e *Bárbara* -, haviam obtido a permissão de manterem curtíssima audiência com a soberana de Portugal - dez minutos somente -, posto que a rainha achava-se altamente enferma. Como lhes custara conseguir aquela audiência!... A rainha a ninguém queria mais receber; tinha, amiúde, acessos de fúria e era necessário ser contida à força; doutras vezes, mantinha-se presa de alta melancolia, trancando-se em seus aposentos particulares, o tempo todo, ou, então, desatava a mandar rezar e, conseqüentemente, a assistir, na capela do palácio, a uma interminável sucessão de missas em intenção da alma do pai² que,

1. Referência à morte de seu marido, D. Pedro III (1786), rei consorte de Portugal; de s filho, o príncipe herdeiro José, Príncipe da Beira, morto aos 26 anos (1788), vítima de varíola, e da sucessão de mortes dos demais filhos, em plena juventude: João (1763), Mana Clementina (1776), Maria Isabel (1777) e Mariana Vitória (1788).

2- Referência a D. José I (6 de junho de 1714 - 24 de fevereiro de 1777), de nome completo José Francisco Antônio Inácio Norberto Agostinho de Bragança, cognominado O Refor-mador, devido às reformas que empreendeu durante o seu reinado, juntamente com seu m'nistro, o Marquês de Pombal. Foi Rei de Portugal da Dinastia de Bragança, desde 1750 até à sua morte.

conforme acreditava ela, encontrar-se-ia irremediavelmente condenado aos infernos, pela conduta anti-religiosa que o rei tomara, incitado pelo governo quase autócrata que permitira que seu todo-poderoso ministro, o detestável *Marquês de Pombal*, tomasse, arbitrariamente, às mãos, dando-lhe o soberano português amplos e quase irrestritos poderes para tomar decisões tidas como importantíssimas pela soberana, qual o foi a da expulsão dos padres Jesuítas de Portugal e, conseqüentemente, estendendo tal procedimento também para todos os domínios lusitanos de além-mar. *Maria* jamais perdoara ao pai por ele ter permitido - e também que com isso fosse conivente! - que *Pombal* houvesse cometido o que ela considerava abominável sacrilégio!... Era notório que *Maria de Bragança* detinha temperamento frágil e altamente impressionável, fato de que se valiam os interesseiros que lhe estavam bem próximos e que disso se aproveitavam para tirar vantagens pessoais, facilmente manipulando a débil força de vontade da rainha bem como seu excesso de credulidade! E, como conseqüência de uma sucessão de infaustos acontecimentos que a haviam atingido, diretamente, pelos últimos anos, a soberana portuguesa vinha apresentando graduais sintomas de demência, terrível doença, que lhe tirava a razão, mcapacitando-a para gerir e administrar, eficazmente, o poderoso e rico império que, à época, era Portugal. A rainha enlouquecia e, no mais das vezes, o filho *João*³, o único que lhe restara vivo, é quem, paulatina mente, ia substituindo-a, à frente das questões de estado, e, aos poucos tomava as rédeas do governo, como regente. Não que o príncipe *João* se achasse plenamente preparado para assumir o governo; nem se encontrava apto para absorver tamanha responsabilidade e nem

3. Referência a D. João VI (1767 - 1826), batizado João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís Antônio Domingos Rafael de Bragança, cognominado O Clemente, foi Rei de Portugal entre 1816 e a sua morte. Segundo dos filhos de D. Maria I de Portugal e de seu tio Pedro 111, tornou-se herdeiro da coroa como Príncipe do Brasil e 21a Duque de Bragança, após a morte do irmão mais velho, José, o sucessor natural ao trono português, em 11 de setembro de 1788, vitimado pela varíola.

no fundo a desejava!... Entretanto, a necessidade obrigara-o a isso; sempre fora considerado o segundo na linha de sucessão; porém, a fatalidade tolhera-lhe o irmão mais velho - o verdadeiro que fora preparado, desde a infância, para exercer tal mister -, mas que fora morto, ainda jovem acometido de varíola. Essa era a dura realidade por que passava o Estado Português à época.

Excepcionalmente, naquele dia, a soberana portuguesa deixaria seus aposentos, às instâncias do seu médico⁴, que lhe ministrava tratamento constante,⁵ tentando auxiliá-la a vencer a terrível moléstia. O secretário de estado mais uma ou duas pessoas, apenas, achavam-se no luxuoso saguão. Naquela fria tarde de inverno, não havia a costumeira agitação na antecâmara de audiências, onde comumente, algumas centenas de pessoas comprimiam-se, fazendo constante e incessante vigília, com o único propósito de se acharem próximas do poder maior!... Eram os habituais louvaminheiros, sempre à espreita, para serem os primeiros a abocanhar as migalhas que sobejavam da farta mesa dos poderosos!... A espera, no salão, os três que seriam ouvidos pela soberana achavam-se altamente ansiosos.

_ Que pensais, senhor Dom Eusébio! - pergunta Bárbara quase a desfalecer de apreensão. - Credes, firmemente, que a rainha conceder-lhe-á o perdão?

Não sei, senhora marquesa - responde o prelado.

- Mas, tenhamos fé!... Sou um homem de muita fé!... Primeiramente, confiemos em Deus e em Sua infinita misericórdia!...

4. Referência a certo Dr. Willis, também médico do rei George III, de Inglaterra, que especialmente viera de Londres, com a finalidade de tratar Maria de Bragança, mas que nenhum sucesso obtivera junto à soberana portuguesa, devido às circunstâncias de absoluta insipiência ainda se constituir a psiquiatria dessa época.

5. Como a medicina e a farmacopeia do final do século XVIII eram ainda muito incipientes, a rainha Dona Maria 1 recebia do famoso médico inglês tratamento singular - os remédios évacuantes -, a lhe provocarem constantes diarréias, crendo assim, que tais medicamentos, pretensamente, limpar-lhe-iam os "maus humores" da doença, através da evacuação tante!... Ressalte-se que o próprio doutor Willis, famoso médico do rei George Inglaterra, também enlouqueceu, a partir de 1788...

- Tendes razão!... - concorda a mulher. E se voltando para a filha que se mantinha calada, cismarenta: - E tu, meu tesouro?... Nada disseste até agora!... Vieste caladinha pelo trajeto todo e calada manténs-te até agora!...

A mocinha limita-se a abrir um sorriso triste para a mãe. Tinha as feições descoradas, os lábios brancos, os olhos infinitamente tristes. Neste comemos, o secretário de estado, após confabular, ligeiramente, com uma das damas de companhia da rainha, aproxima-se do pequeno grupo.

- Sua Majestade já se encontra na sala de audiências!... - comunica-lhes o homem. - Entretanto, dado ao estado de saúde da rainha, suplico-vos: sede brevíssimos!... Nada de insolências!... Não se tolerará o mínimo de abuso!... Somente o indispensável!... Deixai que Sua Majestade fale primeiro, que fale o que desejar e, principalmente, não na interrompais e em nada insistais, sob hipótese alguma!...

- Perfeitamente, senhor *Conde d'Argolos!*... - responde *Dom Eusébio*, fazendo ligeira reverência. - Ficai sossegado, que assim faremos!...

O secretário de estado faz um significativo sinal com a cabeça, e dois valetes abrem a imponente porta que separava os dois salões.

- Fazei o favor de seguir-nos - convida o secretário de estado. No amplo e requintadíssimo salão de audiências, pequeno séquito fazia companhia à rainha. Sentada em pesadíssimo cadeirão de madeira escura, altamente trabalhado em alto-relevo e estofado em veludo verde-musgo, *Maria de Bragança* mantinha conversação, em voz baixa, com uma de suas damas de honor. Aparentemente, a rainha ignorava a presença dos três, que se sentiram, momentaneamente, intimidar. Alguns segundos mais de tensa espera, e a soberana volta-se Para os três e lhes faz significativo gesto com a mão, incitando-os a aproximarem-se.

Dom Eusébio adianta-se e, fazendo longa e respeitosa reverência, Põe-se de joelhos e beija a mão que a rainha estende-lhe. E, fato contíguo, Por ser extremamente religiosa, a rainha também faz

ligeira reverência e, tomando a mão do bispo, beija-lhe o anel. Em seguida, aproximam-se as duas mulheres e, uma por vez, fazendo longa mesura, beijam a mão que a rainha estende-lhe.

- O que desejais de Nossa Graça? - pergunta, a seguir, a soberana de Portugal.

Todas as pessoas ali presentes acompanhavam, com profundo interesse, a súplica que se fazia à rainha.

- Clemência, senhora - diz *Dom Eusébio*, sem olhar para o rosto da rainha, como era do protocolo. - Temos a suplicar a Vossa Majestade clemência para um condenado à morte!...

- A quem se destina tal pedido de clemência que faz Vossa Excelência?... - pergunta a rainha.

- Ao jovem *Barão da Reboleira*, Majestade!... - diz *Dom Eusébio*. - E réu condenado de morte pelo crime de pretensão assassinato da senhora *Baronesa da Ajuda*, dona *Manuela Albuquerque e Meneses*!...

Um quase abafado rumorejo geral percorre o pequeno séquito da rainha. Depois, frio e duro silêncio estabelece-se, enquanto a soberana pareceu cogitar por instantes.

- E por que entendeis, Excelência, que devemos conceder o nosso perdão a este homem? - diz, depois, a rainha, com a voz gelada e cortante como uma navalha. - Acaso não se trata de abominável assassino que, assaz covardemente, tirou a vida a tão gentil e graciosa dama de nossa relação como o era a excelente senhora dona *Baronesa da Ajudai*...

- Perdão, Majestade, por nossa ousadia - observa *Dom Eusébio*, súplice -, mas, se mo permitis Vossa Graça, o réu era nosso protegido, criado mesmo, em apropriada estância da diocese e não no cremos o autor de tão monstruosa tragédia!... Por certo, outro deverá ser o falaz assassino!...

Depois de ouvir o lacônico relato, *Maria de Bragança* fixa o vazio. Era patente a palidez que ostentava às feições: profundas e negras olheiras circundavam-lhe os olhos encovados, quase vidrados, mortiços e aparentemente inexpressivos. Trazia o rosto duro, frio

como uma pedra. Entretanto, ela nada disse de imediato; permaneceu algum tempo em silêncio absoluto, como se meditasse profundamente. Era intensa a perspectiva de todos, ali, pelas palavras que ela proferiria em seguida; delas dependeria, exclusivamente, a vida ou a morte de um homem. A rainha, porém, premeu, ainda mais fortemente, os lábios que já trazia finos, descoloridos e apertados, como dois riscos quase retos, a marcarem-lhe o profundo desalento que lhe ia à alma. Seus olhos, de repente, acendem-se num estranho brilho. E, então, de súbito, levanta-se, toma com a mão o riquíssimo xale negro que lhe cobria, desde a nuca e que, descendo, envolvia-lhe os ombros, e, com um gesto brusco, arranca-o de si e o atira, violentamente, ao chão!... Depois, crispa as mãos e as contorce, num tremendo espasmo nervoso.

- Maldito, desgraçado!... - grita a rainha. - Aí estás de novo!... Príncipe das trevas!... Demônio!... Arreda-te daqui!... Deixa-nos, esconjuramos-te!... Sai, ordenamos-te!... A força!... A força com o demônio!... Assassino!... À força os assassinos todos!...

- Majestade, não!... - grita *Bárbara*, que até então se mantinha, respeitosa, a certa distância, ao lado da filha e, num ato de extrema coragem, atizada pelo desespero, quebra o rígido protocolo imposto e, lançando-se aos pés da soberana que se contorcia toda, presa de terrível ataque de histeria, prossegue: - Por Deus do céu, não!... Ele é inocente!...

- Ai, que ele queima nas profundas do inferno!... - continuava a rainha aos berros. - Ai, que ele é um monte de cinzas!...⁶ Ao inferno!... Ao inferno, os assassinos!...

6. Acreditava a rainha que o pai, o soberano português D. José I, por ter expulsado os Jesuítas do reino, fora castigado e que, conseqüentemente, queimaria nos infernos e, nos ataques de histeria que ela manifestava, pretensamente via-o calcinando numa imensa fogueira e se tornando um monte de carvão e de cinzas; certamente tudo isso sendo fruto a crença ortodoxa que a soberana portuguesa mantinha no catolicismo.

- Não, por Deus!... Não!... - grita *Teresa Cristina*, sentindo-se desfalecer.

Dom Eusébio apara-a no exato momento em que iria desmaiar. *Bárbara* continua a sua súplica, de joelhos, diante da rainha, mas os valetes, a um sinal do secretário de estado, fazem-na levantar-se e, literalmente, arrastam-na para fora da sala de audiências. A rainha, tomada de intensa crise de histeria, é socorrida pelo médico e pelas suas damas de companhia que conseguem, a custo, fazê-la retomar aos seus aposentos.

-À força!... À força!... - ouviam-se os insistentes gritos da soberana de Portugal, ecoando pelos corredores do palácio, enquanto a conduziam, dificilmente, de volta aos seus aposentos.

Dom Eusébio olha, desolado, em derredor. O salão de audiências, de repente, esvaziara-se. Ainda sustentava *Teresa Cristina* aos braços. A mocinha tremia e emitia fracos gemidos. Era patente, também, a sua falência. Tudo acontecera tão depressa!...

- Pobre senhora!... - murmura o bispo, baixinho, enquanto os gritos da rainha perdiam-se a distância. Depois, literalmente a carregar a mocinha aos braços, prossegue: - Que Deus se apiede da sua alma!... Pouco depois, de volta para casa, no carro, *Dom Eusébio* achava-se desgostoso. E, altamente triste, passeia os olhos pelas duas mulheres que com ele viajavam. Custara-lhe convencer *Bárbara* e a filha a não retornarem, imediatamente, para Sintra, mas que, antes, recobrassem a tranqüilidade, passando pela mansão episcopal. *Teresa Cristina* abraçava-se à mãe e soluçava inconsolavelmente. *Dom Eusébio* emite fundo suspiro. Fora, de fato, um duro golpe para todos!... A derradeira esperança para *João Manuel* perdera-se; desvanecera-se, completamente, no ar, com a loucura da rainha!... Que destino cruel, Deus do céu, estava reservado ao rapaz!... Ainda na flor dos anos e, o que era pior: morreria inocente!... Tinha a plena certeza de que o seu menino trazia as mãos limpas do sangue de *Manuela!*... Sabia que, depois que ele deixara a proteção do orfanato, vivera pelas ruas; mas se achava crescido, saberia como se arranjar

pela vida afora!... E, o mais importante: *João Manuel* recebera educação religiosa; as freiras do orfanato, certamente, haviam lhe ensinado sobre Jesus, sobre o Evangelho!... Sim, era praxe criarem-se os órfãos, ministrando-lhes, sistematicamente, o catecismo!... E sabia, também, se bem conduzidos, o quanto os fundamentos religiosos podem arraigar-se pela personalidade em construção, a moldar-lhe, indelevelmente, o caráter para sempre!... *Anjinho* tinha Deus no coração, sentia-o!... *Dom Eusébio* preme, fortemente, a fronte com os dedos. As têmperas principiavam a martelar-lhe. Certamente, conseqüência do alto estado de ansiedade a que se submetera, pouco antes!... Tudo saíra errado!... Entretanto, jamais poderia supor o quanto a rainha achava-se doente!... Bem que não lhes queriam conceder a audiência!... Mas, tinham insistido tanto; haviam coletado tantas assinaturas de pessoas tão eminentes no reino, que o Palácio de Queluz resolvera acatar-lhes as súplicas para uma audiência com a soberana!... Bem que lhes a' saram que a rainha não se achava bem!... Mas, que fazer?... Tinham tentar!... Era a derradeira esperança que lhes restava!...

A carruagem corria célere pelas ruas de Lisboa. O bispo olha pela janela do coche. Chuva fininha e insistente caía, molhando tudo, enregelando todos os que se atreviam enfrentá-la. *Bárbara* mantinha os olhos baixos; percebia-se que chorava; a filha, altamente pálida, abraçava-se à mãe. A certos intervalos, os soluços sacudiam-na violentamente. *Dom Eusébio* emite novo e profundo suspiro. A ele caberia levar o triste resultado da malfadada audiência a *João Manueli*... A derradeira esperança esvaíra-se como fumaça ao vento!... Deus do céu!... Que triste incumbência seria aquela!... Talvez a pior que recebera em toda a sua existência até então!... Silente prece pelo rapaz advém-lhe, então, à mente: "Senhor, tende misericórdia, apiedai-Vos desta pobre criatura!..."

Ligeiro solavanco indica que a viagem chegara a termo. Em pouco, solícito, o cocheiro já lhes abria a porta do carro.

- Fazei a gentileza, senhora *Marquesa das Alfarrobeiras!*... - diz *Dom Eusébio* gentil. - Uma taça de vinho dar-nos-á um pouco de ânimo!...

- E *Anjinho*, senhor *Dom Eusébio!*... - pergunta *Bárbara*, pouco depois, já acomodados os três em ampla sala de estar da mansão episcopal. O padre-mordomo servira-lhes, pouco antes, taças de capitoso vinho tinto. - Como lhe daremos as malfadadas notícias?...

- Disso cuidarei eu mais tarde, senhora marquesa - responde o bispo. - Para tal, haverá que se tomar muito cuidado!...

- Sim, senhor *Dom Eusébio* - concorda a mulher -, tendes toda a razão!... Ninguém, neste mundo, melhor que Vossa Excelência a levar a termo tal difícil empreitada!... - e, depondo a taça de vinho que segurava e da qual mal sorvera diminuto gole, retoma o intenso choro, a fazer coro, juntamente com a filha que, desde o palácio, não parara de chorar. E, lamentando-se, grandemente, prossegue: - Ai, coitadinho!... Que será dele?... Ai, Jesus Cristo!... Não agüentarei vê-lo enforcado!... Ai, que tristeza!...

Dom Eusébio olha para as duas mulheres, altamente desconsolado. Também ele se achava muito triste, mas que fazer?... Agora tudo lhe fugia ao controle. No íntimo, desconfiava de que *João Miguel* poderia ter planejado tudo aquilo!... Mas, daí a fazê-lo confessar a autoria de tal monstruosidade seria totalmente impossível: seria exigir-lhe que se condenasse à morte, livrando o irmão!... "*Ah, João Miguel!*...", pensa o bispo. "*Se, realmente, foste tu a engendrar tal monstruosidade para com o teu irmão, muito caro pagarás por isso!*..."

A noite já se avizinhava, e as duas mulheres partiram, finalmente, de volta para casa. A sós em seu gabinete, *Dom Eusébio* rezava e se preparava para levar a triste notícia ao rapaz. De joelhos em seu oratório, o bispo murmurava sentida prece: "*És um dos meus filhos do coração!*..." diz ele, baixinho. "*Quis Deus que nesta minha vida, fosse eu o pai de uma infinidade de menininhos perdidos e enjeitados!*... E tu, por um bom tempo, também foste o meu menino!... Pena que muito pouco reparei em ti, senão teria descoberto quem, na realidade, eras!... Mas, quem de nós poderá, acaso, entender os desígnios de Deus?... Que devias tu para

a Vida, para que ela de ti cobrasse tanto assim?... Oh, Jesus, dai-me a força suficiente para levar àquele pobrezito a terrível notícia!... "

Depois de se entregar, profundamente, à oração, *Dom Eusébio* levanta-se e, resoluto, deixa o oratório. Precisava executar tão difícil e tão terrível tarefa ainda naquela noite...

Capítulo 26

Executa-se um condenado

A densa escuridão da noite já tomava, completamente, os téticos corredores da cadeia pública de Lisboa, quando *Dom Eusébio* pára diante das grades da cela de *João Manuel*.

- Tens visita, prisioneiro!... - grita o carcereiro.

O rapaz achava-se recolhido em seu pobre leito, encolhido sob ralo cobertor a defender-se da alta umidade reinante no ambiente, totalmente falto de calefação e sujeito à plena ação do frio intenso. Naquele exato momento, *João Manuel* cochilava e, desperto pela voz do carcereiro, agita-se, movendo, vagarosamente, os membros para desentorpecê-los do enregelamento em que se encontravam. Depois, senta-se no catre e aperta os olhos para acomodá-los à forte penumbra reinante. Em seguida, estremunhado e trôpego, encaminha-se para as grades.

- Sou eu, *Anjinho!*... - anuncia-se o bispo. - Preciso falar-te!...

- *Dom Eusébio!*... - exclama o rapaz, tomando-se de intensa ansiedade.

E, aproximando-se mais da grade, sonda o rosto do querido amigo. A fraca luz da lanterna que o carcereiro trazia à mão não era

suficiente para clarear as feições do prelado que não passavam de pálido borrão; impossível, portanto, sondar-lhe, de pronto, a fisionomia. E, num ato de profundo desespero, o rapaz toma as mãos do bispo e as aperta forte.

- Oh, querido!... - murmura o religioso, com a voz embargada pela alta emoção e lhe apertando, também fortemente, a mão.

- Por Deus, senhor!... - brada *João Manuel*, trêmulo pela enorme excitação que lhe consumia a alma. - Que notícia trazeis-me?

Dom Eusébio, por sua vez, aperta-lhe a mão mais fortemente ainda. E, voltando-se, ordena, com a voz firme, para o carcereiro que se maninha impassível, ali ao lado, segurando a lanterna:

- Abri a porta da cela, por gentileza!... Tenho muito a conversar com o prisioneiro!...

- Por Deus, senhor!... - implora o rapaz, atirando-se aos braços do amigo. - Não suporto mais!... Dizei-mo, por piedade!...

- Tem paciência, meu filho!... - diz o bispo, fazendo-o sentar-se ao lado no catre. O carcereiro retirara-se e houvera deixado a lanterna às mãos de *Dom Eusébio* que a depositara ao chão, bem próximo de ambos. A fraca luz amarelada dançava, projetando formas grotescas às paredes de pedras da cela. - Tem paciência, meu querido!... - prossegue ele, abraçando-se forte ao rapaz.

- Já sei, senhor!... - diz o jovem, de repente, agitando-se, enormemente, e, desvencilhando-se, bruscamente, dos braços do amigo, levanta-se e se põe de pé diante dele: - Estais a fazer rodeios, porque a rainha não me concedeu o perdão, não é?... Ah, eu sabia!... - prossegue ele, tomando-se de extremo desespero. - Ah, eu pressentia tal desdita, pela vossa demora em voltar!... Tanto que me cansava e já dormia!... Oh, Deus do céu!...

- Mantém-te calmo, *Anjinho!*... - diz *Dom Eusébio*, levantando-se e tentando tomá-lo pelas mãos. - Sei o quanto tudo isto te é cruel!... Mas é a vontade de Deus!... Tens de aceitá-la!... Sabes, perfeitamente, que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para livrar-te de tão abjeto fim!... Contudo, sobreveio-te, unicamente, a

fatalidade!... Sei que não o mereces!... Mas a rainha acha-se mal!... Não se encontra em condição de nada julgar!... Sinto dizer-te isto: mas a soberana de Portugal encontra-se demente!... Que fazer?... Se estivesse em seu juízo perfeito, sei que nos teria ouvido as argumentações que tínhamos a teu favor!... Entretanto, sequer nos quis escutar!... Lançou-te, sim, mais anátemas à cabeça, misturando o teu caso com outras fantasias que lhe dançam aos miolos!... Que se há de fazer?... Confiar em Deus e rezar!...

- Deus?!... - grita o rapaz, com alta dose de escárnio à voz. E, explodindo em choro intenso, prossegue, com as palavras molhadas pelas lágrimas de desespero: - Deus, senhor *Dom Eusébio!*... Onde é que se acha Ele neste momento?... Ocupado demais, talvez, para ouvir as suplicas que Lhe venho fazendo todo esse tempo!... - e, abrindo um riso nervoso: - Ou andaré Ele a proteger as rainhas loucas e os bandidos como *João Miguel* a quem nada de mal acontece?... Ao diabo, com todas essas asneiras!...

- Oh, não peques pelo sacrilégio, *Anjinho!*... - exclama o bispo, tomando-o pelos ombros. E, com os olhos a inundarem-se de lágrimas, prossegue, cheio de tristeza: - Não desejaria jamais ter ouvido a profanação do Nome Divino pelos teus lábios!... Não por ti!... Ah, não sabes o quanto magoas este meu velho coração, ao dizeres tais coisas abomináveis!...

- Que desejaríeis que eu dissesse, então, senhor?... - grita o rapaz, de repente, tomando-se de raiva extrema. - Que Deus sempre olhou por mim?... Que Ele me foi sempre magnânimo e justo como sempre me ensinastes e também as freiras que me educaram em vosso orfanato?... Oh, não, *Dom Eusébio*, sinto muito, mas agora me cansei!... Deus nunca foi bom para mim!... Nunca me foi justo!... Ao contrário!... Castigou-me, mesmo quando ainda era um bebezinho de colo, a lançar-me à orfandade forçada!... Que culpa tinha eu?... Vamos lá!... Dizei-me do alto da vossa sabedoria!... Que culpa carregava eu, se ainda era um inocente de toda a sordidez deste mundo?... Que espécie de justiça é essa que castiga criancinhas

recém-nascidas?... Vamos, respondi-me, senhor!... Que havia eu, já, em tão tenra idade, feito de mal?...

- Oh, entendo-te, perfeitamente, a dor e até mesmo a revolta, a carcomer-te, fundo, a alma, meu filho, mas não o sacrilégio!... - diz *Dom Eusébio*, altamente entristecido com a reação do rapaz. - Entender-te-ia tudo, menos o culpares Deus pela tua desdita!... Quem somos nós a julgá-Lo?... Não, querido!... A tua dor, neste momento, é também a minha dor!... Sem mais nem menos!... Estou a sofrer por ti o quanto tu estás a sofrer por ti mesmo!... Em igual intensidade, porque te amo como ao filho que não tive!... Por isso é que - como a todos os demais a quem ajudei a criar -, elegi-te, também, como filho adorado do meu coração!... Que pai não estaria, neste momento, a ter as fibras do peito arrancadas, uma a uma, sabendo o filho condenado à morte, ainda em tão tenra idade?... Oh, sim!... Sofro igualmente como tu!... Sofro, sim, como tu, *Anjinho*, e estendo este meu sofrimento ao Criador!... Acaso não é Ele o teu Pai Maior?... Como é que pensas sentir-Se Deus neste momento?... Feliz, sabendo ter um filho condenado à morte?...

- Mas, nada faz Ele para livrar-me da força!... - responde o rapaz, cheio de revolta.

-Oh, meu querido!... - diz *Dom Eusébio*, tomando-o aos braços. - Acaso achas ser Deus o responsável pela tua condenação?... Oh, como te enganas!... Digo-te com toda a certeza deste mundo- conde naram-te à morte os homens!... A maldade dos homens condenou-te' Não Deus!...

João Manuel nada responde, diante dos argumentos do outro. Apenas, deixa-se envolver mais e mais pela intensa dor. Dor extrema inominável, que mais doía pela injustiça, pela impotência de nada poder fazer para defender-se, para provar a todos que era inocente daquele crime!... Soluços intensos, profundos, a brotarem-lhe lá do mais recôndito do peito, sacodem-no, violentamente, e ele, então, sente as pernas tremerem, incontrolavelmente, que, fraquejando, não mais lhe conseguem sustentar o corpo; seus joelhos

dobram-se, e ele tomba, fragorosamente, sobre o frio piso de pedras da cela. *Dom Eusébio* tenta, inutilmente, ampará-lo com as mãos, mas não consegue. O rapaz, então, tomado de intensa crise nervosa, agita-se e rola ao chão e, arrebatado pelo desespero extremo, lanha-se todo com as unhas.

- Oh, Deus do céu!... - exclama o bispo, ajoelhando-se ao lado do rapaz, procurando socorrê-lo. - *Anjinho!*... Não entres, assim, em desespero, meu filho!... Sei que te é penosa por demais esta terrível provação, mas que te resta, senão enfrentá-la?... É o teu destino!... Tanto lutamos para mudá-lo, entretanto o que pudemos, de fato, fazer?... Acaso conseguimos demover um só ponto de tudo o que certamente te reservou a suprema sabedoria do Criador?...

-Ah, maldita vida!... Maldita vida!... - gritava o rapaz, contorcendo-se todo em patente estado de histeria. - Por que tive eu de correr atrás dos desgraçados?... Que se danassem com a sua riqueza!... Bem que eu não os queria conhecer!... Ao diabo com todos eles!... Melhor fora a rua, a miséria extrema!... Nada tinha de meu, mas eu era feliz!... Era livre!... Era dono da minha vida!... Não tinha desumanos assassinos a culparem-me por seus atos ignóbeis!... Oh, desdita cruel!... Maldito o dia em que pus meus pés naquela casa!... Malditos todos eles!... Odeio-os!... Oh, como os odeio!... Odeio-te, *João Miguel!*... Foste tu que me lançaste à força, sem o mínimo de comiseração!... A mim, que sou o teu irmão!... Monstro!... Demônio!... Oh, odeio-te!... Odeio-te, com toda a força da minha alma!...

E, uma sucessão de gritos pungentes ouviu-se, ferindo, tristemente, o pesado silêncio que, costumeiramente, abatia-se sobre as celas da cadeia pública de Lisboa. Extremamente condoído, *Dom Eusébio* ajoelhará-se ao lado do rapaz, atraindo-o aos braços. Era preciso ampará-lo durante as intermináveis horas daquele terrível transe que ia à Ama do pobrezinho!...

_ Chora, querido!... - diz o bispo, aconchegando o rosto do rapaz ao peito. - Chora até não mais poderes!... Bota fora todo este inferno que

te calcina a alma!... Urra!... Grita!... Tens o direito de vomitar toda a rua revolta e, se o mundo não te ouvir, ouvir-te-ei eu!... Chora, criança!... Esvazia o teu peito desta dor descomunal!... Oh, como te entendo esta dor!-- Como te entendo!... E não te deixarei só; contigo estarei por todas as horas deste terrível tempo que ainda te resta sobre este mundo pejado da insana maldade de homens de corações duros como pedra e mais cruéis que os mais sarcásticos dos demonios!... Entretanto, contigo estarei, não te abandonarei jamais!... Olha, que choro e sofro contigo!... Misturo minhas lágrimas às tuas, porque me és o filho do coração!...

O bispo, a seguir, eleva seu pensamento ao Criador e principia a murmurar sentida prece. O rapaz, então, passado o furor da altíssima descarga emocional, sente-se amolecer - consequência dos pesados estímulos nervosos a que se submetera com a explosão das emoções, a custo, contidas refreadas no imo da sua alma. Dera, por fim, evasão a tudo que lhe entupia o peito. Depois da fremente explosão de intensa revolta, sua voz enrouquecera; tinha os músculos trêmulos e flácidos, e apenas fraco soluçar sacudia-o amiúde.

- Vem, *Anjinho* - convida-o, amorosamente, *Dom Eusébio*. - Está muito frio o chão. Toca a deitar-te que te será melhor!... Vem, que te ajudo!...

Em seguida, através de pesado esforço, o bispo consegue auxiliar o rapaz a acomodar-se ao leito. *João Manuel* tremia, mais pelo descontrolo emocional que, propriamente, pela inclemência do ar cortante e gelado da masmorra. O prelado ajeita-lhe a rala coberta ao corpo e se me senta ao lado, tomando-lhe as mãos.

-Agora, procura dormir - diz-lhe o bispo, paternalmente. - Dorme, que velarei por ti!... Prometo-te que não arredarei pé daqui!...

Aos poucos, o sono assenhoreia-se de *João Manuel*. As terríveis descargas emocionais quebravam-lhe as resistências e ele, finalmente, dormiu. *Dom Eusébio*, ainda lhe segurando as mãos, murmura sentida Prece, enquanto lhe olhava o rosto. Rosto que,

embora jovem e mesmo a dormir, achava-se contraído em fundo e expressivo esgar; eram contrações de dor a patentear-lhe o intenso desencanto que lhe devorava impiedosamente, a alma. *João Manuel* finalmente dormia... Dormia e se agitava, e se mexia, e emitia fundos e lúgubres gemidos...

Dom Eusébio vigiava-lhe o agitado sono. Velava, pacientemente, pela noite fria e rezava... Em derredor, apenas a densa penumbra. A mortiça luz da lanterna, já quase a apagar-se, projetava uma porção de dançantes sombras fantasmagóricas às grossas paredes de granito escuro.

* * * * *

Três dias depois, no pátio interno da cadeia pública de Lisboa, um patíbulo erguia-se. O céu achava-se plúmbeo, carregado de nuvens baixas e escuras. Um ventinho gelado soprava insistente. Marcaram a execução de *João Manuel* para as primeiras horas da manhã daquele dia. Reduzido grupo de pessoas achava-se acomodado em cadeiras, a formar singela platéia, convidada a assistir à tétrica aplicação da pena capital ao pretenso assassino de *Manuela Albuquerque e Meneses*. E, ostensivamente plantado, bem no centro do agigantado estrado achava-se o poste da forca, com seu lúgubre braço horizontal, a segurar o laço pendente que, sinistramente, balançava-se, impulsionado pelo vento cortante.

As pessoas aguardavam em pesado silêncio. O contato com as coisas da morte costuma assustar até os que se consideram mais fortes e mais corajosos. Na primeira fila, entre outros, sentados achavam-se os *Marqueses das Alfarrobeiras*, *Jerônimo* e *Bárbara*; também *Vito Nascimento Torres*, o *Barão de Leiria*, o mais novo amigo do condenado, que ali estava, pensativo e grave. Havia pouco, escapara ele de condenação semelhante e, por isso mesmo é que se empenhara tanto, juntamente com outros, para tentar livrar o novo amigo daquela infame condenação que, mesmo em nada resultando

tanto empenho empregado, desejava, ao menos, dar ao outro o apoio moral até seus derradeiros momentos neste mundo. *Vítor* gostara de *João Manuel*, desde os primeiros contatos que tiveram, quando se acharam presos juntos, nur das celas da cadeia pública; sentira, no novo amigo, pessoa de bons propósitos e, imediatamente, decidira-se por lutar por sua liberdade. Luta inglória, batalha perdida, mas lutaram!...Das antigas amizades de *João*, entretanto, apenas *Mestre Branquinho* ali estava; os demais por medo ou até mesmo por receio de se acharem tão próximos das autoridades, preferiram não arriscar e permaneceram longe, apesar de se acharem tristes pelo malfadado destino que se reservava ao antigo companheiro dos tempos das ruas do cais do porto. Poucos eram os amigos do condenado, na verdade. Também presentes à execução estavam o marido, os irmãos e muitos dos antigos amigos da assassinada.

E, enquanto se aguardava o tétrico espetáculo, ali próximo, na cela, preparavam o condenado para a execução: um barbeiro houvera-lhe, de antemão, raspado os cabelos e a barba, deixando-lhe a cabeça totalmente pelada. Depois, o carcereiro, ordenando que se despisse das roupas e que também se descalçasse das botas, fê-lo envergar longa túnica de serguilha. Em seguida, saiu e o deixou a sós com *Dom Eusébio* que, durante a maior parte do tempo, ali estivera a consolá-lo, por aqueles dias todos que antecederam o da execução. O rapaz, inexplicavelmente àquela manhã, achava-se um pouco mais sereno. Encontrava-se extremamente pálido; os lábios, altamente descorados, pareciam fundir-se ao restante da sua fisionomia. Era deveras patético vê-lo a envergar a descomunal e grosseira túnica a cobrir-lhe o corpo todo, desde o pescoço até os tornozelos, além da inusitada brancura da cabeça que lhe revelara a tosa absoluta dos cabelos, dos bigodes, e das formosas e bem cuidadas suíças que passara a envergar pelos últimos tempos. Pobre *João Manueli*... Que terrível golpe lhe aplicava a vida!...

Dom Eusébio olha-o, altamente condoído e lhe sorri, tristemente. Mal conseguia sofrer as lágrimas que lhe queimavam o peito, loucas para explodirem em desenfreada catadupa... Entretanto, devia mostrar-se forte, para dar o exemplo. Trouxera os paramentos para ouvir o seu querido menino em confissão e, também, para ministrar-lhe a extrema unção!... Que triste tarefa!... Mas, não abra mão de ele mesmo fazer isso!...

- Senta-te aqui ao meu lado... - convida, gentil, o bispo ao rapaz que se mantinha de pé, diante dele. - Vamos conversar. Não te queres confessar?...

- Sim, senhor - responde o rapaz.

João Manuel emitira as palavras, mecanicamente, sem qualquer animo. E, arrastando os pés, trôpego, acomoda-se ao lado do bispo. Sentia-se muito fraco e tinha os músculos todos altamente doloridos Pela comoção nervosa que sofrera por aqueles dias todos. Sentia-se mal, muito mal. Tinha náuseas, e forte vontade de vomitar advém-lhe.

- Soube que recusaste a boa comida e, também, a mulher que costumam oferecer aos condenados na derradeira noite que lhes precede execução... - observa o bispo, tomando-lhe as mãos entre as suas

- A única mulher que desejava ter não me quis ver... - murmura ele abrindo triste sorriso.

- Oh, querido!... - exclama *Dom Eusébio*, apertando-lhe forte a mão. - Não sabes, de fato, o que estás a dizer!... Tua menina acha-se tão mal, tão enfraquecida que não se sustém mais sobre as pernas! Como poderia, então, vir até ti?... Morre de dor, a pobrezita!...

João Manuel nada responde. Seus olhos repletam-se de lágrimas E, mudo, deixa o pranto tomar conta de si; pranto sofrido, cheio de dor profunda.

- Oh, criança!... - diz o bispo, abraçando-o, paternal. - Pressinto mais desgraças advindo de tudo isto: afirmo-te que *Teresa Cristina* não

suportará a tua perda!... Em seguida, seguir-te-á ela, com toda a certeza!... Tragédias e mais tragédias é o que pressinto que teremos doravante!...

- Cuidai dela, *Dom Eusébio!*... - diz o rapaz, soprando as palavras molhadas pelo pranto. - Quando eu aqui não mais me achar, tomai-a sob vossos amorosos cuidados!...

- Por certo que assim farei, meu querido!... - diz o bispo, afagando-lhe, amorosamente, as espáduas, enquanto o abraçava paternal e con-doidamente. - Fica sossegado onde quer te coloque a bondade de Deus! ... Mas, por ora, confia e confessa os teus pecados, se assim o desejares!... Olha que as horas avançam e, infelizmente, virão buscar-te a qualquer momento!...

O rapaz enxuga as lágrimas com as mãos e faz um sinal afirmativo com a cabeça. *Dom Eusébio*, então, toma da valise que trouxera consigo e, apanhando a estola e a tunicela,¹ paramenta-se para celebrar o rito católico. O rapaz, humildemente, ajoelha-se diante do bispo.

- *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti...*² - diz o religioso, enquanto se persigna solenemente. Sua voz soa firme, mas pejada de tristeza. Depois, pondo as mãos sobre a cabeça de *João Manuel*, prossegue: - Abre o teu coração, filho...

E, quase num murmúrio, entrecortado por intensos suspiros, ouve-se a voz sentida de *João Manuel*. Fiel, obedecia aos ritos nos quais se criara-

Pouco depois, passos cadenciados ouviam-se vindo do corredor, pequena tropa de milicianos aproximava-se.

- Abri a porta, carcereiro!... - ordena o comandante da pequena escolta. *Dom Eusébio* abraça-se a *João Manuel*. O derradeiro abraço. Suas lágrimas misturam-se.

- Vai, meu filho!... - murmura o bispo, osculando-lhe a face. - Que Deus te acompanhe os passos!...

1. Espécie de dalmática ou pequena túnica usada pelos bispos entre a alva e a casula, n celebração solene.

2. "- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo..." , em latim.

A um comando do capitão, dois soldados manietam o condenado e o fazem pôr-se em marcha com um empurrão. *João Manuel* tinha as pernas travadas pelo terror. Não conseguia mudar os passos.

- Arrastem-no!... - ordena, ríspido, o comandante. Literalmente arrastado por dois dos milicianos, a figura patética de *João Manuel* vencia os extensos e gélidos corredores da cadeia pública de Lisboa. Através da interminável sucessão de grades, rostos apareciam da penumbra das celas e, olhando entre curiosos e aterrados, assistiam ao ligeiro desfilar do condenado à morte. Discretamente, persignavam-se e, ajoelhando-se, murmuravam sentidos augúrios à passagem de *João Manuel*:

- Que Deus te acompanhe!...

- Jesus te dê a glória!...

- Louvado seja Nosso Senhor!...

- Vai em paz!...

A chegada ao pátio onde se erguia o patíbulo, o terror invade-o por completo. As mandíbulas travam-se-lhe; intenso tremor apodera-se dele; mal consegue manter os olhos abertos, altamente ofendidos pela abrupta claridade recebida, depois de vários meses mantidos, exclusivamente, sob a penumbra. Tautocronamente, todas as cabeças que se assentavam no pátio, diante do patíbulo, voltam-se para a trágica figura que, literalmente, era arrastada para o cadafalso. Alguns dos poucos amigos do réu penalizavam-se; outros, sem terem qualquer vínculo com o condenado ou com a vítima, apenas sentiam mórbido prazer em assistir ao tétrico espetáculo; outros, ainda, mormente os parentes e os amigos da assassinada, sentiam-se encher da auto-satisfação pela pretensa justiça que se fazia.

João Manuel, entretanto, sentia o terror enregelar-lhe o sangue-músculos travaram-se mais e mais, chegando ao ponto de suas vistas principiarem a escurecer-se: uma síncope nervosa estava na iminência de sobrevir-lhe. Os milicianos, literalmente, prosseguiram arrastando-o em direção do patíbulo. *Dom Eusébio*, com as feições

altamente graves e tristes, acompanhava o doloroso cortejo, empunhando um crucifixo. Tinha os olhos baixos e se pressentia que rezava com fervor.

Uma vez galgada a pequena escada que dava acesso ao patíbulo, o condenado foi colocado diante do fatídico nó que pendia do braço da forca, e um beleguim adiantou-se e leu a condenação:

"Por ordem de Sua Majestade Real, a Sereníssima Senhora Dona Maria I, Augusta Soberana dos Reinos Unidos de Portugal e Algarves, cumpra-se a execução de morte por enforcamento do réu julgado e condenado, o senhor Francisco de Assis Ramalho e Alcântara, Barão da Reboleira, pelo truculento assassinato da excelente senhora dona Manuela Albuquerque e Meneses, mui digna Baronesa da Ajuda. Lisboa, aos 12 dias do mês de dezembro d ano da graça de 1792."

Após a leitura da sentença de condenação, com um sinal de cabeça, o meirinho convida o carrasco que se mantinha a postos ao lado do poste da forca. *João Manuel* achava-se totalmente tomado pelo terror. Suas vistas turvavam-se; seu coração batia descompassado. Num última tentativa, nos seus derradeiros momentos de vida, tomado de desespero extremo, buscou com os olhos a diminuta platéia que se colocava diante dele. Nada conseguia ver, além de um borrão de rostos disformes, irreconhecíveis; entretanto o desejo de vê-la, pela última vez, causava-lhe tremendo anseio ao peito. O desespero aumentava; precisava vê-la!... Oh, Deus!... Não!... Não podia ir-se deste mundo sem a' menos ver seu amor, mesmo que fosse de longe, pela última vez!..-Entretanto, a forte luminescência machucava-lhe os olhos; tantas lágrimas de dor e de desespero haviam-nos maltratado bastante, ferindo-o sobremaneira!... Nada conseguia ver; apenas manchas disformes. Então a dor extrema, lancinante, a varar-lhe o peito: a derradeira esperança d rever o seu amor esvaia-se!... Oh, desdita cruel!... Viera ela?... Estaria ali, no meio daquelas pessoas?... A dúvida ficara a roer-lhe, fundo, alma. Diante da impossibilidade de certificar-se, fecha, então, os olhos chora. Chora amargamente...

_ Que Deus te dê a paz eterna, meu filho!... - ouve a voz do amigo que se aproximava pela última vez. - Beija os pés do Sublime Mestre!... _ diz *Dom Eusébio*, apresentando-lhe Jesus Crucificado.

João Manuel olha para o Crucificado com os olhos embotados pelas lágrimas. Pouca coisa pôde ver, além de borradas expressões de dor suprema que exibiam a representação de Jesus pregado ao madeiro. E, fazendo descomunal esforço para dobrar ligeiramente o pescoço, fortemente travado pelos espasmos nervosos, consegue chegar os lábios ressequidos aos pés da imagem de *Jesus* e os beija. Ia tentar pronunciar ligeira oração, mas o carrasco, obedecendo a uma ordem do meirinho, adianta-se, abre mais o nó da corda que balançava no ar, ajusta-o à garganta de *João Manuel* e, em seguida, tomando de negro capuz, cobre-lhe, bruscamente, a cabeça. Os tambores de pequena fanfarra principiam a rufar estrondosamente. Os olhos da diminuta assembléia acompanham, então, os movimentos do carrasco. O truculento homem que, exceção dos olhos, durante o tempo todo, mantinha a cabeça completamente coberta por um capuz de couro, depois de aferir, minuciosamente, se a corda se achava devidamente colocada ao pescoço do condenado e se o capuz cobria-lhe totalmente a visão, encaminha-se com passos firmes ao pé do poste da força onde se achava a alavanca do alçapão e, a um comando de cabeça do beleguim, dispara o mecanismo. Os tambores rufam mais forte. Foi num átimo. *João Manuel*, por sua vez, tinha o corpo endurecido, transido pela excessiva carga emocional, gerada pelo medo e pela descomunal aflição. O capuz cobria-lhe a visão, elevando-lhe o desespero às exorbitâncias do insustentável. E, num milésimo de segundo, o gelo do terror extremo a percorrer-lhe o corpo todo. Ouve, então, o estrondoso rufar dos tambores e, de repente, o vazio sob os pés!... A princípio, enquanto ajustavam-se, tracionados pelo peso do corpo, os grosseiros nós da corda judiaram-lhe da pele do Pescoço, arranhando-a, profundamente, como se possantes garras de felino contumaz cravassem-se-lhe, impiedosamente, à garganta. Sentiu o pescoço incendiar-se!...

Quanto tempo durou aquela agonia?... Balançava-se no ar, em extremo desespero e, quanto mais se agitava, mais os nós se lhe arrojavam, como se lhe entrassem, cruamente, carnes adentro. Deus do céu!... Aquilo não tinha fim?... Lenta é a agonia dos que morrem pendidos duma força!... Dentro do intenso desespero, desejou levar as mãos à garganta, para livrar-se da dor lancinante, mas se achava manietado!... Quanto tempo debateu-se, qual sinistro mario a dançar o macabro bailado, ali diante da pequena platéia, que a tudo assistia, em silêncio, aterrorizados uns, indiferentes outros e, ainda plenamente satisfeitos aqueles que o julgavam o assassino de *Manuela*?...

Minutos terríveis!... Eternos minutos aqueles, que não se escoavam nunca!... Depois, finalmente, o intenso e derradeiro trauma, ao ter pescoço abruptamente quebrado!... Era o fim da horrenda apnéia do estertor agônico!... Ligeiro estremecimento segue-se e, então, só o es curo, o silêncio...

João Manuel sentiu intensa sonolência invadi-lo. Quis reagir manter-se desperto, mas não conseguiu. Apenas ao longe, muito longe ouvia o rufar dos tambores e, depois, nada...

Dum canto, duas figuras singulares a tudo acompanhavam. Não faziam parte da seleta platéia, convidada para a execução de *João Manuel*. Eram duas sombras que, em silêncio e recostadas a um dos muros que ladeavam o pátio, a tudo haviam assistido.

- Vem!... - convida *Manuela* a *Madalena*. - Aproximemo-nos e nos apoderemos de *Anjinho*, antes que outros o façam!...

- Sim!... - concorda a antiga prostituta, olhando, preocupada, e-derredor. - Os abutres já começam a rodear a carniça!...¹

Ainda desacordado, o espírito recém-desencarnado pairava pouco acima do corpo que os milicianos já haviam retirado da força. Tinham colocado o cadáver estendido sobre o cadafalso e o tinham

¹Referência a espíritos vampirizadores que se aproveitam dessas ocasiões para proveito de recém-desencarnados, com o propósito de sugar-lhes resquícios de densos que, eventualmente, ainda lhes permaneçam agregados ao perispírito.

coberto com uma lona encardida, enquanto aguardavam a chegada da carroça que o transportaria ao velório.

- *Anjinho!*... - chama *Manuela*, delicadamente, tomando as mãos de *João Manuel* que a tudo parecia alheio, mergulhado em profunda sonolência. - *Anjinho*, acorda!... - insiste ela.

- Inútil chamar por ele, senhora!... - observa *Madalena*. - Ele ainda não vos pode ouvir!...

- Vem, vamo-nos daqui!... - diz *Manuela*. - Levemo-lo para a segurança da nossa casa!...

E, não sem muita dificuldade, as duas mulheres tomam *João Manuel* aos braços e o carregam para longe dali.

Neste mesmo tempo, *Dom Eusébio* houvera descoberto o rosto do cadáver do rapaz e, ajoelhando-se-lhe ao lado, olhava-o, cheio de tristeza. O defunto trazia a face completamente arroxeadada pelo terrível trauma do enforcamento. E, cheio de intenso pesar, o bispo toma-lhe as mãos ainda quentes e as beija, ternamente.

- *Resquiescat in pace!*...² - murmura ele, fazendo-lhe minúsculos sinais da cruz à testa, aos lábios e ao dorso das mãos.

Bárbara e *Jerônimo Dantas e Melo* aproximam-se.

- Que faremos com o corpo, senhor *Dom Eusébio?*... - pergunta *Bárbara*.

- Já reclamei, de antemão, o corpo do pobrezito ao senhor comissário-geral da milícia, senhora marquesa - responde o bispo. - Agora é questão de trasladá-lo até a mansão episcopal, onde pretendo velá-lo, pois presumo que o irmão não o quererá receber em sua casa!...

- Por certo que não, Excelência!... - adianta-se o *Marquês das Alfarrobeiras*. - E, se desejardes usar a nossa residência para tal finalidade, ponho-a à vossa inteira disposição!...

- Agradeço-vos a gentileza, senhor marquês - responde *Dom Eusébio*.

²- "*Descansa em paz!*...", em latim.

- Mas, como já obtive, também, autorização dos meus superiores para realizar lá o velório de *João Manuel*, fico-vos imensamente grato!... Só não me permitiu o cardeal que rezasse missa de corpo presente na catedral ou em qualquer das igrejas, para não se afrontarem as autoridades civis!... Não se admitem os sacramentos póstumos aos criminosos executados!... Entretanto, pretendo rezar-lhe um réquiem logo mais, sem muito alarde, apenas com os amigos mais próximos!...

Pouco depois, um carroção solicitado pelo bispo aproxima-se e diligentes serviçais recolhem o cadáver do moço para transportá-lo até o bispado. O sol ia alto no céu; era, já, quase o meio do dia.

- Vamo-nos, senhores - convida *Dom Eusébio*.

O pátio, a essa altura, encontrava-se totalmente vazio. Apenas um velho mantinha-se a distância, com a cabeça descoberta. Muito triste, acompanhava com os olhos o carroção que, lento, saía por um dos Portões do pátio, levando o corpo de *João Manuel*.

~ Vai-te com Deus, *Anjinho* - murmura *Mestre Branquinho*, enxugando, com a ponta dos dedos, as lágrimas que lhe mareavam os olhos.

- Vai-te com Deus, meu amigo...

Capítulo 27

Revisitando o antigo lar

João Miguel, altamente ansioso, desceu, saltando aos pares os degraus da imponente escada de mármore branco que dava ao

andar superior da mansão. No escritório, aguardava-o visita por ele esperada fazia horas.

- E então, senhor doutor *Antônio da Cruz!*... - pergunta ao advogado, enquanto lhe estendia a mão para cumprimentá-lo. - Que fatos trouxe-me?

- Os melhores, senhor *Barão da Reboleira!*... - responde o advogado, sentando-se numa poltrona que o outro lhe indicava. - Os melhores!...

- Tudo consumado, então?... - pergunta *João Miguel*, sem procurar disfarçar, por um só instante sequer, a intensa ansiedade que o consumia.

- *Consumatum est.* '...³ - brinca o advogado, rindo-se. - Tudo acabado, senhor barão!... O assassino da *Baronesa da Ajuda*, a esta hora, já queima nas profundas do inferno!... Estive presente ao enforcamento, conforme me solicitastes!...

- Esplêndido!... - exclama *João Miguel*, satisfeitíssimo, enquanto enchia, diligentemente, duas taças de vinho sobre pequeno aparador que havia no escritório. E, estendendo um dos copos ao advogado, eleva o outro, a seguir, em brinde, e exclama, vazando felicidade: - Ao certo sucesso da nossa empreitada!...

Neste mesmo instante, bem perto dali, no antigo aposento que *João Manuel* ocupava na casa, duas sombras confabulavam. Havia acomodado o espírito do rapaz, ainda tomado de profundo sono, sobre o leito que antes lhe pertencera, por pouquíssimo tempo, naquela casa.

- *Anjinho* demora a acordar-se!... - exclama *Manuela*, mantendo a cabeça do rapaz apoiada ao colo, enquanto lhe acariciava, ternamente, o rosto esquelético.

- Isso é assim mesmo, senhora!... - observa a jovem prostituta. - Da forma como ele morreu, tendo o prévio conhecimento de tudo, teve as forças todas minadas pelo desespero e pelo terror!... Quanto a nós

³ - *Está consumado!*... ", em latim.

duas, fomos pegas de surpresa pelo covarde punhal de *João Miguel*; nada esperávamos, fomos surpreendidas pelo imprevisto e por isso é que recobramos, quase de imediato, a consciência do lado de cá!... Entretanto, como bem podeis observar, nem todos passamos pelo mesmo processo!... Há os que dormem!... Pelo tempo que aqui já me encontro, pude constatar que alguns dormem por algumas horas, apenas; outros, entretanto, dormem por dias e, ainda, há os que nunca vi acordados!... Presumo que durmam, mesmo, até durante anos!...

- Deveras?... - pergunta, altamente impressionada, a antiga *Baronesa da Ajuda*. - E se *Anjinho* não despertar mais?...

- Não sei, senhora... - responde, reticente, a outra. E, fixando, ternamente, o rosto do amigo que, aparentemente, dormia, prossegue: -Que judiação!... Vede como lhe deixaram o pescoço!... Pobrezinho!...

- Não lhe achas as feições altamente desfiguradas?... - observa, preocupada, *Manuela*. - Os lábios intumescidos, os olhos inchados... E a garganta, então?...

- Lastimável, senhora!... - diz *Madalena*, altamente condoída do deplorável estado em que se encontrava o rapaz. E prossegue, grandemente penalizada: - E nem não sei se algum dia voltará a falar!...

- Que atitude, então, devemos tomar em relação ao pobrezito?... - pergunta *Manuela*.

- Não sei, senhora... - responde a mocinha. - Mas, penso que a única solução será esperar.

- Concordo - observa a outra. - Como nada sabemos sobre o que, de fato, sucede-nos, depois que morremos, por ora, o melhor que temos a fazer será aguardar o passar do tempo.

Os dois espíritos calam-se. Dir-se-ia que íntimas cogitações invadiam-lhes o pensamento. *João Manuel* permanecia adormecido, com a cabeça apoiada ao colo de *Manuela*.

- O demônio pensa, finalmente, ter conseguido o seu intento!... - observa *Madalena*, quebrando o ligeiro silêncio que surgira entre ambas. - Vi, da janela, quando, há pouco, o advogado, que lá se encontrava a assistir à execução, veio a correr, para trazer-lhe a notícia!.. Neste momento, o desgraçado do assassino deverá andar a dar pulos de tanta felicidade!...

- Entretanto, como se engana ele, minha cara!... - diz *Manuela*, abrindo terrível sorriso, pejado de ironia. E prossegue, com altíssima dose de sarcasmo à voz: - Demos-lhe, apenas, pequena trégua!... Agora, somam-se três os cadáveres a pesar-lhe sobre os ombros!... Assim que *Anjinho* despertar, no entanto...

- Assim que *Anjinho* despertar, assombrar-se-á, por certo, da nova realidade em que se encontra, senhora!... - exclama a mocinha, rindo-se.

- Todos nós nos assombramos, ao nos acordarmos do lado de cá!...

- Sim, e o que pensamos ser o fim, na realidade, é um recomeço!...

- ajunta *Manuela*.

- E, no momento em que ele descobrir que não existe morte coisa nenhuma, e que permanecemos mais vivos que nunca, somar-se-á a nós e então...

- A forra!... - exclama *Manuela*, gargalhando. - Enlouqueceremos aquele bandido, sem nenhuma piedade!...

- E, para arrematar, insuflar-lhe-emos a constante idéia de suicídio!... - emenda a mocinha, exultando-se sobremaneira.

- Sim!... Sim!... - concorda *Manuela*. - Tenho ânsias incontrolláveis de atormentá-lo, incessantemente, sem lhe dar tréguas, por um só instante sequer!... Ah, *João Miguel*, tu não perdes por esperar!...

Neste comenos, *João Manuel* agita-se em seu sono.

- Vede, senhora!... - exclama a mocinha. - Ele se mexeu!...

- Sim!... - responde *Manuela*, animando-se. - *Anjinhol... Anjinhol-Acorda!*... - insiste ela, sacudindo-o de leve.

O rapaz emite fracos gemidos. As mulheres entreolham-se, cheias de expectativa.

- Ele está a acordar-se, senhora!... - brada, contente, a antiga prostituta.

- Sim!... Sim!... - concorda *Manuela*. - Acho que recobra a razão!... -e prossegue, incitando-o: - *Anjinho!*... Vamos, homem, acorda!- *Anjinho!*... - e lhe sacode, levemente, os ombros.

O rapaz emite uma sucessão de fracos gemidos, revira-se, contorce-se, ligeiramente, mas volta a cair em sono profundo.

- Dorme outra vez, senhora!... - observa *Madalena*, desapontando-se.

- Sim - concorda a outra. E prossegue, resignando-se: - Deixemo-lo dormir por um pouco mais!... O pobre estava um trapo!... Viste como os esbirros tiveram de arrastá-lo até o patíbulo?...

- Sim, e acho que lhe entendo o desespero extremo!... Passar por provação tão monstruosa, como essa a que se afligem os homens, deverá ser algo deveras estarrecedor!... - observa a mocinha. E, depois de cismar, profundamente, por um tempo, com os olhos parados no vazio, prossegue: - As autoridades deveriam colocar-se, ao menos uma vez, na pele dos que condenam à morte!... Será que se acha, realmente, aí, a solução para resolverem-se os crimes tenebrosos?... Se assim fosse, ninguém mais tiraria a vida a ninguém; ninguém afligiria sofrimento cruel a ninguém; contudo, não é assim que ocorre: a violência recrudescer a cada dia, e os homens embrutecem-se, mais e mais, ao passar do tempo... E os que se condenam, inocentemente, como acabam de fazer a *Anjinho?*... Poder-se-á, acaso, reparar o erro?... Vede, senhora, este exemplo: o verdadeiro culpado de tudo se acha impune!... - e prossegue, rilhando os dentes de ódio: - Ah, *João Miguel!*... Tu nem podes sequer cogitar o que te aguarda!... Se te furtaste à justiça dos homens, à nossa, entretanto, não escaparás!... Semeaste tantas dores, tantas aflições, que se avizinha a hora de empunhares a foice e de encetares a tua fatídica colheita!...

Neste mesmo instante, ainda trancado em seu escritório, *João Miguel* divagava. Despedira o advogado fazia pouco e, bebericando de sua taça de vinho, sorria, enquanto olhava as pequeninas gotas de

chuva que batiam sobre o vidro da janela fechada. Os pingos de água gelada chocavam-se contra a vidraça e escorriam como lágrimas sobre uma face.

- Tudo acabado!... - murmura ele, sorvendo grosso gole de vinho. E sorrindo, deixa o pensamento fluir: *"Agora, vender este mausoléu, o mais rápido possível, e me ir de vez para Lisboa!... Ah, como odeio este lugar!... Finalmente, ver-me-ei livre daqui!..."*. Depois, seu pensamento toma outro rumo: *Teresa Cristina*. *"Agora urge que me ocupe de ti, meu tesouro!..."*, e abre novo sorriso de satisfação: *"Sei que te achas um pouco amarrotada pelo baque que sofreste, mas és juvenzinha e logo te erguerás, como sói às flores, após a tempestade!... Ao surgir do sol, soerguem-se, a exibirem, novamente, a beleza e o esplendor!... Dou-te um pouco de tempo para te refazeres deste vendaval!... Depois, então, farás parte da minha vida, para sempre!..."*

Os pingos da chuva passam a tamborilar um pouco mais forte na vidraça. *João Miguel* levanta a gola do grosso casaco de pele de furão que envergava. Sentia-se enregelar ali, no escritório, sem calefação.

- Maldito inverno!... - pragueja ele, levantando-se. Ia em busca do aconchegante calor do fogo da lareira de seu quarto.

* * * * *

Na manhã seguinte ao dia do enforcamento de *João Manuel* e, após lhe terem velado o corpo, noite afora, e de *Dom Eusébio* lhe ter encomendado o corpo, em singelo ritual, na capela da mansão episcopal, sepultaram-no em jazigo comprado às expensas dos *Marqueses das Alfarrobeiras*.

- Fizeste-me gastar pequena fortuna com o funeral daquele enjeitado!... - reclama *Jerônimo Dantas e Melo* à esposa *Bárbara*, no carro, enquanto retornavam a casa, depois da inumação do corpo do rapaz.

- Ora, cala-te, homem!... - repreende-o a mulher. E fechando, severamente, o cenho, prossegue: - Dá-te por satisfeito de o teu crime ter passado encoberto por esses anos todos!... Ou crês que eu não

sabia de tudo?... Que, acaso, desconhecia eu seres tu o articulador do seqüestro do bebê de *Manuel Antônio* e de *Rosália!*...

- Cala-te, mulher, que não tens provas nenhuma contra mim!... - responde, ríspido, o *Marquês das Alfarrobeiras*.

- Ora, *Jerônimo!*... Para que as provas, se tu não consegues mentirme?... - retruca ela, irônica. E prossegue, encarando-o, firme, nos olhos: - Conheço-te muitíssimo bem, para ler tudo o que se acha escrito, escancaradamente, aí nas tuas fuças!... E, além do mais, ouvi tudo!...

- Que ouviste, *Bárbara!*... - pergunta o homem, empalidecendo. - Estás é a lançar-me uma isca, isso sim!

- Que isca qual nada!... - diz-lhe ela, arrostando-o, firme. - A mim não podes enganar!... Queres a verdade ao focinho?... Pois aí a tens: ouvi-te, sim, de atrás da porta do teu escritório, poucos dias antes, quando confabulavas com um dos criados do *Manuel Antônio!*... Prometias-lhe pequena fortuna para que lhe furtasses o bebê!...

- Cala-te, mulher, por Deus!... - suplica *Jerônimo Dantas e Melo*, tornando-se branco qual um fantasma. - E se nos ouve o cocheiro?

- Como se não se achasse também ele metido nesta sujeira!... - responde a mulher, com a voz carregada de ironia. E prossegue, sem se deixar intimidar: - Fiquei de sobreaviso, senhor meu marido!... Fiquei de olho em ti e no que fazias!... Pensas que não vi tudo, naquela noite em que o maldito do criado te entregou o embrulho no bosque e, depois, quando, ligeiro e cheio de cuidados, tomaste o carro e só retornaste muito tarde, já bem quando o dia clareava?... Acaso não estava o nosso cocheiro de conluio com o teu nefasto crime?... Quanto pagaste também a ele, para silenciar?... Pensaste, ao certo, que eu dormia, naquela noite, não é?... Mas, vigiava-te!... Ou pensas que não ouvi o vagido do bebê?... Fraco, mas ouvi!... Essas coisas não passam despercebidas a uma mulher, não, *Jerônimo!*... Ainda mais sendo mãe, como eu!... Tu não me enganas!... Tu te vingaste do teu desafeto da forma mais covarde e abjeta que conheço!... Só não te denunciei à milícia por amor à

minha filha!... Que seria dela?... A desonra, o opróbrio, vendo-te preso e encarcerado, quiçá condenado ao desterro perpétuo por tamanha monstruosidade!... Que vergonha!... Impingiste tamanha desgraça à família do *Manuel Antônio* por uns míseros palmos de terra!... Tenho é muita pena de ti!... Doaste a tua alma inteirinha a satanás em troca de uma mesquinharia!... Mas, por ora, sossega-te!... - emenda *Bárbara*, abrindo um sorriso de desdém. - Enquanto viveres, nenhum perigo mais te rondará a porca existência, posto que todos os interessados neste caso já se foram!... Entretanto, se existe um real culpado por toda esta tragédia, és o próprio, meu caro!... E, acho que devias mais que um simples jazigo àquele pobre rapaz a quem desgraçaste, radicalmente, a vida!...

Jerônimo Dantas e Melo abaixa a cabeça, derrotado pela veemência das palavras da esposa. Ela tinha razão: ele era o principal culpado de toda aquela tragédia!...

- E tem mais, senhor *Marquês das Alfarrobeiras*... - prossegue *Bárbara*, depois de alguns minutos de silêncio. - Se pensas, acaso, que a sucessão de tragédias findou-se, enganas-te, redondamente!... Ainda, de antemão, feriste, também, de morte, nossa adorada filha!... Ela idolatrava o filho de *Manuel Antônio* e de *Rosália**... Ou crês que ela sobreviverá ao amor da vida dela que, de forma tão estúpida e horrível, acaba de perder?... - e, enxugando, com a ponta dos dedos, uma lágrima que se lhe desprendera dos olhos, prossegue, agora com a voz embargada pela dor: - Nossa filha está à morte, *Jerônimo*, se é que ainda não percebeste!...

Jerônimo Dantas e Melo esconde o rosto com as mãos. Envergonhava-se. Não imaginava que a mulher lhe conhecesse tal segredo na íntegra. Sim, fora ele que, a remoer ódios contra o seu detrator, ideara roubar-lhe o filho, ainda bebê, e o entregara à roda dos enjeitados das freiras carmelitas!... Arrependera-se, depois, é claro!... Arrependera-se, assim que lhe esfriara o intenso ódio contra *Manuel Antônio*, mas era tarde!... Não poderia voltar atrás!... Pensara em escrever uma carta anônima, avisando aos pais onde é que se

achava o bebê; entretanto, antes de o fazer, visitara o orfanato das freiras, para se certificar do paradeiro do menino, mas não conseguira identificar a criança, no meio de tantas que lá havia!... Para ele, eram todos iguais!... Bebês de poucos dias de vida não têm quase nenhuma identificação!... Sondara as freiras, de forma enigmática, sobre a possibilidade de se resgatar uma criança colocada na roda; elas lhe responderam que o menino ou estaria ali ou se acharia adotado em algum lar, talvez, até longe de Lisboa. Difícil era saber com certeza. Teria de ser identificado por alguma característica ou algum sinal de nascença, fatos sem os quais seria impossível chegar-se ao bebê desejado. *Jerônimo* quis consertar aquele crime nefando, mas percebeu que tudo se transformara num labirinto... E correria riscos... Se escrevesse, anonimamente, a *Manuel Antônio*, correria o risco de lhe descobrirem a autoria da carta... Seria, então, denunciado, preso e, certamente, condenado por crime tão abjeto!... Ninguém o perdoaria!... Contra um bebê, jamais!... Estaria irremediavelmente perdido!... Com toda a certeza, aguardá-lo-ia a execução pública, a cassação do título nobiliárquico, o confisco das propriedades, o pagamento de pesada indenização às vítimas, a miséria plena e, para coroar tudo, o desterro perpétuo para uma das distantes colônias de além-mar e a morrer executando trabalhos forçados nas minas de ouro ou nas plantações de cana-de-açúcar!... Então, optara pelo covarde silêncio!... Assistira, ano após ano, o vizinho de quinta e a esposa irem perdendo o brilho, murchando, secando, morrendo de tristeza... E *Bárbara* de tudo sabia!... E, então, cheio de vergonha, olha de soslaio para a esposa. Ela se mantinha séria, de cenho carregado, a ver a paisagem correr, através da janela do carro. Criando um mínimo de coragem, *Jerônimo Dantas e Melo* toma as mãos da esposa e as segura entre as suas.

- És capaz de perdoar-me, ao menos tu?... - sussurra ele, com os olhos mareados de lágrimas.

-Acho que não... - responde ela, sem tirar os olhos da janela. - Não te posso perdoar, porque, embutida nesta sórdida vingança tua, vai-se também a vida da minha filha!... Sei que ela não sobreviverá a isso!... Sinto-o!...

- Não!... - exclama *Jerônimo Dantas e Melo*, tomando-se de desespero extremo. - Deus não fará tamanha monstruosidade conosco!... Sua misericórdia não permitirá que isso aconteça!...

- Por que não?... - pergunta *Bárbara*, agora, olhando-o, firmemente, nos olhos. - E queres saber mais, meu caro?... Hoje, penso, claramente, que Deus deverá ter muito pouco a ver com os crimes que nós andamos a fazer cá embaixo!... Que terá Ele a ver com as tuas desgraças?... Acaso consultaste-O, quando mandaste surripiar o bebê de *Rosália* e de *Manuel Antônio* e quando, juntamente com o teu cocheiro, fostes depositá-lo na roda dos enjeitados das freiras carmelitas?... Ora, tu mesmo tudo engendraste, da tua própria cabeça, tirando essa imundície toda do enorme cabedal de maldade que manténs estocados, aí, bem dentro do teu coração!... Agora queres que Deus resolva as tuas desgraças?... Que tem Ele a ver contigo?... Inda se fosse o demônio, talvez... Este, sim, é que se apraz, imensamente, em ver gente como tu a armar tais bulharaças!...

- Assim, judias ainda mais de mim!... - geme o homem, cheio de desespero. - Pede tu, então, a Deus, pela nossa filha!...

- E o que pensas que ando eu a fazer insistentemente?... - responde *Bárbara*, agora, enchendo-se de melancolia. - Mas, não alimento falsas esperanças!... Sempre fui muito prática, tu bem o sabes!... Meu coração dói muito mais do que possas imaginar, aí, do fundo das tuas frívolas mesquinhezas, mas não me engano: *Tininha* está a morrer!... Sei que de amor também se morre!... Se em demasia e assim tão forte, o amor é também capaz de matar...

- Oh, meu Deus!... - exclama *Jerônimo Dantas e Melo*, abrindo-se em lágrimas. - Por favor, peço-te!... Não te mantenhas, assim, passiva, diante da fatalidade, *Bárbara*... - suplica ele. - Se em Lisboa não se

dá jeito à menina, temos bastante dinheiro, levemo-la a Paris ou a Londres!...

- Para quê?... - responde a *Marquesa das Alfarrobeiras* com os olhos cheios de lágrimas. - Só se para a vermos morrer pelos caminhos De volta a casa, *Bárbara* apressa-se em estar com *Teresa Cristina* que deixara aos cuidados da governanta.

- Como passaste, meu anjinho?... - pergunta a *Marquesa das Alfarrobeiras*, beijando, ternamente, a filha à testa.

A mocinha achava-se tão pálida que suas feições pareciam fundir-se ao alvor da cambraia da fronha do travesseiro. Olha para a mãe, com os olhinhos marrons, já meio obnubilados, mortiços, quase sem luz, e abre um sorriso triste.

- Viste-o, mãe?... - pergunta *Teresa Cristina*, com a voz fraca, quase um sopro, apenas.

Como a buscar socorro, *Bárbara* volve os olhos e os fixa no rosto da governanta que se mantinha de pé, ao lado de ambas. Mas, depois, volta a fixá-los na filha. Acaso não era ela uma mulher forte?... Sempre fora capaz de enfrentar todos os problemas da sua existência!... Enfrentaria mais aquele!...

- Sim, querida, vi-o - responde ela, firme.

- E, como estava ele?... - pergunta *Teresa Cristina*, com a voz entrecortada pela apnéia.

- Oh, quase nem se percebia que estava... - diz ela, cortando a frase, para armar-se de mais coragem. Era preciso mentir e, então, prossegue: - ...morto, queridinha!... Tinha as feições tranqüilas e sorria!...

- Pentearam-lhe os cabelos?... E as suíças?... Apararam-lhe as suíças, o bigode?...

-Oh, claro!... -prosegue *Bárbara*, mentindo. Como poderia dizer-lhe o quão desfigurado se achava o cadáver do rapaz?... E que lhe haviam pelado, completamente, a cabeça e que é assim mesmo que fazem com os condenados à morte?... - Estava tudo primorosamente aparado e penteado, filhinha!...

- Vestiram-lhe a casaca?... - prossegue a mocinha no interrogatório.
- E as luvas?... E o laço da gravata?...

- Tudo estava perfeito, meu bem!... - diz *Bárbara*, às raias do desespero profundo. E, não suportando mais, abraça-se à filha e desata em choro convulsivo e prossegue, sacudida pelos soluços: - Ele estava lindo, querida!... Eu mesma fiz questão de tudo conferir!... Fica tranqüila! Teu amor foi-se lindo para o céu!...

- Obrigada, mãe... - diz a mocinha, emitindo fundo suspiro.
- Oh, minha querida!... - exclama *Bárbara*, acariciando os cabelos despenteados da filha a espalharem-se sobre o travesseiro. - Reage, meu bem!... Deus quis que teu amado se fosse assim tão cedo, mas, olha, a vida prossegue!... Não é natural que te deixes abater de forma tão profunda!... Sabes que poderá também acontecer-te algo grave?...

- É o que espero, mamãe!... - diz *Teresa Cristina*, com os olhos mareados de lágrimas. - Que graça terá a vida, doravante, sem o meu amor?...

- Oh, *Tininha*!... - diz *Bárbara*, segurando-lhe, afetuosamente, as mãos. - Não te entregues assim à morte, não!... Deixa o teu destino correr livremente!... Tu suportarás este golpe!... Eu e teu pai estaremos ao teu lado, a dar-te força!... Não desanimes, meu bem!... *Teresa Cristina* limita-se a olhar para a mãe. Seu rosto sofrido trazia a intensa dor que lhe roía a alma.

* * * * *

Apesar das tragédias, apesar dos grandes embates que acometem a vida dos homens, a propiciar-lhes terríveis e transitórios desencantos, a única coisa realmente inexorável no mundo é o tempo. Qual máquina insensível, o velho *Chronos*, a carregar a ampulheta aos ombros, continua a sua ininterrupta e incansável marcha. Nada o pode deter, nada!... Nem mesmo a mais monstruosa das tragédias tem o poder de detê-lo!...

- *Anjinho* agita-se, senhora!... - grita *Madalena* que, postando-se bem próximo, velava o sono do amigo recém-desencarnado.

- Deveras?... - responde *Manuela*, avizinhando-se, curiosa, do leito em que o rapaz jazia deitado. - Crês que ele acordará hoje?...

- Não sei... - diz a outra, afastando-se um pouquinho mais. - Faz, já, mais de um mês que ele se acha assim...

- Oh, gostaria tanto que *Anjinho* acordasse!... - exclama *Manuela*. - Será tão bom tê-lo como aliado!... Não vejo a hora de recomeçar a atormentar aquele demônio, com insistência!...

- Também eu anseio por vê-lo louco, senhora!... - diz *Madalena*. - Se deixamos passar muito tempo, as coisas poderão esfriar-se, tomar novos rumos!...

- Tens razão!... - concorda *Manuela*. - Notaste bem os planos do calhorda?... Pensa desfazer-se desta quinta, casar-se com a minha adorada priminha e se sumir, de vez, para Lisboa!... Desgraçado!... Mal sabe ele que a coitadinha anda com os pés às beiras da cova!...

- Pobrezinha!... - observa *Madalena*. - Não pôde suportar a dor de perder *Anjinho*!... Vede como são as coisas: a princípio, eu não aceitava o romance deles!... Eu era partidária de outra mulher, antiga amiga, que ajudou *Anjinho* a reencontrar os pais. Mas, depois, vendo-lhes a intensidade da paixão, mudei de idéia!... Além do mais, perdi minha antiga companheira de vista!... Já estive na ma do cais do porto, a procurá-la em sua residência, mas de lá ela se havia mudado!... Mudou-se de repente, senhora!... Procurei-a pelas cercanias do porto, por algumas mas da cidade, mas nada!... *Gerusa*, simplesmente, esvaiu-se no ar!... - e se cala, com expressão de infinita melancolia a estampar-se ao rosto. Depois, reacende-se, ao lembrar-se de algo que lhe fora demasiado importante. E prossegue, reavivando-se: - Sabeis, senhora, que aconteceu algo incomum entre mim e *Gerusa*, depois que passei para o lado de cá?... Pois, ouvi bem: éramos muito amigas e dividíamos o mesmo quarto, numa imunda mansarda da rua do cais. *João Miguel* me houvera assassinado, pelo final do outono, acho, numa tarde chuvosa e fria;

então, eu me achava perdida, tomada pelo desespero intenso e vagava ao léu, sem saber, na realidade, onde é que me encontrava, nem aonde ir. Andava por perto do local onde o maldito surpreendera-me com a punhalada fatal, quando ouvi que me chamavam, insistentemente. Logo reconheci a voz da minha querida companheira de infortúnio!... Era a voz de *Gerusa!*... Como poderia deixar de reconhecê-la?... Algo desconhecido, até então, para mim, aconteceu!... Foi só pensar em minha companheira e logo me vi arrebatada por força poderosa e, quando me dei conta, achava-me em lugar que, aos poucos, fui reconhecendo: o cubículo miserável que partilhávamos ela e eu!... Sozinha, *Gerusa* chorava, no escuro, lamentando-se e me chamando!... Tive, então, tamanha vontade de abraçar-me a ela que fato estranho aconteceu-me: *Gerusa* pôde ver-me, senhora!... Consegui mostrar-me a ela!...

- Verdade?!... - espanta-se *Manuela*. - Vistes-vos, então, uma à outra, mesmo a estares tu morta e ela, viva?

- Pois assim foi, senhora!... - responde a mocinha. - Vimo-nos e conversamos!... Foi aí que lhe contei tudo!...

- Mas que coisa!... - espanta-se *Manuela*. - Dizes, então, que é perfeitamente possível, uma vez mortos, voltarmos a falar aos vivos?...

- Assim é, senhora!... - responde *Madalena*. - Agora, o que não sei é se isso é possível suceder a todos os que se acham mortos!...

-Acho que não!... - responde *Manuela*, a pensar. - Acho que não!... Imagino que sói suceder a apenas alguns deles e sob condições especiais !... A lógica a isso conduz!... - e, ainda profundamente cismarenta, prossegue: - Então as lendas que se contam sobre aparições de mortos não são meras fantasias!...

- Penso que não são, senhora!... - diz a jovem prostituta. - Se comigo aconteceu...

- *Madalena*, acaso conseguirias repetir tal façanha de novo?... - pergunta *Manuela*, após cogitar por instantes.

- Não sei, senhora - responde a mocinha. - Poderemos tentar, mas não sei mais onde se acha *Gerusa!*... Como faremos para encontrá-la?...

- Não a tua amiga, tolinha!... - observa *Manuela*, rindo-se. - Uma outra pessoa...

- Quem?... - pergunta *Manuela*, enchendo-se de curiosidade.

- Ah, pelo caminho te contarei!... - diz *Manuela*, arrastando a companheira pela mão.

- Mas, e *Anjinho!*... - titubeia a mocinha. - Agita-se mais e mais em seu sono... E se ele se acordar e aqui não nos encontrar?...

- Penso que *Anjinho* ainda dormirá por mais algumas horas!... - observa *Manuela*, estudando, minuciosamente, o resfolegar compassado do rapaz. - Vê como ainda respira profundo!... Tão cedo não despertará!... Teremos ainda algumas horas... Vem!...

Um bom tempo depois, os dois espectros encontravam-se diante dos portões da antiga moradia de *Manuela*.

- Ufa!... Finalmente chegamos!... - exclama a antiga *Baronesa da Ajuda*, altamente esbofada pelo esforço da longa caminhada. - Pensei que havias dito que podíamos viajar rápido!... Não voltaste a ter com a tua amiga, num átimo?...

- Apenas quando nos chamam, senhora!... - explica a mocinha. - Quando os vivos nos chamam com muita vontade, atraem-nos!... Quando não, temos que caminhar, como dantes fazíamos!...⁴

- Oh, como estou cansada!... - reclama *Manuela*, sentando-se à relva do seu antigo jardim. - Não estava habituada a caminhar tanto!... Ainda bem que tiveste a idéia de saltarmos para a rabeira daquela carroça que transportava feno!... Ou, então, ainda estaríamos a caminhar estrada afora!...

- Que bela vivenda tivestes, senhora!... - observa, maravilhada, a mocinha, olhando em derredor.

⁴O ato de voitar ou viajar a altíssimas velocidades é característica atinente apenas a espíritos totalmente desembaraçados dos liames da materialidade, coisa que não acontece as nossas personagens, uma vez que se encontram na condição de espíritos obsessores, Portanto ainda fortemente vinculados às formas e às sensações físicas.

- E como aqui fui feliz!... - diz *Manuela*, com fundo suspiro de desalento. - Até que o punhal daquele maldito despachou-me para cá!...

-E o que aqui desejais fazer, senhora?...-pergunta, curiosa, amocinha.

- Já o saberás!... - responde *Manuela*, abrindo um sorriso matreiro.

- Agora, vem!... Entremos na casa!...

Pouco depois e de mãos dadas, *Manuela* e *Madalena* caminhavam pelos salões da residência. Orgulhosa, a antiga proprietária mostrava à nova amiga cada recanto da luxuosa mansão; os móveis de altíssimo valor, a tapeçaria, as obras de arte... Tudo era requinte e luxo desmedido!... Amocinha admirava-se de tanta preciosidade; jamais se achara em ambiente tão fino.

- Vem, subamos ao andar superior!... - convida *Manuela*. - Mostrar-te-ei o meu antigo quarto!...

- Que primor, senhora!... - deslumbra-se *Madalena*, pouco depois, olhando, embevecida, a riqueza do ambiente. - Que vida de rainha aqui não devestes ter vivido!...

- Se vivi!... - diz *Manuela*, enchendo-se de tristeza intensa. E, lamentando, profundamente, o que perdera, prossegue: - Aqui recebi todos os homens que pude ter!... Ah, como fui feliz!...

- Deveras, senhora?... - espanta-se a mocinha. - Não éreis, acaso, casada?... E o vosso esposo?...

- Oh, o meu esposo!... - responde a outra, entre desdenhosa e triste.

- *Afonso* vivia no mundo a rastelar mais e mais ouro!... É só no que pensava!... E, deixava-me só, meses a fio; até anos, se queres, mesmo, saber!... - e, animando-se, como era do seu feitio, continua: - E, achas, então, que eu ficaria às moscas?... Vão desperdício seria!... Logo eu?-Não, minha cara!... Tratei de arranjar amantes!... E, arranjei-os a mancheias. Quantos tive?... Vinte?... Cinqüenta?... Nunca contei... Saboreava-os, apenas, entendes?... Degustava-os, um a um, imensamente, ate me fartar!... Até me enioar!... Denois?... Denois. trocava-os Dor outros-

- Assim tivestes também a *Anjinho*?... - pergunta, curiosa, *Madalena*.
- Ah, *Anjinho**.... - diz *Manuela*, revirando os olhos. - *Anjinho* foi um dos meus favoritos!... Encontrei-o no cais do porto!... Sabias que era lá que eu pescava meus homens?... São os melhores!... - depois, ficando séria, de repente, observa mais atentamente o ambiente do antigo quarto. - Isto aqui está mudado!... - e se levantando, passa a estudar, minuciosamente, a mobília. - Não, não está como o deixei!... Há um outro perfume no ar!... Vê!... Este roupão que aqui está não era meu!... Tenho certeza absoluta!... Nunca possuí peça desse teor!... Detesto grená!... - e, aproximando o rosto da peça de roupa, cheira-a, insistentemente, e exclama enfurecida: - O perfume!... Esse perfume não é meu!... E de violetas, e eu detesto violetas!... Uma outra espertalhona já anda a ocupar-me o lugar!...
- Tendes certeza, senhora?... - pergunta a mocinha. E prossegue, percebendo que a outra se enfurecia ao extremo: - Mantende a calma, senhora!... Poderá ser de alguma parenta vossa!...
- Qual parenta qual nada!... - brada, furiosa, *Manuela*. - E eu tenho lá parentas a visitar-me depois de morta?... Desgraçado!... Sim, o desgraçado do *Afonso* já está é a substituir-me por outra!... - e voltando a se sentar, pesadamente, sobre a poltrona, exclama, cheia de desalento: - Vês como é, menina?... Mal me jogou o meu marido naquele tenebroso sepulcro e já se acha a enrolar-se com uma outra!... Quando comigo se encontrava casado, vivia a viajar; com esta outra, decerto, já se aposentou!... Oh, maldito!... Tu e ela me pagareis!...

Manuela cala-se e se põe a remoer sua desdita, com o rosto apoiado às mãos. *Madalena* afasta-se um pouquinho mais e espia lá fora pela janela. Lá embaixo, um casal retomava, certamente, de passeio matinal feito ao bosque fronteiriço ao jardim da mansão.

- Senhora!... - exclama a mocinha. - Vinde ver!...

- Ah, é ele!... E ele, o desgraçado!... - grita *Manuela*, aproximando-se da janela e espiando lá embaixo. - E não é que o miserável enleva-se com uma sirigaita?... - e se voltando para *Madalena*: - Viste como

tinha eu razão?... Ah, minha querida, tu me ajudarás a pregar uma peça neste desgraçado!...

Pouco depois, na sala de estar, sentados juntinhos e, confortavelmente, ao lado da lareira, *Afonso Albuquerque e Meneses* e delicadíssima mulher trocavam-se carinhos e juras de amor.

- Casa-te comigo, *Alzira!*... - dizia o homem, olhando, profundamente, nos olhos da jovem mulher. - Ando a perder o juízo por ti!...

- Oh, como és apressadinho!... - responde ela, abrindo um sorriso. - Ainda outro dia enterraste a tua mulher!... Esqueceste dela bem ligeirinho, ao que parece!...

- Ah, esquece-te de *Manuela!*... - diz ele, contrariando-se. - Aquela já se foi desta para a melhor!... Além do mais, era prepotente e bestalhona como ela só!... No fundo, descobri que não a amava!...

- Deveras?... - espanta-se a mulher. - Por isso então é que te mantinhas pelo mundo afora, deixando-a a divertir-se com os amantes?...

- Ora, bem... - engasga-se ele na resposta - ...não era, de fato, assim como imaginas!... Que ela tinha amantes, eu já sabia!... O que não faltam em Lisboa são línguas compridas!... Mas é que eu não a amava de fato!... Dela eu só desejava, mesmo, era rapar a imensa fortuna que trouxe consigo, ao casar-se comigo!... De resto, *Manuela* dava-me nos nervos, sempre arrogante, a tentar sobrepujar-me em tudo!... Achava-se até mais inteligente que eu, a parvalhona!... Mas tomou!... Um dos seus amantes matou-a, por certo!... Recebeu o que merecia!...

- Desgraçado!... - rosna *Manuela*, pondo-se de frente para o antigo esposo. - Era assim que de mim pensavas, é, maldito?...

E, saltando sobre ele, tenta esbofeteá-lo. Não conseguindo seu intento, volta ao ataque, tentando unhar-lhe, ferozmente, as faces. Mas, desiste logo, ao perceber o malogro do seu ato: como espírito, era-lhe impossível ferir o corpo do antigo marido, usando a força física.

- Inútil, senhora!... - observa, fleumática, *Madalena*, pondo-se a um canto da sala. - Eles não nos podem sequer pressentir a presença!... Mas, podereis provocar um susto, se achardes alguém suscetível e passível de registrar-vos a presença aqui!...

Neste comemos, *Inácia*, a antiga e fiel servidora de *Manuela*, adentrava a sala a carregar, cuidadosamente, uma bandeja contendo uma garrafa de vinho e duas ricas taças de cristal.

- *Inácia!*.... - grita *Manuela* ao rever a velha criada. - Ela me reconhecerá!... - e, pondo-se diante da serviçal, grita-lhe a plenos pulmões, abrindo os braços: - *Inácia!*.... Sou eu!... Tua patroa *Manuela!*.... - e lança sobre a pobre mulher com reais força e vontade.

A criada, num átimo, pareceu ouvir os gritos da antiga patroa e até mesmo de tê-la visto, em frações de segundos, a abraçá-la!... Entretanto, como estava monstruosa a patroa!... Deus do céu!... Estava um pavor!... Toda desgrenhada, vestida de andrajos, enlameada e como fedida!...

- Ai, Jesus Cristo!... - grita *Inácia*, a largar das mãos a rica bandeja de prata que cai ao chão, com grande estrondo e a espatifar o conteúdo todo em mil estilhaços a voarem por todas as bandas, manchando tudo de rubro!... - É ela!... Eu a vi, ainda aqui, agorinha mesmo!... Ai, que medo, Deus do céu!... - prosseguia a criada aos gritos, tomando-se de profunda histeria.

- Ela quem, mulher?... - brada *Afonso Albuquerque e Meneses*, segurando *Inácia* fortemente pelo braço. - Deixa-te de fitas e diz logo, ó imbecil!... Quem é que viste?...

- Ela... a senhora... dona *Manuela!*.... - balbucia a criada, transida de terror e a ocultar o rosto com as mãos.

- Viste quem, sua doida?... - grita *Afonso*, agastando-se, enormemente, às raias da fúria. - Viste foi nada!... Estás é a imaginar coisas!... - e, a empurrá-la, grosseiramente, da sala, prossegue: - Anda, some-te daqui, velha caduca!...

- *Afonso*, acho que foste por demais cruel com a tua criada!... - observa *Alzira*.

- Oh, essa criadagem!... - resmunga o homem, olhando a sujeirada toda que se espalhava pelo chão da sala. - Viste a incompetência da velhota?... E, ainda por cima, deixou-nos sem o vinho!...

- Ora, pede que nos sirvam outra garrafa!... - diz a mulher, rindo-se e lhe beliscando, amorosamente, uma bochecha. - Mas, agora, acalma-te!... - e, depois de cogitar por instantes, prossegue: - Para ter provocado tal banzé, a velhota ficou deveras impressionada!... Que achas disso?...

- Nada acho, querida!... - responde *Afonso Albuquerque e Meneses*, ainda irritado com o incidente. - A não ser alucinações da cabeça daquela doida!... Como é que poderia?... *Manuela*, aqui?... E, lá, acredito eu em tais sandices?... Minha esposa finou-se, minha cara, e quem se vai, não volta, entendes?...

- Não sei, não... - murmura *Alzira*, pensativa. - Não sei, não...

Depois, com o rabo dos olhos, observa, atentamente, aquele homem que se sentava ali do seu lado. De repente, principiava, inexplicavelmente, a perder o interesse por *Afonso*. Ele se revelava um homem cruel, muito diferente daquele que ela imaginava que ele fosse. Decepcionara-a sobremodo. Desencantava-se com ele. Se tinha o hábito de tratar os criados daquele modo, boa coisa não deveria ser... E então estranha vontade de ir-se dali, de deixá-lo, invade-a.

- Vai-te, daqui!... Some-te, sirigaita!... - sussurrava, ostensivamente, *Manuela* ao ouvido de *Alzira*. - Este homem não presta!... Vai-te embora!... Deixa-o, enquanto é tempo!...

- *Afonso*... - diz *Alzira*, levantando-se. - Desejo ir-me agora!...

- Mas, tão já?!... - espanta-se o homem. - Acaso aqui não vieste para passar comigo o dia todo?... Até trouxeste a tua bagagem!...

- Ah, não!... - diz ela, demonstrando enfado. - Can sei-me!... Mudei os planos!...

Manuela e *Madalena* trocam-se significativo olhar e se sorriem, cúmplices. Pouco depois, abraçadas e a se rirem desbragadamente,

observavam o coche que saía célere, levando *Alzira* de volta para casa. Talvez, ali nunca mais pusesse os pés...

- Vamo-nos, queridinha!...-*convida Manuela*. - Voltemos acasa!... Quem sabe *Anjinho* não está a acordar-se!...

- Perfeitamente, senhora!... - concorda a outra. - E temos longa jornada a caminhar...

A tarde morria, lavada pela chuva fina e fria que caía, insensível, e a tudo enregelando, impiedosamente. *Manuela* e *Madalena*, como duas sombras, dois borrões a mancharem o pouco de claridade que ainda restava, põem-se a caminhar, amparando-se uma à outra, e desaparecem, fundindo-se na bruma esbranquiçada...

Capítulo 28

O despertar no além

De regresso a casa, depois de longa caminhada, *Manuela* e *Madalena* adentram o quarto onde *João Manuel* ainda se encontrava adormecido.

- Ufa!... Que alívio!... - diz *Madalena*, ao constatar que o rapaz ainda ressonava. - Pensei que o fôssemos reencontrar já desperto!...

- Entretanto, acho que não demorará a acordar-se!... - observa *Manuela*. - Vê como se agita mais intensamente!...

- Sim!... - concorda a mocinha. - E está a murmurar coisas!... - emenda ela, aproximando o ouvido dos lábios do rapaz.

- Consegues compreender o que diz?... - pergunta, curiosa, *Manuela*.

- Não, senhora!... - responde *Madalena*, erguendo-se. - *Anjinho* está a emitir apenas grunhidos incompreensíveis!...

- Aguardemos um pouco mais!... - observa a antiga *Baronesa da Ajuda*. E, afastando-se, convida a outra: - Vem, deixemo-lo que repouse em paz!... - e, sentando-se numa poltrona, prossegue: - Viste como a tal sirigaita foi-se?... Essa acho que não mais retornará!... E não é que já andavam os dois em alta intimidade?... Viste as roupas dela em meu antigo quarto?...

- Pois se não vi!... - concorda a outra. - Mas penso que a espantastes, definitivamente, da vossa antiga casa, senhora!...

- E afugentarei quantas lá se abancarem!... - diz *Manuela*, cheíssima de si. - *Afonso* que me aguarde!... O que um dia me pertenceu, jamais será de outra!... E, viste o que é que de mim pensava o maldito?... Ainda hem que lhe meti cornos à vontade!... - e explode numa gargalhada: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Sois, deveras, uma pândega, senhora!... - exclama *Madalena*, rindo-se.

- Mas, ai, menina!... - diz *Manuela*, com um gemido, de repente ficando séria. E a exhibir as mãos macilentas e enlameadas - mãos que outrora foram finas e bem tratadas -, murmura, cheia de mágoa: - Olha só como é que nos encontramos nós duas!... Somos dois monstros!...

- Sim, senhora!... - concorda a outra, muito triste, baixando os olhos.

-Ai, Deus do céu!... - grita *Manuela*, enchendo-se de desespero. - Eu não queria morrer!... Eu não queria!... Eu era tão bela, tão feliz!... Por que é que o maldito teve de interromper-me, assim, de forma tão inesperada, a existência?... - e, erguendo-se e se desgrenhando toda, põe-se a lamentar-se em altos brados: - Oh, que será de mim?... Que farei da minha vida?... Como sou infeliz!...

- Acalmai-vos, senhora!... - diz *Madalena*, tentando consolar a outra.

- Também eu era feliz!... Apesar de a minha vida ter se resumido a misérias e a desencantos, mesmo assim, eu a amava!... Era tão jovem!... Também era bonita!... Desejava viver!...

- Sim, criança!... - diz *Manuela*, abraçando-se à mocinha. - Também a ti ele desgraçou a vida!... Eras mais jovem que eu!... Bem mais jovem!... Entretanto...

Neste comemos, alto gemido ouve-se no ambiente.

- *Anjinho* desperta!... - grita *Manuela*.

- Sim - concorda a outra e se aproxima do leito. - Vede, senhora, agita-se mais e principia a abrir os olhos!

- *Anjinho!*... - grita *Manuela* a dar-lhe leves tapinhas às faces. - *Anjinho!*... Vamos, homem, acorda!...

O rapaz agita-se mais e mais, contorcendo-se, insistentemente, no leito, como se sofrendo de intensa dor. Depois, abre os olhos. Volta a fechá-los. Abre-os de novo, como se os acomodasse à claridade. Preme-os forte, reabre-os e, então, o espanto!

- V... Vó... Vós?!... - balbucia ele, com a voz rouca e com intensa dificuldade, e a arregalar, desmedidamente, os olhos, tomados de intenso assombro.

- Sim!... - grita *Madalena*, cheia de alegria. - Somos nós!... -Oh, querido!... - diz *Manuela*, acariciando-lhe, ternamente, as mãos.

- Que bom que voltaste!...

João Manuel quis falar, mas seu rosto desfigura-se em intenso esgar de sofrimento e fortíssimo ataque de tosse acomete-o. Geme, então, profundamente. A dor que sentia à garganta era imensa.

- Pobrezinho!... - murmura *Madalena*, acariciando-lhe os lábios com a ponta dos dedos. - Está ainda tão inchado!... Tem a boca e a garganta totalmente ressequidas pela sede!...¹

- Não podemos dar-lhe água?... - pergunta *Manuela*.

- Por certo que sim, senhora - responde a mocinha. - Mas tenho uma idéia melhor!... Levemo-lo lá fora!... O contato com a natureza, dar-lhe-á forças!... Lembrai-vos?... Assim aconteceu convosco!...

1. A grande maioria dos espíritos, quando recém-libertos do corpo, ainda sofre, intensamente, a impressão da materialidade, como dor, sede, fome ou sono.

- Sim!... - concorda *Manuela*. - Tu me levaste a tomar chuva, no jardim, e eu melhorei!...

- A chuva, as árvores, o vento - continua a mocinha, isso tudo nos devolve as forças!... Aprendi, logo que aqui cheguei!... Gostava de ficar sob a chuva!... Sentia-me reanimar, mais e mais!... Agora, vamo-nos, sem delongas!... Carreguemo-lo para fora!...

Com intensa dificuldade, os espectros das duas mulheres conseguem soerguer *João Manuel* do leito e, literalmente, arrastam-no escada abaixo, até o jardim. A noite estava escura e gélida, lavada por insistente chuva hibernal. Aos primeiros contatos com os pingos da chuva, o corpo espiritual de *João Manuel* estremece.

- Vede, senhora, como reage ao toque da água!... - exclama *Madalena*, animando-se. - Aconteceu assim comigo e também a vós, quando eu aqui vos trouxe!...

- Sim!... Sim!... - concorda *Manuela*. - Os eflúvios que emanam da Natureza dão-nos força!... *Anjinho* sentir-se-á fortalecido muito em breve.

Acomodando o combalido rapaz em banco de alvinitente mármore, no jardim da mansão, *Manuela* e *Madalena* sentaram-se-lhe, uma de cada lado, amparando-o, amorosamente, com os braços. *João Manuel* nada ainda conseguia dizer, a não ser olhar, espantadíssimo, para as duas mulheres.

- Estás a estranhar tudo, *Anjinho*!... - pergunta *Madalena*, olhando para o assombrado rosto do amigo. - Como bem podes constatar, ninguém morre!...

O rapaz resume-se a abrir a boca. Ainda não conseguia nada dizer.

- Sim - observa *Manuela*. - Também eu me espantei, sobremodo, ao acordar do lado de cá!... Jamais, em toda a minha existência, supusera, por um momento sequer, que a vida continuasse por essas bandas!...

- Entretanto, assim é!... - atalha *Madalena*. - Não supões, *Anjinho*, o terror que enfrentei ao achar-me aqui sozinha!... Quero dizer, sozinha não foi bem o caso... Sempre há os que nos vêm receber!...

Judiarão de mim, assustando-me!... No princípio, tudo foi muito confuso e não sabia, exatamente, o que se passava comigo. É bem verdade que, logo após receber o golpe do assassino, continuei, por algum tempo, em grande confusão!... Sentia-me viva e, ao mesmo tempo, via-me caída ao chão; o corpo ferido, a esvaír-se em sangue, e a inútil tentativa de retomá-lo, por diversas vezes; depois, vi *Gerusa*, minha amiga, aproximar-se, tomar-se de desespero extremo, ao abraçar-me, aos gritos e a chamar-me pelo nome!... A seguir, notei as pessoas a aglomerarem-se, em derredor, altamente curiosas. Acompanhei, quando a milícia recolheu meu corpo e o conduziu numa carroça... Depois, dormi!... Intensa sonolência acometeu-me e, ao despertar, de pouca coisa, efetivamente, lembrava-me!... Encontrava-me num cemitério e me julgava ali perdida!... Outros que, no mesmo local estavam, perseguiam-me e me assustavam o tempo todo, com suas vestes rotas e enlameadas e com as feições altamente deformadas!... Tive de fugir, de esconder-me!... E, por um bom tempo, vaguei por entre as pobríssimas tumbas do cemitério onde se inumam os miseráveis e os enjeitados de toda a sorte; depois, consegui sair de lá, andei pelas ruas da cidade, sem rumo, e acabei por voltar ao local onde fora assassinada!... E ali fiquei, pois algo parecia prender-me àquele fatídico beco!... Foi assim: só aos poucos é que me dei conta de que não mais pertencia ao mundo dos vivos!... A princípio, estranhava o fato de as pessoas não mais me notarem a presença, de não responderem aos meus apelos e de, simplesmente, ignorarem quando eu lhes falava!... Devagar, então, começou a passar por minha cabeça a possibilidade de que algo realmente grave houvera acontecido comigo. E, ainda, quando se deparavam comigo, outros espíritos escarneciam de meu estado e gritavam que eu houvera morrido, ao perceberem que eu me achava confusa!... Nem queiras saber qual foi o impacto de tal constatação!... Adveio-me desespero ainda maior do que aquele que eu já vinha sentindo!... Chorei, desesperei-me, enormemente, até me cansar. Mas, por fim, as coisas começaram a clarear em minha

cabeça e, então, lembrei-me do beco, do assassino, do meu corpo a ser recolhido e levado pela carroça...

- Comigo não foi diferente!... - observa *Manuela*. - Assim que o punhal do maldito assassino surpreendeu-me, em meu próprio quarto, senti o peito abrir-se em brasa; consegui ver o infame que me apunhalara e tentei gritar, mas grossos gorgolões de sangue abafaram-me a voz; fraqueza intensa adveio-me, então; as pernas bambearam-se-me, de repente, e num átimo, achei-me expulsa do meu corpo e, postada ali ao lado, altamente estarrecida e, de pronto, sem ainda nada entender do que, de fato, acontecia, pois me via, inexplicavelmente, também lá, ainda a agitar-me, enormemente, e a esvaír-me em sangue, caída sobre o chão!... Impassível, o maldito assassino apenas observava-me, sem mover um único músculo, a segurar à mão o punhal ensangüentado. Num ímpeto de fúria, saltei sobre ele, mas, estupefacta, percebi que não o podia ofender; ele, simplesmente, não me notava!... Desesperada, quis, então, voltar para o meu corpo, soerguê-lo e sair em busca de auxílio, mas foi em vão: meu corpo não passava de um amontoado inerte a gelar-se, rapidamente, e tão pesado se tornara que eu não mais conseguia dele me apossar; era como se, de repente, uma barreira intransponível formara-se-lhe em derredor, impedindo-me de, novamente, aninhar-me dentro dele!... Era o mesmo que tentar penetrar em uma rocha!... A seguir, zonzei; intensa sonolência de mim se apoderou, e tudo ficou escuro. Quando me acordei, achava-me presa e imobilizada em plena escuridão e em total silêncio!... Sequer cogitava onde é que me encontrava!... Pus-me, então, a gritar. Gritei até enrouquecer e ninguém apareceu!... Chorei, maldisse a minha desdita e, depois de me cansar, desejei, imensamente, sair daquela situação. Aos poucos, então, da espessa escuridão em que me encontrava, percebi que clareava!... Suave penumbra formava-se, e eu não mais me achava imobilizada e apertada dentro de algo fechado!... Dei-me conta, a seguir, de que estava no interior de singela capela, iluminada por grossos círios que bruxuleavam!...

Acomodei minha vista à penumbra e, estarecida, percebi que me achava dentro do jazigo da família!... Conhecia bem o lugar!... Era-me familiar!... Sim!... Ali estavam as lápides dos parentes já falecidos!... Podia, claramente, vê-las e lhes ler os nomes inscritos em baixo-relevo!... Que estava eu a fazer presa, ali?... Voltei, então, a gritar, desesperada!... Sentia intensa dor ao peito e constatei, aterrada, que sangrava por fundo rasgo ali aberto. Nem podes supor o desespero que de mim se apossou!... E o mau cheiro, então?... Sentia-me sufocar pelo intenso cheiro de carniça!... Sequer poderia imaginar que era o meu pobre corpo a apodrecer!... Quanto tempo fiquei ali presa?... Não sei!..

- e se voltando para *Madalena*, prossegue, com intensa ternura à voz.

- Até que este anjo bom lá apareceu e para aqui me trouxe...

- Ora, senhora!... De anjo nada tenho!... - exclama *Madalena*. - Apenas acompanhei tudo o que vos fez o demônio, posto que lá me encontrava, quando o infame, tão covardemente, tirou-vos a vida!... Senti pena de vós e vos ajudei na adaptação ao lado de cá, coisa que não é nada fácil de se enfrentar a sós!...

- M... mor... to... eu?!... - balbucia o rapaz, com extrema dificuldade.

- Pois assim é!... - responde *Manuela*, adiantando-se. - Enforcaram-te já faz um tempinho!... Esqueceste?...

- Sim, *Anjinho!*... - emenda *Madalena*. - Assistimos, dona *Manuela* e eu, ao teu enforcamento na cadeia pública!... De nada ainda consegues lembrar-te?... Olha, é assim mesmo que ocorre!... Depois que morremos, dormimos por um tempo e, quando nos acordamos, costumamos esquecer-nos de algumas coisas!...

- É!... - acrescenta *Manuela*. - Mas, aciqueta-te que, em breve, de tudo recordarás!... E te auxiliaremos nas lembranças!...

O rapaz parecia confuso. Estranhava a aparência altamente esquelética, quase terrífica, das antigas companheiras. E, curioso, estende as mãos e as espia com interesse. Depois de minucioso exame,

suspira aliviado: aparentemente, encontrava-se em condição melhor que a das amigas.

A chuva principia a cair mais intensa. *João Manuel* que, a princípio, sentia a garganta e a cabeça queimarem como fogo, ora já encontrava um pouco mais de alívio, ao contato refrescante com os pingos da chuva que, inexplicavelmente, tocavam-lhe a pele, mas não a molhavam. Literalmente, atravessavam-lhe o corpo, causando-lhe ligeiro frêmito e daí advindo delicioso frescor que lhe aliviava, enormemente, a intensa dor à garganta, e lhe minorando, sobremodo, o sufocamento terrível.

- *Anjinho* recuperar-se-á mais rápido que nós, senhora - observa a mocinha.

- Sim - concorda a outra. - Sequer traz, com a mesma intensidade, as deformidades que nós duas apresentamos!...

- É!... - observa a outra, aproximando as narinas do rosto do rapaz. - E nem está a cheirar mal!...

- Oh, e nós duas?... - geme *Manuela*. - E nós duas?... Quando é que perderemos de vez esse fedor insuportável?...

- Não sei!... - responde a mocinha, desalentada. - Gela-me o corpo todo só em pensar na possibilidade de ficarmos assim para sempre!...

- Oh, bate na boca!... - brada *Manuela*, enchendo-se de terror. - Nem quero pensar nisso!...

- Vede, senhora!... - exclama a antiga prostituta, depois de curto silêncio. - *Anjinho* melhora a olhos vistos!...

- Oh, meu Deus!... - consegue gritar o rapaz de uma vez!... - Que fizeram comigo?...

- Calma, querido!... - diz *Manuela*, tomando-o aos braços. - Mantém-te calmo, que, aos poucos, tu recobrarás a tua consciência!... Tudo se te aclarará à cabeça!... Não te desesperes!...

- Acho que é hora de o levarmos de volta, senhora!... - observa a mocinha. - Será bom que repouse um pouco mais!...

- Tens razão!... - concorda *Manuela*. - Conduzamo-lo de volta ao quarto!...

Quando o dia amanhece, os três espíritos achavam-se ainda em sério colóquio.

- Dizeis, então, que o maldito do meu irmão é o único e real responsável pelas nossas mortes prematuras, é?... - pergunta o rapaz, erguendo-se com dificuldade da poltrona em que estivera sentado o tempo todo a ouvir o detalhado relato que lhe fizeram, noite afora, as duas mulheres. E, pondo-se a caminhar em círculos, ainda com extrema dificuldade, prossegue, tomando-se de alto desespero: - Oh, Deus do céu!... E *Teresa Cristina*!... Como se achará ela neste momento?...

- Minha priminha está a morrer, *Anjinho*!... - observa *Manuela*. - Acaba-se em tristezas pela tua morte!...

- Então não serão mais três as mortes a pesarem sobre as costas do maldito!... - brada o rapaz, enfurecendo-se. - Em breve serão quatro!...

- Assim presumo que será, *Anjinho*!... - diz *Manuela*. - Pelo que sabemos, *Tininha* não tem mais escapatória!... Está a consumir-se de inanição!...

- Oh, preciso vê-la!... - grita *João Manuel* em desespero. - Preciso falar-lhe!...

- Falar-lhe como?... - observa *Madalena* que até então se mantivera calada. - Esqueceste, acaso, que já morreste e que os vivos, dificilmente, conseguirão ver-te?...

- Oh, desdita!... - geme o rapaz, voltando a sentar-se, pesadamente, na poltrona. E, prossegue, encarando as duas, com olhos súplices:

- Que se há de fazer, então?...

- Se, de fato, isso acontecer, teremos de salvá-la!... - responde *Madalena*. E continua, preocupada: - Ela não sabe que, efetivamente, não morremos e, quando acontecer, poderemos até perdê-la de vista!...

- Oh, não!... - grita o rapaz. - Isso não!... Perdê-la, não!...

- *Madalena* está certa - observa, grave, *Manuela*. - Nunca se sabe o que poderá acontecer...
- Então, teremos de permanecer ao lado dela!... - prossegue *Madalena*. - Não sabemos qual será o preciso momento da sua morte, e tanta coisa poderá acontecer...
- Mas, antes, temos de recomeçar a nossa luta!... - atalha *Manuela*.
- A vingança, primeiro!...
- Sim!... - aquiesce *Madalena*. - Antes de mais nada, à forra com o vil assassino!...
- Não estou a entender... - observa o rapaz. - De qual assassino falais?...
- Do monstro do teu irmão!... - exclama *Manuela*. - Não vais dizer, porventura, que o perdoaste!...
- Sim!... - diz *Madalena*. - Acaso esqueceste que foi ele que te mandou à forca, é?... E nada vais fazer para dele te vingares?
- É certo que não me esqueci!... - responde o rapaz. E, depois de cogitar por instantes, pergunta: - E como faremos para forçá-lo a pagar por seus crimes?... Agora tenho a absoluta certeza de que *João Miguel* mandou-me à forca!...
- Já começamos a atormentá-lo!... - ufanosa, esclarece *Manuela*.
- Sim - concorda a mocinha -, e temos a contar, a nosso favor, uma série de vantagens: ele não nos vê, não crê que estejamos vivos!...
- E nós o atacamos quando dorme!... - diz *Manuela*. - Nosso intento é, primeiro, enlouquecê-lo; depois, induzi-lo a cometer suicídio!...
- E pensais ser fácil fazermos tudo isso?... - redargui o rapaz. - Considero *João Miguel* bastante esperto!... Vede bem o que é que nos fez, sem titubear!...
- Aí é que te enganas, meu caro!... - responde *Manuela*, cheia de si. - Precisavas ver-lhe a cara quando nos vê!...
- É!... - concorda *Madalena*, rindo-se. - E já lhe demos umas boas surras, quando está a dormir!... Depois, ao acordar-se, tem tudo à conta de pesadelos!...
- Não entendo... - observa o rapaz.

- Esclareço-te, meu caro! - diz *Manuela*. - Quando dormimos, todos nós vimos para o mundo dos mortos!... Todos nós, sem exceção!... Depois, ao nos acordarmos, esquecemo-nos, parcialmente, tomando tudo à conta de sonhos ou de pesadelos!...

João Manuel nada responde. Por instantes, cala-se, a cogitar profundamente. Como era a vida!... Na verdade, pouco se sabia sobre o real sentido das coisas!...

- Concordo com tudo o que dizeis - prossegue o rapaz -, mas, antes, desejava rever *Teresa Cristina*!... Acaso ser-me-á possível realizar tal desejo?

As duas mulheres entreolham-se. Sim, e como era possível e relativamente fácil aos ditos mortos reverem seus entes queridos que ainda viviam mergulhados na carne!...

- Tens sorte, *Anjinho*!... - observa *Madalena*. - Tua amada encontra-se a poucos metros daqui, na quinta ao lado desta.

Os olhos do rapaz incendeiam-se de repente.

- Por Deus!... - grita ele, tomando-se de intensa ansiedade. - Conduzi-me até lá!... Por favor!...

Meia hora depois, por terem caminhado com certa dificuldade, respeitando, ainda, os movimentos bastante limitados do rapaz, finalmente achavam-se diante das escadarias da mansão dos *Marqueses das Alfarrobeiras*.

- Importante que te mantinhas tranqüilo! - recomenda *Madalena*, tomando as mãos do rapaz. - Não te deixes impressionar pelo estado de *Teresa Cristina*]... Se te desesperares, poderás recair e em nada poderás auxiliá-la, durante este difícil transe por que passa!... Advirto-te uma vez mais: ela, possivelmente, não te notará a presença nem te registrará as palavras!...

Em pouco, o reencontro:

- Oh, meu Deus!... *Tininha*!... - ouve-se o grito rouco a escapar-se da garganta de *João Manuel*.

E, como um doido, lança-se sobre a amada que, deitada sobre o leito, parecia fundir-se à brancura das cobertas, tamanha era a sua palidez!...

- Oh, meu amor!... Meu amor!... - repetia o rapaz, em pranto, tentando abraçar-se à amada que, mal tinha forças para manter os olhos abertos.

- Oh, minha queridinha!... - dizia *Bárbara* que, sentada ao lado do leito segurava-lhe, amorosamente, as álgidas mãos. - Reage, filhinha!... Olha, queres que *Isadora* traga-te um prato de caldo verde?... Tu gostavas tanto!...

- Não, mamãe!... - responde a mocinha com a voz muito fraca, quase um sopro.

- Vai, meu amor!... - grita-lhe *João Manueli*... - toma a sopa quente!... Quem sabe não te trará de volta as forças?... Olha, estou aqui, vivo!... Não morremos!... Tu não podes morrer antes da hora!... Cumpre o teu tempo aí, ou tu sofrerás bastante!...

- Mamãe - diz a mocinha, abrindo um sorriso -, de repente, veio-me à mente forte lembrança do meu amor!...

- Deveras, meu bem?... - responde *Bárbara*, feliz, ao notar que a filha reagia. - E sabes o que penso?... Penso que as almas vêm ver-nos, depois de mortas. E, se teu amor vier ver-te e te achar neste estado, bem triste deverá sentir-se!...

- Será mesmo que as almas poderão retomar e nos ver, mamãe?... - pergunta a mocinha.

- Acho, sim!... O mundo está cheio de histórias sobre aparições de mortos!... Todas as culturas trazem tais fatos, há séculos!... Estariam todos os povos, acaso, a inventar histórias do mesmo feitio?... Não, não creio, minha filha!... Algum fundo de verdade deverá haver nisso tudo!...

- Ouve a tua mãe, *Tininha*!... - diz o rapaz, ao ouvido da mocinha. - Ouve o que ela te diz!... E tudo verdade!... Tu não deves morrer agora!...

- Engraçado!... - observa a mocinha, animando-se ainda mais. - Parece-me estar a ouvir a voz de *João Manuel*... Sinto-o tão perto!... Tão presente!...

- Não te disse?... - diz *Bárbara*, olhando em derredor. - Quem nos garante que teu amor aí não está, mesmo invisível, a visitar-te?... Quê dizes, agora, de tomar um prato de caldo verde, hein?... Olha que te acompanho!... Arre, que estou a consumir-me de fome!...

- Oh, não tens mesmo jeito, mamãe!... - diz a mocinha. - Está bem, esforço-me a engolir algumas colheradas de caldo verde contigo!...

- Bravo, meu amor!... - grita, feliz, *João Manuel*. - E preciso vencer a dor!... E preciso vencer a tristeza, e eu te ajudarei!... Juro que não sairei mais de perto de ti!...

Mais tarde, quando o dia já avançara bastante, os três espíritos resolvem retornar à mansão de *João Miguel*. Acomodados no antigo quarto de *João Manuel*, confabulavam.

- *Teresa Cristina* anima-se!... - observa, feliz, o rapaz.

- Sim!... - concorda *Manuela*. - Até consegui engolir um pouco de caldo!...

- Irá recuperar-se, por certo, se a ajudarmos - diz *Madalena*. - Nós, os espíritos, poderemos influenciar, enormemente, os vivos, se assim o desejarmos!...

- Para o bem ou para o mal!... - atalha *Manuela*. - Dependerá da escolha que fizermos!... E, a falar nisso, precisamos combinar para logo mais à noite...

João Miguel recolhia-se cedo, durante o inverno. Prezava muito manter-se ao lado da lareira, aquecendo-se, enquanto bebericava vinho e lia, coisa que se tornara seu passatempo preferido, nos últimos tempos, uma vez que, com o pensamento mergulhado na leitura, era menos suscetível de ter a mente invadida por laivos de remorso ou por arremetidas de medo infundado ou cismas de que olhos invisíveis vigiá-lo-iam constantemente. As vezes, pensava que era portador de alguma séria doença neurológica; já consultara alguns médicos renomados; tomara os remédios por eles prescritos;

sentia ligeiras melhoras, mas, invariavelmente, os mesmos sintomas voltavam. Naquela noite mesmo, por exemplo, não conseguia concentrar-se na leitura. Já abandonara o livro e se resumira a bebericar do vinho, recostado em sua poltrona favorita ao lado do fogo. À memória, alternavam-se-lhe as lembranças do irmão, de *Manuela*, de *Madalena*...

- Esses malditos já não mais existem!... - murmura entre dentes. - Que coisa!... Por que é que ando eu a pensar neles?...

De um canto, três sombras espionavam-no, cheias de interesse.

- Será necessário que beba bastante!... - sussurra *Manuela* aos dois amigos. - Depois de embebedar-se, cairá no sono e, aí então, nós agiremos!... Deixa-me providenciar, para que tenha bastante sede!... e, aproximando-se mais de *João Miguel*, toca-lhe a fronte com a mão direita e lhe dá o comando: - Bebe, desgraçado!... Tu estás a morrer de sede!... Bebe mais!... - e, aplicando mais a força de vontade, o espírito prossegue, ordenando: - Bebe, *João Miguel*!... Tu estás com muita sede!...

O rapaz, então, a sentir que a garganta afogueava-se-lhe intensamente, verte, de uma só vez, todo o conteúdo da taça.

- Vamos, demônio!... - prossegue o espírito, agora se colando ao corpo do rapaz. - Tu está com mais sede!... Vai, maldito!... Bebe mais!...

João Miguel apanha a garrafa que mantinha sobre pequena mesa e repleta a taça de bebida. De um só gole verte todo o conteúdo do copo.

- Bravo!... - grita o espírito de *Manuela*. - Bravíssimo!... - e, coleando como uma serpente, enrosca-se mais e mais ao corpo do rapaz que, inexplicavelmente, sentia-se sufocar por estranho mal-estar. - Vamos, maldito!... Tu só te sentirás melhor com mais vinho!... Vamos, bebe mais vinho!... Mais vinho!... Mais vinho!...

O rapaz, então, tomado de um estranho frenesi, verte uma sucessão de taças de vinho e se sente zonear.

- Oh, já te achas plenamente bêbado!... - diz *Manuela*, desenroscando-se do corpo do moço que mal conseguia sustentar a cabeça sobre o pescoço, tamanha era a zonzeira a provocar-lhe o álcool. E, depois, postando-se diante do rapaz, grita, plenamente satisfeita: - Agora, vais dormir feito um porco, monstro desgraçado!...

- Sim, aproximemo-nos!... - observa *Madalena*, postando-se ao lado de *Manuela*. E prossegue, cheia de expectativa: - Em breve, o infame estará aqui entre nós e então!...

- E, quanto a ti, permanece, aí, oculto pela escuridão! - grita *Manuela* para *João Manuel*, que se mantivera mais afastado, e a tudo assistindo, altamente estupefato. - Assim que chegar o momento aprazado, tu aparecerás!... Faremos, desse modo, uma bela surpresa ao te irmão!...

Sentado na poltrona, ao lado da lareira, *João Miguel*, tomado pelos altos vapores etílicos, lutava contra a impertinente sonolência que o invadia. Sua cabeça pendia pesada, e ele, utilizando-se de força descomunal, tentava mantê-la erguida, firme. Mas, essa luta, ele a perdeu logo; o sono contumaz venceu-o e, em segundos, viu-se projetado para fora do corpo. Os dois espíritos, por sua vez, aguardavam, ansiosos, que a nuvem brilhante a pairar sobre o corpo adormecido se reorganizasse - fato que aconteceu logo em seguida, muito rapidamente - e, meio trôpego e tomado pelo alcoolismo, *João Miguel* abre os olhos. Então, a estupefação:

- Vós?!... - grita ele, enchendo-se de terror. - Afastai de mim, demônios!... - e faz menção de retomar o corpo que jazia adormecido na poltrona.

- Demônio és tu!... - vocifera *Manuela* e, rápida, agarra-o, firmemente, pelo braço. - Tu não vais escapar, não, covarde!...

- Segurai-o bem, senhora!... - grita *Madalena*. - Ou ele nos escapará!...

- Que quereis de mim?... - grita o rapaz, agora firmemente contido por *Manuela* e por *Madalena*. - Deixai-me em paz!...

- Que te delicias com mais esta surpresa!... - brada, satisfeitíssima, *Manuela*. E chama: - *Anjinhol... Aparece!... Vamos, mostra-te!...*

- Tu?!... - grita, estarecido, *João Miguel*, ao ver o espectro do irmão que surgia de um canto escuro. - Impossível!... Tu morreste!... Tu foste enforcado!...

Enchendo-se de infinita tristeza, *João Manuel* coloca-se diante do irmão e o olha firme nos olhos. De imediato, não sentiu pelo outro a intensa raiva que o vinha dominando até então. Teve, sim, muita pena daquele molambo que ali se achava, tremendo-se todo de medo. Em que triste situação o irmão se encontrava!... Agora, tão acovardado, bem diferente do rapaz orgulhoso e altivo que o olhara sempre com arrogância e com desmedido desprezo. O que *João Manuel* deveras sentiu foi profunda piedade daquele trapo que mal se sustentava diante dele, a tremer como vara verde.

- Como vês, caríssimo *João Miguel*, não morreremos!... - diz o espírito do enforcado, olhando para o outro, firmemente, nos olhos. - Tu pensaste matar-nos, para desenovelar os teus ignóbeis projetos!... Como nós três éramos tropeços para ti e barrávamos as tuas pretensões, tu, simplesmente, resolveste aniquilar-nos, um a um, não é?... - e, abrindo um sorriso cheio de desprezo, prossegue: - Ainda há pouco, eu sentia muita raiva de ti!... Pensava, até mesmo, aplicar-te tremenda surra, para de ti desferrar-me!... Entretanto, agora, percebo o quanto és covarde e abjeto!... Se querias todo o ouro de papai para ti, porque não me disseste logo e às claras?... Eu to daria, de bom grado, e te livraria de cometeres mais um nefasto crime!... - e, enchendo os olhos de lágrimas, prossegue: - Mas não a minha vida, *João Miguel!...* Minha vida era-me por demais valiosa!... Quero que saibas que não daria, jamais, a minha vida por todo o ouro do mundo e nem por ti, dá-la-ia, posto que nada vales!... És mais baixo que o mais reles dos vermes a medrar nos monturos!... Antes, pensava, sim, vingar-me, acintosamente, de ti!... Fazeres pagar tudo o que me fizeste!... Mas, não!... Não eu!... A minha natureza não dá para tanto!... Interrompeste-me, covardemente, o

curso da minha vida, é verdade!... Contudo, creio, firmemente, existir justiça maior que a que fazem os homens!... A justiça de Deus!... Então, dessa tu não escaparás!... Sabias, caro irmão, que todas as vidas perseguem um sonho?... Sabias que também eu tinha sonhos, apesar de me considerares um bastardo, um usurpador, sem, na realidade, nunca o ter sido?... Que eu era tão legítimo quanto tu?... Não, acho que não sabes!... És por demais egoísta e voltado para o teu próprio umbigo que nada percebes no mundo além de ti mesmo!... Que infantilidade, a minha, pensar que, acaso, entenderias o sonho alheio!... Para ti deixo apenas o meu desprezo!... Infelizmente, ainda não posso dizer que te perdôo, como eu gostaria!... Mas, não posso mentir!... Não posso!... - e, ainda com os olhos cheios de lágrimas, volta-se e se funde à escuridão.

- *Anjinho!*.... - chama-o *Manuela*. - Não vais ajudar-nos a dar cabo deste monstro?...

- Mudaste de idéia, é?... - observa, desapontada, *Madalena*. - Já esqueceste, acaso, o que te fez ele?...

- Não, de nada me esqueci!... - responde o rapaz. E prossegue, com a voz amargurada e sem se mostrar do escuro onde se recolhera: - A minha dor é ainda muito forte!... Forte demais para que eu pense com clareza!...

- Deixemo-lo, senhora!... - cochicha *Madalena*. - *Anjinho* mostra-se por demais sentimental!...

- Sim!... - concorda a outra. - Mas não nós!... Se ele não nos quer ajudar, paciência!... Continuemos nós duas!...

- Sim!... - diz *Madalena*. - Façamos este desgraçado pagar por tudo o que nos fez!... - e, lançando-se sobre o apavorado *João Miguel*, aplica-lhe uma série de safanões e lhe arranha a face com as unhas.

Manuela, por sua vez, grudava-se ao corpo do rapaz, envolvendo-o como se fosse espesso manto cheio de imundície e de fedor. Depois de minar-lhe totalmente a resistência, prossegue, a tocar-lhe a fronte com a destra:

- És um verme!... - repete, sistematicamente, a antiga *Baronesa da Ajuda*. - És um verme imundo!... És o opróbrio da natureza, um vil e nojento verme!... Não mereces viver sobre a terra!... Deves morrer!... Deves morrer!... Tua vida nada vale!... Nada vale!... Deves buscar a morte!... A morte!...

O rapaz, ao contado da mão de *Manuela*, sente-se mal. As idéias principiam a confundir-se-lhe à cabeça; desejava gritar, livrar-se do terrível assédio das duas mulheres, mas fraquejava, achava-se impotente, pois as forças como se lhe sumiam, e o terror e o desespero invadiam-no. Seu corpo, recostado na poltrona, ressonava, mas se agitava enormemente; uma sucessão de ininteligíveis grunhidos escapava-lhe dos lábios entreabertos. *João Miguel* sofria intensamente. E, enquanto as horas avançavam noite adentro, os dois espíritos, incansavelmente, judiavam do rapaz. E, somente quando as primeiras luzes da aurora principiam a romper as frestas dos janelões do quarto, é que *Manuela* e *Madalena* interromperam a sua sessão de tortura. E, mesmo altamente lanhado e arrebetado pelos dois espíritos, *João Miguel*, achando-se livre, num átimo, saltou sobre o seu corpo que ressonava na poltrona. Um instante mais, e se acordava. Bastante zozzo, abre os olhos e os preme forte, por diversas vezes, para acomodá-los à penumbra. O fogo da lareira apagara-se por completo, e frio intenso invadia o ambiente. Congelado e grandemente estremunhado, levanta-se, com as pernas a tremerem-se-lhe pelo incômodo da noite mal dormida na poltrona, e busca, ligeiro, por mais agasalho e, aproximando-se do toucador, olha-se no grande espelho de cristal: tinha a aparência horrível. Verte água na bacia de louça e lava o rosto e os olhos. O contato da água gelada pareceu minorar-lhe um pouco a zozzeira. Sentindo-se um tantinho melhor, enche uma taça de vinho e dela sorve um gole grande. A ação do álcool, num instante, aquece-o e o enganoso bem-estar dele advindo principia a clarear-lhe a mente. Volta a sentar-se. Não tinha ainda ânimo para reacender o fogo da lareira. Bebe mais um bom gole de vinho. As

idéias principiam a normalizar-se. Lembra-se. aos **DOUCOS**. dos sonhos.

- Que absurdo!...- murmura, altamente contrariado. - De novo aqueles pesadelos!... Haviam cessado e ora retomam!... - depois, como vaguíssima lembrança, surge-lhe a imagem do irmão a dizer-lhe coisas. Não se lembrava do que lhe falara o outro, mas súbito mal-estar acomete-o. - Até o bastardo, agora, deu de vir atormentar-me aos sonhos!... Mais essa!... - resmunga ele, altamente irritado e, bastante descontente pela noite mal dormida, apanha a sineta de prata e, sistematicamente, aciona-a a chamar por seu mordomo. Estava com frio e não tinha o mínimo de ânimo para reacender o fogo da lareira. *João Miguel* sentia-se mal, deveras muito mal...

Capítulo 29

Nas malhas da obsessão

As noites cheias de horripilantes pesadelos sucediam-se, sem tréguas, a *João Miguel*. Fazia, já, algumas semanas que o rapaz não sabia mais o que era dormir sossegado, sem os estranhos pesadelos a atormentarem-lhe, incessantemente, o sono. Voltara a consultar-se com o célebre médico de Lisboa; retomara o uso dos medicamentos por ele receitados, entretanto o tratamento de nada mais lhe valia; consultara-se com outros médicos, mas tudo resultara em fracassos!... Nenhuma cura, nenhuma melhora sequer!... Pelo contrário, o nervosismo exacerbava-se-lhe sobremaneira, seguido de intensas crises de enxaqueca a martirizarem-no, com excruciantes e contumazes dores que, invariavelmente, arrastavam-no ao leito por

horas a fio. Extremamente combalido, emagrecia a olhos vistos e, com os nervos sempre à flor da pele, exasperava-se com a sua situação. Que lhe valia ser tão rico, se não tinha paz?... Vivía a maior parte do tempo trancado em seu quarto, a cuidar dos achaques!... Às vezes, intentava viajar a Paris ou a Londres, com o propósito de buscar medicina mais avançada, mas, daí a pouco, desanimava-se: Paris e Londres ficavam tão distantes de Lisboa que, só o fato de pensar na longa viagem e na hipótese de ter de agüentar dias e dias, sem dormir direito, além das insuportáveis dores de cabeça, faziam-no desistir da idéia. Deveria haver outra maneira de livrar-se de tais males!... Por outro lado, mesmo sendo altamente egoísta, principiava a sentir-se só. Na época em que era saudável, considerava-se auto-suficiente e muito pouco necessitava dos outros; entretanto, agora que a incapacidade principiava a rondá-lo, passava a sentir-se frágil, a olhar em derredor, em busca de outros... Entretanto, nenhum dos parentes sobrevivera-lhe, e os criados, por sua vez, resumiam-se, apenas, a servi-lo, agindo como sombras, sempre temerosos de serem escorraçados quais cães pestilentos pelo constantemente irascível patrão!... Apenas *Amélia*, a velha governanta, atrevia-se a aproximar-se mais amiúde e o aconselhava, quando em vez, mas era, freqüentemente, repreendida, quando não, veementemente e aos berros, levada a calar-se pela furibunda grosseria do rapaz.

Certa tarde, quando os primeiros sinais da primavera já se faziam notar na tumescencia dos retilhos dos ramos das árvores do parque, e os estorninhos já principiavam a deixar os seus seguros abrigos de inverno e desferiam rasantes vôos por entre o arvoredado do bosque, *João Miguel* atreveu-se a descer até o jardim. Tímido sol abria-se, por entre as derradeiras nuvens da chuva hibernal, e o rapaz sentou-se sob o caramanchão ainda totalmente desfolhado pela severidade do inverno. De repente, lembrou-se de que aquele era o lugar favorito da mãe, que ali se sentava para os chás, nas cálidas tardes de verão. A mãe... Pouco lhe sentira a morte, pois sempre a tivera distante,

chorosa, a lamentar o desaparecimento daquele... "Ah, desgraçado!..., pensa *João Miguel*, a rilhar os dentes, de ódio. "Foste sempre o culpado de todas as desgraças acontecidas nesta casa!... E, mesmo depois de morto, ainda andas a atazanar-me as idéias!..."

Da janela do seu quarto, *Amélia* espia o rapaz sentado sob o caramanchão. Vê-o abatido e magro, a barba por fazer, desleixado no vestir-se e se sente tocar. Ela o houvera criado!... Mesmo sendo ele de temperamento tão iracundo e apesar de correr o risco de ser enxotada, *Amélia* decide-se por aproximar-se de *João Miguel*. Tinha de ajudá-lo a vencer o que ela julgava ser o difícil transe da perda dos pais, seguido da morte do irmão, ocorrida em situação tão deplorável!

- Posso sentar-me junto de ti?... - pergunta a governanta, aproximando-se.

João Miguel limita-se a dar de ombros, indiferente.

- Não desejas abrir o teu coração?... - pergunta *Amélia*, tomando a mão do rapaz. - Sei que estás a sofrer; quem sabe não te poderei ajudar?...

João Miguel olha-a de soslaio. Achava-se tão desanimado da vida!... De que valia poder-lhe-ia ser aquela velhota besta?... Sequer se dá ao trabalho de responder. Abaixa a cabeça, desolado.

- Olha, sei que algo está a machucar-te enormemente!... Sei que estás a sofrer bastante!... - diz *Amélia*. - E sei, também, que te achas a tomar remédios, pois vi os frascos em teu toucador!... Não queres revelar-me que mal está a acometer-te?...

João Miguel volta a encarar a governanta. Sim, de todas as pessoas da sua vida, ela lhe fora sempre a mais próxima; a ela sempre recorrera, nas dificuldades da infância, nas dúvidas da adolescência... E, deixando o orgulho de lado, aponta para a própria cabeça e nela bate com a ponta do dedo, por várias vezes.

- Achas-te mal da cabeça?... - pergunta *Amélia*, preocupando-se. - Que tem a tua cabeça?...

- Dói-me... - murmura *João Miguel*. - Dói-me muito e me acho confuso: não durmo direito, tenho pesadelos horríveis, pressinto vultos a espionarem-me, mesmo durante o dia... - e, aumentando a voz, já às raias da exasperação, prossegue em desabafo: - Os mortos perseguem-me, *Amélia*!... Estou a endoidecer!...

- Oh, é claro que tais coisas não existem, meu menino!... Os mortos a ninguém perseguem!... É tudo fruto da tua imaginação!... - exclama *Amélia*, atraindo-o ao colo e lhe afagando, amorosamente, os revoltos cabelos. - Todos se foram, e tu ficaste só!... E acho que te encontras, sim, doente!... Mas doente da alma!... Que tens feito pela tua alma?... Pelo que sei, nada!... Perdeste o vínculo com a Igreja!... Quanto tempo faz que não assistes a uma missa?... Quando confessaste os teus pecados a um padre?... E quando foi a última vez que comungaste?...

- Nem me lembro... - murmura o rapaz, com o rosto aninhado ao colo da governanta.

- Pois, digo-te que precisas de um padre!... - aconselha-o a mulher. - Olha, porque não procuras por *Dom Eusébio*?... Sempre foi grande amigo dos teus pais!... Ninguém melhor que ele, a aconselhar-te!... Se desejares, irei contigo!...

João Miguel cogita por instantes. *Dom Eusébio* já o aconselhara e o advertira antes. Acaso aquele intrumetido já não estivera ali, antes, a encher-lhe as paciências, na tentativa de mediar a demanda que mantinha com o irmão?... Aquele bispo sempre fora amigo do bastardo usurpador!... Não, qualquer um outro, mas não *Dom Eusébio*!....

- Não poderíamos visitar um outro? - sugere o rapaz. - *Dom Eusébio* nunca me foi muito simpático!... Sentir-me-ia mais à vontade com um outro...

- Pois te afirmo que não há, em toda a Lisboa, alguém mais preparado que ele!... - observa, firme, a governanta. - Como pressinto que o teu caso seja deveras grave, insisto em que o procures!... Ora essa!...

Vamos, deixa de lado tais idéias preconcebidas acerca daquele santo homem!... Ele não é nada do que imaginas!... Estás é com reservas, isso sim!... Que te pode dizer ele, a não ser sábios conselhos?...

- Está bem - aquiesce o rapaz. No momento não se achava em reais condições de contradizer *Amélia*. Ela se animava em ajudá-lo, e isso se lhe afigurava muito bom, no meio da penúria moral em que se encontrava.

Na manhã do dia subsequente, a luxuosa carruagem do *Barão da Reboleira* estacionava diante dos portões da mansão episcopal. Pachorrento como sempre, o padre-mordomo aparece.

- A quem devo anunciar, Excelências?... - pergunta ele em sua costumeira fleuma.

- O *Barão da Reboleira* - diz *Amélia*, adiantando-se. - Reverendíssimo padre, fazei o favor de anunciar a Sua Excelência, o bispo, que o senhor *João Miguel Ramalho e Alcântara* solicita uma audiência!

Em pouco, *Dom Eusébio* estudava, minudentemente, as feições altamente descompostas do rapaz ali sentado à sua frente. Achavam-se ambos a sós, no gabinete do bispo. A governanta aguardava o desenrolar da entrevista em sala de espera contígua.

- Em que te posso ajudar, meu filho?... - pergunta o bispo, com a sua costumeira amabilidade e depois de alguns instantes a analisar-lhe, atentamente, o esquálido semblante.

O rapaz permanece cabisbaixo, sem a mínima coragem de encarar o bispo. Por momentos, permanece calado, como se ordenasse as idéias.

- Preciso dos vossos conselhos, Excelência!... - diz, por fim, *João Miguel*, sem, entretanto, olhar para o rosto do prelado.

- Gostaria que olhasses para mim... - diz *Dom Eusébio*, amável. - Por que te martirizares agora?... O remorso apenas serve para a busca da reflexão, e esta, somente para o reparo dos erros cometidos!... Para nada mais vale a mortificação!...

- Como sabeis que me acho roído pelo remorso?... - espantado, pergunta o rapaz, pela primeira vez, olhando nos olhos do bispo. - Que sabeis sobre mim, na verdade?

- Penso saber sobre ti muito mais do que supões, meu filho!... - diz o bispo, tomando as mãos do jovem barão. E, sem nenhum laivo de censura ou de recriminação à voz, prossegue: - Acho que te recordas da última vez de quando contigo estive... Disse-te que devias aceitar o teu irmão, repartir com ele o que herdaste do teu pai... Mas, temo que, pelo estado em que te encontras, não somente deixaste de fazer o que te pedi, como ainda deves ter tudo a ver com a infamante morte de *João Manuel!*...

João Miguel baixa os olhos. Não conseguia olhar para o rosto do bispo. E, tomando-se de choro convulsivo:

- Tendes razão, senhor!... - brada ele, com as palavras molhadas pelas lágrimas. - Por que foi que não vos escutei?...

Dom Eusébio levanta-se de sua cadeira, rodeia a secretária e toma o jovem aos braços.

- É bom que chores!... - diz o bispo, afagando, ternamente, os ombros de *João Miguel*. - Desabafa!... Põe para fora todo o mal que te afoga!...

- Sim, *Dom Eusébio!*... Eu o matei!... - explode o rapaz, cobrindo o rosto com as mãos. - Matei o meu irmão por ciúme, por despeito, por orgulho, por cobiça!...

- Eu sei!... - diz o bispo, afagando-lhe, amorosamente, os cabelos. - Eu sei!... Todo esse entulho de péssimos sentimentos que acabaste de relacionar cegou-te!... E tu te tornaste um assassino por isso!... Não tiveste a capacidade de amar ao teu irmão e, então, o ódio dominou-te o coração por completo!...

- Oh, meu Deus!... - diz o rapaz, tomando-se de desespero extremo.

- Eu não tenho paz!... Eu não tenho paz!... Os mortos vivem a perseguir-me nos sonhos!...

- Disseste "mortos"?... - pergunta *Dom Eusébio*, estranhando o plural.

- Acaso há mais gente envolvida?...

- Sim!... - explode o rapaz, em desespero. - Matei mais duas pessoas!... Há mais dois cadáveres a pesarem na minha consciência, senhor!... *Manuela* e uma prostituta do cais do porto!...

- Deus do céu!... - murmura *Dom Eusébio*, tomando-se de alto estarrecimento. - Mas por que as mataste?...

E, lacónicamente, o rapaz relata os motivos que o levaram, também, a assassinar as duas mulheres. *Dom Eusébio* cala-se por instantes. E, altamente compadecido daquela alma que se envolvera em tão pesados crimes, diz:

- Recordas que te disse que o remorso e a mortificação para nada valem a não ser conduzirem à reflexão e, depois, ao arrependimento, e que a isenção do crime só se efetivará quando voltares atrás, a consertar os erros cometidos?... Pois bem, meu filho, só a reparação das tuas falhas é que te devolverá a paz!... Nada, além disso!...

- Mas, como poderei reparar os meus crimes, se as pessoas estão mortas?... - indaga o rapaz, sem entender as palavras do bispo. - Acaso sabeis como de volver-Ihes a vida?...

- Não na acepção que pensas... - responde o bispo. E, abrindo ligeiro sorriso, prossegue: - Ressuscitar mortos ainda não sei como fazer, mas deverás recompensar as tuas faltas em igual intensidade!... Doa, agora, a tua vida em favor do teu próximo!... Acaso não és detentor de fortuna incalculável?... Pois bem, aplica-te, doravante, a reparar o mal que fizeste!... Não há que ser, necessariamente, aos que, diretamente, tu atingiste, com os teus atos egoístas!... Direciona, pois, o teu amor a outras criaturas e terás o ressarcimento dos teus débitos tenebrosos, diante dos olhos de Deus!... Isso eu te garanto!... A misericórdia do Pai possui mecanismos a suprirem todas as nossas fraquezas e deficiências!...

- Mas, como?... - pergunta o rapaz, ainda sem entender as palavras do bispo.

- A miséria, *João Miguell*... - diz *Dom Eusébio*, abrindo os braços em largo gesto. - Amiséria e a dor imperam por todos os lados!... Basta

que saias de dentro do teu egoísmo e olhes em derredor!... Mas que olhes bem, com os olhos do coração!... E que enxergues a orfandade, a velhice abandonada, a mendicância, a fome e a miséria extremas a campear por todó o canto!... Se, de fato, verdadeiramente arrependido dos teus nefastos crimes, tu te bandeares para o lado de Jesus, e Lhe seguides os passos, afirmo-te que ninguém mais te perseguirá!... Juro-te, por Deus, que assim será!... Limpa a tua alma, meu filho, enquanto ainda tens tempo!...

- Mas não sei como fazer tais coisas, senhor!... - exclama o rapaz, ainda se achando desorientado. - Achais que devo renunciar às coisas do mundo e me atirar à prática da caridade?... Se assim for, não sei se conseguirei... Posso garantir-vos que não possuo nenhuma vocação para o sacerdócio!...

- Nem precisas chegar a tanto, não!... - redargui o bispo. - Mete a tua mão à charrua, faze girar a máquina, emprega bem a imensa fortuna que deténs às mãos!... Procura as entidades assistenciais e lhes presta socorro e auxílio!... Busca os mosteiros e os conventos onde fazem a caridade e a beneficência!... Alia-te a eles, como irmão profano!... Assim não perderás a identidade nem a liberdade que tanto presas!...

- Acaso não me indicaríeis algum em especial?... - pergunta o rapaz, depois de cogitar por alguns instantes e a demonstrar o quanto era leigo nas questões espirituais.

- Acho que não... - responde o bispo. - Melhor deixar para ti essa busca!... Pede a Deus, e Ele te indicará, com toda a certeza, o caminho que deverás seguir!... Começa por fazer um retiro espiritual num mosteiro!... Vive algum tempo a meditar entre o silêncio e a oração ali a existirem constantemente!... Talvez encontres a paz por que tanto anseias!... Digo-te que esse é o começo!... O resto virá como conseqüência disso!...

Mais tarde, em casa, *João Miguel* cogitava acerca das palavras e dos conselhos de *Dom Eusébio*. Não era, exatamente, o que buscara. Sempre achara os padres e as freiras criaturas exóticas e estranhas;

de imediato e longe do bispo, não se animava muito em sair correndo atrás do primeiro mosteiro que achasse. Olha, demoradamente, para o ambiente da sala em que se encontrava: tudo era requinte, luxo extremo e alta comodidade!... Um aperto vem-lhe ao coração: como trocar aquelas coisas fantásticas - no meio das quais sempre vivera - pela frieza e pela insipidez de um mosteiro?... Ah, ser-lhe-ia por demais penoso!... Não!... Deveria haver outro meio, outra maneira de safar-se daquelas esquisitices que o acometiam!... Aquilo que sentia só poderia ser doença!... *Dom Eusébio* equivocava-se!... Um mosteiro?... Ah, não era bem o que desejava!...

A um canto, três sombras olhavam-no, curiosas.

- Ele se acha perdido!... - observa *Manuela*, cheia de ironia à voz.

- Sim!... - concorda a antiga prostituta das mas do cais do porto. - O bispo deu-lhe bons conselhos para redimir-se das monstruosidades que andou a cometer, mas ele, ao que me consta, não anda lá muito propenso a seguir-lhe as sábias orientações.

- E o que pensa!... - observa, sarcástica, *Manuela*. - Temos de tirá-lo daqui!... Temos de fazê-lo despojar-se dos bens!... E necessário lançá-lo à miséria extrema, para depois esmagá-lo como se faz ao mais abjeto dos vermes!...

- E tu, *Anjinho*?... - pergunta *Madalena*, observando que o rapaz mantinha-se calado, meditando. - Não vais dizer que já o consideras um coitadinho, é?... Acaso esqueceste o que te fez?...

- Não, não esqueci!... - responde o rapaz, olhando, triste, para o irmão que se achava preso de profundas cogitações acerca do destino que deveria tomar. E prossegue, com um tom de amargura à voz: - Mas, ando a pensar: será que levá-lo à morte seria mesmo a solução?... Matando-o, também, consertaríamos tudo?... Voltaríamos, acaso, atrás?... Ser-nos-ia possível retroceder no tempo e retomarmos o que perdemos?... Não, eu acho que não!... Igualar-nos-íamos, somente, a ele; tornarmo-nos-íamos, apenas, o que ele é agora!... Vede bem, vós duas: acaso não é ele um poço de tristeza e

de sofrimento?... Espelhai-vos nele!... Porventura, de vítimas, não passaríamos, também, a algozes?...

-Assim não penso!... - brada *Manuela*, cheia de ódio e de rancor à voz. - Matou-me, impiedosamente, e deverá pagar pelo crime!...

- Também penso assim!... - observa a mocinha. - Não o perdorei!... Não o perdorei jamais!...

- E, se tu, *Anjinho*, não nos quer ajudar, com pena do teu irmãozito querido, ao menos não nos atrapalhes!... - brada *Manuela*, direta. - Afasta-te de nós, então!...

- Sei bem o que queres, meu caro!... - fala *Madalena*, com forte acento de ironia à voz. - Tens teu coração e teu pensamento totalmente presos à *Quinta das Alfarrobeiras*, não é?... Pois vai!... Some-te para lá!... Toca a cuidares da tua amada!...

- EL. - emenda *Manuela*. - Vai, some-te, a cuidares da tua queridinha!... Deixa que o teu infame irmão trataremos nós!...

O rapaz sente-se magoar. Não era o que pensava, porém entendeu que não conseguiria demover as duas mulheres do seu terrível intento de vingança. Cabisbaixo, deixa a sala. Ia rever o seu amor.

Manuela e *Madalena*, entretanto, aproximam-se de *João Miguel*. A antiga *Baronesa da Ajuda* cola-se ao corpo do rapaz e principia a sussurrar-lhe ao ouvido, insistentemente, sugestões de desânimo e de inutilidade diante das coisas da vida. O contumaz processo de obsessão reinstalava-se.

- Estás doente!... Estás doente!... - murmura, obstinadamente, *Manuela* ao ouvido do rapaz. - Tua cabeça está confusa!... - e armando-se de uma peça de ferro pontiaguda, adrede arranjada, principia a martelar com ela as têmporas do rapaz, enquanto repetia sistematicamente: - Tua cabeça está a doer!... Tua cabeça está a doer!...

João Miguel passa, então, a sentir terríveis pontadas à cabeça. Instintivamente, leva ambas as mãos às têmporas e as preme forte. Estarrecido, entende que as terríveis dores de cabeça estavam de volta a atormentá-lo!... E, com os olhos já injetados pela dor

lancinante, busca o quarto: precisava dos remédios, embora, de antemão, já sabendo que eles de pouca valia lhe seriam!... Em pouco, rapidamente, deixava verter algumas gotas de água de flor de limoeiro numa taça de água e a bebia, sôfrego, e, em seguida, põe-se no leito, mesmo adrede desanimado de tais procedimentos que muito pouco lhe valeriam para debelar a dor lancinante a acometer-lhe a cabeça em crise de enxaqueca contumaz.

Os espíritos, seguindo-lhe os passos, entretanto, não lhe davam tréguas. Continuavam a atormentá-lo. Desencadeado o processo de desestabilização neurológica, exacerbado pelos golpes de pontiagudo objeto de ferro que, impiedosamente, desferia-lhe *Manuela*, à cabeça, o rapaz encontrava-se altamente agitado: situação mais que propícia para que esses espíritos obsessores prosseguissem em seu macabro intento de levá-lo à loucura!... Aproveitando-se da alta excitação nervosa do rapaz, era-lhes possível, então, projetarem-se como fugazes sombras a se lhe mostrarem de soslaio, a passarem, de um lado para outro do aposento, com o intuito de causarem-lhe pavor e, conseqüentemente, acentuarem-lhe o desequilíbrio.

João Miguel desesperava-se. A dor era-lhe lancinante à cabeça. Assustava-se com o ir e vir de pretensas sombras pela penumbra do quarto; parecia-lhe, ainda, ouvir estrepitosos gargalhares escarnecedores, além de angustiosos gemidos e o arrastar de uma corrente. De fato, *Manuela*, ao martelar a cabeça do rapaz, com o objeto pontiagudo, emitia fragorosas gargalhadas de prazer, enquanto *Madalena* gemia alto e, havendo arranjado um fragmento de velha corrente, arrastava-o, cá e lá, sobre o piso de granito, a arrancar tal barulheira que o rapaz, em seu exacerbado estado de excitação nervosa, conseguia ouvir ao longe, mas podendo, perfeitamente, definir a natureza do estranho ruído a produzir-se em seus aposentos!

João Miguel exasperava-se!... Houvera enlouquecido, ou os demônios todos do inferno haviam ali se reunido, a atormentá-lo?...

Sem saber, de imediato, o que fazer, lançava mão do vinho. Buscava embriagar-se. Mas era uma armadilha!... Ao se embebedar, acabava por adormecer e, dormindo, surgiam os pesadelos!... Não havia saída!... Desesperava-se e, uma vez mais, volta a mergulhar no enganoso amortecimento que lhe causava, transitoriamente, o álcool. Levanta-se, então, do leito e bebe, sistematicamente, uma série de taças de vinho. Depois, arroja-se sobre o leito. A princípio, as dores de cabeça parecem acentuar-se, mas, depois, paulatinamente, pelo fator relaxante da alta dose de álcool ingerido, vem-lhe o amortecimento natural dos sentidos, e ele principia a cochilar. Ocorre-lhe, a seguir, uma sucessão de toscaneja-mentos, entrecortados de ligeiros sobressaltos a impedirem-no de cair, imediatamente, na modorra que, irresistivelmente, passava a dominá-lo. Vencido, finalmente, adormece. Do lado, os dois espíritos obsessores aguardavam-no. Foi apenas questão de alguns segundos, nada mais!... Ei-lo, então, a assumir a sua forma perispiritual!...

- *Vade retro!*... - grita *João Miguel*, estarecido, ao deparar-se com os espectros de *Madalena* e de *Manuela* que o observavam, cheios de sarcasmo. - Sumam-se, demônios!...

- Ora, ora!... - exclama *Manuela*, a vazar ironia por todos os poros. E, rodeando-o, com ambas as mãos espalmadas aos flancos, prossegue, a olhá-lo, cheia de desdém: - Vejam só quem é que anda a chamar-nos de demônios!...

- O próprio!... - junta-se *Madalena*, altamente sarcástica. - Tendes razão, senhora!... E não é que o pulha anda a reverter as coisas?...

- Sim - emenda a outra -, de algoz, muda-se, depressinha, para vítima, agora, é?... - e, fazendo-se tremendamente iracunda, desfere-lhe violento sopapo às fuças. - Toma, desgraçado!... Para bem começarmos hoje!...

João Miguel quis fugir, voltar ao corpo adormecido sobre o leito, mas *Manuela*, ligeira como uma gata, segura-o pelo braço.

- Não vais escapar, não, desgraçado!... - grita, furiosa, a antiga *Baronesa da Ajuda*. - Vais é levar uma boa tunda!... - e lhe aplica formidável bofetão ao rosto.

O rapaz sentia-se desesperar. Acossado pelas duas mulheres e, mo-leirão, tomado pelos vapores do álcool, não tinha como defender-se. *Manuela* e *Madalena*, então, aproveitam-se para desferrar-se do rapaz. Enquanto uma o segurava, a outra o surrava, violentamente, até esfaltar-se e se revezavam: quando uma cansava de bater, a outra retomava. Por fim, exauriram-se ambas e o abandonaram amolecido, ao chão, de tanto levar pancada!... *João Miguel*, então, aproveitando-se da ocasião, arrasta-se, com extremo esforço, e ganha o corpo que se mantinha adormecido.

- Vai-te, demônio!... - grita *Manuela*, a refazer-se do esforço despen-dido. - Foge, porém só te livrarás de nós, se te internares num mosteiro!...

O rapaz, a seguir, com bastante dificuldade, retoma o corpo. Em segundos, desperta, altamente estremunhado e a sentir-se todo dolorido. À cabeça, nítidas lembranças do pesadelo.

- Vou-me em busca do socorro dos padres!... Os demônios existem, de fato, e estão a judiar de mim!... - murmura ele, levantando-se e, trôpego, encaminha-se ao toucador e lava o rosto, repetidas vezes, com água fria.

* * * * *

O abade do Mosteiro dos Jerónimos olha, apiedado, para aquele jovem extremamente abatido que se genuflectia diante dele e, respeitosa-mente, acabava de beijar-lhe a mão. O rapaz mostrava-se prematuramente envelhecido; alguns fios de cabelos brancos já lhe permeavam a cabeça; trazia os olhos cansados e empapuçados pela constante insónia; a pele violácea; o rosto e as mãos edemaciados pelo alcoolismo...

- Grande é a nossa honra em receber-vos em nossa casa, Exce-lência!... - exclama o religioso, sem tirar os olhos das esquelidas feições de *João Miguel*. - É-nos imenso o privilégio de acolher-vos

para um retiro espiritual entre nós!... Ficai à vontade, que nos é costumeiro hospedar grãos-senhores para tal mister!... Até alguns dos nossos reis já estiveram neste mosteiro!...

- Agradeço, humildemente, vossa acolhida, excelentíssimo senhor abade!... - diz *João Miguel*.

- Como fizestes régia doação ao mosteiro, mandei que vos hospedassem em cela do andar superior!... - observa o abade. - Tereis vista mais alegre!... - e, fazendo-se mais sério, prossegue: - A propósito, não sereis incomodado, a não ser que o desejeis!... Entretanto, é imprescindível que participeis dos ofícios religiosos costumeiros; sereis advertido do início deles, sempre, pelo dobrar dos sinos!... Em pouco tempo, aprender-lhes-eis cada significado de toque!... As refeições tomá-las-eis, em conjunto, no refeitório; entretanto, asseguro-vos que tereis tempo de sobra para meditar e orar ou fazer o que desejardes para alcançar a paz de espírito que, presumo, é o que entre nós viestes buscar!...

Pouco depois, *João Miguel* repousava em sua cela. A singularidade do pequeno aposento, a princípio, chocara-o. Depois dera de ombros. Não estaria ali para sempre!... Por pouco tempo!... Por pouquíssimo tempo, imaginava, permaneceria ali!... Não era nada dado a padres, mosteiros ou igrejas!... Aquilo tudo lhe dava ainda mais nos nervos!... Altamente desconsolado, arrasta tosca cadeira, senta-se e se põe a olhar a paisagem, através da janela. Um pedacinho do mundo, apenas, abria-se para ele!... Uma nesga da cidade, do rio e, mais além, apertando-se, do azul do mar!... Na verdade, sentiu-se mal; sentiu-se como um prisioneiro; a paz que pensava existir naqueles lugares era apenas superficial, exterior!... "*A verdadeira paz deverá existir dentro do coração, não nos lugares!...*", pareceu-lhe ouvir, nitidamente, dentro da cabeça. Aquilo lhe pareceu bastante racional: os lugares não podem trazer paz a ninguém!... Isso é um tremendo engodo!... A paz conquista-se; é um estado de alma!...

- Que vim eu fazer aqui?... - pergunta-se, altamente desolado, num murmúrio. - Se aqui não achei o que buscava, estarei, então, irremediavelmente, perdido?...

O desespero, a seguir, assenhoreia-se da sua alma. Deus do céu!... Se não tinha paz, tranqüilidade, então não tinha nada!... De que lhe valeria toda a riqueza que sozinho herdara?... Para nada, se era impotente para encontrar a cura dos seus males!... De repente, vêm-lhe à mente os conselhos de *Dom Eusébio*: era preciso praticar a beneficência e a caridade; era preciso reparar os erros!... Ele não era culpado de crimes gravíssimos?... Não tirara a vida a três pessoas?... Talvez fosse isso!... Sim, o simples fato de ali estar, no meio dos monges, e de rezar, possivelmente, não lhe devolvesse a paz!... Teria que arrepender-se dos crimes, primeiro!... Que crimes, pergunta-se?... Matara a prostituta, é certo, mas ela não estava, acaso, a exigir-lhe coisas?... Coisas absurdas, a extorquir-lhe dinheiro ou se sabia lá o quê!... E *Manuela*!... Essa se interpusera entre ele e os seus propósitos!... Intrometera-se!... *Manuela* era uma intrometida!... Foi necessário exterminá-la ou o seu plano de incriminar o irmão fracassaria!... E o irmão?... O maldito sumira-se desde sempre e agora voltava para rastelar o que não lhe pertencia mais!... Tivera de livrar-se dele ou ficaria mais pobre!... Imagina só dar-lhe, de mão beijada, metade de tudo o que era seu!... Nunca!... "*Deves arrepender-te, primeiro!*...", recorda as palavras do bispo. Mas, que fazer se, no fundo, não se achava arrependido de nada?... Uma idéia vem-lhe à cabeça. Confessar-se!... Ouviria a opinião de outro padre!... Acaso não estava no meio de um monte de padres?... Padre era o que não lhe faltava ali!...

Pouco depois, achava-se na capela do mosteiro, ajoelhado ao lado do confessionário.

- Se cometestes tais monstruosidades, Excelência, já vos achais, de antemão, condenado ao inferno!... - exclama para *João Miguel*, altamente escandalizado, o padre, por trás da tela do confessionário. - Tendes de eximir-vos de tais terríveis pecados mortais, ainda em

vida, ou satã em pessoa virá buscar-vos, quando vos fordes deste mundo!...

- E que terei eu de fazer, reverendo padre?... - pergunta, desolado, o rapaz.

- E, além disso, presumo cumulais, ainda, por certo, boa porção de outros pecados veniais, não é, senhor?... Todos nós os carregamos às costas!... - continua o padre confessor. - E, a juntar-se, ainda, o fato de serdes muito rico!... *"E mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus..."*⁵ Vede bem que Jesus já condenou, de antemão, os ricos ao inferno!... Estais é perdido, Excelência!... - exclama o padre.

- Que penitência merecerei então, padre?... - pergunta *João Miguel*, altamente desolado.

- Para vós, infelizmente, reserva-se, apenas, o fogo dos infernos!... - brada o padre. - A menos...

- A menos que, padre?... - pergunta o rapaz, voltando a encher-se de esperanças.

- Sois deveras muito rico?... - pergunta o confessor.

- Sim - responde o moço, sem titubear. - Sou muito rico!...

- A menos que vós não vos entregueis de corpo e alma à Santa Igreja, não tereis a mínima chance de alcançar a salvação!... - exclama o padre. - Só a Igreja salva!... E preciso que, seguindo a recomendação de Jesus ao moço rico que desejava a salvação: *"Vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu!..."*⁶, vós façais o mesmo!... Doai, portanto, tudo o que tendes à Igreja!...

João Miguel tem um calafrio. Era demais o que o padre pedia-lhe!... De modo algum iria dar tudo o que possuía!... Aquele padre estava, por certo, louco das idéias!...

- Entendo... - murmura *João Miguel*, altamente desapontado. Tal não era, de modo algum, a solução para ele.

⁵ Evangelho de S. Mateus, 19.24

⁶ Evangelho de S. Mateus, 19.24

De volta em sua cela, o rapaz cogitava acerca da sua situação. Aqueles padres espertalhões é que não lhe levariam o ouro todo, não!... Se desse tudo o que tinha em troca da sua paz, de que lhe valeria a vida?... Nada!... Tranqüilo, mas na miséria?...

A um canto, duas sombras confabulavam.

- Mesquinho como ele só!... - exclama *Manuela* a rir-se.

- Se é!... - concorda *Madalena*. - Mas mudará as idéias logo, logo!...

- Sim!... - diz a antiga *Baronesa da Ajuda*. - Demos-lhe um pouquinho de trégua, porém voltaremos à carga em seguida.

- Que achais de logo mais à noite?... - sugere *Madalena*.

- Esplêndido, menina!... - concorda *Manuela* e explode numa gargalhada: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!...

- Até os senhores padres andarão a perder um pouco da sua tranqüilidade!... Ah, se vão!... - observa *Madalena*, rindo-se.

Na manhã do dia subsequente, o abade manda chamar *João Miguel*.

- Estranhos fatos aconteceram aqui, durante esta noite, senhor barão!... - diz o chefe da confraria, de modo direto. - Gritos e mais gritos a abalarem até os alicerces do mosteiro!... Toda a confraria acha-se altamente estremunhada por não ter dormido a noite toda!... Até mesmo eu não consegui pregar os olhos, por um instante sequer!...

- Deveras?!... - espanta-se *João Miguel*. - Eu nada escutei!... Não vos garanto ter dormido como uma pedra, porque ando lá a ter pesadelos constantes, como sabeis; contudo, nada escutei!... Que estranho, não achais?

- Sim, estranhíssimo!... - responde o abade, olhando-o nos olhos, sério. E prossegue, direto: - Sentai-vos, senhor barão!... Temos coisas a conversar!... Relataram-me os monges-guardiões que fostes vós a gritar como um possesso, noite afora!... E chegaram a bater, insistentemente, à vossa porta, solicitando-vos silêncio, porém sequer respondestes!...

- Sei... - observa *João Miguel*, baixando os olhos. - Na verdade, senhor, não sei o que vos dizer!...

- Entretanto, sei eu muito bem o que vos dizer, senhor barão!... - exclama, firme, o abade. - Estais doente, muito doente!... E tais coisas são doenças da alma!...

- Já me referiram sobre isso, Excelência!... - responde o rapaz, ainda cabisbaixo. - E, exatamente por tal motivo é que aqui me encontro!...

- Mas um mosteiro é lugar de paz, de tranqüilidade!... - observa o abade. E prossegue, sempre direto: - Infelizmente, pelo que observo, aqui não é o lugar indicado para vós!... Achai-vos, senhor barão, altamente desequilibrado!... E, pela integridade da nossa casa, não posso permitir que aqui vos abrigueis!... Se assim continuardes, serei obrigado a pedir que vos retireis daqui!...

- Oh, não!... - exclama o rapaz, desesperando-se. - Se daqui me for, aonde irei?...

- Se não buscardes tratamento sério, senhor *Barão da Reboleira* - prossegue o abade, encarando-o fixamente -, penso, sinceramente, que devereis buscar, sim, em pouquíssimo tempo, um asilo para doidos!...

- Não!... - grita *João Miguel* às raias do desespero. - Isso, não!...

- e, pondo-se de joelhos, apanha as mãos do abade e as cobre de beijos.

- Não, Excelência, por piedade, não!... Tende misericórdia!...

O abade olha para o rapaz e meneia a cabeça. Tão jovem, ainda, e belo, e rico, e a enlouquecer!... Que teria, já, aquela criatura cometido de tão grave na vida?...

- Dizei-me, senhor *Barão da Reboleira* - fala por fim o religioso, depois de muito custo ter conseguido fazer com que *João Miguel* voltasse a sentar-se -, não vos quereis confessar?... Estou pronto a ouvir-vos, se assim o desejardes!... Sabéis que uma das finalidades desse sacramento é aliviar as consciências?... Pelo que bem pude notar, acho que trazeis a vossa cabeça cheia de coisas...

- Sim!... Sim, Excelência!... - apressa-se em concordar o rapaz. Era patente que o desequilíbrio emocional tomava-o por inteiro. Em seguida, toma, abruptamente, as mãos do outro e prossegue, cheio de

atropelos ao falar: - Acho-me perdido!... Minha alma encontra-se em perigo!... Satã já a domina, por completo!... Estou amedrontado!... Os demônios visitam-me à noite!... Oh, senhor abade, não podeis aquilatar o quanto sofro!... Os demônios judiam de mim!... Martirizam-me todas as noites e é por isso que grito!... Grito, porque estão a judiar de mim, os asseclas de Belzebu!... Oh, por Deus, senhor, dizei o que tenho de fazer para deles me livrar, que eu farei!...

O abade olha-o, cheio de espanto. Tinha diante de si um demente!... Dera guarida a um doido varrido!... E era preciso livrar-se dele o quanto antes!...

- Calma, senhor barão!... - diz o chefe do Mosteiro dos Jerónimos, enquanto achava um jeito de livrar-se do rapaz. Mas, antes, teve a curiosidade de descobrir a origem de toda aquela loucura: - Mantende a vossa calma, que acharemos um jeito!... Contudo, se desejardes, neste ínterim, podereis confessar-vos!...

- Sim!... Sim!... - exclama, afoito, o rapaz, genuflectindo-se diante do abade. - Confesso-vos tudo!... Eu matei, Excelência!... Matei por ciúme, por cobiça, por inveja!... Por cobiça, por ciúme e por inveja, enviei o meu irmão à forca!... Sim, matei-o; fui o responsável pela sua morte!... E tem mais: matei, ainda, duas mulheres!... Matei-as porque atrapalhavam meus planos, apenas por isso!... Matei-as, fria e cruelmente, apenas por isso, Excelência!... E, hoje, não tenho paz!... Esses mortos perseguem-me, não me dão tréguas!...

O abade olha-o, entre chocado e apiedado. Deus do céu!... Então era aquilo?... Pobre criatura!... Que lhe dizer?...

-Deus é perdão e amor, senhor barão!... - diz, por fim, o religioso. - Se vos dedicardes à caridade, por certo, tereis a remissão dessas faltas gravíssimas que cometestes!...

- Já me disseram isso, Excelência!... - exclama o rapaz, com os olhos rasos de lágrimas. - *Dom Eusébio* já mo disse, antes!...

- Então aí tendes, duplamente, a receita!... - observa o abade. -Esse é o caminho!... Não vos resta outro!...

- Que pensais, então, que devo fazer?... - pergunta, ansioso, o rapaz.
- Por que não vos juntais a nós?... - convida o abade. - Nossa instituição é muito rica!... Se nos doardes tudo o que possuíis, imaginai o que não faremos, então?... Quantos asilos, quantos orfanatos vosso dinheiro não nos propiciará construir?...

João Manuel teve um choque. De novo, a exigência do seu ouro!... Era, também, espertalhão aquele abade?... Por que é que teria de ser pobre para ser feliz?... Não conseguia entender aquela condição que se lhe impunham!... Por que é que não poderia conciliar as duas coisas?... Tinha tantas riquezas!... Poderia dividir!... Dividir?... Dividir com quem?... Ai, não!... Como lhe doía essa idéia!...

O abade observava-o atentamente. Percebera que o rapaz retraíra-se, quando lhe mencionara a doação integral dos bens. De repente vem-lhe à mente o trecho evangélico que relatava o encontro de Jesus com o moço rico.⁷ Se para aquele fora difícil aceitar a condição imposta por Jesus para que o jovem o seguisse, para este, que se achava ali, diante dele, não o era menos!...

João Miguel baixa os olhos e se levanta devagar. Era patente a tristeza que lhe dominava o semblante.

- Vou pensar, Excelência - murmura ele. E, genuflectindo-se, ligeiramente, diante do abade, beija-lhe, respeitoso, a mão.

O velho religioso permanece, por instantes, a olhar para a porta por onde o rapaz saíra cabisbaixo. Depois, sacode, ligeiramente, a cabeça, como se dela desejasse expulsar pensamentos indesejáveis. Volta a sentar-se à secretária e se põe a examinar, atentamente, alguns papéis. De lá de fora, ouviam-se os felizes cantos dos pássaros, na resplendente manhã de início de primavera...

⁷Evangelho de S. Mateus, 19.21

Capítulo 30

A vingança

Postando-se ao lado do leito de *Teresa Cristina*, *João Manuel* observava-a, com os olhos lambuzados de ternura. No íntimo, sentia-se animar: a mocinha recuperava-se; apresentava evidentes mostras de tomar-se de um pouco de ânimo e, naquele preciso momento, alimentava-se das colheradas de succulento caldo verde que a mãe, pacientemente, levava-lhe à boca.

- Oh, sinto-me tão feliz em ver que tu te recuperas!... - exclama *Bárbara*, extremamente feliz, com os olhos a marearem-se-lhe de lágrimas. - Tinha-te, já, por morta!...

- Ah, mamãe!... - exclama a jovem, abrindo um sorriso triste. - Ganhei um pouquinho mais de ânimo, diante das agruras desta vida cruel, porque me acho, sistematicamente, a sonhar com o meu amor!... Sabes, mamãe, sinto-o vivo, não morto!...

- E por certo o estará, queridinha!... - reforça a mãe. - Eu cá tenho comigo que ninguém morre!... Lá do céu, depois de mortos, andaremos todos a ver e a visitar, amiúde, os nossos queridos cá embaixo!...

- Sim!... - observa *Teresa Cristina*. E, com excessos de ternura à voz, prossegue: - Poderá parecer-te estranho o que te vou dizer, mas percebo *Anjinho* ao meu lado o tempo todo!... Sinto-o a afagar-me os cabelos, a beijar-me a testa e, ainda, a tomar e a acariciar as minhas mãos!...

- Oh, meu amor!... - diz *Bárbara*, devolvendo o prato vazio à criada que se postava ao lado, à espera. E, tomando a filha aos braços, prossegue: - Que bom ouvir tais coisas de ti!... Sinal de que comesças a aceitar o que te pôs a Sabedoria Maior ao caminho!... A vida é uma dádiva que recebemos das mãos de Deus; não na podemos desdenhar, apesar da sucessão de infelicidades geradas pelas

grandes dores que temos a enfrentar para vivê-la!... Lembra-te sempre disto: a existência é um regalo que recebemos de Deus, *Tininha*, e não podemos rejeitá-lo!... Imagina o tamanho da ofensa que causaríamos ao Criador, recusando-Lhe tal presente!... Não, minha filha querida, jamais recusar-se a viver, sob qualquer situação, por pior que ela se nos apresente!... É preciso continuar a viver, sempre, apesar de tudo...

- Sim, mamãe - continua a mocinha, animando-se -, pressinto o meu amor aqui, constantemente, a instigar-me a prosseguir neste mundo, apesar das dores infinitas a trucidarem-me o coração!... Sabias que ando a sonhar com *Anjinho* todas as noites?...

- Não me digas!... - exclama *Bárbara*, efusiva.

- Sim!... - prossegue a mocinha com os olhos a reacenderem-se. -Nos sonhos, invariavelmente, ele vem buscar-me e me conduz, nos braços, a passear pelos campos e bosques adjacentes!... Depois, sentamo-nos ao relvado, sob o plenilúnio, e, pelo varar da noite, pomo-nos a conversar e a fazer planos...

- Planos?... - espanta-se *Bárbara*. - Que planos andais a fazer?

- Planejamos como será o nosso reencontro, quando para lá eu também me for!... - explica a mocinha. - Disse-me que me esperará por aqui, até que chegue a minha hora!... E eu, por minha vez, pacientemente, aguardarei esse dia como a coisa mais almejada deste mundo, mamãe!... Mas, não me irei antes do tempo aprazado!... Fica sossegada!... O que há pouco disseste sobre a vida, ora entendo que assim deve ser!... Aceito, sim, tudo o que me aconselhaste!... E, esforçar-me-ei, mais e mais, com o propósito de recuperar a minha saúde, o mais brevemente possível!... Sei que o meu amado também me aguardará donde se encontra!...

- Oh, meu amor!... - exclama *Bárbara*, enlaçando-se, fortemente, ao pescoço da filha e a cobrindo de beijos. - Tu não sabes o quanto me fazes feliz!...

Ali do lado e a tudo assistindo, o espírito de *João Manuel* sorri, ternamente. Duas lágrimas descem-lhe dos olhos. Comovia-se,

profundamente, com as palavras da sua amada. Depois, aproxima-se e se junta às duas mulheres, envolvendo-as em longo e temo abraço.

- Sim, meu amor!... - murmura ele, com os olhos rasos de pranto. - Estarei ao teu lado até que a Divina Misericórdia permita-nos a nossa união!... Jamais me apartarei de ti!... Jamais, meu amor!...

O tempo passou, e quase um mês já fazia que *João Miguel* encontrava-se no Mosteiro. E, para não promoverem a expulsão sumária do rapaz, conforme, antes, houvera ameaçado o abade, os espíritos obsessores Ihe haviam dado ligeira trégua e, aparente calma então se restabelecera no local. Entretanto, *Madalena* e *Manuela* não demoraram em voltar à carga.

- Demos folga demais a esse maldito!... - rosna *Manuela*, cheia de fúria, a observar *João Miguel* que, temporariamente livre dos seus inimigos desencarnados, recuperava-se, ganhando forças e mais vitalidade e que, naquele preciso momento, em sua cela, deliciava-se a saborear taça de excelente vinho tinto.

- Acho que vim ao lugar certo!... - murmura o rapaz, satisfeito com a aparente tranqüillidade que ora desfrutava no mosteiro. - Esses padres rezam tanto que os demônios não mais voltaram a atacar-me aos sonhos!... Não mais pesadelos, e nem dores de cabeça!... Aqui, os afilhados de Belzebu não entram!... - e abre um sorriso cheio de contentamento.

- Aí é que te enganas, traste!... - grita *Madalena*, também se enfurecendo. - Logo mais à noite verás se te encontras no lugar certo!...

- Oh, acho que me mudarei, definitivamente, para cá!... - murmura o rapaz, a encher de novo a taça de vinho. - Darei uns trocados ao Mosteiro e terei abrigo seguro pelo resto dos meus dias; poderei, ainda, arranjar uma amante, montar-Ihe uma bela casa e, quando me der vontade, irei visitá-la!... Aqui não sou prisioneiro!... Poderei ir e vir quando quiser!... - e sorri satisfeito.

- Isso é o que veremos, calhorda!... - observa *Manuela*, espumando ódio.

- Sim - emenda, sarcástica, a antiga prostituta do cais do porto -, põe-te a pensar que já te encontras totalmente a salvo, no bem bom!...

Naquela noite mesmo, quando o mosteiro todo se recolheu e mergulhou no silêncio absoluto, os espíritos voltaram à carga. *João Miguel*, longe de suspeitar que os seus inimigos ainda ali se achavam, entregou-se aos braços da sonolência, sem reservas...

- Ah!... - exclama *Manuela*, enfrentando-o, ao se achar ele fora do corpo. - Finalmente!...

- Oh, não!... - grita o rapaz, espantando-se com a súbita aparição do espírito. - De novo, não!... Afasta-te, demônio!... Tu te achas num lugar santificado!... *Vade retro!*...

- Até que acho este um lugar bastante sossegado!... - exclama o espírito, enfurecendo-se. - Mas não santificado, porque tu te encontras a macular-lhe a pureza, verme!...

- Sim!... - grita o outro espírito, entrando na conversa. - Tu não és digno de aqui permaneceres!... Tens a alma podre!... És um nojento homicida!... Mataste três pessoas inocentes, lembras-te?...

- Sim, caríssimo *João Miguel!*... - brada *Manuela*, agarrando-o pelo braço. - Precisamos lembrar-te porque achamos que te esqueces, facilmente, das coisas!...

- Afastai, demônios!... - grita o rapaz, tomando-se de desespero extremo. - Apartai de mim!...

- Não!... - exclama *Madalena*, arrostando-o, feroz. - Não te deixaremos, monstro!... Tu pagarás tudo o que nos deves!...

E, ambas as mulheres, com relativa facilidade, conseguem dominá-lo e passam a aplicar-lhe selvagem pancadaria.

- Toma, desgraçado!... - grita *Manuela*, a mandar-lhe potente sopapo às fuças. - Pensavas, acaso, que te achavas livre de nós, é?...

- Sim!... - concorda a outra, segurando firme o rapaz, por trás, enquanto *Manuela* surrava-o, sistematicamente, sem dó. - Tu nos pagarás, verme!...

O mosteiro voltava, assim, a agitar-se, enormemente, com os estri-dentes gritos do rapaz. Os padres que faziam a vigília noturna, a caminharem pelos pátios e pelos corredores, acorreram todos à porta da cela de *João Miguel* e batiam, insistentemente, incitando-o a calar-se; entretanto, de dentro, nenhuma resposta obtinham, a não ser a interminável sucessão de terrificantes gritos.

Horas depois e cansadas de sovar *João Miguel*, as duas mulheres tomavam fôlego. Com o fragmento de corrente que *Madalena* costumava arrastar pelo piso de pedras, haviam contido o rapaz, amarrando-o, firmemente, para que não escapasse, e se lançasse de volta ao corpo que ressonava, agitadíssimo, sobre o leito.

- Em pouco recomeçaremos... - observa a antiga *Baronesa da Ajuda*, sentando-se numa poltrona, a refazer-se do esforço dispensado. - Canso-me de esperar!... Desejo pôr termo nisso logo...

- Também eu, senhora!... - concorda a mocinha. - Todo o meu ser anseia por vingança, mas me sinto presa!... Desejo desvincular-me daqui!... Quero sair!...

- Sim - diz a outra -, é preciso acabar logo com isso!... - e, olhando para o rapaz que, vencido pela tunda, agora gemia baixinho, com a cabeça tombada sobre o pescoço, totalmente exangue, prossegue: - Tive uma idéia!... Aproveitemos que está moído de pau e amarrado firmemente, com a corrente, e vamos acabar de vez com ele!... - e, apanhando conhecido objeto que jazia a um canto: - Vem, ajuda-me a espetar-lhe o ferro à cabeça!... Vamos enlouquecê-lo de dor, já!...

João Miguel achava-se tão abatido, completamente derreado ao chão que não teve forças para sequer esboçar alguma reação. *Manuela*, a seguir, apanha o ferro pontiagudo de que se utilizara até então para martirizar o rapaz e, com a ajuda da amiga, introduz-lhe, impiedosamente, o instrumento finamente apontado à cabeça!... O rapaz

tentava livrar-se, mas, firmemente contido por *Madalena*, não teve escapatória: o ferro pontiagudo foi-lhe fincado à cabeça até sumir-se. A dor que *João Miguel* sentiu foi indizível: enlouquecido, emite estridulante grito de dor que ribombou, estilhaçando o profundo silêncio que dominava o mosteiro.

- Agora, podemos soltá-lo!... - brada, contente, *Manuela*. - Quero ver como se irá livrar de tal coisa a roer-lhe a cabeça, dia e noite, sem tréguas!...

- Sim!... Sim!... - concorda *Madalena*, extremamente feliz. - Doravante não haverá nada a aliviar-lhe as dores de cabeça!... Sentir-se-á enlouquecer por certo!...

- Restar-nos-á apenas sugerir-lhe o suicídio como única saída a, pretensamente, livrá-lo de tal tormento!...

- Mas se enganará, fragorosamente!... - exclama *Manuela*, a divertir-se, imensamente, ao presenciar os apuros que, depois de liberto da corrente, o rapaz sofria para, dificultosamente, arrastar-se em direção do corpo.

- Vai, demônio!... - grita *Madalena*. - Arrasta-te como uma cobra, de volta, mas, desta vez, para o teu martírio infindo!... Doravante não terás mais paz!... Acabas de perdê-la para sempre!...

Em pouco, o rapaz acordava-se em seu leito, premido por fortíssima dor de cabeça a latejar-lhe as fontes, como um ferro em brasa!...

- Ai, Deus do céu!... - geme ele, levando as mãos à cabeça. - De novo as dores!... - e, lembrando-se de alguns retalhos dos sonhos: - Os demônios atacaram-me!... Eles estão de volta!...

De manhã, o abade mandou chamá-lo.

- Voltastes a perturbar a paz do mosteiro, senhor barão!... - exclama o velho religioso, olhando-o, sério. - Advirto-vos, uma vez mais: aqui não é um manicômio!... Não damos asilos a perturbados mentais!... Vosso caminho deverá ser outro, não este!...

- Oh, Excelência!... - exclama *João Miguel*, lançando-se de joelhos diante do velho monge. - Por misericórdia, não me abandoneis, agora!... Voltaram-me as terríveis dores de cabeça!... Eu não as estou

suportando!... Parece-me ter um ferro em brasas a espicaçar-me o cérebro!...

- Então mais um motivo para vos achardes em lugar impróprio!... - responde, secamente, o abade. - Aqui não temos a pretensão de a ninguém curar!... Deveis procurar pelos médicos, senhor!...

- Já os procurei!... Já os procurei!... - rebate o rapaz, às lágrimas. - Mas sua medicina é-me ineficaz!...

- E nós, os religiosos, já vos dissemos, também, o que fazer!... - ajunta o abade. - Mas, ao que me consta, não vos achais, de fato, muito propenso a seguir o que vos sugere a Igreja!...

- Faço!... - aquiesce o rapaz, premido pelo desespero. - Faço tudo o que desejardes!... Mas, por Deus, deixai-me aqui ficar!... Suplico-vos, senhor!...

- Se assim o desejais, senhor barão!... - diz o abade. - Contudo, seria bom que fizésseis voto de pobreza absoluta!... Para tanto, doai tudo o que possuíis aos pobres e sereis salvo!... Ponde-vos à prática da caridade que o demônio não mais vos perseguirá!...

- Muito bem!... - brada *João Miguel*. - Muitíssimo bem, Excelência!... Ordenai que se preparem as escrituras!... Tudo o que possuo doarei, inteiramente, à Igreja!...

- E assim que deveis responder ao diabo, Excelência!... - diz o abade, emitindo pleno sorriso de satisfação. - Ainda hoje, prepararemos os papéis...

A um canto, *Madalena* e *Manuela* trocam-se significativo olhar e se sorriem cúmplices. Parte do seu plano consumava-se.

Dois dias depois, *João Miguel*, diante de um notário, fazia a cessão plena de todos os seus bens, assinando uma escritura em benefício da instituição religiosa onde se achava hospedado. Sua mão tremeu, enquanto escrevia o nome nos papéis. Tristeza imensa dominava-o: era como se de repente se esvaziasse, diminuísse de tamanho.

- Saúdo-vos a coragem e a abnegação!... Demonstrastes, assim, total desapego aos bens, meu caro!... Agora nem mais o título possuíis!... -

diz-lhe o abade, cumprimentando-o. - Doravante, sereis apenas mais um no meio de nós, é claro, se assim o desejardes!...

- Sim!... - diz o rapaz, extremamente pálido. Tivera de superar-se, com o intuito de arrebanhar forças para assinar aqueles documentos. -Pretendo aqui continuar!... Aqui é o meu lugar!...

- Veremos!... Veremos!... - diz o abade e, trocando significativo olhar com o secretário da instituição, ordena-lhe: - Acompanha nosso irmão até sua cela!...

Pouco depois, entretanto, *João Miguel* estranha o rumo diferente para onde o secretário o estava conduzindo.

- Mas não estamos a dirigir-nos ao andar superior!... - exclama o rapaz, estranhando que, ao invés de subir, estavam a descer.

- Doravante, como pretendente a irmão permanente da ordem, deveis ocupar uma cela comum, no térreo!... - responde o secretário.

- Mas, como?!... - espanta-se *João Miguel*. - Acabo de doar fabulosa fortuna ao mosteiro e já recebo a paga?... E as minhas roupas, a minha bagagem pessoal?... Tenho de retomá-la!...

- Nada mais possúis, meu senhor!... - responde, frio, o secretário. - Esqueceis, acaso, que tudo doastes à instituição?... E aí se inclui até mesmo a vossa bagagem pessoal!...

- Não é possível!... - exclama *João Miguel*, estarrecido. - Queres dizer que não terei privilégio algum, mesmo tendo doado tamanha fortuna ao mosteiro?...

- Infelizmente, nenhum, senhor!... - responde o secretário, impassível como uma pedra.

Em pouco, paravam diante de uma porta.

- Vossa nova cela, senhor! - diz o secretário, abrindo a porta. *João Manuel* deixa escapar um palavrão.

- Neste pardieiro desejas que eu viva doravante?!... - exclama o rapaz, indignando-se ao constatar a pobreza da cela. - Sou o *Barão João Miguel Ramalho e Alcântara* e desejo respeito para com a minha pessoa!...

- Sinto muito, senhor! - diz o secretário. - Mas são ordens de Sua Excelência, o abade!... Não podemos contestá-las!...

- Jamais me submeterei a isso!... É um ultraje à minha nobreza!... - bufa o rapaz, enfurecendo-se sobremaneira. E, arrogante como sempre fora, prossegue: - Ordeno-te, infeliz, que me conduzas à presença daquele espertalhão!... Tomou-me todo o meu ouro e, agora, lança-me à completa miséria, é?...

- Infelizmente, sua Excelência, o abade, não o receberá mais, senhor. - observa, fleumático, o secretário. - Já isso me ordenou ele, de antemão, e, se resistirdes, é para manter-vos sob cautela!...

- E que diabo é isso?... - grita o rapaz, enfezando-se mais ainda.

- Preso a chave, senhor!... - responde o outro, sem perder a costumbre tranqüilidade.

- Isso é o que veremos!... - grita *João Miguel*, pondo-se a correr pelo corredor. - Eu esganarei aquele traidor!... Ah, vou matá-lo com as minhas próprias mãos!...

Tomando de um apito, o secretário sopra-o, e uma porção de monges surge, pondo-se no encalço do rapaz. E, a seguir, estupenda correria instala-se pelos corredores da sempre silenciosa abadia. Pouco depois, o abade, alertado pelo vozeio que vinha do corredor, levanta-se da sua secretária, altamente contrariado, e se encaminha à porta do seu gabinete, no momento exato em que, ofegante pela corrida, *João Miguel* ali chegava.

- Que queres aqui?... - pergunta o abade, encarando-o, com o rosto frio como um bloco de gelo.

- Maldito!... - grita o rapaz e, quando ia lançar-se sobre o velho religioso, foi contido por uma porção de mãos que o agarraram por trás.

O abade olha para *João Miguel* com uma expressão horrível à fisionomia. Depois, com a voz cortante como uma navalha, ordena:

- Levem esse louco daqui e o lancem numa enxovia!...

O desespero toma conta, de vez, de *João Miguel*, ao se achar na cela escura, fria e úmida.

- Deus do céu!... Deus do céu!... - grita ele, esmurrando a cabeça que já lhe doía enormemente. - Que fiz eu da minha vida?...

De um canto, as duas sombras que, costumeiramente, acompanhavam-no, exultavam de contentamento.

- O monstro principia a expiar os crimes, senhora! - exclama *Madalena*, cheia de alegria.

- Sim!... - concorda a outra. - Mas isto é só o começo!... - Dar-lhe-emos mais, não é mesmo?

- Por certo que sim, senhora!.- responde a mocinha. - É preciso levá-lo à demência plena e então!...

- Então nós o mataremos, fria e impiedosamente, como nos fez a nós! - diz *Manuela*.

O rapaz encolhia-se todo a um canto, a gemer de dor; doía-lhe, intensamente, a cabeça, mas lhe doía, ainda mais, o desencanto!... Sentia-se traído, vilmente traído! E, num rompante de fúria extrema, rola pelo imundo chão lodoso da enxovia, emporcalhando-se todo de lama.

- Vede, senhora!... - exclama a antiga prostituta do cais do porto. - Quem diria!... O sempre bem vestido e perfumoso *Barão da Reboleira* como ora se apresenta!...

- Não se acha, agora, muito diferente de nós, não!... - exclama *Manuela* e se abre numa gargalhada: - Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... O maldito já experimenta, de antemão, o que o aguarda do lado de cá!...

João Miguel gritou, debateu-se, amaldiçoou-se até enrouquecer; suplicou, aos gritos, que o libertassem, mas ninguém apareceu. No fim da tarde, um velho monge cozinheiro trouxe-lhe uma gamela com uma sopa rala e uma moringa com água.

- Traze-me comida de verdade, velho idiota!... - grita o antigo *Barão da Reboleira*, ao observar a sopa rala que dançava no fundo do alguidar de madeira encardida. - E quero vinho, não água!...

- Ahn?... - espanta-se o velho cozinheiro. Parecera-lhe não ouvir direito o que exigia aquele prisioneiro cheio de lama até os olhos. - Desejais o que, senhor?...

- Comida, velho besta!... - grita o rapaz, estentóreo. - Ordeno-te, imbecil: traze-me comida boa e vinho!... Sou rico!... Paguei uma fortuna pela minha estada aqui!... E quero um banho e roupas limpas!... Anda!... Avia-te, idiota!...

O velho monge olha-o espantado. Aquele homem, por certo, não andava bem das idéias.

- Se não queres isso aí, os ratos, logo mais à noite, farão a festa!... - diz ele. Então, tripudiando, bate uma mão à outra e, depois, aponta um dedo, escarninho: - E vinho!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... - ri-se ele, enquanto se afastava, a claudicar, ostensivamente, por uma das pernas. E, a menear a cabeça, esconjura: - Onde já se viu?... Vinho aos prisioneiros!... Ha!... Ha!... Ha!... Ha!... Bem se vê que és um doido!...

- Volta aqui!... - grita *João Miguel*, vendo que o outro se ia, sem lhe dar trela. - Volta aqui, manquitó dos infernos!... Ordeno-te!...

O velho se vai e, num acesso de fúria, *João Miguel* aplica formidável pontapé à gamela de sopa que se espatifa toda contra a parede de pedras e esparrama todo o conteúdo pelo chão imundo. Atraídos pelo odor do alimento derramado, uma infinidade de horripilantes roedores passa a surgir das inúmeras frestas dos matacões úmidos e, botando os trementes focinhos fora, a cheirarem, insistentemente, o ar e, sem muito rodeio, aproximam-se e passam a lambar o líquido derramado, numa disputa acirrada, entre chiados e dentadas recíprocas.

- Ratos!... - grita, estarrecido, *João Miguel*, encolhendo-se, enojado, a um canto. - Fora!... Imundos!... Saiam daqui!...

- Oh, o mocinho tem agradáveis companhias!... - observa, irônica, *Manuela*.

- Sim - concorda a outra -, e presumo serem esses os únicos amigos que o desgraçado terá, doravante!...

- E os taizinhos virão roer-lhe os dedos, à noite, quando nada tiverem para comer!... - observa a antiga *Baronesa da Ajuda*. - Ah, *João Miguel*, tua desdita apenas principia!

Aquela foi uma noite de horrores para *João Miguel*. Não conseguiu dormir, a dor de cabeça intensa, o frio e a umidade judiaram enormemente dele, acostumado que sempre estivera aos finos tecidos e ao calor do fogo da lareira. Além do mais, os ratos incomodaram-no, a chiarem e a brigarem entre si, numa baralhada infernal pelo transcorrer da noite. O dia passou-o ele a lamentar-se e a maldizer-se pela enorme besteira que fizera da sua vida. No anoitecer, retoma o velho cozinheiro, a mancar pela perna. Nas mãos, trazia apenas um pedaço de pão preto.

- Ontem me chamaste de manco!... - reclama, ofendido, o velho. - Mas fica sabendo que serei eu a única pessoa que verás doravante!... Ninguém mais de ti quer saber!... - e a lançar-lhe um olhar cheio de mágoa, prossegue: - E se resolvo de ti também eu me esquecer?...

- Não trouxeste o que te pedi!... - resmunga *João Miguel*, apanhando, afoito, o pão das mãos do velho e se metendo a roê-lo, voraz.

- Ora!... Ora!... - diz o velho, abrindo um meio sorriso desdentado. - Quem é que pensas que és a ditar-me ordens?... O *Duque de Bragança*, acaso?...

- Quase mais rico que este!... - diz *João Miguel*. - Contudo, aquele velho maldito enganou-me!... Roubou-me tudo e, não satisfeito, lançou-me cá, a viver no meio dos ratos!...

- E quem é esse que te fez tamanha maldade?... - pergunta, curioso, o velho.

- Teu chefe, o abade!... - exclama, raivoso, *João Miguel*.

- Vê-se logo que és um demente!... - diz o monge cozinheiro, fechando a cara. E prossegue, altamente indignado: - Ora, tu estás é a inventar coisas, homem!... Onde já se viu dizeres tal sacrilégio?... Logo daquele santo homem?... Olha lá que conto tudo ao nosso piedosíssimo abade, hein?...

- Pois, anda, corre e lhe diz tudo: é um ladrão deslavado, sim!... - brada, alterado, o rapaz. - Roubou-me tudo o que eu tinha e depois mandou que me encarcerassem aqui!...

- Oh, bate na boca!... Bate na boca, doido, antes de dizeres tais sandices daquele anjo de Deus!... Onde já se viu inventar tamanha calúnia?... - resmunga o velho, afastando-se, furibundo, a arrastar a perna manca. - Vejam só!... Ladrão, aquele santo homem!... Tens é inveja dele!... Sorte a tua que tenho pena de ti e que não sou mexeriqueiro!... Senão estavas é em maus lençóis!... Entretanto, como castigo por inventares calúnias do nosso santo abade, deixar-te-ei sem comer por três dias!...

- Ladrão!... Ele é um ladrão!... - grita *João Miguel*, enquanto o velho desaparecia, corredor a fora, a rezingar e a menear a cabeça, esconjurando.

Não obtendo mais resposta, o rapaz acocora-se ao chão e se põe a roer o pedaço de pão grosseiro. Jamais houvera, em toda a sua vida, experimentado alimento tão difícil de mastigar. Tinha de empregar bastante força aos maxilares para amolecer e ensalivar o alimento e quase desanimava. Entretanto, a fome era maior...

- Precisamos dar cabo deste infeliz logo!... - observa *Manuela*. - Ando a cansar-me desta enxovia imunda!...

- Também eu, senhora!... - concorda a outra. - Também eu anseio por sair daqui!

- Esta noite vamos desesperá-lo ao extremo e lhe sugerir o suicídio!... Acabará por entender que a morte ser-lhe-á, pretensamente, mais suportável que isto!

Quando anoitece, *João Miguel*, premido pelo esgotamento em que vivia, logo adormeceu.

- Ah, aí vens, covarde!... - grita *Manuela*, recebendo o rapaz que ligeiro, tomava a sua aparência perispiritual. - Estás contente, agora?

- Oh, deixa-me, demônio!... Deixa-me, maldita!... - exclama o rapaz, tomando-se de desespero. - Agora penso que realmente existis!..

Não sei, exatamente, como isso acontece, mas ora creio que tu e *Madalena*, continuais a existir, de fato!... E que sois as responsáveis por minha desdita!...

- Sim!... - exclama *Madalena*, aproximando-se. - Fomos nós a induzir-te a tudo, sim!...

- Ah, bem que eu desconfiava!... - brada o rapaz, tentando agredir *Madalena*. - Marafona!... Rameira dos infernos!... Mato-te outra vez!..

- Alto lá!... - grita *Manuela*. - Também eu tenho grande mérito nisso tudo!... Não sabes o quanto labutei para ver-te na lama viva!...

- Que quereis mais de mim, demônios? - grita o rapaz, desesperado, - Já não estais satisfeitas?

- Não, ainda não!... - brada *Madalena*. - Entretanto, hoje aqui estamos para aconselhar-te!... Nada mais resta para ti no mundo!.. Desiste da vida!...

- Sim!... - emenda *Manuela*. E prossegue, tentando engambelá-lo com falsos discursos, a espicaçar-lhe o orgulho, na tentativa de fazê-lo cometer mais um terrível crime: - Melhor será se te decidires pela saída honrosa!... Roubaram-te os espertalhões?... Dá-lhes a resposta à altura!... Suicida-te!... Quão desonroso não representará isso ao orgulho dos padres o fato de todo o mundo ficar a saber que tu, o garboso *Barão da Reboleira*, optou por matar-se, após professar e doar a sua fabulosa fortuna à instituição?... Falatórios, meu caro!... Falatórios e mais falatórios e ninguém gosta de tais falatórios, muito menos os beatíficos senhores padres deste venerável mosteiro!...

- Sim!... - emenda *Madalena*, no afã de induzi-lo à abominável prática: - Acaso não és um homem?... Estás com medo?... Dá-lhes o troco à altura!... Mostra-lhes que não és covarde!...

O rapaz refreia-se, diante dos argumentos dos dois espíritos. Sim, estava acabado!... Tudo se acabara para ele!... Desalentado, deixa-se cair de joelhos sobre o imundo chão de pedras.

- Que fiz eu da minha vida?... - geme, tomado de alto desespero. - Deus do céu!... - grita ele. - Até onde pode descer um homem?...

- Até o inferno, meu caro!... - diz *Manuela*, fria e impiedosamente.

- Para ti é uma blasfêmia invocares o nome de Deus!... Vamos, olha, atentamente, para nós!... Vê a que criaturas monstruosas a tua cobiça e a tua insensibilidade nos reduziram!...

João Miguel olha, demoradamente, para o espectro de *Manuela* e se sente enojado com o aspecto horripilante que a antiga *Baronesa da Ajuda* ora apresentava.

- Horrorizas-te?... - prossegue *Manuela*. - Pois te digo que não te apresentas diferentemente de nós!... Se não crês, olha para ti mesmo, observa as tuas mãos!...

O rapaz estende as mãos e as observa atentamente. Terror intenso invade-o, ao examinar as próprias mãos, com extremado cuidado.

- Espantas-te?... - exclama *Manuela*, com um sorriso de desdém.

- Não são mãos, são garras!... Ah, se pudesses ver a quantas andam as tuas fuças!... Estarreces-te?... Pois essa é a tua verdadeira essência, meu caro!...

João Miguel põe-se a tremer, desesperado. Seus olhos passeiam, então, rapidamente, das próprias mãos, para *Manuela* e, depois, para *Madalena* que se postava ao lado, a tudo observando, minudentemente.

- Oh, não!... Não!... - grita o rapaz, a seguir, tomando-se de alto desespero.

E, num salto, antes que as mulheres o pudessem conter, lança-se ao corpo que, adormecido sobre o imundo grabato, enovelara-se para resguardar-se do frio da noite. Em instantes, acorda-se e sente o corpo enregelado. Emite fundos gemidos e estende os membros entorpecidos pela frialdade intensa. Levanta o pescoço e se apóia aos cotovelos. Seus olhos perscrutam em derredor: escuridão e frio, apenas, e a cabeça a latejar-lhe, contínua e enormemente. Com extrema dificuldade, senta-se à beira do catre e passa as mãos pelo rosto; depois, pelos cabelos revoltos, pela barba hirsuta e descuidada. Como estaria a sua aparência?... A seguir, um pensamento surge-lhe, insidioso, teimoso, e ele reluta, tenta afastá-lo. Depois, a idéia volta a atormentá-lo, e ele a afasta, cheio de

medo. Por horas, ficou a brigar com aquela idéia. Porém, quando a luz do dia principiava a coar-se pela alta e única abertura gradeada que a úmida cela possuía, à guisa de ventilação e de iluminação, *João Miguel* levanta-se do catre. Primeiro, titubeante; depois, decidido, despe-se da sua encardida camisa de cambraia branca e lhe experimenta a resistência, esticando-a, insistentemente, algumas vezes. Satisfeito, olha para a grade lá no alto. Com relativa dificuldade, põe-se a escalar a parede, apoiando firme a ponta dos dedos nas fundas frestas dos encaixes das imensas pedras e, em pouco, alcança a grade da janela; passa, então, o punho de uma das mangas por uma das barras de ferro e, firmemente, prende nela o tecido...

* * * * *

- Deus do céu!... - exclama, estarrecido, o velho monge cozinheiro, aproximando-se da grade e, conforme antes ameaçara, voltava a aparecer, somente três dias depois, ao anoitecer. E, levando a mão ao rosto, preme, fortemente, as narinas, enquanto sonda com os olhos a penumbra reinante no interior da cela. - Que carniça é essa?... - murmura e, depois, devagar, a tremer-se todo, depõe a sórdida gamela de sopa rala ao chão e se persigna, seguidas vezes, com os olhos desmedidamente abertos. -E não é que o doido matou-se?...

João Miguel, com dificuldade, houvera prendido uma das mangas da sua resistente camisa de cambraia a uma das grossas barras de ferro da grade da janela da cela. Aquela abertura gradeada ficava a quase três metros do chão, lá em cima. Fora-lhe um pouco custoso amarrar uma das pontas da sua camisa, escalando as ranhuras dos encaixes dos matacões da rústica parede de pedras da cela e, feito o nó, prendera a outra ponta da manga da camisa à própria garganta e, num ato de insano desespero, lançara-se ao vazio!... Um ligeiríssimo baque, mas suficiente para quebrar-lhe, instantaneamente, os ossos do pescoço. Dor lancinante invadira-lhe a garganta, e a cabeça como

se lhe explodira em mil pedaços!... Balançara-se, téticamente, no ar, roçando-se às pedras limosas da parede, como um pêndulo. Deus do céu, que agonia!... O desespero que o invadira, a seguir, fora indescritível!... Parecera-lhe como se, de repente, mergulhasse num poço de fogo líquido!... Sentira como se todas as fibras de seu ser de repente se incendiassem!... Tentara gritar, premido pelo desespero intenso, mas a garganta parecera-lhe completamente entupida por grosso pavio, impedindo-o sequer de engolir a saliva que lhe reclamava a intensa secura da glote. Depois, sentira-se pesado, extremamente pesado e a, literalmente, escorrer do seu corpo que, então, jazia pateticamente dependurado pela garganta à grade da janela da cela. Apavorado, quis segurar-se ao corpo, mas se sentiu pegajoso, fluido, a escorrer parede abaixo, como lama!... E fedia!... Deus do céu!... O cheiro de carne podre tomava-lhe as narinas, e ele se enojava, a sentir náuseas profundas.

Enquanto o rapaz lutava contra a nova e terrível situação em que se achava, *Madalena* e *Manuela*, que a tudo houveram assistido, seguiam, cheias de intensa curiosidade, o tormento de *João Miguel*.

-Aí tens, miserável!... - brada *Manuela*, extremamente contente. - Agora sentes no pêlo o que nós sentimos!...

- Toma, bandido!... - grita *Madalena*. - Passas pelo que passamos, quando, impiamente, tu nos feriste de morte!... Recebe, agora, o teu pagamento, demônio!...

- Por mi... se... ri... cór... dia!... - geme o rapaz, tartamudeando, com extrema dificuldade. - So... cor... rei-... me!...

- Socorrer-te?!... - exclama *Madalena*, cheia de desdém. - Acaso vieste socorrer-nos, quando nós nos encontrávamos perdidas aqui?... Não, desgraçado!... Tens o que mereces!...

- Sim! - emenda *Manuela*. - Estamos vingadas!... Agora, por tua vez, recibes o que nos propiciaste, sem misericórdia!...

Devagar, *João Miguel* sentia-se escorrer pela parede e, depois de longo e agonioso tempo, sentiu que seus pés tocavam o piso de

pedras; entretanto, estarrecido, constatou que o chão não passava de asqueroso pântano a engoli-lo qual banco de areia movediça!

- Socorro!... - grita ele, tomando-se de pavor intenso. - Tirai-me daqui, por piedade!... Estou a afundar!...

- Vai, traste!... - grita *Manuela*, exultante. - Vai, afunda-te na lama que tu mesmo engendraste!...

- Vede, senhora!... - exclama *Madalena*, ao perceber que o rapaz, literalmente, desaparecia, tragado pelo fétido enxurdeiro. - Nós o estamos perdendo!... Ele escapa de nós!...

- Sim, ele se vai!... - diz *Manuela*, impassível. E olhando, inexpressivamente, para a outra, prossegue: - Da minha parte, dou-me por satisfeita!... Ele que apodreça, metido naquela imundície!...

- E, para onde ides, agora, senhora?... - pergunta a mocinha, enchendo-se de tristeza.

- Por aí... - responde *Manuela*, melancólica. - Vagarei por aí, a procurar compreender o que é e como se constitui este mundo doudo em que ora nos encontramos e do qual ainda nada entendo!... - e, abrindo um sorriso triste, prossegue: - Ou, talvez, volte para a minha antiga residência!... Ainda não o sei efetivamente. - e, percebendo que a outra se entristecia, grandemente, pergunta: - E tu?... O que farás doravante?

- Não sei ainda... - diz a mocinha, de olhos baixos. - De fato, ainda não sei, senhora...

Manuela aproxima-se e a beija ternamente à testa.

- Fica em paz, queridinha!... - diz a antiga *Baronesa da Ajuda*. Depois se afasta, resoluta, dali.

Madalena permanece, ainda, por algum tempo, sozinha, no meio daquela sórdida cela dos subterrâneos da abadia. De repente, lembra-se de *Gerusa* e sorri. Por onde andaria *Gerusa*!... Adveio-lhe, então, uma vontade intensa de rever a antiga companheira e, a seguir, sem entender o que realmente ocorria, sentiu-se atraída por estranha força a metê-la em forte turbilhão. Em pouquíssimos instantes, viu-se transportar para outro ambiente. Estranhamente,

achou-se diante de um palacete recém-construído, de arquitetura moderna. De lá de dentro, vinha o som de alegre música e de muitas vozes, acompanhadas de risadas. Curioso, o espírito sente-se atrair pela graça da casa e, decidido, galga a imponente escadaria de mármore rutilante e adentra o vestibulo ricamente decorado, a apresentar mobília luxuosa, tapeçaria fina e uma profusão de obras de arte a enfeitarem as paredes. Ainda cheia de curiosidade, *Madalena* percebe longo corredor a sair do vestibulo e, de cujo final, notava-se virem a leve música, as vozes e as risadas. Resoluta, percorre o corredor e dá num amplo salão, pejado de esfuziante alacridade, onde lindas mulheres, luxuosamente vestidas, e garbosos gentis-homens conversavam, animadamente, sentados ao lado de pequenas mesas e a bebericarem vinho em ricas taças de cristal. *Madalena* pára e olha em derredor. Que lugar seria aquele?... Curiosa, passa a observar, atentamente, as pessoas. De repente, seus olhos iluminam-se.

- *Gerusa!*... - grita ela, tomando-se de intensa alegria.

E, plena de alegria, corre em direção da mesa, onde a antiga companheira sentava-se ao lado de outra bela e jovem mulher e de mais dois distintos cavalheiros. Cheia de saudades, *Madalena* pára a dois passos de onde se achava a antiga companheira e a observa atentamente: *Gerusa* estava esplendente, num lindo vestido de rendas brancas, todo bordado de pedrarias!... Os cabelos, primorosamente penteados, achavam-se presos a precioso pente cravejado de pedras brilhantes. O colo, as orelhas e os braços ornavam-se de jóias caríssimas. *Gerusa*, nem de longe, lembrava a mocinha descorada e mal vestida do cais do porto.

- Há tempos, Lisboa carecia de uma casa tão requintada como a tua, caríssima *Gerusa!*.... - exclama, enfático, um dos cavalheiros.

- Oh, senhor *Visconde da Taborda!*.... - observa *Gerusa*, lisonjeada. - Bondade a vossa!... Há tantas casas de tolerância em Lisboa!... A minha é apenas mais uma delas!...

- Que humildade a tua!... - diz o outro cavalheiro. - És mais modesta do que aparentas, doce *Gerusita!*.... Há, de fato, muitas casas de boas meninas, em Lisboa, mas como a tua, não existe nenhuma outra!... A propósito, não és lisboeta, pois não?... De onde provéns?

- De onde venho?... - responde *Gerusa*, abrindo um sorriso triste. - De onde venho, senhor *Marquês d'Aleires?*...

De repente, como por encanto, lembrava-se de *Madalena*, a antiga companheira de misérias do cais do porto. "*De onde venho?*...", pensa *Gerusa*. "*Venho da miséria de um mundo cruel, cheio de hipocrisias e de mentiras!*...", teve vontade de responder ao homem. Mas se cala, com os olhos presos no vazio. E, vertiginosamente, como um raio, a sua vida perpassa-lhe à cabeça. Da infância e da adolescência miseráveis até a redescoberta dos pais de *Anjinho*. *Anjinho!*.... A promessa de casamento que ele não cumprira, a rejeição do pai dele, diante de uma prostituta!... Mas, não desistira: trocara a malfadada promessa de casamento pela fabulosa quantia que o pai de *Anjinho* colocara-lhe às mãos, para que ela desaparecesse, de vez, da vida do filho!... "*Vai-te, some-te da vida do meu filho!*...", chamara-a, às escondidas, o velho *Barão da Reboleira*, e lhe dissera, sem nenhum rodeio, a sacudir-lhe uma sacola recheada de ouro às fuças. "*Sei muito bem quem és, menina!*... *Dou-te esta fortuna em troca de que abandones o meu filho para sempre!*...". E ela fizera a troca!... Sabia que *Anjinho* não a amava!... E saíra ganhando!... Trocara a miséria das ruas do cais do porto pela possibilidade de se estabelecer na vida!... Não era uma prostituta?... Um lupanar de luxo era o que precisava!... O dinheiro do velho *Barão da Reboleira* servira-lhe muito!... Agora era rica!... E sua fama crescia, nas rodas dos elegantes cavalheiros de Lisboa. "*Conheceis a casa de Gerusa?*... *Não?*!... *Pois não sabeis o que andais a perder!*...". Depois, a imagem de *Anjinho* vem-lhe à cabeça. Entristece-se. Sabia que ele morrera enforcado, acusado de ter matado *Manuela*. "*Mas sei que não eras capaz de fazer tal barbaridade!*...", pensa *Gerusa*. "*Qualquer um outro, mas não tu!*...". Depois, a lembrança de *Madalena* advém-lhe mais

forte. "E não sabes como de ti tenho saudades!...", e uma lágrima desce-lhe dos olhos. "Queria tanto que aqui estivesses comigo!..."

O espírito de *Madalena* aproxima-se da antiga companheira e a abraça ternamente. Seus olhos enchem-se de lágrimas.

- Também eu, querida!... - murmura a antiga prostituta assassinada.

- Também eu!... - e beija a amiga, tema e longamente, à testa.

Depois, muito triste, e sem se voltar uma única vez, deixa o salão e ganha a porta. "Gerusa está feliz!...", pensa *Madalena*. "Ao menos ela conseguiu ser feliz!..."

Lá fora, a noite avançava escura e sem luar. No alto, apenas minúsculas estrelas pisca-piscavam, nas incensuráveis lonjuras do céu. Uma sombra, então, caminha, devagar, e, carregando consigo a maior tristeza do mundo, funde-se na outra sombra, e se perde, de vez, na infinita escuridão da noite...

Epílogo

A velha religiosa caminhava devagar, de braços dados com a jovial noviça, por entre as aléias floridas do jardim interno do vetusto mosteiro das freiras Carmelitas Descalças. Era o meio da primavera, e as roseiras explodiam em buquês olentes e coloridos.

- Oh, amo tanto as rosas, irmã *Gabriela**.... - exclama a velha freira, tocando de leve, com a ponta dos dedos, uma gigantesca rosa branca que pendia do ramo. Depois, aproxima o rosto e aspira, longamente, o inebriante perfume que a flor exalava. A seguir, armando-se de espetacular jovialidade, literalmente arrasta a noviça pela mão. - Vem, fujamos do sol!... Sentemo-nos sob o arvoredol!...

- Sabeis, madre *Teresinha* - diz a mocinha, acomodando-se no banco ao lado da superiora do convento, sob frondosa árvore -, que me

admiro, imensamente, de como sois uma pessoa sempre alegre, apesar de saber que aqui sempre vivestes, desde que éreis muito jovem?...

- Sim, querida! - responde a superiora das Carmelitas. E, com os olhos sempre faiscantes de alegria, prossegue: - Realmente, quando aqui vim parar, contava pouco mais de quinze anos de idade!...

- Mas éreis tão jovem ainda!... - observa a noviça. - Creio que muito pouco deveis lembrar-vos do mundo lá fora, posto que sempre vivestes sob absoluta clausura aqui!...

- Realmente, querida!... - diz a velha religiosa. - Faz, já, quarenta anos que aqui estou e jamais deixei o convento uma única vez sequer!...

- Então nada sabeis sobre a quantas anda o mundo agora!... - espanta-se a noviça.

- Sequer faço idéia!... - diz a velha religiosa, rindo-se. E, fazendo-se mais séria, prossegue: - Entretanto, que falta faz-me o mundo?... Posso garantir-te, cara *Gabriela*, que nenhuma falta faz-me o mundo ou qualquer das coisas que nele há!...

- Desenganastes-vos do mundo, senhora?... - pergunta a mocinha. - Ou vos era muito miserável a vida?... Acaso éreis muito pobre e nada tínheis?... Ou passáveis, então, necessidades?...

- Oh, pelo contrário, meu bem!... - ri-se a superiora das Carmelitas Descalças. - Pelo contrário!... Era fidalga!... Eu tinha tudo o que desejava!... Era bela, rica, tinha uma família que muito me amava e morava num palacete!... Entretanto, estava a morrer...

- Morríeis de quê, senhora?... - espanta-se a mocinha. - Acaso vos acháveis muito doente?...

- Morria de amor, querida!... - diz a madre superiora, abrindo um sorriso melancólico. - O amor matava-me...

- Não entendo, senhora!... - diz a noviça, confusa. - Sempre pensei que o amor trouxesse a vida, não a morte!...

- Também eu, meu bem!... Também eu achava que o amor era a salvação para todas as coisas!... Mas assim não é, realmente.

Quando efetivamente ocorre, a química do amor verdadeiro funde-nos, amalgamamos à pessoa amada e nos transmuda num único ser, possuidor de um só coração, de uma só alma!... Então, um dos amantes não poderá mais viver sem o outro; apartados, não existirá mais vida, de fato!... Se tu já tivesses amado, verdadeiramente, saberias do que estou a falar!... E, se um dos dois morre, morrerá também o outro!... Fatalmente sucumbirá de infinita e de inconsolável dor!... O verdadeiro amor é assim e, para eventuais separações, não haverá remédio!... - e duas lágrimas descem-lhe dos profundos olhos cor de mel.

- Morreu-vos, então, o vosso amor, senhora?... - pergunta a mocinha, entristecendo-se.

- Sim, meu bem... - diz a superiora, com as palavras molhadas pelo pranto. - E eu morri com ele...

Um silêncio de respeito e de dor estabelece-se entre as duas mulheres.

- Sabes, minha menina - diz a velha superiora das Carmelitas, enxugando os olhos com a ponta dos dedos e, superando a enorme emoção que a dominava, quebra o silêncio, depois de algum tempo - , disse-te que o meu amor morreu, mas na verdade, não é assim... Corrijo-me: o meu amor não morreu, e não morrerá nunca!... Tenho-o vivo, dentro do meu peito!... Alimento-o todos os momentos, incansavelmente, há quarenta anos!... E te garanto que não o deixarei morrer, jamais!... E, se Deus permitiu que meu amado se fosse antes de mim, certamente, deu-lhe o tempo necessário para construir o nosso lar, além deste mundo...

- Oh, com tanto tempo à disposição, deverá estar a construir um imponente palácio! - exclama, divertida, a mocinha.

- Tens razão!... - diz a superiora, rindo-se. - Para acomodar tanto amor assim, terá de ser um palácio imenso, do tamanho do mundo!...

E, ambas abraçando-se, riem-se, efusivamente. Incansável, o vento primaveril brincava com as folhas das árvores e espalhava para todos os cantos os deleitantes odores das flores do jardim...



Visite nossos blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loureiromania.blogspot.com/>